

UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE CIÊNCIAS HUMANAS E FILOSOFIA – FAFICH
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA.

Keilah Freitas Gerber

TESTEMUNHOS DA ZONA CINZENTA:
os *Sonderkommandos* entre a responsabilidade ética e a escolha forçada

Belo Horizonte

2024

Keilah Freitas Gerber

TESTEMUNHOS DA ZONA CINZENTA:
os *Sonderkommandos* entre a responsabilidade ética e a escolha forçada

Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia da Universidade Federal de Minas Gerais, como requisito parcial para obtenção do título de Doutor em Psicologia

Área de concentração: Estudos Psicanalíticos

Linha de pesquisa: Conceitos fundamentais em Psicanálise, investigação campo clínico e cultural

Orientador: Antônio Teixeira

Belo Horizonte

2024

150	Gerber, Keilah Freitas.
G362t	Testemunhos da zona cinzenta [manuscrito] : os
2024	Sonderkommandos entre a responsabilidade ética e a escolha forçada / Keilah Freitas Gerber. - 2024.
	376 f.
	Orientador: Antônio Márcio Ribeiro Teixeira.
	Tese (doutorado) - Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas.
	Inclui bibliografia.
	1. Psicologia – Teses. 2. Ética – Teses. 3. Psicanálise - Teses I. Teixeira, Antônio Márcio Ribeiro. II. Universidade Federal de Minas Gerais. Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas. III. Título.



UNIVERSIDADE FEDERAL DE MINAS GERAIS
FACULDADE DE FILOSOFIA E CIÊNCIAS HUMANAS
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA

ATA DE DEFESA DE TESE DE KEILAH FREITAS GERBER

Realizou-se, no dia 01 de março de 2024, às 15:00 horas, On-line: Zoom ID 878 3462 1253 Senha 505140, da Universidade Federal de Minas Gerais, a defesa de tese, intitulada *TESTEMUNHOS DA ZONA CINZENTA: os Sonderkommandos entre a responsabilidade ética e a escolha forçada*, apresentada por KEILAH FREITAS GERBER, número de registro 2019662625, graduada no curso de PSICOLOGIA, como requisito parcial para a obtenção do grau de Doutor em PSICOLOGIA, à seguinte Comissão Examinadora: Prof(a). Antônio Márcio Ribeiro Teixeira - Orientador (UFMG), Prof(a). Gilson de Paulo Moreira Iannini (UFMG), Prof(a). Betty Bernardo Fuks (universidade vega de almeida), Prof(a). Jurandir Sebastião Freire Costa (UERJ), Prof(a). Marcio Orlando Seligmann Silva (UNICAMP).

A Comissão considerou a tese:

(x) Aprovada

() Reprovada

Finalizados os trabalhos, lavrei a presente ata que, lida e aprovada, vai assinada por mim e pelos membros da Comissão.



Documento assinado eletronicamente por **Antonio Marcio Ribeiro Teixeira, Professor do Magistério Superior**, em 02/03/2024, às 19:21, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Gilson de Paulo Moreira Iannini, Professor do Magistério Superior**, em 03/03/2024, às 22:36, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Marcio Orlando Seligmann Silva, Usuário Externo**, em 17/06/2024, às 10:17, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Betty Bernardo Fuks, Usuária Externa**, em 18/06/2024, às 12:09, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).



Documento assinado eletronicamente por **Jurandir Sebastiao Freire Costa, Usuário Externo**, em 22/07/2024, às 10:44, conforme horário oficial de Brasília, com fundamento no art. 5º do [Decreto nº 10.543, de 13 de novembro de 2020](#).

A autenticidade deste documento pode ser conferida no site

AGRADECIMENTO

Durante esses anos de doutoramento estive particularmente em meio à morte, mas a vida sempre encontrou o seu caminho por meio de muitos que me lembraram que uma tese não se produz somente por meio de conteúdos teóricos; ela também é tecida por encontros e laços, por isso agradeço

Ao Cleyton, companheiro de vida, por me mostrar que as distâncias são relativas e que a diferença entre o possível e o impossível pode estar im... *in*... dentro...

À minha mãe, Eucirlene, que em um momento decisivo me ensinou que não há uma medida universal capaz de calcular os feitos humanos, e ao meu pai, Sidney, que me legou o amor pelos livros e pelas perguntas.

Ao Antônio Teixeira por acolher essa pesquisa acinzentada e pela paciente e generosa orientação, bem como pelas boas perguntas lançadas ao longo do percurso.

Ao Gilson Iannini pela acolhida dada aos sonhos concentracionários e pós concentracionários durante a fase mais crítica da pandemia e pelas contribuições na banca de qualificação.

À Betty Fuks por sua leitura atenta e pelos apurados comentários que contribuíram para a construção deste trabalho.

Ao Márcio Seligmann-Silva pela gentileza de aceitar ler e discutir este trabalho; os seus textos têm me acompanhado desde que me interessei pela literatura do trauma.

Ao Jurandir Freire Costa pela disponibilidade e generoso interesse pela leitura desta tese um tanto lacaniana.

À Julianne, à Isa e ao David por tornarem esses anos mais divertidos e interessantes. As trocas acadêmicas e de vida decantaram um P, porta de saída...

À Marina Mortoza pelo entusiasmo com que acolheu o esforço de tradução e pela parceria em todos os trabalhos que vieram na esteira. Esse encontro não poderia ter sido mais feliz.

À Cláudia Moreira pela presença sempre afetuosa, pelo suporte durante a pandemia e depois, pelo incentivo e pela leitura atenciosa.

À Karen e à Joyce por mostrarem que há na determinação social brechas por onde podemos passar. Tenho muito orgulho do percurso de vocês.

Aos amigos e familiares, principalmente à Karla, à Rochelli, ao Enéas, à Cris, à Ana Eliza e à Gabriela pelo carinho compreensivo e pela torcida.

À Márcia Rosa pela escuta, pelas palavras e pelo silêncio.

Ao Loki e à Gaia, fontes inesgotáveis de ocitocina.

“And what would you have done?”

*Did you make sure to scrape the ashes of friends and relatives
from the furnace?
And did you haul the cart in the snow
To the heap of ashes of those cremated before them?
Were the words “You’ll certainly live as long as the furnaces
send smoke aloft, because you’re needed”, directed at you?
And when you were covered with those ashes, did your mouths
report what had happened in the language of the barracks?
That extra soup, is it the price of the labor of your spade
And the double ration – the price of the sweat that you gave forth?
And was it to you that words “Only some time later, at an unknown time,
After the coal, the miner of the coal also comes” were directed?
Not you, not me! We were not put to that ordeal!
You may scrape furnaces every night
And push the cart to its side in your dreams.
But to have the slightest inkling of what happened in that
man’s heart, you cannot.
Rather, from time to time you may turn your eyes heavenward,
as if reflecting,
“And what would you have done?”*

Günter Anders [Stern]
(Greif, 2005, pp. 1-2).

RESUMO

Esta pesquisa parte dos testemunhos de prisioneiros judeus forçados a trabalhar no *Sonderkommando* de Auschwitz-Birkenau, a fim de analisar a dimensão ética diante de uma experiência de escolha forçada. Esses prisioneiros eram responsáveis pela operação tanto das câmaras de gás como dos fornos crematórios e estavam inseridos na lógica concentracionária da zona cinzenta, em que o juízo entre o bem e o mau estava diretamente ligado à própria sobrevivência. Entre aceitar o trabalho exigido pelos nazistas ou a morte sumária, esses homens do *Sonderkommando* escolheram a opção mais óbvia: preservar a vida. Trata-se de uma falsa escolha, ou de uma escolha forçada em que os judeus foram sendo direcionados desde a ascensão do nazismo. Os testemunhos dos homens do *Sonderkommando* foram analisados à luz da afirmação lacaniana de que por nossa posição de sujeitos somos sempre responsáveis, em que a responsabilidade não comportaria exceção, pois o sempre marca o registro constante na totalidade do tempo em todos os casos. A partir dessa referência teórica questiona-se: se alguém não é completamente livre para determinar as ações por si executadas, ou seja, se alguém age diante de uma escolha forçada, que testemunho pode dar de sua posição de sujeito? Interessa e são apresentadas as respostas possíveis ou o saber-fazer construído por cada um desses homens àquilo que lhes foi imposto.

Palavras-chave: Responsabilidade ética, escolha forçada, testemunho, *Sonderkommando*, zona cinzenta.

ABSTRACT

This research is based on the testimonies of Jewish prisoners forced to work in the *Sonderkommando* of Auschwitz-Birkenau to analyze the ethical dimension in the face of an experience of forced choice. These prisoners were responsible for operating both the gas chambers and the crematorium ovens. They were inserted into the gray's zone concentrationary logic, in which the judgment between good and evil was directly linked to their own survival. Between accepting the work given by the Nazis or summary death, these *Sonderkommando* men chose the most obvious option: preserving their own lives. This is a false choice, or a forced choice, in which the Jews were being pushed after the rise of Nazism. The testimonies *Sonderkommando* members were analyzed in light of the Lacanian statement in which he affirms that we are always responsible for our position as subjects, in which responsibility would not allow for exceptions, since the 'always' marks the constant register in the totality of time in all cases. Based on this theoretical reference, the question arises: if someone is not completely free to determine the actions they perform, that is, if someone acts in the face of a forced choice, what testimony can they give about their position as a subject? The possible answers or know-how established by each of these men to what was imposed on them are presented.

Keywords: Ethical responsibility, forced choice, testimony, *Sonderkommando*, gray zone.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

IMAGEM 1 - Tela: Food of the dead for the living, de David Olère.....	341
IMAGEM 2 - Tela: On the way to the hearing and translating of BBC News, de David Olère	344
IMAGEM 3 - Tela: Freedom begins at the top of the chimney, de David Olère	345
IMAGEM 4 - Tela: Death SS, de David Olère	345
IMAGEM 5 - Tela: Priest and Rabbi, de David Olère	346
IMAGEM 6 - Tela: SS supervising a gassing, de David Olère	346
IMAGEM 7 - Desenho: Crematorium III in action, de David Olère	347
IMAGEM 8 - Tela: Untitled, de David Olère	347
IMAGEM 9 - Desenho: In the undressing room of Crematorium III, de David Olère	348
IMAGEM 10 - Desenho: David Olère collecting food abandoned by the victims in undressing room of Crematorium III, so that he can throw it to the prisoners of the women's camp, de David Olère	348
IMAGEM 11 - Desenho: Execution, de David Olère	349

LISTA DE TABELAS

TABELA 1 - Resumo das informações sobre os homens do *Sonderkommando* que deixaram os seus testemunhos enterrados entre os fornos crematórios de Birkenau 223

TABELA 2 - Resumo das informações sobre os sobreviventes do *Sonderkommando* de Auschwitz-Birkenau que tiveram os testemunhos abordados no presente trabalho..... 350

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	11
1. PASSADO PRESENTE	23
1.1 A racionalidade nazista e a sua linguagem.....	24
1.2 Auschwitz, <i>hier ist kein warum</i>	66
1.3 Trauma, memória, silêncio e palavra.....	86
1.4 Testemunho e transmissão.....	99
2. A ZONA CINZENTA	120
2.1 Os matizes gris e a (im)possibilidade de julgar	123
2.2 <i>Sonderkommando</i> , a figura-extrema.....	141
2.3 Escolha forçada e responsabilidade ética	164
3. OS PERGAMINHOS DE AUSCHWITZ	191
3.1 Zalman Gradowski	196
3.2 Leyb Langfus	203
3.3 Zalman Lewental	208
3.4 ~~Chaim Herman~~ Hersz Strasfogel	215
3.5 Marcel Nadjary	218
4. DEPOIS DE AUSCHWITZ	224
4.1 Marcel Nadjary	226
4.2 Henryk Mandelbaum	236
4.3 Filip Müller.....	246
4.4 Leon Cohen.....	261
4.5 Daniel Bennahmias.....	272
4.6 Alter Feinsilber (Stanisław Jankowski)	278
4.7 Shlomo Venezia.....	282
4.8 Aaron Pilo.....	292
4.9 Szlama e Abraham Dragon.....	293
4.10 Josef Sackar	305
4.11 Henryk Tauber	308
4.12 Eliezer Eisenschmidt	313
4.13 Dov Paisikovic.....	319
4.14 Ya'akov Gabai	321
4.15 Shaul Chazan	327
4.16 Ya'akov Silberberg.....	333
4.17 Milton Buki.....	338
4.18 David Olère.....	341
CONSIDERAÇÕES FINAIS	351
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS	358

INTRODUÇÃO

É possível dizer que os caminhos que me trouxeram à presente pesquisa se iniciaram ainda na especialização quando examinei o testemunho do filósofo francês Louis Althusser, que escreveu *O futuro dura muito tempo* no esforço de encontrar uma resposta para o assassinato que protagonizou, o de sua esposa Hélène. Naquele momento, interessava-me extrair da escrita testemunhal de Althusser, marcada por sua posição de cidadão e de louco, a responsabilização construída por ele diante do sem sentido do próprio ato. O ponto de investigação estava na responsabilização, ou seja, no assentimento de Althusser à autoria do ato que cometeu sem saber que o fazia, bem como à elaboração de ficções que visavam delimitar o seu campo de realidade marcado pela lacuna no saber. Em seu testemunho a relação entre culpa, inocência e responsabilidade se reorganizam, visto que, mesmo não se sentindo culpado, Althusser buscou responder pela morte que produziu “inocentemente”, como quem massageava o pescoço da parceira. O que ele assumia como um direito de resposta, havia sido negado pela instância jurídica dado o seu status de louco infrator.

Durante o mestrado, os testemunhos de descendentes de nazistas notórios foram abordados a fim de investigar a relação entre nomeação e a herança deixada pelas gerações anteriores. Isso porque no testemunho de alguns dos descendentes de nazistas há a evocação de seus sobrenomes em associação a um sentimento de culpa e vergonha, ou um dever de reparar um passado que não era o deles, mas ao qual se sentiam ligados por meio do significativo patronímico. Apesar de não ser uma regra que serve para todos, tais testemunhos apontam para a constatação lacaniana de que o sobrenome é símbolo do quinhão ao qual o sujeito tem acesso: o pecado dos pais tal como Kierkegaard o designou. Os sobrenomes legados por seus pais os ligavam às barbáries produzidas pelos nazistas de modo que experimentaram a sua herança como se fossem partícipes solidários na culpa e, portanto, como se tivessem que dar uma resposta a atos não cometidos em primeira pessoa. Via testemunho, novamente, a relação entre culpa, inocência e responsabilidade aparecem. Se no caso Althusser a responsabilidade e a consequente tentativa de responder por um ato do qual não se sentia culpado ganha corpo por meio da escrita testemunhal, no caso de alguns descendentes de nazistas, a culpa aparece sem ato e a necessidade de testemunhar tem lugar porque a responsabilidade não surgiu onde se entende que ela deveria ter se manifestado.

Ao pesquisar sobre as fábricas de cadáveres nazistas deparei-me com o relato de Primo Levi sobre o testemunho de prisioneiros judeus membros do *Sonderkommando* em Auschwitz-Birkenau. Tais *Kommandos* foram responsáveis por atividades que incluíam desde

o encaminhamento de prisioneiros recém-chegados ao Campo para as câmaras de gás até a eliminação das cinzas produzidas pela queima dos corpos. Diante do consentimento em executar tais atividades, após a guerra, muitos se perguntaram a razão dos *Sonderkommandos* não preferirem a morte diante de um encargo tão degradante. De fato, rejeitar qualquer atribuição designada pelos nazistas implicaria em execução sumária e, por isso, podemos dizer que os testemunhos de membros do *Sonderkommando* tanto colocam em evidência a problemática da responsabilidade ética quanto a repelem. Explico: os comentadores que se ocupam de tais testemunhos abordam a questão ética que essas figuras chamam a trabalhar – dado que eram judeus envolvidos, de certo modo, na morte de outros judeus –, como também apontam para a dificuldade de fazê-lo, uma vez que se trata de casos em que a escolha fora suprimida. Estamos, portanto, diante do encontro de dois campos que interessam à psicanálise, a saber: o da escolha forçada e o da responsabilidade ética.

Lacan (1998) afirma que “por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis” (p. 873), logo, espera-se que a responsabilidade se mostre, invariavelmente, presente. Tópico que o próprio Lacan evoca sob a rubrica de um terrorismo. Não sendo possível ao homem se furtar de sua responsabilidade o que ocorre quando ele tem as suas ações determinadas, sob risco de morte, por terceiros? Se alguém não é completamente livre para determinar as ações por si executadas, ou seja, se alguém age diante de uma escolha forçada, que testemunho pode dar de sua posição de sujeito? Ainda nessa esteira, quais questões acerca da responsabilidade ética a escolha forçada nos coloca? E há um detalhe que merece a atenção: a régua moral no mundo concentracionário não era análoga à externa aos arames farpados. Os prisioneiros estavam mergulhados nas nuances éticas da zona cinzenta (Levi, 2016). Em linhas introdutórias isso quer dizer que, nas circunstâncias que os cercavam, as balizas éticas se encontravam borradas e o bem e o mal, o preto e o branco, se matizavam em tons gris.

Neste terceiro tempo de pesquisa, testemunhos reapresentam a questão da responsabilidade, porém, agora estamos diante de um campo ainda mais turvo, pois a ação é desencadeada a partir da exigência de uma escolha que se traduz por uma decisão pela vida ou pela morte. É por esse caminho sinuoso e escorregadio que a presente pesquisa se desenvolve e quando apontamos para as curvas da jornada, queremos marcar quase que uma literalidade, pois o campo em questão é imenso e comporta muitas perspectivas dissonantes. Ainda que não se pretenda aqui abordar todos os aspectos sobre o tema – o que seria impossível –, em alguns momentos será necessário delinear ressalvas e contrapontos, pois não parece plausível evitar os pontos assimétricos em uma pesquisa mergulhada em zonas de muitas nuances éticas e sob múltiplos escrutínios. Concordamos com Nicholas Chare e Dominic Williams (2019a)

quando dizem que os usos de testemunhos assumem formas complexas que podem ultrapassar o estabelecimento de fatos e que, na tentativa de compreender um grupo específico dentro de um contexto amplo, deve-se fazer escolhas éticas. Também abraçamos a ideia de que as escolhas dos fatos a serem narrados e como encadeá-los envolvem um valor moralizante da realidade (Williams, 2019). Por isso, nas próximas páginas apresentaremos os caminhos que decidimos percorrer a fim de responder as questões acima levantadas. A necessidade de fazer escolhas e tomar posição diante do objeto de pesquisa expõe a multiplicidade de caminhos possíveis a serem percorridos, e cada um poderia nos levar a um desfecho distinto. Posicionarmo-nos desde o início nos coloca em certo risco de engano, mas não existe aposta sem risco. Inclusive no campo acadêmico.

Colocadas as questões que animam a presente pesquisa cabe, então, justificar algumas escolhas relacionadas ao seu delineamento, conjuntura, aprofundamento e impasses. Pode-se perguntar o porquê de se abordar os testemunhos desses prisioneiros e não de outros. Primeiro, e talvez o índice mais geral que compõe a escolha de examinar os testemunhos de membros do *Sonderkommando*, é que, dentre as figuras históricas que encarnam o paradoxo da responsabilidade diante de uma escolha forçada e são passíveis de serem investigadas, temos nestas o atravessamento do discurso moderno. Discurso fundamentado no Iluminismo e na revolução técnico-industrial, imaginada como curva ascendente que tendia a um futuro cada vez melhor, postulado na liberdade e igualdade de todos os seres humanos enquanto necessidade ética (Koselleck, 2014). Ora, se a liberdade de escolha é um valor ético para o discurso moderno, os *Sonderkommandos* parecem figurar uma fissura nesse discurso. Mas será que se trata mesmo de uma fissura? Ou, como no clássico da literatura moderna de George Orwell (2007), *A revolução dos bichos*, a noção de liberdade, que se ampara no conceito de igualdade, cambaleia; e, inevitavelmente, acaba caindo no enunciado: “todos os bichos são iguais, mas alguns bichos são mais iguais que outros” (p. 106)? Não podemos nos esquecer que o “coração da política do Estado moderno, [é] herdeiro da onipotência do pai primevo” (Fuks, 2014, p. 118) e isso não se dá sem consequências.

Segundo, porque o contexto em que eles estavam inseridos, ou seja, a conjuntura da zona cinzenta, fornece um correlato para abordarmos a questão ética colocada pela noção de escolha forçada. Tanto é assim que Lawrence Langer (1989) ao abordar a ética das ações de judeus no *Lager* – palavra alemã usada para designar os campos de concentração e de extermínio –, o faz sob o escrutínio da *choiceless choice*, ou seja, das escolhas sem escolha. Fazendo um paralelo entre a questão formulada por Lacan sobre a bolsa e a vida e a condição dos *Sonderkommandos*, é como se eles estivessem submetidos às alternativas que marcam as

posições antagônicas excludentes: ou o trabalho ou a vida. Colocar apenas esses dois termos para eleição só pode ser considerado uma escolha sem escolha, haja vista que escolher a morte não é uma tarefa fácil.

A escolha específica pelos testemunhos dos judeus que foram aprisionados em Auschwitz-Birkenau se deve a uma especificidade: somente nesse *Lager* foram encontrados testemunhos enterrados entre os fornos crematórios deixados por cinco membros do *Sonderkommando*. Com um descompasso de 35 anos foram encontrados, de 1945 a 1980, manuscritos enterrados próximos aos crematórios de Auschwitz-Birkenau que representam um material de grande valor histórico, sociológico e psicológico (Bezwińska & Czech, 2013). Conhecidos como os *Scrolls of Auschwitz* – Pergaminhos de Auschwitz –, esses escritos foram registrados por: Zalman Gradowski; Zalmen Lewental; Lajb Langfus; Herman Strasfogel e, por fim, Marcel Nadjary – o único deles a sobreviver.

Os pergaminhos nos colocam diante de um outro elemento: a temporalidade do *nachträglich* de Freud ou *après-coup* em Lacan, que é traduzido como *só depois* ou a *posteriori*. É por meio do *a posteriori*, do tempo lógico, que surgem significâncias acerca da experiência que podem ensejar outros contornos a ela. Quer dizer que a historicização no presente sobre o passado pode restituir a história do sujeito na medida em que se procura recompor esse passado. Isso Lacan ([1953-1954]/1986) destaca como “o ponto de mira visado pelas vias da técnica” (p. 21) freudiana. Temos dos *Sonderkommandos* de Auschwitz-Birkenau tanto o relato produzido durante o acontecimento quanto depois. E esse ato narrativo posterior se deu, em alguns casos, logo depois; em outros, só muito mais tarde. Como a temporalidade envolve tanto a técnica quanto a ética da psicanálise, propomos analisar os testemunhos nesses dois estratos de tempo no intuito de entender quando esse *depois* se constituiu para o sujeito. Não resta dúvida de que “a passagem do tempo tal como é percebida por cada indivíduo não coincide com a indicada pelos instrumentos assim chamados objetivos” (Levi, 2002, p. 123). Trata-se de uma temporalidade que escapa aos relógios.

De saída se faz necessário marcar uma posição em relação ao nome dado ao evento em que esses testemunhos foram forjados, afinal, o nome é algo “que não é indiferente” (Lacan, [1974-1975]/inédito, p. 44). Ao abordar o campo relacionado ao nazismo, a questão da linguagem não é lateral e as “palavras aqui são desafiadas ao mesmo tempo a não desrespeitar as vítimas e aclarar, por certo, tenuemente, a noite na qual a pessoa está se arriscando” (Rabinovitch, 2004, p. 17). Ao usarmos o termo *vítima* ao longo da tese, é preciso explicitar, o fazemos a partir de uma perspectiva jurídica, qual seja, em referência à “pessoa contra quem se comete qualquer crime ou contravenção” (Houaiss, 2009, p. 1953). Ou seja, estamos nos

referindo a pessoas sobre quem se exerceu força e violência arbitrária e justamente por terem suportado essa posição é que a cultura pode acolhê-las como sobreviventes e testemunhas. O assassinato em massa de judeus pelos nazistas recebeu, ao longo do tempo, algumas designações, umas mais conhecidas do que outras: Holocausto, *Shoah*, *Churban/Hurban* (destruição), *Akedá* (sacrifício), Solução Final, genocídio do povo judeu etc. Dentre essas nomeações, adotamos preferencialmente o termo *Shoah* e, a partir da oposição ao termo mais conhecido – Holocausto –, indicamos as razões que nos levaram a essa escolha.

Elie Wiesel, judeu romeno sobrevivente de Auschwitz, célebre escritor e laureado com o Nobel da Paz em 1986, por não ter encontrado nenhuma expressão corrente capaz de traduzir satisfatoriamente o que havia vivido, extraiu do texto bíblico que estudava à época – o sacrifício de Isaac – a palavra da qual deriva o termo holocausto (Agamben, 2008; Danziger, 2007; Guterman, 2020). Posteriormente, ao levar em conta as referências implícitas ao termo, Wiesel teria se arrependido e passado a usar outras expressões. Holocausto significa literalmente “todo queimado” e está vinculado à semântica cristã associada à doutrina sacrificial da Bíblia, mais especificamente, a encontrada nos textos mosaicos. Tal conotação, extensiva aos mártires cristãos, aproxima o suplício a um sacrifício, o que pode causar uma disparatada correlação entre fornos crematórios e altares, como se os judeus tivessem sido queimados a fim de expiar os seus próprios pecados (Agamben, 2008; Guterman, 2020). Ademais, historicamente, o termo mantém uma inadequada acepção antisemita. Quer dizer que é fruto de preconceito, discriminação ou ressentimento contra os judeus a quem se considera um grupo hostil, estranho e indesejável.

Já o termo hebraico *Shoah*, que também é encontrado transliterado como *Shoá*, *Choah* ou *Schoá*, se traduz por devastação ou catástrofe e pode ser entendido como o golpe que atingiu a cultura que possibilitou o genocídio dos judeus, bem como o silêncio e o vazio que se seguiram ao trauma (Agamben, 2008; Rabinovitch, 2004). *Shoah* foi empregado pela primeira vez em 1940, em uma coletânea de testemunhos de judeus poloneses perseguidos pelos nazistas publicada em Jerusalém “com o título *Sho'at Yehudei Polin* (A catástrofe dos judeus poloneses)” (Guterman, 2020, p. 31). O nome foi oficialmente adotado pelo Estado de Israel em 12 de abril de 1951, por ocasião do Dia Nacional da Lembrança. Adotamos esse termo advertidos de que não há nomeação ideal, pois, “toda emissão de palavra está sempre, até certo ponto, numa necessidade interna de erro” (Lacan, [1953-1954]/1986, p.301). Tal qual Holocausto, *Shoah* também possui um assento religioso, posto que aponta para a catástrofe consequente a uma punição divina. Entretanto, distinto do termo Holocausto, tal conotação sacra estaria esvaziada em *Shoah* e sobre ela prevalece a referência à calamidade.

O filósofo francês Jean-Luc Nancy (1997) produz uma bela representação sobre como ele toma esse termo. Para ele, *Shoah* não seria nem propriamente uma palavra, estaria mais para uma lufada de ar em que o próprio judeu seria soprado representando, ele próprio, também o cigano, o queer, o comunista, o muçulmano e tantos outros; um sopro insistente diante de um fôlego que nos foi tirado, como a respiração que é produzida entre a emissão de uma palavra e outra, ou como uma palavra sufocada entre uma inspiração e uma expiração que convoca todos a ouvir quando já não escutamos mais a humanidade. É essa ambiguidade irresolúvel de sopro de palavra sufocada e de humanidade silenciada que buscamos ouvir nos testemunhos. Apesar de toda argumentação em favor do termo *Shoah* reconhecemos que Holocausto se impôs na cultura, em especial a partir do mundo anglófono (Roudinesco, 2010). Encontramos o termo em textos produzidos por judeus e gentios, em referências teóricas e testemunhais. Apesar de conhecermos as críticas ao seu uso, não consideramos o termo errado ou inapropriado, até mesmo porque, pela força de seu uso ao longo dos anos, Holocausto segue uma tendência de esvaziamento da referência teológica. Independente disso, no tempo presente, apostamos na percepção do evento produzida pelo nome *Shoah*: uma catástrofe, uma calamidade.

Sobre o trabalho cabe ainda uma observação: esta não é uma produção historiográfica nem sociológica. A pesquisa se ampara no legado freudiano de refletir e pensar o homem na cultura. Freud ([1921]/2020) afirmou que “a psicologia individual é também, de início, simultaneamente psicologia social” (p. 108). Destacamos essa passagem, pois nos parece que ela é nodal na compreensão de que a subjetividade e o meio social em que uma história se desenrola são indissociáveis. Os aspectos do processo de desenvolvimento do indivíduo, dirá Freud ([1930]/2020), têm características particulares, mas, na medida em que existe uma meta de conexão com a comunidade humana, ele precisa estar suscetível aos processos culturais. Ou seja, os processos culturais interferem no desenvolvimento de cada um e “assim como o planeta ainda orbita em torno de seu corpo central enquanto executa uma rotação sobre seu próprio eixo, assim também o ser humano individual participa no desenvolvimento da humanidade, enquanto segue seu próprio caminho na vida” (p. 399). Em outras produções que se somam a essa, de modo provocativo, Freud promoveu uma leitura do contexto político em que a barbárie se instalava no continente europeu e suas consequências nas subjetividades e nos afetos. Em *O homem Moisés e a religião monoteísta*, ao evocar o atravessamento da tradição e da herança arcaica no psiquismo Freud ([1939]/2018) reafirma a sua posição. Estar à altura da subjetividade de nossa época (Lacan, 1998) passa por essa compreensão.

Lacan, assim como Freud, tratou a experiência subjetiva a partir do traquejo com o outro e com a cultura que testemunhava e na qual se constituía, bem como a partir das “representações sociais e políticas de seu tempo” (Fuks, 2006, p. 23). Para produzir uma apropriada articulação entre esses termos é importante ter em conta que as tensões discursivas do tempo-espaço operam sobre as narrativas testemunhais. Somente com esse cuidado de contextualização pode-se reduzir o risco de anacronismos. Por isso nosso intuito é promover as narrativas testemunhais dentro do seu contexto sócio-político-histórico. Só assim poderemos obter dos testemunhos uma porção mais adequada do que foi a experiência de escolha forçada imposta pelos nazistas aos judeus de um modo geral e aos membros do *Sonderkommando*, mais especificamente; mantendo no horizonte que “a prática da psicanálise é um compromisso no discurso político, conscientemente ou não” (Danto, 2019, p. XXVIII).

O historiador, baseado na tríade lugar, tempo e pessoa, atua a partir de múltiplas fontes e do confronto de vários documentos para construir as suas versões da história (Suleiman, 2019). Ele fia o seu ofício nos arquivos, ou seja, nos documentos, nas provas e evidências de que determinados episódios aconteceram de dada forma. É por meio dos arquivos que a historiografia busca se opor aos negacionistas¹ – aqueles que pretendem revisar o relato histórico de acordo com os seus interesses; negando, falsificando e distorcendo o seu registro – mas, eventualmente, o trabalho do historiador se inicia a partir e apesar da falta de confiabilidade de testemunhos (Ricoeur, 2007). O uso mal-intencionado de lapsos na memória e ficções contadas por testemunhas contribui para que muitos historiadores prefiram manter os registros testemunhais separados do registro historiográfico propriamente dito; trata-se de uma categoria anexa, porém distinta (Cytrynowicz, 2003). As narrativas testemunhais, objeto de interesse da presente pesquisa, por estarem submetidos à relação entre a memória e o esquecimento, e nem sempre serem comprováveis, podem acabar à margem da historiografia (Rancière, 2014). O testemunho, veremos adiante, está entre a evocação e a ficção, o possível e o impossível, entre o dizível e o não-dizível de toda língua, que não garante a verdade factual de um evento, mas justamente “a sua não-arquivabilidade, a sua exterioridade com respeito ao arquivo; ou melhor, da sua necessária subtração – enquanto

¹ A partir do final da década de 1970 e ao longo dos anos 1980, houve um grande avanço do discurso negacionista sobre a *Shoah* repercutido em grande escala pela mídia sensacionalista (Mesnard, 2010). Como resposta ao negacionismo, muitas testemunhas resolveram falar sobre as suas experiências, a partir desse período. Diferente do que alegam os negacionistas – às vezes é preciso dizer o óbvio – mesmo com todas as imprecisões encontradas em testemunhos produzidos sobre a *Shoah* não se pode dizer, sob nenhuma hipótese, que a sua existência histórica se torna questionável (Suleiman, 2019).

existência de uma língua – tanto perante a memória quanto perante o esquecimento” (Agamben, 2008, p. 157).

Claro, existem propostas mais integrativas entre o campo da história e da literatura testemunhal ou narração. Rancière (2014), por exemplo, afirma que as bordas entre história ficcionada e romance histórico, ou entre história e estória, ficam sempre às “voltas e reviravoltas permitidas por essa indeterminação” (p. 2). Faye (2009) também não pretende que uma narração histórica prescindia de um toque de ficção para se construir e Certeau (2016) propõe considerar a literatura de semelhante modo ao que a matemática foi considerada para as ciências exatas, qual seja, “um discurso “lógico” da história, a “ficção” que a torna pensável” (p. 92). Para ele, a psicanálise, desde Freud, possibilita um interessante arranjo entre literatura e história que permite manter o registro de historicidade na literatura – referência à maneira psicanalítica de narrar os casos ao modo de romances –, ao mesmo tempo em que mantém os vazios e as lacunas em aberto, e acolhe os restos. Se por um lado, da produção linguageira se extrai um relato testemunhal ou analítico, por outro, “a história engloba e situa a análise. Ela é seu insuperável pressuposto” (Certeau, 2016, p. 93). Podemos arrematar dizendo que a historiografia sobre os Campos e as reflexões que a partir dela se abrem, impossibilitam uma fragmentação radical entre História e memória, tanto que, graças a essa historiografia “desencadeou-se um processo de revisão crítica dos dogmas centrais da historiografia positivista advindos do século XIX” (Seligmann-Silva, 2003b, p. 69).

Trouxemos os pontos acima para dizer que caminhamos com a Psicanálise entre a História e a Literatura do Trauma, pois, já reconhecemos, examinamos um campo sinuoso, carregado de nuances, em que, facilmente, é possível se precipitar em simplificações, estereótipos maniqueístas e ingenuidades. O que nos coloca um desafio, pois, de um modo geral, a compreensão costumeira do que foi a *Shoah* não parte tanto do trabalho de historiadores, e sim de obras cinematográficas que moldam uma percepção simplificada, quando não equivocada, pois se pretendem uma mercadoria a ser consumida em um intervalo curto de tempo² (Guterman, 2020; Gagnebin, 2003). A “americanização” da *Shoah* também contribui para uma visão excessivamente otimista sobre o homem e do que se pode extrair daquele evento, caindo frequentemente em reduções empobrecidas (Wieviorka, 2006). Em linhas gerais, transformar a *Shoah* em um bem de consumo cultural faz com que ela se torne mais leve e mais fácil de ser integrada na cultura, porém, a diminui e a despotencializa

² Nicholas Chare e Dominic Williams editaram o livro *Testimonies of resistance: representations of the Auschwitz-Birkenau Sonderkommando*, em 2019b, no qual vários autores comentam, entre outras coisas, a representação midiática desse *Kommando*.

(Gagnebin, 2006). Ao apresentar a mesma fórmula repetidas vezes, tais produções reforçam os estereótipos que são o oposto das elaborações de Primo Levi (2016) sobre a zona de indiferenciação entre o bom e o mau aspecto humano, presente nos *Lager*.

Por outro lado, apresentar os efeitos da ação nazista sem um mínimo véu, se mostrou infrutífero e inútil. Documentários realistas projetados logo após o final da guerra, como o *Nuit et brouillard* (Noite e neblina), de Alain Resnais, por exemplo, tiveram um efeito adverso cruel. As imagens foram consideradas ““reais demais” para serem verdadeiras, elas criavam a sensação de descrédito nos espectadores. A saída para esse problema foi a passagem para o estético: a busca da voz correta” (Seligmann-Silva, 2003a, p. 57). No fim das contas, talvez o tom suportável tenha se tornado baixo demais. No intuito de operar a transmissão podemos até considerar que o “desejo de simplificação é justificado, [mas] a simplificação nem sempre o é” (Levi, 2016, p. 28), em especial quando abordamos a responsabilidade ética de pessoas que viveram uma experiência-limite. A simplificação leva a perguntas acusatórias como as que muitos sobreviventes tiveram que enfrentar: “Por que vocês não fugiram? Por que não se rebelaram? Por que não escaparam da captura “antes”?” (Levi, 2016, p. 122) – dentre as muitas perguntas formuladas a partir da *Shoah*, essas não são, de modo algum, as mais complicadas. Para respondê-las, porém, é necessário que se conheça um mínimo sobre as condições de vida impostas aos judeus no período de ascensão do nazismo. Em razão das nuances que envolvem o objeto de pesquisa é que temos insistido na guarida da complexidade histórica – esse não é um ponto lateral ou ignorável.

Pesquisas realizadas na última década têm mostrado que, apesar da importância atribuída aos estudos sobre a *Shoah* e a tentativa de torná-la mais conhecida, existe muita desinformação. De acordo com uma pesquisa encomendada pela *The Conference on Jewish Material Claims Against Germany*, realizada em novembro de 2021, 56% dos britânicos não sabiam que mais de 6 milhões de judeus foram mortos durante a *Shoah* e pouco mais de 30% não conseguiram nomear nenhum campo de concentração (Pilagallo, 2022). Nos Estados Unidos, uma pesquisa de 2020 realizada pela *Claims Conference* mostrou que 12% dos estadunidenses com menos de 40 anos desconheciam o genocídio perpetrado pelos nazistas, 36% acreditam que os nazistas mataram menos de dois milhões de judeus e, ainda mais preocupante, 11% da população acreditava que foram os judeus que causaram a *Shoah* (DW, 2020). Ainda sobre a pesquisa realizada nos Estados Unidos, quase 23% dos entrevistados consideravam a *Shoah* um mito ou que o número de mortos foi superestimado, 48% não conseguiram nomear nenhum campo de concentração e só 56% reconheceram o nome Auschwitz quando foi apresentada uma relação de nomes de campos (Riviera, 2020).

Também na Alemanha há desinformação de acordo com a pesquisa conduzida pela Universidade de Bielefeld de 2021 a 2022, no intuito de conhecer as lacunas no conhecimento de jovens de 16 a 25 anos sobre o regime nazista. Apesar de haver maior interesse desse grupo pelo tema, quando comparado às gerações mais velhas, foram encontradas “lacunas sistemáticas em relação ao conhecimento muito básico dos fatos históricos” (DW, 2023). Pesquisas com resultados semelhantes a essas se multiplicam na última década em todo o mundo. No Brasil, por exemplo, uma pesquisa divulgada em novembro de 2019 pela Liga Antidifamação revelou que “22% dos brasileiros nunca tinham sequer ouvido falar sobre o Holocausto. Outros 15% acham que o número de judeus assassinados foi exagerado” (Pilagallo, 2022). Tais pesquisas tendem a concluir pelo melhor e maior investimento em educação e ensino sobre a *Shoah*. Educar, um ofício impossível e necessário.

Além da forte propaganda negacionista e das possíveis falhas na transmissão e no ensino sobre a *Shoah*, um outro elemento concorre para a simplificação da percepção sobre o evento. Ele é um tanto imperceptível e, ao mesmo tempo, mais visceral: a recusa subjetiva de lidar com o extremo de violência tornado possível pelos nazistas. Lacan ([1964]/1988), ao mencionar a monstrosidade do nazismo e o sacrifício aos deuses obscuros, apontou que “a ignorância, a indiferença, o desvio do olhar, podem explicar sob que véu ainda resta escondido esse mistério” (p. 259). Há um relato curioso nesse sentido. O sociólogo e filósofo Zygmunt Bauman casou-se, em 1948, com Janina Lewinson. Ela, judia polonesa, viveu no Gueto de Varsóvia de meados de 1941 a janeiro de 1943 quando conseguiu fugir com sua mãe e irmã, a fim de viverem escondidas no lado ariano de Varsóvia. Em 1986, Janina lança um livro – publicado no Brasil com o título *Inverno da manhã* – sobre a sua experiência de sobrevivente. Zygmunt confessa que, até ter lido o gtestemunho de Janina, ele não conhecera tão bem o mundo de sua esposa. Até aquele momento, como muitos de seus conterrâneos, ele não refletira sobre o que havia ocorrido sob a violência hitlerista, “minha imagem do Holocausto era como um quadro na parede: bem emoldurado para fazer a separação entre a pintura e o papel de parede e ressaltar como diferia do resto da mobília” (Bauman, 1998, p. 9). Ele arremata dizendo que a *Shoah* foi escrita em um código próprio e, por isso, é necessário decifrá-lo primeiro para que seja possível compreendê-lo. Borrar as molduras de modo a permitir que a pintura ganhe uma forma mais completa e menos ingênua pode ser custoso, mas vital. As circunstâncias históricas nas quais se deu o extermínio dos judeus pelos nazistas se encontram relativamente esclarecidas, porém, nem sempre são acessíveis ou de fácil digestão. Permanece em aberto o significado ético e político desse evento, bem como a atualidade do que ocorreu (Agamben, 2008). É aproximando dessa lacuna que o trabalho se

circunscreve e constrói o seu recorte, na esperança de conseguir lançar “um olhar corajoso” (Lacan, [1964]/1988, p. 259), ou tão corajoso quanto possível, sobre essas profundezas.

Considerando que não é possível presumir o conhecimento sobre a situação dos judeus durante e após a ascensão de Hitler, no primeiro capítulo, *Passado Presente*, examinamos o contexto sociopolítico da Alemanha nazista e a lógica que o sustentava. Avaliamos também as nuances do funcionamento do campo de Auschwitz II-Birkenau e os seus habitantes. A partir dessa contextualização, foi possível abordar as limitações e possibilidades encontradas na relação entre trauma, memória, silêncio e palavra, a fim de apresentar de que maneira o testemunho e a sua transmissão são tomados no presente trabalho.

No segundo capítulo, *A zona cinzenta*, voltamo-nos para os acinzentados matizes morais do universo concentracionário e como eles afetaram, e ainda afetam, a abertura para o julgamento dos operadores de ações lá agenciadas. Historicamente o ordenamento jurídico serviu como baliza para os questionamentos sobre a viabilidade de se atribuir juízo às ações transcorridas no *Lager*. Constata-se que a referência aos tribunais não esgota as questões morais suscitadas por Auschwitz, ao mesmo tempo, não emitir juízo a respeito dos homens acinzentados dos campos de concentração parece difícil. Nos detivemos na figura do *Sonderkommando*: quem eram esses homens, como eram escolhidos para esse esquadrão, qual era o seu trabalho e quais as condições de sua existência em Auschwitz e em Birkenau. Por fim, tendo diante de nós os elementos que compõem o quadro geral em análise, abordamos as condições de escolha no *Lager*. Aqui, a teoria psicanalítica serviu de anteparo teórico para ponderarmos sobre a oportunidade de cada um responder pelos atos que protagonizaram.

No terceiro capítulo, *Os pergaminhos de Auschwitz*, trouxemos os testemunhos enterrados entre os fornos de Auschwitz-Birkenau, destacando como cada uma das cinco testemunhas tentou responder por ter escolhido sobreviver naquele contexto mortífero, ainda em ebulição. No quarto capítulo, *Depois de Auschwitz*, os testemunhos de sobreviventes são apresentados a fim de destacar o mesmo ponto: como cada um justificou, para si mesmo, a decisão de lutar pela própria vida e o que eles decidiram contar daquela experiência limite. Aqui, porém, estamos em um segundo tempo em relação à experiência concentracionária. Apesar dos testemunhos dos membros do *Sonderkommando* serem os últimos tópicos da tese, eles são referência para a construção dos capítulos que os precedem. Quer dizer que os testemunhos estão na gênese da presente pesquisa, foram eles que nos colocaram as questões que orientaram este trabalho. Porém, considerando que qualquer testemunho é estruturalmente parcial, nos pareceu estrategicamente necessário apresentar de saída os elementos históricos e teóricos para que os relatos fossem melhor compreendidos em sua extensão e nuances. Em

razão do espaço não seria possível apresentarmos os testemunhos em sua integralidade, fizemos, por conseguinte, um recorte a fim de destacar dos relatos os elementos relacionados à responsabilidade ética e à escolha forçada. Nesse sentido podemos dizer que não é intuito desta tese analisar cada testemunho singularmente, mas extrair do conjunto narrativo questões endereçadas à Psicanálise no que concerne a posição ética do sujeito mesmo quando ele se encontra submetido a uma escolha sem escolha.

1. PASSADO PRESENTE

“Houve um “pós-guerra”, depois um pós do pós-guerra, mas não há pós-Shoah. Resiste ao tempo, mas não como um passado presente na memória: como o presente que vai³” (Nancy, 1997, p. 15, tradução nossa). Em semelhante perspectiva, Agamben (2021) afirma que, “assim que a testemunha o interpela, o passado não é mais passado, não pode mais passar e está como que preso, indefeso e sem palavra no coração do presente” (p. 72). A sobrevivente Charlotte Delbo (2021) também argumenta que não há propriamente dito um depois de Auschwitz. Um dos modos de Primo Levi (2010) exprimir tal permanência pode ser encontrado na fórmula: “a guerra não terminara, guerra é sempre” (p. 51). Outros tantos sobreviventes expressam a impossibilidade de se distanciarem do que viveram sob a sombra nazista. A relação entre *Shoah*, testemunho e temporalidade nos remete à lógica dos processos inconscientes que “são *atemporais*, isto é, não são ordenados temporalmente, não são alterados pela passagem do tempo, não têm relação nenhuma com o tempo” (Freud, [1915]/2010, p. 128). O registro da temporalidade está a encargo do sistema consciente, mas não é ele que rege a experiência concentracionária dos sobreviventes.

A atemporalidade do inconsciente pode ser inferida, em especial, na fixidez do momento de um acontecimento traumático (Freud, [1917]/2014). A partir do trauma, passado, presente e futuro são tomados indistintamente. É como se a situação traumática jamais tivesse sido superada, “ou seja, como se essa tarefa ainda se apresentasse (...) *atual e intacta*” (p. 367, destaque nosso). Não foram poucos os sobreviventes que atravessaram os portões dos Campos em retirada e se distanciaram geográfica e cronologicamente do evento sem que, de fato, conseguissem se apartar daquele lugar e descongelar aquele desafortunado tempo. Tomamos a *Shoah* a partir da afinidade entre a percepção da temporalidade pelo sobrevivente e a atemporalidade inconsciente do trauma, ou seja, como um potencial evento-trauma cujo registro, ainda que passado, se faz presente. Quer dizer que entendemos o assassinato industrial dos judeus promovido pelos nazistas como causador de “um trauma sem medida na civilização, ferindo suas entranhas, virando o mundo de cabeça para baixo” (Fuks, 2006, p. 34). Não estamos falando, portanto, somente do trauma vivenciado pelas pessoas tragadas pelos Campos, mas de uma ferida produzida na própria cultura.

Para que a história dos que escaparam da morte seja contada, dentro do contexto que a tornou possível, ela precisa estar circunscrita justamente nas categorias de espaço e de tempo

³ Il y a eu un « après-guerre », puis un après de l'après-guerre, mais il n'y a pas d'après-Shoah. Ça résiste au temps, mais non comme un passé présent dans le souvenir : comme le présent qui va.

(Koselleck, 2014). Sabemos que a *Shoah* foi operacionalizada durante a Segunda Guerra iniciada pela Alemanha em 1939, porém, o contexto que a tornou possível se estabeleceu muito antes. Em razão disso, antes de percorrermos o território ocupado pelos nazistas, voltaremos um pouco no tempo. Afinal, sempre estamos sob os efeitos do meio cultural atual, como também da influência da história cultural dos antepassados (Freud, [1915]/2020, p.109). Em outras palavras, partimos do entendimento de que narrar uma história não é somente se haver com o passado e o presente, como também se submeter ao fio da grande História.

Entramos nessa empreitada advertidos de que, para formar um juízo sobre determinado evento, “é preciso evitar o erro que consiste em julgar épocas e lugares distantes com o metro que prevalece aqui e agora” (Levi, 2016, p. 134). Adentramos também avisados de que não houve uma experiência universal da *Shoah* para todos os que a atravessaram. Interessam-nos os instrumentos simbólicos e imaginários utilizados pela política nazista que tornaram as escolhas dos judeus cada vez mais restritas e o seu universo linguageiro sobremodo empobrecido. Isso significa que, para trazer os testemunhos e a história que cada membro do *Sonderkommando* narrou, bem como a sua respectiva resposta ao vivido, primeiro apresentaremos as regularidades e instabilidades do pano de fundo ao qual essas histórias se ligam. Para examinar a resposta que cada um à experiência concentracionária será necessário abrigar os tropeços da memória, as contradições, acolher os afetos abafados, as palavras possíveis e os silêncios involuntários, bem como acomodar fragmentos aleatórios e cenas desconectadas, o que, no que concerne aos analisandos, sempre esteve no horizonte da Psicanálise. Em referência ao contexto é que os dilemas e possibilidades mais gerais se evidenciam, inclusive em relação à tomada ou não da palavra para narrar uma experiência. Nenhuma história é vivida no vácuo.

1.1 A racionalidade nazista e a sua linguagem

O progresso fez um pacto com a barbárie.
Freud, [1939]/2018, p. 78

*É óbvia a observação de que, quando se violenta o homem,
também se violenta a linguagem.*
Primo Levi, 2016, p. 79

A *Shoah* nasceu e foi concretizada “na nossa sociedade moderna e racional, em nosso alto estágio de civilização e no auge do desenvolvimento cultural humano, e por essa razão é um problema dessa sociedade, dessa civilização e cultura” (Bauman, 1998, p. 11). Apesar da aparente incompatibilidade entre o genocídio produzido pelos nazistas e a sociedade pós-iluminismo, há uma relação intrínseca entre esses eixos. Equivoca-se quem considera o

extermínio produzido pelos nazistas como fruto de uma condição histórica atípica, concebido aquém da razão, e, no qual, o Mal radical, único e inigualável conduzia a ação humana. Ter em conta que o nazismo decorre desse Mal absoluto é tomá-lo como transcendente, impensável, indizível, ou seja, é colocá-lo “como o Todo-Outro, [que] pertence à religião” (Badiou, 1995, p. 74). Não que o mal não operasse ali, todavia, o concebemos a partir de um lugar não místico, não religioso e não sobrenatural. Naquele contexto, o mal laicizado representava uma espécie de ardil: aquilo que se faz passar por uma verdade, ou seja, um simulacro de verdade. O termo “simulacro” deve ser tomado em seu sentido forte: todos os traços formais de uma verdade estão em funcionamento no simulacro” (Badiou, 1995, p. 83). Toda a lógica nazista operava para fazer crer em seus arremedos, pois, assim como ocorre em outros regimes totalitários, o seu alicerce estava lançado sobre a “primazia da mentira” (Koyrè, [1943]/2019, p. 122). Contudo, para mentir, nem sempre é preciso ir contra a verdade, é possível mentir “às vezes até dizendo a verdade” (Derrida, 1996, p. 8).

Qualquer absolutização da potência de uma verdade, de forçar o Um que erradica a alteridade ou tentativa de forçar a nomeação de um mal-estar inominável, ou seja, de apresentar o terror cujo nome ele mesmo inventa, organiza o mal. No caso do nazismo, o Um se organizava sobretudo por meio da nomeação “ariano” e o nome inventado a ser temido e odiado designava, principalmente, o “judeu”. Se é verdade que “a ética determina o Mal como aquilo que, de uma certa maneira, não é com o que ela goza” (Badiou, 1995, p. 28), a ética nazista marcou os judeus como o oposto do que seria um ariano. Os crimes nazistas devem ser pensados como frutos de uma política, que contém e expressa uma racionalidade e faz uso de técnicas modernas em sua execução. Justamente no seio de uma civilização que se orgulhava de suas realizações técnicas, científicas e culturais, a humanidade de outros foi negada. Não à toa, Freud ([1927]/2020) nos alertou sobre a necessidade de proteger a cultura dos indivíduos, pois as realizações humanas, inclusive as culturais, são facilmente destruídas “e a ciência e a técnica que as construíram também podem ser utilizadas para a sua aniquilação” (p. 235). Avaliar essa afirmação em face ao que Freud ([1933]/2020) escreveu a Einstein – o desenvolvimento cultural trabalha contra a guerra – nos coloca diante de um contraste que aponta para o entendimento de que o próprio homem vacila entre construir e destruir as ferramentas que o auxiliariam a se defender da violência das guerras.

Diante disso, além de desmistificar um pretenso domínio de influências do Tártaro, é oportuno atravessar a crença moralmente edificante e enraizada na cultura ocidental, de uma humanidade que emerge e se distancia da barbárie pré-social (Bauman, 1998). A *Shoah*, diante desse embuste etiológico, é considerada um fracasso da civilização cujo guia deveria

ser a razão. Em sentido contrário a esse credo, talvez fosse o caso de considerar, a partir de Freud, o processo civilizatório como inconcluso e sempre carente de atenção. Na famosa troca de cartas sobre a guerra, Freud ([1933]/2020) escreveu a Einstein desencorajando qualquer ilusão de uma humanidade completamente pacificada. Em outro momento, atento ao mundo ao seu redor e à ascensão nazista, ele constatara que “vivemos numa época singular. Percebemos, com espanto, que o progresso fez um pacto com a barbárie” (Freud, [1939]/2018, p. 78). Ou seja, o discurso freudiano afasta a concepção de que haveria uma “superioridade da civilização moderna sobre as mais primitivas” (Fuks, 2011, p. 38) e aponta para o uso do aperfeiçoamento tecnológico a favor da violência. Tanto Freud ([1927]/2020, p. 236 e [1930]/2020, p. 435) quanto Lacan conservam o entendimento de que há uma “tendência nativa do homem à maldade, à agressão, à destruição, e, portanto, também à crueldade. (...) O homem, com efeito, é tentado a satisfazer no próximo sua agressividade” (Lacan, [1959-1960]/2008, pp. 221-222). Portanto, no que diz respeito à violência e à crueldade, algo sempre resta que pode aproximar o homem contemporâneo e moderno daquilo que se considera monstruoso, bárbaro e selvagem. A cultura favorece o acréscimo de véus sobre aquilo que haveria de selvagem em nós, mas a guerra “nos despoja das novas camadas de cultura e faz reaparecer em nós o homem primitivo” (Freud, [1915]/2020, p. 131).

Decerto não apenas a guerra levanta as camadas mais civilizadas – se assim podemos chamá-las –, outras condições socioculturais podem colaborar para a emergência em cada um dos estratos mais propensos à brutalidade contra o outro. Podemos tomar como exemplo as medidas que diminuem a coerção social sobre o uso de violência e/ou as mudanças nos valores morais partilhados em determinados grupos ou contextos, capazes de favorecer a tolerância da circulação de uma maior cota de agressividade. Seria uma alteração produzida naquilo que Freud ([1930]/2020) nomeou como Supereu-da-cultura ou *Kultur-Über-Ich*, o elemento da civilização regulador da moral. O repertório cultural sobre a moral e o direito não se mantém inalterados ao longo do tempo, assim como não é idêntico em todos os lugares. As constantes referências atuais a uma “guerra cultural” mostram que o campo da cultura e da linguagem estão sob disputa aberta em nossos dias e isso produz efeitos sobre a consciência moral. Por ser constituído pelo discurso do Outro, “como sede dos valores e comandos de uma determinada cultura, [também] o inconsciente se revela como um laço social diferente em cada momento da civilização” (Pinto, 2008, p. 70).

Tendo em conta que a “chamada consciência moral é o “medo social” [*soziale Angst*]” (Freud, [1921]/2020, p. 143), na medida em que a flexibilidade ou o aferramento sobre um comportamento moral é alcançado – seja por quem detém poder para tanto ou seja porque foi

conquistado pela força de um grupo, por exemplo – o medo social sobre determinada ação sofre alteração e a consciência moral, por conseguinte, também. A título de exemplo, sem entrar na problemática de ser ou não possível cumprir o mandamento bíblico aferida por Freud e Lacan, consideremos que a severa exigência ideal do Supereu-da-cultura “amarás o próximo como a ti mesmo” (Freud, [1930]/2020, p. 360) – uma variação do que Lacan ([1957-1958]/1999) aponta como “imperativo categórico, estruturante da moral” (p. 429) – tenha dado lugar ou passado a concorrer com a diretriz “por amor ao *Führer*, matarás os inimigos do povo”. Sendo o segundo enunciado reforçado dia após dia e partilhado dentro do grupo de iguais, abre-se espaço e incentivo para a violência contra qualquer não-idêntico. O grupo de “próximos” se torna cada vez mais restrito e a violência mais encorajada, de modo que o mandamento “não matarás”, suspenso nas guerras, passa a ser cancelado mesmo fora dos enfrentamentos armados. Mesmo em relação aos prisioneiros, as mudanças no registro moral não passavam incólumes, pois, muitas vezes, a determinação de cada um em sobreviver se dava a despeito do próximo, como veremos quando abordarmos a zona cinzenta.

Há um outro porém quando avaliamos a posição da humanidade em relação à violência: existem “desproporcionalmente, mais hipócritas culturais [*Kulturheuerler*] do que seres humanos realmente civilizados [*Kulturelle Menschen*]” (Freud, [1915]/2020, p. 112), cuja existência é necessária para a manutenção da própria cultura. A surpresa sentida ao se presenciar condutas incivilizadas de indivíduos e Estados durante a Grande Guerra é lida por Freud como fruto de uma decepção causada pela ilusão de que havíamos alcançado patamares civilizatórios mais altos do que aqueles que realmente foram atingidos. A Segunda Guerra e, principalmente, a *Shoah* nos provocam a refletir sobre o quanto fomos e ainda somos tomados por essa espécie de miragem coletiva: a de que alcançamos pontos incontornáveis de civilidade e que os estratos mais agressivos ficaram distantes demais para retornarem à superfície. Estamos sempre na ilusão de termos superado a marca da barbárie. Freud ([1915]/2020), porém, nos deixa uma frase que soa como uma ameaça: “os estados primitivos podem sempre ser restabelecidos; o anímico primitivo, em sentido pleno, é imperecível” (p. 113). As guerras deveriam ter nos ensinado que a repulsa cultural à violência não é unânime (Bauman, 1998), nem tampouco suficiente para nos proteger de possíveis genocídios ou outros atos de violência extrema. Ela não foi o bastante no passado e segue não sendo. Até mesmo porque, do mesmo modo que é sempre possível criar exceções às regras, é possível infiltrar uma ressalva à proibição de agredir e de matar. Frases corriqueiras como “bandido bom é bandido morto” ratificam a afirmativa.

Levando em conta que a barbárie e o processo civilizatório andam lado a lado, o desenvolvimento da ciência e da tecnologia recomendaria aumentar a prudência, pois sempre pode haver desenvolvimento de instrumentos altamente eficientes de tortura e de morte. As bombas nucleares o atestam. Por isso podemos dizer que a civilização moderna pode não ter sido “condição *suficiente* do Holocausto; foi, no entanto, (...) sua condição *necessária*. Sem ela, o Holocausto seria impensável. Foi o mundo racional da civilização moderna que [o] tornou viável” (Bauman, 1998, p. 32). Afastada a hipótese de espontaneidade de atos individuais de violência contra os judeus, insistimos que o assassinato em massa desvela um projeto racional e cuidadosamente calculado, fruto de engenharia social que tinha como objetivo produzir uma nova ordem cultural e moral. A linguagem nacional-socialista e seus desdobramentos em legislações e em atos apresentaram a racionalidade nazista em sua aplicabilidade na vida cotidiana da Alemanha e nos demais territórios ocupados. A presença desses elementos – sobre os quais nos deteremos a seguir – autorizou os hipócritas a pararem de fingir. Demovida a ideia enganosa de que o nazismo pode ser explicado pela incidência de um mal sobrenatural e de que a modernidade é incompatível com a barbárie, bem como estabelecido que os ideais e valores culturais se modificam e incidem sobre os comportamentos morais, podemos seguir.

A sobrevivente Ruth Steinfield, aos 89 anos, concedeu entrevista ao *Museu do Holocausto de Curitiba* na qual afirmou que “o Holocausto começou com palavras, palavras de antissemitismo. E há muito disso acontecendo agora. [...] Antes, não tínhamos ideia do que as palavras poderiam fazer, e agora sabemos” (Museu do Holocausto de Curitiba, 2022). Partimos desse lúcido comentário para apontar a importância das palavras na constituição das tramas sociais que atravessam as subjetividades. Cartazes, panfletos, discursos isolados não foram o que mais produziu efeitos na massa, o principal foram as palavras, essas minúsculas doses de arsênico, repetidas à exaustão de modo despercebido, que acabaram sendo aceitas, mecânica e “inconscientemente” (Klemperer, 2009, p. 55). Quando foram notadas era tarde demais, o veneno tomara conta do corpo social. É inocência desconsiderar o uso que é dado à linguagem e seus contextos, pois “toda produção de palavra pode se representar como exata expressão daquilo que lhe dá lugar” (Rancière, 2014, p. 102). Por exemplo: não se fala sobre o peso de uma pessoa em termos de arroba, sem vincular tal palavra à unidade utilizada para medir a massa de bovinos. Por conseguinte, quem usa uma métrica animal para se referir a humanos, podemos inferir, antes mesmo de verbalizar, subjetivamente, já deu lugar a essa equiparação. Através das palavras o nazismo atingiu a carne das massas e não é sem

consequências que se usa uma linguagem como essa, pois ao assimilá-la, “passamos a viver conforme o modelo que ela nos dá” (Klemperer, 2009, p. 309).

Não resta dúvida de que a linguagem possui a força necessária de redistribuir as relações entre os corpos (Lapoujade, 2014), isso porque o modo como nos valem da linguagem é nodal (Lacan, [1975]/2017). Desde que Deus ordenou que as coisas do mundo fossem nomeadas se instaurou a necessidade humana de nomear, a fim de trazer tudo o que há à existência e para propiciar a emergência da dimensão simbólica (Lacan, [1972-1973]/1985). É através do nome dado, das palavras, da trama significante, que a realidade ganha forma e os lugares que cada um ocupa na estrutura social são estabelecidos. O que “determina a vida dos seres falantes, tanto mais do que o peso do trabalho e de sua remuneração, é o peso dos nomes ou de sua ausência, o peso das palavras ditas e escritas, lidas e entendidas, um peso tão material quanto outro” (Rancière, 2014, pp. 146-147). E não custa lembrar que “o sujeito depende do significante e de que o significante está primeiro no campo do Outro” (Lacan, [1964]/1988, p. 195) e que, do mesmo modo que um significante vindo do Outro pode chamar o sujeito a falar, pode também petrificá-lo.

Desde o início de seu ensino, Lacan ([1953-1954]/1986) afirma que a palavra estabelece o sujeito humano, ela humaniza o homem, e que “um elemento essencial da realização do outro é que a palavra possa nos unir a ele” (p. 61). Ele ainda diz: “a troca simbólica é o que liga os seres humanos entre si, ou seja, a palavra é que permite identificar o sujeito” (Lacan, [1953-1954]/1986, p. 166). As palavras interferem diretamente nas relações possíveis entre as pessoas dando contorno à percepção sobre o mundo. É importante ter em conta que é possível que qualquer nome comum, qualquer palavra, se mostre bastante pessoal, pois “é próprio do nome ser nome próprio” (Lacan, [1971]/2009, p. 137). Bem sabemos que muitos nomes comuns são levados à análise como sendo particularmente próprios, nomes que lhes chegam do outro e que servem para dar uma falsa aparência de sutura ao seu buraco estrutural (Lacan, [1964-1965]/2006) – esses são pontos importantes: o nome é dado por um outro e qualquer palavra tem potencial de produzir marcas particularmente sensíveis.

É pela palavra que se constitui o “*tu és* em que o sujeito se situa e se reconhece” (Lacan, [1955-1956]/1985, p.186). Na medida em que o sujeito toma a palavra para falar de si, por intermédio de significantes que lhe chegam do outro, ele se torna idêntico àquele do qual ele fala (Lacan, 1998), montando um *corpus* linguístico pelo qual se reconhece e se faz conhecer. Assim, a palavra ou o significante teriam como função humanizar e ligar os homens, mas não somente isso. Lacan também adverte que, em sentido contrário e em consonância com o que tratamos acima, há “entre os seres humanos uma relação destrutiva e

mortal. Está aliás sempre aí, subjacente” (Lacan, [1953-1954]/1986, p. 205). Isto é, o ato de reconhecimento mediado pela palavra não exclui a possibilidade do atravessamento de uma relação voraz, autoritária e violenta. Dessa forma, tanto as palavras podem ensejar humanização, quanto ser instrumento de desumanização e ruína. Ao se interessar pelos modos como um sujeito relata a sua própria história por meio da linguagem, a psicanálise pode atestar que as palavras que escolhemos manejar para representar o mundo e a nós mesmos não são irrelevantes. As palavras pelas quais somos culturalmente definidos também não.

É justamente na linguagem que “os golpes ao nível da metamorfose semântica descobrem-se como pré-articulados nas camadas mais profundas da sintaxe política” (Faye, 2009, p. 141) em que as linguagens são pesadas como pertencentes à “materialidade da circulação social” (p. 143) que não cessa de produzir ações com matrizes ideológicas. Quer dizer que cada cultura estabelecerá quem pode ocupar cada categoria arbitrária criada por ela, bem como a representação que seus nomes serão autorizados a carregar: judeu ou ariano, *dalit* ou *brâmane*, negro ou branco, refugiado ou nativo, mulher ou homem, gay ou hetero, pobre ou rico etc. Aqui colocamos categorias em pares, mas, claro, pode haver diversas variações nos estratos. O que uma história ou uma palavra podem significar, o quanto de gozo⁴ pode estar investido em uma significação ou designação, são questões que só podem ser respondidas *a posteriori*. A despeito disso, podemos supor que, se as palavras que chegam até cada um são depreciativas e degradantes, há maior chance de, por uma contingência qualquer, se ligar a uma significação capaz de ferir a sua dignidade. De resto, não é descabido considerar que alguns ambientes culturais podem favorecer a mobilização de excessos de gozo (Caldas, 2015). Freud já dizia que “o Eu é determinado, sobretudo, pelo diretamente vivenciado, portanto, pelo acidental e pelo atual” (Freud, [1940]/2014, p. 21). Ou seja, estar na cultura significa estar suscetível aos atravessamentos produzidos por ela.

Antecipando um pouco os efeitos da política nazista sobre a linguagem, a fim de não ficarmos somente no plano abstrato, reproduzimos um relato sobre a repercussão da linguagem nos sonhos de alemães, a partir do registro de Charlotte Beradt (2017) em seu livro *Sonhos no Terceiro Reich*. Durante os primeiros anos do regime nazista, quando a violência pela linguagem já era amplamente propagada, Beradt percebeu alterações em seu próprio trabalho onírico e decidiu investigar se isso estava ocorrendo com pessoas do seu entorno, o que, de fato, estava. Entre os anos de 1933 e 1939, Beradt recolheu cerca de trezentos sonhos. O que os relatos revelaram é que, desde o início de sua implementação, a linguagem nazista

⁴ O gozo lacaniano aqui é lido como a libido mais a pulsão de morte (Miller, 2006).

produzira efeitos de degradação simbólica e quanto mais dissimuladas eram as violências inseridas na vida cotidiana, mais vívidos e intensos eram os sonhos. Eis um deles: um judeu alemão assimilado, advogado notório, sonhou que procurava um lugar para se sentar em uma praça. Ele não se assenta no banco designado aos judeus, nem no dos alemães, mas sobre uma lixeira. Em seu pescoço, pendura o cartaz: “cedo lugar ao lixo, se necessário⁵” (Beradt, 1968, p. 135, tradução nossa). Vemos no sonho a representação de um não-lugar, nem judeu e nem alemão, e uma posição humilhante e desconfortável, correlativa à de um dejetivo, que ele precisava assumir cotidianamente e da qual, nos informa Beradt, ele não se recuperou. A política nazista se infiltrou na subjetividade de algumas vítimas que passaram a se reconhecer como escória, uma consequência pretendida pelo novo arranjo social. É desse modo que o processo de desumanização leva o crédito não somente por manter o grupo interno separado do externo, como também por distanciar o grupo externo de sua humanidade. As repetidas campanhas de desumanização tinham como objetivo justamente a “rendição forçada da própria humanidade do alvo” (Wilkerson, 2021, p. 153). É capital que saibamos que a “época é um limite que não pode ser ultrapassado por ninguém (...) [e que] a subjetividade é transindividual” (Miller, 2018b, pp. 33-34). Ou seja, nem mesmo os mais distraídos passam ilesos pelo tempo/lugar que os circunda. É para isso que Freud ([1930]/2020) nos chama a atenção ao apontar para o Supereu-da-cultura como instância de regulação moral. Todo o sistema presentificado na linguagem comum alemã era utilizado para servir somente a uma raça, aquela em que, teoricamente, corria o sangue nórdico e sobre a qual versavam os mitos e as fábulas (Klemperer, 2009). Voltaremos a isso.

Lacan ([1953-1954]/1986) afirma com Hegel que o nome/conceito é o tempo das coisas. Isso implica dizer que a nomeação é capaz de alterar, pelo tempo que persistir o nome e a sua significação, a percepção sobre aquilo que é nomeado. Os nazistas sabiam que as palavras não preexistem em uma realidade que garantiria o seu sentido, como se estivéssemos diante de um dicionário imutável. As palavras se transformam a partir do uso que é dado a elas (Agamben, 2021). Eles, os nazistas, foram hábeis em manipular a língua alemã de várias maneiras, por exemplo: quando diziam que fariam uma revolução nacional-socialista, eles lançavam mão “de uma nominação comprovada dos grandes acontecimentos modernos (a Revolução de 1792, ou a Revolução bolchevista de 1917)” (Badiou, 1995, p. 82). Porém, somente na inversão de sentido é que a palavra Revolução poderia ser aplicada ao que acontecia na Alemanha. Usando significantes conhecidos “sem os quais não teria discurso

⁵ “I make room for trash if need be.”

próprio nem linguagem política constituída” (Badiou, 1995, p. 82), os nazistas buscavam transmitir alguns traços que o léxico carregava, mas sem firmar compromisso com as significações correspondentes já estabelecidas. Como é o caso da palavra em análise ‘revolução’ que aponta para a ruptura com a ordem anterior ou o apoio às massas e ao trabalhador. Longe de aspirar uma ruptura, os nazistas pretendiam conservar a ficção *völkische* – crença do povo como unidade de vida biológica natural, associada ao conceito de raça –, a revolução conservadora nazista era, na verdade, uma contrarrevolução reacionária (Faye, 2009). E claro, “a palavra “socialismo” é uma vítima como qualquer outra, obtida através de roubo e assassinato” (Mann, 2009, p. 176). Mais uma palavra cujo significado foi desvirtuado pelo bem do movimento.

Antes de avançar a discussão sobre a linguagem nazista e como ela contribuiu para legitimar a exclusão e a desumanização de uma camada da população, tatearemos uma questão impossível de ser satisfatoriamente respondida neste trabalho. A pergunta foi formulada por Freud em carta à Zweig: “pergunto-me, como os judeus se tornaram o que são e porque atraíram para si este ódio inextinguível?” (Fuks, 2000, p. 88). O próprio Freud ([1939]/2018) buscou construir algumas respostas, não definitivas, a essa questão em *O homem Moisés e o monoteísmo*. Porém, é próprio dessa formulação permanecer em aberto, em especial porque “os motivos mais profundos do ódio aos judeus estão enraizados em épocas longínquas, agem a partir do inconsciente dos povos” (p. 129). Apesar disso, existem muitas hipóteses que, por aproximação, tentam explicar o porquê de terem sido os judeus e não outros grupos que, privilegiadamente, foram objeto do ódio disseminado pela política nazista. Alguns pesquisadores afirmam que “os primeiros antissemitas modernos foram porta-vozes da antimodernidade” (Bauman, 1998, p. 67). Modernidade que os judeus abraçaram no aspecto internacionalista, industrial, econômico, tecnológico e, em parte, nos costumes. É preciso dizer que os judeus, como povo da diáspora, estavam sempre em uma posição litoral, “entre dois”, partilhando a identidade do Povo do Livro, cuja pátria portátil seria a própria Torá e os comentários sobre ela, e a da nação em que viviam (Fuks, 2000; Rabinovitch, 2004). O fato de serem um povo fruto de migrações forçadas ao longo dos séculos também foi usado como argumento contra os judeus, pois se dizia que eles estavam sempre em cima do muro, exercendo a sua invisível influência; sempre dentro e fora (Bauman, 1998). O exercício de velada manipulação política e econômica pelos judeus foi, e ainda é, uma invenção com grande viscosidade. A verdade é que, como estrangeiros, os judeus estavam mais livres das amarras e hierarquias da aristocracia dos países em que viviam e tendiam a defender valores

mais universais como os direitos humanos, do que a moral patriótica ou nacional. Uma posição que em nada favorecia os detentores de poder local.

A título de exemplo, um modernismo incômodo para os nazistas que podemos julgar curioso é encontrado no livro *Mein Kampf* (Minha luta), de Hitler. Ele denunciava que os judeus ameaçavam os alemães através de uma criação infame: a emancipação feminina e, justamente, pela democracia sexual, os judeus pretendiam roubar as suas mulheres (Fuks, 2000). Nesse caso específico parece que o incômodo modernista em questão está voltado ao que se convencionou chamar de conservadorismo “dos costumes”. O que surge nessa acusação é uma face do conservadorismo que visava preservar as estruturas de poder e dos modos de vida, impedindo que as representações associadas ao nome “mulher” ou “feminino”, sofressem alteração. Posturas modernistas como essa, ligadas a teorias conspiratórias de toda sorte, contribuíram para que os judeus fossem vistos como potencialmente desestabilizadores do *status quo* nacional (Bauman, 1998). A harmonia da cultura passaria, portanto, pela anulação desses agentes do caos.

A posição *avant-gardiste* foi abraçada pela comunidade judaica de maneira irregular e assimétrica. Algumas se tornaram mais secularistas que outras e há diversas gradações de manutenção das tradições religiosas que geraram rupturas, a partir das quais “decerto sobrevieram muitas crises e muitas dificuldades de comunicação entre os judeus que prezavam a tradição e os que aspiravam à assimilação” (Fuks, 2000, p. 26). Por isso se diz que as comunidades judaicas são heterogêneas no espaço e no tempo. Elas, em partes variáveis, mantêm as tradições ancestrais e, em outras, carregam elementos da assimilação à qual foram expostas nos países em que criaram raízes. Cabe notar que as condições políticas, sociais e culturais das comunidades judaicas dependiam, principalmente, dos governantes dos países em que elas se encontravam. A depender do posicionamento dos judeus frente à cultura e da disposição dos chefes de Estado das nações em que residiam, era possível que fossem melhor ou pouco integrados.

A satisfatória integração da comunidade judaica em vários países tomados pelos nazistas, incluindo a Alemanha, fez com que muitos judeus fossem pegos de surpresa ao serem identificados como párias. Os últimos 150 anos dos judeus na Europa Central e Ocidental estavam entre os mais profícuos, “eles não podiam imaginar uma vida judaica fora dos quadros da civilização europeia, como não podiam imaginar uma Europa *judenrein* [limpa de judeus]” (Arendt, 1999, p. 171). Apesar de não podermos atribuir aos alemães a criação do antissemitismo, a versão por eles inaugurada se destacou por ter características próprias e correlacionadas: 1. a virulência com que se espalhou numa época em que só se

tinha notícia de casos de violência isolados e esporádicos; 2. diferente das versões anteriores, o antissemitismo alemão não era fruto de uma revolta popular espontânea, ele se apresentava com roupagem moderna e como um dispositivo estatal – os nazistas tiveram o demérito de tornar o racismo de alguns em uma política de Estado; 3. há a introdução de argumentos pretensamente científicos que trazem o conceito de raça propriamente dito. Assim, o ódio aos judeus deixa de ser consequência do âmbito da fé em que a conversão e a aceitação dos costumes nacionais apaziguavam a fúria dirigida aos judeus. Quando o que está em jogo é o sangue e a ideia de raça, não há conciliação possível (Klemperer, 2009).

Enquanto o nazismo ganhava força, muitos judeus se sentiam tão alemães ou tão poloneses ou tão austríacos quanto qualquer outro cidadão. Muitos lutaram e foram condecorados durante a Primeira Guerra Mundial ou ocuparam cargos de prestígio na comunidade. O nome judeu, nesse período, salvo desencontros mais pontuais, não indicava uma designação pejorativa. Klemperer (2009), por exemplo, afirmava se sentir seguro da sua germanidade e de sua condição superior europeia. Ele não tinha dúvida de sua pertença à comunidade humana até que os nazistas começaram a segregá-lo junto a outros judeus. Nesse momento, podemos supor, os judeus tiveram a primeira de muitas experiências de desenraizamento, ou seja, uma “perda do solo firme da cultura ou da forma de vida na qual o sujeito forma seus desejos, atitudes, crenças e julgamentos básicos” (Costa, 2019, p. 117). Einstein também oferece um testemunho semelhante: ao chegar em Berlim, em 1929, descobriu, graças aos não-judeus e à propaganda nazista, que era judeu (Fuks, 2000). A dura experiência de Einstein na Alemanha parece tê-lo deixado particularmente sensível às políticas segregacionistas norte-americanas. Ele disse durante a temporada que passou nos Estados Unidos: “sendo judeu, talvez eu consiga ter empatia e entender como os negros se sentem como vítimas de segregação” (Wilkerson, 2021, p. 384). O próprio Freud, em 1926, em meio à crescente do nazismo e antissemitismo disse em entrevista ao escritor e futuro aliado dos nazistas, George Viereck, que reconhecia que a sua língua, cultura e vínculos eram alemães, ele próprio se considerava intelectualmente um alemão até perceber o aumento do preconceito antissemita “na Alemanha e na Áustria alemã. Desde então prefiro denominar-me judeu” (Freud, [1926]/2019, p. 320). Estamos diante de três judeus assimilados, não praticantes do judaísmo, que, em meio à opressão e à violência racista, se percebem ligados à judeidade⁶ de um modo que não estavam até então.

⁶ A judeidade diz respeito ao “modo como alguém se afirma judeu subjetivamente, mesmo quando afastado inteiramente da religião” (Fuks, 2007, p. 65).

Com o recurso a esses recortes pretendemos indicar que houve uma nova significação imposta pelos nazistas a uma palavra que os sujeitos já se valiam para se identificarem. Ou, ainda, que pouco os representava, mas que passou a convocá-los a se reposicionarem subjetivamente, de algum modo, diante do significante ‘judeu’. Diante da alegada ameaça judaica, além de se servir do movimento antimodernista, o nazismo buscou no romantismo alemão elementos de glorificação do povo germânico – aquele que possui todas as características do que tem valor real –, e de recusa radical à alteridade. Não havia, a princípio, no romantismo alemão, nenhum sentimento de supremacia racial (Klemperer, 2009). Esse contorno moderno o nacional-socialismo ofereceu à germanidade. A construção do homem ariano no romantismo alemão se baseia na filologia e “aspira à falta de limites, ultrapassa e elimina fronteiras, joga com símbolos e também libera a especulação nas ciências naturais” (Klemperer, 2009, p. 226). Apesar de não haver referência à pseudociência no romantismo alemão, em germe, já era possível encontrar ali “o destronamento da razão, a animalização do ser humano, a exaltação da ideia de poder, do predador, da besta loura...” (Klemperer, 2009, p. 228). Em agosto de 1941, o escritor alemão Thomas Mann transmite da Inglaterra, pelas ondas do rádio, o informe:

Admito que isso que se chama de nacional-socialismo tem raízes profundas na vida alemã. É a forma virulenta de degeneração de ideias que sempre trouxeram em si o germe da corrupção assassina, ideias de modo algum alheias à boa e velha Alemanha da cultura e da formação. Aí elas viviam nobremente, chamavam-se “romantismo” e deixaram o mundo fascinado. Pode-se muito bem dizer que elas decaíram, que estavam destinadas a decair, visto que foram desembocar num Hitler. Somadas à incrível adaptação da Alemanha à idade da técnica, elas formam hoje uma mistura explosiva que ameaça toda a civilização. Sim, a história do nacionalismo e do racismo alemão que resultou no nacional-socialismo é longa e terrível; ela vem de longe, é interessante no início e se torna cada vez mais vulgar e abominável (Mann, 2009, pp. 48-49).

Por meio de narrativas fantásticas o nacional-socialismo fazia parecer que aquilo que era estabelecido de forma histórica decorria de uma ordem mitológica, ou seja, como um ordenamento da natureza e, portanto, imutável (Rousset, 2016). No mito é encontrado o saber sobre o povo ariano que ocupa um lugar comparável ao da religião no que diz respeito à exigência de uma crença que não pede compreensão, e sim fé. A psicanálise nos ensina que os mitos “estão entre a dominação e o conhecimento da natureza, e isto lhe confere uma eficácia simbólica. (...) Freud rompeu com a avaliação negativa da razão sobre o mito ao designá-lo como uma narrativa, de alto valor social e individual” (Fuks, 2000, p. 59). Valores que o regime nazista soube explorar. A política nacional-socialista difundia o valor e a convicção partilhados coletivamente de que os arianos eram herdeiros de uma ancestralidade potente, que atestava a promessa de um futuro triunfante. Empregava-se um roteiro sedutor que não

titubeava ao oferecer uma visão de mundo completa e de fácil apreensão, além de aparentemente sem furos, coerente e livre de contradições, um oásis em meio à desorientação dos tempos modernos (Gagnebin, 2006).

Há um curioso paradoxo na construção dos relatos fantásticos que inspiraram os nazistas: “quanto mais fabulosos, mais irrealis, mais *imaginários* são os discursos narrativos, mais eles têm chance de cair no âmbito de uma análise facilmente formalizável (ou *estrutural*)” (Faye, 2009, p. 123, destaque do autor). Ou seja, quanto mais absurdo, precário e grosseiro é o dito, mais se aproveita a sua base esquemática e mais rápido ele se espraia. É a lógica do “*credo quia absurdum*”, ou seja, “creio porque é absurdo” (Freud, [1930]/2020, p. 362). O uso de tal estratégia não deveria surpreender, afinal, Hitler havia escrito em seu livro que para uma mentira ser bem-sucedida, ela deveria ser colossal (Arendt, 2012). Nem essa declaração precaveu as pessoas de se deixarem levar pelos seus simulacros de verdade. Infelizmente, aprendemos “que o nosso intelecto se engana facilmente sem algum aviso, e que em nada acreditamos mais facilmente do que naquilo que, sem consideração pela verdade, vai ao encontro de nossas ilusões que envolvem desejos” (Freud, [1939]/2018, p. 178). A proposição vale tanto para os alemães quanto para as vítimas, como veremos.

Se em alguns momentos era necessário revestir eventos cotidianos com roupagens quiméricas, em outros era preciso inventá-los. Ou seja, aquilo que o regime totalitário não conseguia estabelecer pelos fatos, ele criava para os cidadãos totalitários. Sua força residia justamente nisto, na possibilidade de transmissão e convencimento de inverdades, de fazer crer a despeito do que se via (Todorov, 2017). As reflexões de Koyré ([1943]/2019) sobre a mentira nos ajudam a entender melhor o seu uso no contexto político moderno, que os regimes totalitários incrementaram – e seguem incrementando – com todo arsenal técnico disponível. Como bem observou Hannah Arendt (2016b), é na modernidade que a mentira alcança pleno termo, em que não se pretende apenas esconder a realidade, mas substituí-la. Koyré ([1943]/2019), indica que, usualmente, admite-se o uso do engano em guerras, mas que nem todas as guerras são estabelecidas entre nações e povos distintos. Algumas se dão dentro de um território compartilhado em que as posições se dividem sob a alcunha do “nós” contra “eles”. Nesses casos a diferenciação se torna mais sutil e os perigos, por conseguinte, mais densos. Os “nós” totalitários tendem a se organizar como um grupo secreto ou, mais precisamente, como um grupo de segredos que sustenta traços característicos acentuados que o diferenciam dos outros que o acercam: os inimigos. Pertencer a esse grupo de segredos é considerado motivo de orgulho e privilégio, pois somente os seus membros teriam acesso à verdade verdadeira, por assim dizer.

Em relação aos demais, a “eles”, a regra é “não dizer – nunca – o que se pensa e o que se crê; implica também: dizer – sempre – o contrário” (Koyrè, [1943]/2019, p. 126). Como os totalitários se sentem cercados por inimigos mais fortes do que eles, usam a mentira como arma na intenção de enganar. Voltemos à confissão de Hitler sobre a mentira. Ele foi capaz de dizer isso e muito do que pretendia fazer aos judeus porque presumia que não lhe dariam crédito, que somente os iniciados (os “nós” totalitários) saberiam compreender as suas palavras e “foi precisamente dizendo-lhes a verdade que ele estava certo de enganar e anestesiar os seus adversários” (p. 127). É a lógica da “conspiração às claras (...) própria à época democrática da civilização de massas” (p. 128) em que, também a verdade, é utilizada para enganar. Quando o discurso totalitário é questionado é possível apontar para “a diferença sempre possível entre o dito, o dizer e o querer-dizer, os efeitos da língua, da retórica, do contexto” (Derrida, 1996, p. 9). Ou seja, pode-se apelar para frases como: “não foi o que eu quis dizer”, “tiraram do contexto”, “quem me conhece sabe” e assim segue. Enquanto os totalitários fazem das palavras armas, “eles”, os inimigos, ficam atônitos sem saber no que acreditar, sem ter em que se fiar, sem conseguir discernir mentira de erro. Apesar do pretensão compartilhamento de segredos entre os membros do grupo totalitário, a verdade sobre as suas ações pertence à elite dos iniciados. A massa crédula tem acesso a uma ou outra informação e não percebe as contradições do que lhe chega aos ouvidos, ela não questiona. Desde que lhe seja dado um objeto para odiar e temer, e que as coisas lhe sejam ditas insistentemente, ela segue satisfeita.

Tal estrutura não parece muito diferente da que encontramos largamente na atualidade em discursos, mas não somente. Somados a esses, temos elementos com características mais modernas e tecnológicas como os *tweets* e os grupos em aplicativos de trocas de mensagens que fazem circular toda sorte de *fake news* e de *memes* com imagens que visam substituir as cenas da realidade. O mal uso de inteligência artificial e as *deepfakes*, cada vez mais simulam a realidade de modo a fraudar a percepção sobre a verdade. Se por um lado é fato que nem sempre os algoritmos levam ao pior, por outro, parece ser o caso de atentarmos para a sua instrumentalização para fins de alienação e de desintegração da democracia. As câmaras de eco nos espaços virtuais reverberam o viés de confirmação de crenças, medos e ideais; e funcionam a partir de sua própria regulação moral, pois possibilitam que bolhas de (des)informação operem sem que haja intervenção do contraditório – quando esse insurge, é ativamente desacreditado – criando um campo de difícil deslocamento e propenso ao extremismo. Nas câmaras de eco, os supostos culpados pelos problemas da cultura são nomeados e a eles são associadas representações depreciativas e desumanizadoras, além de

serem estabelecidas as ações consideradas aceitáveis contra com esses grupos. Nesse contexto os impulsos agressivos aparecem e a capacidade intelectual crítica se mostra diminuída. Trata-se de um ambiente propício para a formação da massa psicológica (Freud, [1921]/2011). Aqueles identificados massivamente e de maneira homogeneizada tendem a fazer desaparecer a consciência moral e o sentimento de responsabilidade, e, infelizmente, sabemos que a massa renuncia à história, à memória e à razão para se submeter ao mestre e “ao poder realmente mágico das palavras” (p. 149) e das imagens, podemos acrescentar. Dos efeitos das formações de massa citados, gostaríamos de destacar a alteração no repertório sobre a moral.

As comunidades humanas forjam um Supereu cultural fundado nas impressões deixadas por homens a quem tomam como representantes do ideal do Eu (Freud, [1930]/2020) e, lamentavelmente, temos visto um número crescente dessas figuras apresentarem um perfil “viril” autoritário e violento. Espaços hermeticamente fechados como os das câmaras de eco, podem ser férteis para a criação de um Supereu-da-cultura de nicho aos moldes totalitários. No seio de uma mesma sociedade esse elemento regulador da moral divide espaço e rivaliza com outros repertórios culturais sobre a moral, por isso a extrema-direita lança apelos à ideia de uma guerra cultural para a qual todos os membros da massa devem estar preparados. O polo político autoritário que vemos se instalar em vários países do mundo carrega ideais culturais e morais semelhantes, pois tomam os mesmos inimigos imaginários (os comunistas e os estrangeiros, por exemplo) e confundem a realidade que fabricam com o mundo externo. As inverdades partilhadas internacionalmente produzem uma falsa impressão de confirmação às massas totalitárias e servem tanto para enaltecer miticamente os líderes e seus ideais, quanto para desumanizar aqueles que são considerados inimigos. Desse modo eles engrossam a rede de mentiras ao mesmo tempo em que constroem um mundo com aparente densidade, mas que não tem consistência fora das bolhas. As proposições: “nunca se mentiu tanto quanto em nossos dias. O poder performativo ganha status elevado. Nunca se mentiu de uma maneira tão descarada, sistemática e constante” (Koyrè, [1943]/2019, p. 120), parece se atualizar a cada época em que se agrega uma nova porção de engano. Tamanha a profusão de mentiras em circulação que há quem nomeie a nossa época como a era da pós-verdade, cujo apelo a crenças e a afetos favorecidos por notícias falsas têm mais exposição do que os fatos verificáveis (Teixeira, 2021).

Lançando mão dos recursos disponíveis em sua época, os nazistas montaram estratégias de engano a fim de reforçar os seus feitos sempre considerados “históricos” (Klemperer, 2009), comparáveis apenas aos relatos míticos. Os textos fabulosos corrigiam as faltas históricas, transmitiam os traços de racismo, apresentavam o herói nacional e

denunciavam a chegada de párias, bem como tornavam possível e justificavam “a instituição da castração organizada na linguagem” (Faye, 2009, p. 127). Nesse movimento, algumas mentiras sobre os judeus – os párias – foram reacendidas. Uma delas é a teoria conspiratória de 1905, *Os Protocolos dos Sábios de Sião*, cuja invenção propagava que um grupo de judeus estaria tramando dominar o mundo – calcada na lógica da invisível influência mencionada anteriormente – por meio de manipulação econômica, do controle dos meios de comunicação e do fomento de conflitos religiosos, causando com isso toda a sorte de males (United State Holocaust Memorial Museum | Os protocolos dos Sábios de Sião). Essa é mais uma construção fictícia que colocava na conta dos judeus os males modernos e a desestabilização do cenário mundial, ao mesmo tempo que lançava os alemães na posição de vítimas que precisavam se defender da investida. Algumas mentiras têm aderência o suficiente para que se prolonguem ao longo do tempo. Infelizmente, essa é uma delas, que segue sendo propagada e também desmentida, mas nunca suficientemente.

Com todas essas artimanhas, os nazistas estabeleciam uma batalha paralela à guerra de conquista: a de informação. Esse é um traço conhecido do totalitarismo que visa o “controle da totalidade da vida social, de tudo fazer depender da vontade daqueles que detêm o poder” (Todorov, 2017, p. 369). O Estado total em suas diversas formas busca aniquilar as autonomias, “o *total* alemão traduz o *totalitarismo* italiano” (Faye, 2009, p.68) que o antecede. O totalitarismo é “uma ordem social em que, embora não haja nenhuma lei (nenhuma legalidade positiva de validade universal, estabelecida de forma explícita), tudo o que é feito pode passar, a qualquer momento, por algo ilegal e proibido” (Žižek, 1991, p. 157). Aí está o alcance da proposição lacaniana de que “se Deus não existir, então absolutamente mais nada é permitido” (Lacan, [1954-1955]/1985, p. 165) ou seja, tudo é proibido. Razão pela qual há sempre a perigosa possibilidade de ser acusado de ser um transgressor de uma lei inexistente.

Apesar de se inspirar no fascismo italiano, a versão alemã carrega a sua própria forma mortal (Klemperer, 2009). O ponto central da pretensa revolução não era outro que não a totalidade da raça e o referente absoluto de valor infinito ao qual os outros referentes se subordinavam era a morte (Faye, 2009). Mas não a morte como tal, pois, como disse Claude Rimbant, “a essência do fascismo não é o sacrifício da vida, mas matar a morte, fazer reinar a morte da morte, infectando com isso a vida, que perde assim todo sentido outro que a força pura” (Seligmann-Silva, 2000, p. 93). O que se desdobra dessa lógica é o Estado se autorizar a produzir uma vida matável que não mereceria ser vivida (Agamben, 2008) e que não poderia nem sequer ser lembrada, pois uma vida matável rende uma existência desumanizada e

refratária à memória (Seligmann-Silva, 2021). Toda a construção de linguagem de evocação dos mitos, de falsificação da história e de apelo ao medo à ameaça judaica, visava construir a possibilidade de fazer existir uma vida eliminável. Os nazistas estavam dispostos a verter o próprio sangue na luta contra os inimigos da nação, mas principalmente, estavam prontos para derramar o sangue dos outros, o aniquilamento era a sua principal referência (Faye, 2009).

Algumas palavras ligadas ao antissemitismo, ao romantismo alemão e ao racismo pseudocientífico – ou biologia aplicada (Cytrynowicz, 2003) – populares desde o Iluminismo, foram formalizadas e sistematizadas, principalmente, durante o século XIX. Tais expressões circulavam livremente, de modo que não era incomum ouvir Freud ou seus contemporâneos usarem locuções como “raça judaica”, “semitismo”, “pertencimento racial” ou falarem sobre as diferenças entre judeus e arianos, “o que, diga-se de passagem, mostra até que ponto os delírios filológicos do século XIX tinham sido levados a sério” (Roudinesco, 2010, p. 103). Freud ([1920]/2020) evocou, sem endossar, uma noção conceitual de Nietzsche, amplamente utilizada pelos nazistas, que trabalharemos a seguir a: *Übermensch*, “super-humano” (p. 145). No início da década de 1920 as ideias nazifascistas circulavam por Viena, e Freud teria dito à princesa Marie Bonaparte que identificava nesse “fenômeno de massa o retorno de uma política obscurantista, tendente à união da maioria e à exclusão da alteridade” (Fuks, 2011, p. 44). Um fenômeno que ele observou e sistematizou em 1921, através do trabalho *Psicologia das massas e análise do Eu*, ao qual já fizemos referência. Freud identificou com agudeza “o retorno da religião ao político” (Fuks, 2011, p. 50). Claro que o elemento religioso não poderia ficar de fora e isso pode ser visto em mais de um sentido: na devoção religiosa ao líder e na substituição da nação eleita.

Os nazistas queriam destituir os judeus do lugar de povo eleito, produzindo “uma imitação perversa da *imagem* do povo judeu” (Roudinesco, 2010, p. 131). O próprio Hitler confessou a rivalidade imaginária: “não pode haver dois povos eleitos, somos o povo de Deus” (Fuks, 2000, p. 95). Uma espécie de ciúme intuído por Freud ([1939]/2018): “arriscarei a afirmação de que a inveja do povo que se declarou filho primogênito e favorito de Deus-Pai ainda não foi superada pelos outros povos” (p. 129). Não apenas o lugar de eleição teria sido objeto de interesse nazista, eles também ambicionavam substituir a religião semita – desprovida de heroísmo – pela religião germânica (Klemperer, 2009). Na tradição judaica a história contada não é exclusivamente a dos vencedores. Narra-se também as inúmeras ruínas dos perdedores. Pode não ser sempre uma “uma história agradável, mas é de consistente e inflexível autoria própria” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p. 146). Apesar da tradição identificar grandes guerreiros como o Rei Davi e Josué, o heroísmo na cultura judaica diverge da

concepção dos gregos ou romanos e não se atrela à noção de virilidade. Ela se estabelece a partir de uma ética da responsabilidade (Rabinovitch, 2004). Uma responsabilidade ética que preconiza o cuidado de cada um pela coletividade. Tal ética se traduz, por exemplo, no pai de família comum que, não vislumbrando nenhuma outra saída, acompanha os seus “para uma sina incompreensível, demasiado assustadora para ser percebida claramente, porém, por demais pressentida para se furtar ao imperativo de uma presença protetora” (Rabinovitch, 2004, pp. 83-84). São fartos os relatos que testemunham sobre essa disposição corajosa de acompanhar os seus à morte durante a *Shoah*.

Na versão nazista o povo eleito deveria ser viril, tanto que uma das palavras prediletas dos nazistas era o adjetivo típico dos neorromânticos: *kämpferisch*, ou seja, combativo e agressivo, que reflete uma atitude de autoafirmação beligerante e se vincula a outras palavras importantes no léxico nacional-socialista: heroísmo e fanático (Klemperer, 2009). Os nazistas performavam o herói enquanto imagem para dissimular uma realidade desviante da heroica, em que a bússola das ações deveria ser a glória ou a honra. Não custa lembrar que o heroísmo é um conceito facilmente pervertido quando se esquece que seu objetivo é o sacrifício feito em prol de outros homens e não a satisfação do heroísmo em si (Todorov, 2017). Nessa mesma linha de associação, o termo fanático foi recoberto com o peso linguístico e afetivo da locução herói virtuoso, de modo que só era considerado herói e virtuoso quem fosse um nazista fanático (Klemperer, 2009). Tira-se, portanto, a conotação pejorativa originalmente associada à palavra fanático, mas se mantém a raiz do êxtase religioso próprio da devoção. Essa é uma construção de sentido produzida pelos nazistas, pois não havia a conotação positiva para o termo “fanático” antes da eclosão do Terceiro Reich. Convenientemente aos nazistas – e parece ser o ponto cobiçado pela reverberação da associação entre essas palavras – está embutido na ideia de herói uma necessidade de se mostrar sempre pronto e corajoso, em que está em jogo dois polos: “nós” versus “eles”, sem matizes (Todorov, 2017).

Sabemos com Freud ([1915]/2020) que a fundamentação do heroísmo baseia-se na convicção de que a sua própria vida não é tão valiosa quanto os valores da causa. Um atributo desejável e facilmente incorporado a essa leitura do fanático e combativo. Assim, o heroísmo nazista “tornou-se cada vez mais sinistro, mortal, cinzento como o aço, e cada vez mais longínquo, e nebulosa se tornava a esfera de onde acenavam a glória e o ideal” (Benjamin, 1986, p. 134). Se uma verdade muda os nomes (Badiou, 1995), podemos inferir que o principal efeito de um simulacro de verdade é o de mudar os significados, como se deu com a palavra herói e também revolução, para ficarmos com os termos já referenciados. Esse é mais um exemplo do modo com que, através de pequenas alterações no sentido das palavras, a

linguagem nazista empregava o seu vocabulário de forma religiosa aos seus devotos, os alemães nazistas, e aos não convertidos também.

As mudanças na língua alemã foram incorporadas aos poucos, em especial a partir de 1925, com a difusão de *Mein Kampf*, de Hitler, cujo conteúdo não se distingue de uma miscelânea ideológica de ocultismo, mitos pagãos, milenarismo político e pseudociência, que apelava para o irracional e jogava com sugestões (Rabinovitch, 2004). Por essa razão, o seu perigo não foi percebido logo que o livro foi lançado, somente após a *Shoah* e tomando as suas palavras ao pé da letra é que se percebeu a real ameaça contida em suas páginas (Koselleck, 2014). A despeito da mixórdia de elementos, em *Mein Kampf*, estava definida a linguagem e o fundamentalismo que orientariam o nazismo na busca de um Estado *völkische*, das chamadas comunidades naturais do povo. Em seu livro nada faltava: “o sangue e o solo, o espaço vital, o judeu como o eterno inimigo, os alemães que personificam “a mais alta humanidade na terra”, os outros países considerados abertamente instrumentos para o domínio alemão” (Levi, 2016, p. 146). Nada sobre a sua política estava nas sombras quando Hitler chegou ao poder, mas só os iniciados o levaram a sério. Apesar da pobreza intelectual de Hitler, a sua figura no centro do poder e da cadeia de comando que dispensava ordens escritas, facultou ao nazismo ser denominado hitlerismo (Cytrynowicz, 2003). Por tudo o que temos apresentado, podemos dizer que “mais que uma linguagem da política – existe uma política da linguagem” (Seligmann-Silva, 2005, p. 148) em jogo durante o tempo que vigorou o nacional-socialismo. A bíblia do nazismo colocou para circular as principais características do que ficou conhecida como a Linguagem do Terceiro Reich, a LTI, que incluiu não somente as palavras empregadas pelo regime, como também os cartazes, as bandeiras, as construções colossais e os demais modos de comunicar as ideias nazistas.

A força de sua penetração em parte se relacionava com a pobreza e o estilo monótono, próprios de uma linguagem de cárcere e, ao mesmo tempo, religiosa, que mantinha palavras secretas, ambíguas e cheias de falsificações (Klemperer, 2009). Ela também era marcada por deslocamentos semânticos, impregnada de adjetivos, superlativos e arrogância nacionalista e estereótipos linguísticos. Nascia e se espalhava a “novalíngua” cuja consequência na língua e na cultura alemã persistem e, “ao que parece ainda vai levar muito tempo para ser superada” (Seligmann-Silva, 2005, p. 148). Eichmann, em seu julgamento em Jerusalém, fez farto uso do “oficialês”, a linguagem utilizada entre os oficiais nazistas, que não passava de uma coleção de frases-clichês que reproduziam o modo de (não) pensar nazista (Arendt, 1999). Eichmann atribuía especial valor e importância a essas frases-slogans que ele ainda guardava na memória e as chamava de “palavras aladas” e os juízes chamavam de “fala vazia”

(Arendt, 1999, p. 121). Tomando como verdade que “a linguagem é a expressão de uma época (...) [e também] é o retrato de um tempo e de um país” (Klemperer, 2009, pp. 48-49), podemos considerar a LTI a linguagem própria das massas da era nazista.

Durante o Terceiro Reich o engano enquanto astúcia era concebido como virtude (Rabinovitch, 2004), razão pela qual, em nome de uma perspicácia violenta, os nazistas não chamavam as coisas pelos seus nomes. A inabilidade para mentir, naquele contexto, só tinha lugar enquanto sinal de fraqueza ou defeito. Já insinuamos que a mentira é “a arma preferida do inferior e do fraco que, enganando o adversário, afirma-se e vinga-se dele” (Koyrè, 2019, p. 120). Isso fica ainda mais evidente quando se avalia a linguagem que orbitava o domínio da morte. O nazismo travestiu o genocídio com expressões que não esclareciam as suas verdadeiras intenções. Eles deram o nome de “solução final” (*Endlösung*) à execução do genocídio dos judeus e chamaram de “tratamento especial” (*Sonderbehandlung*) o processo de extermínio; o extermínio também era chamado de cura (*Gesundung*) da Europa e de autopurificação (*Selbstreinigung*), tudo conforme as “regras de linguagem” (*Sprachregelung*) que visavam a ordem e a cooperação. As regras de linguagem eram “um codinome; significava o que em linguagem comum seria chamado de mentira” (Arendt, 1999, p. 101). A insistência nas metáforas de higiene, limpeza e purificação não eram aleatórias, pois reforçavam a construção da imagem identificável de seus inimigos como parasitas. Assim, a linguagem nazista fazia referência indireta à morte dos judeus enquanto, publicamente, transmitia um ideal de pureza (Gagnebin, 2006). Por meio da manipulação discursiva, então, o lugar dos atores sociais ia se desenhando. A língua alemã foi de tal modo violada pelos nazistas que algumas palavras passaram a ser evitadas após o fim da guerra (Roudinesco, 2010). Thomas Mann (2009) chegou a afirmar que “um dia a história terá uma opinião dividida sobre o que é mais repugnante, as ações ou as palavras dos nazistas” (p. 129).

A capilaridade e a força da linguagem nazista não se restringiram à população média, ligada ao partido nazista. Ela também podia ser encontrada na boca de opositores e das vítimas. Todos, dos operários aos acadêmicos, foram influenciados e reproduziram a LTI. Até para maldizer o nazismo fazia-se uso de expressões nazistas (Klemperer, 2009). Não causa espanto que a prioridade da educação nazista era a capacitação física em detrimento à formação intelectual, pois quem investe no pensamento não quer ser persuadido, como era a estratégia nazista, e sim convencido por meio de argumentos, o que é sempre mais trabalhoso. Nos regimes totalitários a retórica que inflama as paixões é preferível do que a argumentação que se dirige ao intelecto (Koyrè, [1943]/2019). Ademais, havia uma desconfiança e um desprezo em relação à intelectualidade. Havia no nazismo um centramento na oralidade,

influência do romantismo, que identificava na língua falada a expressão imediata da chamada alma de cada povo, o aspecto originário da vida (Seligmann-Silva, 2005). A língua falada, em especial ao ser difundida pelo rádio, tinha como eixo central a voz do *Führer* que propagava o modelo linguístico que “opunha-se de modo pragmático à cultura letrada – que era estigmatizada como sendo “judaica”” (Seligmann-Silva, 2005, p. 150). Novamente a germanidade coloca como contrapartida à sua ação, a judeidade.

Tão logo tomaram o poder, em 1933, foi fixada no léxico popular e erudito a linguagem nazista carregada de eufemismos e capaz de evocar tanto “ódios exacerbados” (Rousset, 2016, p. 73) quanto amor desmedido. Em termos gerais, a alma coletiva alemã identificada entre si, tomando o *Führer*, o guia da nação, como Ideal, se unia prontamente com “ódio selvagem” aos demais (Freud, [1921]/2011). O ódio, afeto anterior ao amor e força da coesão da massa, encontra no judeu o seu alvo preferencial por todas as razões expressas até aqui e outras mais. Bem sabemos que a mobilização de ódio concentrado contra um alvo específico pode “ter um efeito unificante e produzir ligações afetivas semelhantes, tal como a dependência positiva” (Freud, [1921]/2020, p. 173). Por conseguinte, não apenas os conceitos foram envenenados como também os afetos e, desse modo, a massa era confundida e seduzida (Klemperer, 2009). Freud, ao longo de sua obra, mostra quão necessária é uma análise “sobre os afetos, no sentido de uma consideração sistemática sobre a maneira como a vida social e a experiência política produzem e mobilizam afetos que funcionarão como base de sustentação geral para a adesão social” (Safatle, 2020, p. 450). O que pode ser constatado pela apreciação de que o afeto “tem uma estreita relação estrutural com o que é um sujeito” (Lacan, [1962-1963]/2005, p. 23). Isso porque a dinâmica afetiva do inconsciente está ligada ao modo de inserção do sujeito na linguagem, ainda que este não se reconheça na forma de Eu (Vieira; Bastos; Teixeira, 2017).

Ser capaz de agitar a linguagem a ponto de mobilizar os afetos é essencial em qualquer política da linguagem, pois são as palavras que transportam os afetos (Vieira, 2001). Engendrar afetos como o ódio e o medo estão na base da política da linguagem totalitária. Lacan (1998) afirma que os afetos são apêndices do recalcado (*Ansätze*). Ou seja, são extensão do significante no corpo (Vieira, 2001). Falar dos afetos, por conseguinte, é abordar os efeitos da linguagem sobre o corpo (Miller, 1990) e o modo como as palavras incidem sobre o corpo implica no sistema de determinações do sujeito (Ravanello; Dunker & Beividas, 2017), como temos indicado. O afeto tem função preponderante na vida psíquica na medida em que o seu encarceramento é o responsável “pelo isolamento de uma determinada lembrança, da malha de significações de uma história” (Vieira, 2001, p. 22). Porém, a sua

importância não está apenas na evocação do passado. Mesmo o registro de inteligibilidade do presente pode ser tomado a partir das palavras e significações disponíveis e autorizadas no contexto vivido, bem como pelos afetos suscitados. Resumindo: não é um detalhe menor a contaminação dos afetos, pois eles marcam os corpos e dão maior consistência às palavras.

A despeito da violência ativa pela e na linguagem, havia interesse nos primeiros anos do regime nazista, de se manter a aparência de legitimidade a fim de atrair investimentos estrangeiros, afinal, naquele período a Alemanha enfrentava grande instabilidade econômica. Preservava-se a fachada democrática enquanto um sistema hierárquico e segregatório de castas era montado. Como podemos observar em outros momentos históricos em que um líder autoritário assume o poder, o intuito de Hitler era “usar o método da democracia para destruir a democracia” (Wilkerson, 2021, p. 95). Infelizmente, há de se reconhecer que os nazistas foram hábeis em disfarçar a bestialidade com legalidade (Mann, 2009). Eles afirmavam, não sem ironia, fazer apenas o que a Constituição permitia, ou seja, *rechters* – palavra originária do alemão arcaico que significa ‘de acordo com a lei’ – e, não obstante, atacavam as instituições e as diretrizes de Estado que não lhes serviam (Klemperer, 2009). Além disso, investiam contra livros, jornais e opositores em geral, uma atitude não muito democrática. Poucos meses depois de Hitler chegar ao poder, de maio a junho de 1933, como oposição cultural, política ou religiosa a conteúdos considerados anti-germânicos, os nazistas devastaram bibliotecas e promoveram enormes fogueiras nas quais queimaram livros. Uma depuração pelo fogo, que incluiu publicações de Freud, e mostrou a agudeza das palavras proféticas do judeu convertido ao cristianismo, Heinrich Heine, cem anos antes: “Onde se queimam livros, acaba-se queimando as pessoas” (United State Holocaust Memorial Museum | Queima de livros). Nessa época a linguagem já era largamente usada na propaganda e nos discursos nazistas para definir e estereotipar quem era ariano e quem não era. Porém, não havia desdobramentos legais ou jurídicos sobre essa distinção.

Se num primeiro momento o discurso nazista apelava para um ideal nacional, a partir de 1933, “suas máximas de ação já não eram mais justificadas nacionalmente. Eram justificadas em termos de raça e de forma supranacional, cuja pretensão salvífica só se aplicava aos assim chamados super-homens [*Übermenschen*]” (Koselleck, 2014, p. 348). Era preciso tornar lei, produzir desdobramentos jurídicos, àquilo que a cultura passava a legitimar por meio da palavra. Nesse sentido, em junho de 1934, funcionários nazistas se reuniram para propor iniciativas que colocassem em prática a separação dos ditos homens/sobre-homens/super-homens, dos não-homens/sub-homens. A terminologia foi importada do eugenista norte-americano Lothrop Stoddard, a partir de um livro publicado em 1922, cujo

título pode ser traduzido por “A ameaça do sub-homem”, ou *The Menace of the Under-man*, no original. Houve muita pseudociência produzida pelos nazistas, mas houve também assimilação de material do chamado racismo científico produzido em outros países. Ainda durante a Primeira Guerra, por exemplo, a Sociedade Alemã pela Higiene Racial, que acompanhava à distância a produção dos cientistas norte-americanos, elogiou a sua dedicação em patrocinar pesquisas sobre higiene racial e em transpor o conhecimento teórico à prática (Wilkerson, 2021). Antítese à nomeação dada aos arianos, um termo usado pelos nazistas para definir os judeus foi *Untermensch*, subumano, uma designação que infere haver entre eles uma posição assimétrica e oposta.

Koselleck (2006) aponta três pares de conceitos assimétricos e desigualmente contrários, fruto de semânticas histórico-políticas, que interessam a esta discussão: o contraste entre helenos e bárbaros, a oposição entre cristãos e pagãos e, por fim, a assimetria entre homem/sobre-homem/super-homem e não-homem/sub-homem. Os conceitos antitéticos desiguais ajudam a confrontar as multifacetadas relações de fatos e intenções que se colocam entre os diversos grupos a eles submetidos. A partir da implantação desses pares assimétricos na cultura, posições são determinadas segundo critérios que colocam a categoria desigual como algo a ser recusado – aí reside a sua eficácia política. Observe-se que não se trata da mesma apreciação feita por Freud ([1910]/2019) no texto *Sobre o sentido antitético das palavras primitivas*. No texto freudiano havia interesse em destacar uma característica da linguagem dos sonhos, qual seja, não conhecer oposição ou contradição. A partir do trabalho do linguista Karl Abel, Freud demonstra que as raízes antigas da língua egípcia mantinham um duplo sentido antitético não excludente, ou seja, em um único hieróglifo estava mantida tanto a relação quanto a diferença entre duas significações opostas, como fracoforte. Já o que Koselleck (2006) apresenta nos conceitos antitéticos assimétricos, são as estruturas de argumentação assimétrica excludentes. Ou seja, são atribuídas significações para determinados grupos distintos de pessoas, em que, para um lado do par valer, aquele identificado como o seu oposto precisa ser eliminado. Anunciada a lógica do uso dos conceitos antitéticos, voltemos ao nosso polêmico par: homem/sobre-homem/super-homem e não-homem/sub-homem, pois é a partir da sua constituição que se estabelece quem será considerado pertencente à categoria “humanidade” e quem será lançado para fora.

O “gênero humano” foi considerado unidade política pelos estoicos e desde essa época o adjetivo inumano era utilizado para designar o marco desde o qual alguém podia ser considerado membro da comunidade humana e a partir de que ponto deixaria de ser reputada essa condição. O que estava em jogo no enunciado ‘inumano’ eram classes como a dos

animais e dos seres divinos. Havia, inclusive, uma hierarquia entre esses estratos em que, na base, ficavam os animais, tensionados ao meio aparecem os homens e, acima de todos, o deífico. A princípio, como determinação real que incide sobre todos os homens, o conceito de humanidade era neutro e politicamente cego. Mesmo quando considerado quantitativamente o termo não dizia nada além de “todos os homens”. Para que a referência à humanidade recebesse conotação política foi preciso primeiro determinar quem era ou não era marcado por esse significativo.

Até o Iluminismo, o conceito de humanidade predominante incluía uma qualidade religiosa em referência à humanidade de Cristo. Era considerada humana a face de Cristo que se contrapunha à divina. Com o enfraquecimento desse significado religioso, uma noção mais quantitativa “e com teor neo-humanista ou revolucionário, manifesta a exigência de autonomia que desde o século XVIII passou a ser inerente ao conceito de humanidade” (Koselleck, 2006, p. 222). Desse modo, o termo humanidade associado ao de autonomia converte-se em um conceito político e as figuras antitéticas começam a surgir. A partir do Iluminismo, portanto, ‘humanidade’ passa a ser encontrada na reivindicação de um atributo negado. Por exemplo: em discursos que apelavam para a restituição da humanidade nas fábricas que exigiam que os homens não agissem como homens e sim como máquinas; ou quando se denunciava que a humanidade era oprimida pelas relações desiguais burguesas. Nesse contexto, o conceito estava ao lado dos oprimidos como reivindicação de um traço considerado humano que havia sido negado por terceiros. Também durante o Iluminismo se estabeleceu uma comparação entre o rei e o homem, a partir da qual “ao confrontar o soberano com o homem, se pode declará-lo como não homem. Este é, na verdade, um caso extremo da polêmica iluminista, mas ele mostra a estrutura semântica de um par de conceitos de forma nova, que antes não pudera ser usada” (Koselleck, 2006, p. 224). Está ali incluída uma crítica à ordem social e uma tentativa de descreditar uma função política e, com isso, se instala potencialmente a figura do inimigo. O rei e as classes burguesas figuram como não homens ou sequestradores da humanidade do povo e devem ser combatidos. Manipulado politicamente o conceito passou a produzir consequências totalitárias.

Já a figura do super-homem surge no antigo culto aos heróis, que foi metamorfoseada pelo discurso religioso para incluir os “verdadeiros cristãos” e, através de deslocamentos, passou a considerar os cristãos os verdadeiros homens. Nessa esteira, por consequência, os hereges e pagãos foram classificados como não-homens e desprovidos de alma. Como é possível notar, o par cristão e pagão antecedeu historicamente a formalização do par em análise e dele recebeu influência. A partir do século XVIII o significado das expressões que

incluíam o super-homem e o não-homem é alterado, “no horizonte da “humanidade em si” elas se transformaram em conceitos de luta puramente política” (Koselleck, 2006, p. 228). O aumento ou a diminuição do valor de cada um dos termos antitéticos mudou ao longo do tempo e, algumas vezes, rapidamente. O ápice da virulência política da expressão super-homem (*Übermensch*) foi alçado pela pena de Nietzsche que, em referência ao termo, fazia alusão ao homem do futuro que haveria de superar o homem do rebanho democrático. Tal figura seria mais forte e superior ao homem do seu presente. Na construção especulativa, o super-homem fazia oposição ao homem, porém, na realização política do enunciado, o super-homem passou a ser colocado em comparação com o sub-homem a ser eliminado.

Respondendo a uma questão lançada na introdução, a *Shoah* foi possível não a despeito do Iluminismo, mas em razão dele. A modernidade e o Iluminismo só parecem contraditórios em relação ao que o nazismo implementou, mas eles são partícipes da montagem dessa possibilidade. Na construção da aplicação desses conceitos antitéticos pelo nacional-socialismo foram acrescentados “vários componentes: de uma forma aparentemente científica tratava-se de uma substancialização baseada na natureza, que politizava os conceitos de raça e de espécies” (Koselleck, 2006, p. 229). Por meio da linguagem e da construção de uma hierarquia artificial entre os coletivos de uma população, parece que, como no mandamento sorrateiramente modificado pelos porcos em *A revolução dos bichos*, a política humana tende a tornar alguns mais iguais do que outros, ou mais humanos do que outros. Em especial para a “antropologia totalitária” é incabível considerar a ideia de uma humanidade una e comum a todos os seres humanos, pois “entre um homem e um “outro homem” a diferença não é, para ela, uma diferença de grau, mas uma diferença de natureza” (Koyrè, [1943]/2019, p. 130).

Agora que exploramos um dos elementos que está no fundamento da política nazista, voltemos a junho de 1934, em que a questão imperiosa era transformar a ideologia em legislação. Os nazistas buscaram e localizaram sistemas jurídicos que tinham como mote a pureza racial, assentados em um suposto aparato científico e que garantiam, por exemplo: escolas diferentes para cada grupo étnico, identificação do grupo racial em certidões de nascimento e documentos oficiais, segregação em ambientes e transportes públicos e casamento inter-racial convertido em crime punível por lei. Na época, foi dito pela imprensa nazista que era “especialmente importante saber e ver como um dos maiores Estados do mundo com linhagem nórdica já tem uma legislação racial plenamente comparável à do Reich alemão” (Wilkerson, 2021, p. 92). O Estado em questão era os Estados Unidos da América

que causavam admiração ao *Führer* pelo massacre dos indígenas nativos e pelos linchamentos, torturas e mutilações infringidos publicamente aos afro-americanos.

A legislação norte-americana se tornou um dos principais precedentes estrangeiros para que o regime nazista escrevesse o seu próprio corpo jurídico racista. O fascínio provocado pelos americanos se dava, em especial, por conseguirem “manter um ar de grande inocência na esteira das mortes em massa” (Wilkerson, 2021, p. 94), que a própria população admitia como naturais. Uma nação justa, esclarecida e democrática? Certamente não para todos. Em 1830, o escritor francês Alexis de Tocqueville observou, após conhecer a América pré-Guerra Civil, que “a superfície da sociedade americana está coberta por uma camada de tinta democrática” (Wilkerson, 2021, p. 92). Provavelmente os norte-americanos de hoje não veem semelhanças entre os sistemas da época, mas os nazistas reconheciam os paralelos. O que os nazistas não compreendiam era o porquê de os judeus não estarem entre os grupos excluídos nos Estados Unidos. Sobre o uso de legislações para segregar e excluir uma parcela da população vale a pena avaliar a comparação proposta por Isabel Wilkerson. No livro *Casta*, Wilkerson (2021) propõe o uso do significante que dá título ao volume na avaliação da infraestrutura arbitrária e artificialmente construída para classificar, de modo rígido, o valor de grupos de seres humanos. Ao se fixar uma classificação, a supremacia de uns e a inferioridade de outros, baseada na ancestralidade ou traços inalteráveis, estaria garantida. Apesar de não ser um termo recorrente em português, ‘casta’, porquanto designa um sistema rígido de estratificação social, permite comparações que interessam aos desdobramentos dessa pesquisa e é mais preciso do que o vocábulo raça.

Três sistemas de casta são analisados e comparados por Wilkerson: 1. O sistema da Alemanha nazista extremamente violento que durou, formalmente, pouco mais de uma década; 2. O sistema indiano que segue pouco alterado há milênios; e 3. O sistema norte americano que durou séculos, e cujos efeitos ainda se fazem sentir, em especial para os afro-americanos. Esses são sistemas singulares, mas que mantêm semelhanças na lógica que os sustentam. Cumpre esclarecer que os conceitos de “casta e raça não são sinônimos nem mutuamente excludentes. (...) A raça é o que podemos ver, os traços físicos que receberam significado arbitrário. (...) A casta é a poderosa infraestrutura que mantém cada grupo em seu lugar.” (Wilkerson, 2021, p. 32). É como se a casta organizasse uma série de estratos de conceitos assimétricos, mais ou menos conciliáveis, que compõem uma sociedade de modo hierarquizado e tem em seu ápice o homem em sua plenitude, ou o sobre-homem, e na base o não-homem. É autorizado aos que estão nos níveis mais altos da hierarquia gozar dos corpos e da força do trabalho dos que estão nos níveis inferiores. Por ser arbitrário, os requisitos que

qualificam quem é branco ou negro, por exemplo, numa determinada cultura, podem ser modificados ao longo do tempo, enquanto a estrutura que segrega e estratifica permanece inalterada. A casta, pode ser comparada a um estado mental que busca manter todos e cada um cativo em seu próprio estrato: os dominantes nutrindo a ilusão do próprio privilégio enquanto os subordinados se prendem àquilo que os outros dizem que eles são ou deveriam ser. Evocamos a lógica de castas, pois é ela que torna mais claramente comparável o sistema norte-americano ao nazista, mesmo que os habitantes dos estratos hierarquizados sejam diferentes. De uma segregação à outra, de um racismo a outro, os nazistas extraíram elementos jurídicos aparentemente democráticos da legislação estadunidense para disseminar uma cultura antidemocrática e segregatória. Via de regra, nos sistemas hierárquicos, apesar da violência contra os estratos inferiores ser liberada e, eventualmente, até incentivada, não é padrão que a finalidade de sua ação seja a eliminação de um dos estratos. Entretanto, o nacional-socialismo era radical, a ponto dos nazistas operarem com a violência esperada da plena implantação dos conceitos antitéticos desiguais: a total destruição do seu par oposto.

A ordem jurídica nos Estados Totalitários tem por finalidade exclusiva a integridade do próprio povo na continuidade de suas gerações em detrimento de qualquer outro grupo capaz de influenciar ou impedir o desenvolvimento pleno dos nacionais (Faye, 2009). A despeito disso, em 1935, Hitler se vendia como um grande estadista que trabalhava em nome da paz, ele dizia ““a Alemanha precisa de paz e deseja a paz”, “reconhecemos a Polônia como lar de um grande povo consciente de sua nacionalidade”, “a Alemanha não pretende nem deseja interferir nos negócios internos da Áustria, nem anexar a Áustria”” (Arendt, 1999, pp. 49-50). O engano, referido como arma política, funcionou durante anos até não ser mais necessário. A partir das leis de Nuremberg e demais Leis de Sangue de setembro de 1935, os judeus foram formalmente separados do “conjunto dos humanos” (Rabinovitch, 2004, p. 56). Ou melhor, eles se tornaram oficialmente cidadãos alemães de segunda classe, pois essas leis privavam os judeus de seus direitos políticos e não dos civis (Arendt, 1999). Seja como for, a propaganda nazista se encarregou de tornar todo o processo palatável e justificável. E a comunidade internacional cooperou com isso na medida em que reconheceu a validade da legislação alemã (Arendt, 1999). Desse modo, a linguagem nazista promoveu a “materialização da doutrina racial” em que “antisemitismo e doutrina racial tornaram-se sinônimos” (Klemperer, 2009, p. 217) e se desdobraram em leis que os alemães seguiram à risca. Diferente dos italianos que não se atinham ao cumprimento das leis fascistas, os alemães eram “um povo muito respeitador das leis; eles se mantiveram fieis às leis” (Levi, [1985]/2011, p. 315). Uma das muitas razões que possibilitaram a *Shoah*.

A partir de 1938 os nazistas impuseram a sua presença nos nomes dos judeus. Caso não portassem uma nomeação considerada explicitamente judaica, deveriam acrescentar Israel ou Sara ao nome próprio e, assim, se tornou fácil identificar um judeu pelo nome (Klemperer, 2009). Ainda no quesito identificação foi estabelecido o uso obrigatório, em lugar visível, da estrela de Davi, a estrela de seis pontas amarela, por todos os judeus. A obrigatoriedade dessa medida foi gradualmente implementada a partir de 1939. Através dela “cada judeu carregava consigo o próprio gueto” (Klemperer, 2009, p. 264) e se tornava isolado e proscrito. A concretização da política nazista se deu por uma série de lentas transições, até alcançar os guetos e os campos de concentração e de extermínio, “fazia parte da natureza do movimento nazista estar sempre mudando, radicalizando-se a cada mês” (Arendt, 1999, p. 76).

Os judeus, a despeito da caricatura delineada pelos nazistas, não se diferiam muito em aparência dos próprios alemães, por isso o recurso ao nome Israel/Sara e à estrela amarela. Os sinais de distinção precisaram ser criados justamente porque não era fácil diferenci-los. A similitude chama a operar o narcisismo das pequenas diferenças (Freud, [1921]/2020). Como o nome sugere, “a intolerância das massas, curiosamente, se manifesta de modo mais intenso em relação às pequenas do que às grandes diferenças” (Freud, [1939]/2018, p. 128). A teoria freudiana nos adverte que o ódio, diferentemente do que se costuma imaginar, nasce da proximidade. É como se o judeu fosse, no fim das contas, um tanto infamiliar, ou seja, “uma espécie do que é aterrorizante, que remete ao velho conhecido, há muito íntimo” (Freud, [1919]/2019, p. 33), algo que preserva um tipo de familiaridade. Afinal, tudo aquilo “que hoje nos aparece como “infamiliar” é a condição para que esses restos de atividade psíquica animista ainda nos toquem e estimulem sua expressão” (p. 85).

A imagem de Judas no quadro *A última ceia*, de Leonardo da Vinci, foi utilizada na composição da caricatura dos judeus – como se Judas fosse o único judeu sentados ao redor da mesa com Jesus, também ele judeu. Judas aparece, comenta Amós Oz, como “um pequeno e feio inseto, com grandes orelhas e nariz pontiagudo (...). Essa imagem de Judas está na mente de muitos cristãos. Quando os nazistas acreditaram nas caricaturas antisemitas dos judeus, tomaram-nas como arte tradicional cristã” (Sanz, 2016). Através da linguagem e de imagens foi construído o judeu conceitual, “uma entidade semanticamente sobrecarregada” (Bauman, 1998, p. 59) difícil de identificar e separar do povo nacional, por isso extremamente perigoso. Em muitos aspectos os nazistas se mostraram incapazes de reconhecer as contradições de seu discurso, incluindo a relação com a imagem dos judeus. Há propagandas nazistas em que os judeus são apresentados por caricaturas que acentuavam traços da fisionomia que, teoricamente, carregariam características animais – muito diferentes, é

claro, dos arianos –, em outros, os judeus são descritos como pessoas tão semelhantes que poderiam se camuflar entre os germânicos, razão pela qual os totalitários nazistas se portavam como o mencionado grupo de segredos, que se valia de simulacros de verdade para se protegerem. Em função disso, também, apontamos para o caráter infamiliar dos judeus naquele contexto.

O termo ariano passa a ter um status político na medida em que o seu campo conceitual negava tudo aquilo que ele próprio definia elasticamente como não ariano, ou seja, o não ariano não era outra coisa além da negação de sua respectiva posição (Koselleck, 2009). Em contrapartida, o judeu era o contra conceito ou contrarreferência daquilo que definia o que era o ariano. Na topografia ideológica se joga constantemente com os papéis de polos (Faye, 2009), como se o bem e o mal estivessem desde o início desenhados nessas extremidades, razão pela qual as figuras antitéticas excludentes lhes servem tão bem. Desse modo,

o nome “judeu” foi o nome dos nomes para designar aquilo cuja desapareção criava ao redor da suposta substância alemã promovida pelo simulacro “revolução nacional-socialista” um vazio suficiente para identificar a substância (...) na medida em que serviu para organizar o extermínio, o nome “judeu” é uma criação política nazista que não tem qualquer referente pré-existente. (Badiou, 1995, p. 84).

Havia, então, um duplo movimento, construía-se uma semântica que forjava quem era o ariano e outra que desumanizava e culpabilizava o judeu como o seu oposto matável. Assim os nazistas construíram o seu bode expiatório, um inimigo visível a quem se podia atribuir as mazelas do povo, como havíamos apontado no início do texto. Não foi a primeira vez que uma sociedade recorreu “a processos de exclusão do mal sob a forma de um bode expiatório, ou então de regeneração através de um recurso externo” (Lacan, 1998, p. 129). Na tradição judaica o sacrifício de expiação do pecado envolvia um substituto que deveria ocupar simbolicamente o lugar do pecador. Entre os animais sacrificados, segundo as prescrições bíblicas, estava o bode expiatório do qual surgiu a expressão vulgar que é usada para definir uma pessoa que leva a culpa alheia. No texto canônico os pecados deveriam ser confessados sobre o bode que seria levado e abandonado no deserto, portando consigo as iniquidades do povo. Com o desenvolvimento das religiões os ritos de purificação deixaram de incluir a oferta de compensação e reparação, e passaram a compreender uma atitude moral e um sentimento de contrição. Apesar de ter abandonado o costume de sacrifício de um bode expiatório, a modernidade tenta “restabelecer uma figura de excesso que, oferecendo às massas a quimera de protegê-la da castração e da morte, desenvolve em troca um poder ilimitado exercido paradigmaticamente nos regimes totalitários” (Fuks, 2011, p. 51-52).

Certamente as políticas totalitárias não tomam os seus inimigos como bodes expiatórios propriamente dito, ou seja, como aqueles que carregam as suas próprias responsabilidades de modo terceirizado. Essa é uma análise de quem observa a dinâmica social de fora do seu circuito, pois, tais regimes se consideram vítimas inocentes, enquanto os inimigos são, seguramente, os culpados de toda ignomínia. Qual mal representava o judeu? Qualquer que fosse o mal os culpados seriam os judeus e os motivos disso seriam expostos de maneira a serem facilmente internalizados (Gagnebin, 2003). Sendo o judeu aquela coisa ardilosa, mesquinha e imunda, que fazia de tudo para destruir os alemães, não restava outra alternativa que não fosse atacá-los sem piedade, deixando claro que foram eles, os judeus, que atacaram primeiro. Assim os nazistas justificavam as suas ações. A crença é a de que se o mal – o judeu, no caso do nazismo – for eliminado, a sociedade voltará à perfeição de outrora, como nas fábulas. Sabemos que “sempre que estão insatisfeitos com o presente – o que sucede frequentemente – eles [os seres humanos] se voltam para o passado e esperam ver ali realizado o sonho jamais extinto de uma era de ouro” (Freud, [1939]/2018, p. 101). Assim, em consonância com o que ocorre em outros regimes totalitários, o nacional-socialismo oferecia uma resposta simples e fictícias para questões sociais reais e complexas.

Chegamos então ao pulo do gato da ardilosa política nazista de duplo alcance: o engano dos judeus para que participassem de sua própria degradação e morte, e a conservação da honra dos nazistas. Desumanizar o grupo externo é um componente indispensável na construção da coesão interna do grupo, o que sabemos desde Freud ([1921]/2020). Apesar da distinção dos lugares estar clara desde o início, para que a representação de determinado grupo mudasse não bastava dar uma única declaração de que não eram humanos. Falar ou declarar foi o primeiro passo, mas desumanizar é uma tarefa que possui muitas frentes. Trata-se de um processo que demanda energia e repetitivo esforço programado. Para alcançar a degradação pretendida os limites da imaginação e da concretude da maldade humana são estabelecidos pelos marcos criados pela própria sociedade. Com isso destacamos que os meios utilizados, por cada sociedade, para desumanizar um grupo de pessoas em seu seio, dependerá daquilo que a própria cultura julgará aceitável e possível. A aceitabilidade é uma construção progressiva e nem sempre contínua, tanto no discurso quanto na ação (Faye, 2009). Por isso a dessensibilização inicial através da linguagem foi tão importante. Suficiente? Não necessariamente. Existe “a história dos efeitos que, mesmo mediados e possibilitados pela linguagem, permanecem sempre além da linguagem. Existem processos históricos que escapam a qualquer compensação ou interpretação linguística” (Koselleck, 2014, p. 109).

Na Alemanha nazista, em razão de todo o aparato montado, os judeus eram o grupo privado de qualquer dignidade (Agamben, 2008). Apesar de ser uma pauta recorrente é curioso que poucos autores que abordam a questão do sequestro da dignidade, a definam. De acordo com o vernáculo, ‘dignidade’ é o “modo de alguém proceder ou de se apresentar que inspira respeito; solenidade, gravidade, brio, distinção” (Houaiss, 2009, p. 685). Certamente nenhuma dessas acepções foi reservada pelo nazismo aos judeus. Ainda sobre os autores que se dedicam à *Shoah*, muitas vezes, ao se evocar a dignidade parece que se está referindo à própria humanidade. Em medida aproximativa, é o que indica a definição dada por Todorov (2017) que aponta a ‘dignidade’ como uma virtude cotidiana que diz respeito à capacidade de cada um permanecer provido de vontade, o que manteria o homem no interior da humanidade. O que Todorov (2017) chama de *vontade* parece se assemelhar ao que Koselleck (2006) apontou como *autonomia*, traço associado ao conceito de humanidade, já mencionado. No contexto concentracionário, humanidade, dignidade, vontade e autonomia são termos que aparecem subentendidos uns nos outros mesmo quando apenas um deles é evocado.

Encontramos relatos de desumanização em várias etapas da implementação da política de extermínio nazista. Cada passo das vítimas era manipulado de modo que “fossem colocadas em situação de opção onde pudessem aplicar critérios e ação racional, e na qual a decisão racional invariavelmente concordava com o “desígnio administrativo”” (Bauman, 1998, p. 43). A política nazista era engenhosa ao incluir os judeus no arranjo social que viria a eliminá-los; a *Shoah* revelou efeitos da opressão burocrática que precisam ser levados “em conta se quisermos compreender plenamente como o poder opera na sociedade” (Bauman, 1998, p. 147). O que se colocava para as comunidades judaicas era a vida ou a morte, em que cada um era instado a agir racionalmente visando a sobrevivência ou a menor perda possível, muitas vezes acatando as ordens. Não parece exagero falar, desde logo, em escolha forçada.

As pessoas “não podiam escolher entre uma situação boa e outra ruim, mas podiam pelo menos optar por um mal maior ou pior (...) [os nazistas] tinham que fazer as vítimas acreditarem que havia de fato alguma coisa a salvar e que existiam regras claras sobre como salvá-las” (Bauman, 1998, p.155). Assim eles conseguiam manipulá-las e controlá-las, não todas, claro, mas boa parte. Impunha-se a lógica de cortar o pé ou a mão para salvar o corpo, cujo cálculo racional enganoso visava a preservação de parte do povo. Antes da Segunda Guerra Mundial a consciência de que não se deve ceder diante de investidas violentas não estava culturalmente generalizada como se tornou após o fim do Terceiro Reich (Levi, 2005). Dessa forma, os nazistas se valeram tanto do domínio dos meios de coerção como também da racionalidade das vítimas para fazer com que cooperassem com os seus intentos, pois “tudo o

que os judeus faziam para servir aos seus próprios interesses aproximava um pouco mais o objetivo nazista do êxito completo” (Bauman, 1998, p. 61). Eis, novamente, o mal enquanto simulacro de verdade. Por causa desse arranjo os judeus eram empurrados em direção à incômoda questão da cooperação, se é que podemos chamar uma escolha feita em condições de engano, de colaboração, e até, mais especificamente, se é o caso de falar em escolha.

Expliquemos a situação: no período pré *Lager* a astúcia nazista incluía fazer crer que a sua intenção não era matar todos os judeus, mas somente aqueles que não se comportavam de acordo com as regras ou que não eram capazes de suportar as condições de vida penosas que foram sucessivamente impostas. Desde a implementação das leis de sangue havia uma crença de que se os judeus “fossem discretos, como já eram forçados a ser, poderiam viver sem ser molestados” (Arendt, 1999, p. 52). Caso tivesse ficado claro desde o início que a morte esperava a todos, é possível que os nazistas tivessem se deparado com mais atos de insurgência. A fim de diminuir as resistências e, com isso, o custo das operações, eles fartaram os judeus de engodos. Desde a ascensão de Hitler até a implantação do sistema concentracionário o objetivo primário consistia em fragilizar as resistências de seus adversários (Levi, 2016). Alguns judeus, ao chegarem nos *Lager*, eram obrigados a escrever cartas para os seus parentes nos guetos contando que estavam bem e empregados (Guterman, 2020). A clareza que temos hoje sobre onde esse caminho os levaria não estava disponível à época. Somado ao engano encenado pelos nazistas talvez a fé na humanidade, um valor central para o judaísmo, pode ter concorrido para que se enganassem sobre o que estava em curso, pois

de um modo geral os judeus jamais poderiam imaginar, antes do holocausto, que a negação absoluta da humanidade, (...) pudesse se manifestar, triunfante, na forma do massacre de milhões de inocentes [quem poderia imaginar?] (...) [os judeus] acreditavam que enfrentar os nazistas era imprudente, além de inútil. O melhor – e o mais condizente com a fé judaica na humanidade e em seu Deus – seria esperar por um milagre. (...) qualquer forma de resistência⁷ só teria sido aceita pelos judeus quando a sobrevivência já não fosse mais possível (Guterman, 2020, p. 101).

A vida é bem capaz de abdicar “de sua vitalidade e de sua vivacidade em favor de sua conservação, [assim] a vida se assemelha à morte e a morte contamina o vivo” (Gagnebin, 2003, p. 97). Baseando-se na crença de que alguns do povo poderiam atravessar mais essa perseguição e viver, muitos sacrifícios foram feitos. Os judeus são um povo com histórico de

⁷ A despeito da tônica geral, é sempre bom lembrar que houve resistência judaica aos nazistas expressa de diversas formas: seja por meio do salvamento de crianças perseguidas que protegeu milhares da deportação, na produção de documentos falsos, nas variadas atividades clandestinas, no salvamento de bibliotecas judaicas entre outras resistências culturais, seja nos testemunhos e diários deixados para a posteridade, seja também nas revoltas ocorridas em guetos e em campos de extermínio, nas ações de guerrilheiros judeus nas florestas da Ucrânia e dos Cárpatos – “o heroísmo dos verdadeiros resistentes é modesto” (Rabinovitch, 2004, p. 91).

perseguições desde tempos longínquos. Eles tiveram como agressores os assírios, os babilônicos, os persas – e outros tantos –, mas, ao final, mesmo contabilizando muitas perdas e sofrimento, permaneceram, enquanto os impérios de seus inimigos se evanesceram (Freud, [1939]/2018). Durante o domínio nazista a distância entre a vida e a morte, especialmente nos primeiros anos do regime, acompanhava o intervalo entre os mais ricos e os mais pobres. Os últimos morriam primeiro e em grande número, isso também era verdade para os menos habilidosos, os mais ingênuos e honestos, bem como para os com pouca iniciativa (Bauman, 1998). A diferença entre os que se salvavam e os que submergiam acompanhará os deportados aos *Lager*, como veremos mais adiante a partir das considerações de Primo Levi.

Obter a cooperação cooptada para a própria destruição incluía a sua separação do olhar cotidiano dos nativos, ou seja, remover as vítimas para os guetos. Certamente “é mais difícil desumanizar um indivíduo de pé à nossa frente, enxugando as lágrimas pela perda de um ente querido, como nós faríamos” (Wilkerson, 2021, p. 150), ou de alguém, um vizinho que tivemos ocasião de conhecer, do que a um completo estranho. Essa foi uma das formas encontradas pelos nazistas de superar “a piedade animal que afeta todo homem normal em presença do sofrimento físico” (Arendt, 1999, p. 122). Ainda que houvesse uma certa repulsa pelas ações mais radicais operadas pelos nazistas, não houve por parte da população alemã grandes protestos contra tais atitudes violentas. O medo, o desejo de levar vantagem, a cegueira voluntária e a obediência fanática impediam que a indignação gerasse manifestações contrárias às agressões desferidas contra os judeus (Levi, 2016). Talvez a repulsa à violência só tenha se manifestado, pontualmente, enquanto contradição estrutural quando a agressão se dirigia a um conhecido “bom judeu” que cada alemão podia ter em conta, mas não à categoria “judeu”. Esse foi um dos motivos para, estrategicamente, tirar os assassinatos do campo de visão da população em geral. Macular e manter separado o conjunto de pessoas do grupo alvo fazia parte da estratégia de dessensibilização da população alemã. Como diz o ditado: o que os olhos não veem... Fechar os olhos para os problemas que afetam pessoas tidas como inferiores é mais simples, pois deduz-se que o infortúnio que as alcança não é outra coisa senão um problema judeu ou do negro ou do pobre marginalizado; não se trata de um problema humano a respeito do qual valeria a pena colocar-se em risco. A atitude pusilânime dos alemães deixou os judeus numa posição de desassistência e com a convicção de estarem sozinhos em meio a uma população potencialmente hostil ou indiferente.

De acordo com Herbert Kelman, inibições morais podem ser corroídas a partir de algumas condições: 1. quando a violência é autorizada por práticas políticas ou normas institucionais ou pelas burocracias que garantam que 2. a responsabilidade é exclusiva da

autoridade superior e 3. quando as vítimas são desumanizadas a ponto de se tornarem números desprovidos de qualquer qualidade; nesse contexto o dever e a disciplina entrariam no lugar da responsabilidade moral em que “a negação de autoridade à consciência pessoal, torna-se então a mais elevada virtude moral” (Bauman, 1998, p. 41). O caldeirão nazista contava com todos esses ingredientes. Na Alemanha nazista a moralidade se vinculava à submissão obediente e à lealdade. Foi o que manifestou Himmler ao pinçar uma frase de um antigo discurso de Hitler, alçando-a à categoria de lema das SS: “Minha Honra é minha Lealdade” (Arendt, 1999, p. 121). Hans Frank, ainda mais ousado, reformulou o imperativo categórico de Kant adequando-o ao Terceiro Reich: “Aja de tal modo que o Führer, se souber de sua atitude, a aprove” (Arendt, 1999, p. 153). De acordo com tal preceito, Eichmann deixou claro que só ficava com a consciência pesada quando não fazia o que lhe ordenavam, o mesmo não acontecia pelas consequências dos atos que tinha que executar (Arendt, 1999). Para ele, o caráter da ordem não tinha o peso que o imperativo da própria ordem produzia (Roudinesco, 2010). Nesse sentido podemos tomar o alerta do escritor Dwight Macdonald de que “a lição dos crimes nazistas era a de que aqueles que aplicam a lei são mais perigosos que aqueles que as infringem” (Todorov, 2017, p. 183). A burocracia muitas vezes esconde o caráter moral das ações de maneira proposital, operando por meio da divisão meticulosa do trabalho e substituindo a responsabilidade moral pela técnica (Bauman, 1998). A burocratização dos processos dispensava até mesmo o ódio contra as vítimas e favorecia a manipulação da avaliação moral. Ademais, na caracterização do ariano reverberada pelo nazismo é a fidelidade aos pares e ao ideal que se liga e se submete à honra (Todorov, 2017). Desse modo, a violência social contra o Mal absoluto criado pelo nazismo, os judeus, era legitimado enquanto violência autorizada e burocratizada e se firmava na responsabilidade dos superiores. O Supereu-da-cultura nazista autorizava e indicava a violência de seus heróis contra os inimigos, fossem eles homens ou mulheres e, até mesmo, crianças e idosos. Um contexto político e sociocultural como o descrito dificilmente deixa de afetar a noção de responsabilidades dos que estão submetidos a ele.

A degradação produzida nos guetos, longe de olhares que porventura poderiam se indignar, alcançava uma proporção ainda maior e seguiria os prisioneiros pelos transportes até o seu destino final, o *Lager*. Sobre os transportes cabe um relato feito por Primo Levi, que explicita a degradação imposta aos judeus. Durante alguns transportes ferroviários dificilmente era permitido que os prisioneiros descessem do trem para fazerem as suas necessidades fisiológicas. Em uma rara situação em que isso aconteceu, porém, como não havia sanitários, era necessário improvisar, agachando entre os trilhos. Os que presenciaram a

cena mostraram desgosto e asco, como se pensassem: “gente como essa merece o seu destino, basta ver como se comportam. Não são *Menschen*, seres humanos, mas animais, porcos; é evidente como a luz do sol” (Levi. 2016, p. 90). Em outra circunstância, já no *Lager*, rapazes da juventude hitlerista

eram conduzidos até nós em “visita guiada” [a Auschwitz] e recebiam aulas em alta voz, como se nós não tivéssemos ouvidos para ouvir, nem cérebro para entender. “Estes, vejam, são os inimigos do Reich, os seus inimigos. Olhem bem para eles: podem chamá-los homens? São *Untermenschen*, subumanos! Fedem porque não se lavam; estão esfarrapados porque não se cuidam. Muitos não entendem absolutamente nada do alemão. São subversivos, bandidos, ladrões de rua pelos quatro cantos da Europa, mas nós os tornamos inofensivos; agora trabalham para nós, mas servem apenas para os trabalhos mais rudes. Além disso, é justo que se cansem para repararem os danos da guerra: foram eles que a quiseram. Eles: os judeus, os comunistas e os agentes da plutocracia” (Levi, 2002, p. 64).

Situações como essas evidenciam a tentativa de fazer crer que a aparência dos judeus servia de índice de que a sua degradação era de ordem natural. A triste incoerência da situação não é percebida por quem a observava. Os judeus foram levados a uma situação de vida degradante, sem possibilidade de cuidarem da higiene ou mesmo de manterem as roupas minimamente limpas e, em seguida, eram repreendidos por se apresentarem de maneira degradada. Ora, a aparência dos judeus não era nada além de consequência direta da intervenção da máquina nazista, mas era preciso que essa imagem se disseminasse como reflexo da escolha de um povo imundo e, portanto, merecedor do seu destino. Nunca foi uma questão de natureza, mas do uso sistemático de força e violência no intuito de manter um grupo inteiro em uma posição artificialmente designada e não correspondente à sua vontade ou capacidades. Depois de toda articulação linguística e afetiva, doses de terror físico e psicológico foram usados no processo de desonrar os judeus, bem como foi aplicada a restrição absoluta dos recursos que poderiam tirá-los da situação infame.

O terror em regimes totalitários é um traço sempre presente, é um princípio de governo usado para ameaçar a todos, em todo tempo, de modo que o estado de alerta e pavor não cede (Todorov, 2017). A morte do inimigo era o objetivo final, porém, como dito anteriormente, no experimento social produzido pela racionalidade nazista, a fixação das posições de cada grupo na cultura e a alienação da vontade eram os primeiros e os mais importantes passos. Tal leitura auxilia na compreensão do porquê da “difusa violência inútil” (Levi. 2016, p. 85) perpetrada pelos nazistas a fim de que se infringisse “a máxima aflição, o máximo esbanjamento de sofrimento físico e moral. O “inimigo” não devia apenas morrer, mas morrer em tormento” (Levi. 2016, p. 98). Violência inútil, porém, não sem objetivo. Não podemos desconsiderar, depois de toda a trilha explorada até aqui, que “o projeto fundamental do nacional-socialismo tinha uma racionalidade própria” (Levi. 2016, p. 86). Degradar,

desumanizar, tirar a dignidade, a vontade e a autonomia, esses são algumas da finalidade da violência. Outro objetivo, decorrente dos anteriores, é aliviar o peso do crime sobre as costas de quem o cometia, os nazistas.

Enquanto as vítimas eram levadas a se identificarem ao resto, os alemães seguiam honrados, íntegros e, poderíamos dizer, cidadãos de bem. A desumanização das vítimas e a favorável autoavaliação moral se reforçavam mutuamente (Bauman, 1998). Na medida em que a violência foi sendo autorizada era preciso desassociar quem a praticava da culpa e da responsabilidade pela brutalidade que viria a adotar. Essa “é uma explicação não carente de lógica, mas que brada aos céus: é a única utilidade da violência inútil” (Levi. 2016, p. 102). Não é fácil encarar uma morte sem sentido, “a necessidade de encontrar um sentido para a morte violenta é tão antiga quanto a capacidade de os homens se matarem uns aos outros” (Koselleck, 2014, p. 342). Protagonizar o assassinato sem sentido de mulheres, crianças e idosos indefesos pode se tornar uma tarefa custosa, por isso foi indispensável construir um sentido para essas mortes. Franz Stangl, comandante de Sobibor e Treblinka, ao ser questionado sobre a função das crueldades e humilhações contra as pessoas que seriam mortas, não se constrangeu em responder: “para condicionar aqueles que deviam executar materialmente as operações. Para tornar-lhes possível fazer o que faziam” (Levi. 2016, p. 102). Constituir as vítimas como não-homens justificava o seu extermínio e, com isso, a sua morte deixava de ser considerada assassinato (Proença, 2016). Tornava-se, quando muito, a eliminação do Mal, portanto, um dever moral. Esse é um giro moral significativo.

Agamben (2008) afirma que os carrascos, tal como as vítimas, tiveram que suportar o que não deveriam ou não queriam, mas não se atreveram a podê-lo. Em oposição, ele conclui que as vítimas foram colocadas em posição inumana pelo poder, quase infinito, de sofrer. Ser liberado de *poder* suportar produziu uma contradição nos carrascos que, apesar de torturarem e matarem, permaneceram “íntegros”. Ou seja, o cumprimento do *dever* – em oposição ao *poder* suportar – supõe conservar a retidão dos alemães nazistas. Ao se apoiar no dever, pode-se tomar uma distância segura das próprias ações, como se estivesse diante de uma terceira pessoa. Porém, se é verdade que somente um Estado justo pode produzir cidadãos virtuosos (Safatle, 2013), o nazismo nunca esteve em condições de fazê-lo. Por isso o recurso aos simulacros de verdade e à implantação de estratégias variadas que aspiravam manter a honra dos perpetradores. Claro que a contaminação das palavras e da inflamação dos afetos, pesadas as ilusões e caladas as verdades, favoreciam a produção de uma posição média na massa, em que, via de regra, a conduta ética, a consciência e o sentimento de responsabilidade eram reduzidos; era ampliado o sentimento de onipotência heroica, a abertura para a sugestão e para

a credulidade acrítica, tal como formulado por Freud ([1921]/2011) em *Psicologia das massas e análise do Eu*.

Himmler em discurso a soldados, em 1943, observou que a maior parte deles deveria saber “o que significam 100 cadáveres, ou 500 ou 1000. O fato de termos suportado a situação e, ao mesmo tempo, apesar de alguma exceção devida à fraqueza humana, termos continuado sendo homens honestos, nos endureceu” (Agamben, 2008, p. 84). Apesar do discurso inflamado e otimista, há registro de que ele quase desmaiou ao assistir a um fuzilamento em massa e, a fim de superar essa limitação humana – a afetação diante de uma morte brutal que a desumanização das vítimas não foi capaz de apagar –, ele sugeriu outras formas de extermínio como a câmara de gás (Bar-On, 1989). Essa não foi a única ocasião em que Himmler teria manifestado preocupação em preservar tanto a saúde mental quanto os padrões morais de seus subordinados envolvidos em atividades de extermínio (Bauman, 1998).

A distância física entre os atos e as suas consequências, assim como a burocracia, tendem a turvar a percepção sobre a imoralidade da ação, pois se desconecta das consequências. Esse é o entorpecimento moral proporcionado pela tecnologia moderna. A partir de 1941 havia um cálculo de distância entre os perpetradores e as vítimas de modo a diminuir os efeitos desagradáveis que poderiam surgir dos esguichos de sangue e do olhar suplicante no caso dos fuzilamentos. Nas operações de gaseamento⁸ com gás carbônico em caminhões, calculava-se a pressão do acelerador e a velocidade para que tempo e trajeto fossem compatibilizados de modo a não produzir nos corpos gaseados efeitos desagradáveis para os carrascos que teriam que esvaziar os veículos (Cytrynowicz, 2003). Esses são exemplos do uso da técnica em prol do bem-estar dos executores. Ainda que atenuada a experiência de assassinato em massa, na lógica nazista, ao aceitar a dura tarefa de matar os judeus, os SS se sacrificavam em prol do povo. Eles só foram capazes de fazer o que era necessário em virtude de suas qualidades arianas, razão pela qual deveriam ser admirados (Todorov, 2017). Sim, matar inimigos indefesos reforçava a posição heroica e bélica dos nazistas. Essa lógica Himmler transmitia aos SS: “os assassinos poderiam dizer “que coisas horríveis eu tive de ver na exceção dos meus deveres, como essa tarefa pesa sobre os meus ombros!”” (Arendt, 1999, p. 122).

De toda essa construção biosociocultural decorre uma difícil lição deixada pelo nazismo: atos violentos e desumanos podem ser produzidos por pessoas que não são

⁸ Apesar das palavras derivadas do verbo “gasear” serem pouco utilizada em língua portuguesa, decidimos acioná-la, pois esta é a expressão habitualmente utilizada em língua alemã (*Vergast*), grega (*γκάζερ*) inglesa (*gassed*) para se referir às pessoas assassinadas por intoxicação com o gás do Zyklon-B.

“criminosas de nascença, sádicos, loucos, depravados sociais ou indivíduos de outra forma moralmente incompletos” (Bauman, 1998, p. 38), mas por pessoas bastante comuns e, eventualmente, afetuosas. De toda sorte “raramente o ser humano é bom ou mau por inteiro” (Freud, [1915]/2020, p. 108). Alguns “Justos entre as Nações”⁹, como Oskar Schindler, ou mesmo certos nazistas violentos nos Campos e amorosos em casa, atestam a assertiva freudiana. Saber disso não torna a ambiguidade desses casos fáceis de serem assimiladas. Mesmo que os sobreviventes apontem um ou outro guarda da SS como particularmente sádico e cruel, essa não era a norma. Aliás, nesse sentido, o julgamento de Eichmann em Jerusalém e os julgamentos de Nuremberg não deixam dúvidas de que não é preciso odiar o inimigo para participar da sua eliminação. Outras questões concorrem para esse fim. Eichmann, por exemplo, longe de ser um vilão, “a não ser pela sua extraordinária aplicação em obter progressos pessoais, ele não tinha nenhuma motivação. (...) Para falarmos em termos coloquiais, ele *simplesmente nunca percebeu o que estava fazendo*” (Arendt, 1999, p. 310, ênfase do autor). Todorov (2017) resume a questão da seguinte maneira: “os crimes são desumanos, mas os criminosos não o são” (p. 229). Mesmo quando as pessoas identificam que os atos que são levadas a cometer são imorais, elas podem assentir “contanto que sejam convencidas de que os especialistas (...) definiram suas ações como necessárias” (Bauman, 1998, p. 227). Afirmar que os nazistas eram seres humanos destituídos de humanidade, por mais que seja alentador, nos coloca diante de uma falsa aquietação. Porque os nazistas eram humanos eles fizeram o que fizeram e outros antes e depois deles também puderam e podem fazê-lo. Bauman (1998), após constatar que a *Shoah* foi levada a cabo por homens uniformizados, disciplinados, “cumpridores das normas e meticolosos no espírito e na letra de suas instruções”, pergunta: “como é que pessoas comuns, como eu ou você, podiam fazer aquilo?” (p. 178). Como é que um cidadão de bem, cristão, pode agir de maneira desconcertantemente violenta e considerar o seu ato descomedido justificado? Justamente a normalidade e, sob determinadas condições, a possibilidade de tamanha barbárie vir das mãos de qualquer um, parece ser um achado muito mais aterrador e monstruoso. É para ele que a cultura deveria olhar.

Voltemos aos judeus cercados e oprimidos, sendo forçados a tomar decisões com base em uma lógica fraudulenta apresentada pelos nazistas. Sem terem para onde ir ou sem saberem em quem confiar em seus próprios países, os judeus foram forçados a se deslocarem

⁹ Prêmio de reconhecimento concedido pelo Museu *Yad Vashem* que homenageia não judeus que arriscaram as suas vidas e a de suas famílias para salvarem judeus perseguidos.

para territórios, muitas vezes, desconhecidos. O sentimento de desamparo nessa conjuntura guiou as ações de muitos. Os judeus sabiam que as fronteiras da maior parte dos países da Europa e da América Latina (do Brasil inclusive) e dos Estados Unidos estavam fechadas para eles. O então presidente dos Estados Unidos, Franklin Roosevelt, convocou uma conferência internacional, decorrida em julho de 1938, para tratar do problema causado pelo grande número de refugiados judeus do Reich alemão. Naquele mesmo ano, desde março de 1938, aconteciam as “emigrações forçadas” (Arendt, 1999), um outro modo de dizer que os judeus estavam sendo expulsos da Alemanha. A preocupação dos participantes era como conter os fluxos migratórios em seus territórios. Somente a República Dominicana, dos 32 países participantes do encontro, aceitou aumentar o número de judeus acolhidos. De um modo geral, o intenso deslocamento era indesejável, em especial quando os imigrantes não possuíam recursos ou condições de se manterem autonomamente. Um posicionamento talvez não tão distante ao que vemos hoje, em especial a partir de 2015, nas chamadas crises de refugiados. Em vista do resultado da conferência, Hitler se fortaleceu e disse que os países que se reuniram para discutir a emigração judaica

esperam que a Alemanha, com seus 140 habitantes por quilômetro quadrado, continue mantendo seus judeus sem nenhum problema, ao passo que os impérios do mundo democrático, com apenas algumas pessoas por quilômetro quadrado, não podem, de maneira alguma, tomar esse fardo para si. Em resumo, nenhuma ajuda, apenas sermão, sem dúvida! (Guterman, 2020, p. 107).

O que ficou claro para os judeus é que a indiferença não fazia parte apenas do cotidiano na Alemanha, como também do mundo ao redor. Tudo isso contribuiu para o conhecido destino que os judeus tomaram nos territórios germânicos e “nenhum álibi pode isentar os governos democráticos de sua política de indiferença” (Rabinovith, 2004, p. 76). Quatro meses após a conferência internacional aconteceria a *Noite dos Cristais*, em novembro de 1938, em que 7.500 lojas pertencentes a judeus tiveram as suas vitrines quebradas e 20.000 judeus foram deportados para os campos de concentração (Arendt, 1999). A partir de 1º de setembro de 1939, com o início da Segunda Guerra, a face mais totalitária do regime nazista, visível aos judeus há anos, não precisava ser escondida do restante do mundo. Assim, a partir do final de 1939, o número de deportações de judeus para os *Lager* cresceu exponencialmente – lugar de onde a maior parte jamais retornou. A retirada dos judeus do cenário alemão se deu, então, por etapas: “de 1933 a 1939, da discriminação à emigração dos judeus do Reich; de 1939 a 1941, da política de guetos à formulação da “Solução Final” (*Endlösung*); e de 1941 a 1945, a prática do extermínio em massa” (Pezzetti, 2010, p. 194).

Ao criar uma imagem sobre quem o outro é (sub-humano) ou deixa de ser (humano), ainda hoje, mesmo quando o antisemita pretende se desculpar – poderíamos incluir aqui o racista, o homofóbico e demais agentes de desumanização do outro – ele descreve a sua intolerância como algo natural, uma reação espontânea semelhante a uma alergia irresistível (Gagnebin, 2006). É uma tentativa de ancorar o seu preconceito na naturalização de um processo sócio-histórico que tenta localizar no mundo externo um outro corpo a temer e/ou eliminar, um inimigo asqueroso. Muitos podem ocupar esse lugar: estrangeiros, bastardos, pobres, marginalizados, pretos, nordestinos, muçulmanos, transsexuais etc. Toda a sorte de pessoas enquadradas como “sujeitos supostos suspeitos” (Guerra, 2022). Cada sociedade construirá as suas figuras abjetas a partir do que é possível e aceitável em seu meio. Para o nazismo foram os judeus, mas, na ausência deles ou na sua completa eliminação, haveriam de constituir outros em seu lugar. Levi (2016) considera que “um regime desumano difunde e estende sua desumanidade em todas as direções (...), salvo resistências e têmperas especiais, também corrompe suas vítimas e seus opositores” (p. 91). A conclusão que Janina Bauman extrai de sua experiência de sobrevivente corrobora com a observação de Primo Levi: “a coisa mais cruel da crueldade é que desumaniza suas vítimas antes de destruí-las. E a mais duras das lutas é continuar humano em condições inumanas” (Bauman, 1998, p. 237).

Voltamos ao ponto inicial. A psicanálise nos ensina que sempre lidaremos com essas tendências primitivas e agressivas e que o progresso e o avanço tecnológico não nos salvarão do mal-estar, das castas ou das guerras. Ao contrário do que poderia se esperar, a modernidade não cumpriu o prometido e não poderá aparar as arestas do ódio comunitário que impele um homem a agir violentamente contra outro. A cultura não deixou de alcançar a expectativa por incompetência e sim por impossibilidade estrutural, pois “não existe nenhuma “extirpação” do mal. (...) todas as moções que são condenadas pela sociedade como sendo más (...) encontram-se entre essas moções primitivas” (Freud, [1915]/2020, p. 107). De modo que, em qualquer transmissão de cultura, a barbárie estará presente (Benjamin, 1987). A *Shoah* acentua a “fragilidade da noção de Civilização” (Rabinovitch, 2004, p. 100) na medida em que a cultura não deixa claro que uma de suas faces é e continuará sendo a da barbárie. A partir dessa perspectiva, não há espaço para interpretar a *Shoah*, “pois é ela quem interpreta em negativo o estado da civilização no ocidente” (Rabinovitch, 2004, p. 102). Se podemos concordar com Agamben (2008) que o muçulmano¹⁰ – o prisioneiro exaurido, indiferente e

¹⁰ Não há consenso sobre a origem da expressão *Muselmann* – muçulmano em alemão – utilizada sobretudo em Auschwitz. Há quem diga que a nomenclatura se deve ao modo encolhido que esses prisioneiros ficavam

desesperançado, cujas palavras e pensamentos foram eclipsados, o submerso do *Lager* – é o lugar do experimento em que a própria humanidade e a moral são colocadas em questão, precisamos estar atentos para os caminhos que tornaram esse experimento possível. Ou seja, há de se observar os sinais daquilo que na cultura nos leva nessa mesma direção. Ecoamos uma questão de Freud dirigida a Romain Rolland: “Se não aprendermos a distrair nossas pulsões do ato de destruir a nossa própria espécie, se continuarmos a nos odiar um ao outro por pequenas disputas, que espécie de futuro nos aguarda?” (Fuks, 2006, p. 28).

Provavelmente fosse esperado que o apelo à não repetição da *Shoah* viesse ao final da tese, porém, bem ou mal, todos conhecem a essência do massacre perpetrado pelos nazistas de modo que não faria sentido deixar para o fim algo que orientou e atravessou esta pesquisa desde o princípio, qual seja, a possibilidade de tomá-la em sua atualidade. Não nos parece prudente percorrer com indiferença esse campo de trabalho, nem tampouco desconsiderar que há algo aí que não cessa de se atualizar. Consideramos que velar por isso é uma questão civilizatória. Ainda que não vejamos situações idênticas às da Alemanha nazista, interessa atentar para a estrutura que a tonou possível, em especial na fabricação de grupos que “resultam na destruição de pessoas consideradas como “superfluas”. O desenvolvimento dessa noção de “superfluidade” é uma das calamidades fundamentais de nosso século” (Arendt, 2016a, p. 750). Universos aparentemente mais livres do que o hitlerista podem se prestar a segregações e a confinamentos. Basta que seja possível corromper as dignidades humanas. É assim que cada “sociedade constrói e escolhe seus negros, seus judeus, seus travestis, segundo suas angústias e necessidades” (Gagnebin, 2006, p. 85). Em qualquer corpo social existem pessoas tidas como menos humanas por grupos com “legitimidade” – ou, mais precisamente, poder – naquela cultura. Freud ([1921]/2020), em referência ao preconceito religioso, disse que se a intolerância não se apresenta de forma tão violenta e cruel quanto já fora, não se deve daí concluir que se amenizou. O mesmo vale para outros tipos de discriminação e violências.

ajoelhados ao modo oriental e o rosto petrificado; outros defendem que o termo se deve ao movimento que eles faziam, semelhante aos que os árabes repetem durante as orações, em que inclinam e levantam a parte superior do corpo; há ainda quem associe o termo *Muselmann* a *Muchelmann* (homem-concha), novamente em referência à posição do corpo dobrado sobre si mesmo. Porém, a explicação mais provável, é que a referência seja ao “termo árabe *muslim*, que significa quem se submete incondicionalmente à vontade de Deus” (Agamben, 2008, p. 52). Em outros campos, a mesma condição de “morto-vivo” se fez presente, mas a designação mudava. Encontramos em outros campos referência aos termos: *Gamel* (gamela), *Kretiner* (idiotas), *Krüppel* (aleijados), *Schwimmer* (quem boia fingindo-se de morto), *Kamele* (expressão que significa: idiotas), *mude Scheichs* (imbecis) etc. (Agamben, 2008).

A triste realidade – nem sempre tão visível – é que “as soluções totalitárias podem muito bem sobreviver à queda dos regimes totalitários sob a forma de forte tentação que surgirá sempre que pareça impossível aliviar a miséria política, social ou econômica de um modo digno do homem” (Arendt, 2012, p. 610). No Brasil, os anseios por uma ditadura militar pretensamente salvífica respondem à crença na solução imaginária totalitária, mas esta não é a única influência autoritária à qual estamos expostos. Seguindo uma tendência mundial, em terras brasileiras células neonazistas cresceram 270% de janeiro de 2019 a maio de 2021 (Fantástico, 2022). Hoje esse número certamente é ainda maior. Não há dúvida de que “ainda levará tempo” (Klemperer, 2009, p. 38) para que a ação e a mentalidade nazista desapareçam, pois o seu solo fértil – a linguagem nazista – segue violentando e envenenando as consciências e os afetos. De certa forma, Lacan ([1964]/1988) também participa dessa conversa ao ponderar que não se deveria considerar as monstruosidades do nazismo um evento ultrapassado, e ainda hoje não podemos tomá-lo como superado. Não foram poucos sobreviventes da *Shoah* que advertiram sobre a possibilidade de retorno do nazismo. Elementos que tornaram o nazismo possível são a face do autoritarismo na cultura que serve tanto para alimentar os delírios nazistas quanto os discursos de ódio dos demais “outrofóbicos”: o uso de termos pejorativos em referência a estratos da população, a comparação de grupos humanos a animais, a tolerância com discursos que sugerem que camadas da população são superiores e outras inferiores, a culpabilização de estratos sociais por mazelas diversas, o incentivo a agressividade e a posição radical do nós contra eles, a necessidade de eliminar a diferença, a reescrita do passado, a falsificação do significado de questões do presente, o recurso a simulacros de verdade com alterações na linguagem cotidiana e a consequente desumanização do laço social.

Adorno (2009) propôs um novo imperativo categórico imposto à humanidade por Hitler: “instaurai o vosso pensamento e a vossa ação de tal modo que Auschwitz não se repita, de tal modo que nada desse gênero aconteça” (p. 302). Um imperativo que não se resolve discursivamente, mas que convoca o próprio corpo em sua aspiração ética que almeja resistir à tentação autoritária. Adorno não nos orienta a simplesmente lembrar de Auschwitz, mas a agir em relação ao nosso presente, naquilo que tem a aparência de igual horror. Acreditamos que a questão não seja, propriamente dita, atuar para que Auschwitz não se repita, mas de agir para que as suas condições de possibilidade não continuem se repetindo. A coerção social cultural, sabemos com Freud ([1915]/2020), é bem-vinda e, se não é possível termos uma quantidade maior de humanos realmente pacifistas, possivelmente mais vale lidarmos com hipócritas culturais do que com desavergonhados violadores dos acordos civilizatórios. Nessa

mesma direção, por uma questão ética, “se houver um lugar específico para a psicanálise na cultura, será o de convocar a responsabilidade do sujeito pelo outro e pelo Outro” (Fuks, 2011, p. 62). De tal modo que, “espera-se de um analista que, em nenhuma circunstância, (...) justifique condutas que venham a colocar em risco o laço social entre os homens” (Fuks, 2011, p. 63). A neutralidade, por conseguinte, só pode ser encarada como obscena, pois o que o totalitarismo evidencia e a democracia mantém na penumbra é que a indiferença e o conformismo só podem levar a humanidade aos campos de concentração (Todorov, 2017).

1.2 Auschwitz, *hier ist kein warum*

*O que é mais triste que um trem? (...)
E um homem? Não é triste um homem?*
Primo Levi, 2019, p. 29.

*O que foi possível perpetrar ontem
poderá a ser novamente tentado amanhã.*
Primo Levi, 2016, p. 41.

Auschwitz, um nome estranho e carente de representação para muitos dos que foram levados a atravessar os seus portões. Considerado por Elie Wiesel um nome além do vocabulário dos eruditos e dos filósofos (Cytrynowic, 2003), talvez somente no contrapelo da história, como disse Benjamin ([1940]/1987), os sobreviventes tenham tido condições de associar outras palavras a essa. De um nome vazio Auschwitz se tornou o principal significante da singularidade do extermínio orquestrado pelos nazistas e, ao mesmo tempo, passou a nomear “o crime contra a própria humanidade” (Roudinesco, 2010, p. 132). Em 1978, foi declarada pela UNESCO um lugar de memória mundial, mas com o passar do tempo a sua complexidade vai “dando lugar a uma memória asséptica, esvaziada de conflitos autênticos, anulada em sua trágica diversidade” (Dazinger, 2007, p. 54). Assim como ocorreu com a *Shoah* como um todo, o intuito de tornar os Campos assimiláveis fez com que eles também fossem submetidos a processos de simplificação e transformados em um estereótipo ou uma caricatura do que foram (Todorov, 2017). Há quase que uma necessidade de apagar no espectador-ouvinte a possibilidade dele se angustiar pelo testemunho e pela compreensão de que o evento narrado diz respeito a seres humanos como ele, e não monstros (Sessi, 2015). Verdades inconvenientes não encontram um caminho fácil de elaboração e tendem a ser colocadas de lado. A crescente banalização da memória fez com o *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau* travasse uma difícil batalha nos últimos anos. Foi necessária a criação de campanhas em que os visitantes são lembrados do valor emocional do *Lager* e, portanto, se pede que não tirem fotos desrespeitosas ali. Quando o *Pokemon Go* estava no auge, foi

necessário pedir aos “treinadores” que parassem de procurar por *pokemons* no complexo. Não custa lembrar que somente em Auschwitz morreram mais um milhão e cem mil pessoas.

Oświęcim é a cidade polonesa em que o complexo de Auschwitz está localizado. Aliás, como a população polonesa instrui, Auschwitz é um nome alemão imposto àquela região. Os nazistas se fixaram em Oświęcim em razão da possibilidade de construírem um complexo ao redor do entroncamento de trilhos existente, o que facilitava a logística no envio de trens advindos de vários lugares da Europa ocupada. Todo o complexo de Auschwitz se estendia por uma área de cerca de trinta quilômetros quadrados daquela região da Alta Silésia (Arendt, 1999). Apesar de ser conhecido por um nome no singular que remete a uma integralidade, Auschwitz era um conjunto de vários subcampos. As suas maiores e principais divisões eram: Auschwitz I, o campo principal e administrativo; Auschwitz II-Birkenau, onde ficava a fábrica da morte e as principais câmaras de gás e crematórios; Auschwitz III-Monowitz ou Buna, onde ficavam os prisioneiros obrigados a trabalhar em fábricas alemãs do entorno – prisioneiros-escravos que eram explorados até não conseguirem mais trabalhar, quando eram levados para Auschwitz-Birkenau. Por óbvio, a produtividade não era a principal preocupação naquele universo (Arendt, 2012). Nesse último subcampo os prisioneiros tinham contato com operários e, apesar das proibições de comunicação, eles acabavam recebendo notícias do mundo livre (Levi, 2002).

Os primeiros testes de gaseamento com Zyklon-B foram realizados em prisioneiros enfermos e prisioneiros de guerra soviéticos em Auschwitz I, entre setembro e dezembro de 1941. Antes disso outros métodos de assassinato em massa já eram utilizados como a intoxicação por gás carbônico e os fuzilamentos, que se somavam às mortes provocadas pelo frio, fome e injeção letal. Na Polônia foram instalados seis campos de extermínio nazistas que possuíam câmaras de gás, o que culminava em um envolvimento pessoal mínimo dos algozes com as vítimas (Cytrynowiz, 2003). Os centros de morte iniciais de Auschwitz ficavam em duas estruturas construídas entre junho e julho de 1942 chamadas de Bunker 1 e Bunker 2, também conhecidas como *little red house*, a casinha vermelha, e *little white house*, a “casinha branca” (Pezzeti, 2010; Setkiewicz, 2011; Bartosik, 2022). Nesse período as SS formaram o primeiro grupo de *Sonderkommando* composto por 40 prisioneiros judeus que lidavam com as câmaras de gás e 150 que cavavam os fossos para as valas comuns nas quais os corpos dos assassinados eram dispostos (Setkiewicz, 2011). Na época, a maior parte dos assassinados era enterrada em grandes valas, mas a chegada do inverno tornava difícil a abertura do solo. Uma parcela dos mortos era enviada ao rudimentar crematório instalado em Auschwitz I, em agosto de 1940, cuja capacidade de cremar cerca de 340 pessoas por dia se tornou insuficiente

no ano seguinte. Na estrutura que ficou conhecida como Crematório I, a princípio, não havia uma câmara de gás adjacente e ali eram cremados prisioneiros que morriam no hospital do Campo por injeção no coração, os que morriam de exaustão ou devido ao intenso frio. Somente a partir de agosto ou setembro de 1942, os corpos passaram a ser sistematicamente queimados e os que estavam nas valas foram desenterrados e cremados. Nesse período os grandes comboios abarrotados de judeus de toda a Europa chegavam a Auschwitz – até março de 1942 ainda eram enviados poucos prisioneiros para esse *Lager*. A partir de 1943, Birkenau sofreu uma grande ampliação e foram implementadas, de março a junho, as câmaras de gás com seus modernos sistemas de crematórios ainda mais tecnológicos do que o incipiente localizado em Auschwitz I. (Pezzeti, 2010; Setkiewicz, 2011). A implementação das câmaras de gás com os crematórios serviu para tornar o processo de eliminação mais rápido e eficiente, uma novidade proporcionada pela “era industrial e do morticínio em massa” (Rabinovitch, 2004, p. 61). Aos guardas cabia apenas abrir as latas de Zyklon-B, determinar que os prisioneiros designados deslocassem as tampas que davam acesso às falsas salas de banho, eles derramavam o conteúdo das latas e autorizavam os prisioneiros a fecharem as entradas do veneno. As demais atividades que envolviam o assassinato sistemático dos judeus, as mais extenuantes e desagradáveis, ficavam a encargo dos membros do *Sonderkommando*. Vemos, assim, o desenvolvimento da racionalidade pós-Iluminismo e da modernidade tecnológica e científica em prol do bem-estar dos perpetradores.

Os crematórios foram nomeados usando dois sistemas numéricos distintos, o que pode gerar alguma confusão. Grande parte dos pesquisadores, historiadores e o próprio *Museu e Memorial de Auschwitz-Birkenau* tendem a chamar de Crematório I, a construção localizada em Auschwitz I, enquanto as designações: Crematório II, Crematório III, Crematório IV e Crematório V, indicam as construções localizadas em Birkenau. Nesse sistema, é utilizada a numeração romana. Os prisioneiros, em especial os do *Sonderkommando*, por seu turno, não contam o crematório localizado em Auschwitz I e nomeiam os crematórios localizados em Auschwitz II-Birkenau por meio de números arábicos: Crematório 1, Crematório 2, Crematório 3 e Crematório 4 (Chare & Williams, 2017). Para tentar desfazer possíveis mal-entendidos, ao longo do trabalho utilizaremos o seguinte sistema de identificação: Crematório I, o localizado em Auschwitz I. Os demais crematórios localizados em Birkenau: Crematório II (1), Crematório III (2), Crematório IV (3) e Crematório V (4). Com isso pretendemos deixar claro a qual crematório estamos nos referindo quando abordarmos os testemunhos. Para entendermos a enormidade do empreendimento mortífero a capacidade diária dos crematórios de Auschwitz nos fornece um indicativo: Crematório I – 340 corpos; Crematório

II (1) – 1.440 corpos; Crematório III (2) – 1.440 corpos; Crematório IV (3) – 768 corpos; e Crematório V (4) – 768 corpos. Como é possível identificar pela capacidade de cremação, os Crematórios II (1) e III (2) são pariformes, assim como ocorre com o IV (3) e o V (4) (Setkiewicz, 2011, p. 20). Apesar dessa capacidade, não poucas vezes, os crematórios apresentaram problemas por excessiva tensão operacional. De modo que fossas de cremação também eram utilizadas concomitantemente aos crematórios.

Testemunhar sobre Auschwitz, via de regra, é contar a jornada até chegar ali, onde praticamente todos os trilhos da Europa ocupada despejavam centenas de milhares de judeus. Não, “não há diário ou narrativa, (...) em que não surja o trem” (Levi, 2016, p. 87). A história contada por Primo Levi também passou pela longa viagem da Itália a Auschwitz, em trem de carga lotado de desafortunados, sedentos e famintos, que foi suportada com muito desconforto e aflição. A viagem de trem não é triste somente porque ela distancia os deportados de suas cidades, de seus países, como também em razão das condições em que os levavam. Os vagões estavam sempre abarrotados e quase não havia circulação de ar ou espaço para descansar o corpo; as viagens eram demoradas, não havia suprimentos e nem um lugar apropriado para as necessidades fisiológicas serem feitas. No inverno a viagem era congelante e, no verão, era insuportavelmente quente. Muitos prisioneiros morriam durante o percurso e ficavam escorados em seus familiares ou amigos até o fim da jornada.

Chegar ao *Lager* era, frequentemente, uma mistura de alívio e pavor para os deportados. Alívio por poderem sair do comboio abafado e pútrido; e também pela esperança de encontrar algum alimento, água, banho e descanso. Pavor por não saberem o que esperar daquele lugar, por perceberem que a única língua falada era desconhecida e, logo, por compreenderem que nem todos seguiriam pelo mesmo caminho a partir daquele ponto. Após o comboio de Primo Levi atravessar a seleção, os recém-chegados não indicados para as câmaras, foram encaminhados para um barracão onde aguardavam instruções. Ainda sedento, Primo Levi acreditava ter encontrado uma forma de aplacar a sua sede. Do lado de fora da janela ele mirava um cogumelo de gelo. Ele estica o braço, alcança o gelo e um guarda da SS o tira de suas mãos. Primo Levi (1988) pergunta: “*Warum?*” – “Por que?” –, “*Hier ist kein Warum*”, responde o guarda, “Aqui não existe ‘por quê’” (p. 36). Segundo Levi, a explicação desse episódio é simples: em Auschwitz tudo era proibido, não por razões impenetráveis, mas porque o *Lager* havia sido criado para isso e, se ele quisesse viver, precisaria aprender as regras que organizavam aquele universo “bem e depressa” (p. 37).

Como bem observa Hannah Arendt (2012), a aparente irrealidade, loucura, inutilidade e despropósito dos *Lager* serviam-lhe de “cortina de ferro que esconde dos olhos do mundo

todas as formas de campos de concentração” (pp. 590-591). Havia todo um sistema criado para desnortear os prisioneiros e o caos aparente era só mais um dos muitos enganos produzidos pela política nazista. Nessa mesma direção Primo Levi (2016) aponta que os Campos eram fruto de “lúcida combinação de engenho tecnológico, de fanatismo e de crueldade” (p. 15). Ele se dedicou a falar sobre os Campos justamente porque compreendia que eles, em muitos testemunhos, só eram vistos a partir de uma dimensão irracional e demoníaca, o que não condizia com a sua percepção (Cereja, 2014). O *Lager*, para Levi (2016), era um fenômeno complexo que possibilitou uma variedade de destinos distintos. Apesar de semelhantes, os Campos não eram de todo iguais, os lugares a partir dos quais os prisioneiros registraram a sua passagem, também não. De tal modo que há uma certa diversidade na experiência concentracionária e dela não podemos produzir uma imagem estática e precisa, que seria capaz de se adequar a todas as vivências.

Como herdeiro e condensador da política nazista, o *Lager* não funcionava fora de sua lógica e se serviu sobejamente da burocracia para operar (Rousset, 2016). Ao fim e ao cabo, “visto através do prisma da ideologia, os campos parecem até ser lógicos demais” (Arendt, 2012, p. 606). Há uma certa concordância entre os pesquisadores quando dizem, cada um a seu modo, que “o campo de concentração não é uma extravagância, uma anomalia, mas antes o resultado lógico do processo” (Todorov, 2017, p. 417). A história das construções e desenvolvimentos dos Campos testemunham a esse respeito. Causa desagradável espécie acompanhar o processo de aprimoramento e construção da eficiência da máquina de morte nazista. A cada entrave, a técnica e os instrumentos tecnológicos eram revistos de modo que o assassinato e a eliminação dos restos mortais foi se tornando cada vez mais eficiente, econômico e impassível. Havia registros e mais registros do que acontecia nos Campos, processos que continham ordens curtas, sem comentários explicativos, mas que faziam cada um dos funcionários do *Lager* saber o que era esperado dele e, havia também, muita papelada sobre a morte. A maior parte dessa documentação foi destruída antes do fim da guerra. Porém, os papéis remanescentes testemunham o método no modo como os Campos operavam, em que todo emaranhado de normas escritas e não escritas foram criadas para tornar a vida dos prisioneiros impossível, restando ao sobrevivente caminhar na ilegalidade, na burla das regras, o que era tanto arriscado quanto essencial para viabilizar o prolongamento dos dias de vida (Des Pres, 1976).

Auschwitz e os demais Campos não passavam de um desdobramento de um tema central na política totalitária nazista: “aquele suposto direito do povo superior de subjugar ou eliminar o povo inferior” (Levi, 2016, p. 94). Os Campos funcionavam como espelhos de

aumento do mal totalitário presente na sociedade nazista que se baseava na crença de que tudo é possível (Arendt, 2012). Ou seja, os *Lager* eram “a manifestação extrema dos regimes totalitários, os quais são a forma extrema da vida política moderna (...) no sentido em que Horácio diz que a morte é o limite extremo das coisas e, portanto, da vida: uma negação e um contraste” (Todorov, 2017, pp. 414-415). Os nazistas não inventaram os Campos, bem como não criaram o totalitarismo. Os primeiros Campos surgiram durante a Guerra dos Bôeres, na África do Sul, no início do século XX; eles também foram implementados na Índia para o que se chamava de custódia protetora de elementos indesejáveis (Arendt, 2012). Os nazistas traduziram o universo concentracionário ao seu modo e com isso “passou a existir o novo crime, o crime contra a humanidade – no sentido de “crime contra o status humano”, ou contra a própria natureza da humanidade” (Arendt, 1999, p. 291). Tanto o totalitarismo fascista italiano, como a legislação segregacionista norte-americana e os campos de concentração ingleses na África do Sul foram tomados como protótipos pelos nazistas, aos quais aplicaram um incremento de burocracia, de técnica e de violência.

O objetivo final do *Lager* era a morte dos corpos, mas nem sempre havia pressa para se chegar até a concreta destruição física dos “inimigos do povo”. Sabedores de que “a morte causa somente um terror muito diminuto” (Rousset, 2016, p. 70), os nazistas investiam na função social de um sistema de tortura permanente que incluía violência física, fome e sede extremas, exposição às intempéries do clima, exercícios físicos exaustivos e toda sorte de humilhações. Não há como discordar, a partir do que hoje sabemos, que “o homicídio é apenas um mal limitado” (Arendt, 2012, p. 586). Não sem razão, Adorno (2009) afirmou que “desde Auschwitz temer a morte significa temer algo pior do que a morte” (p. 307), pois ali, para os socialmente condenados, a morte biológica era antecipada não somente no corpo dos entes queridos assassinados, como também no *eu*, no cerne do que determina o humano.

Sobre as figuras concentracionárias, dada as circunstâncias de sua existência, Adorno (2009) questionou o que poderia existir nelas que não houvesse morrido. Os Campos demonstraram que “há muitas coisas consideravelmente piores do que a morte, e a SS cuidava que nenhuma delas jamais ficasse muito distante da mente e da imaginação de suas vítimas” (Arendt, 1999, p. 23). O poema *Shemà*¹¹, escrito em janeiro de 1946 por Primo Levi (1988) pede, em referência aos prisioneiros dos *Lager*, que se considere “se isto é um homem” e “se isto é uma mulher” (p. 9), indicando a incômoda questão sobre a permanência ou destruição

¹¹ baseado na principal oração judaica e proclamação de fé dos judeus que diz “Shemà, Israel” ou “Escute, Israel” (Schlesinger, s/d, p. 130), também é traduzido como “ouve, ó Israel” (Ricoeur, 2007, p. 409).

do traço humano no universo concentracionário. O enigma se torna o título do primeiro testemunho de Primo Levi (1988), publicado originalmente em 1947: *É isto um homem?* Nesse livro-testemunho, Primo Levi expande a questão aventada no referido poema e analisa a grande engrenagem em operação em Auschwitz a fim de destruir, de várias formas, as suas vítimas. A morte se apresentou aos concentracionários a cada momento do encarceramento, em todas as suas facetas e em todas as suas expressões (Rousset, 2016), mas, nem sempre, como morte física. Novamente aqui, no concentracionário, a tentativa de apagar a dignidade e a humanidade dos judeus é adensada em comparação ao mundo externo que já precarizava as condições de existência dos nomeados inimigos dos nazistas. A política nazista almejava torná-los sub-humanos e isso não somente aos seus próprios olhos, como também ao de toda a sua comunidade e aos olhos das próprias vítimas. Em vista disso, no universo concentracionário “o homem desfazia-se lentamente” (Rousset, 2016, p. 48). E o seu corpo era constantemente violado; tudo se dava em nome do experimento social, das experiências médicas e da avidez nazista, mesmo após a morte os restos humanos eram tratados como “matéria bruta, indiferente, boa no melhor dos casos para alguns empregos industriais” (Levi, 2016, p. 101). Os Campos foram projetados para quebrar as resistências e paralisar a oposição, inclusive por meio da castração da liberdade de pensamento (Rousset, 2016). Esse homem despojado de qualquer recurso, será “transformado em algo tão miserável, que facilmente se decidirá sobre sua vida e sua morte, sem qualquer sentimento de afinidade humana (...) Ficaré claro, então, o duplo significado da expressão “Campo de extermínio” (Levi, 1988, p. 33). Entre os arames farpados os judeus sofreram a tentativa derradeira de serem arrancados da espécie humana. Exterminava-se a consciência de pertencimento à humanidade e, só depois, o corpo. Dito de outro modo, os prisioneiros eram primeiro transformados “em animais não humanos, em coisas e, por fim, em cadáveres sem direito à sepultura” (Seligmann-Silva, 2021, p. 442). Os *homo-läger* sofriam de “*Entwürdigung*, precisamente: de dignidade perdida” (Levi, 2016, p. 107). Toda a violência útil e a inútil surgiam enquanto “violência coisificante” (Rabinovith, 2004, p. 114). Humilhar os inimigos e fazê-los sofrer não tinha uma segunda intenção subjacente, secreta.

Uma das muitas mortes ocorria quando da entrada dos selecionados aos *Lager*: a identificação tatuada, a marca na carne. Apesar de ser realizada com rapidez e não provocar tanta dor, o procedimento causava especial perturbação dado o seu significado simbólico de sinal para a morte, correlato à impressão que é feita no couro dos animais destinados ao matadouro (Levi, 2016). Ademais, a partir daquele momento, os prisioneiros eram destituídos de seus nomes e aqueles números desonrosos tomavam o seu lugar. Uma das muitas

violências úteis que visavam degradar e dobrar as vítimas. Infelizmente, nem o fim da guerra pode apagar a humilhação que essa marca produziu em muitos dos sobreviventes que tentavam esconder a cicatriz desbotada sobre a pele. É dito que Primo Levi, logo antes de ser submetido a uma cirurgia da próstata, poucos meses antes de sua morte, teria levantado a manga de sua camisa e, apontando para os números em seu braço, teria dito: “Esta é a minha doença¹²” (Langer, 2001, p. 214, tradução nossa). Uma doença incurável.

Não são poucos os testemunhos que abordam a perda de humanidade durante o encarceramento, da transformação de sua própria humanidade em alguma outra coisa. Os prisioneiros se sentiam homens inanimados, autômatos ou animais e, por fim, supérfluos. Vários relatos atestam que os Campos serviram para transformar homens em bichos que, quando muito, se esforçavam para preservar a espécie. Substancialmente, sob condições cientificamente controladas, os concentracionários tiveram a espontaneidade esfacelada. Aquilo que os tornava humano foi destruído antes mesmo dos seus corpos (Arendt, 2012) - algo que vinha sendo construído desde antes do concentracionário. A diferença era que, nos Campos, a linguagem era ainda mais intrincada, a privação de recursos era mais inquietante, a violência se firmava em maior grau, os prisioneiros eram tolhidos de seus nomes, da presença de seus familiares e amigos, de seus hábitos, de sua língua, de suas roupas, sapatos, cabelos, privacidade, e um homem desprovido de tudo “não se percebe a si mesmo como um ser humano e sim como um verme: nu, lento, ignóbil, vergado ao chão. Sabe que poderá ser esmagado a todo momento” (Levi, 2016, p. 92). Claro que a animalização não é literal e nem completa, mas, lastimavelmente falamos por aproximação, pois a “nossa língua não tem palavras para expressar esta ofensa, a aniquilação de um homem” (Levi, 1988, p. 32).

Os guardas da SS, desprovidos de sutilezas e educados para a violência, atuavam de acordo com as regras do regime totalitário do qual faziam parte, apenas reproduziam o que fora aprendido como dever (Levi, 2016). Como dito anteriormente, não é como se os guardas estivessem privados de moral, mas, os critérios do que definiria o bem e o mal do regime totalitário fizeram com que eles fossem “dotados de uma moral nova” (Todorov, 2017, p. 191). Os prisioneiros estavam à mercê da violência não apenas dos guardas nazistas como também de prisioneiros que ocupavam, por exemplo, a função de supervisores nos Campos. Tais “funcionários-prisioneiros” usavam de violência para serem vistos pelos nazistas como diligentes. Não era possível saber o que podia causar a punição” (Guterman, 2020, p. 61). Logo de saída os prisioneiros recém-chegados eram advertidos pelos veteranos de que só se

¹² “That is my disease.”

saía de Auschwitz pela chaminé (Levi, 1988) e muito rapidamente se aprendia que os SS podiam e matavam impunemente. A tensão era constante porque “não se sabia o que podia acontecer ao prisioneiro de um minuto para outro. Na gíria de Auschwitz se dizia “nunca” com a expressão *morgen früh*, ou seja, “amanhã de manhã”, no sentido de que o dia seguinte atormentava não chegar (Levi, 1988). Tal estado constante de alerta levou muitos prisioneiros a tentarem fazer o que os alemães pediam o melhor e o mais rápido possível e a “colaborar” com os nazistas no intuito de não serem punidos com violência física. Para aumentar as chances de vida, escolhas difíceis precisaram ser feitas a cada momento. E a sensação de estar em um universo completamente distinto do conhecido até então cooperava para a cumprimento das ordens em que, para viver, só “resta obedecer” (Levi, 1988, p. 27).

Os concentracionários tinham diante de si um dilema, uma oposição entre “os valores vitais e os valores morais” (Todorov, 2017, p. 62). O primeiro dizia respeito à conservação da própria vida e, se possível, raramente era, à preservação do seu bem-estar. Já o segundo considerava que mais importante do que preservar a vida seria manter os valores humanos, portanto, era valorizado mais o esforço de não se desumanizar do que o de se manter vivo, “sobreviver continua a ser um fim inteiramente respeitável (...) mas não a qualquer preço” (Todorov, 2017, p. 62). Será? Quando se tem que compartilhar a cama com um cadáver, quando se aguarda o vizinho morrer para comer o seu pão, é possível manter intacto o aspecto humano pré-*Lager*? Primo Levi (1988) entende que algo se perde, pois “não é humana a experiência de quem viveu dias nos quais o homem foi apenas uma coisa ante os olhos de outro homem” (p. 253). Não é de todo humano esse domínio. A experiência no *Lager* era ambivalente. É nesse sentido que Jorge Semprun, sobrevivente de Buchenwald, escreve que nos *Lager* “o homem se torna um animal capaz de roubar o pão de um camarada, de empurrá-lo para a morte. Mas (...) o homem se torna também (...) capaz de compartilhar até seu último toco de cigarro, até seu último pedaço de pão, até seu último fôlego, para defender seu camarada” (Todorov, 2017, p. 63). Não há e nem poderia haver regra quanto aos modos de lidar com os valores vitais e os morais, “no Campo, onde por vezes é preciso escolher entre salvar seu pão e salvar sua dignidade, entre inanição física e a inanição moral, tudo é realçado” (Todorov, 2017, p. 65). Quase que a integralidade das ações nos Campos, se não todas, se desdobravam em uma questão de vida ou de morte e é sabido que raramente a ação moral contribui para a sobrevivência imediata (Bauman, 1998). Mas não exploraremos agora esse terreno. As questões morais serão abordadas no próximo capítulo.

Muitos prisioneiros não conseguiram se recuperar do impacto inicial de estar diante de um universo tão precário e violento. Não havia comida ou água o suficiente e tampouco havia

descanso, “muitos prisioneiros foram baleados ou espancados até a morte por rastejar para algum canto e acabarem dormindo. Muitos outros morreram congelados enquanto dormiam na neve¹³” (Des Pres, 1976, p. 76, tradução nossa). Havia tanta fome que os prisioneiros, em grande parte, estavam inteiramente absorvidos “pela obsessão da comida. Falavam incansavelmente de receitas de cozinha” (Roussset, 2016, p. 53). Trata-se de uma fome crônica, entranhada no corpo dos prisioneiros que os tornava, eles mesmos, em fome viva; e de uma sede tão atroz que enfurecia e castigava (Levi, 2016).

O que fazia a diferença entre a vida e a morte no *Lager*? Os vínculos com os outros prisioneiros, um pouco a mais de comida, um bom sapato, entender as ordens, uma certa malícia, não ter tantos piolhos, em tudo isso residia a chance de sobrevivência. Os que conseguiram sobreviver contaram com a sorte e, também, com alguma ajuda. De nada adiantou preservar o mínimo de dignidade possível, entender as ordens e cumpri-las a contento, se a sorte ou o acaso não lhes fossem favoráveis. Em muitos testemunhos encontramos referência a alguma ajuda recebida. Porém, nos Campos, quando alguém se dispunha a ajudar o próximo, muitas vezes o fazia tirando do seu ou colocando-se em risco. Tanto em razão do sacrifício e risco, quanto em função da confiança, os laços de solidariedade, via de regra, estavam restritos a pequenos grupos. Muitos deles formados a partir de vínculos nacionais. Um coerente, civilizado e barulhento grupo era formado pelos judeus gregos “tão decididos a continuar vivendo e tão implacáveis na luta pela vida” (Levi, 1988, p. 103). As características relatadas a respeito desse grupo parecem bastante pertinentes para a luta nos Campos. Eles eram tidos como teimosos, manipuladores, ladrões, mercadores exímios e, ao mesmo tempo, repudiavam a brutalidade inútil, eram solidários e “depositários de uma concreta, terrena, consciente sabedoria (...), [mantinham] assombrosa consciência de que ainda subsiste uma dignidade humana” (Levi, 1988, pp. 115-116). A ambiguidade evocada pela sobrevivência no *Lager* estava bem representada por esse grupo.

Para sobreviver em um ambiente tão inóspito os concentracionários precisavam aprender tanto a identificar quanto a pegar coisas que encontravam pelo *Lager*, “o pedaço de arame, para amarrar os sapatos; os trapos, para envolver os pés; o papel, para forrar (embora fosse proibido) o casaco contra o frio” (Levi, 1988, p. 43). Os prisioneiros andavam sempre encurvados, com as cabeças baixas e olhos fixos no chão. Isso ocorria em razão do frio, da fraqueza do corpo, fruto da fome, do medo de olharem os nazistas nos olhos e serem

¹³ “Many prisoners were shot or beaten to death for crawling off to some corner and falling asleep. Many others froze to death while sleeping in the snow.”

agredidos e, também, na tentativa de encontrar algum objeto perdido ou algo para colocar na boca. Para sobreviver era preciso também se precaver de possíveis furtos de itens essenciais como os sapatos, a gamela, a colher. Dormir e se banhar tendo que proteger esses itens do interesse alheio era uma tarefa cotidiana. Havia muita desconfiança entre os prisioneiros, pois sabia-se que olhos cobiçavam o seu pão, os seus sapatos, a sua gamela e, muito rapidamente, aprendia-se que era preciso, antes de mais nada, cuidar de si mesmo (Levi, 2016). Há muitos testemunhos que registram a importância dos sapatos na possibilidade de subsistir e, frequentemente, se recebia um sapato que não servia bem nos pés, ou eram dados sapatos em que cada pé tinha uma numeração diferente. Caso não houvesse alguém disposto a trocar os sapatos a tentação de surrupiar de algum companheiro desatento era enorme. Afinal, congelamento e feridas nos pés podiam ser fatais. A colher e a gamela também cultivavam significativo lugar, pois sem elas não se comia. Um detalhe sobre a iniciação no Campo dizia respeito às colheres. Quando se chegava a Auschwitz nenhuma colher era dada aos novatos, era preciso “comprá-la”, ou seja, ter algo para trocar com quem dispusesse de mais de uma. Habitualmente, uma colher valia uma porção de pão. A despeito de todo o sacrifício feito para conquistá-las, quando o Campo foi liberado pelos soviéticos, descobriram que havia um cômodo cheio delas. Elas poderiam ter sido distribuídas, mas os nazistas preferiram introduzir uma crueldade a mais aos recém-chegados esfomeados (Cereja; Bravo & Levi, 2014, p. 51).

Havia carência ainda de um item muito necessário, capaz de, eventualmente, ajudar a reduzir os golpes dos guardas da SS e as doenças, diminuir a sede, a fome e o frio: a informação. O mundo ao redor dos concentracionários parecia de cabeça virada, nele informações simples separavam a vida da morte (Levi, 2002). Os prisioneiros que não falavam alemão ou que não conseguiam se comunicar com prisioneiros mais experientes tinham menos chance de sobreviver. A maior parte dos italianos que chegaram ao *Lager* com Primo Levi (2016) e que não falavam outra língua, morreram nos dez ou quinze primeiros dias após a sua chegada. Os judeus italianos correspondiam a 1% da população daquele *Lager* e sofriam de terrível isolamento linguístico (Cereja, 2014). É bom lembrar que em Auschwitz, bem como em outros campos, havia uma concentração de judeus de vários pontos da Europa que falavam uma diversidade de línguas que tornavam a comunicação entre os prisioneiros difícil. Ter tantos judeus ao redor, mas não haver com quem dividir as agruras, deixava os prisioneiros um tanto solitários em sua jornada e mais vulneráveis à violência. Os judeus asquenazes (oriundos da Europa Central ou do Leste) encontravam no ídiche – derivada do encontro do hebraico, do alto alemão do século XIV e línguas eslavas – uma língua comum, a partir da qual podiam se comunicar. Os judeus não falantes de ídiche, a segunda língua do

campo – a primeira era o alemão –, sofriam preconceito dentro da própria comunidade judaica concentracionária. Os falantes de ídiche diziam aos não falantes: “*Redest keyn jiddish, bist nit key jid*” (Cereja; Bravo & Levi, 2014, p. 77) que quer dizer, por meio de uma espécie de silogismo, que um judeu (*jid*) que não fala ídiche (*jiddish*), não é um judeu (*jid*). Assim, os judeus sefarditas (advindos principalmente de Portugal e da Espanha), ficavam de fora dessa comunidade linguística e tinham no ladino, também conhecido como judeu-espanhol, uma língua em comum. Porém, nem todos os judeus asquenazes falavam ídiche e nem todos os sefarditas falavam ladino. Em Auschwitz, “a confusão das línguas é um elemento constante de nossa maneira de viver; a gente fica no meio de uma perpétua babel, na qual todos berram ordens e ameaças em línguas nunca antes ouvidas, e aí de quem não entende logo o sentido” (Levi, 1988, pp. 50-51).

Nos *Lager* havia o alemão como língua falada, e também a língua própria do universo concentracionário, uma espécie de alemão incivilizado e bruto formado por “significantes-cadáver” (Seligmann-Silva, 2021, p. 455) a serem dominados ou, minimamente, compreendidos pelos prisioneiros. O alemão gritado e cheio de ameaças dos Campos era uma variante bárbara da língua mãe, ele era “*ortsund zeitgebunden*, ligado ao lugar e ao tempo” (Levi, 2016, p. 78). A linguagem do *Lager* deteriorava tanto a possibilidade de elaboração do vivido quanto a própria comunicação, pois “no campo tudo tende ao concreto. A metáfora e a capacidade figural da linguagem estão embotadas” (Seligmann-Silva, 2021, p. 452). Caso os *Lager* permanecessem em funcionamento por mais tempo, “teria nascido uma nova, áspera linguagem” (Levi, 1988, p. 182). Àqueles que não conseguiam acompanhar as ordens faladas restava a linguagem da violência porque os guardas não tinham tempo ou interesse de explicar o significado das ordens. Em Mauthausen, “o chicote era chamado de *Der Dolmetscher*, ou “o intérprete”. A ironia cruel era o forte desse idioma do campo” (Guterman, 2020, p. 61), quem não compreendia a língua alemã só podia ser bárbaro e deveria ser tratado como uma besta ignorante. Em razão da multiplicidade de línguas e da necessidade de se protegerem e compreenderem melhor o mundo ao redor, quando possível, não era incomum ver grupos nacionais cultivarem vínculos de solidariedade entre eles. Ainda assim, mesmo entre os concidadãos, a recomendação era de que se confiasse desconfiando.

Ainda abordando a possibilidade de resistir às calamidades dos Campos, de um modo geral, os judeus cultos e intelectuais padeciam grandes dificuldades no concentracionário, mas não necessariamente em razão da língua e sim pela falta de familiaridade com o tipo de trabalho requerido que exigia força física e tenacidade. Infelizmente, “a razão, a arte, a poesia não ajudam a decifrar o lugar do qual foram banidas” (Levi, 2016, p. 115). Aqueles que

tentavam elaborar intelectualmente o que acontecia ao redor tinham menor chance de sobrevivência, pois no *Lager*, mais valia saber-fazer com os elementos da realidade do que conceber teses sobre o seu funcionamento. A rusticidade tinha mais serventia do que as convenções que remetiam à etiqueta social e à educação. Porém, certos cuidados pessoais que reportavam ao tempo pré-*Lager* podiam contribuir para a determinação em viver. Algo sobre o qual Primo Levi ouviu nos primeiros dias de encarceramento.

Uma semana após o cativeiro, Primo Levi (1988) relata o desânimo que sentia ao pensar em se lavar sem sabão e com a água turva que saía da pia suja do banheiro. Ele passou a considerar esse ato fútil, um desperdício das poucas reservas de energia e calor que ele ainda possuía e que não valia a pena se lavar para morrer. Steinlauf, judeu e ex-sargento do exército austro-húngaro durante a Primeira Guerra Mundial, o aconselhou dizendo que precisamente “porque o Campo é uma grande engrenagem para nos transformar em animais (...) é essencial esforçar-nos por salvar ao menos a estrutura, a forma da civilização. (...) é a última: a opção de recusar nosso consentimento” (Levi, 1988, p. 55). Steinlauf indicava que se manter limpo seria uma forma de fazer resistência ao desígnio nazista de desumanizá-los e que esse cuidado deveria ser tomado por dignidade e para que, sem perceber, não se comesse a morrer. Fica subentendido em sua fala que para viver como um ser humano, era preciso manter o que fosse possível da dignidade, mesmo em condições como aquela. Em certa medida, parece que Steinlauf conservava alguma razão, pois “beleza, limpeza e ordem ocupam, evidentemente, uma posição especial entre as exigências da cultura” (Freud, [1930]/2020, p. 342). Da cultura *humana*, diga-se de passagem. Há de se advertir, no entanto, que tal como a ação moral, “nem sempre a dignidade assegura a sobrevivência” (Todorov, 2017, p. 100), em especial no universo concentracionário. E mais do que isso, ainda que encontremos outros testemunhos que apontem para a importância de seguir conselhos como o de Steinlauf – e eles existem em abundância (Langer, 1982) – não é possível tomá-los como garantia de preservação da dignidade. O próprio Primo Levi (1988) não toma o preceito como referência absoluta. Somente algum tempo depois dessa conversa, Levi foi entender que apresentar-se tão decente quanto possível era importante no dia a dia do *Lager*, pois funcionava como uma armadura externa da vida, algo que remetia à ordem moral (Cereja; Bravo & Levi, 2014).

É incontestável que em um ambiente como o dos Campos, seguir a orientação de Steinlauf não era exatamente uma questão de escolha. Além da água ser turva e imprópria para consumo, ela estava em permanente escassez. As latrinas transbordavam e os prisioneiros frequentemente apresentavam quadros de diarreia, havia lama por todos os lados, não havia roupas disponíveis para trocar as peças muito sujas, ou seja, manter-se limpo exigia

um esforço extraordinário (Des Pres, 1976). Por outro lado, à semelhança da opinião de Steinlauf e a despeito de todas as dificuldades, banhos eram bem-vistos pelos prisioneiros, mesmo nessas condições, a fim de tentar manter intacta a tão falada dignidade – uma palavra de valor um tanto frágil naquele contexto e, talvez, por isso mesmo, um bem tão caro. Disto também dependia a vida: parecer humano ou se sentir humano. De um modo geral, “os sobreviventes fazem ajustes radicais para viver; mas ao mesmo tempo, e também para viver, esforçam-se por manter-se fundamentalmente inalterados pelas pressões a que respondem. Nisso eles são como a própria vida, que é ao mesmo tempo flexível e conservadora¹⁴” (Des Pres, 1976, p. 202, tradução nossa). Dentre os esforços de se manter vivaz estavam os planejamentos de fugas jamais concretizadas e as imaginações de insurgências nunca levadas adiante. Como parte da tentativa de se manterem vivos era preciso esperar o pior para serem capazes de se protegerem, mas também, em alguma medida, os planos mirabolantes de um futuro em liberdade ajudavam os condenados a seguirem adiante.

Retomamos a racionalidade nazista em prol do extermínio com o intento de demonstrar que a lógica utilizada fora do concentracionário valia nele também. A utilização de câmaras de gás operadas com Zyklon-B nos *Lager* não foi um acaso, ela sintetizou traços da modernidade. O extermínio em massa foi a racionalidade aplicada a um projeto traçado com claro objetivo de controle. Por isso, “cada passo no sentido do enfraquecimento das bases sociais da democracia política torna um pouquinho mais possível um desastre social na escala do Holocausto” (Bauman, 1998, p. 140). Através do discurso moderno aos judeus foram atribuídas diversas representações do campo sanitário: doença, infecção, vírus, praga. Himmler disse em 1942: “a batalha em que estamos empenhados hoje é semelhante à que travaram, no século passado, Pasteur e Koch (...) só recobramos a saúde eliminando o judeu” (Bauman, 1998, p. 93). Para os nazistas, dar aos seus inimigos a morte específica por Zyklon-B, um pesticida, era reencontrar a ironia de exterminar os parasitas (Rabinovitch, 2004). Nos Campos o moderno racismo pseudocientífico entrou em ação como se tudo não passasse de um cuidadoso procedimento sanitário a ser observado com dedicação.

Tal como ocorria fora do *Lager*, o intuito de certas expressões e encenações utilizadas nos Campos era enganar as vítimas para que cooperassem com os perpetradores. A começar pela entrada de Auschwitz em que estava exposta a famosa frase *Arbeit macht frei* (o trabalho liberta) que fazia crer que, caso os prisioneiros se dedicassem ao trabalho, poderiam viver. O

¹⁴ “Survivors make radical adjustments in order to live; but at the same time, and also in order to live, they strive to keep themselves fundamentally unchanged by the pressures to which they respond. In this they are like life itself, which is flexible and conservative.”

que o lema de Auschwitz não explicava era que o trabalho extenuante libertava os concentracionários pela chaminé, pois para os judeus “a liberdade que vos espera é a morte” (Levi, 2016, p. 11). Os filhos pequenos não eram separados das mães durante as seleções para que não houvesse uma resistência considerada desnecessária. Mulheres com crianças pequenas, pessoas idosas ou com alguma dificuldade de locomoção eram levadas de caminhão da rampa de seleção às câmaras de gás, como se os nazistas estivessem fazendo-lhes uma gentileza. Era possível ver ao lado das câmaras de gás um veículo com uma cruz vermelha pintada que fazia os judeus pensarem que receberiam cuidados médicos naqueles prédios. Esse veículo, na verdade, fazia o transporte do veneno Zyklon-B.

O tratamento dispensado pelos guardas aos deportados variava, às vezes era falsamente gentil, especialmente quando ainda havia poucos comboios chegando a Auschwitz. Quando apenas o crematório de Auschwitz I estava em funcionamento, os deportados se despiam nos jardins em frente à câmara de gás. Para persuadi-los a se desnudarem uns diante dos outros, mesmo em temperaturas congelantes, os guardas perguntavam quais as profissões dos deportados e garantiam que todas eram necessárias para o Reich, prometiam-lhe comida e chá quente ao final dos banhos. Em momentos de grande fluxo a encenação era dispensada e os cachorros eram atçados para acelerar o processo. Já nos crematórios de Birkenau, quando os deportados entravam na sala de despir que antecedia a câmara de gás, eles encontravam cartazes, em várias línguas, falando sobre a importância de se manter a higiene e a limpeza. Nas paredes havia ganchos com números e os SS pediam para os prisioneiros os decorarem a fim de encontrarem com facilidade os seus pertences após o banho e falavam que os sapatos deveriam ser posicionados juntos para não se perderem. Em alguns momentos os prisioneiros mais resistentes em obedecer, ou mais constrangidos, eram incentivados a agilizarem o processo, com a promessa de refeição quente ao final. Enfim, muitos foram os artifícios utilizados para enganar e para dobrar as vítimas e só sabemos desses artifícios em razão dos testemunhos de membros do *Sonderkommando* que acompanharam todo o processo.

Os nazistas mataram a morte ou a transformaram. A morte, consequência última do sistema concentracionário, só tinha lugar em sua ausência, pois “em Auschwitz não se morria: produziam-se cadáveres. Cadáveres sem morte, não-homens cujo falecimento foi rebaixado à produção em série” (Agamben, 2008, p. 78). De certo modo, os nazistas “roubaram da morte o significado de desfecho de uma vida realizada. Em certo sentido, roubaram a própria morte dos indivíduos, provando que, doravante, nada – nem a morte – lhe pertencia e que ele não pertencia a ninguém” (Arendt, 2012, p. 600). Não havia espaço para choro, lamento ou luto

diante da morte. A degradação da morte estabeleceria o nome próprio do horror de Auschwitz, a sua ofensa específica, fruto de uma política deliberada de tornar o inimigo sub-humano (Des Pres, 1976). Os judeus mortos em Auschwitz sabiam que não morriam como judeus (Agamben, 2008). Inclusive, os perpetradores proibiam qualquer referência aos judeus como vítimas ou mesmo pessoas, homens ou indivíduos. Eles eram chamados de *Figuren*, peça ou mercadoria ou carregamento (Cytrynowicz, 2003). Falar em morte dos concentracionários perto dos nazistas também era proibido (Todorov, 2017), afinal, uma peça não morre. Mesmo no fim, “a vítima que foi privada da vida também foi privada da morte¹⁵” (Langer, 1982, p. 149, tradução nossa). Os corpos dos deportados, não sendo considerados humanos, podiam ser expostos a toda sorte de experimentos em nome da medicina. Cobaias involuntárias em pesquisas conduzidas por médicos nazistas em prol do desenvolvimento científico. Os corpos dos sub-humanos servirem para fazer avançar o conhecimento sobre os corpos dos sobre-humanos, mostra que a diferença entre eles não era outra que não ideológica e arbitrária.

Entre os prisioneiros, longe dos ouvidos dos perpetradores, diversos eram os comentários sobre a morte e o morrer nos Campos, pois “onde a morte “era trivial, burocrática e cotidiana”, tanto a morte como o morrer, tanto o morrer como os seus modos, tanto a morte como a fabricação de cadáveres se tornam indiscerníveis” (Agamben, 2008, p. 82). A morte fazia parte da vida diária do *Lager*, não havia como subtraí-la. A situação-limite precipitada nos Campos é correlata àquelas correspondentes ao estado de exceção (Agamben, 2008). Desde Benjamin (1987), a bem da verdade, aquilo que chamamos de “estado de exceção” nada mais é do que a regra geral, porém, o nosso conceito de história não reflete essa condição. Se tivéssemos maior clareza sobre esse ponto talvez a luta contra o fascismo se tornaria um exercício mais potente e não nos surpreenderíamos que as violências “no século XX “ainda” sejam possíveis” (p. 226). Uma compreensão que pode, perfeitamente, ser estendida ao século XXI. O Terceiro Reich, em seus 12 anos de duração, foi governado com o exercício de um poder sem limite e “Auschwitz é exatamente o lugar em que o estado de exceção coincide, de maneira perfeita, com a regra, e a situação extrema converte-se no próprio paradigma do cotidiano” (Agamben, 2008, p. 57). A situação extrema coloca em jogo a dinâmica de continuar sendo ou não humano ou tornar-se muçulmano, é sobre isso que os sobreviventes testemunharam. Não se trata somente da luta entre a vida e a morte como também inclui a luta pela própria humanidade ou a perda dela, ainda que não integralmente.

¹⁵ “the victim who was deprived of his life was also deprived of his death.”

Primo Levi (2016) avalia a diferença da consciência moral dos concentracionários dentro e fora do *Lager* a partir do elevado número de suicídios que ocorreram após a libertação dos Campos, em comparação aos poucos verificados durante o encarceramento. Tanto nos guetos quanto nos *Lager*, apesar de diversos métodos estarem disponíveis, poucos foram os relatos de suicídio (Arendt, 2016). A hipótese que Primo Levi (2016) mais retorna durante as entrevistas que concedeu ao longo da vida e que ele toma como a mais convincente é a de que o suicídio é um ato próprio do homem, uma escolha não instintiva, e que no *Lager* vivia-se como um animal que, eventualmente, se deixava morrer, mas raramente se matava. Ele reconhece que entre os concentracionários havia uma inconfessável esperança que os fazia viver, que os impedia de tocarem a cerca eletrificada e tornava-os incoerentes (Levi, 1988). O retorno à civilização se tornava insuportável para o homem, pois a libertação possibilitava a restituição da regulação simbólica, por vezes, intolerável. Era como se, ao sair da escuridão do *Lager*, a consciência fosse readquirida e, com ela, surgisse o sofrimento por aquilo que cada um fez para sobreviver e pelo que não fez para ajudar o próximo. Afinal, a não intervenção para ajudar o próximo tinha como consequência provável a morte dele.

A questão, portanto, parece circundar menos a relação de cada um com aquilo que fez deliberadamente para prejudicar o próximo, mas o que não fez para ajudá-lo. Mas, nas condições do *Lager*, era possível realmente amparar o próximo? O retorno às referências ético-morais da sociedade não concentracionária pode ter exercido um efeito, marcando um segundo tempo na subjetivação do evento. Nesse sentido, se durante o cativeiro imperava a lógica do *Hier ist kein Warum*, a saída do sistema concentracionário exigiu algumas respostas. Certamente a que *por quês* as perguntas se dirigiram foi diferente para cada um dos sobreviventes. De certo modo, Primo Levi (2010) já havia sobrevoado a diferença de posição dos concentracionários dentro e fora do Campo em *A trégua*, quando comentou que, após a libertação, os prisioneiros se depararam com uma fome diferente da que os assolou durante o encarceramento: “uma necessidade mais imediata e urgente de contatos humanos, de contato físico e mental, de novidade e variedade” (p. 158), a própria relação com a temporalidade mudava e o tempo “readquiria vigor e valor” (p. 184). A lucidez, o entendimento e o registro do vivido enquanto estavam no Campo permaneciam opacos, turvos, mas além dos arames farpados atentar apenas para as necessidades do corpo já não era o suficiente. Essa é uma das razões pelas quais a libertação dos Campos nem sempre foi vivida como uma circunstância alegre ou despreocupada; ela foi recebida por alguns sobreviventes como que carregada de “angústia dos homens” (Levi, 2016, p. 55).

Auschwitz é o lugar de um experimento “no qual, para além da vida e da morte, o judeu se transforma em muçulmano, e o homem em não-homem. E não compreenderemos o que é Auschwitz se antes não tivermos compreendido quem ou o que é o muçulmano” (Agamben, 2008, p. 60). De fato, quem possivelmente melhor representou a tentativa de destruição absoluta do outro foi o *Muselmann* (muçulmano): o prisioneiro exaurido e desesperançado, o submerso do *Lager*. O muçulmano marca a consequência radical da situação extrema na qual viviam homens e mulheres no *Lager*. No limite, o *homo läger* é alguém em que a dor impõe o seu domínio (Lessa, 2014). A passagem desses mortos vivos pelos Campos era breve e seu destino era se tornar “um punhado de cinzas (...), um número de matrícula riscado” (Levi, 1988, p. 130). Os demais prisioneiros não nutriam simpatia por eles, pois os muçulmanos apresentavam aos companheiros o seu predito destino próximo. Os muçulmanos tinham o basal do corpo em funcionamento e estavam no prelúdio da passividade e do apagamento da consciência, já não se interessavam por usar a linguagem, não mostravam interesse por coisa alguma. Estavam em posição de se deixarem morrer em que é formado um “pacto sinistro entre a racionalidade rebaixada à funcionalidade de destruição e uma corporeidade reduzida à matéria passiva, sofredora” (Gagnebin, 2006, p. 77). De um modo geral, os prisioneiros estavam “programados, não pensam, não querem. Marcham” (Levi, 1988, p. 71). Para os muçulmanos tudo o que se aplicava aos demais era para vivido em doses hiper concentradas. Se “para o indivíduo a vida é difícil de suportar” (Freud [1927]/2020, p. 246), para o *homo läger* a questão excedia qualquer divisa, e não havia mais força para lutar pela vida.

Eles não passavam de estranhos esqueletos que perambulavam ou recostavam pelos cantos e “pouco depois, o corpo prostrou-se. O cadáver vivo tornou-se um cadáver morto” (Rousset, 2016, p. 26). Eles eram para Primo Levi (1988) a imagem de todo o mal do nosso tempo e evidenciavam, inequivocamente, que o nazismo tornou possível um mundo inimaginável de degradação e mortes sem que “a ética do interdito” (Rabinovitch, 2004, p. 114) operasse na estruturação do laço social. Agamben (2008) defende que o que se produziu em Auschwitz na figura do *Muselmann* não prova a inumanidade daqueles homens e mulheres, e sim a insuficiência da abstração que definiria o limite do que é ou não humano. Ele considera que negar-lhes “simplesmente a humanidade significa aceitar o veredicto das SS” (Agamben, 2008, p.70). Des Pres (1976) também reafirma a humanidade dos *homo läger* que mesmo em trapos, nos mostram que o “espírito humano” pode suportar o tormento que foi a *Shoah* e continuar existindo.

Concordamos com Agamben e Des Pres, mas isso não apaga o intuito nazista de fabricar um não-homem a ser segregado, gaseado e queimado. Uma intenção firmada em uma ideologia compartilhada por uma massa e fomentada por um líder severo e carismático pode levar à disposição e ao engajamento necessários para empobrecer e esvaziar a representação social de certos homens e mulheres. Nessa perspectiva, Auschwitz produz uma “experiência devastadora na qual se faz com que o impossível seja introduzido à força no real. (...) O muçulmano (...) é a catástrofe do sujeito que daí resulta, sua anulação como lugar da contingência e sua manutenção como existência do impossível” (Agamben, 2008, p. 149). Como bem disse Rousset (2016), “os homens normais não sabem que tudo é possível. (...) Os concentracionários sabem” (p. 109). Os concentracionários experimentaram a ausência de medida da violência do sistema nazista, simbolicamente e fisicamente. No limite, a política nazista se encarregou de tornar concreto o desejo de Hitler de não existir para ele a palavra “impossível”. Ao que parece esse sempre foi o trunfo dos nazistas, fazer o que ninguém acreditaria que eles fossem capazes: tornar o impossível possível.

Um sobrevivente de Dachau relata que os guardas da SS tinham particular prazer em dizer que não havia chance de nenhum deles escapar com vida do Campo e que, após o Guerra, ninguém seria capaz de saber o que se passou com os judeus e mesmo os rumores e especulações seriam desacreditados porque o mundo concluiria que aquilo não era possível (Des Pres, 1976). Primo Levi conta uma história semelhante em que os guardas da SS nazista se divertiam ao dizer aos prisioneiros judeus que, independentemente de qual fosse o fim da guerra, “a guerra contra vocês nós ganhamos; ninguém restará para dar testemunho, mas, mesmo que alguém escape, o mundo não lhe dará crédito. (...) dirão que são exageros da propaganda aliada (...). Nós é que ditaremos a história dos *Lager*” (Levi, 2016, p. 7). O próprio Hitler teria dito: “Eu dei ordem às unidades especiais da SS de se apoderarem do *front* polonês e de matarem sem piedade homens, mulheres e crianças. Quem ainda fala dos extermínios dos armênios [ocorrido em 1915], hoje?” (Gagnebin, 2006, p. 47). A política nazista contava com a possibilidade do esquecimento e da reescrita da história. Fazer os prisioneiros enfraquecidos e despreparados para o inverno marcharem para a Alemanha conspirava nessa direção, pois se morressem pelo caminho, tanto melhor, assim não poderiam contar nada (Levi, 2016). Caso essa previsão se concretizasse, se confirmaria a asserção benjaminiana de que “também os mortos não restarão em segurança se o inimigo vencer” (Benjamin, 1987, pp. 224-225). Ou seja, os mortos teriam as suas histórias salvaguardadas.

De certo modo, ao fazerem o que não parecia ser possível, os nazistas conseguiram imprimir, pelo menos por algum tempo, a sua própria versão da história. Essa parece ser mais

uma contradição do regime nazista: ao mesmo tempo em que a referência à morte dos ditos inimigos era explicitada, todos os nazistas envolvidos no processo de extermínio eram submetidos a um juramento especial prometendo segredo e toda comunicação seguia as já mencionadas rígidas regras de linguagem. À exceção dos “relatórios dos *Einsatzgruppen*”¹⁶, é raro encontrar documentos em que ocorram palavras ousadas como “extermínio”, “eliminação” ou “assassinato” (Arendt, 1999, p. 100). Hannah Arendt (1994) conta que ela e o esposo receberam as primeiras notícias sobre Auschwitz em 1943 e não puderam acreditar nos relatos. A essa altura, a despeito de todos os cuidados, a fama sobre Auschwitz ser o pior e mais extremo do que os outros *Lager* se difundia (Levi, 2002). Ainda que esperassem qualquer coisa dos alemães, desconfiaram do que ouviam porque eliminar os judeus era simplesmente desnecessário do ponto de vista militar e não havia nenhuma razão para isso. Por piores que fossem os alemães, eles não iriam tão longe, acreditavam (Arendt, 1999). Meses depois chegaram as provas. Os testemunhos chegaram pelas vozes e corpos dos sobreviventes, e pelas imagens que os aliados registraram do que restou e de quem restou das fábricas de cadáveres sem mortos. Eles não puderam mais duvidar e também não puderam se reconciliar com o que aconteceu em Auschwitz e demais *Lager*.

Antes disso, nas transmissões de rádio de Thomas Mann (2009), houve denúncias em pelo menos quatro ocasiões sobre os assassinatos em massa, a partir de meados de 1942. Na transmissão do dia 27 de setembro de 1942, por exemplo, ele faz referência aos milhares de judeus mortos, das mais variadas nacionalidades, em razão da fome ou por gás letal e usa a expressão “campo de extermínio”. A vitória dos líderes nazistas, ele dizia, deveria ser mais temida do que a derrota. Não apenas pela voz de Thomas Mann as notícias sobre os Campos começaram a ser difundidas em 1942. Ainda que de maneira vaga, os informes eram convergentes no sentido de apontar para um massacre violento em curso e, assim como ocorreu com Hannah Arendt, quem ouvia tendia a rejeitar a sua veracidade em razão do absurdo denunciado (Levi, 2016). Com a libertação de alguns Campos em curso, em 14 de janeiro de 1945, Mann informa o montante de 1.715.000 judeus assassinados descobertos até aquele momento através da contabilidade realizada pelos nazistas, fruto do senso de ordem alemão, ironiza. Decorrido algum tempo do fim da guerra, em novembro de 1945, apoiando-se nas reflexões de Frank Thiess, Mann (2009) conclui que “súplicas como as minhas foram inteiramente supérfluas. Os cegos (...) não deram ouvidos, e os conhecedores da situação

¹⁶ Unidades especiais da SS que mantinham o controle nos territórios ocupados pelos nazistas e funcionavam como esquadrões da morte.

sempre sabiam mais do que era dito nos discursos, ao menos bem no fim. Assim eram as coisas na Alemanha” (p. 218).

Local de um experimento biopolítico, conforme apresentado por Primo Levi (1988), Auschwitz, transforma e desarticula os seus habitantes “até a um ponto-limite no qual o nexo entre subjetivação e dessubjetivação parece romper-se” (Agamben, 2008, p. 149). Os ímpetos sociais de outrora são reduzidos ao silêncio frente à necessidade e ao sofrimento físico (Levi, 1988). A realidade da situação extrema é que não existe escapatória e nenhum lugar para se refugiar que não seja a morte, em que mesmo as formas de vida autorizadas são determinadas por ela (Des Pres, 1976). Não obstante toda a dificuldade de manejar com a representação e com a linguagem próprias do universo concentracionário, “dizer que Auschwitz é “indizível” ou “incompreensível” equivale a *euphemein*, a adorá-lo em silêncio, como se faz com um deus; significa, portanto, independente das intenções que alguém tenha, contribuir para a sua glória” (Agamben, 2008, p. 42). Essa é a razão de seguirmos tentando falar sobre a experiência concentracionária e de lançar uma compreensão, ainda que mínima, ao que lhe diz respeito. São as palavras que podem dar-lhe algum contorno.

Os sobreviventes estavam desassistidos e confusos antes dos *Lager*, após o *Lager* seguiram se sentindo sozinhos e cheios de incertezas. A questão era material – como voltar para o seu país de origem? A sua casa estaria ocupada? Como sobreviver sem dinheiro, sem nada, sem mais ninguém no mundo que poderia ampará-lo? – e também subjetiva, haja vista todas as questões levantadas acima. Ao voltar para casa, o sobrevivente “não pode se impedir de aspirar a uma espécie de gratificação, depois dos sofrimentos desumanos que sofreu, mas não a encontra. A desolação também reina fora dos campos de concentração” (Todorov, 2017, p. 385). Ele volta, mas continua estrangeiro, pois ele se fixou no *Lager*.

1.3 Trauma, memória, silêncio e palavra

*Não existem, nas vozes que escutamos,
ecos de vozes que emudeceram?*
Walter Benjamin, [1940]/1987, p. 223.

É razoável que se saiba calar mesmo diante da possibilidade de falar sobre a *Shoah* a fim de recusar o *blábláblá* infrutífero sobre a matéria (Cytrynowicz, 2003), porém, é certo que muito do silêncio produzido após o retorno dos campos de extermínio não se deu por essa razão. É conhecida a constatação de Walter Benjamin (1987) de que os combatentes da Primeira Guerra retornaram das trincheiras mudos, posto que regressaram mais pobres de experiências comunicáveis, não apenas do ponto de vista pessoal, mas uma pobreza experiencial que alcançava a própria humanidade. Os livros sobre as vivências da Primeira

Guerra foram publicados dez anos depois, porém, faltava a essas narrativas o tom certo, aquele encontrado na transmissão das histórias orais. A falta dessa característica narrativa, Benjamin (1987) conclui, não era nada surpreendente, pois “nunca houve experiências mais radicalmente desmoralizadas que a experiência estratégica pela guerra de trincheiras” (p. 198). Certamente experiências de colonização e escravização anteriores à Grande Guerra também cumpririam o requisito, mas esse é um ponto da história humana que demorou para se tornar visível. Hoje, podemos perfeitamente somar outras experiências-limite desmoralizantes à guerra de trincheiras, incluindo as propiciadas pelos regimes ditatoriais latino-americanos, o massacre dos *tutsis* e, claro, a *Shoah*. Infelizmente, a lista de eventos que geraram experiências de violência degradantes e extremas é imensa e segue crescendo.

Benjamin não atravessou a Segunda Guerra para ver o que se produziria em termos narrativos sobre esse evento catastrófico. O seu suicídio teve lugar no dia 27 de setembro de 1940, porém, como alguém à frente do seu tempo, ele foi capaz de captar nas manifestações culturais de sua época e nas que o antecederam, a “*grafia* do tempo” (Seligmann-Silva, 2003d, p. 406). Ele, que é considerado um dos principais teóricos da literatura de teor testemunhal, antecipou “muitos elementos da concepção da história como trauma e da historiografia como testemunho” (Seligmann-Silva, 2005, p. 80). Um dos pontos sobre o qual se debruçou, desdobrado da leitura que fez sobre a relação entre história, trauma, historiografia e testemunho diz respeito a como se dá a transmissão de uma experiência histórica traumática. Ao abordar o modo como os combatentes voltaram da guerra, Benjamin se dedicou à reflexão “sobre a impossibilidade, para a linguagem cotidiana e para a narração tradicional, de assimilar o choque, o *trauma*, diz Freud na mesma época, porque este por definição, fere, separa, corta ao sujeito o acesso ao simbólico, em particular à linguagem” (Gagnebin, 2006, p. 51). Portanto, mesmo não sendo contemporâneo às discussões sobre a transmissão da *Shoah*, Benjamin lançou observações importantes sobre as quais nos interessa refletir. Sem desconsiderar que as guerras são vividas de modo distinto pelos atores que dela participam, tal qual os combatentes, também os sobreviventes de situações extremas do século das catástrofes (Felman, 2000), muitas vezes, regressaram desprovidos de palavras.

Freud “é uma referência central na visão benjaminiana da historiografia como uma *grafia* da memória” (Seligmann-Silva, 2003d, p. 397) de modo que a sua teoria da história é também uma teoria da memória que se distingue da historiografia clássica. Explicamos: a psicanálise e a historiografia tradicional não trabalham o “espaço da memória” (Certeau, 2016, p. 71) ou a relação entre o passado e o presente de modo semelhante. Enquanto a psicanálise toma um tempo no outro, a historiografia coloca um ao lado do outro. Quer dizer que a psicanálise toma a relação entre passado e presente

segundo o modelo da imbricação (um no lugar do outro), da repetição (um reproduz o outro sob uma forma diferente), do equívoco e do quiproquó (o que está “no lugar” de quê? Há, por toda parte, jogos de máscaras, de reviravolta e de ambiguidade). Por sua vez, a historiografia considera essa relação segundo o modelo da sucessividade (um depois do outro), da correlação (maior ou menor grau de proximidade), do efeito (um segue o outro) e da disjunção (um ou o outro, mas não os dois ao mesmo tempo). Assim, verifica-se o confronto entre duas estratégias do *tempo* que, no entanto, não deixam de se desenvolver no terreno de questões análogas (Certeau, 2016, p. 73).

É nessa diferença que a psicanálise freudiana se aproxima do judaísmo e, mais especificamente, do seu processo de historicidade criativa (Fuks, 2000). A despeito de todas as dificuldades que veremos em relação ao registro e evocação de memórias traumáticas, é preciso dizer prontamente que “é natural e óbvio que o material mais consistente para a reconstrução da verdade sobre os campos seja constituído pelas memórias dos sobreviventes” (Levi, 2016, p. 11). São eles que viram e ouviram em primeira mão aquilo que nunca entraria nos arquivos, pois nenhum documento oficial poderia registrar o olhar de um prisioneiro momentos antes de sua execução, o pesadelo que agitou o colega deitado ao lado na cama, uma conversa trivial que ajudou a suportar os dias difíceis etc.

A preocupação com a memória remonta tempos antigos, porém, na atualidade ela assume traços específicos, pois não estamos inseridos na tradição da transmissão oral da memória viva que era revisitada costumeiramente pela coletividade que a partilhava. Somos assombrados pela percepção de que a existência e as obras humanas caducam muito rapidamente e, por isso, precisamos construir estratégias de conservação da memória (Gagnebin, 2006, p. 97). Utiliza-se o termo “conservar” no sentido de garantir a preservação exata e imutável do registro de uma experiência. Desde o início do século XXI crescem os estudos sobre a memória e a desmemória que atestam a referida preocupação. Nesse contexto, a *Shoah* se tornou modelo na construção da memória, pois ela representa hoje o paradigma dos esforços de análise de eventos extremos (Wieviorka, 2006).

Pela memória as experiências do organismo humano são subjetivadas, “isto é, torna-se uma narrativa de eventos dotados de intencionalidade, inscritos no tempo e compreensíveis mediante conceitos de causas, motivos, objetivos ou finalidades” (Costa, 2019, p. 104). Algo que não se dá de modo linear, pois a memória, cuja definição é variável e controversa na psicopatologia, não é um aparelho fotográfico nem tampouco uma máquina de filmar que tudo registra de maneira uniforme, mesmo “em condições normais, ela “falha”, não reproduz o objeto como tal” (Bogochvol & Teixeira, 2017, p. 204). Não é possível, portanto, recordar os mínimos detalhes de um evento como quem analisa as miudezas de um quadro. Assim como não basta ter vivido uma experiência para evocá-la. Esquecimento e memória fazem parte de uma trama intrincada da qual o sujeito é muito mais efeito do que agente (Bogochvol

& Teixeira, 2017). Freud ([1930]/2020), ao abordar a conservação de elementos históricos no aparelho psíquico, evoca a Cidade Eterna, Roma. A extensa história das construções romanas, desde a sua constituição, forma camadas que ainda podem ser encontradas dispersas em relativa harmonia com as edificações modernas. É possível encontrar trechos antiquíssimos, escombros e ruínas. Sob o solo da cidade contemporânea ainda restam sinais de seus antigos edifícios. De semelhante modo, também no aparelho psíquico o passado “pode ficar conservado na vida anímica e não precisa, necessariamente, ser destruído” (p. 315). Algumas memórias se encontram mais protegidas e conservadas, enquanto outras se encontram na forma de entulho, ou seja, da construção original, restou apenas o traço de sua passagem.

Há, portanto, estratos de memórias mais ou menos preservados conforme as condições sejam favoráveis, que coexistem e têm tanta importância quanto o que se opera no presente e, assim, “superamos o erro de crer que o esquecimento comum para nós significa uma destruição do traço mnemônico” (Freud, [1930]/2020, p. 311). A memória, não raro, funciona por ciclos, há momentos em que a evocação ou reminiscência são incitadas, por exemplo, por uma vivência correlata, e há feitas em que o esquecimento é reforçado (Seligmann-Silva, 2021; Ricoeur, 2007). Às vezes a lembrança dá-se a ver por flashes, por recortes, por pequenas imagens, cheiros e sons que precisarão ser, de algum modo, conectados. É diante desses fragmentos que a testemunha se coloca. Primo Levi (2002) comenta que, com o passar dos anos, algumas recordações sobre o *Lager* “não empalidecem nem se dissipam, ao contrário, se enriquecem com detalhe que eu acreditava esquecidos, e que às vezes adquirem sentido à luz das recordações de outras pessoas, de cartas que recebo ou de livros que leio” (pp. 64-65). É esperado que o sobrevivente se lembre, esqueça, rememore, elabore, oblitere, relembre, simbolize, num processo interminável. Freud ([1937]/2017) afirmou ser trabalho do analista construir, às vezes paulatinamente, o esquecido pelo analisando e, tal como um arqueólogo, precisará trabalhar a partir de fragmentos de lembranças, de restos que permaneceram conservados e resgatar o que permanece oculto. De certo modo o trabalho da testemunha passa por esse processo que emula a operação arqueológica.

Em relação àqueles que adentraram o universo concentracionário há um complemento que trabalha contra a memória, devidamente expresso por Hannah Arendt (2012): “o verdadeiro horror dos campos de concentração e de extermínio reside no fato de que os internos, mesmo que consigam manter-se vivos, estão mais isolados do mundo dos vivos do que se tivessem morrido, porque o horror compele ao esquecimento” (p. 588). Sobreviver a uma experiência que desafia o entendimento significa regressar, de fato, mais pobre de experiências comunicáveis que só alcançam a voz quando precedidas de um esforço. Como vimos, a intenção da máquina nazista era sequestrar a humanidade dos judeus, transformá-los

em animais de pura necessidade fisiológica, e “como se sabe, animais não têm memória, senão aquela suficiente para se manterem vivos” (Guterman, 2020, p. 18). A habilidade de aniquilação da memória das vítimas “cobre uma dimensão política e ética a respeito da qual Hitler estava perfeitamente consciente” (Gagnebin, 2006, p. 47). Tanto a desumanização quanto o trauma concorreram para a fragilidade da percepção e do posterior testemunho do vivido, pois nesse “caso atuam todos ou quase todos os fatores que podem obliterar ou deformar o registro mnemônico” (Levi, 2016, p. 18). Por isso se diz que os *Lager* foram “uma das maiores tentativas de memoricídio da história” (Seligmann-Silva, 2003a, p. 51).

A teoria psicanalítica, dissemos anteriormente, sofreu os efeitos das experiências da Primeira Guerra Mundial e da tensão do universo sociopolítico que se formava no período entre guerras. As reflexões de Freud sobre o trauma, a partir desse contexto histórico, contribuem para escutarmos o que se cala nos combatentes que retornavam da guerra de trincheiras e, em paralelo, a mudez que assolou uma parcela significativa dos sobreviventes da *Shoah*. Freud, assim como Benjamin, não atravessou a Segunda Guerra, portanto, não abordou o trauma associado aos efeitos de desumanização sistematicamente infringidos. No entanto, as formulações que construiu sobre o trauma, permitem compreender melhor a relação que cada um pode constituir com aquilo que inaugurou um evento traumático. Não faremos um aprofundamento exaustivo sobre o tema, mas indicaremos algumas questões que incidem sobre a literatura testemunhal, afinal, ela é também um testemunho sobre o trauma.

Em *A fixação no trauma, o inconsciente*, Freud ([1917]/2014) já havia identificado que a guerra fazia “surgir com frequência, as chamadas neuroses traumáticas” (p. 366) e que, mesmo antes do conflito armado, neuroses traumáticas podiam ser associadas a “desastres de trem e a outros terríveis perigos mortais” (p. 366). Aqui, encontramos os fundamentos da teoria freudiana sobre o trauma e, nesse momento, já estava posta a distinção entre as “neuroses traumáticas” e as “neuroses espontâneas”, objeto de tratamento analítico, dizia Freud. Trauma, uma palavra de origem grega – *τραύμα* – quer dizer “ferida”; e, metonimicamente, passou a indicar aquilo que causa a ferida (Caldas, 2015; Seligmann-Silva, 2003a). Trata-se de uma ferida que atinge a linguagem e a memória e, ao mesmo tempo, é uma memória insistente sobre o que causou a ferida. Se pudermos pedir licença para exagerar a fórmula, seria uma espécie de junção do contraditório par: ‘não lembrar’ e ‘jamais esquecer’. Retornaremos a essa incomum característica da memória do trauma.

A expressão ‘traumática’, afirma Freud ([1917]/2014), diz respeito à economia psíquica em que uma experiência de vida, “em curto espaço de tempo, traz para a vida psíquica um tal incremento de estímulos que sua resolução ou elaboração não é possível da forma costumeira, disso resultando inevitavelmente perturbações duradouras no

funcionamento da energia” (p. 367). Ou seja, uma vivência traumática é aquela que, inesperadamente, invade o psiquismo com uma descarga afetiva excessivamente alta, de tal modo que o sujeito se mostra incapaz de dar encaminhamento a esse desregramento. O valor econômico expresso pelo excesso causa a fixação na vivência traumática. Atestam essa fixação certos sonhos que, repetidamente, reapresentam cenas que remetem ao evento traumático, evidenciando a sua atualidade no aparelho psíquico. Antes de seguirmos, vale reforçar que mesmo em eventos como a Primeira Guerra, a *Shoah* ou a pandemia de Covid-19 que favoreceram excessos de gozo, a incidência do trauma ocorre de forma contingencial e singular para cada um. Há, inclusive, quem atravesse esses momentos históricos sem grandes dificuldades. O trauma, então, está ligado “a um acontecimento intercorrente que surge do exterior e que não está centrado somente na realidade, na intimidade ou na qualidade do acontecimento vivido, mas também na disposição pessoal do sujeito e sua realidade mental específica” (Sagna, 2015, p. 1). Além disso, o ponto específico sobre o qual o trauma recairá sobre cada um é singular e não pode ser inferido *a priori*.

Em *Introdução à psicanálise das neuroses de guerra*, Freud ([1919]/2010) retoma as contribuições de alguns psicanalistas durante o V Congresso Internacional Psicanalítico em Budapeste ocorrido em setembro de 1918, poucos meses antes do fim da Grande Guerra. Ele comenta o entusiasmo, naquela ocasião, pela investigação das “neuroses de guerra”. Apesar da reconhecida relevância do tema, o fim da guerra e o colapso das organizações estatais levaram o interesse dos psicanalistas para outras direções, como a implementação de instituições e clínicas ambulatoriais para a formação de analistas e tratamento gratuito a pacientes com recursos limitados (Danto, 2019). Freud acreditava, nesse momento da construção teórica, que cessada a guerra, em grande parte, as enfermidades psíquicas provocadas por ela também cessariam, e que demoraria para questões semelhantes surgirem. Ele também considerava que os ferimentos físicos poupariam os combatentes dos efeitos psíquicos daquela experiência. Sabemos que as enfermidades não cessaram após o fim da guerra, nem tampouco se demorou para questões análogas ocorrerem, e que nem mesmo os graves ferimentos e amputações impediram a ocorrência de neuroses traumáticas de guerra.

Freud aborda nesse texto três tipos de neuroses – apesar da designação, aqui o termo ‘neurose’ não corresponde, necessariamente, ao que ficou conhecido como “classificação das estruturas clínicas”. Podemos tomar o termo ‘neurose’ nesse texto como uma afetação a uma vivência traumática, cujo tipo Freud especifica da seguinte maneira: 1. as neuroses de transferência ou neuroses comuns dos tempos de paz, que, no texto de 1917, são chamadas de neuroses espontâneas; 2. as neuroses traumáticas dos tempos de paz e 3. as neuroses traumáticas de guerra. As neuroses de guerra [3] se diferem das neuroses “comuns do tempo

de paz [1] por certas peculiaridades, as neuroses de guerra [3] devem ser compreendidas como neuroses traumáticas [2] que foram possibilitadas ou favorecidas por um conflito do Eu” (Freud, [1919]/2010, p. 385). O conflito no Eu, suscitado pela guerra, decorreria do desencontro entre o velho Eu pacífico e o novo Eu combatente que era instado a lutar e a matar se quisesse sobreviver. Porém, a questão não se encerra aí. Freud observa que as neuroses traumáticas [2] que ocorrem após um choque ou um grave acidente, não apresentavam um conflito no Eu. Isso o leva a formular uma outra causalidade em jogo no “traumático”. Ele conclui que, se por um lado a etiologia sexual ou libidinal da neurose estava comprovada nas neuroses de transferência da época de paz [1], por outro, o que se colocava em causa nas neuroses traumáticas [2 e 3] era a influência do perigo de vida. O trauma em Freud, portanto, diz respeito a uma marca que assinala uma lacuna na história do sujeito. Quer dizer que, nas neuroses traumáticas de guerra [3] e nas dos tempos de paz [2], por alguma circunstância da vida “o Eu do indivíduo se defende de um perigo que o ameaça desde fora, ou que é corporificado numa postura do próprio Eu” (Freud, [1919]/2010, p. 387).

No ano seguinte, em *Além do princípio do prazer*, Freud ([1920]/2020) retoma as reflexões sobre as neuroses de guerra e das neuroses traumáticas do tempo de paz, cuja compreensão, admite, ainda não era plena. Freud estava interessado em avançar o entendimento sobre as especificidades do trauma e, nesse intuito, maneja alguns termos: terror (corresponde ao estado manifestado quando se é surpreendido por algum perigo), temor (surge diante de algo conhecido que se teme) e angústia (nomeia o estado de expectativa do perigo ou de preparação para um perigo, seja a ameaça conhecida ou não). Há uma estreita relação entre terror e angústia na medida em que o terror tem como condição a falha da angústia que deveria antecipar e preparar para o perigo. Ou seja, o terror surge quando sem nenhuma expectativa, por incorreção da angústia, o aparelho psíquico é surpreendido por uma grande excitação.

A questão econômica se reapresenta. As excitações advindas de fora são suficientemente intensas para romper as proteções existentes causando, assim, o trauma. Freud ([1920]/2020) propõe investigar os processos anímicos profundos do trauma através do estudo dos sonhos, já identificados como fonte de interesse em 1917. Novamente, os sonhos relacionados a uma vivência traumática são introduzidos como aqueles que reconduzem “o doente de volta à situação de seu acidente (...) O doente estaria, por assim dizer, psiquicamente fixado no trauma” (p. 73). O que move a compulsão à repetição nos sonhos é refazer a cena traumática de modo a incluir a angústia que falhou em sua tarefa defensiva, qual seja, acionar o Eu para tentar escapar da situação que gerou o trauma. Um esforço continuamente insuficiente para apagar o trauma, pois ele é uma ferida de “impossível

cicatrização, por assim dizer” (Caldas, 2015, p. 1). Requer uma dedicação incessante justamente porque falha.

Não percorreremos todo o caminho que Freud trilhou na investigação sobre o trabalho onírico dos “neuróticos acidentários”, como ele os nomeia. Também não pretendemos aprofundar os desdobramentos sobre o conceito de angústia, pois tal afeto “configura um ponto nodal para o qual convergem questões as mais diversas e importantes, um enigma cuja solução haverá de lançar luz abundante sobre o conjunto de nossa vida psíquica” (Freud, [1917]/2014, p. 520). Adentrar nessa seara nos tiraria dos trilhos que ainda precisamos percorrer. A respeito da relação entre angústia e traumático, há mais de uma versão. Inicialmente Freud aponta a 1. angústia como o afeto que deveria preparar o psiquismo frente a uma ameaça, 2. em outros, a angústia do tipo automática aparece como consequência direta de uma exigência pulsional excessiva – ou seja, surgiria diante do trauma –, há também a 3. angústia sinal que indica que o momento traumático ameaça se repetir e, por dispor dessa característica, pode ser considerada uma angústia de antecipação (Costa, 2019). Interessa-nos menos os momentos em que a angústia emerge e sim a existência de um elemento independente do princípio do prazer, que é mais originário e elementar, a pulsão de morte.

Em *Inibição, sintoma e angústia*, Freud ([1926]/2014) adiciona um novo elemento que marca o que vem a ser traumático. Além de designar uma situação de perigo em relação à qual a angústia está ausente fazendo surgir em seu lugar o terror, há o surgimento de desamparo. O “desamparo material, no caso do perigo real; do desamparo psíquico, no caso do perigo instintual. (...) Chamaremos *traumática* tal situação de desamparo vivida” (p. 115). Ao que se conclui que uma situação de perigo traumática produzirá, necessariamente, desamparo, ou seja, o traumatizado se encontra privado de qualquer recurso para lidar com o que lhe sobrevém. Desse modo, a situação de perigo é aquela que evoca a possibilidade, ainda que mítica, de dissolução do Eu em um momento de desamparo fundamental (Vieira, 2001), uma situação que produz um excesso pulsional não orientado pelo princípio do prazer. O desamparo inaugura uma nova temporalidade “desprovida de expectativa, que se expressa em um caráter fundamental de indeterminação” (Safatle, 2015, p. 70). Para os concentracionários, “horas, dias, meses fluíam lentos do futuro para o passado sempre lentos demais, matéria vil e supérflua (...) o futuro estava à nossa frente cinzento e informe como uma barreira intransponível. Para nós, a história tinha parado” (Levi, 1988, pp. 172-173). O trauma produz esse efeito de imobilidade de determinado ponto da história.

Considerando a trilha percorrida nas formulações freudianas sobre o trauma, podemos dizer que as neuroses de guerra são um tipo de neurose traumática que a guerra favorece. Aliás, “para Freud, a guerra foi o grande revelador da presença e da potência da pulsão de

morte” (Sagna, 2015, p. 6). Isso porque muitos dos eventos vividos representaram grave ameaça ou perigo de vida que tomaram os combatentes de sobressalto, ou seja, sem que houvesse qualquer alerta que daria chance ao princípio do prazer intervir de modo a proteger o psiquismo do excesso pulsional que invadia o soldado. O efeito de estar diante de uma circunstância de vida de tal ordem, ameaçadora ao Eu, é o desamparo e o terror. Resulta do enredo da economia psíquica o impasse na elaboração do evento e uma desordem duradoura, efeito da fixação da libido no trauma em que opera a pulsão de morte. O impasse na elaboração ou representação do traumático indica um furo na linguagem e, por conseguinte, na memória. Nesse sentido podemos dizer que o trauma é pré-representacional (Costa, 2019). O silêncio é o que resta do encontro com o limite da experiência humana e da dissolução de tudo o que antes era conhecido (Des Pres, 1976). Tanto em situações de êxtase quanto de horror há uma inclinação de se fugir das palavras estruturadas pelo léxico comum, pois o que se impõe é a exploração dos “desvãos de um tempo que se nega a entregar-nos o sentido de suas transformações” (Bignotto, 2014, p. 232). Assim, mesmo os sobreviventes que tentam testemunhar encontram na linguagem um obstáculo ao tentar encontrar as palavras mais adequadas para transmitir a realidade de um mundo de sombras. O que decorre desse cenário é uma testemunha cética de que será possível transmitir a sua experiência (Lessa, 2014). Ao mesmo tempo, não raro, alguns sobreviventes são impelidos a tecer as palavras conhecidas de modo a transmitir, minimamente, a sua experiência. O testemunho pode ser lido como uma tentativa de circundar esse ponto da experiência que resiste à significação e sobre o qual a testemunha retorna (Agamben, 2008).

Lacan enriquece a noção de trauma ao desatá-la de um acontecimento catastrófico. Sem desconsiderar que uma realidade calamitosa pode produzir efeitos traumáticos, ele insere o trauma no campo da linguagem. Ao forjar o neologismo *troumatisme* (Lacan, [1973-1974]/*inédito*), da junção de *trou* (buraco em francês) e traumatismo, Lacan estabelece uma relação entre o furo no simbólico e o trauma. O trauma, portanto, seria o furo no simbólico, aquilo que concerne ao campo do Real. Nessa operação o Real não chega de mansinho, ele surge como um golpe. Enquanto a historicidade busca encadear e articular sentidos e porquês, o trauma seria a ruptura do tecido da historicidade e, portanto, ele marca a suspensão dos porquês. Na abordagem ao traumático, Lacan ([1964]/1988) evoca alguns capítulos da *Física* de Aristóteles, em que destaca a relação entre o “*autômaton* – (...) que é a rede dos significantes – e o que ele [Aristóteles] designa como a *tiquê* – que é para nós o encontro com o real” (p. 54). Se pudermos considerar o *autômaton*, ou seja, a cadeia significante, seus signos e representações como um disco de vinil que desliza sob a agulha de um fonógrafo, o *tiquê* seria o pulo da agulha que ocorre por uma contingência qualquer e, por um instante,

para de emitir as vibrações linguageiras. Assim, enquanto o *autômaton* aponta para a insistência da cadeia regida pelo princípio do prazer, a *tiquê* diz respeito ao que está além, ao Real, o que restaria “evidente, em toda a pesquisa de Freud, que é do que ele cuida” (p. 56). A *tiquê* como aquilo que surge “como por acaso” (p. 56), um encontro inesperado com o Real, preserva a ideia de surpresa expressa por Freud, fruto do excesso pulsional, do gozo.

O trauma, por vincular-se ao Real, deixa algo no campo do saber escapar e essa perda “só é trágica, na medida em que o saber administra o gozo. Ao se perder o saber, se está à mercê de uma experiência de gozo ameaçadora” (Caldas, 2015, p. 10). Também em razão dessa vinculação, encontramos o trauma “no que fixa a repetição em torno de um ponto” (Caldas, 2015, p. 5). Isso porque o Real é o que volta “sempre ao mesmo lugar” (Lacan, [1954-1955]/1985, p. 80). Há, assim, também em Lacan, um retorno àquilo que teria causado o trauma numa tentativa de produzir algo sobre o sem sentido. A angústia, o afeto que não engana, surgiria a partir do atravessamento do Real no Simbólico (Miller, 2011). A angústia não engana por marcar uma aproximação com o Real, com o que não responde à representação. Por não pretender representar nenhum objeto, a angústia se apresenta como um sinal, no Real, da divisão significante do sujeito (Lacan, [1962-1963]/2005). Nesse ponto Lacan subverte a ideia da angústia ser um pressentimento como disse Freud, apresentando-a como um pré-sentimento, um sentimento sem qualidade porquanto sem objeto definido, sem o engano do simbólico (Miller, 2011). Primo Levi (2016) apresenta a angústia do prisioneiro como “aquela cujo eco se sente no segundo versículo de Gênesis (...) do *tòhu vavòhu*¹⁷, do universo deserto e vazio, esmagado sob o espírito de Deus, mas do qual o espírito do homem está ausente, ainda não nascido ou já extinto” (pp. 67-68). Uma definição condizente com a angustiante experiência da interposição do Real.

Parece que as principais características do traumático em Freud se encontram preservadas em Lacan. Isso não quer dizer, em absoluto, que há um recobrimento entre as abordagens ao trauma. Interessa-nos ressaltar que, com ou sem falha na angústia, o evento traumático se produz pela insurgência de um excesso pulsional (questão econômica) para o qual o sujeito não estava preparado. O trauma produz uma claudicação na elaboração do evento que lhe deu lugar e o vazio de representação convoca o sujeito a tentar preenchê-lo,

¹⁷ Referência ao texto bíblico de Gênesis 1:2, que aponta o estado sem forma e vazio da terra antes da intervenção divina, sinaliza o contraste com a criação:

וְהָיָה (tòhu) – “caos; o que não tem forma nem medida: informe, imensidão, o desmedido; (...) nada, o nada, vazio, o vazio, nulidade” (Schökel, 1997, p. 697).

וַ (va) – e

וְהָיָה (vòhu) – “caos, vazio” (Schökel, 1997, p. 89).

produzindo retornos insistentes a esse ponto. A reiteração da experiência fora do tempo – sempre presente –, atesta o trauma, seja na forma de pesadelos ou de crises de angústia (Sagna, 2015). Na repetição, a cada volta, são atualizadas a face direita do trauma em que o simbólico tenta circunscrever o real, e o seu avesso, no qual o real fura o simbólico (Laurent, 2004; Caldas, 2015). Nisso implica dizer que a repetição não é idêntica, o que repete é a estrutura de fazer retornar a um ponto específico. É como se, a cada volta, houvesse um esforço para reintegrar as vibrações perdidas pelo pulo da agulha. Há uma tentativa obstinada de preencher esse ponto que não pode ser recoberto, o máximo que se consegue é contornar o ponto faltoso, o vazio. O que implica dizer que “a memória, afinal, é muitas vezes o repertório não de fatos concretos, mas de traumas insuperáveis” (Guterman, 2020, p. 11). A tentativa de recobrir ou circunscrever o traumático pode se manifestar na forma de testemunho. Tal perspectiva posiciona o trauma como causa e marca do testemunho em que, a partir do furo, do vazio significante, o sujeito se coloca a trabalho na tessitura de palavras. No sentido avesso, um dos efeitos do trauma é fazer caducar a articulação da linguagem e a distribuição comum das significações. O testemunho se dobra entre esses eixos.

Ainda sobre o efeito do trauma no registro da temporalidade, Paul Valéry, filósofo e poeta francês, em alusão à apreensão do tempo, disse que “o homem entra no futuro recuando” (Fuks, 2000, p. 78), uma imagem que nos remete à representação benjaminiana do anjo da história em que os olhos estão voltados para o passado, ao passo que o corpo, impulsionado pelos ventos do progresso, segue para o futuro. Assim como ocorre em outros eventos históricos que favorecem a violenta irrupção de um excesso de gozo, esse é o registro do tempo do trauma da *Shoah*. Como o título deste primeiro capítulo apresenta, daí decorre a impossibilidade de um depois, pois a “prisão temporal de Auschwitz dá continuidade ao esmagamento epistemológico, simbólico e temporal do qual o prisioneiro teve de se defrontar durante seu cativeiro” (Seligmann-Silva, 2021, p. 449). Prevalece a heterocronia, essa irregularidade no ritmo temporal em que “o presente eterno da catividade, estabelece uma ruptura com o mundo e o colapso do indivíduo que se fragmenta sem a estrutura simbólica para organizá-lo” (Seligmann-Silva, 2021, p. 438). Caberá ao sobrevivente se reapropriar de sua linguagem, do seu passado e de sua história. Nesse ponto, podemos concordar com Gagnebin (2006) que o que torna o homem um animal de um tipo específico não é tanto a memória que possui, e sim o esforço que faz para não esquecer. Se no trauma é como se o passado dirigisse um apelo para o presente, o não querer esquecer seria um apelo do presente para o passado? Como o silêncio opera a partir da referência ao trauma e à temporalidade? O período de latência decorrente de uma experiência traumática (Freud, [1939]/2018) seria a causa do silêncio?

O silêncio nos confronta somente quando está vinculado à vida e, por assim ser, não é possível tomá-lo como algo único e simples (Bignotto, 2014). Quando evocamos a relação entre silêncio e palavra em situações-limite, indicamos uma multiplicidade de perspectivas. A mais radical e, talvez, mais evidente até aqui seja que o silêncio dos sobreviventes, assim como o dos combatentes, decorre da pobreza das experiências narráveis, fruto do trauma. Nessa perspectiva o silêncio sinalizaria a perturbação causada pelo trauma e, por isso, seria uma resposta ao traumático que desorganiza a linguagem que poderia lhe narrar. Em outra perspectiva, se pudermos extrapolar o que a música nos ensina, talvez possamos concluir que em alguns casos “o silêncio participa ativamente da organização temporal do processo” (During, 2014, p. 203). Ele constituiria o tempo de pausa necessário para que os outros sons possam ser assimilados, para deixá-los mais limpos e comunicáveis. Ou seja, estaríamos diante de um período de latência. Esse é um dos entendimentos do porquê alguns testemunhos surgem anos ou décadas depois do evento.

Por sermos seres de linguagem os silêncios são percebidos e, de algum modo, também comunicam. Eles podem ser lidos como uma resposta e, nesse ponto, “entra na esfera da fala, quer se queira ou não” (Lapoujade, 2014, p. 152). Por mais estranho que possa soar, “o silêncio comporta a fala, como vemos pela expressão guardar silêncio, que, para falar do silêncio do analista, não significa apenas que ele não faz barulho, mas que se cala *em vez de* responder” (Lacan, 1998, p. 353). Os que se silenciam podem encontrar na mudez, como arrazoou o crítico literário George Steiner, “a única forma de descrever essa tragédia. E esquecer talvez seja a única maneira de enfrentá-la” (Guterman, 2020, p. 47). Justamente por habitarmos o interior da linguagem silêncios nem sempre são discretos, o seu prolongamento facilmente se torna perceptível. Ele se tornaria, assim, um sinal ainda que ambíguo (Levi, 2016). O silêncio ganharia, a partir dessa perspectiva, uma espécie de materialidade ou densidade capaz de testemunhar o trauma e marcar a sua aparição silente. Silenciar, desse modo, seria também fazer falar o próprio abismo da experiência. Falar sem palavra, mas produzindo barulho. Há silêncios que se tornam tão insuportáveis que o interlocutor se engaja numa produção incessante de palavras na perspectiva de recobrir a mudez do sobrevivente. Seja como for, existe força no silêncio, dado que “um silêncio nunca é indiferente. Como vocês sabem, ele é um significante maior” (Miller, 2005, p. 47). Nessa direção, a função política do silêncio reside em “fazer existir o que é sem voz, sem visibilidade” (Lapoujade, 2014, p. 165) e isso se mantém mesmo quando estamos diante de um testemunho margeado pela linguagem. Isso porque o testemunho não é constituído apenas por palavras, nele integram silêncios, lacunas e vazios que compõem a sua própria estrutura interna. Justamente

“onde o sujeito se cala, no limite mesmo de sua experiência discursiva, que é preciso ouvir o seu apelo” (Teixeira, 1999, pp. 41-42).

Existem questões mais mundanas e menos estruturais na prevalência da mudez. Muitos sobreviventes escolheram o silêncio no lugar da palavra, “pois o que não é dito não pode ser refutado” (Guterman, 2020, p. 42). O receio da acusação de falso testemunho ou da imputação de ficcionalização da história são apreensões que trataremos no próximo subcapítulo. Simone Veil (2010) reforça a asserção de que alguns não quiseram contar as suas histórias de sobrevivência por medo, por falta de interesse dos ouvintes, por considerarem algumas perguntas descabidas, e por perceberem que algumas pessoas demandavam, sem o menor tato, por detalhes cada vez mais sórdidos. Diante de um cenário de desolação, após a *Shoah*, muitos sobreviventes preferiram se isolar do mundo, seja por não conseguirem se abrir com quem não teve experiência semelhante, ou porque não conseguiam expressar a indignação com as consequências injustas sentidas muito tempo depois de terem se reestabelecido. Há ainda testemunhas que preferiram silenciar as próprias experiências e se valer dos estereótipos presentes na cultura para falar sobre a *Shoah* e, assim, conseguiram evitar os detalhes mais traumáticos e difíceis de expressar. Elas se silenciaram falando.

A despeito de todas as dificuldades, não raro o silêncio é tomado como uma mutilação (Guterman, 2020), como se a voz fosse amputada depois de terem destruído o seu corpo. Nadezhda Mandelstam, esposa de um dos maiores poetas russos, Osip Mandelstam¹⁸, afirmou que o “silêncio é o verdadeiro crime contra a humanidade¹⁹” (Des Pres, 1976, p. 33, tradução nossa). Claro que isso tem o seu índice de verdade associado a um querer dizer. Do mesmo modo que há sobreviventes que se calam e que não querem pensar ou falar sobre a *Shoah*, há também os que não conseguem falar em outra coisa, cuja vida social ficou atravessada pelo impulso constante de narrar a experiência concentracionária. Outros sobreviventes falam para que outros se lembrem (Todorov, 2017) e, assim, talvez, também esses outros possam ser encorajados a falar.

Em síntese, os sobreviventes não têm uma relação única com a palavra ou o silêncio, alguns consideram impossível dizer sobre o vivido, pois faltam as palavras, escapam-lhes os ouvintes, apaga-se a coragem; outros consideram que falar é um dever moral e encontram na narrativa testemunhal, a despeito de todas as dificuldades que reconhecem nessa esteira, uma possibilidade de viver. Independentemente da posição adotada pelo sobrevivente, tanto os que se calam quanto os que falam “obedecem a razões válidas” (Levi. 2016, p. 121). Aos silêncios

¹⁸ ele escreveu um poema contra Stalin e, por isso, foi preso e morto em um campo de concentração stalinista

¹⁹ “Silence is the real crime against humanity.”

também cabe respeito (Langbein, 2004). Podemos nos silenciar quando queremos ou quando somos obrigados, mas justamente “na palavra que encontramos nosso lugar no mundo” (Bignotto, 2014, p. 230), pois é a partir dela que podemos encontrar o sentido do próprio silêncio. O humano “não se esconde nem num silêncio absoluto, nem na palavra total (...) é no intervalo entre o dito e o não dito que está nossa humanidade” (p. 248).

Essa fração foi escrita não para oferecer respostas, mas para apresentar algumas questões que afetam uma de nossas fontes de pesquisa: os testemunhos de judeus do *Sonderkommando*, que são, essencialmente, feitos de memórias. E mais: memórias de uma experiência de desumanização traumática. Podemos formular diversas questões sobre o testemunho dos sobreviventes: Como tomar a palavra na língua materna para descrever o universo em que a tragédia ganhou forma? Como traduzir o vocabulário lá usado, estrangeiro e brutalizado? Como expressar a experiência vivida em palavras conhecidas e disponíveis? Como explicar para algum outro a experiência íntima de degradação e humilhação? Há espaço para dizer a verdade sobre os comportamentos egoístas e de colaboração em troca de um dia a mais de sobrevivência? Como assumir para outros aquilo que não se quer assumir para si mesmo, do que se fez ou se deixou de fazer para viver? Como se fiar em memórias que são, por definição, potencialmente faltosas? Como dar voz ao trauma? Como fazer o silêncio falar? Tentaremos responder essas questões a seguir.

1.4 Testemunho e transmissão

*A língua é sobrevivente da catástrofe
e é a única que porta tanto o ocorrido como a
possibilidade de trazê-lo para o nosso agora*
Seligmann-Silva, 2003

Estamos na era dos testemunhos ou era da testemunha. A referência é o século XX, também conhecido como o século das catástrofes (Felman, 2000; Wiewiorka, 2006). O testemunho é o modo literário por excelência do nosso tempo e objeto de interesse em pesquisas de diversas áreas do conhecimento, ele tem sido pensado “tanto a partir de leituras que cruzam os discursos da teoria da literatura, da disciplina histórica e da teoria psicanalítica, como também na onda dos estudos sobre a “memória”” (Seligmann-Silva, 2005, pp. 82-83). Em razão do que se coloca em causa, a literatura do testemunho não é considerada um gênero literário, trata-se essencialmente de uma resposta ao século das catástrofes (Seligmann-Silva, 2003c). Apesar da grande difusão, que se deu especialmente a partir da década de 1970, não há um consenso entre os teóricos na definição daquilo que se convencionou chamar de literatura de testemunho ou literatura do trauma. Talvez, a melhor aceção do que constitui a

literatura de teor testemunhal seja a que coloca a narrativa de uma experiência traumática como resposta ou reação ao próprio trauma.

Os sobreviventes da *Shoah* encontraram o caminho aberto para falar de suas experiências no julgamento de Eichmann em Jerusalém, em 1961 (Wieviorka, 2006). Mais do que nos julgamentos de Nuremberg, ocorridos entre novembro de 1945 e outubro de 1946, em que as testemunhas tiveram uma participação protocolar, foi no julgamento de Jerusalém que elas lograram ser ouvidas. Isso porque em Nuremberg se primou pela utilização de documentação escrita, os arquivos em que se baseia a historiografia, enquanto em Jerusalém houve o triunfo da narrativa oral. A discrepância da participação das testemunhas foi tão grande que se considera o julgamento de Eichmann o advento da testemunha (Wieviorka, 2006). Muito provavelmente a passagem do tempo contribuiu para essa diferença na receptividade das narrativas testemunhais que não estava disponível logo após o fim da guerra. Ainda que houvesse receio de terem as palavras refutadas por quem acompanhava o julgamento, ali foi possível tomar a palavra a ponto de eclipsar o próprio acusado. Houve durante o julgamento uma verdadeira demanda social por testemunhos. Os sobreviventes pediam para narrar as suas histórias silenciadas por tempo demais – já havia decorrido 16 anos da libertação dos Campos – e, assim, “testemunha após testemunha, horror após horror, ali ficavam eles [o público e os juízes], sentados, ouvindo, histórias que dificilmente suportariam na privacidade, quando teriam de olhar de frente o interlocutor” (Arendt, 1999, p. 19). Testemunhos que pouco ou nada tinham a ver com o acusado, Eichmann, mas que colocaram o testemunho do povo judeu no centro das atenções. Mais de uma centena de sobreviventes tomou a palavra naquela ocasião.

Houve quem considerasse o problema nazista superado após os principais julgamentos terem sentenciado ilustres nazistas. O processo de desnazificação e os julgamentos de alguns dos perpetradores fizeram parecer que a *Shoah* estava superada e as questões relacionadas aos sobreviventes, encerradas. Ledo engano. Como nos alertou Lacan ([1962-1963]/2005), a questão dos campos de concentração – e aqui acreditamos ser possível generalizar e aludir à lógica totalitária – foi mal examinada, gerando uma tentativa “cretinizante” (p. 163) de moralização baseada numa tola ideia de que seria possível esgotar a questão com rapidez. Foram necessários anos para que se percebesse que o direito não seria capaz de solucionar o problema (Agamben, 2008). Somente ao final da década de 1970, mais de uma década após o julgamento de Eichmann, o cenário mundial mudou suficientemente para que se propusesse registrar as memórias dos sobreviventes de modo mais sistematizado. A partir desse momento o sobrevivente-testemunha passou a ser considerado a personificação da memória. Memória

singular, na medida que um “eu” fala sobre o que viu, ouviu e sentiu, e também coletiva, pois quem testemunha fala de uma rede de acontecimentos que envolve outros em um certo tempo e lugar (Suleiman, 2019). Desse modo, os testemunhos individuais “servem, parte pelo todo, para se escutar a memória coletiva” (Fuks, 2014, p. 136).

Quem é a testemunha? A testemunha, longe de ser uma figura elevada ou heroica, é, antes de mais nada, um vulto injustiçado e sofrido. Não poderia ser diferente, pois “não se volta facilmente desse inferno [seja qual for a experiência-limite] sem que isso afete o modo como o sobrevivente enxerga o mundo e a si mesmo” (Guterman, 2020, p. 73). O valor das suas palavras “é moral e não depende da alta posição na origem social e no *éthos* das pessoas representadas” (Seligmann-Silva, 2005, p. 95). A testemunha é quem faz existir aquilo que viu e ouvir e, por isso, ela é também aquela capaz de fazer ver e ouvir (Lapoujade, 2014). Em latim existem dois termos para representar a testemunha: o *testis* e o *superstes*. O *testis* é aquele que se coloca como *terstis*, um terceiro em um processo, que viu ou ouviu e por isso pode testemunhar – equivale ao paradigma dos tribunais; o *superstes* é aquele que vivenciou um evento até o final e da sua experiência pode dar testemunho. O *superstes* corresponderia à palavra grega *μάρτυρας* – mártir, que nada mais é do que testemunha (Agamben, 2008; Seligmann-Silva, 2005). Além desses dois termos, Gagnebin (2006) propõe um outro, a testemunha solidária que inclui

aquele que não vai embora, que consegue ouvir a narração insuportável do outro e que aceita que suas palavras levem adiante, como num revezamento, a história do outro: (...) porque somente a transmissão simbólica, assumida apesar e por causa do sofrimento indizível, somente essa retomada reflexiva do passado pode nos ajudar a não repeti-lo infinitamente, mas a ousar esboçar uma outra história, a inventar o presente (Gagnebin, 2006, p.57).

Não é possível separar rigidamente as testemunhas baseando-se em nenhuma tipologia, pois aquele que toma a palavra para testemunhar pode ocupar diversas posições durante a narrativa. Isso significa que em um mesmo relato a testemunha pode se colocar como um terceiro que viu ou ouviu algo, e em seguida se apresenta como aquele que vivenciou uma experiência a termo, e também como aquele que suportou o que um outro lhe confidenciou. Essas posições não definem a testemunha.

Agamben (2008), a partir de comentários de Elie Wiesel, de Primo Levi e de Shoshana Felman em parceria com Dori Laub, questiona quem seria a verdadeira testemunha ou a testemunha integral. Vejamos o que disse cada um desses autores para, então, abordar as conclusões a que chegou Agamben. Wiesel afirmou que os sobreviventes tiveram algum tipo de privilégio que permitiu a sua sobrevivência e que ninguém teria narrado o destino do prisioneiro comum, pois para tais prisioneiros não havia condições materiais de

sobrevivência. Ele estava se referindo aos muçulmanos, aqueles prisioneiros silenciados pela morte e que, mesmo antes do fim, já não falavam mais. O silêncio do *homo läger* se deu por imposição ainda em vida, decorrente da supressão da possibilidade de elaboração simbólica e, por consequência, de linguagem; “é um silêncio que revela o *homo läger* como não sujeito, em dois planos cruciais. Ele não existe para os que o observam e, sobretudo inexistem para dentro, para si” (Lessa, 2014, pp. 296-297). Só resta para eles o nada. Nessa perspectiva, a verdade sobre o *Lager* só poderia ser efetivamente conhecida pelos muçulmanos, aqueles que sofreram até o fim, sem nenhum privilégio, as agruras do Campo. A verdade do *Lager*, portanto, estaria silenciada junto com os desafortunados desse grupo.

Primo Levi (2016), de semelhante modo, afirmou que as autênticas testemunhas não foram os sobreviventes, considerados por ele uma minoria anômala e sim os muçulmanos, aqueles que submergiram após encarar a górgona. Eles seriam as testemunhas integrais, aquelas capazes de fornecer um depoimento com um significado geral do que os nazistas produziram até o fim formal. Shoshana Felman e Dori Laub consideram a *Shoah* um acontecimento sem testemunhas em duplo sentido: ela é impossível de testemunhar a partir de dentro, visto que na morte não há voz, bem como a partir de fora, uma vez que quem não encontrou destino na morte, por definição, está excluído do âmago do acontecimento. Por fim, Agamben (2008), ao analisar os argumentos acima, afirma que “todo testemunho é um processo ou um campo de forças percorrido sem cessar por correntes de subjetivação e de dessubjetivação” (p. 124). Segundo a sua análise, haveria um paradoxo, não entre os afogados e os sobreviventes, mas no sentido de que só quem teve a humanidade destruída pode dar testemunho do humano. Quer dizer que “a identidade entre homem e não-homem nunca é perfeita, e que não é possível destruir integralmente o humano, que algo sempre *resta*. *A testemunha é esse resto*” (p. 136). A testemunha seria, então, o que resta de humanidade quando um ser humano é submetido a um processo de desumanização. Se pudermos traduzir essa afirmação em termos psicanalíticos, seria a testemunha o que resta de simbólico após a ação do real traumático? Não pretendemos esgotar a questão da pretensa testemunha integral no presente trabalho. Aqui importa que há testemunhas e testemunhos feitos de restos.

Quem narra uma história não está interessado apenas em informar sobre um acontecimento. A testemunha também não. Para se construir uma memória a fim de narrar um evento, habitualmente, recorre-se à criação de um sentido, de nexos e de explicações, bem como do apaziguamento de conflitos (Cytrynowicz, 2003). Nesse sentido, o seu compromisso é com a subjetividade e com a reconstrução da história pessoal de quem enfrentou determinada experiência, a fim de “encontrar saídas viáveis, até mesmo do ponto de vista

psíquico, para reconstruir uma vida, um futuro” (Cytrynowicz, 2003, p. 132). Por buscar transmitir uma experiência tão próxima quanto possível do que foi vivido intimamente, “se imprime na narrativa a marca do narrador, como a mão do oleiro na argila do vaso” (Benjamin, 1987, p. 205). O atravessamento singular de uma vivência que toca em questões que não são coletizáveis produz a marca distintiva que pode ser recolhida na narrativa de cada testemunha. Essa característica do testemunho, além de torná-lo singular e único, converte-o em uma narrativa parcial porque os sobreviventes “são humanamente incapazes de fazer um relato abrangente e fidedigno do que de fato aconteceu, pois não tiveram uma visão global do Holocausto, apenas a repetição sistemática de violência extrema contra si mesmo e contra os que estavam próximos” (Guterman, 2020, p. 118). Ou seja, a testemunha só é capaz de narrar o que o seu ponto de vista pode alcançar da experiência global.

Em razão da forma de tratamento dado aos restos traumáticos, apesar de ser relativamente comum encontrarmos textos localizando o testemunho como uma representação ou tentativa de retratar a catástrofe, há um entendimento mais preciso: o testemunho não visaria representar, mas tornar presente, apresentar a experiência vivida (Cabral, 2005). São também signatários dessa abordagem Walter Benjamin e Maurice Halbwachs (Seligmann-Silva, 2003b). Para Blanchot (2005) a extravagância da narrativa é justamente que ela não é o relato do acontecimento, mas o próprio acesso ao acontecimento. Por isso no testemunho a ênfase é posta na força experiencial e não na comunicação informativa/demonstrativa. Como a testemunha não pretende tudo dizer, mas apropriar-se de reminiscências por meio da palavra e também não se atreve a tentar mostrar claramente o que se passou. Pelo compromisso nele investido, o testemunho tampouco se confunde com uma autobiografia, “ele apresenta uma outra voz, um “canto (ou lamento) paralelo”” (Seligmann-Silva, 2005, p. 79).

Quem nomeia a testemunha? Ela mesma se nomeia, pois é ela quem diz “eu estava lá” e atesta a si mesma (Ricoeur, 2007). De onde vem a autoridade do narrador? Segundo Benjamin ([1940]/1987) “é da morte que deriva sua autoridade” (p. 208). Há uma fidelidade da testemunha aos elementos que se desprendem da história oficial e a todos os nomes próprios dos que não são lembrados pela historiografia, ou seja, aqueles que não apenas tiveram os seus corpos exterminados como também os seus nomes apagados. Quem testemunha porta a qualidade da fidelidade. Afirmar que ela é substancialmente fiel quer dizer que há “adesão íntima e sem reservas àquilo de que e pelo que [por quem] se testemunha” (Agamben, 2021, p. 73). As testemunhas forçam os nomes próprios dos mortos para dentro dos arquivos. Nessa direção Elie Wiesel afirmou: “estou aqui porque um amigo, um companheiro, um desconhecido morreu no meu lugar” (Guterman, 2020, p. 75).

O sobrevivente, porquanto exceção advinda do universo concentracionário, fala pela massa assassinada por delegação, de modo que a testemunha narra duas memórias: as suas e a dos que morreram (Guterman, 2020; Levi, 2016). Sim, a testemunha carrega consigo “uma infinidade de cadáveres dentro de si. Eles estão insepultos” (Seligmann-Silva, 2021, p. 440). Nas vozes das testemunhas que ouvimos ecoam contiguamente as vozes e os gritos dos que emudeceram de modo que “não é exagero, nem mera metáfora, dizer que a identidade do sobrevivente inclui os mortos²⁰” (Des Pres, 1976, p. 38, tradução nossa). Não deixa de ser “uma característica dos que falam fazer falar o que não fala, o que não pode ou se recusa a falar. Todo homem que fala é, um dia ou outro, porta-voz do que não fala” (Lapoujade, 2014, p. 151). Nesse sentido, o dever de memória seria também um dever de fazer justiça a um outro que foi silenciado. E, mais do que isso, é dar-lhe, retroativamente, “um pequeno monumento fúnebre” (Seligmann-Silva, 2021, p. 447).

A palavra rastro, insígnia, marca ou sinal, em grego é *σῆμα*, cujo sentido primeiro era de túmulo ou sepultura, e apontava para a marca “que os homens inscrevem em memória dos mortos que (...) não podem “deixar cair no esquecimento”” (Gagnebin, 2006, p. 53). Rastro, uma noção complexa que mantém “juntas a presença do ausente e a ausência da presença. (...) o rastro inscreve a lembrança de uma presença que não existe mais e que sempre corre o risco de se apagar definitivamente.” (p. 44). O testemunho seria a necessária leitura dos rastros da memória, das marcas da passagem de uma experiência. Aqui retomamos a referência ao analista arqueólogo (Freud, [1937]/2017) que precisa construir a partir dos escombros da memória. É por meio dos rastros, das pistas da memória, que o sobrevivente-testemunha construirá, muitas vezes de modo incompleto, o seu passado traumático. *Σῆμα*, que também faz referência a túmulo, indica que “todo o trabalho de pesquisa simbólica e de criação de significação é também um trabalho de luto” (Gagnebin, 2006, p. 45). Ao evocar a cadeia significante, a testemunha produz um tratamento simbólico de luto na medida em que, através das palavras, ela auxilia na construção de túmulos aos mortos que não os tiveram. De certo modo, parece que é isso que Primo Levi (2010) faz ao evocar a memória de Hurbinek uma criança de cerca de três anos, um filho de Auschwitz, cujo nome foi dado por um grupo de detentos após o fim da guerra. Ele não sabia falar, mas lutava para viver como qualquer outro sobrevivente que o cercava; “Hurbinek morreu nos primeiros dias de março de 1945, liberto mas não redimido. Nada resta dele: seu testemunho se dá por meio de minhas palavras” (Levi, 2010, p. 21). A testemunha fala de quem se foi e narra a própria experiência singular no

²⁰ “It is not an exaggeration, nor merely a metaphor, to say that the survivor’s identity includes the dead.”

plural. O universo concentracionário exigia de tal modo o compartilhamento da experiência que frequentemente um “nós” atravessava a narrativa (Des Pres, 1976). Primo Levi teria dito que desde a primeira escrita desejava que os seus livros fossem lidos como obras coletivas, como uma voz capaz de representar outras vozes (Cereja, 2014). Nesse sentido, talvez se prestarmos a devida atenção ao silêncio dos sobreviventes, possivelmente, encontraremos o silêncio da ausência íntima dos que não sobreviveram.

Da percepção de que outro foi morto em seu lugar, de que só pode ter sobrevivido aquele que teve um representante na própria morte, os sobreviventes extraem culpa e vergonha, afetos que contribuem para o silêncio. Os contornos do universo concentracionário fizeram suspeitar de que é possível que “cada qual seja o Caim do seu irmão e cada um de nós (...) tenha defraudado seu próximo, vivendo em lugar dele. É uma suposição, (...) de fora não se vê, mas corrói e grita” (Levi, 2016, p. 64). Os sobreviventes considerarem-se culpados é absurdo, “é claro, dedução insustentável, mas será que nosso inconsciente não favoriza precisamente esse gênero de erro?” (Todorov, 2017, p. 389). Podemos inferir uma resposta a essa pergunta a partir da psicanálise.

Freud ([1915]/2020) nos diz que o obscuro sentimento de culpa sujeita a humanidade desde tempos pré-históricos, razão pela qual muitas religiões condensaram a ideia de pecado original ou culpa primordial como expressão provável de uma dívida de sangue (homicídio) que a humanidade primeva cometeu. E “talvez seja aqui bem-vinda a observação de que o sentimento de culpa nada é, no fundo, senão uma variedade topográfica da angústia, e em suas fases posteriores coincide inteiramente com o medo ao Super-eu” (Freud, [1930]/2020, p. 69). Por isso dizemos que o sentimento de culpa é o *páthos* da responsabilidade ética (Miller, 1997). A culpa, portanto, se relaciona à autoridade interna, o Supereu, e é sempre preferida à angústia, pois ela mitiga a angústia no registro da culpabilidade (Lacan, 2005a). Até mesmo em razão dessa relação podemos concordar que a culpabilidade “é para sempre radical” (Ricoeur, 2007, p. 472). Repetidamente, em especial quando em referência à *Shoah*, são os inocentes que se sentem culpados e os culpados, inocentes (Todorov, 2017). Mesmo que a culpa e a vergonha não tenham, necessariamente, amparo na experiência, muitos sobreviventes sentem o dever de se justificarem; outros acabam lançando a experiência “em lugares inacessíveis de sua memória. Portanto, seu testemunho tende a ser parcial, confuso e limitado ao que lhe seria moralmente suportável” (Guterman, 2020, p. 77). A testemunha, essa figura culpada que sustenta a memória fraturada de uma experiência traumática, a memória singular e coletiva, entrega um produto fragmentado, o testemunho.

O testemunho se esfacela não somente em razão do trauma, como também porque faz uso da linguagem para se transmitir. Mesmo em situações cotidianas triviais “o drama do sujeito no verbo é que ele experimenta ali sua falta-a-ser” (Lacan, 1998, p. 661). Como não há correlação direta e inequívoca entre os nomes e as coisas por eles nomeadas, a linguagem pode oferecer não mais do que uma aparente clareza; não há garantias de que um significante corresponderá exatamente ao significado que se quer evocar. Afinal, o sistema de linguagem não se reduz a um indicador de um ponto específico da realidade (Lacan, [1955-1956]/1988), menos ainda é um intérprete irretocável das questões subjetivas. Traduzir o que habita “dentro” para uma linguagem compartilhada, sejam os afetos ou as percepções, de um modo geral, já exige do sistema linguageiro um esforço. Em situações-limite esse requisito aumenta exponencialmente. Esperar que a própria língua não porte equivocidade é da ordem imaginária, pois “o real do equívoco resiste: a língua não cessa de ser desestratificada por ele” (Milner, 2012, p. 19). Aqui a referência não é especificamente ao Real do trauma, mas ao Real próprio da operação da linguagem. No fundo, “cada um de nós compõe um povo silencioso, [que] é animado por uma multiplicidade de afetos, de emoções, de percepções que não podem abrir uma passagem na linguagem sem deformá-la” (Lapoujado, 2014, p. 164).

Antelme (2013), sobrevivente da *Shoah*, relata a sensação de impotência diante do imperativo de dizer e da insuficiência da linguagem de recobrir o real:

Há dois anos, nos primeiros dias após nosso retorno, fomos todos, creio eu, tomados por um verdadeiro delírio. Queríamos falar, ser enfim ouvidos. Disseram-nos que nossa aparência física já era, por si só, bastante eloquente. (...) desde os primeiros dias, parecia impossível superar a distância que descobríamos entre a linguagem de que dispúnhamos e essa experiência que, na maior parte dos casos, ainda operava em nossos corpos. Como nos resignar a não tentar explicar como chegáramos àquele estado? No qual ainda estávamos. Contudo, era impossível. Mal começávamos a contar, sufocávamos. A nós mesmos, o que tínhamos a dizer principiava então a nos parecer inimaginável (p. 9).

Em razão dessas dificuldades muito se falou em uma intransmissibilidade ou incomunicabilidade das experiências concentracionárias, em especial a partir da década de 1970, porém, “quase nunca acontece chocarmo-nos contra uma barreira linguística total” (Levi, 2016, p. 71), algo se transmite. Por isso insistimos que, sempre que aludimos ao indizível e a termos análogos, é bom tomá-los com certa suspeita, pois todo testemunho é uma tentativa mais ou menos exitosa de tornar esses termos defasados. Há uma aposta de que o indizível seja não-todo. É desse modo que o testemunho pode ser tomado: como “uma potência que adquire realidade mediante uma impotência de dizer e uma impossibilidade que adquire existência mediante uma possibilidade de falar” (Agamben, 2008, p. 147). O silêncio, o nada e o vazio significante não são o que impossibilitam o testemunho, ao contrário, “a

verdade do testemunho não depende do que diz, mas do que cala, do fato de que leva a palavra a um emudecimento. Testemunha é quem fala apenas em nome de um não poder dizer” (Agamben, 2021, p. 62). Em que o próprio som sem sentido da língua testemunhe daquilo que não tem língua (Agamben, 2008). Daí a relação intrincada com o trauma. De modo que, valer-se da linguagem é contar não apenas com o que ela pode oferecer em termos de comunicação, mas que os furos, as lacunas, as fissuras, os mal-entendidos possam também operar na transmissão. Falar sobre o testemunho significa “necessariamente interrogar aquela lacuna – ou, mais ainda tentar escutá-la” (Agamben, 2008, p. 21), tal como aventamos quando abordamos o silêncio.

Como testemunhar uma lacuna? Talvez o que reste seja a invenção, um outro nome para a ficção. Para que haja testemunho uma dose de imaginação precisa ser mobilizada, pois é ela que faz a ponte entre quem narra e quem escuta (Seligmann-Silva, 2021). Ao narrar, o sobrevivente desenvolve uma sucessão de linguagens que produzem um campo que busca aclarar as próprias palavras que emite (Faye, 2009). Acrescentaríamos: as próprias palavras que inventa. Antelme (2013) declara que apenas por meio da imaginação seria possível contar sobre a realidade experimentada que superava qualquer imaginação, em que dizer implicava numa reivindicação de pertencer à espécie humana. Podemos novamente lançar mão de um paralelo entre a testemunha e o analisando: ambos não fazem outra coisa que não seja falar do impossível de dizer e de contar o não contabilizável. O dispositivo analítico está apoiado na linguagem, por isso sempre contará com o furo e verterá o trauma como um conceito universal em psicanálise (Caldas, 2015). Na análise aposta-se que pela palavra é possível uma reescrita da própria história, um rompimento nas significações e sentidos pré-existentes, o irrompimento de cenas esquecidas, o descentramento de temas e a reorganização de lugares.

A linguagem, porquanto também é sobrevivente desses eventos, igualmente se reinventa e pode fazer resistência ao mutismo. Muito do que temos apontados como crítica e questionamento ao testemunho, na verdade, compõe o próprio testemunho. Concordamos com a ponderação de Didi-Huberman em entrevista ao jornal *O Globo*, na qual ele afirma que tudo está perdido se nos submetemos ao inimaginável e fizermos dele algo sagrado. Para ele é preferível “tentar imaginar, apesar de tudo” (Guterman, 2020, p. 120). É preferível arriscar-se a dizer. Se o testemunho não se pronuncia todo de uma vez ou adequadamente, espera-se que seja possível, tal como declara Samuel Beckett em *Worstwad Ho*, “tentar outra vez. Falhar outra vez. Falhar ainda melhor. Ou melhor, ainda pior. Falhar ainda pior. Mais pior ainda” (Lapoujade, 2014, p. 160), a fim de esticar a linguagem até o seu limite e assim, quem sabe, conseguir dá-lhe um uso e uma função nova. Se havia soldados retornando emudecidos dos

campos de batalha e se Freud passa a tratar de um novo tipo de pacientes traumatizados, isso se deve a um esvaziamento das formas simbólicas tradicionais de narração compartilhada (Gagnebin, 2011). Se as formas tradicionais não dão conta da velocidade e da força com que a violência chega é preciso criar outras maneiras de habitar a linguagem.

Do mesmo modo que a língua pode ser heterotópica, ela também pode se constituir matéria para a construção de uma linguagem capaz de portar uma verdade. A verdade não tem outra via de acesso além da linguagem, “ela crê nas palavras, apesar de sua fragilidade (...) porém não da palavra como afirmação, mas como gesto” (Agamben, 2021, p. 80). Aí, justamente nessa possibilidade, reside a aposta que se faz no testemunho. Às vezes é necessário apostar que “podemos – e talvez devamos – continuar a decifrar os rastros e a recolher os restos” (Gagnebin, 2006, p. 118). Não o fizeram Primo Levi, Jean Améry, Robert Antelme? Nesse esforço de atravessar o limiar do silêncio e do nada, a testemunha se coloca como lugar-tenente da língua e tal como a linguagem de sinais significam as palavras que os surdos-mudos não conseguem pronunciar, a “mímica do testemunho manifesta pela primeira vez a linguagem” (Agamben, 2021, p. 88). A linguagem exótica do testemunho marcada pela invenção, um elemento não estranho à psicanálise.

Lacan ([1961-1962]/2003) ao comentar o texto *A carta roubada* de Edgar Allan Poe, indica que se trata de uma fábula em que encontramos “a mais profunda verdade em sua estrutura de ficção” (p. 89). Essa não foi a única referência de Lacan à vinculação entre verdade e ficção. Em circunstância anterior ele já havia proferido a famosa proposição: “a verdade tem uma estrutura, se podemos dizer, de ficção” (Lacan, [1956-1957]1995, p. 259). A ficção não equivale à mentira ou à deturpação e, através de uma trama significativa ficcionada, algo do Real e da verdade podem ser por ela fígados. Uma verdade, podemos dizer, ainda que pela metade (Lacan, [1969-1970]/1992), pois “dizê-la toda é impossível, materialmente: faltam palavras. É por esse impossível, inclusive, que “a verdade tem a ver com o real” (Lacan, 2003, p. 508). Por admitir a possibilidade de se transmitir uma verdade é que dizemos que os sobreviventes dão à história a base a-histórica de sua inteligibilidade (Rancière, 2014). Justamente por advir do Real, a verdade “em questão no testemunho nunca pode se dar como tal à consciência intencional, cujo saber se articula necessariamente na forma de um discurso que diz algo sobre algo” (Agamben, 2021, p. 62). O testemunho só pode encontrar o seu lugar quando o sujeito da cognição se silencia. De acordo com o filósofo iluminista Jeremy Bentham, o discurso *fictitious* está mais próximo do Real do que o discurso objetivo (Certeau, 2016). Apesar desse caráter de transmissão a partir do Real, parece importante ressaltar que quando a testemunha fala, ela se orienta por um “querer-dizer verdadeiro”, ou seja, transmitir

o valor do enunciado em conformidade com aquilo em que se acredita (Derrida, 1996). A testemunha quer ser precisa e minuciosa, o que não quer dizer que sempre consiga.

Tal como o carácter ficcional dos sonhos não constrange os analistas em suas interpretações, a força do testemunho – e não a sua fraqueza –, adviria de não desconsiderar que em seu dizer estão incluídas as armadilhas da memória, as tramas do esquecimento, as invenções e as lacuna da linguagem. Os sonhos, ainda que pertençam ao domínio das produções subjetivas, são considerados parte da realidade da vida, pois “testemunham uma facticidade do fictício” (Koselleck, 2006, p. 251). Ou seja, justamente por serem apresentados por imagens estranhas e fantásticas, os sonhos podem oferecer um índice verdadeiro, de como determinada sociedade experimentou psíquica e fisicamente os efeitos de seu próprio tempo. A questão sobre o uso de ficção na transmissão está de tal modo apaziguada que, na atualidade, a “ideia de que a ficção possa dizer a verdade de forma mais eficaz ou profunda do que a narrativa factual direta não é de todo surpreendente; (...) se tornou lugar-comum” (Suleiman, 2019, p. 183). Como pontuou Certeau (2016) “por uma reviravolta bastante óbvia, a ficção encontra-se também no campo da ciência” (p. 46) e ele não se refere a qualquer ciência, mas justamente à historiografia. Mesmo o historiador precisa servir-se “dos meios linguísticos da ficção para apoderar-se de uma realidade cuja atualidade já desapareceu” (Koselleck, 2006, p. 251). Quer dizer, no fim das contas, que “só há fato pelo artifício” (Lacan, [1975-1976]/2007, p. 63). Distinta das mentiras e distorções ideológicas, a ficção cria tramas e brinca com as marcas e traços da memória, enquanto narra coisas genuínas e significativas (Oz & Oz-Salzberger, 2015).

Seria o referido forçar a linguagem uma forma de fazer entrar no testemunho a *lalíngua*? Se podemos admitir que a língua sustenta o Real de *lalíngua* (Milner, 2012, p. 28) e que a poesia tem relação com a verdade e com a ética, testemunhar talvez possa ser entendido como uma manipulação da língua que inclui o que está fora dela. O ser falante só pode se especificar mediante a *lalíngua*, ou seja, do que “nomeia o não-todo das nomeações” (p. 96). O poeta, na *lalíngua* que habita, pode “imprimir uma marca e abrir uma via onde se escreve um impossível de escrever – é isso o que acontece” (Milner, 2012, p. 40). Agamben (2008) disse que “os poetas – as testemunhas – fundam a língua com o que resta, o que sobrevive à possibilidade – ou à impossibilidade – de falar” (p. 160). O ficcionar, inventar palavras e modos de manipular a linguagem de forma a transmitir uma verdade sobre o Real do trauma e dar voz à lacuna e ao silêncio, parece se aproximar da possibilidade de escrever um impossível. Considerando que o *falasser* e a *lalíngua* são um só conceito e ambos apontam para o Real e para a verdade, nos perguntamos se o que está em questão no sobrevivente-

testemunha-poeta é um sujeito ou um *fallasser*. Talvez por incluir essa característica, Ricoeur (2007) tome o testemunho como infamiliar, ou, nas palavras dele, uma “inquietante estranheza” (p. 404).

Se por um lado a ficção possibilita a construção do testemunho, por outro, relatos como o de Benjamin Wilkomirski geram muita discussão sobre o lugar que se deve dar ao testemunho (Seligmann-Silva, 2003c). Ele escreveu um livro nomeadamente autobiográfico chamado *Bruchstücke* (Fragmentos) no qual afirmava ter sobrevivido à *Shoah*. Publicado em 1995, o livro teve uma recepção calorosa pela crítica. Ele relata detalhes, minúcias de seu martírio, tanto no referido livro quanto em entrevistas e palestras que se seguiram à publicação. Porém, tudo não passava de uma farsa bem contada. Benjamin era Bruno Doessekker. Ele não era judeu e tampouco conheceu um campo de concentração fora da condição de turista. Como explicar a sua receptividade? “a força dessa obra advém justamente do fato de ela ser fictícia” (Seligmann-Silva, 2003c, p. 378). Um sobrevivente não conseguiria narrar com tanta precisão todos os percalços enfrentados, de modo que um testemunho sem lacuna deveria levantar suspeitas. Bruno Doessekker não foi o único a escrever uma história como se fosse testemunhal, com grande repercussão social, sem sê-lo. E não se pode chamar de testemunho o que se constata falso testemunho (Agamben, 2021). Esse caso é exemplar quando consideramos que em seu relato falta a falta, a lacuna que marca a presença do trauma. Diante de tantos *poréns* e dificuldades, já apresentadas no subcapítulo anterior, o leitor poderia perguntar, com Ricoeur (2007): até que ponto o testemunho é confiável?

Essa questão põe diretamente na balança a confiança e a suspeita. É então trazendo à luz as condições em que é fomentada a suspeição que temos a oportunidade de abordar o núcleo de sentido do testemunho. De fato, a suspeita se desdobra ao longo de uma cadeia de operações que têm início no nível da percepção de uma cena vivida, continua no da retenção da lembrança, para se concentrar na fase declarativa e narrativa da reconstituição dos traços do acontecimento e a relação entre realidade e ficção não deixará de nos atormentar, até o estágio da representação historiadora do passado. Isso mostra que esse primeiro componente do testemunho tem seu peso (pp. 171-172).

Afinal, da necessidade de remendos na linguagem e na memória é que decorre a importância da criação. As recordações que carregamos estão sempre “misturadas com fantasias, ficções, projetos, criações e fragmentos reconstruídos a posteriori” (Bogochvol & Teixeira, 2017, p. 205). De tal modo que o simples fato do testemunho tratar de um fato humano e se valer de significantes, ele mente o real e evidencia a verdade sob a qual a literatura se apoia: a ficção é o destino (Rivera, 2016). Desde os primórdios da teoria psicanalítica, o mito e a fábula foram convocados para pensar a relação do sujeito com a

memória e a verdade, e levaram Freud ([1910]/2015) a concluir que não é insignificante o que uma pessoa acredita se lembrar da infância, pois por trás dos restos de lembranças “estão escondido testemunhos inestimáveis de traços significativos de nosso desenvolvimento psíquico” (p. 97). Mesmo nos textos de história da humanidade, as lendas culturais não estão completamente ausentes, elas podem, inclusive, fazer falta (Certeau, 2016). Segundo Lacan ([1968-1969]/2008), o mito fornece “o significante do impossível” (p. 91). O mito viabiliza acesso a uma formulação discursiva àquilo que não encontra possibilidade de transmissão através de uma formulação objetiva.

O testemunho, à semelhança da “memória dos homens, se constrói entre esses dois polos: o da transmissão oral viva, mas frágil e efêmera, e o da conservação pela escrita, inscrição que talvez perdure por mais tempo, mas que desenha o vulto da ausência” (Gagnebin, 2006, p. 11). Seja qual for o método escolhido, a testemunha nunca terá garantia da duração de sua narrativa. Razão pela qual a sua atualização importa tanto, a fim de evitar que se torne apenas memória empoeirada. O que interessa na literatura testemunhal é afirmar “a necessidade de se partir de um determinado *presente* para a elaboração do testemunho. (...) a literatura do testemunho tem em mira a *construção* a partir de um presente” (Seligmann-Silva, 2005, p. 75). Por isso temos insistido na questão da temporalidade e de onde tomamos a palavra na presente pesquisa. Isso não é uma questão menor. Trata-se não apenas de lembrar do passado como também de agir sobre o presente a partir das ressurgências ao passado, pois “a fidelidade ao passado, não sendo um fim em si, visa à transformação do presente” (Gagnebin, 2006, p. 55).

Depois de abordarmos quem é a testemunha, o que é o testemunho, as suas limitações e possibilidades, chegamos à próxima questão: a quem a testemunha se dirige? Os sobreviventes testemunham por outros e por si, mas só pode haver testemunho quando falam *para* outros. Por isso um ouvinte que acolha o testemunho é indispensável, que possibilite a inserção da sua narrativa fragmentada na história coletiva. Eis o problema. Quem estaria disposto a ouvir um relato esfacelado sobre uma experiência infernal? Quem daria ouvidos a um relato tão absurdo, emitido sem apresentação de provas que lhe confirmem a narrativa? Ignacy Schiper, judeu polonês e historiador, não sobreviveu à Guerra, mas deixou registrada a antecipação dessa questão. Ele disse: “mas se escrevermos a história deste período com sangue e lágrimas – e acredito firmemente que o faremos – quem acreditará em nós? Ninguém

vai querer acreditar em nós, porque nosso desastre é o desastre de todo o mundo civilizado²¹” (Wieviorka, 2006, p. 4, tradução nossa). Infelizmente, de fato, “há testemunhas que jamais encontram a audiência capaz de escutá-las e entendê-las” (Ricoeur, 2007, p. 175). Primo Levi (2010) relata o retorno para casa do *Lager*, uma longa jornada em que os concentracionários queriam falar, dizer o que passaram, mas “ninguém olhava em nossos olhos, ninguém aceitou o desafio: eram surdos, cegos e mudos, entrincheirados entre as próprias ruínas como num fortim de desejado desconhecimento, forte, ainda, capazes de ódio e desprezo” (p. 210). Quando se está mais inclinado a defender uma visão de mundo reconfortante, tende-se a negar a voz das testemunhas e, assim, “nós nos juntamos a uma “conspiração de silêncio” e minamos a autoridade do sobrevivente²²” (Des Pres, 1976, p. 41, tradução nossa).

Na série de livros *His Dark Materials*, de Philip Pullman (2001), uma cena chama a atenção: os protagonistas Lyra Belacqua e Will Parry estão no mundo dos mortos, um dos muitos universos paralelos pelos quais os personagens se aventuram. O mundo em questão é habitado por harpias, suas guardiãs e protetoras, que atormentam os humanos que atravessam os umbrais da morte com medo e remorso. Em dado momento é preciso negociar com as harpias o seu consentimento para a passagem dos fantasmas do cinzento mundo dos mortos rumo a um outro mundo. Sem tal concordância seria impossível sair de lá. Como o interesse das harpias pelas contações de história de Lyra é notado, os protagonistas perguntam para as criaturas mitológicas a razão disso. Elas respondem que histórias verdadeiras são nutritivas, alimentam e, por isso, não se pode evitá-las. A partir dessa revelação, abre-se espaço, então, para a negociação. O que se destaca dessa passagem é a capacidade da narrativa carregada de verdade, que é como tomamos os testemunhos, nutrir e alimentar quem ouve. Não apenas individualmente, mas principalmente no coletivo, pois apostar em saídas democráticas e que não favoreçam a guerra ou regimes fascistóides, só é possível pelo esforço de muitos. Porém, diferentemente do que ocorre com as harpias que não conseguem evitar as histórias de vida, a testemunha de eventos extremos pode encontrar em seu interlocutor inúmeras resistências. Ao que parece, no caso dos testemunhos, “o fruto nutritivo do que é compreendido historicamente contém em seu interior o tempo, como sementes preciosas, mas insípidas” (Benjamin, 1987, p. 231).

Primo Levi (1988) deixa registrado um sonho recorrente no qual contava à irmã e aos amigos o que sofreu nos campos de concentração, mas eles não o ouviam, eram indiferentes e

²¹ “But if we write the history of this period in blood and tears – and I firmly believe we will – who will believe us? Nobody will *want* to believe us, because our disaster is the disaster of the entire civilized world.”

²² “We join in a “conspiracy of silence” and undermine the survivor’s authority.”

o deixavam sozinho. A cena de narração sempre se repetia e não apenas para ele, pois sonhos dessa natureza também invadiam o trabalho onírico de outros concentracionários. O sonho apresentava um temor manifesto desde o *Lager*, fruto das bravatas nazistas já mencionadas de que, mesmo que sobrevivessem e relatassem o que viveram, ninguém lhes daria crédito. Apesar do risco de não ser ouvido, Levi se sentia impelido a denunciar o sinal de perigo que eram os campos de extermínio, havia uma “necessidade de contar “aos outros”, de tornar “os outros” participantes, [que] alcançou entre nós, antes e depois da libertação, caráter de impulso imediato e violento, até o ponto de competir com as outras necessidades elementares” (Levi, 1988, pp. 7-8). *É isto um homem?* foi escrito e publicado no intuito de satisfazer essa urgência. Aquele que testemunha quando escreve, o faz “para salvar a escrita, para salvar sua vida, para salvar seu pequeno eu (as desforras que se tiram contra os outros, as maldades que se destilam) ou para salvar o seu grande eu, dando-lhes um pouco de ar” (Blanchot, 2005, p.274). O fôlego da *Shoah* que resiste e insiste.

Entre a testemunha e o seu ouvinte não há um encadeamento preestabelecido. Eventualmente, pode portar uma certa ambiguidade na medida em que o sobrevivente pode ser tanto procurado quanto repelido pelo ouvinte (Des Pres, 1976). Há desejo de ouvir a história e há, concomitantemente, a vontade de ignorá-la. Logo que os deportados retornaram aos seus países e cidades de origem, houve um certo interesse em ouvir-lhes o relato, porém, não demorou muito para que os ouvintes se mostrassem cansados, como se o universo concentracionário equivallesse à realidade das tragédias causadas por fenômenos naturais que nos chocam e das quais rapidamente nos desconectamos (Bignotto, 2014). A experiência da maior parte dos sobreviventes foi desencorajadora, pois havia poucos ouvintes realmente interessados (Wieviorka, 2006).

Moritz Felberman, sobrevivente, antes de emigrar foi alertado pelo seu tio que nos Estados Unidos da América, caso ele quisesse fazer amigos, não deveria falar das suas experiências no *Lager*. Ninguém estava interessado e passariam a evitá-lo caso esse fosse o mote das conversas (Wieviorka, 2006). Mesmo em Israel não havia tanto interesse nessas questões num primeiro momento. O editorialista da revista política francesa *Les Temps Modernes* explicitou essa posição em 1949, somente quatro anos após o fim da guerra: “mesmo se existe ainda alguma coisa para dizer, gostaríamos que se calassem. A guerra acabou. Temos o direito de gozar da paz sem que ninguém venha nos atrapalhar” (Bignotto, 2014). O próprio Primo Levi, dez anos após a liberação dos campos afirmou que era triste constatar que “atualmente é indelicado falar dos campos de concentração. Corremos o risco

de sermos acusados, na melhor das hipóteses, de vitimismo (...); na pior, de pura e simples mentira ou, talvez, de ultraje ao pudor” (Levi & Scarpa, 2015, p. 65).

Uma pesquisa realizada nos anos 1960, na Alemanha, por Alexander e Margarete Mitscherlinch sugeriu que havia entre a população alemã um alto nível de “recalcamento do passado e de negação de culpa” (Seligmann-Silva, 2005, p. 71) que desencadeou um bloqueio no trabalho de luto e, assim, a história se apresentava como que desrealizada, sem representação. Nesse sentido parece seguir a suposição de que a culpa dos perpetradores – e talvez até a dos que foram indiferentes – conspirou para um não-querer-saber do que se passou no contexto alemão (Gagnebin, 2006). Considerando que o que se seguiu à Segunda Guerra foi a Guerra Fria com uma Alemanha dividida a partir de 1949, não é de se estranhar que todos os esforços coletivos, tanto do lado oriental quanto do ocidental, tivessem sido direcionados para a “normalização” da vida (Suleiman, 2019; Wieviorka, 2006). Grande parte da população alemã acumulava preocupações com a própria sobrevivência no pós-Guerra, logo, não havia interesse em ouvir os sobreviventes. Após o horror, o silêncio parece ter sido a consequência desejada e, assim, tanto a tendência coletiva a esquecer quanto a vontade de não lembrar de alguns sobreviventes cooperaram para o silenciamento. Diante desse cenário, podemos dizer que afortunados foram os sobreviventes que encontraram ouvintes realmente dispostos a suportar a sua narrativa.

Entre o narrador e o ouvinte espera-se haver um pacto de aquiescência à palavra da testemunha, pois “o crédito outorgado à palavra de outrem faz do mundo social um mundo intersubjetivamente compartilhado” (Ricoeur, 2007, p. 175). Ou seja, ao ouvinte ou leitor do testemunho pede-se menos uma adesão cognitiva e mais uma solidariedade e sensibilidade à dor do sobrevivente, pois “o testemunho é algo cuja produtividade depende da dissolução do halo protetor que envolve o espectador incólume” (Lessa, 2014, p. 309). Daí, talvez, a dificuldade em ouvi-los. O testemunho diz respeito à capacidade de ser afetado, sobretudo de ser receptivo à afetação a partir do que é narrado (Agamben, 2021), somente assim é possível ter acesso ao acontecimento. A testemunha quer que lhe deem crédito e por isso, via de regra, se dispõe a reiterar o seu testemunho a fim de reforçar certa confiabilidade. A testemunha busca aproximar o seu testemunho ao de uma promessa “anterior a todas as promessas, (...) a de manter a palavra” (Ricoeur, 2007, p. 174). E, nesse ponto, a desconfiança ou negação do testemunho pode ser tão traumática quanto a própria experiência que lhe deu lugar. O sobrevivente aguarda quem se interesse pelos seus fragmentos. Em vista disso, os ouvintes atentos podem ser comparados à figura do trapeiro ou do poeta, que recolhe os restos e se deixa penetrar pelos trapos das cidades (Benjamin, 2015). O trapeiro – ou catador –, bem

como o poeta e o analista, se interessa pelos restos, pela escória, pelos trapos e detém-se em sua jornada para recolhê-los. Eles têm sensibilidade para reconhecer aquilo que, a princípio, pode parecer não ter valor.

Acolher o testemunho é inscrevê-lo na cultura, é dar-lhe lugar no Outro; é acolher o esforço de incluir o inusitado do trauma na história do sujeito e, assim, possibilitar por meio da palavra que ele saia da condição de objeto e construa algo mais tolerável sobre o vazio do trauma. Quando se assente à formulação do testemunho de um trauma produz-se um sentido àquilo que a princípio não tem, propiciando assim um tratamento ao traumático (Laurent, 2004). A transmissão da experiência pela testemunha à comunidade permite que o seu conteúdo ético se torne um saber compartilhado. O conhecimento do que ocorreu possibilita o julgamento moral e, assim, os eventos são verificados e a realidade que ele descortina se torna partilhada aos olhos dos demais. Somente assim é possível o envolvimento de todos no cuidado comum da vida e do futuro (Des Pres, 1976).

Nessa direção podemos elevar o testemunho a um espaço de reflexão sobre o universo político, ele é a “política da memória”. Manter a memória acesa é uma tarefa política e ética na medida que contribui para afastar a repetição da catástrofe que tanto temos mencionado. Não é possível falarmos em ética senão quando referida a “processos pelos quais se tratam os possíveis de uma situação” (Badiou, 1995, p. 30). Ou seja, só podemos extrair uma mirada ética a partir da materialidade de uma experiência. Sabemos que a forma como a história é lembrada implica nas formas como ela será interpretada. Por isso as versões das testemunhas são tão importantes. Testemunhar é fundamental para a cultura também em razão da sua capacidade de confrontar a humanidade com o que há de pior em cada um. Não é sem razão que Adorno (2000) nos adverte do perigo de um retorno de Auschwitz ao tentarmos encerrar o passado, ao riscá-lo da memória. Adorno ainda nos provoca a não consentir com o gesto de esquecer e de perdoar venha daqueles que praticaram a injustiça. Essa é uma prerrogativa dos que sofreram a ofensa.

Dissemos que a testemunha é o que resta de humanidade quando se é, sistematicamente, desumanizado. A fim de concluir as formulações sobre o que ela pode transmitir, ou seja, sobre o testemunho, evocamos a noção de resto desenvolvida por Agamben (2008; 2016). Na tradição profética há um paradoxo: os profetas Isaías, Amós e Miqueias se dirigem ao povo de Israel como um todo para anunciar que só um resto dele será salvo. Esse resto seria a figura que Israel assume em relação ao evento messiânico; “ele não é nem o todo nem uma parte sua, mas significa a impossibilidade para o todo e para a parte de coincidir com si mesmos e entre eles” (Agamben, 2016, p. 71). Talvez o testemunho, assim

como a própria testemunha, revele exatamente o que resta e o que se pode fazer ou sofrer com isso. Ou seja, o testemunho revela o tratamento que é possível dar aos restos traumáticos.

A tradição judaica oferece tratamento aos eventos calamitosos e à manutenção da memória. Como trabalhamos com testemunhos de judeus consideramos pertinente abordarmos esse aspecto. Partimos do entendimento de que as permutações autorizadas pelo discurso e pela linguagem possibilitam trocas, embora inconscientes, de tradições, experiências e estruturas elementares de determinada cultura à qual o sujeito se endereça (Lacan, 1998). A princípio, vale dizer que o acesso ao *continuum* verbal judaico vale para os judeus religiosos e também para os não religiosos. Nenhum judeu precisa, necessariamente, partilhar a fé judaica para produzir anedotas bíblicas, por exemplo. Aliás, há “mais ateístas entendedores da Bíblia em Israel do que em qualquer outro lugar” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p. 56). Aqui, a referência à Bíblia não mantém o contorno sacro, ou pelo menos não precisa manter, pois a “história [judaica] não trata do papel de Deus, mas do papel das palavras. Deus é uma dessas palavras” (p. 65). A Bíblia e demais textos canônicos fornecem o vocabulário cultural, a linguagem em sentido amplo na qual os judeus aprendem a se reconhecer e a habitar. Ela marca o lugar de onde nasce o senso de história judaica e o legado de pertencimento de um povo cuja sabedoria oral foi transformada em escritura.

Trata-se de uma história preocupada em registrar os nomes próprios, cuja verdade histórica não se confunde com a arqueológica, “Jó existiu, tenha ou não existido “de verdade”. Ele existe nas mentes de incontáveis leitores, que o discutiram e debateram sobre ele por milênios. Jó, como Macbeth e Ivan Karamazov, existe como verdade textual” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p. 69). É nesse sentido que Freud ([1939]/2018) aborda o homem Moisés, egípcio e judeu, a partir da lente da verdade histórica. Verdade “particular do sujeito, ou de um povo, inscrita nas vicissitudes de sua história” (Fuks, 2014, p. 67). De modo que, o importante é que os antigos hebreus e os modernos judeus se encontram em um *continuum* verbal. Freud ([1939]/2018) afirmou que “foram as Sagradas Escrituras e o empenho intelectual a elas dedicado que mantiveram unido o povo disperso” (p. 159). Há quem diga, inclusive, que a confluência dos judeus ao longo dos séculos, “a despeito de toda a perseguição, não é a religião nem uma suposta linguagem étnica, mas sim a palavra – isto é, a memória” (Guterman, 2020, p. 37). A memória enquanto permanência viva das palavras liga as gerações de judeus umas às outras no desenrolar da história, e “mesmo quando perderam, e perderam terrivelmente, os israelitas, e depois os judeus, tiveram o grande cuidado de contar as histórias eles mesmos” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p. 146). Talvez daí advenha a

definição que Santo Agostinho deu aos judeus, o “povo testemunho” (Rabinovitch, 2004, p. 88), cuja significação encontrará, a partir da *Shoah*, uma nova e maior dimensão.

Nesse *continuum* verbal a própria concepção de temporalidade muda: “nossa própria *postura* é diferente da concepção ocidental de tempo. (...) O orador hebraico literalmente olha adiante para o passado” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p. 131). Essa é uma referência mais claramente aplicada à língua hebraica, mas que não deixa de produzir efeitos pela marcante presença na judeidade. Ainda que se compartilhe a visão ocidental de progresso, o seu “idioma secretamente usa um compasso diferente. Ele ainda segue o antigo olhar hebraico até Abraão” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p. 135). Os judeus, ainda quando eram o que chamamos hoje de antigo Israel ou hebreus, foram os primeiros a dar sentido à história, na medida em que “a expressão “Deus dos nossos pais” é a primeira a testemunhar o caráter “histórico” da revelação bíblica” (Ricoeur, 2007, p. 410). O vocabulário bíblico da Aliança inclui a memória em seu texto e mesmo as principais festas judaicas são rituais de rememoração (Seligmann-Silva, 2003a). Na tradição judaica “a injunção bíblica “Contarás a teu filho” (...) foi posta por escrito, e o escrito tornou-se canônico” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p.38). Assim, a rememoração está presente na cultura judaica e vários memoriais são erigidos para nunca esquecer. A referência à lembrança está desde o início colocada. Os judeus estão submetidos ao mandamento de *Zakhor* (lembrar) – essa é uma obrigação de memória do povo de Abraão, Isaac e Jacó que aposta na transmissão. Nela “a cena presente e a do passado se reconhecem uma na outra” (Fuks, 2000, p. 135); lembrar “para “repetir um caminho que nunca foi trilhado”, nas palavras do Talmude” (p. 136). *Zakhor* não é a invocação de memórias mortas, ele diz respeito a tornar a memória um empreendimento criativo de historicidade, que se constrói a partir de traços reinscritos e reinterpretados, a cada geração, em que, cada judeu, participa de modo subjetivo e singular, mas sem preterir as estruturas tradicionais transmitidas, ou seja, sempre fazendo referência ao texto escrito (Fuks, 2000).

A erudição judaica não repele o debate e a disputa, ao contrário, questionamentos à tradição e releituras são considerados instrumentos de aprendizagem (Oz & Oz-Salzberger, 2015). Há, em certa medida, uma reatualização em que o comentador, e acrescentaremos aqui a testemunha, “tenta preencher os espaços aberto no texto/história, sabendo que essa tarefa é infinita e, mais importante, com a consciência de que a leitura é perpassada (...) por um compromisso ético com o “original”” (Seligmann-Silva, 2003a, p. 54). O talmudista, importante figura na tradição judaica, é aquele que institui a Torá como uma mina de significantes finitos os quais corta, separa, subtrai, produz a diferença no texto que funda a Aliança (Winter, 1979). Isso porque a Torá guarda possibilidades de “associações que

impedem a fixação do pensamento e do conhecimento” (Fuks, 2014, p. 40) de modo que, na leitura judaica do texto hebraico, as muitas interpretações de um mesmo versículo, mesmo quando contraditórias, habitam o Talmude (Fuks, 2000). É por essa leitura criativa e desafiadora que Lacan (2003) afirmou que o judeu é aquele que sabe ler, em que se estabelece uma distância entre a letra e a fala para que se opere uma interpretação. Ao tomar o Livro ao pé da letra e os significantes pelo engano, o judeu consegue “extrair do texto um dizer outro, ou até implicar nele o que ele negligencia (como referência)” (p. 428). Ou seja, o que as coisas querem dizer, não pode ser considerado óbvio (Fuks, 2014). Miller (2011) extrai do comentário lacaniano o complemento do bem-dizer. Quer dizer que, sem o saber ler (*reading*) o próprio bem-dizer se torna “nada” (p. 2). É por saber ler que “o leitor do Livro garante a transmissão do judaísmo através dos séculos” (Fuks, 2000, p. 130). Uma transmissão que inclui todos e cada um, que conduz a tradição e acolhe o singular.

Os judeus foram proibidos de investigar o futuro e ensinados sobre a importância da rememoração, pois ela seria capaz de desencantar o futuro (Benjamin, 1987). Em termos freudianos ([1927]/2020) poderíamos dizer que “quanto menos uma pessoa sabe a respeito do passado e do presente, mais inseguro será o juízo sobre o futuro” (p. 233). Isso diz respeito às muitas histórias do povo hebreu/judeu, incluindo a da *Shoah*. É culturalmente disseminado entre os judeus que a continuidade judaica se articula através de palavras proferidas ou escritas, pois “uma descendência informada é a chave da sobrevivência coletiva” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p. 38). Para que a transmissão seja efetiva entende-se que é preciso comunicar a história de modo que o ouvinte possa compreender, sentir e viver o acontecimento narrado. Essa é uma exigência ética: de que o narrador não se distancie temporalmente dos acontecimentos que narra (Fuks, 2000). Nesse intento, a transmissão oral tem grande impacto, pois tem o potencial de ser mais penetrante e fundamental para a história (Matos & Senna, 2011). Busca-se, por meio da narrativa, transmitir uma experiência de uma pessoa a outra e, mesmo “entre as narrativas escritas, as melhores são as que menos se distinguem das histórias orais contadas pelos inúmeros narradores anônimos.” (Benjamin, 1987, p. 198). A estrutura da narrativa oral orienta a transmissão, mesmo quando se baseia em um texto escrito.

Possivelmente em razão do dever de memória imposto aos judeus pela tradição uma importante tentativa de restituir a memória dos mortos na *Shoah* derivou da tradição memorialística do *Memorbukh*, livro em que se registrava a história dos martírios de cada comunidade judaica. Trata-se dos *Yizkerbikher*, ou livros da memória. Cerca de 400 deles foram publicados que incluem, tradicionalmente, uma lista de nomes dos judeus assassinados

(Seligmann-Silva, 2003b). Nessa mesma direção foi instituído o *Yad Vashem*, o memorial oficial de Israel para os mártires e heróis da *Shoah* em que se documenta e preserva “a memória e a história de cada uma das seis milhões de vítimas e [é compartilhado] o cenário do Holocausto com as gerações futuras por meio de seus arquivos” (YadVashem, 2024). Em 2017 foi veiculada uma convocação que o *Yad Vashem* tem feito aos judeus sobreviventes e seus familiares para que ajudem a identificar aqueles que morreram durante a *Shoah*. O *Names Recovery Project* busca identificar cada uma das vítimas do Terceiro Reich, ele tira o foco do número absoluto de mortos ao preservar e transmitir as histórias de vida das vítimas. A diretora do Projeto, Sara Berkowitz, observou que “quando não lembramos de toda e qualquer pessoa, o número de vítimas se torna algo sem sentido. (...) Acaba se tornando igual. O que os nazistas queriam era justamente desumanizar suas vítimas, tirar suas identidades. Mas a memória as imortaliza” (Kresch, 2017, p. 2). Sendo o objetivo dos nazistas desumanizar as vítimas, recuperar e reafirmar os nomes e as histórias é fazer resistência aos perpetradores. Os nazistas é que gostavam de tratar de números absolutos. Em sentido oposto, a cultura judaica é contundente na direção da preservação da voz, dos nomes e da memória.

2. A ZONA CINZENTA

Elie Wiesel recorda ter recebido dois conselhos sobre a sobrevivência no *Lager*, ambos vieram de prisioneiros antigos – um conceito mais relativo ao traquejo do que, propriamente, à longevidade no Campo – que dividiram as suas experiências com os recém-chegados. O primeiro disse: “camaradas, vocês estão agora no campo de concentração de Auschwitz. (...) Não percam a esperança. (...) Somos todos irmãos e compartilhamos o mesmo destino. A mesma fumaça paira sobre as cabeças de todos nós. Ajudar um ao outro. Essa é a única maneira de sobreviver²³” (Wiesel, 2006, p. 6, tradução nossa). O seguinte, por seu turno, afirmou, não muito tempo depois: “não se esqueça que você está em um campo de concentração. Neste lugar, é cada um por si, e não se pode pensar nos outros. Nem mesmo seu pai. Neste lugar não existe pai, irmão, amigo. Cada um de nós vive e morre sozinho²⁴” (Wiesel, 2006, p. 18, tradução nossa). Como veremos a seguir, a zona cinzenta marca o lugar em que as duas afirmações, por mais contraditórias que pareçam, podem ser tomadas, ao mesmo tempo, como verdadeiras. No concentracionário, distinto da vivência comum, “raramente foi tão alto o preço da compaixão. Raramente a simples preocupação com a sobrevivência esteve tão perto da corrupção moral” (Bauman, 1998, p. 172). Em *É isto um homem?*, Levi (1988) apontara que, apesar de adaptados, os prisioneiros estavam dobrados, quebrados e vencidos, pois o *Lager* os tornara acinzentados, mas em *Os afogados e os sobreviventes* ele aprofunda a discussão sobre os efeitos de acinzentamento.

O ensaio sobre a zona cinzenta foi publicado por Primo Levi em abril de 1986, um ano antes de seu possível suicídio, em 11 de abril de 1987. Esse é o capítulo central de seu último livro *Os afogados e os sobreviventes*. Nessa última obra, Levi, considerado uma das principais testemunhas da *Shoah*, apresenta a zona cinzenta como um campo de contornos mal definidos e de indeterminação entre o bem e o mal, no qual branco e preto se mesclam em variados tons acinzentados. A zona cinzenta pode ser entendida como um espaço “entre” que tanto multiplicaria quanto dissolveria fronteiras (Macêdo, 2014), sem que, com isso, as posições de carrasco e de vítima sejam confundidas. Na zona cinzenta os prisioneiros trabalharam auxiliando a autoridade nazista, mas escolher algo diferente naquele contexto equivalia a abraçar a morte. Nas condições em que se deu a zona cinzenta “o espaço para

²³ “Comrades, you are now in the concentration camp Auschwitz. (...) Don't lose hope. (...) We are all brothers and share the same fate. The same smoke hovers over all our heads. Help each other. That is the only way to survive.”

²⁴ “Don't forget that you are in a concentration camp. In this place, it is every man for himself, and you can- not think of others. Not even your father. In this place, there is no such thing as father, brother, friend. Each of us lives and dies alone.”

escolhas, especialmente as morais, foi reduzido a nada e as condutas foram totalmente condicionadas, automatizadas” (Macêdo, 2014, p. 95), como vimos no capítulo anterior. Por meio desse ensaio Primo Levi isola algo semelhante a “um novo elemento ético” (Agamben, 2008, p. 30) que estaria localizado aquém do bem e do mal (Levi, 1988). Mesmo que não “consigamos dizer por que motivo, percebemos que esse aquém é mais importante do que qualquer além, que o sub-homem deve interessar-nos bem mais do que o super-homem” (Agamben, 2008, p. 31). Propomos a reescrita da segunda parte da frase para que assuma a seguinte forma: “um homem fraturado e dividido deve nos interessar mais do que um que não se divide”. Entre a publicação do ensaio sobre a zona cinzenta e os nossos dias decorreram-se quase quarenta anos, mas a passagem do tempo ou a menção quase clichê à expressão ‘zona cinzenta’, não serve para esconder a dificuldade de sua assimilação (Mesnard & Thanassekos, 2010). O tempo também não foi capaz de esgotar as questões que essa locução propõe investigar (Bravo, 2022).

As questões morais e éticas após o desfecho do regime de Hitler ocuparam o primeiro plano da opinião pública (Arendt, 1999) e capturaram o interesse de Primo Levi que se debruçou sobre a zona cinzenta não tanto para testemunhar, mas para explorar e analisar o campo ético que ela destacava (Mesnard, 2010). Ele tinha inquietação por compreender as contradições da experiência concentracionária que estava inserida no mundo contemporâneo. Escrever o ensaio sobre a zona cinzenta foi um modo de Primo Levi enfrentar a mencionada tendência simplista e maniqueísta de evitar os entretons que, em favor da transmissão, sacrifica uma parcela de sua complexidade. Por mais que a expressão ‘zona cinzenta’ tenha sido sistematizada apenas em seu último livro, a sua amiga Biana Guidetti Serra afirma tê-la ouvido pela primeira vez em 1946 e que, desde o início, estava colocado para Primo Levi o problema de como era possível compreender o que tinha acontecido nos Campos e porque os homens se portaram como o fizeram (Brown, 2015). De certo modo, a questão já estava colocada em *É isto um homem?*. Um vislumbre dela pode ser encontrado, por exemplo, no trecho em que ele convida o leitor a refletir sobre o significado no *Lager* das “velhas palavras “bem” e “mal”, “certo” e “errado”. Que cada qual julgue, na base do quadro que retratamos e dos exemplos que relatamos, o quanto, de nosso mundo moral comum, poderia subsistir aquém dos arames farpados” (Levi, 1988, pp. 125-126).

Em outros textos, como no Prefácio que escreveu, em 1976, à tradução italiana do livro de Jacob Presser, *A noite dos girondinos*, Levi (2005) já mencionara que um regime como o do nacional-socialismo tanto degradava as vítimas quanto confundia a capacidade de julgamento, e que os crimes do personagem Cohn eram reflexo dos crimes do regime que lhe fora imposto. Nesse mesmo texto, ele aponta para a necessidade de explorar o espaço que

separa as vítimas dos carrascos, um espaço salpicado de figuras sórdidas, miseráveis e patéticas que precisamos estudar se quisermos conhecer a espécie humana e nos defender do mal contagioso. O não-homem, ele dirá, desumaniza e corrompe a consciência dos outros. Primo Levi (2016) não ignorava que pessoas cinzentas e ambíguas existiram e existem fora dos Campos, mas ressalta que, pela pressão totalitária do concentracionário, as suas fileiras se encontravam alargadas. Levi, “*un hebreo di ritorno*” (Cicioni, 2001, p. 81), como se dizia em italiano sobre quem encarou o processo de resgate de sua herança judaica²⁵ após as leis antissemitas serem estabelecidas, produziu alguns dos seus textos a partir de um estilo de escrita alinhado à tradição do Midrash, de se valer de parábolas. São parábolas “que interpretam a herança religiosa e histórica judaica à luz dos problemas éticos e sociais contemporâneos, e usam o estranhamento para tentar entender as contradições da vida e perguntar como se deve viver em tempos de mudança e crise²⁶” (Cicioni, 2001, p. 82, tradução nossa). Em *Os afogados e os sobreviventes* Primo Levi escolhe o estilo ensaístico para transmitir as suas reflexões, mas não deixa de abordar as questões éticas e sociais em suas contradições. Ele o faz a partir de pequenos relatos da vida cotidiana no *Lager*.

A tentativa de Primo Levi percorrer o campo movediço da zona cinzenta diz respeito a um franco questionamento sobre o “intrincado problema da responsabilidade (...) a ponto de questionar se a noção de responsabilidade seria plausível no contexto do pós-guerra, dos que sobreviveram” (Macêdo, 2014, p. 95). A zona cinzenta escancara o borramento das barreiras ético-morais, e não podia ser diferente, pois renunciar a algo do mundo moral anterior fazia parte da sobrevivência e, não se adaptar, implicava em se tornar um dos submersos do *Lager* (Levi, 1988). A partir dessa referência e considerando que os organismos agem a partir de normatividades capazes de definir valores (Safatle, 2013), vale destacar os membros do *Sonderkommando*, as figuras-extremas da zona cinzenta, estavam sujeitos como qualquer outro prisioneiro a um espectro moral distinto da vida extra concentracionária. O universo de escolhas se apresentava reduzido para todos os deportados, mas nenhum outro grupo teve que enfrentar atividades tão degradantes ao escolher viver. Após décadas de reflexões sobre a experiência concentracionária e trocas com pesquisadores e sobreviventes, Primo Levi alcançou uma visão mais ampla sobre o Campo – ainda que, sobre o grupo em análise, as suas

²⁵ No prefácio que escreveu ao livro *A noite dos girondinos*, de Jacob Presser, Primo Levi, ao abordar a complexa relação dos judeus ocidentais com o judaísmo, pergunta quantos judeus europeus não descobriram, em tempos de necessidade, tanto suporte quanto estrutura moral na cultura judaica que julgavam ultrapassada. Parece que, mesmo que de modo não religioso, ele fez esse retorno.

²⁶ “which interpret the Jewish religious and historical heritage in the light of contemporary ethical and social problems, and use estrangement to attempt to make sense of the contradictions of life and to ask how one should live in times of change and crisis.”

elucubrações não tenham se aprofundado. A respeito da escrita de seu último livro, em entrevista, Levi disse: “para mim, parece-me uma espécie de... DEVER... ou seja, não é um livro que escrevo por diversão. [...] Parece-me que seria um dever a cumprir²⁷” (Mesnard, 2010, p. 31, tradução nossa). Levi decide revisitar os Campos mantendo o ato de compreender contíguo à complexidade da realidade (Belpoliti, 2022). O nosso intuito é acompanhá-lo nessa marcha e tentar ir um pouco além, acompanhados da teoria psicanalítica.

2.1 Os matizes gris e a (im)possibilidade de julgar

*Esse manto cinzento e sem forma:
Contém o mal e o bem,
O perigo e muitas coisas escritas.*
Levi, 2019, p. 127

Não foram os melhores que sobreviveram, afirmou Primo Levi (2016), apesar de não ser uma regra absoluta, sobreviveram “os colaboradores da “zona cinzenta” (...). Sobreviveram os piores, isto é, os mais adaptados; os melhores, todos, morreram” (p. 65). Tais afirmações polêmicas levaram Primo Levi a ser criticado por muitos sobreviventes que se sentiram ofendidos por não se considerarem “os piores” ou mesmo “colaboradores” dos nazistas (Bravo, 2022). Ainda que haja justa discordância sobre a universalidade dessa afirmação, consideramos importante abordar a perspectiva lançada por Primo Levi, pois é a partir dessa mirada que podemos empreender um honesto questionamento sobre a natureza e os limites da agência moral e a consequente (im)possibilidade de julgar atos impetrados em um ambiente de escolhas extremamente limitadas (Chare & Williams, 2017). O estreitamento paulatino do campo de escolhas e a extenuante luta pela sobrevivência não parecem compatíveis com uma visão positiva, restrita às virtudes dos sobreviventes que mantiveram a régua moral inalterada. Afinal, para nos defendermos enquanto cultura de uma situação análoga à da *Shoah* é preciso saber que “é ingênuo, absurdo e historicamente falso julgar que um sistema infernal, como o nacional-socialismo, santifique suas vítimas: ao contrário, ele as degrada, assimila-as a si” (Levi. 2016, p. 30). A ressalva feita por Primo Levi é uma resposta à tendência no pós-guerra, dentro do debate historiográfico, de avaliar o comportamento dos judeus a partir de dois eixos: “colaboração” e “resistência” que, sumariamente, condenava os primeiros e exaltava os segundos (Brown, 2015). De resto, os Campos foram instrumentos consagrados à degradação e ao extermínio dos judeus e a sobrevivência nem sempre foi um triunfo sobre eles, mas a quebra de seu objetivo (Langer, 1982).

²⁷ “Et pour moi, cela m’apparaît comme une espèce de... DEVOIR... c’est-à-dire que ce n’est pas un livre que j’écris pour me divertir [...]. Il me semble que ce serait un devoir à accomplir.”

Considerando as interpelações de colega e professores durante a elaboração do presente trabalho a respeito da validade da expressão ‘banalidade do mal’ para abordar o objeto de pesquisa, antes de avançarmos importa marcar a diferença entre ‘zona cinzenta’ e ‘banalidade do mal’. Para tanto, anteciparemos algumas questões relacionadas à zona cinzenta que serão melhor desenvolvidas mais adiante. A percepção de uma banalização do mal durante o massacre produzido pelos nazistas foi anunciada por Hannah Arendt (1999) a partir de reflexões oportunizadas pelo famoso, e já citado, julgamento de Adolf Eichmann. A respeito do réu Arendt (1999) concluiu: “a não ser por uma extraordinária aplicação em obter progressos pessoais, ele não tinha nenhuma motivação. E essa aplicação em si não era de forma alguma criminoso” (p. 310). O modo como Eichmann conduziu as deportações dos judeus húngaros para Auschwitz em 1944 coloca em descrença essa afirmação, mas não afeta o ponto central da argumentação de Arendt sobre a banalidade do mal.

A expressão estabelecida por Arendt (1999), condensa a constatação de que nem todos os nazistas tinham ódio mortal pelos judeus e que a ausência de cólera não impediu a ocorrência do massacre. Cooperava com a matança a burocratização dos atos que, como dissemos, tendia a turvar a avaliação moral. Ser guiado por motivações alheias ao ódio pode ser considerado banal, porém, “se nem com a maior boa vontade do mundo se pode extrair qualquer profundidade diabólica ou demoníaca de Eichmann, isso está longe de se chamar lugar-comum” (p. 311). Não é trivial porque a banalização do mal é fruto de um movimento político e histórico que, por ter acontecido uma vez, pode ser novamente suscitado. É justamente pelo fato da *Shoah* ter sido realizada de modo banal que ela nos lança um alerta, pois se a devastação realizada contra os judeus ocorreu sem, necessariamente, ser movida por apego passional à destruição do outro, ela é pior do que “todos os maus instintos juntos” (p. 311). Pior porque não convoca os agentes a refletirem sobre as consequências morais dos atos promovidos em primeira pessoa.

A análise de Arendt é importante porquanto evidencia que a aplicação de tamanho mal não exige qualidades excepcionais; ele talvez até as dispense, pois atua a partir da mediocridade do não pensar e da obediência às ordens. Trata-se de “uma mal extremo, mas não radical” (Todorov, 2017, p. 184). Enquanto pode haver limite para a porção que se consegue matar por ódio, a morte burocrática e sistemática não coloca limites (Todorov, 2017). Esse é o problema. Por mais que Hannah Arendt (1999) tenha encontrado ocasião, em poucas páginas do referido livro, para apontar a colaboração dos Conselhos Judaicos (*Judenrat*) com a elite nazista, ela não o faz sob o signo da banalidade do mal. Os comentários sobre os Conselhos se deram porque o tema da submissão, da colaboração e da resistência dos judeus aos nazistas foi apresentada em alguns dos testemunhos levados à

Corte. As críticas à sua análise tocam principalmente esse âmbito, mas a expressão ‘banalidade do mal’, não nasce daí. Se por um lado, o mal banal pode ser aplicado ao exame do comportamento de alguns nazistas, por outro, não podemos fazer o mesmo em relação aos grupos de judeus, como os membros do *Sonderkommando* ou do *Judenrat*, por exemplo, que Arendt cita ao abordar a aparente colaboração com os nazistas.

Diferentemente da *banalidade do mal*, a *zona cinzenta* incrementa a percepção da complexidade dos sistemas operantes no *Lager*. Levi (2016) atenta para a microfísica do poder instituída em Auschwitz que levava os deportados, organizados em hierarquias, a lutar para sobreviver a qualquer custo. Nesse ponto há uma questão radical que Primo Levi destaca da experiência concentracionária: Auschwitz não é somente a absolutização da morte, é também um lugar em que há uma luta ferrenha pela vida, razão pela qual os prisioneiros se corromperam (Belpoliti, 2022). O desejo de viver pode afetar a conduta moral quando se está inserido em uma situação extrema. Levi demonstra que a corrupção dos deportados, causada pelo contexto concentracionário, afetou a problemática do juízo, mas não em relação aos algozes – eles deveriam ser julgados –, e sim às vítimas. No que concerne o julgamento de perpetradores, Hannah Arendt (1999) também não recua, ela responsabiliza os nazistas.

Resumindo: enquanto Arendt buscava entender o comportamento de Eichmann e, por extensão, o de outros nazistas diante do mal que produziram, Primo Levi se deteve no complexo contexto de Auschwitz e suas implicações, principalmente, no comportamento dos judeus deportados. A burocratização dos atos, o não pensar, o cumprimento cego às ordens, a consequente dessensibilização moral e a possível omissão de ódio direcionado às vítimas a serem destruídas, estão na base de argumentação de Arendt sobre a participação de Eichmann na *Shoah* e, por conseguinte, da concepção da ‘banalidade do mal’. Ao passo que, o contexto de opressão violenta, a escassez de recursos básicos de sobrevivência e o desejo de viver são os pressupostos dos comportamentos acinzentados dos judeus concentracionários. Levi não titubeia em considerar os judeus vítimas a quem se deve suspender o julgamento dos atos ou, pelo menos, que tal juízo não seja feito sem que se considere o contexto amplo em que foram executados. O julgamento moral é o ponto central no ensaio de Levi (Williams, 2019). Adiante aprofundaremos as questões próprias da zona cinzenta, mas já se conclui que não entendemos que a expressão ‘banalidade do mal’ e a locução ‘zona cinzenta’ sirvam para avaliar o mesmo tipo de comportamento e contexto. Consideramos, a partir das sínteses apresentadas, que as ações de judeus aprisionados no *Lager* são melhor apreciadas a partir da construção feita por Levi.

Ao abordar a zona cinzenta Primo Levi (2016) destaca dois termos: privilégio (*protekcja* em polonês) e colaboração. Na antessala desses termos o peso do sistema nazista

sobre os concentracionários aparecerá, muitas vezes, em seu texto. O termo privilégio em relação ao *Lager* já havia sido abordado por outros teóricos, mas não havia sido escrutinado como Primo Levi propôs (Bravo, 2022). Apesar de seu uso corriqueiro o termo não deixa de ser nebuloso, pois o privilégio não exclui a violência com que os privilegiados eram tratados dentro da hierarquia dos Campos e nem tampouco afastava o sofrimento de seus portadores. Com a vida em constante risco, aceitar algum tipo de privilégio e, com isso, colaborar de alguma forma com o sistema concentracionário era a única maneira de prolongar a vida. Dilatar por quanto tempo? Impossível saber! No fim, até mesmo os privilegiados podiam ser devorados pelos fornos crematórios.

Os sobreviventes, em sua maioria, desfrutaram algum tipo de privilégio durante o cativeiro que permitiu um acesso um pouco maior a alimento e água, e a ficarem um pouco menos expostos à violência física. Falar em judeus privilegiados ou proeminentes (Levi, 1988) no contexto da *Shoah* parece inadequado, mas tal expressão pode ser tomada como um oxímoro (Brown, 2015) que marca um paradoxo: estavam destinados a morte, mas tiveram o privilégio de acessar maior condição de sobrevivência. Somente a combinação de eventos improváveis pode explicar a sobrevivência dos não privilegiados, que correspondiam ao maior estrato de encarcerados. Os prisioneiros comuns figuraram a minoria entre os que escaparam da morte ao fim da guerra visto que as reservas fisiológicas tendiam a se esgotar em dois ou três meses (Levi, 2016). Para se salvar, uma posição de privilégio cooperava; não a possuir favorecia a temida submersão, o afogamento.

De um modo geral, ter privilégios não apartava os prisioneiros de qualquer sofrimento por estarem nessa posição favorecida, porém, o que estava em jogo era a possibilidade ou não de sobreviver. A dificuldade para os deportados estava justamente em saber como ascender ao privilégio, pois o “privilégio, por definição, defende e protege o privilégio” (Levi, 2016, p. 31). Enquanto fora do *Lager* a orientação de Levi era de que se deveria declarar guerra ao privilégio não merecido, dentro dos arames farpados a luta era para alcançá-lo. No caso dos membros do *Sonderkommando*, Primo Levi (2016) hesita ao falar de privilégio e conclui que eles só eram privilegiados em relação ao acesso à comida, mas a um custo que não os colocava em posição de serem invejados. Afinal, os membros do *Sonderkommando* estavam isolados do mundo, condenados “a viver todos os segundos da sua eternidade com os corpos torturados e queimados” (Rousset, 2016, p. 37). Eles eram “os mais miseráveis dos miseráveis”²⁸ (Greif, 2005, p. 10, tradução nossa). Apesar de terem condições de sobrevivência mais favoráveis – e nesse ponto o *Sonderkommando* estava no extremo oposto

²⁸ “The most miserable of the miserable.”

dos muçulmanos –, eles eram submetidos a uma situação de impossível sobrevivência (Chare & Williams, 2017). Em especial porque não era segredo que os nazistas não pretendiam deixar qualquer evidência.

Um dos pilares de sustentação do sistema que pretende hierarquizar os homens, é a imposição do terror e da crueldade como formas de controle. A cotidiana e explícita violência colocava os aprisionados em estado de alerta; como resposta, se submeter ao opressor se tornava a via mais próxima de prolongar a luta pela sobrevivência (Wilkerson, 2021). Nas palavras de Rousset (2016), era “preciso tudo aceitar, fazer até a mais ignominiosa tarefa, correr para ela, precipitar-se, espancar os outros até a morte, tornar-se delator para conservar o lugar e os privilégios” (p. 88). A questão é que, quanto mais feroz é a opressão, maior é a disponibilidade dos cativos à colaboração com os que detêm poder – este é um traço dos regimes totalitários: transformar as vítimas em supostos cúmplices (Levi, 2016). Na Alemanha nazista uma tarefa penosa e reforçadora de estigma imposta pelos nazistas aos seus prisioneiros era ter que fustigar os seus companheiros à vista dos opressores. Nessa circunstância não havia limite superior de uso de violência e, sim, inferior. Ou seja, se não fossem suficientemente duros, tais prisioneiros eram destituídos dos postos de privilégio o que, invariavelmente, levava ao isolamento quando não à morte (Levi, 2016). Uma vez que alguém usufruiu do poder e fez uso de violência contra os demais prisioneiros não havia como voltar atrás. Essa artimanha também cooperou para o funcionamento da zona cinzenta. Inclusive, não devemos ignorar que um de seus fundamentos tenha sido, justamente, a opressão ininterrupta e extrema sobre as vítimas, fruto da ação desmedida do regime totalitário (Bravo, 2022). Desse modo, além do uso de violência explícita, os guardas da SS exibiam o seu poder ao dar funções humilhantes e desonrosas aos cativos. Não bastava “relegá-los às tarefas marginais; o modo melhor de comprometê-los é carregá-los de crimes, manchá-los de sangue, expô-los tanto quanto possível: assim contraem com os mandantes o vínculo da cumplicidade” (Levi, 2016, p. 32). Não que toda a violência imposta tenha sido efetuada por obrigação, pois não é difícil constatar que alguns entre os cativos, “por uma espécie de “mimetismo”, tendiam a identificar-se inconscientemente com seus opressores” (Macêdo, 2014, p. 93).

Além de serem delegadas atividades que os superiores não se interessavam por fazer, resultando em menor esforço físico para eles, a presença de hierarquia entre os prisioneiros aumentava o tom de insegurança e tensão entre eles (Rees, 2018). Criava-se uma atmosfera de discórdia e desconfiança entre os concentracionários na medida em que se fabricava entre eles uma distinção, além de uma falsa aproximação entre os opressores e parte dos oprimidos. Aqui o simulacro de verdade fazia crer que havia uma distribuição de poder, mas o intuito por

trás da fachada era tornar “a distinção entre vítimas e carrascos deliberada e calculadamente pouco nítida nos campos de concentração (...) isto era parte do sistema” (Arendt, 2016a, p. 761), o sistema totalitário. Atento a esse ponto, diferentemente dos que se contentam em condenar os privilegiados, Primo Levi “procura situar o problema a partir da especificidade dessa “criação” nazista que foi a “zona cinza”” (Bignotto, 2014, p. 245). Apesar do acesso ao poder ser falso, o privilégio se mostrou particularmente indispensável à sobrevivência (Belpoliti, 2022).

Primo Levi não tinha dúvida sobre a colaboração de integrantes da zona cinzenta com os perpetradores, que encontra o seu caso-limite nos *Sonderkommandos*. Em certa medida, parece que o questionamento quanto à tradução do termo “caso-limite” corrobora a especificidade para a qual Levi chama a atenção: a de indeterminação e de “*impotentia judicandi*”. A expressão poderia ser entendida como “caso limítrofe” de colaboração em que pesa o sentido da aplicabilidade do termo ser considerada indefinida (Williams, 2019). O próprio termo colaboração também merece esclarecimento na medida em que grande parte dos que se submetiam às ordens dos nazistas não o faziam de forma dócil ou voluntária. A vida estava em jogo. Quando utilizamos termos comuns em um contexto específico como o da *Shoah* não perdemos nada em explicitar a que, precisamente, eles se referem. Como fora mencionado anteriormente, ter cautela no uso da linguagem é uma forma de tentar não incorrer em injustiça com as vítimas e com os sobreviventes. Yehuda Bauer propõe, inclusive, que o mais correto seria falarmos de “cooperação” que indicaria um dobrar-se involuntariamente a um poder maior do que o próprio (Brown, 2015). Nos casos em análise o termo cooperação, que retira a voluntariedade implícita na palavra colaboração, parece o mais apropriado. No entanto, como o termo colaboração se impôs na literatura da *Shoah* manteremos o seu uso, mas sabendo que não se trata de uma predileção em ajudar os nazistas.

Ao mesmo tempo em que há um borramento nas fronteiras, a zona cinzenta não nos permite dizer que as vítimas e os algozes estão unidos em um mesmo gozo (Mesnard, 2010), pois a posição de vítima e a de opressor não é intercambiável (Levi, 2016). Nesse sentido, a definição de zona cinzenta apresentada por Mesnard (2010) nos parece bastante interessante: ela seria a margem de uma situação limite e não exatamente uma categoria. Williams (2019) se associa a essa leitura. Por também adotarmos essa compreensão concordamos com Brown (2015) quando ele aponta que Agamben (2008) levou a questão da ambiguidade longe demais ao afirmar que “o oprimido se torna opressor e o carrasco, por sua vez, aparece como vítima. Trata-se de uma alquimia cinzenta, incessante, na qual o bem e o mal e, com eles, todos os metais da ética tradicional alcançam o seu ponto de fusão” (Agamben, 2008, p. 30). Levi (2016) frisa que não há fusão e que os perpetradores continuam sendo os algozes. Afinal, é o

Estado totalitário por meio de seus representantes que mediava e regulava os valores daqueles a quem submeteu, foi o totalitário que disse qual era a referência do bem e do mal (Todorov, 2017). Os deportados não tinham poder, não estabeleciam os termos da sua existência, portanto, não há, repetimos, amálgama entre vítimas e opressores. A estrutura hierárquica funcionava como um importante instrumento de corrupção e, ao mesmo tempo, de instituição da regra da estrutura social do Campo que compreendia a opressão dos não privilegiados pelos privilegiados. Não à toa criminosos comuns alemães, os triângulos verdes, foram introduzidos nos Campos a fim de impor violência desmedida (Rousset, 2016) e transmitir os valores dos algozes. Geralmente, funções com certo grau de proeminência ou privilégio eram dadas, preferencialmente, aos não judeus dada a sua suposta superioridade natural.

Entre os guardas e os concentracionários comuns havia uma gama de intermediários com privilégios e obrigações distintas, eles estavam submetidos aos desmandos dos que estavam em hierarquia superior e submetiam à violência quem estava em posição inferior de modo que a “sua soberania numa das direções deve compensar a ausência de liberdade na outra” (Todorov, 2017, p. 296). Ou seja, eram escravos e patrões, mas eram os “patrões, escravos eles também (...) todos são, para nós, inimigos ou rivais” (Levi, 1988, p. 57). Levi (2016) destaca que nos campos nazistas o modelo culturalmente disseminado que separa nitidamente e geograficamente “nós” e “eles” tem a sua fronteira borrada. E isso da maneira mais radical, pois “o inimigo estava ao redor, mas também dentro, o “nós” perdia seus limites, os contendores não eram dois, não se distinguia uma fronteira, mas muitas e confusas, talvez inúmeras separando cada um do outro” (Levi, 2016, p. 28). Que fique claro que o borramento de fronteiras não está colocado entre as vítimas e os algozes, mas entre cada um e o seu próximo que poderia ser um “outro”, um inimigo potencial na luta pela sobrevivência. Nessa luta contra todas as instabilidades da vida concentracionária todos lutavam e imaginavam formas de não morrer, eram “brutos contra brutos. (...) cada um implicava uma luta extenuante de cada um contra todos” (Levi, 1988 p. 135). Dito de um modo que se pretende mais preciso: era uma vítima faminta, sedenta, com frio e que queria sobreviver contra outra vítima faminta, sedenta, com frio e que também lutava para viver um pouco mais. Raramente essa dinâmica estava clara desde o início e, assim, muitos não se prepararam para defender-se de golpes que vieram de onde não se esperava (Levi. 2016). Como naquele contexto as estratégias de sobrevivência eram individuais, havia uma disputa desordenada por alimentos, água, vestimentas, utensílios gerais e também por funções que pudessem ser mais favoráveis à sobrevivência, de tal modo que mesmo os vizinhos poderiam ser vistos como inimigos.

Para que os judeus pudessem galgar atividades que lhes possibilitariam uma sobrevida, eles precisavam lutar, fazer intrigas, de modo que os judeus proeminentes “constituem um

triste e notável fenômeno humano. (...) são o típico produto da estrutura do Campo de Concentração alemão. (...) ele será subtraído à lei comum e se tornará intangível; será, então, tanto mais odioso e odiado quanto maior for o poder a ele concedido” (Levi, 1988, p. 133). Não é incomum encontrarmos referência em testemunhos de sobreviventes à figura do privilegiado: ao mesmo tempo invejado e odiado. As posições hierárquicas entre prisioneiros produziam muito facilmente generalizações desfavoráveis sobre quem tinha alguma autoridade ou privilégio. A depreciação estava frequentemente na ponta da língua; nessas circunstâncias, julgar não deixa de ser tarefa necessária, mas particularmente difícil (Chare & Williams, 2019b).

Apesar de Primo Levi abordar a zona cinzenta a partir dos termos privilégio e colaboração, em alguns momentos de sua escrita prisioneiros não privilegiados também são levados ao emaranhado acinzentado “como se todas as vítimas pudessem ser vistas como tendo, de alguma forma, cometido atos moralmente ambíguos – grandes ou pequenos, frequentes ou esporádicos – a fim de prolongar as suas vidas²⁹” (Brown, 2015, pp. 52-53, tradução nossa). Se considerarmos que sobreviver implicava, em certa medida, renunciar ao próprio mundo moral (Levi, 1988), a possibilidade da zona cinzenta se impor aos concentracionários como um todo parece bastante provável. Em especial quando levamos em conta a afirmação de que o nazismo degradava as suas vítimas e que os melhores prisioneiros morreram, ou seja, aqueles que não conseguiram se adaptar às novas regras: mais violentas e egoístas. Infere-se que tal renúncia foi feita com alguma dose de sofrimento, pois a construção do posicionamento ético de cada um não é estabelecida a partir do nada, “ninguém nasce com um decálogo no corpo, (...) o universo moral de cada um, oportunamente interpretado, identifica-se com a soma das experiências anterior, e representa, pois, uma forma resumida de sua biografia” (Levi, 2010, p. 48). Ou seja, enquanto para uma parcela dos deportados a questão moral passou ao largo, para outros abrir mão do universo moral, de algum modo, pode ter significado abrir mão da própria história ou de um pedaço de si. Os deportados perderam muitas coisas pelo caminho, alguns mais, outros menos.

Ella Lingens-Reiner, médica austríaca reconhecida com o título de ‘Justa entre as Nações’ por ter auxiliado judeus durante o período de grande perseguição nazista na Áustria, sobreviveu a Auschwitz-Birkenau e a Dachau. Ela argumentou, assim como Levi, que a sobrevivência no *Lager* era possibilitada pela quebra das regras utilizadas na vida civil, pois o Campo era tanto o lugar dos meios-tons quanto do preto e do branco extremos (Brown, 2015).

²⁹ “As if all victims might be seen as having in some way committed morally ambiguous acts – large or small, frequently or infrequently – in order to prolong their lives.”

Em suas memórias, Lingens-Reiner menciona a Médica Chefe do Hospital do Campo, a judia tcheca Enna Weiss que, ao ser perguntada sobre como conseguiu sobreviver em Auschwitz, ela respondia que os seus princípios orientadores eram: eu primeiro, segundo e terceiro, depois nada, depois eu novamente, e só depois os outros – expressão clara da lei moral do *Lager* (Des Pres, 1976; Todorov, 2017). Apesar de se guiar por essa regra, Weiss frequentemente a infringia colocando-se em risco para salvar centenas de vidas de outras presas que chegavam ao hospital. É dessa dubiedade entre se salvar em primeiríssimo lugar e, eventualmente, auxiliar o próximo que a zona cinzenta era formada. Há muitos relatos que mostram essa dupla posição. O médico prisioneiro em Auschwitz-Birkenau, Miklos Nyiszli, por exemplo, tanto salvou alguns prisioneiros da morte como ajudou Josef Mengele em seus experimentos médicos que levaram vários deportados à morte (Brown, 2015).

Primo Levi não se coloca fora do conjunto de privilegiados que sobreviveram à *Shoah*. Apesar de não ter tido qualquer poder, ele reconhece que teve mais condições de sobrevivência porque teve o privilégio de trabalhar como químico e, com isso, se dedicar a uma atividade menos exaustiva. Alguns concentracionários considerados privilegiados como os funcionários de baixo escalão que trabalhavam em funções que davam acesso a meio litro de sopa a mais, necessariamente, não prejudicavam outros prisioneiros (Levi, 2016). Havia ainda prisioneiros, como o preso político austríaco Hermann Langbein³⁰, que foram indicados para trabalhos proeminentes na administração do Campo e que usaram o seu acesso a informações privilegiadas para atuarem na Resistência política. Esse grupo, apesar de privilegiado, não era tido, propriamente, como colaborador, e sim “opositores encobertos” (Levi, 2016, p. 34). Isso não diz tudo sobre essas figuras, pois, segundo lhe contou um judeu comunista após o fim da guerra, na possibilidade de salvar um comunista como ele ou um judeu como Primo Levi, os infiltrados da resistência salvariam um membro do partido, mesmo que para isso fosse necessário colocar um não partidário judeu na linha de fogo (Cereja; Bravo & Levi, 2014). Trouxemos esses exemplos no intuito de mostrar que a relação entre ambiguidade moral, privilégio e colaboração é complexa: presos não privilegiados podiam ter comportamentos morais ambíguos, judeus privilegiados não tinham obrigatoriamente poder, a colaboração não estava sempre presente, algumas ações de resistência não excluía a colaboração.

Voltemos à questão inicial. Considerando a limitação do que cada um podia fazer no contexto concentracionário, não parece haver muita dúvida de que tinham melhores chances de sobreviver os que se agarraram com maior ferocidade à vida. Nessa perspectiva, operava

³⁰ Langbein é tido como um dos líderes da resistência política em Auschwitz (Halivni, 1979).

em Auschwitz a aporia ética condensada por Agamben (2008) “não é decente continuar sendo decente” (p. 67) em que os comportamentos e estratégias de sobrevivência, muitas vezes, levavam a uma moralidade que na vida comum poderia ser tomada como reprovável (Mesnard & Thanassekos, 2010). Havia no Campo, inclusive, um provérbio que dizia algo nessa mesma direção: “um prisioneiro honesto não vive mais de três meses” (Levi & Scarpa, 2015, p. 133). Em razão das coisas se desenrolarem dessa maneira, nem todos os comportamentos assumidos pelos sobreviventes, apesar de justificáveis naquele contexto, podem ser adotados como exemplares (Levi, 2016).

A elaboração sobre a zona cinzenta está ancorada no entendimento de que o concentracionário empurrou todos para as fronteiras do humano. Até mesmo a filosofia foi lançada para o limite de sua possibilidade de entendimento (Bignotto, 2014). No Campo, quem quisesse sobreviver precisava abandonar a integridade e o decoro trazidos do mundo extramuros, pois o *Lager* ordenava que se mudasse e “ao mudar, muda-se para pior” (Levi, 1988, p. 171). Tal como a afirmação que abre esse subcapítulo, essa é uma concepção que está longe de ser unânime, até mesmo porque a experiência nos Campos foi múltipla. Há muitas versões sobre a sobrevivência que se vinculam ao local por onde o prisioneiro passou e à função que ele ocupou dentro do sistema hierárquico do *Lager*; se ele teve mais ou menos fome ou sede, se estava mais exposto ou menos sujeito ao frio, ou aos golpes, se foi enviado a Auschwitz em 1942 ou em 1944 (Langer, 1982). Ou seja, sobreviver implicou em aproveitar as oportunidades, mas também esteve sujeito aos desmandos das contingências e da sorte.

É a partir da subversão da ideia de superioridade moral ou posição virtuosa e heroica dos sobreviventes proposta por Primo Levi que seguimos a investigação sobre a responsabilidade ética diante de uma escolha forçada. Responsabilidade cuja identificação Agamben (2008) considera refratária ao tomar como referência a formulação de Levi sobre a zona cinzenta. Agamben avalia a zona cinzenta como “uma zona de irresponsabilidade e de *“impotentia judicandi”*” (p. 31) e o ato de assumir a responsabilidade como uma expressão jurídica, e não ética. De fato, Primo Levi (2016) aponta a *impotentia judicandi* no caso dos judeus da zona cinzenta, mais especificamente ao citar os “corvos do forno crematório” (p. 46), ou seja, os membros do *Sonderkommando* e Chaim Rumkowski, o líder do gueto de Lódz. Apesar da referência à suspensão do julgamento nesses casos, não há nos escritos de Levi alusão a uma zona de irresponsabilidade. Ao contrário, ele diz que, a despeito das condições em que o seu poder foi exercido, “tudo isso não livra Rumkowski de suas responsabilidades (...) nenhum tribunal o teria absolvido, nem certamente o podemos absolver no plano moral” (Levi, 2016, p. 53). Agamben se equivoca ao tomar a zona cinzenta como um ponto de irresponsabilidade e limita a análise sobre o plano da ética ao circunscrevê-la ao

âmbito jurídico. Em um contexto em que a ameaça à vida se mostrava prevalente, Primo Levi propõe pensar as complexas nuances morais que atravessaram as escolhas dos prisioneiros que lutaram pela manutenção da vida. Apesar das faltas individuais ficarem turvadas, não é o caso de “negar a culpa dos colaboradores, mas em primeiro lugar de pensá-la situada no mundo de horror no qual se desenrolaram as ações” (Bignotto, 2014, p. 246). Considerar o entorno implica saber que “enquanto os arranjos sociais não fizerem algo para torná-la [a vida] melhor, não será silenciada a voz que em nós se ergue contra as exigências da moral” (Freud, [1905]/2017, p. 158). As condições de vida no *Lager* não favoreciam à observação das leis morais convencionais – as necessidades fisiológicas se precipitavam e estabeleciam uma urgência outra. Ademais, no *Lager*, os deportados estavam sujeitos ao enfraquecimento dos laços sociais e não havia garantias de que a ação moral seria recompensada de alguma forma.

De um modo geral, os códigos morais tendem a ser rígidos por definição, não acolhendo muitas flutuações dentro daquilo que estabelecem (Levi, 2010), uma intransigência difícil de sustentar no *Lager* dada a instabilidade fluida daquele contexto. As ações morais, de um modo geral, convêm melhor em tempos de paz (Todorov, 2017), mas nem por isso podemos dizer que elas estavam de todo elididas nos tempos de guerra. A distinção não está entre haver orientação moral na vida comum e não haver referência moral nos campos, mas nas nuances e contornos que a questão ganha nesses diferentes espaços, para cada pessoa. Havia uma espécie de etiqueta de boas maneiras – por exemplo, era considerado falta de educação falar dos crematórios –, existia também um código de comportamento no Campo – alguns impostos pelas autoridades nazistas e outros estabelecidos pelos próprios prisioneiros – que não era sempre tão rigoroso; com a experiência, era possível burlá-lo, encontrar vias menos penosas para continuar a viver (Cereja; Bravo & Levi, 2014). Os contrabandos, as pequenas sabotagens, as permutas, os furtos, o repasse e recebimento de informações sobre o andamento da guerra, as atividades de resistência, tudo isso fazia parte dos subterfúgios que tornavam a vida mais possível nos campos. Os deportados que não conseguiam se adaptar aos seus códigos pouco ortodoxos ficavam mais vulneráveis à morte (Langer, 2001). Isso porque enquanto a ação eficiente da lei na vida comum tende, em tese, a impedir que os miseráveis sejam miseráveis demais e que os poderosos sejam desmedidamente poderosos; no *Lager* ocorria o oposto, pois ali “a luta pela sobrevivência é sem remissão, porque cada um está só, desesperadamente, cruelmente, só” (Levi, 1988, p. 129). Se por um lado os *homo läger* seguiram por um caminho único e largo rumo à perdição, por outro, “os caminhos da salvação são muito difíceis e inimagináveis” (Levi, 1988, p. 132).

Até aqui vimos que *banalidade do mal* e *zona cinzenta* não se confundem, e que, quando Primo Levi analisa o *Lager* e seus efeitos sobre os prisioneiros, dois significantes se

destacam: privilégio e colaboração. Os dois termos precisam ser tomados com certa parcimônia, pois, o sentido comum dessas palavras pode deixar escapar que o contexto no qual se inserem era de extrema violência e desumanização. Os prisioneiros viviam em tamanha precariedade que buscavam participar da dispersa hierarquia do Campo³¹ na expectativa de conseguirem sobreviver um pouco mais e um pouco melhor. Dissemos também que os valores dos algozes eram transmitidos às vítimas e que o *Lager* não era desprovido de normatividade. Apesar de termos apontado a ajuda entre os concentracionários como fator determinante na sobrevivência, indicamos também que, na luta pela vida, todos eram potencialmente inimigos e rivais. Para sobreviver nessa constante arena de disputa era preciso também abrir mão dos valores morais pré-Auschwitz. Era preciso consentir, em alguma medida, em se deixar contaminar por aquele universo maculado. Ainda que manchada pela lógica nazista e ambígua em suas ações morais, a posição de vítima e de algoz devem ser mantidas separadas. Tal como a zona cinzenta é compreendida neste trabalho, ela não seria um litoral, mas uma área que margeia a fronteira que, ao mesmo tempo que separa os dois polos – o das vítimas e o dos perpetradores – permite que haja uma certa contaminação entre eles. Considerando todo o contexto da *Shoah*, o julgamento das ações deve ser mantido suspenso, mas isso não quer dizer, necessariamente, que os agentes sejam irresponsáveis pelo que fizeram. Traremos alguns relatos que melhor apresentam o tipo de dificuldade que a zona cinzenta nos coloca em relação ao julgamento moral. É significativo conhecer algumas situações para entender a extensão do impasse. Iniciaremos com um relato mais simples, que coloca em pauta o auxílio ou não ao próximo, para então trazer histórias com maior complexidade a fim de refletirmos sobre a possibilidade de julgar os concentracionários.

Primo Levi (2016) relata uma cena na qual esteve envolvido. Nela o seu comportamento foi orientado pelo que ele nomeou de “egoísmo estendido (...), que um amigo (...) chamou apropriadamente de “nós-ismo”” (p. 63). A situação foi a seguinte: ele estava trabalhando em um prédio com uma equipe de judeus deportados. Durante o processo Levi identificou um cano com uma torneira da qual conseguiu fazer gotejar água. Percebendo que não se tratava da mesma água contaminada de Auschwitz, ele decidiu dividir a descoberta com o seu amigo Alberto. Eles alternaram-se entre vigiar o entorno e aproveitar o gotejo da torneira até que a água acabasse. Ao encontrarem com os outros membros da equipe, a presença do amigo Daniel se destacou. Os seus olhos foram imediatamente atraídos para os

³¹ No presente trabalho abordamos os concentracionários, mas vale lembrar que Primo Levi (2016a) faz referência ao Chaim Rumkowski, o líder do gueto de Łódź, o que nos permite inferir que a lógica da zona cinzenta em que operam o privilégio e a colaboração já estavam presentes nos Guetos (Brown, 2015).

lábios rachados do amigo que certamente também padecia de desidratação. No mesmo instante Levi se sentiu culpado. Daniel havia visto os dois em posição suspeita e acabou presumindo o que estava em curso e, pior, que fora deixado de lado. Meses após a libertação do Campo, Daniel mostrou-se ainda aborrecido e questionava por que fora excluído, “era o código moral “civilizado” que ressurgia. (...) Justifica-se ou não a vergonha posterior? Não consegui saber então, assim como não consigo hoje, mas a vergonha havia e há, concreta, pesada, perene” (p. 64).

Há o relato de uma jovem que conseguiu esconder o seu bebê das autoridades nazistas por cinco meses e, quando foi descoberta, sabendo que o destino da criança era a câmara de gás, ela decidiu ir segurando-a em seus braços (Todorov, 2017). A situação era conhecida: mães e bebês recém-nascidos eram assassinados. A fim de evitar circunstâncias como essa, algumas profissionais do hospital do campo decidiram tentar salvar ao menos algumas dessas vidas. Para tanto, faziam os bebês passarem por natimortos, matando-os (Des Pres, 1976; Todorov, 2017). Assim, a vida da mãe estava a salvo, por enquanto. Judith Sternberg, judia polonesa, acabou presenciando o afogamento de um bebê recém-nascido em água fria. Ela queria gritar “assassinas!”, mas permaneceu em silêncio e não contou o que viu a ninguém. Após terminar o processo de afogamento do bebê, a médica se dirigiu a ela e explicou que aquilo precisava ser feito para que a mãe fosse salva. Sobre o evento Sternberg concluiu que aquela mulher havia aprendido bem com os SS a se tornar, ela também, uma assassina (Langer, 1982). Ao relatar essa prática, Olga Lengyel, judia húngara e uma das médicas em Auschwitz, conclui, ela também, que os alemães fizeram daquelas pessoas assassinas (Langer, 1982). Sobre isso, Langer (1982) pergunta: “é essa escolha entre dois horrores uma escolha? (...) devemos aplicar a ética médica standard a essa situação?³²” (p. 42, tradução nossa).

Um jovem ficou transtornado ao saber que a sua família havia sido morta e decide provocar a própria morte atacando a um oficial da SS. Era sabido, àquela altura, que os nazistas praticavam violentas represálias quando havia qualquer tipo de insurreição. Houve um caso no Campo em que um judeu conseguiu arrancar o revólver de um guarda da SS, mas talvez por não saber dispará-lo, usou a arma para bater no guarda em vez de atirar nele. Resultado: não apenas o revoltoso foi dominado e morto, como todos os que estavam naquele bloco, pois os nazistas atribuíam culpa e responsabilidade coletivas e, por conseguinte, punições gerais (Langer, 1982). Os nazistas culpavam todos os prisioneiros por não terem impedido o ataque que feriu um deles. Situações como essas explicam o porquê de haver tão

³² “is this choice between two horrors any choice at all? (...) are we to apply standard medical ethics to this situation?”

poucas revoltas abertas contra os nazistas: elas surtiam pouco efeito, mas traziam terríveis represálias contra os prisioneiros. Conhecedores da violenta consequência de um ataque a qualquer SS, os homens aprisionados com o citado jovem enfurecido tentaram dissuadi-lo da ideia que poderia levar todos à morte, mas ele se mostrava inflexível. Antes da chamada diária na manhã seguinte o hospital do campo convocou o jovem e ele nunca mais foi visto (Des Pres, 1976). Na impossibilidade de convencê-lo com argumentos, possivelmente durante a madrugada alguém interveio para impedi-lo de agir e, assim, os concentracionários daquele bloco foram salvos.

Relatos sobre prisioneiros tidos como privilegiados, forçados a trabalhar ao redor ou nas fábricas da morte, acompanhando os entes querido à morte não eram incomuns. Houve um caso, por exemplo, em que um prisioneiro decidiu entrar na câmara de gás com a família, sem alertá-los do que estava por vir. Ocorrências como esta tem um espectro quase mítico de um ideal. Krystyna Zywulska, judia polonesa e sobrevivente do *Effektenkammer*³³ em Auschwitz, relata com detalhes a cena de um membro do *Sonderkommando* que teria encontrado a mãe recém selecionada para a morte. Ele a tranquiliza dizendo que encontraria ali descanso, e segue ao seu lado até as câmaras de gás afirmando que aquele lugar era apenas uma casa de banho (Greif, 2005). Assim, esse membro do *Sonderkommando* seguiu ao lado de sua mãe rumo a morte. Em sentido oposto, há um emocionado relato de Jean Weiss que auxiliava Josef Klehr, SS responsável pelo dito comando de desinfecção, na enfermaria de Auschwitz. Klehr era conhecido por assassinar prisioneiros com injeções de fenol no coração. Em 28 de setembro de 1942, durante a sua jornada de trabalho, Weiss se depara com o seu pai. Ele era um dos prisioneiros destinados à morte naquele dia. O jovem Weiss segurou o pai em prantos e viu Klehr aplicar-lhe a injeção fatal. No dia seguinte foi perguntado pelo médico sobre o porquê de ter chorado. Weiss responde que ele participara da morte do próprio pai. Klehr questiona o porquê de não ter lhe contado isso no dia anterior e afirma que ele poderia ter poupado o seu pai da morte. Weiss responde que teve medo de ser morto junto com o pai (Langer, 1982) e ele queria viver. Em uma situação semelhante outro membro do *Sonderkommando* ao encontrar a mãe e a noiva reafirma o que lhes disseram os nazistas, ou seja, que estavam sendo conduzidas para tomar banho. Ele deixa que sigam sozinhas para a

³³ Também conhecido como Kanada ou Canadá, era o local onde ficavam armazenavam os pertences dos deportados assassinados (Langer, 1982). Tanto os itens deixados na rampa onde os trens desembarcavam os deportados, quanto os itens da sala de despir, eram enviados para o Canadá. Os pertences eram avaliados, separados e os melhores itens eram enviados para o Reich. Como os prisioneiros poloneses acreditavam que o país Canadá era um lugar de grande riqueza, tal apelido foi dado a esse subcampo e adotado, inclusive, pelos SS (Langbein, 2004). Há outra versão para o uso desse nome que seria um derivado da palavra Canaã, a terra prometida por Deus ao patriarca Israel, que mana leite e mel, conforme registrado no livro de Êxodo (Halivni, 1979).

câmara de gás. Os seus companheiros do *Sonderkommando*, sabendo que ele havia mentido para a mãe antes de sua morte e que não a acompanhara, o mataram (Południak, 2008). Esse último relato foi feito por um sobrevivente do *Sonderkommando*, o judeu polonês Henryk Mandelbaum. Ele não presenciou o evento. O relato foi-lhe transmitido por outros prisioneiros do Esquadrão Especial.

No código moral não escrito do *Lager* roubar pão ou qualquer outra coisa do sistema nazista era chamado de “organizar”, tal ato era aceito e até estimulado entre os concentracionários. Porém, tomar algo de outro prisioneiro era considerado roubo. Tal código proibia que um prisioneiro roubasse o pão de outro prisioneiro, mas a fome, não raro, intervia em sentido contrário à norma. Sendo um prisioneiro pego nessa infração ele era espancado pelos demais presos (Des Pres, 1976), quando não ocorria de ser morto, “mas matar um homem faminto que por desespero (não por desprezo) tira o pão de outro homem não pode ser tão facilmente descrito como uma afirmação de ordem moral³⁴” (Langer, 1982, p. 58, tradução nossa). Ou pode? Porque, por outro lado, aquele que rouba o mantimento de seu companheiro de infortúnios para prolongar a própria sobrevivência, condena o outro à morte. Ainda em relação às nuances morais, há o relato de uma jovem e frágil prisioneira que foi pega escondida comendo uma parte da comida de uma outra que acabara de morrer de tifo. As mulheres que viram a cena reportaram o fato para a detenta há mais tempo naquele Bloco³⁵, uma comunista alemã, que decidiu punir a “ladra” atribuindo-lhe um trabalho pesado. Com uma semana a jovem estava morta por desnutrição e exaustão. Podemos perguntar com Langer (1982): “quando a noção de justiça abstrata dos prisioneiros é traduzida no caso concreto de uma mulher faminta comendo a comida que “pertenceu” a uma companheira de encarceramento morta, essa “lei” foi violada e por quem (além dos SS, que estavam fora do alcance da Justiça)?³⁶” (p. 76, tradução nossa). A questão levantada por Langer coloca acento sobre o próprio sistema, à semelhança do que Primo Levi propôs.

Ao abordarmos os testemunhos de membros do *Sonderkommando* outras questões surgirão. Não pretendemos, necessariamente, elaborar perguntas ou responder os impasses colocados, mas apresentá-los. Isso porque algumas questões sobre a relação entre zona cinzenta e julgamento moral são tão complexas que dificilmente podem ser formuladas

³⁴ “but killing a starving man who from desperation (not contempt) takes another man's bread cannot so easily be described as an affirmation of moral order.”

³⁵ Em todo o Campo os prisioneiros mais antigos usufruíam de uma posição hierárquica superior em relação aos demais prisioneiros. Muitas vezes eles ocupavam a função de encarregado do Bloco.

³⁶ “when the abstract notion of prisoner justice is translated into the concrete instance of a starving woman eating food that “belonged” to a dead fellow inmate, that “law” has been violated, and by whom (except the SS, who were beyond the reach of justice)?”

adequadamente, respondidas inocentemente ou, em alguns casos, até mesmo respondidas. Quando Primo Levi formulou a noção de zona cinzenta, ele estava interessado em compreender em que circunstâncias o julgamento se tornava impossível ou não recomendado, um aspecto que recebeu, proporcionalmente, menor atenção dos comentadores (Brown, 2015). Primo Levi (2016) afirmou que, “se fosse obrigado a julgar absolveria facilmente todos aqueles cujo concurso para o crime foi mínimo e sobre os quais a coação foi máxima” (p. 33). Ele sustenta o entendimento de que cada ação tomada naquele lugar e naquele tempo era “claramente a única possível. (...) Nossas histórias são histórias do Campo de Concentração” (Levi, 1988, p. 144). De semelhante modo, Bauman (1998) defende que ninguém deveria ser considerado culpado por ceder diante da pressão de um universo desumano, tirano e moralmente erodido “mas ninguém pode se furtar à autocensura moral por tal capitulação” (p. 235). Todorov (2017) em consonância com o habitante do gulag, Gustaw Herling, defende que julgar as ações de um homem em uma condição desumana de vida é um absurdo maior. Brown (2007) entende que no ensaio sobre a zona cinzenta “certos judeus *in extremis* não devem ser condenados ou absolvidos por suas ações, sugerindo que as representações dessas vítimas requerem alguma forma de ambiguidade sustentada³⁷” (p. 153, tradução nossa). Brown (2015) ainda propõe que a “impossibilidade de julgar” seja lida, não como uma incapacidade, mas como uma inadequação da avaliação moral dos ditos judeus acinzentados. Mesnard (2010) entende que a suspensão do julgamento é uma orientação para evitar a precipitação de respostas rápidas demais. Afinal, apesar de estar fora de moda, a prudência, em especial quando se trata do juízo sobre situações extremas, é uma virtude moral (Lacan, [1960-1961]/2010) a ser cultivada.

Na esteira da opressão nazista, resta explicitarmos a questão: podemos julgar moralmente uma ação quando o agente não tem escolha? Num primeiro momento podemos dizer que não. A autonomia, um dos atributos fundamentais da subjetividade moderna, seria uma lei que o sujeito dá a si mesmo em condição de liberdade e que o transforma em agente moral capaz de autogovernar-se e avaliar os seus próprios desejos (Safatle, 2013). Sem autonomia, sem livre-arbítrio, não seria possível considerar o status moral de uma ação, pois, “só se pode julgar moralmente seres livres” (Teixeira, 2007, p. 114). Nesse mesmo sentido Todorov (2017) afirma que as ações morais são vinculadas a gestos voluntários, livres. Para Ricoeur (2007) as ações só podem ser levadas à conta daqueles que são os verdadeiros autores de uma ação, a imputabilidade depende da autoria legítima, o que não se aplicaria aos judeus

³⁷ “certain Jews *in extremis* should not be condemned or absolved for their actions, suggesting that representations of these victims require some form of sustained ambiguity.”

submetidos a uma extrema coerção. Nessa mesma direção, Brown (2015) avalia que sem escolha não se deve falar em responsabilidade subsequente ou em julgamento moral. Autores como Wolfgang Sofsky (1997) e Lawrence Langer (1989) têm se debruçado sobre esse ponto, indicando que sem escolha não cabe julgamento moral (Greif, 2005; Brown, 2015). Levi (2016) chega a considerar que quem vivenciou situações que permitem saber “o que significa agir em circunstâncias forçadas” (p. 33) poderia formar uma avaliação sobre os atos dos concentracionários acinzentados. Porém, ele insiste que os membros do *Sonderkommando* não deveriam ser julgados nem mesmo pelos judeus que sobreviveram ao *Lager*, dada a peculiaridade de sua situação no seio concentracionário. Voltaremos a essas questões.

A despeito de qualquer advertência, existe uma longa tradição de julgar negativamente os polêmicos judeus privilegiados (Brown, 2015). O próprio Primo Levi que em *Os afogados e os sobreviventes* reivindica a suspensão do julgamento moral, tece comentários muito mais próximos de um viés negativo do que propriamente neutro. Alguns de seus comentários sobre os *Sonderkommando* mostram que não foi possível nem mesmo para ele suspender de todo o julgamento. Apontam para essa contradição Brown (2015), Sessi (2015), Mesnard (2010) e Chare e Williams (2017). Por exemplo, no *Relatório sobre a organização higiênico-sanitária do campo de concentração para judeus de Monowitz (Auschwitz – Alta Silésia)*, escrito por Primo Levi entre 1945 e 1946, em parceria com o médico judeu italiano Leonardo de Benedetti, os homens desse *kommando* são descritos como tendo “um aspecto absolutamente selvagem, de animais selvagens. Eram escolhidos entre os piores criminosos condenados por graves crimes de sangue” (Levi & Benedetti, 2015, p. 37). Na verdade, os homens eram selecionados para atuar no *Sonderkommando* pela sua aparente força física e não há registro de que entre eles tenha havido criminosos condenados. O conteúdo constante no Relatório que é atestado por outras fontes, inclusive em testemunho de membros do *Sonderkommando*, diz respeito ao cheiro que eles exalavam que era reconhecidamente forte e nauseante.

Primo Levi (2010) admite que em Auschwitz III-Monowitz não se tinha muitas notícias sobre o campo de Birkenau. Monowitz ficava geograficamente mais distante dos demais subcampos e, portanto, algumas informações percorriam um longo caminho até chegarem à área em que Primo Levi estava encarcerado. Notícias equivocadas sobre os *Sonderkommandos* eram constantes no Campo, mesmo nos subcampos mais próximos aos crematórios, pois poucos prisioneiros estiveram pessoalmente com eles, ainda que todos soubessem da sua existência (Mesnard, 2010). Os *Sonderkommandos* ficaram tão isolados quanto possível do restante do Campo. De tal modo que Levi e Benedetti não foram os únicos a produzirem escritos equivocados sobre esse grupo de prisioneiros. Alguém pode argumentar que o *Relatório* foi escrito logo após o fim da Guerra e que Primo Levi se reposicionou em

relação a esse *Kommando*, ou que as poucas informações que lhe chegavam em Monowitz foram atualizadas e ampliadas. Isso é verdade, mas não totalmente. Na próxima seção retomaremos os comentários de Primo Levi sobre os *Sonderkommandos* a fim de compará-los com dados historiográficos e testemunhais. Temos insistido nesse ponto, pois o fato da maior parte das notícias produzidas sobre os *Sonderkommandos* ser negativa – inclusive pelas mãos de sobreviventes notórios –, não quer dizer, de modo algum, que sejam exatas.

As inferências a respeito dos *Sonderkommandos* tendiam a se formar a partir de poucas observações usadas para sustentar generalizações que desconsideravam que esses *Kommandos* consistiam de centenas de pessoas das mais diversas origens e diversidade cultural. Alguns são descritos como indiferentes, a respeito de outros é dado o testemunho de terem ajudado materialmente os prisioneiros comuns (Bartosik & Willma, 2017; Bartosik, 2022). Quer dizer que eles, inevitavelmente, responderam de modo distinto às contingências do *Lager*, cada qual de acordo com os seus próprios recursos. De tal modo que não parece possível resumir a posição de cada um dos *Sonderkommandos* à apatia, à indiferença e à passividade. Ou a representações ainda piores, pois os operadores dos fornos crematórios atraíram uma referência imaginária relacionada ao Inferno. Isso rendeu nomes e imagens que reconhecemos culturalmente, mas que não fornecem elementos capazes de conhecermos melhor a sua realidade (Mesnard, 2015). E pior, o recurso a essa analogia tão familiar e de fácil compreensão correlaciona os fornos crematórios a um lugar de punição de pecados – frequentemente a *Shoah* volta a nos colocar diante de um desafio histórico e linguístico (Langer, 1982). A atroz máquina de cadáveres eliminava as vítimas da política nazista, não punia pecadores. Apesar de todo o imaginário pejorativo a respeito dos operadores dos fornos crematórios e da roupagem cultural que os aponta como objetos pútridos, eles eram figuras deveras humanas de mediação da representação do que seria a violência radical nazista que buscava eliminar a própria humanidade do outro (Mesnard, 2015).

Diante do concreto fato histórico de que vários atores da comunidade de sobreviventes e até mesmo alguns estudiosos estabeleceram juízo contra os membros do *Sonderkommando*, podemos perguntar com Brown (2015): embora julgar judeus privilegiados possa ser impossível, não seria também essa uma tarefa inevitável? Para ele, ainda que seja inapropriado avaliar os judeus da zona cinzenta, é importante reconhecer os dilemas éticos que esses casos nos confrontam e admitir que é difícil escapar à tentação de ajuizar sobre o comportamento de figuras tão controversas. Sem abordar diretamente a situação dos membros do *Sonderkommando* Hannah Arendt (2016a) sustenta a aposta no julgamento, não das pessoas, mas dos “argumentos com os quais elas se justificam, a si mesmas e aos demais. Com relação a estes argumentos, nós temos o direito de emitir um juízo” (p. 760). Essa parece

ser uma posição interessante a se assumir diante dos testemunhos dos homens do *kommando* especial, mas só é possível levá-la adiante se tivermos o conhecimento adequado das peças que compõem o quadro geral em análise.

2.2 *Sonderkommando*, a figura-extrema

*Tudo ao redor é de cor cinza,
e nós também somos cinzentos*
Levi, 1988, p. 102

*Nous soyons tous de potentiels Sonderkommandos.
C'est un poids terrible et si lourd
que la tentation de le refuser est considérable.*
Chevillon, 2015, p. 182

Os membros do *Sonderkommando* foram falados antes que as suas vozes pudessem ganhar corpo na cultura. Eles foram objeto de rejeição antes mesmo de serem objetos da História (Mesnard, 2015). De algum modo repetiremos aqui esse modelo, pois falaremos sobre eles antes de conferir-lhes voz. Primeiramente traremos dados historiográficos e algumas interpretações equivocadas, muitas vezes acusatórias, tanto de estudiosos³⁸ quanto de judeus sobreviventes³⁹, geradas pelo desconhecimento do que se passava com os operadores dos fornos crematórios. Parece-nos importante desfazer alguns equívocos amplamente difundidos antes de trazermos os seus testemunhos. Igor Bartosik (2022) atribui a imagem negativa dos *Sonderkommandos* diante dos demais sobreviventes a uma causa principal: à crença irracional de que os fornos crematórios só mataram tantos homens, mulheres e crianças do povo judeu porque especificamente esses prisioneiros não se recusaram a operá-los. Essa convicção é absurda posto que, ainda que todos os judeus destinados às atividades correlatas à fábrica de cadáveres se recusassem sistematicamente a executá-las, os nazistas mesmos se encarregariam desse trabalho. Essa não parece ser uma ação que seria facilmente colocada de lado pelas autoridades nazistas.

Então, quem eram os *Sonderkommandos*? Os *Sonderkommandos*, ou Comandos/Esquadrões Especiais no irônico eufemismo criado pelos nazistas, eram formados principalmente por judeus prisioneiros responsáveis por atividades que incluíam o encaminhamento de prisioneiros recém-chegados ao Campo para as câmaras de gás; a coleta

³⁸ O filósofo e linguista Tzvetan Todorov (2017), por exemplo, afirmou que os membros do Esquadrão Especial jogavam o Zyklon-B pelas aberturas das câmaras, por consequência, conclui que os “seus membros são os únicos que matam, com suas próprias mãos (além de tudo), mas evidentemente se trata, em seu caso, de vítimas, e não de carrascos” (Todorov, 2017, p. 252). Os arquivos apontam que os *Sonderkommandos* não eram os responsáveis por verter o Zyklon-B e sim os SS.

³⁹ A título de exemplo, Hermann Langbein (2004) em *People in Auschwitz* no capítulo em que se dedica aos *Sonderkommandos*, apresenta trechos de testemunhos de sobreviventes que descrevem esse grupo de maneira que podemos considerar equivocada.

dos objetos deixados pelas vítimas na sala de despir; a retirada dos corpos das câmaras e a limpeza tanto das câmaras quanto dos corpos; a busca por objetos de valor⁴⁰ eventualmente escondidos nos orifícios dos corpos; a extração de dentes de ouro; a tosa dos cabelos compridos⁴¹; a queima dos corpos tanto nos fornos crematórios como em fossas⁴²; cavar as valas, quando necessário; a trituração dos ossos não destruídos pelas chamas; e, ainda, a eliminação das cinzas para que nenhuma evidência restasse. Tudo era feito conforme uma fábrica de produção setorizada que, às vezes, tinha maior ou menor demanda assassina. Designar os judeus para desempenhar essas atividades cumpria o intuito de “demonstrar que os judeus, sub-raça, sub-homens, se dobram a qualquer humilhação, inclusive à destruição de si mesmos” (Levi, 2016, p. 40). A escolha de homens para esse grupo se dava conforme a necessidade de funcionamento dos crematórios e em razão da força física dos recém-chegados, em alguns casos raros ocorreu como forma de punição (Levi, 2016; Brown, 2015).

Eram selecionados, em sua maioria, judeus entre 20 e 40 anos (Bartosik, 2019). Diferente dos demais prisioneiros, eles usavam roupas civis nas quais se faziam marcas com tinta a óleo vermelha, eles tinham mais acesso aos banheiros e dormiam menos amontoados do que os deportados alojados em outras partes do complexo de Auschwitz (Chare & Williams, 2017; Greif, 2005). Apesar de terem acesso às “facilidades” citadas, eles também estavam submetidos aos guardas da SS que podiam ser particularmente violentos. Um dos guardas que mais aparece nos testemunhos em razão de sua crueldade é Otto Moll que atirava sem hesitar em qualquer prisioneiro que ele julgasse não estar trabalhando rápido o suficiente. Às vezes ele era visto atirando por diversão em prisioneiros destinados à morte, em partes do corpo não fatais. Caso algum dos membros do *Sonderkommando* fosse pego fazendo algo considerado errado, como roubar joias ou destruí-las⁴³, Moll se encarregaria de fazê-lo sofrer

⁴⁰ Os espólios dos assassinatos “engordam os Senhores de Auschwitz. Fazem-se fortunas espantosas” (Rousset, 2016, p. 37). Os itens de valor deveriam ser remetidos ao Reich, mas nem todos chegavam a esse destino, pois, na medida do possível e da ganância de cada um, eles eram desviados por guardas da SS. Membros do *Sonderkommando* trocavam esses bens com outros prisioneiros por materiais que precisavam, às vezes os enviavam para prisioneiros menos afortunados em outros subcampos, e negociavam com alguns SS conhecidos pela sua suscetibilidade a esse tipo de suborno. Havia muita corrupção no Campo. A despeito da imagem ilibada que os alemães transmitiam, eles eram particularmente corruptos e essa característica se espalhava por toda a hierarquia do *Lager* (Cereja; Bravo & Levi, 2014). O que não quer dizer que todos eram corruptíveis.

⁴¹ A partir de meados de 1942, os cabelos passaram a ser vendidos para algumas fábricas de tecidos alemãs (Bartosik, 2019).

⁴² Quando havia excesso de demanda, às vezes, as chaminés dos fornos crematórios falhavam, em especial as dos Crematórios IV (3) e V (4). Enquanto as chaminés não eram consertadas, os nazistas ordenavam aos prisioneiros que cavassem fossas para que os SS atexassem fogo e, assim, a cremação seguisse conforme o planejado. Para as fossas não havia limite de capacidade (Setkiewicz, 2011).

⁴³ Considerado um arriscado ato de sabotagem, a destruição de itens valiosos encontrados entre os pertences dos judeus assassinados nas câmaras de gás, visava diminuir os ganhos do Reich nazistas com a pilhagem de suas vítimas. Sobre grande risco, eles jogavam itens nas latrinas e nas fossas de cremação. Existem alguns relatos de

antes de morrer. Ele era conhecido por jogar pessoas vivas nos fornos crematórios, nas fossas chamejantes ou mesmo na vala de gordura humana fervente acumulada ao lado das fossas (Bartosik, 2022). Uma peculiar estratégia para manter os prisioneiros aterrorizados. Apesar de sofrerem violência, eles estavam menos suscetíveis aos golpes diários e havia alguns entre os SS que os chamavam pelos nomes, algo proibido naquele contexto por expressar uma certa consideração “humana” indevida (Chare & Williams, 2017).

O termo *Sonderkommando* foi introduzido em Auschwitz-Birkenau em setembro de 1942, mas em alguns documentos esse grupo aparecia com a designação *Heizer* ou seja, fogueira (Bartosik, 2022). Em outros Campos denominações variadas foram utilizadas. Em Treblinka, por exemplo, eles eram chamados de *Leichenräger*: carregadores de cadáveres (Greif, 2005). Os operadores dos fornos crematórios não foram os únicos a receber a mencionada designação, ou seja, o termo *Sonderkommando* também foi usado para designar outros grupos de trabalho. Igualmente foi chamado de *Sonderkommando* um destacamento que desempenhava funções de policiamento integrado às tropas da polícia política militarizada, subdivisão dos *Einsatzgruppen*, cuja ação envolvia o extermínio e o assassinato em massa (Crahay, 2015; Bartosik, 2019). A polícia judaica responsável por recolher os objetos valiosos dos judeus concentrados no gueto de Łódź e trocá-los pela moeda local, também foram chamados de *Sonderkommando*. Esses são apenas alguns exemplos e não a totalidade de homônimos dentro do sistema nazista. De tal modo que é importante saber que outros grupos de prisioneiros judeus ou gentios que fizeram algum tipo de trabalho considerado especial, ainda que por ironia, receberam essa nomeação.

Inicialmente, os *Sonderkommandos* de Auschwitz II-Birkenau não eram formados exclusivamente por prisioneiros judeus e, periodicamente⁴⁴, eram eliminados e recompostos. Pesquisas recentes têm mostrado que tal prática pode ter ocorrido de maneira parcial até o final de 1942 (Bartosik, 2019). Entre setembro e novembro de 1942, as centenas de milhares de corpos que haviam sido enterrados em valas comuns foram desenterrados e cremados em grandes piras, pois o único crematório em funcionamento não suportava tamanha demanda (Setkiewicz, 2011; Pezzetti, 2010). Cerca de 300 membros do *Sonderkommando* participaram dessa operação. Durante esse período muitos faleceram. Apesar das causas de morte não

prisioneiros sendo punidos e assassinados na frente dos demais *Sonderkommando*, por terem sido flagrados nesse ato (Bartosik, 2022).

⁴⁴ Popularmente, há referência – sem suporte nos arquivos – ao assassinato e substituição integral de membros do *Sonderkommando*, durante todo o período em que os fornos crematórios estiveram ativos, ocorrendo a cada três ou quatro meses (Bartosik, 2019; Brown, 2015). Até o final de 1942, a prática de assassinato mais ou menos regular de parte dos membros do *Sonderkommando* ocorria por meio de injeção de fenol no coração (Pezzetti, 2010; Bartosik, 2022).

estarem esclarecidas, acredita-se que a contaminação devido à decomposição dos corpos e a falta de higiene contribuíram para isso (Bartosik, 2022). Em alguns testemunhos de sobreviventes do *Sonderkommando* há relatos de prisioneiros que não suportaram as exigências do trabalho e prefeririam a morte – esses casos foram raros. Finalizado o trabalho, em 9 de dezembro, quase todos foram eliminados e uma nova equipe, selecionada naquela mesma tarde e composta exclusivamente por prisioneiros judeus, foi formada para operar as câmaras de gás da “casinha vermelha” e da “casinha branca” (Setkiewicz, 2011; Pezzetti, 2010; Bartosik, 2022). Alguns relatos sugerem que a eliminação desse grupo visava conter o empreendimento de uma revolta e fuga em massa descoberta pelos SS que vinha sendo gestada pelos prisioneiros (Bartosik, 2019). A primeira fuga de membros do *Sonderkommando* de Auschwitz II-Birkenau, constante em documentos oficiais, ocorreu em 7 de dezembro de 1942⁴⁵, o que permite ler o assassinato ocorrido dois dias depois como uma retaliação dos nazistas à tentativa de fuga (Bartosik, 2022). Alguns pequenos pedaços de papel foram encontrados com alguns desses homens do *Sonderkommando* mortos. Neles diziam terem sido traídos por algum funcionário que trabalhava nas proximidades. Visando a eficiência dos trabalhos os nazistas decidiram formar grupos mais “permanentes” (Rees, 2018). Não demorou para que eles percebessem que as habilidades adquiridas por membros experientes do *kommando* especial eram necessárias para o bom funcionamento das câmaras e dos fornos crematórios (Chare & Williams, 2017). A adequada operação dos fornos da *Topf und Söhne* requeria treinamento e prática (Bartosik, 2022), de modo que a rotatividade não favorecia o bom rendimento da ação.

Em geral, prisioneiros do *Sonderkommando* eram iniciados à função por atividades que envolviam exclusivamente os mortos. A interação com os vivos, inclusive, era pouco frequente e se dava na sala de despir, por cerca de uma hora, a depender do tamanho do comboio (Greif, 2005). No restante do tempo eles se dedicavam aos mortos. O contingente de membros no *Sonderkommando* variava de acordo com a época – dependia da demanda de trabalho –, e “havia todo o cuidado para que nenhum homem que deles havia participado pudesse sobreviver e contar” (Levi, 2016, p. 38). Responsáveis pela execução de atividades que envolviam o coração da máquina de extermínio nazista, os *Sonderkommando* eram considerados *Geheimnisträger* (portadores de segredos) e, por essa condição, sabiam que seu destino era a morte (Greif, 2005; Roudinesco, 2010). Não lhes restava muito senão um

⁴⁵ Não muito tempo depois, em março de 1943, ocorreu nova tentativa de fuga. Dessa vez dois membros do *Sonderkommando* lançaram-se à sorte, mas nenhuma das tentativas de escape de membros desse *Kommando* foi exitosa (Bartosik, 2022).

pequeno vislumbre de esperança de sobreviver, muito mais por teimosia do que por qualquer elemento da realidade. Freud ([1915]/2020) pondera que, apesar de se saber que o desfecho necessário da vida é a morte, o ser humano não cessa de colocá-la de lado, pois o inconsciente não crê na própria morte, “a própria morte é irrepresentável. (...) no inconsciente, cada um de nós está convencido de sua imortalidade” (p. 117). No âmbito concentracionário a questão se mostrava ambígua, pois a possibilidade da própria morte era atualizada incessantemente, tendo como efeito a dificuldade de sustentar a sua negação. Às vezes a morte era vislumbrada, ainda que de maneira distante, como se não pudesse ser encarada propriamente em primeira pessoa, mas sempre rondando cada um dos prisioneiros (Levi, 1988). O contraste entre saber que o destino que o aguarda pelas mãos dos nazistas é a morte e a obstinação decidida em direção à vida aparece em vários dos testemunhos de homens do *Sonderkommando*.

Assim como fizemos no tópico anterior em relação às diferenças entre a definição de ‘zona cinzenta’ e ‘banalidade do mal’, aqui vale destacar a distinção entre duas figuras marcadas pelo estigma da colaboração e do privilégio: os *Kapos* e os *Sonderkommandos*. Tal diferenciação é necessária para que se compreenda a natureza do trabalho do grupo em destaque e para que os seus membros não sejam confundidos com outros coletivos que habitaram o *Lager*. Os *Kapos* – termo derivado da palavra italiana que designa chefe, *capo* –, eram responsáveis por gerenciar os blocos nos Campos e as brigadas de trabalho. Eles lidavam com um grupo numeroso de prisioneiros e eram incentivados a usar força e violência, assim como eventualmente ocorre em prisões comuns e demais sistemas autoritários e hierarquizados (Rees, 2018; Rousset, 2016). Para auxiliá-los a controlar grupos tão numerosos, os *Kapos* constituíam *Vorarbeiter* (encarregados) que respondiam por grupos menores e estavam subordinados a ele. Os *Kapos* eram tidos por alguns como cativos identificados com os opressores. Por exemplo, Elie Cohen, judeu alemão, médico e prisioneiro em Auschwitz, afirmou que os *Kapos* se ajustaram plenamente aos Campos e tomaram aquela vida como a definitiva, eles eram cruéis a tal ponto que só a identificação com as SS explicaria tamanha crueldade (Brown, 2015). Geralmente a sua imagem é tão reprovada pelos demais prisioneiros como são os *Sonderkommandos*. A diferença talvez esteja na constituição desse grupo.

Tornavam-se *Kapo* aqueles a quem era dada a possibilidade pelos nazistas, que os escolhiam pelo potencial de colaborar e pela disposição de reverenciar a autoridade hierárquica. Como ocorre em sociedades totalitárias, aponta Levi (2016), era dado poder de ser *Kapo* a quem não alcançaria tal poder por mérito, mas que faria o possível para deixar a “autoridade hierárquica” (p. 36) satisfeita. Os nazistas buscavam pelos prisioneiros que “tendiam inconscientemente a identificar-se a eles” (Levi, 2016, p. 36), como apontado por

Elie Cohen. Ocuparam essa função criminosos alemães transferidos de prisões comuns da Alemanha, prisioneiros políticos sem grande expressão e, mais tarde, alguns judeus que viam nessa atividade um modo de sobrevivência (Levi, 2016). Porém, aos judeus, raramente acontecia de se tornarem *Kapos*. Os eventuais *Kapos* judeus estavam sob maior pressão para manter a sua posição e isso pode tê-los levado a um uso maior de força (Brown, 2015).

Os *Kapos* deveriam garantir a disciplina e o rendimento. Havendo problema ou dificuldade com outros prisioneiros, eles eram responsabilizados pelos guardas nazistas de modo que também estavam sujeitos a punições. Himmler teria dito que cada *Kapo* deveria cuidar para que as tarefas fossem realizadas a contento e, para tanto, teria que pressionar os demais prisioneiros, pois “na hora em que não estivermos mais satisfeitos com ele, deixará de ser *Kapo* e voltará à condição dos outros internos. E ele sabe que então será espancado por eles até a morte na primeira noite” (Rees, 2018, p. 102). Nem todos os *Kapos* eram agressivos, mas relatos positivos a seu respeito são escassos (Brown, 2015). O comportamento dos *Kapos* muitas vezes incluía intimidação ou abuso de alguns dos prisioneiros sob sua responsabilidade, e favorecimento ou mesmo o resgate de outros.

De modo esquemático podemos destacar as diferenças entre *Kapos* e *Sonderkommandos*: 1. Enquanto os *Kapos* lidavam diretamente com os demais prisioneiros, os *Sonderkommandos* lidavam essencialmente com os mortos ou com os deportados sentenciados à morte imediata; 2. Os *Kapos* sofriam pressão das SS e faziam uso de força e violência para manter o poder e a sobrevivência, o que talvez os coloque em posição mais próxima de uma servidão voluntária (La Boétie, 1987), os *Sonderkommandos* obedeciam para sobreviver e não tinham sobre quem exercer força e violência; 3. Entre os *Kapos* havia uma variedade de figuras, desde presos alemães, prisioneiros políticos e, raramente, judeus; já os *Sonderkommandos*, cujo testemunho avaliaremos, eram formados por prisioneiros judeus. Aqui apresentamos um apanhado geral das diferenças que, por óbvio, não esgotam a questão e não definem todos os prisioneiros que ocuparam essas funções. A despeito das diferenças, tanto *Kapos* quanto *Sonderkommandos* tinham algum tipo de aproximação com os guardas da SS. A associação imaginária entre os *Sonderkommandos* e os SS possivelmente está em causa na repulsa dos demais sobreviventes a essas figuras acinzentadas.

Voltemos aos *Sonderkommandos* para contar uma parte crucial da sua passagem pelo *Lager*. Apesar de preferirem viver, houve revoltas de membros do *Sonderkommando* em três campos de extermínio: Treblinka, Sobibor e Birkenau. Existiram ao todo seis campos em que funcionavam fábricas de cadáveres – os outros eram o de Belzec, Chełmno e Majdanek. A revolta dos membros do *Sonderkommando* em Treblinka aconteceu em 2 de agosto de 1943 e em Sobibor em 14 de outubro de 1943 (Mesnard, 2015). A rebelião de Auschwitz foi sendo

paulatinamente adiada e só foi executada em 7 de outubro de 1944, em uma situação muito específica. Caso seja verdadeira a hipótese de que havia uma organização de rebelião ainda em 1942⁴⁶ – que teria levado à eliminação quase completa dos membros do *Sonderkommando* de Auschwitz II-Birkenau em dezembro daquele ano – essa teria sido a primeira das revoltas. Sobre isso só podemos especular. De todo modo, parece relevante destacar que não houve nenhuma revolta nos campos de concentração e, sim, nos campos de extermínio citados, que foram concretizadas por ação dos membros do *Sonderkommando* (Mesnard, 2015).

Quando os quatro crematórios de Birkenau foram instalados, em meados 1943, o número de membros do *Sonderkommando* aumentou para dar conta dos comboios que chegavam continuamente ao Campo. Porém, nem todos os selecionados para esse trabalho conseguiram se adaptar. Os que se tornaram apáticos, foram eliminados pelos SS (Bartosik, 2019). Em 24 de fevereiro de 1944, com a diminuição no número de transportes destinados a Auschwitz, 200 homens do *Sonderkommando* foram enviados a Lublin (Majdanek) com o pretexto de assumirem o trabalho naquela localidade, e lá foram mortos. Também em fevereiro, antes da remoção desses prisioneiros, houve uma tentativa de fuga de membros do *Sonderkommando*, o que pode ter contribuído para o assassinato de tamanha parcela do grupo (Pezzetti, 2010; Bartosik, 2022). Uma ação que condiz com a estratégia de retaliação administrada pelos nazistas. Quase dois meses depois quando o Campo de Majdanek em Lublin foi evacuado, aproximadamente dezenove prisioneiros de guerra soviéticos (POW – *Prisoners of War*) foram transferidos para Auschwitz II-Birkenau para trabalharem nos crematórios (Langbein, 2004). Eles contaram aos *Sonderkommandos* que os seus 200 companheiros tinham sido mortos e que os SS os enganaram (Bartosik, 2019). Foi a confirmação do que já suspeitavam: deixar as instalações de Birkenau era sinônimo de morte.

Com a chegada dos judeus húngaros em maio de 1944⁴⁷, houve uma nova seleção para integrar os *Sonderkommandos* como nunca se viu antes. Muitos judeus gregos foram designados nessa época (Bartosik, 2022). O contingente de homens operando as câmaras de gás e os crematórios chegou a quase 870 prisioneiros. Dado o volume de comboios que chegavam ao Campo, eles faziam turnos ininterruptos. Em Birkenau, antes do aumento expressivo de comboios, os *Sonderkommandos* ficavam no Bloco 13 que foi completamente

⁴⁶ O envio de alguns membros do *Sonderkommando* para o temido Bloco 11 de Auschwitz I, que funcionava como uma espécie de cadeia e centro de tortura, reforçam essa hipótese. Um ex-funcionário da Gestapo de nome Pery Broad teria confirmado que as prisões ocorreram por suspeitas de que os membros do *Sonderkommando* intentavam fugir (Bartosik, 2022).

⁴⁷ Sobre a frenética deportação dos judeus húngaros, recomendo o premiado documentário *The last days*, do diretor James Moll, lançado em 1998.

murado para evitar contato⁴⁸ com os prisioneiros de fora do *Kommando*. Para otimizar o processo foi determinado, a partir de meados de junho de 1944, que os *Sonderkommandos* deveriam dormir nas salas que ficavam acima dos crematórios II (1) e III (2) e, aqueles que trabalhavam nos Crematórios IV (3) e V (4) passariam a dormir na sala de despir do Crematório IV (3) que estava desativado (Pezzetti, 2010; Bartosik, 2022). Uma outra razão para essa mudança foi a tentativa de manter maior controle e isolamento desses homens que, com a rotina extravagante de mortes, estavam sob muita pressão e angústia. Como os transportes não paravam de chegar e as câmaras e os crematórios não eram suficientes, os nazistas colocaram em operação novamente o *Bunker*, bem como abriram novas fossas para cremar os corpos dos judeus assassinados. Os transportes de judeus húngaros cessaram em julho daquele ano, mas na sequência chegaram os judeus de Łódź. Entre junho e agosto de 1944 acreditava-se que os soviéticos estavam se aproximando do Campo e que não demoraria para tomarem Auschwitz dos nazistas. Porém, naquele momento, o exército soviético estava a mais de 200 km de distância e não muito tempo depois houve suspensão da ofensiva. Equivocados sobre a proximidade dos soviéticos e com a diminuição dos comboios da Hungria, os membros do *Sonderkommando* planejavam insurgir em julho ou agosto de 1944, mas a investida teve que ser adiada no último momento. Trens com prisioneiros a serem gaseados estavam chegando.

Nesse momento a revolta que vinha sendo gestada desde o final de 1943 ganhou ainda mais força. A despeito de toda a dificuldade que constituiu formar um grupo confiável dentre centenas de pessoas que falavam línguas diferentes e tinham visão de mundo distinta, o grupo de revoltosos estava bem estabelecido. Foi esse grupo que conseguiu consolidar contato com outras áreas do Campo a fim de conseguir pólvora e outros materiais como facas, machados e armas que pudessem dar suporte à revolta (Bartosik, 2019). Além de promover o levante com o intuito claro de destruir as máquinas da morte, ou seja, as câmaras de gás e os crematórios, os prisioneiros intentavam registrar, de algum modo, o que os nazistas vinham fazendo naquele Campo, em especial, aos judeus. Eles sabiam que a chance de sobreviverem era muito pequena e, por isso, começaram a providenciar o material necessário para deixarem relatos escritos escondidos. E não somente isso, sob risco de serem pegos deixando evidências,

⁴⁸ Como portadores de segredo, os membros do *Sonderkommando* eram proibidos de conversar com prisioneiros de outras áreas. No início de 1943, alguns prisioneiros em treinamento, recém integrados ao *Kommando*, talvez imaginando que teriam um tempo de descanso físico e mental, se dirigiram ao hospital do Campo. No dia seguinte, os corpos desses prisioneiros foram enviados para os crematórios portando uma pequena marca no peito, indicativo de injeção de fenol. Possivelmente eles foram mortos por se misturarem com outros prisioneiros (Bartosik, 2022). A despeito da proibição, temos visto que esses contatos aconteciam, mas eram arriscados e, por isso, ocorriam com discrição.

alguns prisioneiros desse *kommando* enterraram entre os fornos crematórios tantos dentes quanto foi possível, de modo que, no futuro, fossem encontradas provas de que milhares de pessoas haviam sido assassinadas ali. Essa ação tinha também o intuito de corroborar os testemunhos escritos que deixaram (Chare & Williams, 2017).

Um outro registro produzido por eles, antes mesmo da diminuição dos transportes, acredita-se ter ocorrido em julho de 1944: as famosas quatro fotografias contrabandeadas por membros da Resistência política do Campo para fora de Auschwitz, e detalhadamente comentadas por Didi-Huberman (2012) em *Imagens apesar de tudo*. O registro fotográfico foi feito por um judeu grego do *Sonderkommando* chamado Alex. Alguns pesquisadores acreditam que o apelido ‘Alex’ derive de Alberto Errera que tentou fugir a nado pelo rio Vístula em agosto de 1944, enquanto as cinzas dos corpos eram despejadas nas águas (Bartosik, 2022; Chare & Williams, 2019a). Não se sabe ao certo o porquê dele e outro prisioneiro tentarem fugir no momento em que a revolta vinha sendo preparada. O único registro de sua passagem por Auschwitz II-Birkenau são as fotografias, fruto de um esforço coletivo para documentar a existência dos crimes cometidos pelos nazistas (Chare & Williams, 2017).

Hoje, avaliando o plano de insurreição dos homens do *Sonderkommando* “com uma retrospectiva histórica, um conhecimento mais abrangente e uma melhor compreensão da situação do Campo na época, sabemos que esse plano não tinha chance de dar certo⁴⁹” (Bartosik, 2019, p. 12, tradução nossa). Especialmente quando se observa que a Resistência política⁵⁰ considerava que era necessário esperar os soviéticos chegarem. Ainda que a revolta tenha sido cancelada em cima da hora em agosto de 1944 alguns dos líderes foram expostos, leia-se traídos, e levados pelos SS. Entre eles estava o *Kapo* Kamiński, um judeu de Grodno,

⁴⁹ “With historical hindsight, more comprehensive knowledge, and a better understanding of the situation in the camp at the time, we know that this plan did not stand a chance of succeeding.”

⁵⁰ A Resistência política era composta, minoritariamente, por judeus – muitos eram ativistas políticos socialistas ou comunistas, mas a principal presença nesse grupo era de poloneses (Halivni, 1979). O incentivo ou o recuo diante da possibilidade de uma insurreição foi marcada pela diferença entre ser judeu ou ser gentio. Isso porque manter-se obediente às ordens dos nazistas significava a morte dos judeus, em especial os do *Sonderkommando*, mas não somente. Seguir o ditame e o fluxo era dar continuidade ao funcionamento das câmaras de gás e dos fornos crematórios, o que implicava em mais judeus mortos. O simulacro de que obedecer aos nazistas significava viver não tinha tanta força no *Lager* quanto teve fora dele. Para os operadores dos fornos crematórios a questão se mostrava ainda mais desnudada, pois obedecendo ou não, eles sabiam que a morte os esperitava. Qualquer alternativa implicava em morte, se não a própria, a de terceiros. Para os gentios, aguardar a chegada dos soviéticos parecia mais seguro, afinal, esse grupo não estava sujeito às eliminações constantes, nem mesmo às mesmas condições de aprisionamento. Os membros da resistência tinham receio das famosas e infames represálias dos nazistas caso a insurreição fracassasse e não queriam ser responsáveis pelas possíveis consequências. Ou seja, os interesses desses dois grupos não estavam de todo alinhados (Langer, 1982). Os membros da Resistência política tinham um plano de revolta bastante detalhado, mas eles tinham decidido revoltar-se apenas se a morte fosse tão certa para eles como era para os judeus (Halivni, 1979).

muito respeitado pelos membros do *Sonderkommando* e, de fato, um dos líderes da revolta. Possivelmente os sediciosos foram traídos por um *Kapo* polonês que Kamiński tentou incluir no plano de insurreição. O seu nome era Mieczysław Morawa (Bartosik, 2022). Ao que parece, a verdadeira escala da revolta nunca chegou ao conhecimento dos nazistas que não sabiam, por exemplo, da participação no planejamento da insurreição de uma dúzia de prisioneiros de guerra soviéticos transferidos de Lublin que tinham formação militar. A situação era desoladora, mas o grupo envolvido no planejamento da revolta acreditava que mesmo com a perda de alguns de seus líderes, eles conseguiriam iniciar uma revolta capaz de fazer os membros da Resistência aderirem aos seus esforços.

Em setembro os transportes começaram a diminuir, o que implicou na diminuição do número de membros do *Sonderkommando*. A absurda equação estabelecida pelos nazistas era que a vida desses prisioneiros dependia não apenas da obediência, como também da morte de outros. Por volta do dia 20 de setembro, 200 homens foram supostamente designados para trabalhar em outro Campo – o conhecido engodo, sinônimo de morte. Os selecionados, principalmente judeus húngaros, foram levados para o subcampo chamado “Canadá I” onde foram mortos com Zyklon-B em uma sala de desinfecção de roupas. Algo inédito aconteceu em seguida. No intuito de esconderem o que ocorreu, os nazistas retiraram os membros do *Sonderkommando* do Crematório III (2) e os guardas da SS operaram os fornos crematórios. Eles disseram que estavam queimando soldados alemães mortos em um bombardeio, o que não fazia sentido algum. Talvez por falta de perícia os nazistas deixaram evidências o suficiente para que os prisioneiros que trabalhavam ali fossem capazes de identificar os seus companheiros mortos. Enquanto isso, as novas lideranças do movimento de insurreição ainda estavam articulando os próximos passos.

Em outubro, os nazistas anunciaram que haveria a seleção de mais 300 homens que seriam “transportados” no sábado, dia 7 de outubro de 1944. Nessa ocasião os nazistas começavam a dismantelar a “casinha vermelha” e a apagar as evidências do assassinato em massa promovido naquele Campo (Bartosik, 2022). Não havia interesse das lideranças do movimento de resistência do *Sonderkommando* iniciar uma luta sem a participação dos demais resistentes do Campo, por mais que soubessem o que essa suposta transferência significava. Eles avaliavam que aquela não era uma situação favorável para um levante. Na noite anterior à suposta transferência, um dos soviéticos brigou com um guarda da SS. Como consequência, todos os soviéticos que trabalhavam com os *Sonderkommandos* foram ameaçados de serem transportados com os judeus no dia seguinte. Na manhã do dia 7 de outubro os prisioneiros dos Crematórios IV (3) e V (4) foram encaminhados para o pátio do Crematório IV. Isso os surpreendeu, pois esperavam que os transportes acontecessem a noite,

como era habitual. Alguns planejavam iniciar a Revolta durante a troca de turno dos guardas da SS que acontecia ao final do dia – a implementação do plano iniciara mal. Por volta do meio-dia, durante a leitura dos números dos *Sonderkommandos* selecionados para o “transporte”, um deles – possivelmente o judeu polonês Chaim Neuhoff – atacou um dos guarda da SS com um martelo (Bartosik, 2022). Um ato que produziu consequências e a implicação dos seus companheiros. Os demais guardas revidaram com tiros e o caos se estabeleceu. Alguns prisioneiros tentaram fugir, outros atearam fogo no Crematório IV (3).

Dada a distância entre os pares de crematórios, os prisioneiros que estavam nos Crematórios II (1) e III (2) não entenderam o que estava ocorrendo até que viram a fumaça atípica vinda da direção do Crematório IV (3) e o som de rajadas de tiro. Eles entenderam isso como um sinal de que a revolta havia sido iniciada. Enquanto alguns SS tentavam lidar com os insurgentes no Crematório IV (3), vários guardas foram deslocados para os Crematórios II (1) e III (2) a fim de avaliar a situação. Quando o pelotão da SS se aproximava do Crematório II (1) alguns prisioneiros tentaram atacá-los. Receosos de que a ameaça de morte se cumpriria, os prisioneiros soviéticos de guerra lançaram no forno do crematório o *Kapo* alemão de nome Töpfer, particularmente violento, que era responsável pelo referido crematório, onde ficavam. Outros prisioneiros fugiram pelas portas dos fundos e cortaram o arame farpado. Antes de saírem do Campo eles também cortaram a cerca do setor feminino para que as prisioneiras pudessem fugir. Os poucos prisioneiros que ficaram no Crematório II (1) dedicaram-se a explodi-lo, mas a tentativa falhou – as granadas não explodiram – e, na sequência, foram surpreendidos e mortos pelos SS.

No Crematório III (2), os prisioneiros ficaram sem entender o que acontecia – eles estavam na parte superior do Crematório que estava sendo usada como dormitório. Alguns pegaram as facas e demais itens que haviam escondido para atacar os guardas da SS que permaneciam do lado de fora da construção. Lemke Pliszko, respeitado membro do *Sonderkommando* interveio e mandou todos ficarem onde estavam. A contragosto a ordem foi cumprida e isso os livrou da morte (Bartosik, 2019). No final das contas eles não conseguiriam fazer nada, pois foram trancados dentro do prédio por um dos SS tão logo a confusão foi iniciada. Os prisioneiros que fugiram do Crematório II (1) sabiam que os SS controlavam cerca de 40 km² ao redor do Complexo de Auschwitz e que não existia lugar seguro para onde ir, pois havia várias torres de vigilância ao longo do caminho e poucos lugares para se esconderem. Era dia, o que tornava a ocultamento dos prisioneiros ainda mais difícil. Eles conseguiram alcançar a vila polonesa de Harmęże que ficava a cerca de 3 km dos crematórios. Anos atrás, os habitantes dessa vila foram expulsos pelos nazistas para que o espaço fosse transformado em uma fazenda agrícola, um dos subcampos do Complexo. Lá

eles conseguiram atacar três guardas da SS que morreram no local, mas lá também eles foram cercados e mortos. Não se sabe exatamente como tudo ocorreu, mas nessa localidade também houve um incêndio.

Enquanto as coisas se desenrolavam nos Crematórios II (1) e III (2), os prisioneiros-bombeiros foram acionados para conter o incêndio do Crematório IV (3). Quando adentraram o pátio para apagar o fogo que tomava conta do prédio, encontraram corpos ensanguentados e contorcidos de vários prisioneiros, “os bombeiros puderam observar o ato final da tragédia do *Sonderkommando*⁵¹” (Bartosik, 2019, p. 22, tradução nossa). Essa equipe de prisioneiros-bombeiros também foi levada ao local do segundo foco de incêndio, a fazenda agrícola localizada em Harmęże. Ao chegarem ao local se depararam com a mesma cena em que dezenas de prisioneiros estavam mortos pelo chão. Enquanto esse grupo apagava o fogo outros prisioneiros foram designados para recolher os corpos e levá-los de volta aos crematórios. Trinta prisioneiros do Crematório III (2) foram levadas ao Crematório II (1) para destruírem os corpos de seus companheiros assassinados.

Os membros da Resistência política que estavam no Campo principal não sabiam ao certo o que estava ocorrendo, mas se apressaram para enviar a informação para fora do Complexo de que os *Sonderkommandos* haviam insurgido. Como já havia sido anunciado, a Resistência não acompanhou a insurreição. Os membros do *Kommando* Especial culparam, em vários testemunhos, os prisioneiros políticos da Resistência por não se envolverem efetivamente nos preparativos da revolta e na sua execução (Pezzetti, 2010). Quanto ao número total de guardas da SS feridos ou mortos nessa operação há divergência de informação. De todo modo, o assassinato dos membros do *Sonderkommando* ficou na casa das centenas e o de guardas feridos ou mortos não passou de duas dezenas. A insurgência desesperada precipitada naquele 7 de outubro permitiu que os guardas percebessem que havia uma organização dentro do *Sonderkommando* preparada para atacá-los e que outros prisioneiros os ajudaram. A análise das granadas de mão não utilizadas forneceu evidências que apontavam para a participação de pessoas que trabalhavam em uma fábrica de munições.

Três dias depois do levante todos os prisioneiros de guerra soviéticos sobreviventes foram levados pelos SS e alguns prisioneiros judeus suspeitos de serem lideranças do movimento insurgente também. Os nazistas descobriram que um funcionário do refeitório do Campo dava uma porção maior de comida para algumas mulheres que trabalhavam em Zagłębie Dąbrowskie em troca de pólvora. Os nomes das jovens judias eram: Ella Gärtner, Estera Wajcblum, Regina Safirstein, Hanka Wajcblum e Róża Robota (Bartosik., 2019; Chare

⁵¹ “the firemen were able to observe the final act of the *Sonderkommando*’s tragedy.”

& Williams, 2019a). A pólvora recebida no Campo principal era contrabandeada para os *Sonderkommandos* (Chronicles of terror/Zycher). Quando descobertas, as mulheres foram enforcadas em execuções públicas e o funcionário da cozinha foi torturado e queimado vivo (Chronicles of terror/Zycher). O funcionário da cozinha, os sobreviventes dos prisioneiros de guerra soviéticos e alguns membros do *Sonderkommando* foram torturados antes de terem direito à morte. Para os que sobreviveram “a perda de tantas pessoas que pertenciam ao núcleo do movimento clandestino foi um grande golpe do qual jamais se recuperaram⁵²” (Bartosik, 2019, p. 36, tradução nossa).

Em 10 de outubro de 1944, 198 ou 212 prisioneiros estavam vivos e trabalhavam nos Crematórios III (2) e V (4). As atividades clandestinas cessaram, mas não completamente. Após o desfecho da revolta⁵³ que levou à morte 451 homens do *Sonderkommando* (Chare & Williams, 2017; Greif, 2005) alguns deles intensificaram a resistência por meio da escrita. Para eles escrita e resistência estavam entrelaçados. Os membros do *Sonderkommando* viram judeus de toda a Europa desaparecerem sem deixar rastro e tinham receio de que a sua passagem fosse apagada dos anais da história. Eles “consideravam inconcebível que nenhum vestígio dos judeus permanecesse, que todos os vestígios desaparecessem nas câmaras de gás e nos crematórios⁵⁴” (Greif, 2005, p. 20, tradução nossa). Uma parcela desses homens queria testemunhar, deixar para a posteridade o que viram e viveram. Mal sabiam que poucos estariam dispostos a ouvi-los. Em 26 de dezembro de 1944 o número de homens no *Sonderkommando* foi reduzido para 100 pessoas, 30 delas trabalhavam no Crematório V (4) e 70 no desmonte das estruturas dos demais crematórios (Pezzetti, 2010; Mesnard, 2015; Brown, 2005). Durante a evacuação de Auschwitz, iniciada em 18 de janeiro de 1945, os homens do *Sonderkommando* conseguiram se misturar aos demais prisioneiros rumo ao interior do Reich e, assim, sobreviver. Alguns judeus poloneses desse *kommando* conseguiram sair da fila e se esconderam na Polônia e os que não falavam polonês seguiram a marcha da morte para outros Campos e lá ficaram até a sua libertação. Tanto uns quanto outros viviam sobre grande apreensão de serem reconhecidos como integrantes do Esquadrão

⁵² “The loss of so many people who belonged to the inner circle of the clandestine movement was a great blow, one that they never recovered from.”

⁵³ Apesar do efeito da insurreição não ter alcançado os resultados esperados, e ter levado vários homens do *Sonderkommando* à morte, ela foi a maior revolta que ocorreu em todo o complexo de Auschwitz. Nem mesmo os nazistas a consideraram um incidente trivial. Dada a sua importância, cinco SS, considerados responsáveis pela contenção da revolta, foram premiados com a Cruz de Ferro, uma importante condecoração militar, proposta pelo próprio Himmler em razão de uma suposta coragem demonstrada contra o inimigo (Bartosik, 2022).

⁵⁴ “Considered it inconceivable that no traces of the Jews would remain, that every last vestige would vanish in the gas chambers and the crematoria.”

Especial. De tempo em tempo surgia um SS perguntando se algum dos prisioneiros tinha pertencido a esse *kommando*. Estima-se que das 1.800 a 2.000 pessoas que integraram o *Sonderkommando* de Auschwitz II-Birkenau ao longo do tempo, ainda estavam vivas em maio de 1945 noventa delas (Pezzetti, 2010) ou, talvez, oitenta (Chare & Williams, 2017). Bartosik (2022) estima que esse número deve ter sido ainda menor: entre 50 a 60 membros do *Sonderkommando* teriam sobrevivido à *Shoah*.

A revolta, um ato memorável e corajoso dentro da história de Auschwitz II-Birkenau não recebeu a devida atenção por parte do público (Chevillon, 2015). A sua abordagem normalmente se dá de maneira resumida o que contribui para a conclusão equivocada de que ela só ocorreu porque alguns membros do *Sonderkommando* seriam eliminados. Claro, isso compõem o quadro geral, mas não diz tudo. Os meses de preparação, a falta de suporte da Resistência política, os adiamentos e as traições ficam fora de vários relatos de presos comuns que reduzem a motivação de suas ações a desejos egoístas. Como temos apontado, a simplificação e o equívoco a respeito desse grupo não chegam a surpreender. Agora que abordamos parte da historiografia relativa aos *Sonderkommandos*, voltaremos aos testemunhos de sobreviventes e comentários de estudiosos e seus não tão discretos julgamentos. Principalmente quando o comentário parte de alguém com reconhecimento entre os sobreviventes ou especialistas, há uma tendência a não se questionar a sua veracidade. Não pretendemos fazer uma análise exaustiva, mas apresentar alguns contrapontos a certas formulações que estão mais ou menos estabelecidas na cultura sobre os *Sonderkommandos* e que não correspondem adequadamente ao que se sabe hoje sobre esse grupo. Desfazer esses equívocos nos parece um dever ético.

Abordaremos na sequência alguns comentários feitos por Primo Levi e, se damos destaque às suas análises, é porque reconhecemos a sua relevância e o seu lugar enquanto testemunha e também como intelectual que muito contribuiu para a análise sobre a *Shoah*. Por termos abordado as elaborações de Primo Levi sobre a zona cinzenta nos parece significativo avaliar o que ele produziu a respeito desse grupo. Sobre o *Sonderkommando* ele disse que “o horror intrínseco dessa condição humana impôs a todos os testemunhos uma espécie de pudor. (...) alguns testemunharam que aqueles desgraçados dispunham de uma grande quantidade de bebidas alcoólicas” (Levi, 2016, p. 40), estavam embrutecidos e prostrados o tempo todo. O abuso de álcool não é confirmado pelos testemunhos de membros desse *Kommando* e tampouco pelos arquivos – o que não quer dizer que eles não tinham acesso a bebidas, pois

elas eram encontradas nos itens deixados na sala de despir⁵⁵ ou podiam ser objeto de trocas no mercado paralelo do Campo. Apesar da aquisição facilitada de bebidas e do consumo delas, o estado de embriagues não era condizente com a necessidade de estarem fisicamente aptos para as longas jornadas de trabalho. Eles sabiam que se apresentarem indispostos para o exaustivo trabalho traria como consequência a morte. Ou seja, havia bebida, ela era consumida por alguns homens do *Sonderkommando*, mas isso não era um recurso cotidiano universal e ilimitado. Arrastar os corpos da câmara de gás até os fornos crematórios era tarefa árdua, arrancar os dentes de ouro também, lavar a câmara de gás e operar os fornos igualmente. De modo que parece pouco provável que eles conseguiriam dar conta das atividades diárias em condição de embriaguez invariável. Por fim, não parece que comentários desse tipo carreguem algum pudor.

No artigo “Testemunho para Eichmann” que escreveu para o jornal de Florença, *Il Ponte*, em 1961, Primo Levi afirmou de modo genérico que os funcionários do *Lager* eram escolhidos entre os “mais torpes, mais violentos, os piores, e conferiam-lhes todo o poder, alimentos, roupas, isenção do trabalho, liberação inclusive da morte no gás, desde que colaborassem” (Levi & Scarpa, 2015, p. 90). Ainda que possamos considerar alguns trabalhos mais pesados e outros menos exaustivos, por parte dos judeus raramente havia função que propiciasse isenção de trabalho. Os mencionados *Vorarbeiter* e *Kapos* eram liberados dos trabalhos comuns, mas respondiam pelas atividades dos demais grupos de prisioneiros e raramente entre eles foram encontrados judeus. Além disso, não havia como selecionar todos os funcionários do *Lager* a partir de critérios que incluíssem torpeza, por exemplo. Os trabalhadores eram selecionados de acordo com as habilidades que diziam ter (soldador, costureiro etc.), a partir das características físicas aparentes (fortes e saudáveis) e, principalmente, pelas demandas das autoridades nazistas. Apesar de não haver referência direta aos membros do *Sonderkommando*, na sequência Primo Levi sugeriu que fosse relida “a terrível página do diário de Höss, na qual ele fala do *Sonderkommando*, o esquadrão

⁵⁵ Apesar do roubo de bens valiosos encontrados na sala de despir ser punido severamente, os guardas da SS permitiam que os membros do *Sonderkommando* ficassem com as comidas e bebidas, bem como com algumas roupas deixadas pelas vítimas. Cabe a observação de que, principalmente quando os trens chegavam de países distantes ou quando levavam ao Campo de Auschwitz judeus que estavam em guetos, muitas das vezes, eles não tinham comida ou boas roupas. (Bartosik, 2022). As malas eram confiscadas tão logo os prisioneiros desciam dos trens e eram levadas a outro subcampo o *Lager*, o já mencionado Canadá. Na sala de despir ficavam as roupas que eles usaram durante toda a viagem e uma ou outra sacola/bolsa pequenas. De modo que nem sempre havia comida, bebida ou roupas que eles pudessem aproveitar. Vale destacar que os prisioneiros com acesso ao Canadá também se serviam do que encontravam entre os pertences dos deportados assassinados, seja alimento, roupas ou bens preciosos escondidos, de modo que esse grupo também conseguia se manter mais saudável do que os prisioneiros comuns (Langer, 1982; Chare & Williams, 2019a). Em todo o Campo, se servir dos bens dos mortos era uma forma de ampliar a possibilidade de sobrevivência.

encarregado das câmaras de gás e do crematório, e entenderão o que é o contágio do mal⁵⁶” (p. 90). A sequência argumentativa de Primo Levi nos faz crer que ele tinha os operadores dos fornos crematórios em mente desde o início. Rudolf Höss foi o Comandante de Auschwitz de maio de 1940 a novembro de 1943 e de maio a setembro de 1944. Ele disse em sua autobiografia que todos os membros do *Sonderkommando*

sabiam com certeza que quando tudo acabasse, eles próprios sofreriam o mesmo destino que milhares de sua raça tiveram antes deles, em cuja destruição eles foram muito úteis. Apesar disso, eles ainda faziam seu trabalho com entusiasmo e de maneira atenciosa e prestativa durante o despir, mas também usavam a força com aqueles que resistiam a se desnudar. Isso sempre me surpreendeu. Eles nunca falaram com as vítimas sobre o que estava por vir. Eles também conduziram os encenqueiros e os seguraram com firmeza enquanto levavam um tiro⁵⁷. (...) O mesmo acontecia quando lidavam com os doentes e fracos que não podiam ser levados para as câmaras de gás. Tudo isso foi feito de maneira prática, como se eles próprios fossem os exterminadores. (...) Todos esses trabalhos eles executavam com uma frieza indiferente, como se fosse um assunto cotidiano. Enquanto arrastavam os corpos, comiam ou fumavam. Mesmo o trabalho horrível de queimar os corpos desenterrados depois de muito tempo em valas comuns não os impediu de comer. Muitas vezes acontecia que os judeus do *Sonderkommando* descobriam parentes próximos entre os corpos e até mesmo entre aqueles que foram para as câmaras de gás. Embora estivessem visivelmente afetados nunca houve nenhum tipo de incidente⁵⁸ (Höss, 1996, p. 160, tradução nossa).

É verdade que os *Sonderkommandos* auxiliavam as vítimas a se despirem, mas dizer que exerciam as suas funções com entusiasmo parece um tanto impreciso diante dos testemunhos desse grupo. A presença dos *Sonderkommandos* na sala de despir era usada como estratégia nazista para acalmar as vítimas, pois elas podiam ver judeus com roupas civis, relativamente bem nutridos e acreditavam que logo elas também estariam em condições melhores. Ou seja, eles eram usados para dar materialidade ao engano. Todo o processo era acompanhado de perto por guardas da SS que puniriam qualquer homem do *kommando*

⁵⁶ Via de regra, a menção aos *Sonderkommandos* durante o julgamento de Eichmann foi negativa. Raya Kagan, uma judia ucraniana e prisioneira designada para o serviço de gerenciamento de arquivos de prisioneiros em Auschwitz, tentou falar sobre a revolta dos *Sonderkommandos*, mas foi interrompida em várias ocasiões pelos juízes. Por fim, ela foi silenciada porque a Côte não estaria interessada nesse assunto (Chevillon, 2015).

⁵⁷ Quando havia poucas vítimas a serem assassinadas, os SS não usavam as câmaras de gás. Eles as matavam com um tiro de baixo calibre na nuca (Langbein, 2004).

⁵⁸ “All of them knew with certainty that when it was over, they themselves would suffer the same fate as thousands of their race had before them, in whose destruction they were very helpful. In spite of this they still did their job with an eagerness and in a caring, helpful way during the undressing, yet they would also use force with those who resisted undressing. This always amazed me. They never spoke to the victims about what was ahead of them. They also led away the troublemakers and then held on to them firmly while they were being shot. (...) It was the same when they dealt with the sickly and feeble who could not be brought into the gas chambers. All this was done in a matter-of-fact manner, as if they themselves were the exterminators. (...) All these jobs they performed with an indifferent coolness, just as if this was an everyday affair. While dragging the bodies, they ate or smoked. Even the gruesome job of burning the bodies dug up after being in mass graves for a long time did not prevent them from eating. It often happened that Jews from the *Sonderkommando* discovered close relatives among the bodies and even among those who went into the gas chambers. Although they were visibly affected there never was any kind of incident.”

especial se este se atrevesse a declarar a verdade. Há relatos de que ocorreram tentativas de alertar os judeus deportados do que estava por vir, mas as consequências teriam sido muito piores do que o silêncio. Além do que, os prisioneiros surpreendidos se comunicando com os recém-deportados podiam ser queimados vivos como punição (Bartosik, 2022). Höss também afirmou em sua autobiografia que os *Sonderkommandos* davam orientações e mentiam sobre os pretensos banhos, o que não é de todo preciso, pois os informes eram dados aos recém-chegados pelos guardas da SS. Eventualmente, quando instados pelos deportados, alguns membros do *Sonderkommando* mentiam confirmando a informação passada pelos SS enquanto outros fingiam não entender o que era perguntado. Sobre o comentário a respeito da alimentação realizada próxima aos corpos, cabe lembrar que estamos falando de prisioneiros que não tinham acesso a um local adequado em que pudessem fazer a refeição com calma e separado do “ambiente de trabalho”. Como observamos anteriormente, os nazistas forneciam condições de vida precárias para em seguida culpar as vítimas pela degradação que eles próprios impuseram a elas. Infelizmente, sabemos com *Estamira* (Prado, 2006) que uma coletividade marginalizada pode fazer morada e se alimentar em um lugar de despejo como o Aterro Sanitário de Jardim Gramacho, no Rio de Janeiro. E não é verdade que nunca houve incidentes com esse grupo, as várias tentativas de fuga e o levante, por exemplo, contradizem o ex-Comandante de Auschwitz.

Em sua autobiografia, Höss cita uma cena que o intrigou: um judeu do *Sonderkommando* ficou petrificado diante de um corpo que deveria levar para o crematório. Depois de ficar um tempo parado, o prisioneiro voltou ao trabalho. Höss descobriu que esse homem havia reconhecido o corpo da sua esposa e, observando de longe, constatou que ele parecia normal e comia com os demais prisioneiros. Como diz Todorov (2017), “certa dose de fragmentação é indispensável para a sobrevivência psíquica do indivíduo” (p. 256), em especial em condições como aquelas. Agamben (2008) também aborda o modo como os prisioneiros estabeleciam estratégias para lidar com o horror cotidiano do *Lager*. Para ele a situação-limite tende a se transformar em hábito e para não enlouquecer cabe a cada um se acostumar à realidade que o circunda. Em casos extremos, aqueles que se acostumam também são os que resistem de tal modo que a ambivalência raramente se distanciava deles.

Apesar de demonstrar conhecimento sobre os testemunhos de *Sonderkommando* enterrados entre os fornos crematórios, na análise de Nicholas Chare e Dominic Williams (2013), Primo Levi possivelmente não os leu. Eles consideram que as impressões de Primo Levi sobre os operadores dos fornos crematórios foram retiradas principalmente do relato do médico Miklós Nyiszli (2011) publicado em *Auschwitz: a doutor's eyewitness account* que ele cita em *Os afogados e os sobreviventes*. Mesnard (2010) também considera que Primo Levi

não leu os testemunhos deixados entre os fornos crematórios e que o acesso que teve aos *Sonderkommandos* se deu através de escritos periféricos como a de Rudolf Höss, o livro do sobrevivente do *Sonderkommando* Filip Müller e o referido testemunho do Nyiszli.

Sobre o testemunho do judeu húngaro, Miklós Nyiszli, Levi (2016) destaca a famosa cena da partida de futebol. Nyiszli (2011) relatou que durante uma caminhada entre os crematórios ele viu *Sonderkommandos* e guardas da SS entrando em campo para jogar uma partida de futebol. Na torcida estavam representantes dos dois times e, de repente, “risadas sonoras encheram o pátio. Os espectadores ficaram entusiasmados e gritaram encorajando os jogadores, como se este fosse o campo de uma pacífica cidade”⁵⁹ (p. 68, tradução nossa). Primo Levi (2016) se detém nessa cena para denunciar que alguns SS consideravam certos *Sonderkommandos* como colegas aos quais se ligavam por um semelhante nível de desumanização, como se dissessem: “nós os abraçamos, corrompemos, arrastamos para o fundo conosco. Também vocês, como nós e como Caim, mataram o irmão. Venham, podemos jogar juntos.” (pp. 42-43). Para Agamben (2008) a partida de futebol é a representação perfeita do que é a zona cinzenta “que não conhece tempo e está em todos os lugares” (p. 35). De fato, sabemos que os guardas da SS eram capazes de corromper “às mil maravilhas todas as resistências e todas as dignidades” (Rousset, 2016, p. 45). Também estamos avisados de que alguns guardas se tornaram relativamente próximos de alguns prisioneiros, mas sem que com isso a tensão entre esses grupos tenha se dissipado. Se por um lado encontramos testemunhos de membros do *Sonderkommando* retratando guardas da SS como “um cara muito legal” ou como “um homem muito, muito bom, muito amigo nosso” (Rees, 2018, p. 385); por outro, os homens do Esquadrão Especial sabiam que mesmo esse cara legal estava disposto a matar (Rees, 2018). Ou seja, a despeito de haver relatos de aproximação entre vítimas e algozes, como mencionado, essa não era a tônica geral ou a constância da experiência dos membros do *Sonderkommando* com os guardas da SS. A incoerência dos atos dos guardas que transitavam entre matar um prisioneiro sem pestanejar e cuidar de outro causava assombro, uma característica própria da “esquizofrenia social (...) específica dos regimes totalitários” (Todorov, 2017, p. 233). Nesse sentido, a vil e artificial aproximação entre as camadas antitéticas assimétricas, especialmente para as vítimas, não se dá sem consequências. É importante que esteja claro que, apesar da aparente continuidade entre eles, há uma diferença capital e incontornável: um deles continuava sendo prisioneiro. Ou seja,

⁵⁹ “Sonorous laughter filled the courtyard. The spectators became excited and shouted encouragement at the players, as if this were the playing field of some peaceful town.”

entre eles vigorava uma relação de poder dissimétrica, que Wilkerson (2021), em suas reflexões sobre a hierarquia de castas, acentua o relevo.

Ainda sobre a partida de futebol há uma importante questão que passa despercebida no relato de Nyiszli: no período em que o jogo ocorre, o planejamento da revolta já estava em curso. Podemos inferir isso, pois ele só foi designado para auxiliar Mengele no segundo semestre de 1944 e, como mencionado, estima-se que o movimento de revolta começou a ser organizado no final de 1943 quando o fluxo de transportes diminuiu e os prisioneiros tiveram ocasião de se aproximarem uns dos outros. Entre o final de 1943 e o início de 1944 os operadores dos fornos crematórios constataram que ninguém iria salvá-los e que somente uma revolta coletiva envolvendo o máximo de judeus possível de Auschwitz teria alguma chance de êxito. Poucos meses antes da chegada de Nyiszli, em março de 1944, um comunicado de que os judeus do Campo das Famílias⁶⁰ de Terezín seriam mortos foi interceptado. Os *Sonderkommandos* tentaram convencer a todos de que uma ação coordenada deveria insurgir antes que os nazistas executassem o plano (Bartosik, 2022). Porém, por razões distintas, nem os líderes do Campo das Famílias e tampouco os membros da Resistência clandestina aderiram. No dia marcado, cientes do que os esperava, todos foram mortos. Possivelmente Nyiszli não soube desse tão adiado desejo de motim, pois ele não estava incluído no restrito círculo de confiança que planejava a insurreição. Ademais, no primeiro semestre de 1944, ou seja, antes da chegada de Nyiszli, o núcleo revoltoso dos membros do *Sonderkommando* tentava organizar a fuga de um de seus membros para que pudesse levar ao conhecimento do mundo externo o que acontecia em Birkenau (Halivni, 1979). A intenção era que o fugitivo

⁶⁰ O Campo das Famílias foi formado a partir do transporte de prisioneiros judeus oriundos do gueto de Terezín, ou Theresienstadt na nomenclatura nazista, na antiga República da Tchecoslováquia. Em alguns textos encontramos a referência a essa localidade como gueto e em outros como um campo de concentração, pois além de um lugar de confinamento da população judaica da região, funcionava também como um campo de passagem. O gueto de Terezín, criado em outubro de 1941, acabou se tornando um atípico campo cultural. Para lá foram enviados acadêmicos, artistas e músicos judeus de diversos países ocupados pelos nazistas. Esther Adolphine Freud, irmã de Sigmund Freud, foi enviada a esse gueto em junho de 1942 e encontrou a morte em setembro do mesmo ano. O desenvolvimento de atividades culturais e sua exibição era uma conveniente forma de convencer a opinião pública, em especial a Cruz Vermelha Internacional, de que as condições de vida oferecidas pelos nazistas eram adequadas e humanizadas. A despeito da fachada, em Terezín, os prisioneiros viviam amontoados e milhares de pessoas morreram de fome e de doenças, como o tifo. Theresienstadt se tornou “gueto modelo”, útil para negar as notícias que começavam a circular sobre a degradação imposta pelos nazistas aos judeus (Lerner, 2009). O Campo das Famílias de Auschwitz-Birkenau foi estabelecido em setembro de 1943, a partir da chegada de cerca de 5.000 judeus tchecos transportados de Theresienstadt. Posteriormente, outros prisioneiros foram enviados de lá para o Campo das Famílias, porém, alguns transportes advindos da mesma localidade, eram encaminhados diretamente para as câmaras de gás. As pessoas destinadas ao Campo das Famílias não passaram pelas habituais seleções, não tiveram os cabelos raspados e não precisaram trocar as roupas civis por uniformes listrados (Müller, 1979; Gradowski, 2008). O Campo recebeu tal designação, pois lá as famílias permaneceram unidas: homens, mulheres, crianças e idosos viviam juntos. Com esse estratagema que durou apenas seis meses, os nazistas buscavam o mesmo que alcançaram com o gueto: enganar a opinião pública e a Cruz Vermelha Internacional, caso fosse necessário.

levasse consigo documentos que pudessem servir de comprovação ao seu testemunho, porém, todas as tentativas foram fracassadas. Isso porque o *Kapo* e o Chefe de Bloco sempre interviam. Acredita-se que um dos líderes da Resistência política do Campo passava a informação e fazia com que os planos fracassassem. Essa hipótese é levantada, principalmente, em razão da não denúncia dos fugitivos aos SS – houve mais de uma tentativa – e nenhum deles foi morto como era a regra nos casos de tentativa de fuga, geralmente precedida por torturas (Halivni, 1979).

Por não considerar o relato de Müller, essa camada do que estava acontecendo enquanto a bola rolava também ficou de fora do relato de Primo Levi (2016). Parece que o jogo que estava sendo jogado era outro. Williams (2019) sugere que “precisamente porque os SK [*Sonderkommando*] estão habituados às suas circunstâncias, eles compreendem como elas habitualmente operam e são, portanto, capazes de julgar, mais precisamente, quais podem ser os resultados das suas ações⁶¹” (p. 128, tradução nossa). Lawrence Langer (1982) comenta que uma amiga judia e sua família viveram escondidas durante meses no início da guerra. A mãe dessa amiga, exausta por estar o tempo todo alerta e buscando novos esconderijos a cada noite comparou a vida que levavam a um jogo de xadrez em que movimentavam, ao mesmo tempo, tanto as peças brancas quanto as pretas. O que fica dessa história é que no jogo de sobrevivência, a cada movimento, alguma forma de ruína humana pode se apresentar aos jogadores e mesmo as vitórias portam um tipo de derrota. A vontade de sobreviver não carrega apenas um trunfo sobre a morte como também uma perda, como bem pontuou Lacan. No descaminho humano, na destruição de parte de si enquanto se tentava triunfar sobre a morte, pode ser encontrada com precisão a agonia moral das vítimas da *Shoah* (Langer, 1982). Talvez seja algo semelhante à passagem em que Jacó luta com um ser divino em busca da uma benção. Ele a consegue, mas sai de lá mancado. Ainda que isso não seja generalizável, muitos dos que sobreviveram à *Shoah* preservaram a vida, mas não por inteiro. Parece-nos que essa também pode ser uma das formas de encarar a famosa partida de futebol que, possivelmente, não foi a única que disputaram (Chare & Williams, 2019a). Para sobreviver foi preciso aprender a jogar com as regras do jogo impostas pelo outro.

Toda a impressão registrada por Niyzli⁶² em seu livro se baseia na experiência que ele teve próxima a esse grupo durante os quatro meses que foi forçado a auxiliar Mengele (Chare

⁶¹ “precisely because the SK are used to their circumstances, they understand how they normally operate and are therefore able to judge, more precisely, what the results of their actions might be.”

⁶² O relato de Niyzli apresenta algumas inconsistências. Por exemplo, ele afirma que os *Sonderkommandos* – chamados de mortos vivos – eram eliminados completamente a cada quatro meses (p. 65), o que vimos não ser uma informação precisa. Como ele se considerava membro do *Sonderkommando*, essa informação equivocada o assombrou durante todo o tempo que auxiliou Mengele. Niyzli também afirmou que o grupo de

& Williams, 2017). Apesar de se designar como integrante do *Sonderkommando*, Nyiszli não fazia formalmente parte desse grupo. Diferente dos membros do *Sonderkommando*, ele não desempenhava tarefas que não lhe fossem atribuídas por Mengele (Bartosik, 2022). Para fazer justiça à Nyiszli, parece salutar apresentar outros aspectos do seu testemunho que não apareceram no recorte realizado por Primo Levi. Ele afirma, por exemplo, que quando era designado para avaliar os homens do *Sonderkommando*, encontrava-os fisicamente bem, mas

eles tinham (...) uma tendência geral a distúrbios nervosos, pois era uma enorme tensão para eles saber que seus irmãos, suas esposas, seus pais – toda a sua raça – estavam morrendo aqui. Dia após dia eles pegaram milhares de cadáveres e os arrastaram para os fornos crematórios, onde os colocaram com as próprias mãos nas caixas de incineração. O resultado foi uma depressão nervosa aguda e muitas vezes neurastenia. Todo mundo aqui teve um passado para o qual olhou com tristeza e um futuro que contemplou com desespero. O futuro do *Sonderkommando* foi estritamente circunscrito pelo tempo⁶³ (Nyiszli, 2001, p. 110, tradução nossa).

Para sobreviver meses e anos trabalhando no *Sonderkommando* era necessário não apenas se manter fisicamente forte e saudável, mas principalmente ser psiquicamente resiliente (Bartosik, 2022). Em relação à “organização” de bens das vítimas, Nyiszli (2001) afirmou que inicialmente considerou o ato moralmente questionável, mas depois entendeu que esses objetos de valor eram usados não para enriquecer aqueles homens e sim para trocas no mercado paralelo do *Lager*. Ou para comprar, individualmente, os guardas da SS que cuidavam dos crematórios. Os guardas desconfiavam uns dos outros, mas não dos membros do *Sonderkommando*. Havia temor entre os SS de serem delatados por colegas de farda às instâncias superiores por não estarem se comportando moralmente como verdadeiros arianos. A respeito do extravio de bens Nyiszli concluiu que ser condenado à morte e ter que executar atividades diárias capazes de dobrar corpos, mentes e sanidades, dava direito aos prisioneiros de se arriscarem para tornar a sua curta existência mais tolerável. Logo ele percebeu que não se tratava de cuidar apenas da própria subsistência. Observando que os *Sonderkommandos* enviavam recursos variados para prisioneiros de outros subcampos, o próprio Nyiszli passou a contrabandear, quando podia, itens aos quais tinha acesso e que poderiam ser úteis a outros

Sonderkommandos que ele conheceu era o 12º (p. 76), uma desinformação decorrente da crença de que o grupo era frequentemente eliminado. A referência que ele faz ao uso de máscaras de gás (p. 84) pelos membros do *Sonderkommando*, também não condiz com as informações dos estudiosos. Por certo, há elementos bastante precisos em seu relato e aqui não pretendemos fazer uma análise minuciosa do seu testemunho como um todo, mas esclarecer alguns pontos que dizem respeito aos *Sonderkommandos*.

⁶³ “They did have (...) a general tendency to nervous disorders, for it was a tremendous strain on them to know that their brothers, their wives, their parents — their entire race — were perishing here. Day after day they took thousands of corpses and dragged them to the crematory ovens, where they loaded them with their own hands into the incineration cases. The result was acute nervous depression, and often neurasthenia. Everybody here had a past which he looked back on with sorrow, and a future he contemplated with despair. The *Sonderkommando*’s future was tightly circumscribed by time.”

deportados, inclusive medicamentos. Os prisioneiros que lutavam pela sobrevivência, de um modo geral, sempre buscavam formas de não seguir todas as regras.

Apesar de não fazer parte do núcleo dos revoltosos, Nyiszli fala da tentativa de deixar registros da passagem do *Sonderkommando* por Auschwitz. Ele afirma que um texto teria sido redigido em três folhas grandes nas quais se estimava o número de mortos, acusavam nominalmente os algozes que conheciam e, por fim, cerca de 200 prisioneiros do *Sonderkommando* assinavam a carta em uma quarta folha de papel. A redação teria ficado a encargo de um prisioneiro que ele descreve como um pintor de Paris. Possivelmente, trata-se de David Olère, um judeu polonês que vivia e constituía família e carreira em Paris. As folhas teriam sido amarradas com um fio de seda e depositadas em um cilindro de zinco feito especialmente para esse fim. Após o cilindro ter sido soldado para que não fosse contaminado com umidade, ele foi depositado dentro do estofamento de um *recamier*. Uma cópia foi enterrada no pátio do Crematório II (1). Não há registro da descoberta desse manuscrito.

Resta dizer que, diante de todo o relato de Nyiszli, a questão que se coloca é a escolha de Primo Levi se basear fortemente num ponto que não corresponde à integralidade e a complexidade do testemunho de Nyiszli, bem como na análise de Rudolf Höss, para avaliar o status moral do *Sonderkommando*. Höss tinha uma perspectiva viciada que tornava a sua leitura sobre os judeus de um modo geral e sobre os *Sonderkommandos* de modo específico, pouco confiável. Chegamos, por fim, ao testemunho de Filip Müller. Primo Levi conheceu o testemunho publicado com o título *Eyewitness Auschwitz: three years in the gas chambers* na condição de parecerista, em 1985, para a publicação em italiano do referido livro pela editora Einaudi. A mesma que publicara o seu primeiro livro, *É isto um homem?* Na ocasião, Levi mostrou apreço pelo manuscrito e disse que Müller, a despeito de não ter pretensões literárias, era um observador inteligente e honesto que não se dava o ar de vítima ou de herói. O livro de Müller, na perspectiva de Levi, serviria de contraponto a autobiografia de Rudolf Höss com o préstimo de mostrar a perspectiva de um sobrevivente (Sessi, 2015). Porém, no ano seguinte, em *Os afogados e os sobreviventes*, Primo Levi (2016) apresenta um entendimento diferente. Após citar um trecho do testemunho de Müller, Levi afirma que os membros do *Sonderkommando* não eram monstros, mas pessoas como quem o lia, porém, muito mais infelizes. Logo na sequência Levi diz que não se deve levar ao pé da letra as suas afirmações e de outros como Müller, pois “de homens que conheceram essa destituição extrema não se pode esperar um depoimento no sentido jurídico do termo, e sim algo entre o lamento, a blasfêmia, a expiação e o esforço de justificativa, de recuperação de si mesmos” (p. 41). Fica subentendido que as narrativas de membros do *Sonderkommando* não deveriam ser levadas tanto em conta, pois o seu testemunho era essencialmente duvidoso. Ainda que haja

elementos de autojustificação em um ou outro testemunho, eles não se prestam a isso. Tomá-los por essa via seria reduzi-los e torná-los supérfluos.

O modo como Levi lidou com o que dizia respeito aos operadores dos fornos crematórios fez com que as suas falas fossem interpretadas por pesquisadores como acusatórias. Não é possível negar que apesar do genuíno interesse de Primo Levi “ele não consegue se aproximar dos *Sonderkommandos* o suficiente para, aos seus olhos, realmente reabilitá-los⁶⁴” (Mesnard, 2010, p. 43, tradução nossa). Se é verdade que a nossa visão sobre a *Shoah* depende das testemunhas que escolhemos como nossas guias (Langer, 1982), há na escrita de Levi uma inclinação às versões que desconfiam dos *Sonderkommandos*. Não podemos negar que o contexto torna historicamente mais compreensível a posição de Primo Levi em relação a esse grupo, pois mesmo após o julgamento de Eichmann⁶⁵ que abriu a possibilidade de testemunhas serem ouvidas de um modo mais ativo, os membros do *Sonderkommando* permaneceram “páreas da memória⁶⁶” (Mesnard, 2015, p. 96, tradução nossa). A despeito de terem tido uma perspectiva testemunhal ímpar, durante décadas eles não foram integrados a nenhuma comunidade memorial que faria com que o seu testemunho fosse ouvido ou que defendesse a singularidade de suas histórias e experiências. O lugar dos homens do *Sonderkommando* ao lado de outras vítimas não estava garantido. É como se esse grupo encarnasse o horror de tal maneira que o fato deles estarem submetidos aos desmandos de terceiros fosse ignorado. Nesse sentido, Chevillon (2015) chama a atenção para um detalhe curioso: as decisões e os planos dos nazistas sobre o que seria feito aos judeus não causaram tanta repulsa quanto as ações daqueles que foram obrigados a executá-las. Executá-las em termos, pois o Zyklon-B e as armas de fogo só estiveram nas mãos dos nazistas que não correriam o risco de colocar esses objetos sob os cuidados de prisioneiros. Por uma espécie de metonímia os agentes forçados viraram símbolo do horror em posição análoga aos que tinham o poder de decisão. Talvez seja mais fácil imputar a esses homens uma monstruosidade do que encarar as verdades inconvenientes e os dilemas bastante humanos que eles tinham a narrar. Uma dessas verdades inoportunas é que ninguém sabe o que de fato faria em posição análoga à deles.

⁶⁴ “Il ne parvient pas à approcher suffisamment les Sonderkommandos pour, à ses yeux, les réhabiliter vraiment.”

⁶⁵ Os membros do *Sonderkommando* não participaram dos julgamentos de Nuremberg ou de Eichmann. A sua presença foi convocada em Cortes que julgaram nazistas de patentes menores que foram conduzidas por países aliados, em especial os “Julgamentos de Auschwitz”, como ficaram conhecidos, realizados em Frankfurt de 1963 a 1965.

⁶⁶ “Parias de la mémoire.”

2.3 Escolha forçada e responsabilidade ética

*Certamente não é verdade que eles não se revoltaram;
viver era resistir, todos os dias, o tempo todo.*
Des Pres, 1976, p. 154.

Na experiência dos *Sonderkommandos* Primo Levi (2016) encontra lugar para o *Befehlsnotstand*, “estado de coação consequente a uma ordem” (p. 46) tão utilizado por perpetradores nazistas levados a juízo. Tal expressão, utilizada por juristas, designa uma pessoa submetida a uma ordem criminosa da qual não pode se desvencilhar sem colocar a própria vida em risco (Langbein, 2004). Há, portanto, nesses casos, o exercício de um poder de corrupção difícil de escapar e que nos coloca diante de uma escolha sem escolha (Langer, 1982) ou, dito de outro modo, em que vigora uma escolha forçada (Lacan, 1998). O que está em questão nesses casos são as alternativas: “obediência imediata ou a morte” (Levi, 2016, p. 46). Em um ambiente extremo como foi Auschwitz, pequenas escolhas podiam ser eventualmente toleradas, porém, palavras como resistência, escolha, liberdade e autonomia adquiriam conotações distintas das que utilizamos na vida comum, o que nos leva a avaliar os limites colocados sobre esses termos quando em conexão à situação de uma escolha forçada, e como tudo isso atua sobre a responsabilidade ética.

Antes de seguir, retomemos a distinção entre a perspectiva nazista do *dever*, que possibilitou a manutenção de sua integridade, e a dos judeus de *poder* suportar o sofrimento infringido pelos nazistas. Resgatamos essa diferenciação apontada no subcapítulo *A racionalidade nazista e a sua linguagem*, a fim de retomar os seus efeitos no que toca a responsabilidade ética. Essa diferença é essencial para a compreensão do uso da expressão *Befehlsnotstand* pelos nazistas e o emprego proposto por Primo Levi. Tal dissimilitude diz respeito a posições éticas divergentes, como buscaremos precisar.

O documentário *Ordinary Men*, ou “Homens comuns” (Oldenburg, 2022), apresenta o esquadrão de fuzilamento nazista que operava em território ocupado. A missão desse grupo, os *Einsatzgruppen* – também referidos como *SS-Sonderkommando* (Crahay, 2015) –, era descrita a princípio de forma genérica. Dizia-se que eram responsáveis pela proteção do território ocupado, o que se mostrava uma atividade muito mais atraente do que servir nos *fronts* de batalha. Muitos dos recrutados para esses grupos eram pessoas comuns, com profissões comuns como carteiros, vendedores ou encanadores. Alguns não eram simpatizantes do nazismo ou hostis aos judeus, outros eram devotos ao *Führer* e aos seus valores. Constituídos a partir de 1939, após a invasão da Polônia, esses grupos foram mantidos em funcionamento até o final da guerra. O treinamento prático era precário, porém, o circuito ideológico que operava há anos na Alemanha recebia nesses agrupamentos

promovidos pelos nazistas uma dose extra de doutrinação. Com isso, se reafirmavam os deveres que organizavam a raça superior e a desumanização dos judeus.

A despeito da alegação inicial a respeito das ações de proteção a serem desempenhadas em território ocupado, esses grupos estiveram envolvidos principalmente na execução, por fuzilamento, da população judaica. Estima-se que dois milhões de pessoas – a maior parte composta por judeus – foram mortas nesses fuzilamentos. Esse é o *forgotten holocaust*, o holocausto esquecido (Oldenburg, 2022). Negar-se a participar das execuções tinha consequências, porém, nada que chegasse à interposição de alguma punição fisicamente severa (Oldenburg, 2022). Significa que, apesar de todo discurso pós-guerra de que os guardas e soldados eram ameaçados de morte caso não cumprissem as determinações superiores, hoje sabe-se que as punições eram de ordem social e não de ameaça às suas vidas. Eram designadas atividades consideradas indesejáveis, como a limpeza das latrinas, àqueles que resistiam aos apelos de adesão aos fuzilamentos. Além disso, eles eram insultados, chamados de covardes e excluídos do convívio social pelos colegas. Apesar do desfecho ser desagradável, especialmente quando se está em missão sem poder se afastar da situação por meses, as punições não resultavam em nenhuma coação à vida.

Há um relato útil para a nossa discussão que se passa com um grupo recém-constituído de *Einsatzgruppen*, em 13 de julho de 1942. Até aquele momento eles desconheciam a verdadeira finalidade da força-tarefa e a ordem chegara com desconforto: atirar em 1.500 homens, mulheres e crianças judias. Sabendo da dificuldade imposta por essa ordem, o oficial responsável possibilitou a retirada dos que não quisessem participar do fuzilamento. Diante de uma determinação tão inesperada e da inexpressiva reação dos colegas, não mais do que uma dúzia de guardas reagiu negativamente. A maior parte deles ficou pelo compromisso ao dever ou pelo receio de sofrer ostracismo. Lembremos que a *Shoah* não foi realizada, necessariamente, em razão do profundo ódio de cada executor pelos judeus. Os alemães, partidários do nazismo ou não, estavam submetidos ao universal já apresentado: “por amor ao *Führer*, matarás os inimigos do povo”, ou a versão, “aja de tal modo que o *Führer*, se souber de sua atitude, a aprove” (Arendt, 1999, p. 153). Na prática, cada homem produziu a sua própria variante dessas frases, de modo a fabricar um amparo para suportar o dever e dar significado aos homicídios que protagonizaram. Isso foi feito de modo que a ação de cada um pudesse ser apresentada a si mesmo como moralmente aceitável. Em razão do trabalho subjetivo de autojustificação alegar total submissão a variações dos imperativos nazistas tinha uma consequência bastante desejável para os perpetradores. Devido à subordinação a essas máximas e às construções correlatas, as ações nazistas podiam prescindir do acompanhamento do *páthos* da cólera, como dito anteriormente.

Com isso queremos dizer que os *Einsatzgruppen* não eram afetados pelas cenas que testemunharam ou pelas súplicas que ouviam? Não, não significa que tais atos não causaram algum tipo de sofrimento e trauma aos nazistas – de outro modo, métodos de assassinato em massa menos custosos não teriam sido desenvolvidos –, mas eles entendiam que tinham o dever de suportar essas provações em nome de um bem maior. Tal perspectiva era tão presente no âmbito nazista que Otto Ohlendorf, a respeito do comando sob suas ordens, teria dito: “meus homens sofreram mais do que as vítimas” (Oldenburg, 2022). Por mais inconcebível e ridícula que essa sentença pareça aos nossos ouvidos, muitos guardas ao fim da guerra se viram duplamente vitimizados: primeiro, eram vítimas do regime nazista que os impeliu a atos de violência; em segundo lugar, se sentiam sacrificados em nome de uma moralidade *ex post factum* e de leis e normas – que visavam condená-los – às quais não estavam sujeitos quando da ocorrência dos assassinatos. A autopiedade prevalecia, pois entendiam que o dever e a lealdade ao *Führer* os desresponsabilizavam.

Há uma eloquente passagem em *Os afogados e os sobreviventes*, em que uma amiga alemã de Primo Levi (2016) relata o que ouviu de uma funcionária que trabalhava em sua casa enquanto ocorriam os processos judiciais contra os nazistas. A funcionária indagava a validade da existência de tais julgamentos e perguntava qual alternativa teriam os guardas diante das ordens que recebiam de seus superiores, e seguiu dizendo: “quando meu marido veio da Polônia, de licença, ele me contou: ‘Quase não fizemos nada a não ser fuzilar judeus: sempre fuzilar judeus. De tanto disparar, meu braço doía’. Mas o que podia ele fazer, se lhe haviam dado aquelas ordens?” (p. 160). Diante de uma ordem que expressava o dever universal de cada homem ariano, todos estavam aos próprios olhos e da comunidade inocentados. Apesar de termos apresentado o relato de um comando dos *Einsatzgruppen*, o nexos serve para outros grupos de executores nazistas. Perante o exposto, podemos inferir que de um modo geral os nazistas não se vincularam subjetivamente aos atos que cometeram. Podemos concluir também que durante os julgamentos o recurso ao *Befehlsnotstand* não tinha a intenção de convencer os juízes a fim de que os carrascos escapassem da condenação, e “sim para apresentarem aos seus próprios olhos a situação nos termos (...) de um conflito trágico” (Agamben, 2008, p.103).

A posição crítica da psicanálise em relação a um universal moral é um dos aspectos que levou Lacan (1998) a formular a sua crítica ao imperativo categórico kantiano no texto *Kant com Sade*. Aqui não pretendemos abordar todos os desdobramentos que esse encontro proposto por Lacan pode ensejar – faremos um breve recorte. A máxima “age de tal maneira que a máxima da tua vontade possa sempre valer como princípio de uma legislação”, diga-se de saída, “não enuncia regra alguma” (Safatle, 2013, pp. 38-39). Vigora no referido enunciado

a obrigação, “um Tu deves incondicional” (Lacan, [1959-1960]/1988, p. 378) que pode ser prontamente substituído pela fantasia do Marquês de Sade do gozo como imperativo. É nesse sentido que “de modo extremo o mundo sadista é concebível – mesmo que ele seja seu avesso e sua caricatura – como uma das efetivações possíveis do mundo governado por uma ética radical, pela ética kantiana” (Lacan, [1959-1960]/1988, p. 101). É desse modo que “o Soberano Bem de Kant se manifesta, na alcova sadeana, sob a presença mesma do agente de tormento que impõe apaticamente ao sujeito, que a ele se submete, o terrível significado do querer ser livre” (Teixeira, 2007, p. 122). Tanto Kant quanto Sade defendiam a obediência cega à lei, seja essa lei baseada na razão prática (Kant) ou na razão naturalizada (Sade), e livre de qualquer *páthos*, como se a lei fosse neutra e imparcial. Por certo não há tal sorte de lei livre de parcialidades e de afetação política, assim como é manifesto que gozar livremente não está acessível a todos.

A ideia de um bem comum não é moral, mas política, tanto que em nome dos princípios abstratos desse bem comum pessoas de determinados grupos são assassinadas. O modelo apresentado pelo documentário *Ordinary men* não deixa dúvida quanto a isso. Existem muitas contradições entre princípios nobres e comportamentos abjetos, apesar de supostamente os últimos se firmarem nos primeiros. Uma verdade difícil de ignorar, em especial quando nos debruçamos sobre o nazismo, é que “a moral pode ser um monstro frio” (Todorov, 2017, p. 167). Infelizmente, o desenvolvimento de influências sobre o psiquismo e o manejo de imagens e paixões que foram utilizados no passado “com sucesso contra nosso julgamento, nossa resolução e nossa unidade moral, darão ensejo a novos abusos do poder” (Lacan, 2003, p. 125). Por isso, temos insistido em observar que é preciso enquanto cultura, mantermo-nos vigilantes e indignados contra a violência das guerras (Freud, [1933]/2020). A ascensão da extrema-direita em vários países do mundo e a eclosão continuada de novas guerras têm mostrado não apenas que a barbárie habita entre nós, mas que ela tem ganhado força – discursiva e material. A violência e a discriminação podem perfeitamente se esconderem sob um verniz ao qual se atribui um bem maior partilhado por um grupo. Foi o que os nazistas fizeram, é o que os “cidadãos de bem”, habitantes de vários países do mundo, têm buscado concretizar.

O contexto encontrado pelos nazistas está em oposição ao dos judeus do *Sonderkommando* cujos testemunhos avaliaremos a partir do próximo capítulo. Considerando que as ações executadas pelos *Sonderkommandos* se deram, com efeito, diante de um *Befehlsnotstand*, para abordar a responsabilidade ética que lhes concerne, começaremos pelas condições em que o seu trabalho foi desempenhado, qual seja, sob coação em que a vida de cada um estava em risco. Lawrence Langer (1982) cunha a expressão *choiceless choice*, ou

“escolha sem escolha”, ao extrair de *É isto um homem?* elementos que, apesar de não terem sido localizados por Levi sob um mesmo guarda-chuva nesse primeiro livro-testemunho, diziam respeito àquilo que, posteriormente, ele nomeará como ‘zona cinzenta’. A partir de um universo em que as dignidades humanas foram corrompidas e os valores morais comprometidos, Langer (1982) apresenta as escolhas sem escolha. Para ele, o crucial não era tanto a opção entre a vida ou a morte, mas a eleição entre uma resposta insólita e outra, ambas impostas aos agentes da ação por uma situação constituída por terceiros. É oferecida às vítimas uma opção que não é, de modo algum, uma escolha entre alternativas válidas, uma vez que as situações no *Lager* não eram governadas por opções seguras. Como sabemos, o uso de força e violência organizava o universo concentracionário e a maioria das ações que ali se desenrolavam. O medo da morte guiava os comportamentos de tal modo que os ideais de conduta não orientavam a ação. Não porque os Campos despertaram impulsos brutais ocultos nas vítimas, mas porque alguns comportamentos pareciam ordinariamente normais e aceitáveis dentro do acinzentado contexto totalitário. O desejo de permanecer vivo associado à ausência de alternativas que permitiriam que cada um tomasse uma decisão pela qual agiria e aceitaria as consequências, mergulhou os deportados em um profundo tumulto moral.

Há muitos exemplos na literatura de teor testemunhal que apresentam a fragilidade no campo de escolhas enfrentada pelos deportados. Por exemplo, a mencionada médica austríaca Ella Lingens-Reiner relata que certa feita conseguiu salvar a vida de uma mulher que seria enviada para as câmaras de gás. Ela colocou a própria vida em risco ao mentir à Divisão Política nazista dizendo que um SS precisava do auxílio de alguém com as habilidades específicas da mulher que almejava salvar. A resposta da Divisão Política foi inesperada: eles poupariam a pessoa designada, mas precisavam que outra fosse enviada à morte em seu lugar (Langer, 1982). A coragem de Lingens-Reiner foi catapultada para um dilema moral em que uma situação de *escolha sem escolha* lhe foi imposta: ela deveria designar uma outra mulher – que antes de sua ação seria poupada – para a morte. Além do risco corrido por Lingens-Reiner não ter sido recompensado, ela precisou determinar quem teria a vida arrebatada naquele dia. Uma outra situação trazida por Langer (1982), bastante eloquente, é a de uma mãe a quem é dada a possibilidade de escolher qual de seus filhos seria poupado. Sim, a *Escolha de Sofia* encontrou a sua materialidade no *Lager*. Assim como no filme dirigido por Alan Pakula (1982), não há como considerar essa uma escolha moral, pois “as alternativas não são difíceis, são impossíveis (...). Como é [possível] uma pessoa sobreviver a qualquer decisão em tal

situação e manter uma aparência de dignidade humana?⁶⁷” (Langer, 1982, p. 86, tradução nossa). O que se evidencia a partir de certos caminhos impostos pelos regimes totalitários é que o processo de desumanização não alcança apenas os muçulmanos, mas, igualmente, cada um que precisou abrir mão de suas balizas morais para sobreviver.

A respeito dos *Sonderkommandos* Langer (1982) reconhece que eles não tinham acesso a escolhas significativas e que não escolheram a degradação na qual se encontravam. A recusa, além de motivar a própria morte, em nada mudaria o destino dos demais judeus. Por essa razão Langer prefere reservar o julgamento moral aos verdadeiros autores desse destino – os nazistas –, e não às vítimas. Os *Sonderkommandos*, avalia, se reencontraram brevemente, durante a revolta de 7 de outubro de 1944, com a escolha de morrer. O seu entendimento sobre essa questão se assemelha ao de Todorov (2017) que considera a escolha pelo momento e meio da própria morte uma afirmação da liberdade e da dignidade humana. A revolta que os *Sonderkommandos* protagonizaram, conclui Langer (1982), “não foi uma afirmação esplêndida de valor interno, mas um protesto vão contra o extermínio iminente. Isto não diminui a coragem desesperada dos envolvidos; mas esclarece a natureza das opções humanas disponíveis⁶⁸” (p. 106, tradução nossa). Os amotinados dos guetos e dos campos de extermínio sabiam que muitos morreriam durante os levantes. De modo que, sempre que houve alguma revolta, o cálculo sobre a possibilidade de morte esteve presente. As considerações lacanianas sobre a escolha forçada e a ação ética, apesar de não estarem vinculadas a uma situação histórica como a *Shoah*, nos colocam questões importantes ao que Primo Levi apresenta como *Befehlsnotstand* e vão mais além das reflexões de Langer (1982), esse referenciado estudioso da *Shoah*. Ultrapassam, inclusive, as reflexões de Langer sobre o juízo a respeito do que fizeram esses homens.

Antes de mais nada, uma advertência: no presente trabalho não faremos distinção entre os termos ética e moral. Não estamos desavisados de que existem autores que aproximam as duas noções a ponto de torná-las quase sinônimas, assim como há autores que defendem haver importantes distinções entre elas (Badiou, 1995). Lacan ([1959-1960]/1988), no Seminário 7, *A ética da psicanálise*, apesar de afirmar não escolher a palavra *ética* por acaso – um termo considerado mais raro –, na sequência diz que é “impossível desconhecer que estamos mergulhados nos problemas morais propriamente ditos” (p. 10). No decorrer do

⁶⁷ “The alternatives are not difficult, they are impossible (...). How is a character to survive any decision in such a situation, and retain a semblance of human dignity?”

⁶⁸ “[...] was not a splendid affirmation off inner value but a vain protest against approaching extermination. This does not diminish the desperate courage of the participants; but it does clarify the nature of the human options available to them.”

referido Seminário, e mesmo ao avaliar o conjunto de seus seminários e escritos, observamos que Lacan intercala os dois termos sem marcar uma clara distinção entre eles, razão pela qual não vemos sentido em fazê-la.

Ao trabalhar a noção de escolha forçada, Lacan ([1964]/1988) lança a hipótese de alguém ter que escolher entre a bolsa ou a vida. Diante de tal interpelação haveria dois caminhos admissíveis com consequências distintas: 1. escolher a bolsa e, com isso, perder tanto a vida quanto a bolsa; 2. escolher a vida, por seu turno, traria como consequência perder a bolsa. A resposta mais óbvia à questão, portanto, seria escolher a vida e deixar a bolsa ser levada. Com esse modelo, Lacan evidencia que, apesar de serem colocadas duas opções, apenas uma é viável. E mesmo assim, tal como pondera Langer (1982), não há escolha vencedora, pois, qualquer que seja o caminho decidido, a perda se fará presente. Trata-se de uma escolha forçosamente perdedora (Lacan, [1967-1968]/inédito). Ao avaliarmos os testemunhos da zona cinzenta podemos inferir que a escolha pela vida implicou, para muitos, em uma necessária perda que se traduziria também em um acinzentamento moral, lido por alguns como um sinal da própria desumanização. Não é possível escolher a vida, em especial naquelas circunstâncias, e sair inteiro ou ileso. Por isso Primo Levi (2016) insistiu em dizer que os melhores entre os prisioneiros, morreram. Os que preservaram os valores pré-*Lager* não conseguiram sobreviver.

Dessa ordem de escolhas Lacan ([1964]/1988) produz variações como “a liberdade ou a vida” (p. 201) em que, do mesmo modo que a bolsa, ao se escolher a liberdade, escolhe-se junto a morte e ao se escolher a vida, perde-se a liberdade. Nesses casos haveria liberdade de escolha? O próprio Lacan ([1966-1967]/2008) responde, “e então, não há escolha!” (p. 336). Estamos diante de uma “*carte forcée*” (Lacan, 1998, p. 657) que designa a carta que os ilusionistas nos forçam a escolher enquanto aparentam dar-nos liberdade de eleição. O prejuízo, portanto, não estaria vinculado somente ao objeto bolsa, à liberdade ou à vida. Há uma perda que se traduz em uma perturbação intrínseca à própria efetuação da escolha. Ou seja, estamos diante de uma “falsa escolha” (Lacan, [1966-1967]/2008, p. 263). Mesmo no que diz respeito à neurose ou à psicose, “não houve escolha” ([1958-1959]/2016, p. 321). A escolha aí acontece apenas “entre aspas” (Lacan, [1957-1958]/1999, p. 192), “o que se chama essa escolha inaugural (...) [é] uma falsa escolha, porque é uma escolha forçada” (Lacan, [1966-1967]/2018, p. 263). A escolha forçada é, ainda, uma expressão paradoxal que designa a escolha quando não se tem escolha, ao mesmo tempo que nos lembra que não há determinismo puro (Miller, 2018a). Quer dizer que, na concepção de escolha forçada, está incluída uma margem, por ínfima que seja, que segue indeterminada e, por isso, passível de que o sujeito faça algo a partir dessa brecha. É nesse sentido que o sujeito em análise opera de

sua determinação simbólica, não sem incluir uma ética subordinada a um fator externo à determinação da estrutura: a dimensão de responsabilidade do sujeito (Teixeira, 1999). É preciso que esteja claro que não negamos o determinismo. O próprio “Lacan não poderia ignorar a existência de uma estrutura de determinação simbólica que pré-existe ao sujeito e que o condiciona, sem que ele dela saiba” (Teixeira, 2010, p. 40). O que ponderamos é que ela não é absoluta, como explicitaremos adiante, e que tal determinação não apaga a questão da responsabilidade do sujeito por sua posição subjetiva. É com esse paradoxo que lidamos no presente trabalho.

Embora as noções de responsabilidade vacilem em nossa época, a psicanálise busca marcar uma inequívoca posição quanto a essa matéria (Lacan, 1998). Em vista disso, nas próximas páginas traremos alguns esclarecimentos sobre o alcance da noção de responsabilidade para a psicanálise que não se confunde com o uso comum ou jurídico do termo. Por exemplo, associar o inconsciente à irresponsabilidade é um erro colossal. Os que acusam o inconsciente de toda a sorte de falhas e lapsos cometidos como se ele fosse um terceiro a quem se pode apontar o dedo acusatório, tentam se esquivar da autoria. A tentativa dos irresponsáveis e canalhas decorre da incapacidade de conseguirem apresentar as próprias motivações ou responder por seus atos (Miller, 1997; Miller, 2006). Não há como dar crédito a um subterfúgio que tenta fazer do inconsciente um álibi a favor da irresponsabilidade. Principalmente quando levamos em conta que a ação moral ou a dimensão ética para a psicanálise está “até um ponto do qual não temos consciência” (Lacan, [1959-1960]/1988, p. 49). Ou seja, está além da consciência. De igual modo, não é possível imaginar que os efeitos do Supereu, essa figura tirânica e “núcleo permanente da consciência moral” (Lacan, [1956-1957]/1995, p. 216), se mostrariam diminuídos na presença de alegações dessa ordem.

Alguém pode perguntar: se o inconsciente não justifica a desresponsabilização e considerando que o Supereu é uma instância moral vigilante e severa, como podemos entender as insistentes alegações de inocência feitas pelos nazistas? Além do mencionado revestimento moral dos atos de atrocidades cometidos a partir da interpretação do dever apresentado pelo imperativo categórico nazista, uma resposta rápida seria: por todo o contexto sociopolítico e cultural da Alemanha, naquele período histórico, fomentado principalmente pela ascensão do nazismo. Essa resposta não contempla toda a complexidade do cenário, nem toca no cinismo que pode se apresentar na alegação de inocência, mas não é possível desconsiderar a centralidade dos nazistas terem atestado a validade da máxima: “tudo o que é novo teve seus preparativos e condições no que veio antes” (Freud, [1939]/2018, p. 32). Pelo uso político que fizeram da linguagem, os nazistas ressaltaram elementos antisemitas, nacionalistas e racistas que já estavam na cultura – como abordamos no primeiro capítulo. O

Supereu de cada um não está desconectado do Supereu-da-cultura do qual o sujeito participa e este último, como vimos, exigia que fosse derramado o sangue da alteridade, em especial, dos judeus. Sem contar que aos assassinos eram feitas equiparações aos heróis míticos, cujo recurso serviu para oferecer “uma carta de nobreza, para elevá-lo socialmente” (Freud, [1939]/2018, p. 22). Os valores morais cultivados e partilhados culturalmente na Alemanha nazista levavam a exigências e a banalizações muito específicas, como temos apresentado. Nos detivemos anteriormente em apresentar a racionalidade e a linguagem nazista, pois a sua incidência sobre os alemães e sobre os judeus, dada a posição antagônica de cada um em relação a esses pontos, gerou efeitos distintos. Inclusive no que toca à responsabilidade ética.

Voltando ao eixo teórico, a vinculação entre a responsabilidade e a indagação por uma resposta a algo que foi dito ou feito é esclarecida ao avaliarmos a origem do termo. Responsabilidade deriva do latim *respondere*, que significa “responder” (Miller, 2006) e tanto a raiz do vocábulo, quanto o uso que Lacan faz dele ao longo de seu ensino, apontam numa mesma direção: uma pessoa considerada responsável é aquela que deve responder por seus atos, inclusive os de linguagem. Espera-se que o sujeito responda por aquilo que lhe parece exterior, mas que o habita em seu núcleo mais íntimo, de tal modo que ele se torna a resposta. O sujeito capaz de responder se faz visível “através da equivalência possibilitada entre ele e a resposta. Ele é uma resposta” (Miller, 1997, p. 337). O que isso quer dizer? Significa que o próprio sujeito é uma resposta na medida em que ele não fala da boca para fora, ou seja, que ele se implica na construção de um saber sobre aquilo que orientou a sua ação.

Alguém poderia indagar se uma coação externa não desmontaria a vinculação entre a ação e a responsabilidade enquanto necessidade de resposta a um ato, enquanto outros poderiam contestar afirmando que o Supereu não adormeceria quando a possibilidade de escolha se mostrasse suspensa. Bem, a culpa e a vergonha anunciadas nos testemunhos de sobreviventes da *Shoah* indicam que a instância moral não se constrange em julgar mesmo em situações que consideraríamos adversas à formação de juízo. É isso que buscamos explicitar ao trazer para o centro da nossa investigação os testemunhos de membros do *Sonderkommando*, bem como as formulações lacanianas sobre responsabilidade e ética.

Os testemunhos do Esquadrão Especial demonstram que a necessidade de responder permanece presente. Não para todos, claro. Sabemos que os que escolheram testemunhar não se sentiam impassíveis por terem as suas ações embaladas por ameaças contra as suas vidas. Talvez, de maneira inconfessa, alguns consideraram que deveriam ter escolhido a morte. Os judeus, diferente dos nazistas, não tinham a que recorrer no sentido de aplacar a instância moral. Ao contrário, eles faziam parte de uma cultura conhecida por registrar e contar histórias difíceis. Os israelitas e, depois, os judeus, “contaram aos filhos de forma direta e

honestas todas as coisas ruins que haviam acontecido: pecado e castigo, derrota e exílio, catástrofe e fuga” (Oz & Oz-Salzberger, 2015, p. 146). Nesse combo, a tradição não esconde, também, as “coisas ruins” que os seus ancestrais protagonizaram e pelas quais os agentes tiveram que responder. Por isso havíamos dito que o heroísmo na cultura judaica se afirma pela ética da responsabilidade, por não se negar a responder.

Em relação à zona cinzenta, o julgamento moral da ação só pode ser ancorado no caso particular, a partir de suas intrínsecas condições de possibilidade e dos valores que organizavam as ações naquele contexto específico. Abraçar essa perspectiva coloca cada um diante de uma ruidosa pergunta, impossível de ser respondida sob uma perspectiva universal – ou melhor, ela é impossível de responder, seja como for. A questão nos é apresentada pelo judeu polonês Henryk Mandelbaum, membro sobrevivente do *Sonderkommando*: “gostaria que você julgasse as minhas ações para me dizer como alguém deveria ter se comportado e como você teria se comportado em meu lugar⁶⁹” (Południak, 2008, p. 105, tradução nossa). Diante desse tipo de questionamento, o universal é colocado sob suspeita. Não se busca saber qual é a regra que melhor representa o bem ou qual resposta poderia ser aplicada a todos os casos, ao contrário, trata-se de interrogar o que cada um faria na situação de ter sido escolhido a integrar o *Sonderkommando*. Essa é a direção que nos interessa, aquela em que as respostas são formuladas em primeira pessoa, ou seja, aquelas que cada um constrói em nome próprio.

Prosseguindo nas elaborações psicanalíticas, em 1950, Lacan acentua a relevância da noção de responsabilidade em uma comunicação intitulada *Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia* (1998). Ele desenvolve o tema nas respostas dadas ao público presente durante a referida transmissão, cujo resumo foi publicado com o título *Premissas a todo desenvolvimento possível da criminologia* (2003). No âmbito da criminologia, nos diz Lacan (2003), a psicanálise teria condições de “revirar as resistências do eu” a fim de “liberar a verdade do ato” (p. 129) e, com isso, afastar os elementos que comprometeriam a responsabilidade, “sem a qual a experiência humana não comporta nenhum progresso” (p. 131). Esse é um ponto importante na formulação lacaniana que toca o presente estudo, dado que se supõe que “o homem se faça reconhecer por seus semelhantes pelos atos cuja responsabilidade ele assume” (Lacan, 2003, p. 127). Ao abordar a criminologia, o interesse de Lacan não estava depositado no crime propriamente dito, mas na relação do agente com o seu ato e a devida consequência, de modo a não o alienar em si mesmo e tampouco excluí-lo da comunidade humana. No universo concentracionário, em que os deportados passaram por um

⁶⁹ “I would like you to judge my actions so as to tell me how one should have behaved and you would have behaved in my place.”

longo e terrível processo de desumanização, acolher a resposta daqueles que se dispuseram a dá-la é reconhecer que, mesmo depois de tudo o que passaram e daquilo que tiveram que fazer, eles ainda podem se sentar à mesa dos homens. No caso dos membros do *Sonderkommando*, a resposta que muitos buscaram formular dizia respeito ao porquê de terem lutado por suas vidas naquelas condições.

E “se a criminologia é tão interessante para a psicanálise é porque levanta o problema de saber se a doença mental suspende o sujeito do direito⁷⁰” (Miller, 2006, p. 125, tradução nossa). Não entraremos nas questões próprias ao Direito ou à criminologia, mas podemos dizer que – tal como fora indicado por Lacan – trabalhos acadêmicos⁷¹ e práticas psicanalíticas⁷² têm fomentado respostas afirmativas sobre a doença mental não suspender, necessariamente, a possibilidade de alguns loucos infratores responderem por seus atos. Aliás, uma espécie de tratamento para o criminoso pode vir de “uma integração (...) de sua verdadeira responsabilidade” (Lacan, 2003, p. 128). Esse cenário de possibilidade não se apresenta apenas sob guarida e acompanhamento psicanalítico. O caso do jovem francês Pierre Rivière, por exemplo, reforça a noção de que pode existir, por parte do “alienado mental”, uma solicitação de pronunciamento da lei na forma de uma punição. De acordo com a legislação francesa em vigor em 1835 – ano em que Rivière degolou a mãe, o irmão e a irmã –, a consequência para o crime que cometera era a pena de morte. Durante o julgamento foi solicitada uma declaração referente aos fatos que o levaram aos assassinatos. Ao final da longa declaração, argumentou: “agora que dei a conhecer toda a minha monstruosidade, e que foram dadas todas as explicações de meu crime, eu aguardo o destino que me é reservado, conheço o artigo do Código Penal referente ao parricídio, eu o aceito para expiação de minhas culpas”, e encerra o manuscrito declarando: “aguardo a pena que mereço e o dia que deve pôr fim a todos os meus remorsos” (Foucault, 2007, p. 112). Apesar do que previa a legislação e da concordância que expressou com a pena, considerando o seu “estado de alienação mental”, Rivière foi condenado, em 1836, à prisão perpétua no lugar da execução. Insatisfeito com o resultado de seu julgamento e, dada a piora de seu quadro, quatro anos após o encarceramento, Rivière, que já se sentia morto, aplica uma autopunição: ele se enforca na prisão (Foucault, 2007).

⁷⁰ “Si para el psicoanálisis es tan interesante la criminología es porque plantea el problema de si la enfermedad mental llega a suspender el sujeto de derecho.”

⁷¹ Por exemplo: a tese de Maria José Salum, intitulada *A psicanálise e o crime: causa e responsabilidade nos atos criminosos, agressões e violência na clínica psicanalítica contemporânea*, defendida em 2009.

⁷² Por exemplo: a atuação desenvolvida no Programa de Atenção Integral ao Paciente Judiciário Portador de Sofrimento Mental – PAI-PJ, do tribunal de Justiça de Minas Gerais (Barros-Brisset, 2010).

A busca por uma resposta a um ato criminoso não aparece apenas em situações em que há uma construção delirante, como ocorreu com Pierre Rivière. Mesmo diante de uma passagem ao ato *kakon*⁷³, em que o agente da ação se encontra fora da cena, podemos esbarrar em uma tentativa de vinculação entre o ator e o ato, ou seja, um movimento de responsabilização. Althusser foi capaz de testemunhá-lo (Gerber, 2018). Mesmo sem se sentir culpado pelo assassinato que protagonizara, ele almejava responder. O que se busca arrazoar a partir da introdução desses elementos, aparentemente tão desconexos à nossa investigação, é que a lei jurídica e as elaborações filosóficas são insuficientes para apaziguar uma responsabilidade subjetiva – essa, justamente, nos interessa. Isso porque não é o ordenamento jurídico que garante a responsabilização de um agente pelo seu ato. No máximo, ela pode afirmar se é possível responsabilizar juridicamente alguém. De tal modo que alguém pode ser obrigado a cumprir uma pena, sem assentir com ela. Por outro lado, mesmo quando o ordenamento jurídico considera um agente inimputável, ele pode solicitar o pagamento da dívida que contraiu com a cultura por meio de seu ato.

Os textos citados sobre criminologia deixam evidente que não há necessária coincidência ou sobreposição entre a responsabilização subjetiva e a responsabilidade penal. Por tudo isso, Lacan ([1956-1957]/1995 e [1959-1960]/1988) pondera que a lei não é apenas aquilo que é estabelecido pela comunidade dos homens e pelas obrigações que organizam os laços sociais, mas também algo que se baseia na lei do inconsciente, no Real. É do Real que se inscreve o núcleo da consciência moral, o Supereu. De resto, a racionalização consciente sobre determinada norma não exclui, a princípio, um julgamento moral e o surgimento de afetos correlatos capazes de convocar o sujeito a responder por determinado ato que ele não escolheu ou, sequer, praticou. Quer dizer que, ainda que alguém concorde que não há vinculação moral por atos cometidos sob coerção, ou mesmo que admita não ser razoável sentir culpa ou vergonha por um ato não realizado em condições de liberdade, esses afetos podem surgir como resposta à instância da consciência moral, nem sempre, propriamente dita, consciente. Por não se tratar, impreterivelmente, de atender ou não ao ordenamento jurídico, a resposta que o sujeito dará e a consequência que ele assumirá pelos seus atos podem ser apresentadas das mais diversas formas, a depender dos recursos que ele pode lançar mão. Por fim, assim como o Direito não esgota a questão da saúde mental em relação à criminologia, ele também não exaure o problema de Auschwitz, de modo que a remissão desses casos a um

⁷³ *kakon* faz referência ao mal que invade o sujeito psicótico e é projetado para fora. Na tentativa de se livrar desse mal que retorna desde fora, a violência emergiria, buscando-se matar esse mal e, dessa forma, a própria enfermidade. Essa reação inadaptada pode se apresentar como um suicídio ou homicídio na qual o sujeito não entende o que acontece e nem reconhece quem se busca atingir (Dutra, 2000; Santiago, 2001).

conjunto de procedimentos formais não possibilitaria avanços sobre o tensionamento que eles apresentam (Agamben, 2008).

Trazemos esses apontamentos sobre psicanálise e criminologia não porque os testemunhos dos membros do *Sonderkommando* pertencem a esse universo, mas para destacar que, desde o início do ensino de Lacan, e, mesmo em condições de perturbação da consciência, se assim podemos chamar, 1. a responsabilidade não é escanteada; 2. há o entendimento de que o ordenamento jurídico não tem condições de fornecer todas as coordenadas para a análise das responsabilidades subjetivas; 3. para a psicanálise, a plena consciência ou a autonomia integral não são requisitos necessários para que alguém responda; 4. acolher as respostas que os sujeitos são capazes de formular a respeito de seus atos, é garantir o seu lugar na comunidade humana. Apesar dos dois primeiros capítulos serem dedicados a questões históricas e teórico-conceituais, a sua escrita se deu a partir da leitura pregressa dos testemunhos de membros do *Sonderkommando*. Por isso reafirmamos que tais testemunhos foram escritos por pessoas que não se desculpavam do que não puderam se desvencilhar e, como sujeitos que se pretendem responsáveis, vieram “justamente para responder e testemunhar isso” (Miller, 1997, p. 339).

Avaliamos argumentos contrários ao julgamento de judeus que vagavam pela zona cinzenta, porém, há aqui um vislumbre de possibilidade de fazê-lo. A chance de alcançar tal intento é presumível uma vez que a psicanálise, ao colocar “as determinações subjetivas sob o domínio do inconsciente, introduz questões que subvertem o modo de enxergar a ética e a política” (Pinto, 2008, p. 68). Se, por um lado, o julgamento moral a partir de regras normativas é desencorajado, por outro, é preciso encará-lo com franqueza e julgar – não necessariamente as pessoas, mas os argumentos utilizados para se justificarem, como fora sugerido (Arendt, 2016). Ou seja, julgá-las pelo modo como afirmam o seu assentimento ao ato que protagonizaram, levando em conta as consequências de suas ações. Consequências que só são reveladas *a posteriori* e só podem ser consideradas quando se leva em conta o campo do Outro. Esse ponto nos interessa particularmente, pois a dimensão ética existe por não sabermos de tudo *a priori* e, mesmo assim, termos que lidar com as consequências (Miller, 1999) – a angústia do ato reside justamente nisso. A ética que nos interessa, pode-se dizer, é a que sustenta “um juízo sobre nossa ação” (Lacan, [1959-1960]/1988, p. 373), pois a essência de qualquer reflexão ética, para a psicanálise, inclui o problema da ação. A ética das consequências não recua diante do juízo porque conserva o interesse pelo sentido que o sujeito dá aos seus atos.

Já dissemos que a consciência não é um fator necessário para alguém se responsabilizar pelo que disse ou fez, apontamos também que a autonomia segue a mesma

marcha, mas sobre ela cabe ainda uma parte. A ideia de plena autonomia do sujeito, própria do discurso moderno, faz parte do “mito da lei moral” (Lacan, [1962-1963]/2005, p. 167). Ela não passa de um discurso delirante (Lacan, [1953-1954]/1988), pois não é possível conceber a lei moral recusando o seu caráter heterônomo, ou seja, de subordinação a fatores externos. Diante da oposição entre autonomia ou heteronomia do Eu, Isso e Supereu, Lacan (1998) propõe um terceiro termo, a *paranomia*, a partir do qual se estabelecem as relações de interdependência de “heteronomias limitadas a autonomies relativas” (p. 663). O termo grego recuperado por Lacan, *παρὰνομία*, significa “1. violação da lei *ou* da ordem; transgressão; contravenção; ilegalidade; delito 2. Desvio dos usos e costumes; anomalia; singularidade” (Malhadas, Dezotti & Neves, p. 793). Ao se valer desse verbete, Lacan indica que nem o termo autonomia e tampouco o vocábulo heteronomia valem como leis invioláveis quando abordamos o aparelho psíquico, ou seja, tanto a heteronomia quanto a autonomia encontram na paranomia um furo, uma limitação da ação. Parece que é nesse sentido que não há determinismo puro, como havíamos dito.

A referida lacuna no determinismo, a partir da qual a ética da psicanálise intervém, diz respeito a quê? À incidência do Real e “é na medida em que o real não é de acesso fácil, digamos, que ele é para nós a referência em torno da qual deve girar a revisão do problema da ética” (Lacan, [1968-1969]/2008, p. 186). Por se orientar na referência do homem ao Real, tal ética, desde Freud, conduz a um ponto que inclui o sem sentido e o não saber. Por isso temos apostado que essa é uma ética capaz de abordar a experiência cinzenta marcada pelo Real do trauma. Como é possível deduzir a partir da referência ao Real, a ética da psicanálise não diz respeito à etiqueta (Lacan, 2003), nem ao adestramento dos hábitos ou à busca da felicidade (Lacan, [1959-1960]/1988), tampouco ao bem-estar ou ao Bem Supremo (Lacan, [1960-1961]/2010). Existe uma “impossibilidade de definir o bem como objeto da vontade moral” (Teixeira, 2007, p. 115). Aliás, também desde Freud a teoria moral está em “contradição fundamental com o princípio hedonista” (Lacan, [1958-1959]/2016, p. 385) ou mesmo harmônico e otimista do mundo. Com efeito, Lacan afirma que a tese freudiana sobre a ética ou lei moral se posiciona contra o prazer, pois o peso está para *além do princípio do prazer*, no Real. Isso coloca a moral como impossível de ser generalizada ou universalizada.

A partir da ideia de limite apresentada pela paranomia propomos considerar que, em relação às escolhas na zona cinzenta, a mesma limitação operava. Quer dizer que não havia ampla liberdade e nem uma toda-dominação pelos nazistas. Isto é, havia um mínimo de autogoverno possível. Apesar de todos os esforços dos regimes totalitários de controlar todo e qualquer aspecto da vida em comunidade, a determinação operada por eles, de maneira nenhuma, pode ser absoluta (Todorov, 2017). Uma contingência qualquer poderia viabilizar

um desvio, uma insurgência. Os deportados entendiam que havia uma brecha, eles sabiam que havia alguma margem e foi em razão disso que auxiliaram na subsistência de prisioneiros de outros blocos, que deram suporte a fugas, que deixaram os *Scrolls* e dentes enterrados entre os fornos crematórios e, também por compreenderem que o *Befehlsnotstand* não era absoluto, eles não puderam de todo se desculpar.

É interessante que os termos singularidade e transgressão surjam na rede significativa relacionada à paranomia, pois o encontro desses elementos nos remete à heresia à qual Lacan ([1959-1960]/1988) fez referência ao refletir sobre as questões concernentes ao conflito entre liberdade e graça na experiência religiosa. Naquele contexto, ele equipara a história das escolhas à heresia, posto que as escolhas/heresias contemplam as direções éticas e a psicologia do ato. O vínculo das palavras heresia e escolha é esclarecido ao examinarmos a sua etiologia. Heresia deriva do latim *haeresis*, que, por sua vez, é proveniente do grego αἵρεσις, que expressa a ação de fazer uma escolha (Lacan, [1975-1976]/2007). Historicamente, o tipo de escolha que marca a heresia é a de se posicionar de modo distinto ao da maioria, colocando-se em relação à ortodoxia como desviante. A heresia lacaniana, no entanto, é paradoxal, pois reside no ato de escolher a partir do que foi imposto, mas sobre a via canônica requer que se imprima uma marca singular (Tavares, 2010a). Ou seja, a heresia é encontrada na assunção daquilo que está posto de antemão, porém, não se trata de uma submissão absoluta à determinação prescrita. Espera-se que o sujeito seja capaz de colocar, naquilo que o determina, algo de si. Quer dizer que, trata-se de “encontrar, no interior da estrutura, e não passando ao largo dela, o princípio de subversão que a coloca em movimento” (Teixeira, 2010, p.41). Sob esse olhar, do ponto de vista ético, o sujeito deve ser concebido “enquanto instância de resposta à determinação que ele recebe” (Teixeira, 1999, p. 28).

Antes de trazermos novos elementos que compõem a formulação psicanalítica sobre a responsabilidade ética, observemos que, até aqui, argumentamos que 1. A escolha forçada é uma falsa escolha, em que se perde algo para se preservar a vida; 2. A paranomia testemunha que não há determinismo puro; 3. A autonomia não é requisito necessário para avaliarmos as responsabilidades, tampouco o ordenamento jurídico é suficiente; 4. O Supereu não está desconectado do Supereu-da-cultura; 5. Acolher as respostas formuladas por um sujeito dividido em relação ao ato que praticou pode humanizá-lo; 6. Ser responsável é responder por seus atos e o próprio sujeito é a resposta ao ato que praticou, na medida em que se implica no que fez; 7. A psicanálise acolhe elementos decisivos para a formulação da sua ética: o inconsciente e o Real; 8. Por se orientar pelo Real, a ética psicanalítica opera *para além do princípio do prazer* e não adere ao imperativo categórico kantiano; 9. Apesar de não se guiar por uma perspectiva universalizante, a ética da psicanálise se vincula ao Outro; 10. O

juízo moral da ação deve se ancorar no caso particular; 11. A ética da psicanálise é uma ética das consequências que são apresentadas no campo do Outro; 12. Em relação à escolha forçada, a heresia intervém de modo paradoxal ao apontar para uma escolha que assume o que foi imposto, mas não plenamente, não sem adicionar a marca singular daquele que escolhe de uma boa maneira.

Retomemos a questão da responsabilidade, desta feita, a partir de uma formulação proferida em 1965, durante uma exposição conhecida como *A ciência e a verdade*. Tomamos a sentença de Lacan como um axioma, ou seja, como um postulado evidente que dispensaria demonstração e que permite importantes inferências. O referido enunciado axiomático é: “por nossa posição de sujeito, sempre somos responsáveis” (Lacan, 1998, p. 873). A responsabilidade não comportaria exceção, pois o advérbio *sempre* marca o registro constante na totalidade do tempo em todos os casos. Logo, invariavelmente presente. Tópico que o próprio Lacan evoca sob a rubrica de um terrorismo e que Miller (1997) considerou uma frase terrível. Ainda que haja leituras dissonantes sobre esse enunciado lacaniano (Eildesztejn, 2021), tomamos a sentença a partir da lógica da responsabilidade subjetiva – também chamada de responsabilização. No Seminário 11, *Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan afirma que “nada se centra convenientemente senão a partir da posição de sujeito” (p. 233). Essa posição de sujeito, ele esclarece, diz respeito às posições subjetivas da existência, do ser. Com esse comentário se esclarece para que direção a questão se encaminha.

A responsabilização diz respeito ao assentimento subjetivo que se distingue da noção de consentimento. Enquanto o consentimento aponta para a concordância ou aprovação de uma proposição, a partir de inferências racionais, o assentimento – termo usado por Lacan tanto no texto em análise quanto na transmissão sobre a criminologia (Lacan, 1998) – implica em uma adesão subjetiva e, portanto, está no campo da crença (Carvalho & Barros, 2017). Lacan ([1965-1966]/inédito) sugere que o assentimento passa pelo credo ao fazer referência ao *Ensaio a favor de uma gramática do assentimento* do Cardeal John Henry Newman, cujo trabalho, afirma, foi utilizado para fins execráveis, mas do qual reconhece o peso. Em seu ensaio, Newman (2005) afirma que “ao assentirmos, não inferimos e, ao duvidarmos, não podemos assentir” (p. 37). O assentimento designa, portanto, “uma precipitação do sujeito em direção a uma afirmação tomada por verdadeira, sem que se faça necessária uma argumentação lógica, tendo afinidade com um ato da vontade que impele o sujeito a aderir à proposição em causa” (Carvalho & Barros, 2017, p. 123). É algo ao qual o sujeito se vincula por acreditar que, nos termos que compõe determinada proposição, há uma verdade. Quer dizer que, para assentir, não é necessária uma longa argumentação, porém, é capital que o sujeito reconheça algum sentido na formulação. O assentimento que interessa ao presente

trabalho é o que o sujeito dá entre a causa de seu ato e a respectiva consequência. A construção da resposta de um sujeito deve partir de sua vinculação à causa de um acontecimento – a sua própria ação – e não à sua intenção (Miller, 1999). Logo, o sujeito não responde pela sua pretensão, mas pelas consequências concretas que o seu ato desencadeou no campo do Outro. Os erros encabeçados pelos homens de boa-fé, diz Lacan (1998) são imperdoáveis, pois, assim como fazem os canalhas, estes tentam se esquivar dos efeitos não premeditados de seus atos alegando a dignidade e decência de sua intenção. Mas a psicanálise, segue Lacan (1998), “exclui a ternura da bela alma” (p. 873). Ou seja, a pureza da intenção não interfere no cálculo sobre a responsabilidade do sujeito por aquilo que a sua ação produz, “posto que agir é essencialmente aceitar e calcular riscos provocados pelo ato sobre a realidade que não se encontra integralmente sob (...) domínio” (Teixeira, 2010, p. 42). Desconsiderar tais efeitos produz consequências catastróficas (Miller, 1999), como o nazismo bem o demonstrou. O papel do assentimento subjetivo diante desses elementos – causa/ação e consequência/efeito – ficará mais claro quando avaliarmos a análise lacaniana do *Wo Es war, soll Ich werden* freudiano.

Ainda em *A ciência e a verdade*, Lacan (1998) evoca o *Wo Es war, soll Ich werden*, ao apontar a divisão do sujeito entre saber e verdade. O *Ich* freudiano é transformado por Lacan em sujeito (Miller, 2006), de modo que, nessa ocasião, ele traduz a sentença em alemão da seguinte maneira: “lá onde isso estava, lá, como sujeito, devo [eu] advir” (Lacan, 1998, p. 878). Pedro Heliodoro Tavares (2010b), tradutor de Freud, apresenta algumas possibilidades de tradução desse enunciado, viabilizadas pelas equívocos produzidos pelos termos que compõem o célebre aforismo freudiano. Apesar das possibilidades de arranjos e versões admissíveis, ele considera que uma proposta de tradução adequada deve considerar que “de um falante, espera-se que, não diga “meu Eu”, mas diga-se *eu* e enquanto *eu* torne-se advertido d’isso que também não é estranho ainda que não-sabido, que procure escutar *isso* que fala em si” (Tavares, 2010b, p. 9). Lacan manipulou a proposição freudiana de diversas maneiras ao longo dos anos, mas preservou uma certa estrutura lógica. Traremos alguns desenvolvimentos sustentados por ele, a partir de alguns termos que compõem a oração, a fim de melhor compreender como essa afirmativa pode favorecer a presente investigação.

Lacan (1998) destaca que o *Es* (Isso) está nos bastidores das escolhas fatais que se manifestam no casamento e na profissão, por exemplo, bem como no crime, “como uma revelação das figuras do destino” (p. 150). Esse *Es* “pode se definir por tudo o que, no discurso, não é Eu (*Je*), quer dizer, precisamente, por todo o resto da estrutura gramatical” (Lacan, [1967-1968]/inédito, p. 180) que o sujeito articula. Esse termo (*Es*) é identificado como “desprovido de qualquer *das* [artigo definido] ou de qualquer outro artigo objetivante”

(Lacan, 1998, p. 418) e, justamente “nesse lugar de impessoalidade, o sujeito [*Ich*] tem o dever de vir” (Lacan, [1962-1963]/2005, p. 345). Se bem observarmos a locução freudiana, ela não introduz artigos definidos nem para o *Isso* e nem para o *Eu*, não se trata de “*Wo Es war, soll das Ich werden*”. Apesar da ausência de artigo definido nos dois termos, Lacan chama a atenção, especificamente, para a sua ausência em referência ao *Isso*, por quê? Com isso, Lacan parece destacar a necessidade do *Eu* assumir a impessoalidade do *Isso*. Talvez até mais do que isso, pois ele certamente não desconhecia o entendimento freudiano de que os eventos psíquicos do *Isso*, sempre inconscientes, operam a partir de leis distintas das que prevalecem no *Eu* (Freud, [1939]/2018). Ousamos dizer que no *Wo Es war, soll Ich werden* está implícita a responsabilidade do *Eu* se apropriar das leis do *Isso*. Realizar esse deslocamento é um imperativo – dever/*soll* –, um esforço ético que o sujeito faz no sentido de subjetivar o *Es* que, a princípio, não se apresenta como algo próprio, pessoal (Miller, 1997).

O verdadeiro dever – o dever moral – não se presta a ir contra o imperativo inconsciente. Em verdade, ele é uma “justificação daquilo que se apresenta com um sentimento imediato de obrigação, a justificação do dever como tal” (Lacan, [1959-1960]/1988, p. 17). A justificação aqui vale por uma subjetivação. Nessa construção o “sujeito está aí para ser reencontrado, aí onde estava (...) o real” (Lacan, [1964]/1985, p. 47). Trata-se de um reconhecimento retroativo da determinação que gera uma responsabilização solidária àquilo que estava em causação. A responsabilização se traduz pelo dever de subjetivar. É preciso subjetivar *Isso*, mas não a partir de uma perspectiva psicológica ou do desenvolvimento, nos adverte Lacan ([1962-1963]/2005). Isso implica que, no processo de incorporação das leis do *Isso*, o *Eu* precisa do contexto que o Outro, enquanto elemento da linguagem e da cultura, pode fornecer. Por não prescindir do Outro no transcurso da subjetivação do que está em causa no ato do sujeito, dizemos que, apesar de não se firmar no universal, a ética da psicanálise não pode ser confundida com uma ética individualista (Lacan, 1998). Desde Freud ([1939]/2018), parte dos preceitos da ética se justificam “pela necessidade de delimitar os direitos da comunidade ante o indivíduo, os direitos do indivíduo ante a sociedade e os dos indivíduos reciprocamente” (p. 168). Os textos sobre a criminologia também acenam para o entendimento de que a ética não é pensável sem o Outro.

É certo que, dos inúmeros atos que o sujeito produzir ao longo da vida – sejam eles de linguagem ou não –, nem todos demandarão uma subjetivação do *Isso* pelo *Eu*. Quais, então, levarão o sujeito a se interrogar e a ter que assentir com uma causa que lhe parece exterior? Lacan ([1964]/1988) responde: “só existe causa para o que manca” (p. 27), ou seja, o sujeito se interroga sobre a causa na medida em que algo falha, claudica. Quando algo que ele diz, ou faz, soa como um *nonsense* em relação ao seu sentido comum, é que se interroga o *Isso*

(Lacan, [1957-1958]/1999) porque é o inconsciente que “intervém na escolha dos elementos da cadeia significante” (Lacan, [1958-1959]/2016, p. 157) que aparecem como um tropeço. A mancada diz respeito à impossibilidade do sujeito localizar e nomear apropriadamente o que, realmente, vale para ele e aquilo que o orienta. Algo que, em um primeiro momento, ele não consegue integralizar ao Eu. Por não saber, a princípio, o que causou o seu tropeço, mas por assentir que *Isso* lhe diz respeito, o sujeito se coloca a trabalho.

A lei moral é o que age na operação de “qualquer intervenção do significante: nomeadamente, do sujeito da enunciação para o sujeito do enunciado” (Lacan, 1998, p. 791). Ou seja, na passagem da verdade ao saber. Como anunciado, o *Wo Es war, soll Ich werden* indica a divisão entre saber e verdade. Essa asserção parte do entendimento de que há uma dupla inscrição que não imprime do mesmo lado da fita, por assim dizer, a verdade e o saber posto em prática. Começamos pela verdade. A verdade diz respeito ao inconsciente, ao real, à enunciação, a *Es* (*Isso*). Por orbitar essa constelação significante, a verdade que está na causa do sentido dado ao mundo do sujeito é tida como estrangeira (Teixeira, 1999). Considerando o atributo de estrangeiridade, a verdade, cabe ainda dizer, “não é um dado que se possa captar em sua inércia, mas uma dialética em marcha” (Lacan, 1998, p. 146). Ela só pode ser enunciada pela referência à ficção, como apontado por Lacan repetidas vezes em seu ensino. Inclusive, quando tratamos do testemunho do trauma, a ficção, como artifício para fisgar uma verdade, já estava presente. De que verdade estamos falando? Da verdade histórica (Freud, [1939]/2018), aquela que não é apresentada, necessariamente, pela realidade material, mas pela realidade psíquica inconsciente. A verdade histórica diz respeito ao “modo como cada um articula a própria história à realidade” (Fuks, 2014, p. 61). A verdade conserva uma fidelidade ao evento que lhe deu lugar (Badiou, 1994), ela é historicizada. Ela pode despontar na medida em que o sujeito fala, pois a partir da operação de linguagem é que se pode alcançar um sentido para o seu ato. Não podemos esquecer que a “inconsciência” do sujeito do inconsciente, esse ponto que anuncia a verdade, “não pede outra coisa senão passar para o saber” (Lacan, [1958-1959]/2016, p. 32). Por demandar investimento na produção significante, Lacan ([1964-1965]/inédito) afirmou que o *Wo Es war, soll Ich werden* substancializa a história do “sujeito falante” (p. 229). Quer dizer que, no esforço de produzir uma significação ao que opera desde a cena inconsciente, o sujeito precisa manejar a cadeia linguageira em conexão às suas vivências, com isso, a sua própria história ganha materialidade e é corporificada. A verdade está no verso da fita.

A construção de saber é necessária porque o sujeito “sabe sem saber⁷⁴” (Lacan, [1976-1977]/inédito, p. 21, tradução nossa). Por isso dizemos que a *práxis* da dimensão ética relacionada ao saber é relativa à construção *ex nihilo*⁷⁵, dado que o saber se ergue “sobre um fundo de ignorância” (Lacan, [1959-1960]/1988, p. 210). Trata-se de um saber que se constrói parcialmente, pois, nesse processo, sempre haverá um significante faltoso e qualquer produção será erguida com as peças que estão ao alcance das mãos, ou melhor dizendo, com os fragmentos que são escolhidos da realidade. Por isso o saber construído não se confunde com o conhecimento produzido por meio da razão (Lacan, [1967-1968]/inédito). Trata-se, ao contrário, de uma espécie de saber-viver ou saber-fazer com o que está para além da razão. Seria algo também de um “saber haver-se” (Lacan, [1968-1969]/2008, p. 202) com a verdade, com o real, com o gozo, com o objeto a. São muitos os nomes que Lacan dá a *Isso* que do inconsciente pede passagem. A ética da psicanálise sendo orientada pelo real pode ser situada pelo bem-dizer (Lacan, 2003), num esforço de apreensão da verdade que não se deixa de todo encapsular pelo significante. Isso porque, ao tentar situar o real pela linguagem, a verdade não pode ser mais do que meio-dita (Lacan, [1973-1974]/2018). Tanto o bem-dizer quanto saber-fazer são marcadores que orientam a questão da ética da psicanálise.

A despeito da separação entre saber e verdade, esses elementos não estão desconectados, visto que a mistura dessas inscrições se resolve “na topologia: estava ao alcance da mão uma superfície em que o direito e o avesso acham-se em condições de se juntar por toda parte” (Lacan, 1998, p. 878). Lacan não esclarece a qual figura topológica ele se refere nessa passagem. Embora não esteja dito, parece haver alusão à banda de *Moebius*⁷⁶ que proporcionaria a torção da marcha na direção da verdade ao saber. A responsabilidade ética passa, justamente, por marchar sobre o caminho entre a verdade e o saber, conectando-os. Nessa mesma direção aponta a afirmativa lacaniana de que “só se é responsável na medida de seu *savoir-faire*⁷⁷” (Lacan, [1975-1976]/2007, p. 59). Ser responsável não é repetir ortodoxamente uma fórmula, só é possível sê-lo na medida em que se opera, hereticamente, um saber-fazer com aquilo que não se pode mudar, que inclui, necessariamente, o real, em uma tentativa de alcançar uma verdade. Os judeus do *Sonderkommando* ao assumirem a autoria das ações por si executadas, não responderam por uma perspectiva universal, ou

⁷⁴ “sait sans savoir.”

⁷⁵ *Ex nihilo* significa: “a partir do nada”. Poderíamos acrescentar que uma criação *ex nihilo* se dá a partir de nada além do significante (Lacan, [1972-1973]/1985).

⁷⁶ A fita de Möbius é uma figura topológica obtida pela colagem das duas extremidades de uma fita, após operar meia volta (180°) em uma das pontas.

⁷⁷ Em nota de tradução do Seminário 23, *O sinthoma*, esclarece-se que a expressão *savoir-faire*, datada de 1617, caracteriza a habilidade de lançar mão de ações tão maleáveis quanto precisas para se obter êxito (Lacan, [1975-1976]/2007).

mediados por convenções gerais. Foi preciso que cada um encontrasse a verdade de sua própria voz para tomar a palavra em testemunho.

Porque cada um responde de acordo com os recursos que possui, no intervalo encontrado dentro da escolha forçada, a ética inclui não uma verdade universal, mas um “trabalho que faz advir a este mundo *algumas* verdades” (Badiou, 1995, p. 42). É a partir dessa operação de reintegração e reconhecimento que o sujeito reagrega a sua experiência (Lacan [1954-1955]/1985). Disso pode surgir, ao final da operação, a constatação de “*tu és isto*” que marca “a assunção autêntica e plena do sujeito em sua própria fala (...) [e] que o sujeito reconheça onde está” (Lacan, [1957-1958]/1999, p. 521). Ou, dito de outro modo, a operação na relação entre *Es* e *Ich*, pode resultar em, “tal como exprime a fórmula antiga: *Genoi, oíos essi*” (Lacan, 1998, p. 179) – torne-se quem tu és. Assim, novamente estamos diante de um gesto que, para constituir o sujeito, inclui, na realidade subjetivada, a postulação como livre escolha daquilo que foi forçado. Isto é, o que o sujeito encontra como realidade dada, ele subjetiva como realidade produzida, como realidade positivada que pode ser expressa em um *é assim* ou *eu fiz* ou *eu disse...* É desse modo que o *Es* e as suas leis dão testemunho de sua integração ao *Ich*.

Porquanto é preciso fazer a transposição da verdade ao saber, só é possível interrogar o sujeito a partir da fórmula *Wo Es war, soll Ich werden*, se o fizermos *nachträglich*. O *nachträglich* freudiano, que Lacan (1998) nomeia como *après-coup*, ou *a posteriori*, como usamos em português, é considerado a “estrutura temporal de ordem mais elevada” (p. 853), que permite o acesso àquilo que se coloca em causa e que viabiliza um contorno outro. É no *só depois*, “que a mensagem toma forma” (Lacan, [1958-1959]/2016, p. 22) e “que o sentido se destaca. Sem dúvida, a escolha já se fez na passagem, mas o sentido só se apreende quando os significantes sucessivamente empilhados vêm tomar seus lugares, cada um por sua vez” (Lacan, [1960-1961]/2010, p. 299). É pelo fato de haver um assentimento subjetivo, seguido de um engajamento pela fala, ainda que titubeante e confusa, que, atrás do ato – ou seja, num segundo tempo –, algo se produz e se deixa pegar nas tramas significantes (Lacan, [1961-1962]/2003).

Só por meio de um trabalho *a posteriori* é possível adentrar o plano ético e, com isso, alcançar os efeitos de sujeito. É só depois que um saber pode ser bem-dito a fim de tocar uma verdade e que um saber-fazer é constituído. Nas notas do *Seminário 23 – o Sinthoma*, Miller apresenta um trecho da obra de Elena Petrovna Blavátskaya, na qual um personagem testemunha uma retificação subjetiva, um tanto ilustrativa. Na passagem em questão, ele reconhece ser o responsável pelos seus infortúnios e não as pessoas a quem costumava acusar. Ao fazê-lo, o personagem sente um alívio, pois a partir do momento em que assumira a

própria responsabilidade, ele passou a se sentir livre. A partir desse fragmento, Miller parafraseia o *Wo Es war, soll Ich werden* da seguinte maneira: “ali onde era “o inferno são os outros”, Eu adveio” (Lacan, [1975-1976]/2007, p. 228). É essa passagem que se espera que cada sujeito faça. De modo que seja possível dizer algo do tipo: sob extrema coação os nazistas me obrigaram a arrancar os dentes de ouro dos meus irmãos judeus, mas eu não queria morrer e, por isso, fiz esse trabalho indigno. A partir desse primeiro assentimento, que inclui a sua parcela íntima de participação – ainda que seja a de não querer morrer –, podem ser desenvolvidos os porquês de se ter encarado tal luta, nas condições em que ela foi travada. Também, com base no assentimento, é possível que apareça o que cada um fez com as lacunas encontradas na batalha, aquelas que fizeram furo na tentativa de total controle da vida no sistema concentracionário.

Podemos resumir o que temos desenvolvido nesse último trajeto, da seguinte maneira: se podemos dizer que por nossa posição de sujeito sempre somos responsáveis é na medida em que há implícito aí um dever (*soll*) moral de responder, mesmo quando estamos submetidos a escolhas forçadas. A plena consciência, o amplo conhecimento ou a absoluta autonomia são elementos dispensáveis para que o sujeito seja convocado a responder por sua posição. Afinal, a ética da psicanálise se orienta pelo inconsciente, pelo real, pelo que está além do princípio do prazer. O sujeito se perguntará pela causalidade, por *Isso*, quando algo mancar, ou seja, no momento em que algo sem sentido que ele disser ou fizer, o atravessar. Ele pode ser atravessado, inclusive, a partir da interpelação do Outro que o convoca a responder por algo para o qual não tem, a princípio, resposta. Para que o sujeito responda, é preciso primeiro que ele assinta quanto à sua participação na relação entre causa e consequência, é assim que d’*Isso* o sujeito [*Ich*] pode advir. Parte-se do princípio de que as escolhas são assumidas num segundo tempo em relação à sua efetuação, ou seja, *a posteriori*. Ao subjetivar a experiência, abre-se a possibilidade para a construção de um saber, de um sentido, sobre a verdade em causa. Trata-se de uma construção via ficção. O saber é traduzido em um saber-fazer ou um bem-dizer que está localizado além da ortodoxia, pois, espera-se que, ao responder, o sujeito encontre uma brecha naquilo que o determinou para colocar a sua singularidade, a sua marca em jogo. Essa é a escolha herética que se espera dele. Mesmo um sujeito submetido à desumanização pode encontrar espaço para humanizar-se diante da cultura, do Outro a quem responde, quando ele se aventura a se responsabilizar pelos seus atos. A partir dessas coordenadas, reforçamos o entendimento de ser ético acolher as respostas dos membros do *Sonderkommando* sobre as suas próprias ações na zona cinzenta. Na ética das consequências o ato e o seu valor são pesados de acordo com os seus desdobramentos no campo do Outro, o que torna a sua análise política. Cumpre dizer que uma escolha só pode ser

considerada ética se ela for forçada, uma vez que a resposta é dada a partir de uma posição marcada pela angústia, que nada tem a ver com um voluntarismo (Teixeira, 1999). Um ambiente marcado por violência e morte, de difícil representação como foi o *Lager*, conduz a esse tipo de escolha.

Por fim, “cumpre pensar, sob o termo de coragem, a categoria que venha definir nossa posição ética” (Teixeira, 1999, p. 206). Coragem de que? Aqui tomamos o termo coragem como uma espécie de intrepidez de responder por aquilo que o determina a partir do inconsciente, coragem de se julgar e de lançar um testemunho ético sobre a singular posição de sujeito dividido. Ao colocar a coragem à frente, o bem-estar é deixado em segundo plano, pois algo se mobiliza para além do princípio do prazer e “o gozo de cada um se mostra, então como excesso e como exceção aos ideais preconizados pelo serviço de bens da civilização” (Pinto, 2008, p. 68). Esses atos de coragem podem acabar por expressar a escolha na forma da própria morte. Nesse ponto, a resposta mais óbvia nem sempre será a de escolher a vida e deixar a bolsa ser levada. Avaliemos a questão, brevemente, a partir da história dos membros do *Sonderkommando*. Se em um primeiro movimento, a submissão aos desígnios nazistas visava proteger a própria vida a todo custo, em outros momentos, a escolha forçada apresentou o dever de colocar a própria vida em risco. Estamos falando de escolhas forçadas distintas. A primeira foi apresentada pela coação imprimida pelos nazistas, à qual os membros do *Sonderkommando* se submeteram para que pudessem viver. A segunda, supomos ter sido produzida internamente em cada *Sonderkommando* propenso a isso. A incidência dessa segunda escolha forçada, diferente da primeira, acreditamos ter sido a mola propulsora que impeliu esses homens a arriscarem a vida para fazerem alguma coisa a partir das brechas encontradas no determinismo produzido pela coação nazista. Estamos considerando, a partir desse segundo cenário, que a ética à qual cada sujeito respondeu demandou que se ultrapassasse a questão da sobrevivência e que, inferimos, estava ancorava no desejo enquanto uma força que impulsiona a ação. Isso ocorreu quando os homens do *Sonderkommando*, sob enorme risco de vida, deixaram os seus testemunhos enterrados entre os fornos crematórios. Que fique claro: a partir do encontro dos testemunhos de membros do *Sonderkommando* com as formulações sobre a ética da psicanálise, estamos falando de duas escolhas forçadas, uma que se realiza na proteção da vida e outra que pode colocar a vida em risco. Se naquelas circunstâncias a vida foi colocada em risco não parece ser o caso de tomarmos isso como um intento puramente egoísta. Em vários relatos observamos que no risco a relação com um outro estava implicada, seja um outro prisioneiro que precisava de ajuda ou de informação, seja a posteridade enquanto um outro a quem se endereçavam.

No fim, adverte Lacan (1998), “restará apenas a liberdade de morrer” (p. 856), em que escolher a morte seria uma demonstração da liberdade de escolha (Lacan, [1964]/1988). Aqui estamos considerando uma variação da assertiva lacaniana, qual seja, de que ao fim restou a liberdade de colocar a vida em risco, mesmo quando se pretendia viver. No *Lager*, “a escolha estratégica da morte para resolver conflitos morais irreconciliáveis⁷⁸” (Des Pres, 1976, p. 100, tradução nossa) foi afastada, sempre que possível, pelos prisioneiros que tinham alguma perspectiva de sobreviver. Tal posição aspirava uma resistência ao intento dos opressores que, justamente, almejavam a sua morte. Ademais, matar-se, mesmo sendo considerado em algumas circunstâncias um elevado ato de moralidade, elimina todas as condições para novas ações (Greif, 2005), e alguns prisioneiros almejavam intervir, de algum modo, contra os seus algozes – pelo menos é por essa narrativa que muitos deles justificam, para si mesmos, a luta pela sobrevivência. Escolher a morte é uma alternativa que tende a ser relegada a um segundo plano, em especial quando a relação com a vida é representada culturalmente do modo como se estabeleceu entre os judeus. Estamos nos referindo a algo que remonta à herança arcaica⁷⁹ (Freud, [1939]/2018) do povo judeu.

Por mais que tenha havido suicídios nos *Lager* e que os prisioneiros tenham calculado a possibilidade de morrer durante as revoltas, na tradição judaica, a vida humana é apresentada com o mais elevado nível de valor, visto que o homem está no ápice da criação divina (Bokser, 2007). E não somente na gênese da criação está a resposta sobre a importância da vida para os judeus. Bloom (1991) retoma uma máxima de Spinoza que reteria uma verdade sobre a relação dos judeus com a vida: “a sabedoria não é a meditação sobre a morte, mas sobre a vida⁸⁰” (p. 155, tradução nossa). A proposição de Spinoza se alinha ao judaísmo na medida em que ele se debruça sobre a vida e pouco se dedica à morte. Isso porque “a antiga religião hebraica abandonou completamente a imortalidade; a possibilidade de uma continuação da existência após a morte não é mencionada jamais, em lugar nenhum” (Freud, [1939]/2018, p. 31). É interessante observar que mesmo o mandamento “não matarás”, na recomendação dos antigos intérpretes do Antigo Testamento, é lido pelo seu avesso: ““Farás

⁷⁸ “[...] the strategic choice of death to resolve irreconcilable moral conflicts.”

⁷⁹ É por meio dessa noção que Freud aborda a sobrevivência de traços mnêmicos que funcionariam de modo semelhante aos instintos dos animais e que permitem acabar com a distância entre a psicologia individual e a psicologia das massas. A herança arcaica é “a indestrutível rede de traços jamais consciente, mas traduzida, a cada geração, retranscrita de tempos em tempos, segundo novos textos” (Fuks, 2014, p. 64). A força da cultura e da religião judaicas se mantêm através dos séculos em razão da submissão consentida à herança arcaica, de onde provém a sua verdade histórica. Primo Levi (2016) produz um entendimento semelhante ao reconhecer que existe um espírito de cada povo: “uma *Deutschtum*, uma italianidade, uma hispanidade: são somas de tradições, costumes, história, língua, cultura” (p. 150), partilhadas e transmitidas.

⁸⁰ “Wisdom is meditation not on death but on life.”

tudo para que o outro viva”. É essa postura de compromisso com a vida que liga o freudismo ao pacifismo” (Fuks, 2011, p. 62). Freud ([1939]/2018) pondera que seria bom entendermos a relação dos judeus com a vida e “como suas características estão ligadas à sua história” (p. 146). Ao apresentar o relato a seguir buscamos expor uma verdade histórica produzida no seio do judaísmo, cuja reverberação ainda se faz sentir.

Na tradição judaica, numerosas histórias apontam para a relação com a vida. Dentre elas está a do personagem que dá nome ao povo de Israel. Neto de Abraão e Sara, filho de Isaac e Rebeca, ancestrais do povo hebreu, também conhecidos como os três patriarcas. Trata-se de um protagonista que, desde o útero materno, demonstrou impulso de vida e desespero para vencer a disputa da existência (Bloom, 1991). Apesar de ter perdido para o irmão gêmeo a primogenitura, o personagem em análise lutou ferozmente para conseguir uma benção especial. Por ter nascido segurando o calcanhar do irmão que despontou primeiro, o seu nome, Jacó (*Ya'aqov*), foi dado a partir de um jogo de palavras com o vocábulo calcanhar (*akev*, *'aqev*) (Bayer, 2007). Ele não é um personagem que poderíamos reputar ser imaculado e honesto, ao contrário, Jacó era hábil em enganar (*'aqav*), mas não é esse o ponto que nos interessa. Nesse momento, importa o que esse patriarca transmite sobre a vida.

A passagem específica que apresenta a principal façanha de Jacó está registrada em *Gênesis* 32, 22-32. Ali encontramos o registro de sua luta, durante a alva, com um estrangeiro misterioso, um ser divino sem nome. Em algumas interpretações esse estranho que cruza o caminho de Jacó é reputado ser um anjo, mas não de qualquer tipo, e sim um anjo da morte (Bloom, 1991). Na alvorada, vendo que Jacó não desistiria, esse ser o fere na coxa e pede que o libere. Jacó condiciona deixá-lo ir a ser abençoado. A sua tenacidade e luta pela benção dariam a ele o status de figura mais judaica da Bíblia (Bloom, 1991). O anjo lhe dá a benção e muda o seu nome para Israel (*Yachar-el*, em hebraico), “pois lutaste com (anjo de) Deus e com homens e venceste” (Gen. 32,28). Israel, um homem que obstinadamente resistiu, e que doará o seu nome para um povo.

Em que consistiu a benção? O crítico literário Harold Bloom, baseado no livro de J⁸¹, diz que “a Bênção dá mais vida, premia um tempo sem fronteiras e, em uma imortalidade

⁸¹ “O Livro de J” é considerado, por estudiosos, o trecho mais antigo do Pentateuco, provavelmente composto em Jerusalém entre os anos 950 e 900 antes da era comum (AEC). J representa o autor, o Javista, nomeado em homenagem a YHWH, o Deus dos judeus, cristãos e muçulmanos. Os últimos trechos de *Gênesis*, *Êxodo* e *Números* são todos revisões ou censuras realizadas ao texto de J, feitas por autores conhecidos como E (850 a 800 AEC.); P (550 a 500 AEC), que escreveu quase todo o *Levítico*; D (650 a 600 AEC), para quem escreveu o *Deuterônimo*; e R (400 AEC), que realizou a revisão final após o *Retorno do Exílio Babilônico* (Rosenberg & Bloom, 1990).

pragmática, faz um nome por meio da memória coletiva⁸²” (Rosenberg & Bloom, 1990, p. 211, tradução nossa). Desse modo, os elementos: bênção, mais vida e memória são fios entrelaçados pelas palavras partilhadas por uma comunidade. Paradoxalmente, essa “mais vida” é conquistada por Jacó, não sem que ele tenha arriscado a vida. Apesar da luta ter sido silenciosa, segundo a tradição judaica o que permitiu Jacó suportar o embate com o ser celestial foi o dom da palavra, considerada “o instrumento do homem, que com todo o seu poder de criação e de subjetividade, luta contra a rede de fatalidades, o que lhe é superior” (Fuks, 2000, p. 83). Neste ponto, não importa se o personagem Jacó andou sobre a Terra, pois sabemos que a verdade histórica não se confunde com a verdade arqueológica ou material. A verdade que se transmite na passagem sobre Jacó diz respeito à indissociável potência da palavra e da vida. É nesse sentido que a “Bíblia Hebraica ordena que os judeus se lembrem, porque seu Deus é principalmente “o Deus de seus pais, o Deus de Abraão, Isaque e Jacó⁸³” (Bloom, 1991, p. 148, tradução nossa). A memória garante a permanência da bênção e de mais vida.

Considerando que “a vida é o bem maior, o homem é obrigado a valorizá-la e preservá-la⁸⁴” (Bokser, 2007, p. 5, tradução nossa), conservar a própria vida, e a de toda a existência, é uma das injunções primordiais do judaísmo, de tal modo que o desdobramento lógico, ainda que não explicitado no Talmude⁸⁵, seria o de proibir o suicídio (Rabinowitz, 2007). Ainda que as autoridades pós-talmúdicas tenham considerado o suicídio um pecado mais hediondo do que o assassinato, foram estabelecidas algumas circunstâncias atenuantes, que incluem a diferenciação entre deixar-se matar e se matar, e, ainda, o entendimento de que poderia ser legítimo se matar como um sinal de martírio. Não entraremos nas nuances do entendimento judaico sobre o suicídio, mas cabe dizer que há uma compreensão, não pacificada, de que o suicídio é aceitável, a depender das condições em que ele ocorre. Para algumas autoridades, a partir de um paralelo com o rei Saul⁸⁶, o suicídio durante a *Shoah* foi considerado “suicídio sob circunstâncias atenuantes”⁸⁷ (Rabinowitz, 2007, p. 295, tradução nossa), ainda que não incentivado. De todo modo, no que concerne à experiência dos judeus

⁸² “The Blessing gives more life, awards a time without boundaries, and makes a name into a pragmatic immortality, by way of communal memory.”

⁸³ “Hebrew Bible commands the Jews to remember, because its God is primarily ‘the God of your fathers, the God of Abraham, Isaac and Jacob,’”

⁸⁴ “[...] life is the highest good, man is obliged to cherish it and preserve it.”

⁸⁵ O *Midrash*, por seu turno, inclui a proibição do suicídio a partir de *Gênesis* 9:5. As leis relativas ao suicídio foram formuladas no tratado pós-talmúdico de *Semahot* ou *Evel Rabbati* (Rabinowitz, 2007).

⁸⁶ Saul se matou ao se encontrar diante de uma situação sem saída. Ele havia sido encurralado pelos seus inimigos, os filisteus, e sabia que sofreria enorme violência antes de ser morto. A morte foi a saída encontrada por Saul, para não ser alcançado pelo destino que os filisteus planejavam para ele.

⁸⁷ “[...] suicide under mitigating circumstances.”

durante a *Shoah*, talvez Freud ([1915]/2020) estivesse certo ao dizer que “tolerar a vida continua a ser, afinal, a primeira tarefa de todos os vivos (...) [e] se quiser suportar a vida, prepare-se para a morte” (p. 132). Talvez, para alguns deportados, suportar a vida no *Lager* só tenha sido possível na medida em que ela era colocada, em alguma medida, em risco. Retomaremos a relação entre vida e morte no *Lager*, bem como a responsabilidade ética diante de uma escolha forçada, a partir dos testemunhos dos judeus do *Sonderkommando*. Como dissemos na *Introdução*, tais relatos não serão analisados um a um. Faremos um recorte a fim de apresentar os elementos que mobilizaram o trabalho de investigação em Psicanálise até aqui, quais sejam, os que apontam para a presença de uma responsabilidade ética, mesmo quando diante de uma escolha forçada.

3. OS PERGAMINHOS DE AUSCHWITZ

Para os membros do *Sonderkommando* “foi a proximidade da morte que impôs o apelo à escrita⁸⁸” (Winter, 1979, p. 123, tradução nossa). Aspirar levar as palavras adiante não pode ser considerada uma particularidade desse grupo, pois diversas inscrições foram deixadas por judeus perseguidos pelos nazistas⁸⁹ e se olharmos para séculos no passado, identificaremos que a mesma lógica operou na passagem do registro oral para o escrito do Talmude⁹⁰. Em semelhante perspectiva, na abertura de um livro dedicado ao testemunho de um membro do *Sonderkommando*, os pesquisadores Philippe Mesnard e Carlo Saletti (2008) afirmaram buscar dar visibilidade a uma escrita “que se inscreve na longa tradição, inaugurada por Jeremias⁹¹, da literatura da catástrofe⁹²” (p. XIV, tradução nossa). Mesmo não sendo a formulação de um sobrevivente, a referência parece interessante, pois reforça o entendimento de que as narrativas de judeus, registradas na antessala da morte, estão inscritas em um legado partilhado. Avaliando por esse ângulo, as diversas mensagens encontradas após o fim da guerra podem ser lidas como um último esforço de cada cronista se reintegrar a uma tradição. Qual seja, a de fazer operar a escrita da história, para que no futuro as próximas gerações pudessem se lembrar – referência ao *Zakhor*, o compromisso ético dos judeus com a memória.

⁸⁸ "C'est la proximité de la mort qui imposa le recours à l'écrit."

⁸⁹ Como exemplo podemos citar um compilado composto por mais de 35 mil páginas de testemunhos e documentação coletados durante o funcionamento do Gueto de Varsóvia. O arquivo é conhecido como *Oyneg Shabes* – expressão em ídiche que significa *alegria do Shabat* ou *alegria do sábado*, uma referência ao dia da semana em que os participantes do grupo envolvido no recolhimento do referido material se encontravam (Kassow, 2009). Fomentado pelo destacado historiador judeu Emanuel Ringelblum, o material produzido por essa congregação clandestina foi enterrado no Gueto às vésperas do levante, em caixas de metal e galões de leite para que pudesse ser encontrado intacto na posteridade. Em decorrência da agitação produzida antes da revolta, eles pressentiam que a morte se aproximava. A urgência de preservar a memória se impôs. Após o fim da guerra constatou-se que, das dezenas de pessoas envolvidas, menos de dez sobreviveram. Esse material é pouco conhecido, mas absolutamente importante. Além do Gueto de Varsóvia, em que os registros foram feitos de forma sistemática, em vários lugares ocupados por judeus perseguidos, também foram encontrados diários e bilhetes escondidos.

⁹⁰ Talmude “significa literalmente: “estudo”. Contém os trabalhos mentais, opiniões e ensinamentos dos antigos sábios judeus, expondo e desenvolvendo as leis religiosas e civis da Bíblia, durante o período de cerca de 8 séculos (desde o ano 300 a.C. até o ano 500 d.C.)” (Schlesinger, n/d, p. 138). Para o talmudista, semelhante ao que propôs Walter Benjamin, a transmissão deveria passar pelo registro oral. Em razão disso o Talmude já foi chamado de Torá oral e houve violenta oposição quando foi proposta a sua passagem para o registro escrito. A dispersão pela perseguição aos judeus e a ameaça do desaparecimento dessa tradição se impuseram e o texto passou a se escrever (Winter, 1979).

⁹¹ Um modo de compreender a escrita de Jeremias, se dá “através da teoria do trauma como lente hermenêutica” (Martins, 2018, p. 153). Avalia-se por meio dessa perspectiva – a do trauma – os efeitos no uso que o profeta fez da linguagem e o modo conflitante que apresentou Deus. Difícil precisar se o trauma estaria localizado na imposição divina de que ele profetizasse (algo que não queria fazer), ou pela violência com que foi tratado pelo povo que rejeitava ouvi-lo. Poderia decorrer, também, dele presenciar o Templo de Jerusalém ser destruído e o povo ser enviado para o exílio na Babilônia – ele inclusive. Jeremias registrou o tempo de calamidade que se descortinava diante de seus olhos. Em sua empreitada, pode-se dizer, criou imagens de devastação e horror, mas também de esperança e restauração (Martins, 2018).

⁹² “que se inscreve em la larga tradición, inaugurada por Jeremías, de la literatura de la catástrofe.”

No caso dos homens do *Sonderkommandos*, por serem as únicas testemunhas oculares do núcleo do empreendimento nazista de aniquilação dos judeus, havia o receio de que, confirmada a hipótese de serem todos mortos, não sobraria qualquer registro legado ao futuro – ao outro da posteridade. É preciso dizer que, a despeito da luta travada para sobreviverem a cada dia cinzento, eles não esperavam sair do *Lager* com vida. Ou seja, eles almejavam e se empenharam para ter uma vida futura, mas sabiam que na partida de sobrevivência que jogavam, a fortuna intervinha contra. Em razão do empenho nazista de apagar cada vestígio do genocídio em curso em Auschwitz II-Birkenau, o temor deles não era exagerado ou descabido. Pressentindo que o momento derradeiro se aproximava e formado o entendimento de que não haveria revolta conjunta com a Resistência política do Campo, eles se aplicaram para legar ao porvir as histórias de vida e de morte presenciadas no universo concentracionário. Não há dúvida de que eles tinham dimensão da importância histórica do que viram e ouviram e, por isso, desafiaram fazer o que parecia impossível: testemunhar em meio à “fábrica de extermínio de alteridades” (Fuks, 2014, p. 159).

Deixar o testemunho enterrado entre os fornos crematórios resultou em uma tarefa altamente arriscada, que envolveu enorme planejamento, dedicação e coragem. Os *Sonderkommandos* comprometidos com o ato de testemunhar tiveram que improvisar e inventar formas de concretizar o objetivo de não deixar atrás de si apenas cinzas e silêncio. O suporte material dos testemunhos foi adquirido sob risco, mediante permutas com prisioneiros que operavam no mercado paralelo do Campo. Os homens do Esquadrão Especial não tinham acesso a papel e caneta – era proibido que tivessem⁹³. Além desses itens imprescindíveis para a produção do testemunho, eles precisaram conseguir apetrechos que oferecessem maior proteção aos seus escritos, principalmente contra a umidade. Foi necessário, também, encontrar lugar e tempo para escrever a fim de que pudessem elaborar o que era mais importante ser registrado – afinal, os recursos eram limitados – e imaginar formas de transmitir. Tais testemunhos só foram redigidos por haver um grande engajamento dos prisioneiros e disposição para colocar a vida em risco: isso significou apostar tudo o que lhes restava. Por tudo o que já abordamos sobre o funcionamento do *Lager*, é possível imaginar os riscos envolvidos nessa empreitada. De modo que, deixar qualquer vestígio sobre os segredos

⁹³ Primo Levi (1989) em *Lilit e outros relatos*, menciona que certa feita encontrou um pedaço de papel e um lápis que pensou usar para escrever uma carta para a sua família. Um italiano não judeu conhecido seu poderia levar o bilhete para fora da fábrica em que trabalhavam. Apesar de pensar insistentemente nisso, os itens ficaram escondidos por dias sem que ele conseguisse se sentir seguro para levar a empreitada adiante. Levi frisa que aos judeus era proibido escrever, essa era uma atitude condenável e o *Lager* estava infestado de informantes. A proibição valia para todo o Campo, o perigo também.

das câmaras de gás e dos fornos crematórios nazistas era assustadoramente perigoso. Havia o risco de serem flagrados pelos SS e de serem denunciados por algum prisioneiro – vale lembrar que mesmo dentro do *Sonderkommando* houve traições e denúncias, como mencionado no capítulo anterior.

Os *Scrolls of Auschwitz*, ou os Pergaminhos/Rolos de Auschwitz, como ficaram conhecidos, foram escritos na cena do crime (Greif, 2015), enquanto a atrocidade ainda ocorria. Dada essa qualidade, eles fornecem uma perspectiva original sobre o que estava em curso. Algo que se descobriu à medida em que a tecnologia se desenvolvia é que cada manuscrito vale pelo seu conteúdo e também pelos aspectos físicos do papel, das tintas das canetas, das manchas e das evidências físicas dos assassinatos que cada um deles carrega (Chare & Williams, 2017). São, portanto, documentos importantes para a narrativa histórica. Pela característica clandestina e secreta dessa escrita e pelo tempo que ficaram debaixo da terra, esses testemunhos são parciais e fragmentados. Alguém pode argumentar que, à bem da verdade, todo testemunho possui essas peculiaridades dado que pretendem fornecer tão somente a perspectiva singular daquele que testemunha um evento traumático e que o contexto global do evento só pode ser recuperado na medida em que se analisa a historiografia. De fato, esse entendimento foi expresso no primeiro capítulo, porém, considerando que os *Scrolls* ganharam corpo sob o signo da urgência e do perigo, neles encontramos o que foi possível se inscrever nas condições que estavam disponíveis. Ou seja, a sua parcialidade ganha uma proporção maior. Além disso, o tempo que permaneceram sob o solo produziu degradações no papel e na tinta – quanto mais tempo ficaram expostos às intempéries, maior a deterioração. Foi necessário um longo trabalho de recuperação e tradução dos pergaminhos para que o seu teor chegasse até nós. A melhoria das condições de legibilidade dos manuscritos ainda é parte importante e necessária na perspectiva de acesso ao testemunho dos *Sonderkommando*, porém, não é suficiente. Como observado por Todorov (2017), os manuscritos “escaparam dos guardas, resistiram à umidade, e, ao termo de longos esforços, foram decifrados. Contudo, não há certeza de que consigam penetrar o novo muro de indiferença com o qual os cercamos” (p. 372). Essa constatação é compartilhada por vários pesquisadores que se debruçaram sobre os *Scrolls*. Dentre eles, Chare e Williams (2017), Bezwińska e Czech (1973/2013a), Greif (2015), Ingle (2019), Mesnard (2022) e a lista segue.

Ao longo de mais de três décadas foram encontrados enterrados sob o solo entre os fornos crematórios oito embrulhos – contendo manuscritos e outros documentos – referentes a cinco membros do *Sonderkommando*: 2 manuscritos de Zalman Gradowski, 2 de Leyb Langfus, 2 de Zalman Lewental, 1 de Hersz (Herman) Strasfogel e 1 de Marcel Nadjary. A

fim de proporcionar uma perspectiva sintética e, ao mesmo tempo, mais acessível sobre esses homens e a sua passagem por Auschwitz II-Birkenau, produzimos a Tabela 1 com as variações nas transliterações de seus nomes, países de origem, data em que os manuscritos foram encontrados e demais dados identificados durante a pesquisa. Comumente os testemunhos contêm relatos pré-*Lager* – da vida antes da chegada dos nazistas, ou histórias dos guetos e campos de concentração, ou como transcorreram os transportes. Embora essas passagens sejam relevantes, considerando a extensão do material avaliado e o foco da pesquisa, abordaremos os intervalos dedicados ao período em que cada um fazia parte do *Sonderkommando*. Apesar do número reduzido de pergaminhos encontrados, pode ter havido mais de trinta testemunhos enterrados (Wieviorka, 2006). Tzipora Halivni (1979), sobrevivente de Auschwitz e historiadora, aventa que não houve real interesse das autoridades polonesas em recuperar os manuscritos deixados pelos membros do *Sonderkommando*. A mencionada Resistência política, composta principalmente por prisioneiros políticos poloneses, teria recebido um mapa com a localização de onde os pergaminhos haviam sido enterrados, mas não os recuperou. Não é possível saber exatamente o que ocorreu, mas é importante lembrar que nos primeiros anos após o fim da guerra não havia preocupação em proteger o Campo de transeuntes e que havia muita necessidade material por todos os lados.

Em visita ao *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau* realizada em novembro de 2023, a guia designada informou que após o fim da guerra alguns barracões de Birkenau foram desmontados com a anuência dos responsáveis pelo Campo. O intuito era fornecer madeira para a reconstrução das casas de pessoas que foram expulsas da região pelos nazistas. Outros barracões foram desmantelados para fazer fogueiras a fim de esquentar as pessoas que ainda estavam no Complexo. É possível que no período em que havia grande circulação naquela região, alguém procurando alimentos, roupas, sapatos, ou qualquer coisa de valor deixada para trás pelos nazistas, tenha se deparado com os escritos. Nos primeiros anos, alguns manuscritos podem ter sido encontrados e jogados fora por não terem nenhum valor monetário agregado, ou foram recuperados e guardados até serem esquecidos. O que nos faz considerar essa hipótese é um dos manuscritos de Gradowski ter sido encontrado em 1945 e ter sido vendido para um judeu sobrevivente de Auschwitz e se tornado público apenas em 1977. De semelhante modo um dos manuscritos de Langfus foi descoberto em 1945, foi guardado em um sótão por décadas até ser entregue ao *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau* em 1970. O fenômeno de intrusão e procura de objetos de valor em todo o terreno de Auschwitz e Birkenau era conhecido e durou muitos anos após o fim da guerra, inclusive quando o *Memorial e Museu* já estava em funcionamento – os guardas não davam conta de

proteger toda a área (Bartosik & Willma, 2017). Sabe-se que nos anos 1960 ocorreram mutirões em busca de novos manuscritos e, de fato, os dois de Zalman Lewental foram localizados por esse grupo de trabalho (Chare & Williams, 2017). A varredura, no entanto, não identificou o pergaminho de Marcel Nadjary que foi achado, por acaso, em 1980. Não é possível saber o que aconteceu com cada testemunho deixado pelos homens do *Sonderkommando*, mas se ainda houver qualquer manuscrito sob o terreno de Birkenau, dificilmente será encontrado e, caso seja recuperado, é pouco provável que se torne legível.

O destino dos cinco autores dos pergaminhos conhecidos não foi o mesmo. Zalman Gradowski morreu durante o levante ou na represália impetrada pelos nazistas em resposta à revolta de 7 de outubro de 1944, em que 451 membros do *Sonderkommando* foram executados. Hersz (Herman) Strasfogel, Leyb Langfus e Zalman Lewental provavelmente formam mortos junto com um grupo de 160 prisioneiros do *kommando* especial, no final de novembro de 1944 (Chare & Williams, 2017). Nadjary conseguiu fugir juntamente com 99 prisioneiros de Auschwitz II-Birkenau, quando da evacuação do Campo, em janeiro de 1945. Ele sobreviveu à marcha da morte e emigrou para os Estados Unidos após morar alguns anos em seu país de origem, a Grécia. Nadjary morreu em 31 de julho de 1991, em Nova York.

Apesar de toda a contradição que isto possa conter, é preciso dizer que as suas narrativas trazem vida às experiências de morte perpetradas pelos nazistas. Os eventos passam a ter nuances e complexidade, deixam de ser sobre números e passam a ser sobre pessoas coagidas a atravessar, cada uma a seu modo, o umbral da morte. Eles trazem o aspecto humano que o “arquivo” dificilmente poderia fornecer. Os arquivos, é sempre bom lembrar, têm como foco os documentos e registros deixados pelos nazistas. Os testemunhos oferecem a perspectiva das vítimas. Até aqui temos falado sobre os membros do *Sonderkommando* como um grupo, mas, a partir deste momento, cada um com a sua própria voz falará e, assim, se distinguirá dos demais. É momento de cada um tomar a palavra para contar a própria história – essa série de acontecimentos que se passam por sujeitos “designados por nomes próprios” (Rancière, 2014, p. 1). Antes de seguirmos, alguns esclarecimentos: nas citações diretas dos testemunhos o uso de parênteses e reticências “(...)” indica que suprimimos parte do escrito original, já a utilização de colchetes com reticências “[...]” assinala os trechos não legíveis do manuscrito. As palavras entre colchetes “[verbetes]” correspondem a termos que se acredita estarem escritos nos manuscritos, mas que não estão de todo legíveis – essas inclusões foram realizadas pelos tradutores dos pergaminhos. As palavras entre chaves {} foram acrescentadas por nós para esclarecer ou traduzir algum termo.

3.1 Zalman Gradowski

Dedicado à minha família que foi queimada em Auschwitz-Birkenau: Minha esposa – Sonia / Minha mãe – Sore / Minha irmã – Éster Rojl / Minha irmã – Luba / Meu sogro – Refúel / Meu cunhado – Volf. [Venha] aqui, chegue mais perto – você, feliz cidadão do mundo. (...) Venha aqui, chegue mais perto – você, cidadão livre do mundo – que vive onde a vida é regida pela ética humana e a existência é garantida pela lei, e eu lhe contarei como os bandidos vulgares de hoje pisoteiam a moralidade da vida e aniquilam as leis da existência. (...) Venha agora, quando o desastre ainda está em pleno andamento. (...) [venha agora] quando o anjo da morte ainda está na plenitude do seu poder. Venha agora, quando as piras das fornalhas e seus enormes fogos ainda ardem⁹⁴ (Gradowski, 2008, pp. 5-6, tradução nossa).

Zalman Gradowski, nascido entre os anos de 1908 e 1910, na região de Suwałki, Polônia, foi um judeu com formação religiosa e secular, versado em várias línguas (Mark, 2013a; Mesnard, 2022). A sua família era relativamente proeminente na região onde moravam e era bastante religiosa. Ativo politicamente, Gradowski se tornou um dos líderes do movimento sionista de Suwałki (Mesnard, 2022). Ele era casado e trabalhou nos negócios da família até a chegada dos nazistas. Em dezembro de 1942 (Mesnard, 2022) ou janeiro de 1943 (Mark, 2013a), Gradowski e seus familiares foram enviados a Auschwitz. Toda a sua família foi morta assim que chegaram ao Campo. Não muito tempo depois, dada a constituição física de Gradowski, ele foi designado para trabalhar no *Sonderkommando* onde logrou participar do núcleo dos insurgentes. Ele incentivou a escrita de testemunhos e a revolta.

A resistência sustentada por Gradowski tinha amparo em três eixos: a sua convicção religiosa, o comprometimento político e o desejo de ser escritor (Mesnard, 2022). Essas características o tornaram capaz de recolher as centelhas de vida do inóspito mundo ao seu redor e de nos transportar para o coração do inferno, seguindo a tradição ocidental de visita guiada ao *Hades* (Bignotto, 2014). Yaacov Freimark, judeu polonês da mesma cidade que Gradowski, tinha contato regular com os membros do *Sonderkommando*, já que era responsável por retirar da sala de despir os pertences dos judeus assassinados e levá-los para a triagem nos armazéns nazistas. Freimark testemunhou que ao final de cada dia, Gradowski vestia um chale de oração e filactérios, para recitar o *Kadish*⁹⁵ para os judeus cujos corpos haviam sido queimados. Gradowski também teria feito um levantamento com membros do

⁹⁴ “Dedicado a mi familia que fue quemada en Auschwitz-Birkenau: Mi esposa – Sonia / Mi madre – Sore / Mi hermana – Éster-Rojl / Mi hermana – Luba / Mi suegro – Refúel / Mi cuñado – Volf. [Ven] aquí, acércate – tú, feliz ciudadano del mundo. (...) Ven aquí, acércate – tú, ciudadano libre del mundo – que vives allí donde la vida se rige por la ética humana y la existencia está garantizada por la ley, y te contaré cómo los vulgares bandidos de hoy en día pisotearon la moral de la vida y aniquilaron las leyes de la existencia. (...) Ven ahora, cuando el desastre está aún en pleno apogeo. (...) [ven ahora] cuando el ángel de la muerte todavía está en la plenitud de su poder. Ven ahora, cuando los hornos-piras y sus enormes fuegos arden aún.”

⁹⁵ uma das mais antigas orações litúrgicas do judaísmo, o *mourner's Kadish* ou o *Cadish* do enlutado é conhecido como uma prece pelos mortos.

Sonderkommando a fim de gerar uma lista com o montante de pessoas gaseadas em cada crematório. Tal documento, enterrado ao lado do crematório III (2), nunca foi encontrado. Quem testemunhou sobre esse fato foi o sobrevivente do *Sonderkommando* Shlomo Venezia, que também afirmou ter ouvido Gradowski incentivar o restrito grupo de sua confiança para que escrevessem e documentassem o que acontecia em Birkenau (Mesnard, 2022).

O trecho de abertura dessa seção é um recorte das duas primeiras páginas do primeiro manuscrito conhecido de Gradowski. Nesse pergaminho o autor aborda principalmente a vida no campo de concentração, a jornada até Auschwitz II-Birkenau e a descoberta do que se passava ali. A escrita é interrompida quando ele é selecionado para o Esquadrão Especial. Acredita-se que o relato foi interrompido e enterrado antes de ser concluído pelo receio de ser descoberto (Mesnard, 2022). Encontrado pelo Exército Vermelho, o manuscrito contém duas partes escritas em épocas diferentes: um pequeno caderno redigido, provavelmente, entre os meses de outubro e novembro de 1943 e uma carta de duas páginas datada de 6 de setembro de 1944 (Chare & Williams, 2017). Não abordaremos o primeiro texto, mas voltaremos à carta que o acompanhava. Mesmo não entrando nas narrativas desse primeiro texto, vale destacar que nele Gradowski menciona já ter ouvido falar sobre os assassinatos em campos de extermínio antes mesmo de ser levado a Auschwitz – algo que ninguém podia acreditar à época. Enquanto se deslocavam de trem do campo de concentração de Kielbasin para Auschwitz, alguns civis poloneses faziam um gesto aterrador: eles passavam os dedos indicadores ao longo da linha do pescoço e apontavam para o chão. A mesma cena é narrada no documentário *Shoah*, de Claude Lanzmann (1987). Em nenhum dos dois casos é possível saber se a mímica era um alerta ou puro escárnio.

Parte do segundo manuscrito foi redigido no 15º e no 16º mês após a chegada de Gradowski a Auschwitz, o que significa que uma fração dele foi escrita entre março e maio de 1944. O segundo pergaminho foi encontrado em 1945 e vendido a Haïm Wollnerman, um judeu polonês sobrevivente de Auschwitz, que logo compreendeu a importância do documento que tinha em mãos. Wollnerman procurou alguns membros da família de Gradowski que moravam nos Estados Unidos, conforme as suas instruções: “vá até os meus parentes nas direções que te indiquei. Através deles, você saberá quem somos, minha família e eu. Deles obterá a fotografia de nossa família, também a de minha esposa e minha, e inclua

essas fotos em todas as edições deste manuscrito⁹⁶” (Gradowski, 2008, p. 62, tradução nossa). Há, de fato, nos livros publicados com o seu testemunho uma foto de Gradowski com a sua esposa Sônia, em que consta as suas respectivas datas de morte. Após emigrar para Israel, em 1947, Wollnerman passou a procurar por alguma editora disposta a publicar o testemunho de Gradowski. As portas estavam fechadas, não havia interesse. Somente em 1977 o manuscrito foi impresso pela primeira vez, em Jerusalém, e, mesmo assim, durante muito tempo permaneceu pouco conhecido.

Em comparação ao primeiro manuscrito, o estilo de escrita do segundo texto é menos rebuscado e menos claro, possivelmente por haver maior urgência e menos tempo disponível para a escrita (Chare & Williams, 2017). Nesse pergaminho alguns eventos envolvendo o *Sonderkommando* estão em destaque e, logo de início, há referência ao grupo:

Caro leitor, o que estas linhas expressam são os sofrimentos e as tristezas que amargamos, as criaturas mais infelizes do mundo inteiro, durante o tempo de nossas “vidas” transcorridas nesse inferno na terra chamado Auschwitz-Birkenau. E, embora eu ache que esse nome já esteja bem conhecido em todos os lugares, o que com certeza ninguém vai acreditar é o que realmente acontece aqui. (...) Escrevo com a intenção de que pelo menos um mínimo dessa realidade chegue ao mundo e que você, mundo, exija vingança por tudo isso. Esse é o único objetivo, a única meta da minha vida. Vivo aqui com a ideia, com a esperança, de que talvez meus escritos cheguem até você⁹⁷ (Gradowski, 2008, p. 61, tradução nossa).

Ele afirma saber que todos os judeus levados para aquele Campo estavam condenados à morte e que a morte em Auschwitz era sistemática, cotidiana e banal. Auschwitz era o lugar em que a tragédia individual era devorada pela coletiva. Ainda que a data da execução não tivesse sido fixada, ela era inevitável. A realidade já havia mostrado que o seu destino era a morte “embora eu queira viver, porque a vida é tentadora”⁹⁸ (Gradowski, 2008, p. 112, tradução nossa). Gradowski trava um longo debate com a lua questionando-a por brilhar indiferente sobre o sangue de milhões de pessoas. A lua é tomada como interlocutora a quem Gradowski dirige questionamentos sobre os absurdos presenciados em Birkenau. A lua também é a destinatária de relatos sobre o Campo e confidente do que ele próprio sentia sobre aquilo que vivenciava

⁹⁶ “dirígete a mis parientes en las direcciones que te indico. A través de ellos sabrás quiénes somos mi familia y yo. De ellos obtendrás la fotografía de nuestra familia, también la de mi esposa y la mía, e incluye esas fotos en todas las ediciones de este manuscrito.”

⁹⁷ “Querido lector, lo que expresan estas líneas son los sufrimientos y las penas que padecimos las criaturas más desdichadas del mundo entero, durante la época de nuestras “vidas” transcurridas en ese infierno en la tierra que se llama Auschwitz-Birkenau. Y aunque creo que este nombre ya es bien conocido en todas partes, lo que seguramente no va a creerse nadie es lo que de verdad ocurre aquí. (...) Escribo con la intención de que por lo menos un mínimo de esta realidad llegue al mundo y que tú, mundo, reclames venganza por todo esto. Ése es el único objetivo, la única meta de mi vida. Vivo aquí con la idea, con la esperanza, de que quizá mis escritos lleguen a ti.”

⁹⁸ “pese a que quiero vivir, porque la vida es tentadora.”

no coração, no coração do inferno onde meu povo está perecendo. (...) Estou sentado aqui sozinho, fico sozinho no mundo, me sinto triste e destruído. Agora você é minha única amiga, diante de ti, ante a ti agora mostrarei o meu coração e contarei tudo, tudo. Então você entenderá minha tristeza e infortúnio que não têm limite.⁹⁹ (Gradowski, 2008, p. 69, tradução nossa).

Este é um ponto que merece destaque: por mais que em alguns momentos os deportados se sintam autômatos, que falem de insensibilidade e apatia, esse arranjo não é constante. Por exemplo, em certo ponto ao longo do manuscrito, Gradowski afirma se perceber insensível e com os sentimentos atrofiados, porém, poucos parágrafos depois, ele diz sentir o seu coração se dilacerar e se destruir. Não parece adequado tomar como absolutas ou invariáveis as afirmações das testemunhas de se sentirem indiferentes. Isso vale para os deportados de um modo geral, e para os homens do *Sonderkommando*. Na hipótese de não haver atravessamento subjetivo e afetivo em relação ao que era vivido e visto, dificilmente testemunhos seriam compostos no turbilhão dos acontecimentos. O pergaminho em análise, vale lembrar, não foi escrito depois de transcorrido um tempo do evento. O registro de seu testemunho, nos diz Gradowski (2008), foi movido pelo luto crescente que sentia e por um sofrimento que se tornava cada vez mais intenso. Expressar o que estava sentindo não lhe parecia possível se não fosse pela escrita. Ou seja, a sua escrita foi embalada pelos afetos que experimentava e isso transbordou para o seu texto.

Gradowski se refere aos membros do *Sonderkommando* como uma fraternidade de desafortunados cujo desejo de vingança se mostrava crescente – a vingança, inclusive é um tema recorrente. Ele diz, por exemplo, que gostaria através de sua escrita “despertar em vocês um sentimento, semear uma centelha de vingança que crie uma tempestade em todos os corações e que se afoguem em mares de sangue aqueles que fizeram mares de sangue do meu povo¹⁰⁰” (Gradowski, 2008, p. 73, tradução nossa). Apesar da irmandade, em fevereiro de 1944, quando 200 homens foram selecionados para a morte sob o pretexto de serem enviados para o *Lager* de Lublin, ele não omite que os não escolhidos não se atreveram a impedir a ação dos nazistas e que sentiram alívio por não terem os seus números incluídos na lista. Apesar de toda a vontade de vingança e de afirmarem estar preparados para um levante, ninguém teve ímpeto algum para intervir em uma circunstância concreta, que eles bem sabiam

⁹⁹ “en el corazón, en el corazón del infierno en el que mi pueblo está pereciendo. (...) estoy aquí sentado solitario, me he quedado solo en el mundo, me siento triste y destrozado. Ahora eres mi única amiga, ante ti, ante ti mostraré ahora mi corazón y te lo contaré todo, todo. Entonces comprenderás mi tristeza y mi desgracia que no tienen límite.”

¹⁰⁰ “despertar en ti un sentimiento, sembrar una chispa de venganza que prenda tempestuosa en todos los corazones y que se ahoguen en mares de sangre aquellos que hicieron un mar de sangre de mi pueblo.”

o que significava. O mal-estar decorrente da inação o leva a considerar que as dores que sentiam eram filhas da covardia, mas “a fraqueza humana, o medo de correr riscos, o perigo de perder até uma vida morta encontraram um bom motivo, uma boa desculpa para se justificar diante da sua consciência¹⁰¹” (Gradowski, 2008, p. 81, tradução nossa). Nem sempre as desculpas inventadas serviam e, nesse caso específico, a questão não se resolveu facilmente. À noite, ao se depararem com uma parte do bloco vazia, os homens do *Sonderkommando* sentiram a dimensão de estar em um mundo em que todos estavam condenados à morte. Não houve como escapar dos sonhos de angústia e dos pesadelos em que “cada um é capturado pela dor que flutua ao seu redor e sobre todo o pátio, penetrando em todos os cantinhos, em todas as frestas. Você se sente imerso em um mar de tristeza¹⁰²” (Gradowski, 2008, p. 96, tradução nossa). Há uma longa seção dedicada às noites barulhentas, em que ecoavam soluços e gemidos enquanto os prisioneiros se ocupavam com trabalhos oníricos aflitivos. Talvez imaginando que poderia ser julgado no futuro pelas suas ações e inações, Gradowski (2008) convida o leitor a se aproximar da realidade do Esquadrão Especial e a refletir sobre ela: “se algum dia você quiser entender, caro leitor, quiser conhecer o nosso “eu”, medite profundamente sobre estas linhas e você poderá formar uma imagem de nós e também entenderá o porquê de termos sido assim e não de outra forma¹⁰³” (p. 73, tradução nossa).

Um outro evento que mereceu o registro de Gradowski foi o extermínio dos judeus do Campo das Famílias tchecas, ocorrido em março de 1944. Causou enorme impacto sobre ele – e também sobre outros membros do *Sonderkommando* – acompanhar o assassinato das famílias que viveram no Campo por seis ou sete meses. Abordar essas mortes fez com que ele se recordasse de duas situações em que um deportado se insurgiu contra os opressores à beira do abismo das câmaras de gás. São eles: um rapaz de um transporte de Varsóvia que atacou os guardas com uma faca que escondera e uma bailarina que conseguiu distrair um guarda, pegar a sua arma e atirar contra ele, “esses foram os únicos transportes nos quais algumas pessoas tentaram resistir porque sabiam que não tinham nada a perder”¹⁰⁴ (Gradowski, 2008, p. 127,

¹⁰¹ “La debilidad humana, el miedo a arriesgarse, el peligro de perder incluso una vida muerta encontró una buena razón, una buena excusa para justificarse ante su conciencia.”

¹⁰² “Cada uno está preso del duelo que flota a su alrededor y por encima de todo el patio, penetra en todos los rinconcitos, en todas las grietas. Tú te sientes sumido en un mar de tristeza.”

¹⁰³ “Si alguna vez quieres comprender, querido lector, quieres conocer nuestro “yo”, medita profundamente en estas líneas y podrás hacerte una imagen de nosotros y entenderás también por qué hemos sido de ésta y no de otra manera.”

¹⁰⁴ “Esos fueron los únicos transportes en los que algunas personas habían intentado resistirse porque sabían que ya no tenían nada que perder.”

tradução nossa). A situação dos homens do Campos das famílias era diferente. Aqueles que se mantinham fortes e saudáveis não queriam testemunhar os seus entes queridos sendo massacrados diante dos seus olhos, e “se a morte fosse inevitável, então eles prefeririam morrer juntos na câmara de gás” (Müller, 1979, p. 106, tradução nossa¹⁰⁵). Filip Müller, judeu tcheco e sobrevivente do *Sonderkommando*, também aborda a morte dos judeus do Campo das Famílias em seu testemunho e, assim, complementa a narrativa de Gradowski. Toda a operação de acompanhá-los foi particularmente custosa para os envolvidos, “nos sentimos fracos, como se fôssemos desmaiar, cair sem forças ao lado deles¹⁰⁶” (Gradowski, 2008, p. 139, tradução nossa). As famílias não apresentaram resistência, pois conheciam o seu destino e estavam resignadas a atravessá-lo. O que se seguiu ao desconforto do desnudamento coletivo e a entrada na câmara de gás surpreendeu a todos e gerou enorme comoção:

no enorme bunker milhares de vítimas aguardam a morte. De repente e espontaneamente uma música emerge dali. Uma vez mais os integrantes da gangue de oficiais ficam petrificados. Eles não conseguem compreender, os seus cérebros não conseguem conceber como é possível que lá no bunker, no coração do túmulo, no limiar da morte, no último minuto de vida, as pessoas – em vez de chorarem pelas suas jovens vidas que estão prestes a perder – deixem suas vozes serem ouvidas cantando. (...) As notas, a melodia que daí emerge são bem conhecidas de todos. Especialmente por eles e, para os criminosos, agora é como facas, como pontas de lança que se cravam em seus corações.¹⁰⁷” (Gradowski, 2008, p. 148, tradução nossa).

O grupo cantou sucessivamente as seguintes canções: A Internacional¹⁰⁸, Hatikva¹⁰⁹, o Hino da Tchecoslováquia¹¹⁰ e o Hino dos Partisanos¹¹¹. Os nazistas pensaram que aquela seria

¹⁰⁵ “If death was inevitable, then they would rather die together in the gas chamber.”

¹⁰⁶ “nos sentimos débiles, como si fuéramos a desfallecer, a caer sin fuerzas junto a ellas.”

¹⁰⁷ “En el enorme búnker miles de víctimas esperan la muerte. De repente y de manera espontánea surge de allí una canción. Una vez más se quedan petrificados los integrantes de la pandilla de oficiales. No pueden comprender, sus cerebros no alcanzan a concebir cómo es posible que ahí en el búnker, en el corazón de la tumba, en el umbral de la muerte, en el último minuto de la vida, la gente – en lugar de llorar por sus jóvenes vidas que están a punto de perder – den oír sus voces cantando. (...) Las notas, la melodía que surge desde allí es bien conocida por todos. Especialmente por ellos y, para los criminales, es ahora como cuchillos, como puntas de lanza que se clavan en su corazón.”

¹⁰⁸ hino internacionalista, associado aos movimentos socialistas, comunistas, socialdemocratas e anarquistas. Escrita em 1871 pelo francês Eugène Pottier e musicada em 1888 por Pierre de Geyter, é uma das canções mais traduzidas e conhecidas do mundo. Tida como uma das músicas da resistência, ela foi escrita após a derrota do movimento operário francês que culminou na morte de 30.000 pessoas. A Internacional é uma canção de chamamento para a luta, que busca unir os trabalhadores injustiçados, famintos, explorados para que relembrem o seu valor e para deporem os seus opressores, os poderosos.

¹⁰⁹ escrita em 1877 ou 1878 pelo jovem poeta judeu, do então Reino da Galícia, Naphtali Herz Imber. A música se tornou oficialmente o Hino Nacional de Israel em 1948. A tradução de Hatikva é, literalmente, a esperança. A letra possui temas bíblicos e, ao mesmo tempo que é uma declaração de fé, é também considerada uma prece. Na leitura de Filip Müller (1979), que também testemunhou esse episódio, ao cantarem Hatikva os seus compatriotas olhavam para o futuro que eles não poderiam ver.

¹¹⁰ adotado em 1918, é uma música bilíngue, junção de duas músicas populares: uma tcheca (*Kde domov můj*), de 1834, e a outra eslovaca (*Nad Tatrou sa blýska*), de 1844.

uma simples execução como tantas outras, mas ali “encontraram um nada que canta”¹¹², praticamente despreocupado, que ri ao ver o rosto da morte. (...) Neste momento a massa nua vai se vingar, vai se vingar através das suas canções¹¹³” (Gradowski, 2008, p. 152, tradução nossa). Das câmaras de gás marchavam “ondas dos sons (...) flutuando pelo curto caminho que separa a vida da morte”¹¹⁴” (Gradowski, 2008, p. 155, tradução nossa). Essa é uma passagem que não nos envergonhamos de designar como belíssima e, ao mesmo tempo, muito triste. Gradowski se detém em muitos pontos dessa cena até que ela encontre o seu fim pelo gaseamento. O que se segue é a descrição dos procedimentos adotados pelos *Sonderkommandos*. Ele aborda desde o corte dos cabelos longos até a duração do processo de cremação. Eram necessários 20 minutos para que um mundo fosse reduzido a cinzas, afirmou Gradowski. Ao descrever o trabalho que precisaram desempenhar, comenta: “é preciso endurecer o coração, matar toda sensibilidade, silenciar todos os sentimentos de dor. O horrível sofrimento da dor deve ser reprimido. É necessário tornar-se um autômato que nada vê, nada sente e nada entende”¹¹⁵” (Gradowski, 2008, p. 162). Como dito anteriormente, se a dor e o sofrimento precisaram ser silenciados, é porque eles faziam barulho.

Por fim, chegamos à breve carta escrita por Gradowski em 6 de setembro 1944, que acompanhava o seu primeiro manuscrito. Aqui ele esclarece que o relato havia sido enterrado em meio a cinzas produzidas pela queima de corpos, mas com as crescentes medidas dos nazistas de apagarem os vestígios dos assassinatos, Gradowski considerou melhor enterrar o seu manuscrito em outro lugar. Há um pedido endereçado a quem porventura o encontre:

vasculhe cada pedaço de terra porque estão enterrados sob a superfície dezenas de documentos – meus e de outras pessoas – que esclarecem tudo o que aqui aconteceu. Também existem muitos dentes enterrados neste local. Nós, os trabalhadores do comando, os espalhamos intencionalmente e tanto quanto pudemos por todo o terreno, para que o mundo pudesse encontrar vestígios de milhões de pessoas

¹¹¹ os partisanos eram membros de grupos que faziam oposição à dominação estrangeira, combatentes do movimento de resistência à ocupação inimiga. O Hino dos Partisanos ou Hino da Resistência foi escrito em abril de 1943, pelo poeta judeu e partisano Hirsh Glik, em homenagem aos combatentes do Levante de Varsóvia. *Zog Nit Keynmol* (Nunca digas), escrito enquanto Glik estava confinado no Gueto de Vilno, alcançou outros guetos e campos de concentração, sendo traduzido para diversas línguas. Se tornou o hino dos combatentes da resistência judaica e utilizado pelo movimento partisano em toda a Europa

¹¹² Há uma metáfora encontrada em uma antiga canção ídiche chamada *Tenho um casaco feito de um tecido especial* que diz: “de seu casaco ele fez uma jaqueta, da jaqueta um colete, do colete um bolso, do bolso um *iarmulke* {um quipá}, e de *iarmulke* a *gornisht*, um nada” – nesse ponto o cantor interrompe a cantiga e recebe os aplausos, quando os aplausos cessam ele retoma a música – “para revelar o que faz do nada: um *lidl*, uma cantiga” (Feierstein, 2011, p. 50).

¹¹³ “han encontrado con una nada que canta, prácticamente despreocupada, que se ríe a la vista del rostro de la muerte. (...) Ahora mismo la masa desnuda tomará venganza, se vengará a través de sus canciones.”

¹¹⁴ “olas de los sonos (...) flotando el breve sendero que separa la vida de la muerte.”

¹¹⁵ “Es preciso endurecer el corazón, matar toda sensibilidad, acallar todo sentimiento de dolor. Es preciso reprimir el horroroso sufrimiento de dolor. Es preciso convertirse en un autómata que nada ve, nada siente nada comprende.”

assassinadas. Nós próprios já perdemos a esperança de chegarmos vivos ao momento da libertação. (...) Nós, o Sonderkommando, há muito que queríamos pôr fim a este trabalho sinistro que nos forçaram a fazer sob ameaças de morte. Queríamos fazer algo grande. O povo do Lager, por um lado judeus e por outro, russos e polacos, contiveram-nos com todas as suas forças e forçaram-nos a adiar o momento da rebelião. Mas o dia está próximo. Pode ser hoje ou amanhã. Escrevo estas palavras em momentos de máximo perigo e agitação nervosa. Que o futuro nos dê o seu veredicto com base nestas minhas notas, que o mundo veja nelas – mesmo que seja um resumo mínimo – deste mundo trágico em que tivemos que viver. Zalmen Gradowski. 6 de setembro de 1944¹¹⁶ (Gradowski, 2008, pp. 168-169).

A convicção de que a hora da morte se aproximava possibilitou que ele assumisse o risco de assinar a carta, algo que não encontramos em seus dois manuscritos. Ele não estava equivocado. Um mês depois ele foi morto durante a revolta de 7 de outubro de 1944 ou nos dias seguintes, em consequência dela.

3.2 Leyb Langfus

[Leyb Langfus] Peço que recolha todas as minhas diversas narrativas e notas, enterradas de uma vez e assinadas J.A.R.A. Encontram-se em diversas caixas e potes no terreno do pátio do crematório III {2}, também duas descrições mais abrangentes, uma delas intitulada “Deslocamento” {Deportação}, que se encontra na vala sob o monte de ossos em local próximo ao crematório II {1} e também a descrição intitulada “Auschwitz”, que se encontra entre ossos empilhados no lado sudoeste do mesmo pátio. Mais tarde eu a reescrevi e complementei e a enterrei separadamente entre as cinzas na área do crematório III {2}. Peço que todos sejam juntados, ordenados e publicados sob o título “Em meio a um pesadelo de crime”. Estamos sendo levados a morrer¹¹⁷ (Bezwińska & Czech, 2013, p. 122, tradução nossa).

O manuscrito encontrado em abril de 1952 nos arredores do crematório III (2) foi identificado, durante muito tempo, com a designação “autor desconhecido”. Algumas pistas deixadas pelo autor-testemunha permitiram que a sua identidade fosse descoberta. Diferentemente do manuscrito de Gradowski, o texto de Leyb Langfus foi encontrado em

¹¹⁶ “busca en cada trocito de tierra porque debajo de la superficie se han enterrado decenas de documentos – míos y de otras personas – que arrojan luz sobre todo lo que aquí ha ocurrido. En este lugar hay también muchos dientes enterrados. Los esparcimos nosotros, los trabajadores del comando, intencionadamente y todos los que pudimos por la parcela entera, para que el mundo pudiera hallar los rastros de millones de personas asesinadas. Nosotros mismos ya hemos perdido la esperanza de llegar vivos al momento de la liberación. (...) Nosotros, los Sonderkommando, hace ya mucho tiempo que queríamos acabar con este siniestro trabajo que nos han obligado a hacer bajo amenazas de muerte. Queríamos hacer algo grande. Las personas del Lager, por una parte, judíos y por otra, rusos y polacos, nos han contenido con todas sus fuerzas y nos han obligado a aplazar el momento de la rebelión. Pero el día está cercano. Puede que sea hoy o mañana. Escribo estas palabras en momentos de máximo peligro y agitación nerviosa. Que el futuro emita su veredicto sobre nosotros fundándose en estas notas mías, que el mundo vea en ellas – aunque sea un resumen mínimo – de este trágico mundo en el que hemos tenido que vivir. Zalmen Gradowski.”

¹¹⁷ “I ask to collect all my various relations and notes, buried once upon a time and signed J.A.R.A. They are to be found in various boxes and jars on the terrain of the yard of crematorium III, also two more comprehensive descriptions, one of them entitled “Displacement”, which is lying in the grave under the mound of bones on the site near crematorium II and also the description entitled “Auschwitz” which is lying amidst levelled bones on the west-southern side of the same yard. Later I had rewritten and supplemented it and have buried it separately among ashes on the site of crematorium III. I ask to have them all jointly put in order and publish them under the title “Amidst a Nightmare of crime”. We are being led to die.”

ótimo estado de conservação, sem nenhum trecho ilegível. Por meio do conteúdo narrado e do modo que se valia do ídiche, foi possível identificar, mesmo antes de se confirmar a autoria, que se tratava de um judeu ortodoxo burguês da Polônia central (Mark, 2013b). De fato, Langfus nasceu em Varsóvia, por volta de 1910 e recebeu educação *yeshivá*, ou seja, dedicada aos estudos da Torá e às tradições rabínicas (Chare & Williams, 2017). Ele se mudou para Maków Mazowiecki e se casou, no início dos anos 1930, com Dvoyre, filha do juiz rabínico (*dayan*) da cidade, Shmuel Yoysef Rozental. Quando o sogro morreu, Langfus foi eleito para ocupar a posição de *dayan*. Ele é referido nos testemunhos de sobreviventes como o *dayan* ou *maguid/maggid* (pregador) de Maków. Considerado um homem particularmente religioso, os outros membros do *Sonderkommando*, tanto quanto foi possível nas condições que tinham, tentaram afastá-lo dos trabalhos de manipulação dos corpos dos judeus mortos.

A narrativa começa remontando aos anos de 1940-1941, quando o autor e sua família estavam no campo de Belzec. Não trataremos desse trecho, nem tampouco do transporte. Porém, cabe dizer que Langfus era casado e tinha um filho, ambos – a esposa e o filho – foram mortos assim que chegaram ao *Lager*. A parte que se passa em Auschwitz começa com cenas que descrevem judeus sendo levados para as câmaras de gás. Alguns sabiam que a morte os aguardava. Eis o que nos conta Langfus:

Quando chegaram os transportes de Będzin, Sosnowiec, havia um rabino de idade avançada. Um grupo restrito sabia que estava viajando para morrer. O rabino entrou na sala de despir e depois no bunker {câmara de gás} dançando e cantando. Ele alcançou a honra de morrer por sua fé. Dois judeus húngaros perguntaram a um membro do Sonderkommando: “devemos recitar o Viduy?”¹¹⁸ Ele disse, sim. Então, eles pegaram uma garrafa de vodka, beberam com um grande “lekhaime”¹¹⁹, à sua saúde e, em seguida, começaram a convencer, insistentemente, um dos membros do Sonderkommando a beber com eles. Ele recusou, profundamente envergonhado e não queria beber. Mas eles insistiram. “Você deve vingar o nosso sangue, você deve viver, portanto – “à sua saúde” – nós te entendemos” – E por muito tempo eles expressaram os seus anseios. Então ele bebeu com eles, ficando, entretanto, tão profundamente comovido que começou a chorar violentamente. Muito perturbado, ele correu para o terreno em frente ao crematório e chorou amargamente por muito tempo. “Esperamos muito, camaradas, um número suficiente de judeus foi queimado, vamos demolir tudo e morrer pela nossa fé!”¹²⁰ (Unknown author, 2013, p. 112, tradução nossa).

¹¹⁸ Oração de confissão dos pecados, recitada antes de morrer (Bezwińska & Czech, 2013).

¹¹⁹ Modo hebraico de fazer um brinde, que significa “para a vida” (Bezwińska & Czech, 2013).

¹²⁰ “When the transports from Będzin, Sosnowiec has arrived, there was a rabbi of advanced years. A select group knew they were travelling to die. The rabbi entered the undressing-room and then the bunker, dancing and singing. He had attained the honour (sic) of dying for his faith. Two Hungarian Jews asked a member of Sonderkommando. “Shall we recite the Vidduy?” That one said, yes. Then they took out a bottle of vodka, drank with great “lekhaime”, their health and next insistently began compelling one of the Sonderkommando’s members to drink with them. He declined, deeply ashamed and did not want to drink. But they persisted. “You must revenge our blood, you must live, therefore – “your health” – we understand you” – And for a long time they were expressing their wishes. Then he drank with them, being meanwhile so deeply moved that he violently burst into tears. Greatly perturbed he ran out into the terrain in front of the crematorium and kept weeping

Vale lembrar que os judeus húngaros foram assassinados entre maio e julho de 1944 e antes disso os judeus do *Sonderkommando* já planejavam o levante. Langfus segue apresentando cenas dos últimos momentos de judeus que foram levados à morte. Alguns foram alimentados com pão por membros do *Sonderkommando* antes de serem levados às câmaras de gás, outros reivindicaram que os homens do Esquadrão vingassem os inocentes, ainda outros acusavam-nos de terem as mãos sujas de sangue. São cenas distintas, com delineamentos distintos. Langfus relata um episódio ocorrido entre junho e agosto de 1943 em que judeus poloneses, sabendo que iriam morrer, se ajoelharam na câmara de gás para fazer uma oração “numa postura que causou enorme impressão¹²¹” (Unknown author, 2013, p. 115, tradução nossa). Concluída a prece eles se levantaram e começaram a cantar o Hino polonês, seguido de *Hatikva* e de *A Internacional*, “eles expressaram desta forma o seu último sentimento com um entusiasmo profundamente comovente e a sua esperança e crença no futuro da sua nação¹²²” (Unknown author, 2013, p. 115, tradução nossa). Em outra ocasião, judeus poloneses de Tarnów recitaram ao mesmo tempo o *Viduy*, pouco tempo antes de serem mortos. Ocorreu também do rabino Mosze Friedman segurar um oficial da SS pelo colarinho e lhe dizer que os nazistas não conseguiriam destruir a nação judaica, que ela permaneceria para sempre e que eles, os nazistas, teriam que pagar por todo sangue derramado. Então o rabino gritou “Shemá, Israel!¹²³” e os deportados que ouviam as suas palavras responderam prontamente “Shemá, Israel!”. Considerando os recortes apresentados, podemos dizer que Langfus parece meditar “cuidadosamente sobre a relação entre o sofrimento individual e o trauma coletivo¹²⁴” (Chare & Williams, 2017, p. 97, tradução nossa).

Langfus também relata os discursos enganosos que o já mencionado oficial da SS Otto Moll proferia a fim de enganar os judeus. Ele mentia para que os deportados não se opusessem a se despirem ou a entrar nas câmaras de gás. Langfus também relata o início da demolição do Crematório IV (3) em 14 de outubro de 1944 e que, em 25 de novembro de 1944, o Crematório II (1) começou a ser desmontado para, na sequência, o Crematório III (2) ser demolido. A citação que abre essa seção está no último parágrafo que encerra o manuscrito. Ele é datado em 26 de novembro de 1944. Segundo o testemunho de Filip Müller

bitterly for a long time. “We have waited too long, comrades, a sufficient number of Jews have been burnt, let us demolish everything and die for our faith!””

¹²¹ “in a posture that made an immense impression.”

¹²² “They expressed in this way their last feeling with a deeply moving warmth and their hope for, and belief in, the future of their nation.”

¹²³ “Ouve, Israel” – essas são as primeiras palavras de Deuteronômio 6:4: Ouve, Israel, o Senhor é nosso Deus, o Senhor é o único.

¹²⁴ “carefully upon the relationship of individual suffering and collective trauma.”

e de Miklos Nyiszli, essa teria sido a data da sua morte (Chare & Williams, 2017). O nome sugerido por Langfus para designar a publicação de seus manuscritos, *Amidst a nightmare of crime*, serviu de título para a coletânea de pergaminhos dos *Sonderkommandos* publicados por Jadwiga Bezwińska e Danuta Czech, em 1973. À época da publicação do livro de Bezwińska e Czech, Langfus ainda era designado como o “autor desconhecido”. Como notado por Nicholas Chare e Dominic Williams (2017), o encerramento do manuscrito convoca o descobridor a procurar por mais testemunhos e assim, “o texto convida o leitor a trazer o autor à existência¹²⁵” (p. 95, tradução nossa). Infelizmente, não foi exatamente isso o que aconteceu. O relato abordado acima diz respeito ao primeiro manuscrito de Langfus a se tornar conhecido, porém, ele não foi o primeiro a ser encontrado.

Em 1945, durante uma visita a Birkenau, Gustav Borowczyk, nativo de Oświęcim, encontrou um manuscrito intitulado *Der Gerush*, “o deslocamento” (Bezwińska & Czech, 2013) ou *Der Geyresh* “a deportação” (Chare & Williams, 2017). Não conseguindo ler o caderno redigido em ídiche, Borowczyk o guardou no sótão da casa de sua família. Em 1970, o irmão de Gustav, Wojciech Borowczyk, levou ao *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau*¹²⁶ o caderno encontrado. Metade dos relatos desse manuscrito se passam “em Maków, um terço em Mława e as últimas vinte páginas em Auschwitz¹²⁷” (Chare & Williams, 2017, p. 106, tradução nossa). Nos deteremos nas últimas páginas que registraram eventos transcorridos entre os anos de 1943 e 1944. A imagem que Langfus projeta na abertura é dura:

Caindo mortos em um espaço tão restrito, as pessoas se pressionavam umas contra as outras em 5 ou 6 camadas, uma em cima da outra, com mais de um metro de altura. As mães ficaram sentadas no chão abraçadas aos filhos, homens e mulheres abraçados. (...) Alguns ficaram completamente azuis sob o efeito do gás, e outros completamente viçosos, como se estivessem dormindo. Um grupo não entrou no bunker. Eles foram mantidos em uma cabana de madeira até as 11 horas da manhã do dia seguinte. Eles ouviram as vozes desesperadas das pessoas que estavam sendo gaseadas e descobriram exatamente o que os esperava. Eles testemunharam tudo. (...) Eles sofreram a maior dor do mundo naquela maldita noite e metade do dia. Quem não viveu tal coisa (...) não pode ter a menor ideia disso. Como descobri mais tarde, minha esposa e meu filho estavam entre eles {entre os mortos}¹²⁸ (Chare & Williams, 2017, p. 106, tradução nossa).

¹²⁵ “the text calls upon the reader to bring the author into existence.”

¹²⁶ O Museu foi inaugurado em 2 de julho de 1947. Muitos manuscritos e documentos podem ter sido encontrados nos dois primeiros anos após a liberação do *Lager* e terem sido destruídos ou guardados e esquecidos.

¹²⁷ “in Maków, a third in Mława, and the final twenty pages in Auschwitz.”

¹²⁸ “Falling down dead in such confined space the people pressed against each other in 5 or 6 layers, one on top of the other to over a metre inn height. Mothers were left sitting on the ground clutching their children, men and women hugging each other. (...) Some were left completely blue under the effect of the gas, and some completely fresh, as if sleeping. One group did not go into the bunker. They were held in a wooden hut until 11 in the morning the next day. They heard the despairing voices of the people being gassed, and worked out exactly what was awaiting them. They witnessed everything (...). They suffered the greatest pain in the world in

Dessa maneira Langus nos conta como foi o seu ingresso no *Lager*. Ele apresenta como ficavam os corpos quando as câmaras de gás eram abertas, fala do sofrimento de ouvir os gritos desesperados – foi de forma acústica que eles testemunharam tudo – e, por fim, descobre que os membros de sua família estavam todos mortos. Sobre a queima dos corpos, ele afirma que o cheiro se fazia sentir por toda a área e tornava o próprio ar gorduroso. O recorte a seguir apresenta outra passagem situada na câmara de gás. Dessa feita, três mil mulheres nuas aguardam a morte quando elas começam a examinar os rostos dos homens do *Sonderkommando* a fim de identificar se eles tinham simpatia por aquelas mulheres. Um dos homens olhando para a solidão das mulheres indefesas não conseguiu se segurar e se pôs a chorar. Uma das jovens mulheres, então, disse:

Ah! Que ainda vivi para ver [derlebt] antes da minha morte uma expressão de simpatia [mitgefühl], uma lágrima derramada pelo nosso terrível destino, aqui neste campo de assassinos, onde pessoas são torturadas, espancadas, obrigadas a sofrer e mortas, onde vimos nossa dose [men zet zikh on] de assassinatos bestiais e transgressões sem limite, onde nos tornamos entorpecidos e endurecidos [ferglivert] para o maior sofrimento, onde todo sentimento humano [gefühl] murcha, onde um irmão ou irmã cai diante de seus olhos [far dayne oygen] e você nem assinala isso com um suspiro. Deveria haver uma pessoa que se comovesse com nosso amargo infortúnio, que expressasse sua simpatia [mitgefühl] através das lágrimas. Oh! Que visão maravilhosa é essa? Algo não natural? Minha morte será marcada por um suspiro, uma lágrima de um judeu vivo. Ainda há alguém que vai ficar de luto por nós, e pensei que iríamos desaparecer deste mundo como órfãs abandonadas. Encontro neste jovem um pequeno consolo; entre meros bandidos e criminosos, vivi para ver [derlebt] antes da minha morte um homem que sente [a mensh vos fihlt]¹²⁹ (Chare & Williams, 2017, p. 111, tradução nossa).

A reação à presença de judeus do *Sonderkommando* na sala de despir e na câmara de gás não era homogênea. Langfus narra a história de uma menina de oito anos que tirava a roupa de seu irmão mais novo quando um homem do *kommando* se aproximou para ajudá-la. Prontamente ela interveio dizendo: “Vai embora, assassino judeu! Não coloque suas mãos que mergulharam em sangue judeu no meu pequeno e belo irmão!”. Um menino da mesma idade engrossou o coro: “E, no entanto, você é judeu! Como pode levar esses pequenos para serem

that accursed night and half a day. Whoever has not lived through such a thing (...) cannot have the slightest conception of it. As I later found out, my wife and son were among <them>”

¹²⁹ “Ah! That I have yet lived to see [derlebt] before my death an expression of sympathy [mitgefühl], a tear shed for our terrible fate, here in this murderers’ camp, where people are tortured, beaten, made to suffer and killed, where we’ve seen our fill [men zet zikh on] of savage murders and wrongdoings without limit, where we become dulled and hardened [ferglivert] to the greatest suffering, where every human feeling [gefühl] withers, where a brother or sister falls before your eyes [far dayne oygen], and you don’t even mark it with a sigh. That there should be a person who is moved by our bitter misfortune, who expresses his sympathy [mitgefühl] through tears. Oh! What wonderful vision is this? Something unnatural? My death will be marked by a sigh, a tear from a living Jew. There is still someone who will mourn us, and I thought that we would disappear from this world like abandoned orphans. I find in this young man some small consolation; among mere bandits and criminals, I have lived to see [derlebt] before my death a man who feels [a mensh vos fihlt].”

mortos pelo gás, e tudo isso para permanecer vivo? Será que sua vida no meio de um bando de assassinos é mais querida que a vida de tantas vítimas judias?” (Bignotto, 2014, p. 244). Bignotto não toma o registro dessas palavras como literal, e talvez, de fato, elas não tenham sido proferidas nesses exatos termos. No entanto, não parece improvável que uma cena de exortação tenha ocorrido pelas vozes de crianças.

Langfus segue relatando eventos vistos e ouvidos na beira do abismo. Ele era não somente um pregador, como também um exímio contador de histórias. Mordechai Ciechanower, um judeu de Maków que tinha acesso aos membros do *Sonderkommando* por ser reparador de telhados, “descreve Langfus sentado no bloco do Sonderkommando, pedindo histórias ao resto do Campo e contando-lhe histórias, que ele ouvia ‘com os olhos esbugalhados’”¹³⁰ (Chare & Williams, 2017, p. 114, tradução nossa). Infelizmente, diferente dos manuscritos de Gradowski que foram publicados em edição unificada e integral, ao manuscrito de Langfus temos acesso por meio de recortes parciais e ao texto reorganizado. Há questões relacionadas à sequência do relato pois, por vezes, os tradutores tendem a montar um encadeamento cronológico e a sucessão das narrativas não se deu por essa via, e sim por uma construção lógica. Uma história chama outra história, em uma sequência produzida pelo desencadear de um fio de associações, uma estrutura fundada mais no padrão do que na cronologia – uma tendência narrativa da memória judaica (Chare & Williams, 2017).

3.3 Zalman Lewental

A mãe com cinco crianças morreu, somente o pai foi deixado vivo, que chorou mas sem [...] lágrimas¹³¹
Lewental, 2013, p. 131, tradução nossa.

Zalman Lewental, judeu polonês da cidade de Ciechanów, é considerado um historiador e arquivista do *Sonderkommando*, dado o modo mais direto com que ele narra os acontecimentos presenciados (Chare & Williams, 2017). Ele, que nasceu em 1918, era o quarto filho de uma família com sete crianças e, assim como Langfus, estudou em uma escola *yeshivá* (Cohen, 1990). O primeiro manuscrito de Lewental, escrito entre os dias 15 e 18 de agosto de 1944, foi encontrado em 28 de julho de 1961. O documento foi assinado por ele, que se identificou como participante do círculo restrito do *Sonderkommando* do Crematório II (1), uma indicação de que ele participara ativamente do grupo dos insurgentes. Junto ao seu testemunho havia o diário de um judeu confinado no gueto de Łódź no mesmo período que

¹³⁰ “describes Langfus sitting in the Sonderkommando block, asking for stories from the rest of the camp and telling him stories in turn, to which he listened ‘with bulging eyes’.”

¹³¹ “The mother with five children perished, only the father was left alive, who wept but without [...] tears.”

Lewental. No invólucro que protegia o manuscrito e o diário havia também uma pulseira feita no gueto, retratando cenas dele. Infelizmente, pouco de seu manuscrito está legível, mas sabe-se que nele há comentários sobre as circunstâncias que o fizeram guardar o diário.

Encontrado em 17 de outubro de 1962, o segundo manuscrito de Lewental estava parcialmente ilegível, estima-se que apenas 60% dele permanecia preservado. Junto ao pergaminho foram encontradas algumas folhas escritas por Langfus e uma lista de mortes ocorridas em outubro de 1944. O manuscrito foi redigido principalmente em ídiche, mas não por alguém habituado a utilizá-lo na forma escrita. As palavras de origem hebraica, as frases e as citações do Talmude, no entanto, foram grafadas corretamente (Bezwińska & Czech, 2013). As primeiras páginas apresentam uma escrita altamente fragmentada a ponto de mal formarem frases completas. Em toda a página 2 do pergaminho, por exemplo, só foram identificadas as palavras: “[...] ao meio-dia [...] [causado por] vários outros eventos sociais [...] a data fixada foi adiada para 1º de novembro de 1942, [...] a deportação foi tornada pública [...] que abrangia [também outras localidades] [...] [como] Płońsk, Nowy Dwór, Nowe Miasto [...]”¹³² (Lewental, 2013, p. 130, tradução nossa). Há diferença na proporção de cada página entre o quanto está legível e quão não está. Do mesmo modo que ocorreu com outros manuscritos, o seu não teve as páginas numeradas quando foi encontrado e, em razão disso, elas já foram reordenadas algumas vezes (Cohen, 1990). Como há muitas lacunas no texto, é difícil organizá-lo a partir da cadência narrativa do seu autor porque o compasso argumentativo não fica claro. Há também, como dissemos, um entusiasmo de empreender o sequenciamento cronológico do texto que nem sempre corresponde à escrita da testemunha.

Na página 15 do manuscrito, tal como ele nos é apresentado, encontramos referência à chegada do comboio em que Lewental foi deportado a Auschwitz e a sua designação imediata para trabalhar no *Sonderkommando*

Depois de chegar ao trabalho, cada um reconheceu sua família. Ao Kommando recém-formado naquele dia incluíam-se nomeadamente homens que acabavam de chegar ao campo com o transporte e foram imediatamente conduzidos para [aquele trabalho]. Desta forma toda a comunidade pereceu, todo o assentamento judaico da nossa cidade, nossos queridos pais, esposas, filhos, irmãs, irmãos. E isso aconteceu no dia 10 de dezembro de 1942, tarde da noite e - o resto na manhã seguinte¹³³ (Lewental, 2013, p. 134, tradução nossa).

¹³² “[...] at noon [...] [caused by] various other social [...] the fixed date was put off for Nov[ember] 1, 1942, [...] the deportation was made public [...] which encompassed [also other localities] [...] [such as] Płońsk, Nowy Dwór, Nowe Miasto [...]”

¹³³ “after getting to work, each one recognized his family. To the Kommando recently formed on that day, men were namely included, who had only just arrived at the camp with the transport, and were at once driven to [that work]. In this way all community had perished the entire Jewish settlement from our town, our dear parents, wives, children, sisters, brothers. And this happened on December 10, 1942, late at night and - the rest the next morning.”

Nos trechos legíveis do seu manuscrito, encontramos comentários sobre os *Sonderkommandos*: “tínhamos vergonha um do outro e não ousávamos olhar um no rosto do outro. Nossos olhos inchados de dor, vergonha, lágrimas e lamentações, cada um de nós enterrado em um buraco para evitar o encontro com o outro [...]”¹³⁴ (Lewental, 2013, p. 136, tradução nossa). Não fica claro o que ocorreu para que se sentissem tão desconcertados, mas é inequívoco que não há um apagamento dos afetos. Adiante Lewental escreve sobre a vontade de viver, sobre a qual afirma: “todos são subconscientemente dominados pela vontade espiritual de viver, pela aspiração de viver a qualquer custo”¹³⁵ (Lewental, 2013, p. 139, tradução nossa). Há muitas lacunas que tornam a compreensão dessa parte do texto dificultada e, infelizmente, o fragmento em que ele responderia em primeira pessoa sobre o porquê de querer viver está repleto de falhas. De todo modo, o seu esforço para construir algum saber sobre essa importante questão, vale:

E assim, de forma breve e clara [...] [se] alguém perguntar por que [...] eu responderei [...] isto é [...] e mais tarde para [...] deixe-os dizer: eu sou muito fraco, eu era antigamente [...] sob a pressão da vontade de viver, para que eu possa avaliar corretamente [...] a vontade de viver, mas não [...] está em jogo. [...] por que você faz um trabalho tão ignóbil, para que você vive, qual é o seu objetivo de viver, o que você anseia [...] o que você gostaria de alcançar vivendo esse tipo de vida [...] E aqui está o ponto crucial [...] do nosso Kommando, que não tenho intenção de defender como um todo. Devo dizer a verdade aqui: alguns membros desse grupo perderam-se tão completamente ao longo do tempo que nós mesmos ficamos simplesmente envergonhados. Eles simplesmente esqueceram o que estavam fazendo [...]”¹³⁶ (Lewental, 2013, p. 139, tradução nossa).

Ao final de suas elaborações sobre a vontade de viver, Lewental explicita que a orientação para a vida de cada um dos homens que trabalhavam no *Sonderkommando* não era a mesma. Eles não partilhavam o mesmo conjunto de valores e não se orientavam por uma mesma ética. Geralmente os novos integrantes do *Sonderkommando* não lidavam com os vivos e sim com os mortos, afirma (Lewental, 2013). Isso ajudava no processo de adaptação e dessensibilização. Alguns homens do Esquadrão Especial, ele reconhece, não ficavam mais impressionados com nada do que ocorria nas câmaras de gás e nos fornos crematórios, eles se

¹³⁴ “We were shamed of one another and we dared not look one another in the face. Our eyes swollen with pain, shame, tears and lamentations, each of us burrowed into a hole to avoid meeting another [...]”

¹³⁵ “everyone is subconsciously mastered by the spiritual will to live, by the aspiration to live any cost.”

¹³⁶ “And so, briefly and clearly [...] [if] anyone asks why [...] I shall answer [...] that is [...] and later for [...] let them state: I am too weak, I was formerly [...] under the pressure of the will to live, so that I should be able to estimate rightly [...] the will to live, but not [...] is at stake. [...] why do you do such ignoble work, what do you live for, what is your aim in life, what do you desire [...] what would you like to achieve living this kind of life [...] And here is the crux [...] of our Kommando, which I have no intention to defend as a whole. I must speak the truth here, that some of that group have in the course of time so entirely lost themselves that we ourselves were simply ashamed. They simply forgot what they were doing [...]”

tornaram insensíveis. Porém, entre os operadores dos fornos crematórios havia alguns que não permitiam acostumar-se com o que viam e faziam. Eles recusavam a proposição “hoje você vive, amanhã você apodrece, o que significa que eu tenho que sobreviver a qualquer custo”¹³⁷ (Lewental, 2013, p. 140, tradução nossa). Ele demonstra ter ciência de que o seu grupo tinha má fama em razão do trabalho que os mantinha vivos, o mesmo trabalho que colocava a morte a espreitá-los a todo momento. Depois de abordar a luta pela vida, Lewental reproduz o que seria o comentário de uma mulher judia que aguardava a morte. Ela disse que a sua *happy hour* havia chegado, pois quando o coração está tão cheio de dor e sofrimento, a morte é lida como um resgate, uma libertação do pesadelo que a oprimia. Lewental coloca lado a lado a luta pela vida em condições degradantes e o cansaço relacionado ao modo de existência proporcionado aos judeus pelos nazistas.

Lewental (2013) expressa um dos motivos dos *Sonderkommandos* escreverem os testemunhos e enterrá-los no Campo. Ele acreditava que a história de Auschwitz não seria suficientemente bem contada e que, provavelmente, o mundo àquela altura já havia recebido informes sobre o que acontecia no *Lager*. Por mais que alguns poloneses e judeus sobrevivessem ao fim da guerra e testemunhassem, somente os *Sonderkommando* sabiam detalhes do que se passou no âmago daquele mundo de destruição. Apesar das difíceis condições em que viviam, assegura Lewental, o grupo de insurgentes estava pensando no amanhã, inclusive quando se associaram a outros prisioneiros. Se em um primeiro momento era preciso que os judeus se unissem, depois ficou claro que era necessário que eles estivessem em contato com outros grupos, como o movimento operário e os intelectuais de esquerda. Entre os prisioneiros que mantiveram relações com os *Sonderkommandos*, os soviéticos se destacaram. Alguns entre os prisioneiros de guerra receberam auxílio dos homens do Esquadrão Especial para organizar fugas e muitas foram bem-sucedidas. Entre os próprios membros do *Sonderkommando* havia quem almejasse fugir. Lewental estava entre eles, mas foi traído e só conseguiu ser poupado por ter contado com a proteção do Kapo Kamiński e do chefe do seu bloco. Apesar de não ter sido morto ao ser acusado de planejar uma fuga, ele passou a ser constantemente vigiado.

A chegada dos judeus húngaros desorganizou os homens do Esquadrão

Nós devemos manchar as nossas mãos com o sangue dos judeus húngaros. Isso simplesmente fez com que todo o Kommando, sem distinção a que estrato ou classe social pertencia, sem exceção dos piores, todos começaram a insistir em pôr fim finalmente a esse jogo, a acabar com este trabalho e [se necessário for] sacrificar-se e dar a própria vida. Começamos a exortar os outros a exigirem que os de fora {a

¹³⁷ “Today you live, tomorrow you rot, which means that I have to survive at any cost.”

resistência política} [acelerassem a ação], mas, infelizmente, o que tínhamos imaginado não aconteceu. Enquanto isso, uma grande ofensiva havia começado no Oriente. Era evidente que os russos se aproximavam cada dia mais de nós. Depois, outros chegaram à conclusão de que todo esse empreendimento talvez fosse desnecessário, que talvez fosse melhor esperar um pouco mais até que a frente se aproximasse ainda mais (...) Todo o nosso Kommando sempre foi da opinião de que corríamos um perigo muito maior do que todos os outros prisioneiros no campo, muito mais ainda do que os judeus no campo. Acreditávamos que os alemães iriam querer a todo custo destruir todos os vestígios de seus crimes cometidos até agora. Eles não conseguiriam fazer isso de outra forma, a não ser matando todo o nosso Kommando, sem deixar nenhum vivo, nem mesmo [...]. E, portanto, não vimos nenhuma chance para nós na frente que se aproximava; pelo contrário, chegamos à conclusão de que tínhamos de realizar a nossa ação mais cedo, se ainda quiséssemos realizar alguma coisa durante a nossa vida. Então todo o nosso Kommando começou a pressionar, desejando dessa forma pra já o que já deveria ter acontecido. Mas, infelizmente, a data foi adiada dia após dia. (...) Isso durou longos meses ¹³⁸ (Lewental, 2013, pp. 154-155, tradução nossa).

Lewental aborda o envio de 200 membros do *Sonderkommando* para trabalharem em Lublin – um ato de retaliação nazista a uma tentativa de fuga, informa. Diferente de Langfus que diz claramente que esses homens foram enviados para a morte, Lewental se detém mais nos efeitos da chegada dos vinte prisioneiros de guerra soviéticos ¹³⁹ transferido de Lublin para Birkenau ¹⁴⁰. Os soldados soviéticos pareciam parceiros promissores para o levante, mas não conseguiam participar da etapa de planejamento e organização. A despeito disso, quando ficou claro que a resistência política não interviria, eles decidiram se aliar para iniciar a revolta. Quando chegou o dia marcado para a insurreição

as pessoas se beijavam com pura alegria por terem vivido para ver o momento em que conscientemente e sem serem forçadas a fazê-lo seriam capazes de acabar com tudo isso. Apesar de ninguém ter ilusões de salvar-se desta forma – pelo contrário,

¹³⁸ “We must sully our hands with the blood of Hungarian Jews. This caused that simply the whole Kommando, without distinction to what stratum or class of society one belonged, not excepting the worst ones, all began to insist to put a stop at last to that game, to have done with this work and [if need be] sacrifice oneself and give one’s own life. We began to urge the others they should demand from those outside [to speed up the action], but alas, what we had imagined did not happen. Meanwhile a great offensive had started in the East. It was evident that Russians were each day getting closer to us. Then others came to the conclusion that this whole undertaking was perhaps unnecessary, that perhaps it were better to wait a little more until the front came nearer still (...) All our Kommando had always been of the opinion that we were in a much greater danger than all the other prisoners in the camp, much more even than the Jews in the camp. We believed that the Germans would want at all costs to obliterate all traces of their crimes committed till now. They would not be able to do this otherwise than by killing our entire Kommando, leaving not a single one alive, not even [...]. And therefore we saw no chance for us in the approaching front; on the contrary, we came to the conclusion that we had to carry out our action earlier, if we still wanted to accomplish anything in our life-time. So all our Kommando began to bear pressure, wishing in this way to already high time. But, alas, the date was put off from day to day. (...) This lasted for long months.”

¹³⁹ Igor Bartosik (2022), historiador polonês e funcionário do *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau*, menciona a chegada de doze prisioneiros de guerra soviéticos e o Kapo responsável por esse grupo.

¹⁴⁰ Foram esses prisioneiros de guerra que informaram aos membros do *Sonderkommando* de Auschwitz II-Birkenau sobre o destino dos 200 homens enviados a Lublin.

todos sabiam que isso significava morte certa – todos estavam, no entanto, contentes¹⁴¹ (Lewental, 2013, p. 160, tradução nossa).

A chegada de um novo comboio de deportados desarticulou a ação. Os membros do *Sonderkommando* seguiram dizendo para as pessoas da Resistência política que eles não suportavam mais continuar queimando judeus e ouviam como resposta que os deportados “seriam queimados de qualquer maneira, se não por nós, então por outros. Mas continuamos a insistir dia após dia, porque queríamos acelerar estes acontecimentos¹⁴²” (Lewental, 2013, p. 161, tradução nossa). Com a morte de outros 200 homens do Esquadrão Especial¹⁴³, os não selecionados para a suposta transferência ficaram “irritados e amargurados e sabíamos, além disso, que este não era o fim da ação. (...) Falava-se abertamente sobre os preparativos para liquidar o campo¹⁴⁴” (Lewental, 2013, p. 162, tradução nossa). As pressões sobre a Resistência política continuaram até que mais 300 homens do *Sonderkommando* foram designados para a morte, em outubro de 1944. Os selecionados anunciaram que ofereceriam resistência aos nazistas e a liderança do Esquadrão disse que todos deveriam esperar a Resistência política para iniciarem uma revolta com maiores chances de êxito. Lewental (2013) então menciona o incidente ocorrido alguns dias antes no Crematório II (1) entre um prisioneiro político soviético que se embbedou, atacou um guarda da SS e foi morto em seguida. Com receio de ataques desse grupo, as autoridades nazistas entenderam que seria melhor enviar os soviéticos para a morte junto com os 300 judeus do *Sonderkommando*.

A revolta de 07 de outubro de 1944 é narrada de acordo com o que lhe chegou aos ouvidos. Ele oferece a sua leitura sobre a ação dos judeus que tentaram fugir e dos que tentaram explodir o Crematório II (1):

Nesta altura eles deram provas de um grande sentido de responsabilidade e devoção. Nestes últimos minutos, em que cada segundo determinava as suas vidas ameaçadas pelos guardas que os perseguiram, apesar disso, pararam para cumprir a sua última tarefa: cortar os fios do campo feminino adjacente e assim tornar possível que as mulheres escapassem. Infelizmente, eles não conseguiram muito. (...) Quem é capaz de avaliar a coragem e o sacrifício dos nossos três camaradas que permaneceram [no local] com [...] para explodir o crematório e ao mesmo tempo dar a vida conscientemente, para sacrificar as próprias [chances?] [para que as mulheres

¹⁴¹ “People kissed one another with sheer joy that they had lived to see the moment when consciously and without being forced to do it they would be able to put a stop to all that. In spite of the fact that nobody had any illusions as to saving himself in this way – on the contrary, all were aware that it meant certain death – all were, however, glad.”

¹⁴² “they would be burned anyhow, if not by us then by others. But we continued to urge day after day, because we wanted to speed up these events.”

¹⁴³ Como mencionado anteriormente, essas mortes ocorreram em setembro de 1944, devido à diminuição no número de transporte enviados a Auschwitz II-Birkenau.

¹⁴⁴ “irritated and embittered and we knew in addition, that this was not the end of the action. (...) There was also open talk about the preparations to liquidate the camp.”

escapassem?]) e finalmente entregaram as suas próprias vidas. Eles desistiram de tudo sacrificando a si mesmos. (...) Ora, ninguém os forçou a fazer isso naquele momento. Eles poderiam ter tentado escapar junto com todos os outros e ainda assim renunciaram a isso pelo bem da causa. E, portanto, quem é capaz de avaliar a coragem dos nossos camaradas e o heroísmo do seu feito?¹⁴⁵ (Lewental, 2013, p. 170, tradução nossa)

Dessa maneira, na perspectiva de Lewental, esses homens mostraram que estavam entre os melhores, pois foram capazes de viver e de morrer preservando a própria dignidade. Essa parte do manuscrito foi assinada e datada: 10 de outubro de 1944. Em seguida há um trecho pouco legível em que Lewental parece tecer críticas aos membros da Resistência do Campo, sobre os quais afirma

parecia que nenhum deles ainda estava preparado, pior ainda, nenhum deles se habituou à ideia, eles ainda eram incapazes de tomar tal decisão, simplesmente porque queriam viver um pouco mais. Para morrer – dizem – sempre há tempo. E aqui estava a diferença entre os nossos garotos [...] o tempo todo éramos acusados de sermos fracos, de sermos covardes, que têm medo da morte, que gostariam de viver pelo menos mais um dia, para quem uma hora de vida é [...] mas [...] acontecimentos [...]. (...) Demos tudo, tudo o que nos exigiram: ouro, dinheiro e outros objetos valiosos no valor de muitos milhões. E o mais importante de tudo, fornecemos-lhes documentos e materiais secretos sobre tudo o que estava acontecendo conosco [...]. Transmitimos-lhes tudo, até os mínimos detalhes: o que se passava conosco e o que um dia poderia interessar ao mundo¹⁴⁶ (Lewental, 2013, pp. 174-175, tradução nossa).

E segue dizendo:

Até mesmo os materiais que lhes transmitimos foram creditados em suas próprias contas. Eles transmitiram nossos nomes em completo silêncio, como se não tivéssemos nada com isso. Sim. Eles usaram o nosso dinheiro, a nossa dor, o nosso tormento e o nosso sangue para ganhar popularidade e fama [...], eles foram retirados do campo [...] eles mereceram o destino que não será [...] (...) Mas devemos continuar o nosso trabalho, tentaremos preservar tudo isto para o mundo.

¹⁴⁵ “At this time they gave evidence of a great sense of responsibility and devotion. In these last minutes, when every second determined their lives which were threatened by the pursuing guards, in spite of this, they stopped for a while to perform their last task: to cut the wires of the adjacent women’s camp and in this way make it possible for the women to escape. Alas, they could not achieve much. (...) Who is able to gauge the courage and sacrifice of our three comrades who remained in [the spot] with [...] in order to blast the crematorium and at the same time to lay down their lives consciously, to sacrifice their own [chances?] [so that the women should escape?] and finally they laid down their own lives. They gave up everything sacrificing their own selves. (...) Why, nobody forced them to do so at that moment. They could have tried to escape together with all the others and yet they renounced it for the good of the cause. And therefore who is able to gauge the courage of our comrades and the heroism of their deed?”

¹⁴⁶ “[...] it appeared that not one among them was as yet prepared, worse even, not one of them got used to the idea, they were as yet incapable of taking such a decision, simply because they wanted to live a little longer. To die – they say – there is always time. And here was the difference between our boys [...] the whole time we were accused of being weak, of being cowards, who are afraid of death, who would like to live if only one day longer, for whom one hour of life is [...] but [...] events [...] (...) We gave everything, whatever they demanded of us: gold, money and other valuable objects to the value of many millions. And most important of all, we supplied them with secret documents and materials concerning all that was happening with us [...]. We transmitted everything to them, down to the minutest details: what was going on with us and what one day could be of interest to the world.”

Vamos simplesmente escondê-lo no solo.¹⁴⁷ (Lewental, 2013, p. 176, tradução nossa).

Por fim ele dedica o seu manuscrito a alguns colegas do *Sonderkommando*. Dentre os citados encontramos referência a Gradowski e a Langfus. Ao se encaminhar para o final da primeira seção do seu manuscrito “Lewental coloca o acrônimo **הבצנה** (“que suas almas estejam ligadas no feixe da vida”) no meio da linha (82.4). Esse acrônimo é colocado nas lápides dos túmulos judaicos, geralmente na última linha. O manuscrito de Lewental serve como lápide; ele marcará os seus túmulos¹⁴⁸” (Chare & Williams, 2017, p. 143, tradução nossa). Por isso nomear os seus companheiros e a si próprio se tornou necessário. Não resta dúvida de que foi necessário coragem para fazê-lo. Ao final do texto ele pede “continue procurando! Você [irá] [...] encontrar ainda mais¹⁴⁹” (Chare & Williams, 2017, p. 148, tradução nossa). Assim, temos mais um membro do *Sonderkommando* lançando um apelo para que a posteridade se interesse e encontre as suas palavras. Em relação ao que se sabe sobre o núcleo do genocídio nazista, Lewental (2013) tinha razão ao dizer que sem eles – os *Sonderkommando* – ou sem as suas palavras, ninguém poderia saber o que aconteceu e quando ocorreu. Lewental é considerado dentre os escritores dos *Scrolls* aquele que se dedicou a falar do *Sonderkommando*, o que eles sentiam, pensavam e planejaram fazer (Chares & Williams, 2017). E talvez ele represente mais do que isso, pois Lewental foi capaz de confirmar a impressão de que os membros do *Sonderkommando* tinham consciência do seu papel (Bignotto, 2014). Se não todos entre eles, alguns claramente se destacaram nas reflexões sobre a vida em meio a morte.

3.4 Chaim-Herman Hersz Strasfogel

Birkenau, 6 de novembro de 1944. Minha querida mulher e filha, no início de julho deste ano tive a grande alegria de receber sua carta (sem data), foi como um bálsamo em meus tristes dias aqui, li novamente e novamente e a mantereí comigo até meu último suspiro. Eu não tive a oportunidade de responder a sua carta e quando escrevo hoje, com grande risco e perigo, faço-o para lhe dizer que esta é a minha última carta, os nossos dias estão contados e se um dia receber esta missiva, você terá que me incluir entre os milhões de nossos irmãos e irmãs que desapareceram

¹⁴⁷ “Even the materials which we had transmitted to them were credited to their own accounts. They completely passed in silence our names as if we had had nothing in common with it. Yes. They used our money, our pain, our torment and blood in order to gain popularity and fame [...], they were drawn out from the camp [...] they deserved the fate which will not be [...] (...) But we shall continue our work, we shall try to preserve all this for the world. We shall simply hide it in the soil.”

¹⁴⁸ “Lewental places the acronym **הבצנה** (‘may their souls be bound in the bundle of life’) in the middle of the line (82.4). This acronym occurs on the headstones of Jewish graves, usually on the last line. Lewental’s manuscript serves as their headstone; it will mark their graves.”

¹⁴⁹ “Keep looking! You <will> ***** find still more.”

deste mundo. Aproveito a oportunidade para assegurar-lhe que estou partindo com calma e talvez heroicamente¹⁵⁰ (Herman, 2013, p. 181, tradução nossa).

Hersz Strasfogel, judeu polonês de Varsóvia, nasceu em 16 de dezembro de 1895. Em 1930, ele e a esposa fixaram residência na França. O seu manuscrito foi encontrado por Andrzej Zaorski entre os dias 6 e 20 de fevereiro de 1945. Strasfogel assinou o documento como Herman, apelido pelo qual era conhecido desde que se mudara para a França, e daí começou a confusão. Entre os anos de 1968 e 1970, pesquisadores atribuíram o manuscrito a Chaim Herman. Tal associação se baseou na verificação da lista de deportados de Drancy com o sobrenome Herman, o comboio em que o autor do manuscrito teria chegado ao Campo. Os elementos do próprio manuscrito que viabilizariam a identificação de seu verdadeiro escritor, como o nome da filha de Hersz que aparece várias vezes, foram ignorados (Kilian, 2019). Chaim Herman não era casado e não tinha filhos. O mal-entendido foi esclarecido em 2018, mas só se tornou público em 2019.

O pergaminho de Strasfogel é, na realidade, uma carta escrita para a sua esposa e filha. As folhas de papel, inclusive, foram dobradas como era costume se fazer em cartas (Chare & Williams, 2017). Strasfogel reconhece não ter deixado um meio de subsistência confortável para elas e pede à esposa que o perdoe pelas pequenas brigas, “eu sempre pensei que, se por algum milagre eu saísse daqui, começaria uma nova vida... mas, infelizmente, isso é impossível, ninguém sai daqui, tudo acabou¹⁵¹” (Herman, 2013, p. 182, tradução nossa). Ele pensa na esposa a todo momento e imagina que, em algum canto escondida, ela também estaria pensando nele. Strasfogel deixa algumas recomendações à esposa: que a filha se case com um judeu e tenha muitos filhos – a própria esposa deveria se casar novamente, mas não antes da filha. O seu tom é de despedida, pois ele acreditava que na semana em que lhes escrevia, a morte o encontraria. É bem provável que ele tenha morrido vinte dias depois, em 26 de novembro de 1944. Após apresentar as recomendações para o futuro da esposa e da filha, Strasfogel passa a relatar a sua chegada ao Campo e a sua designação para trabalhar no *Sonderkommando*. No momento em que escrevia a carta à esposa já havia se passado vinte meses da sua chegada e

¹⁵⁰ “Birkenau, November 6, 1944. My dear woman and daughter, In the early part of July of this year I had the great joy of receiving your letter (undated), it was like balm in my sad days here, I read it again and again and shall keep it with me till my last gasp. I had no opportunity to answer your letter and when I write today with great risk and danger, I do it in order to tell you that this is my last letter, our days are numbered and if one day you receive this missive, you will have to include me among the millions of our brothers and sisters who had vanished from this world. I am taking this opportunity of assuring you that I am leaving calmly and perhaps heroically.”

¹⁵¹ “I constantly thought here that, should I by some miracle get out here, I would begin a new life... but alas this is impossible, nobody gets out of here, all is over.”

é algo totalmente impossível lhe dar uma prova por escrito de tudo o que vivi aqui, se você estiver viva lerá muito do que será escrito a propósito do “Sonder Kommando”, mas eu te imploro, nunca tenham uma opinião negativa sobre mim, se houve homens bons e maus entre o nosso povo certamente nunca estive entre os últimos. Não temendo nem risco nem perigo, fiz no decorrer deste trabalho tudo o que estava ao meu alcance para aliviar o destino dos infelizes ou - em termos cautelosos - aquilo que não posso dizer mais exatamente sobre este destino, de modo que a minha consciência está limpa e às vésperas da minha morte posso estar orgulhoso desse fato¹⁵² (Herman, 2013, p. 184, tradução nossa).

Strasfogel diz que em setembro de 1943 ele estava muito magro, mas que, no momento em que escrevia para a esposa, se encontrava bem alimentado e bem-vestido. A despeito disso, desde que chegara ao Campo ele nunca acreditou que sairia com vida e que era razoável relacionar o *Lager* ao inferno de Dante, “mas o inferno de Dante é incomparavelmente ridículo em comparação com este real aqui e nós somos suas testemunhas oculares e não podemos deixá-lo vivos¹⁵³” (Herman, 2013, p. 185, tradução nossa). Ao mesmo tempo que Strasfogel afirma saber ser impossível sair do Campo vivo, ele diz que guarda uma centelha de esperança de que um milagre possa salvá-lo. Porém, se a morte chegar, ele morrerá tranquilo por saber que ela vive. Parece haver uma tentativa de confortar a esposa e a filha em relação à sua morte, pois mais de uma vez ele retorna à tranquilidade que sente ao vislumbrar a possibilidade de morrer.

Strasfogel pede para a esposa informar à família de David Lahana, judeu francês, da ocorrência de sua morte em 24 de fevereiro de 1944, em Lublin. Eles prometeram um ao outro que informariam às respectivas famílias caso um deles morresse no *Lager*. David Lahana estava entre o grupo de 200 homens do *Sonderkommando* que, alegadamente, iriam trabalhar em Lublin. Ele é descrito como um excelente companheiro que sempre pensava na família. Como Lahana não falava alemão, polonês ou ídiche, não raro ele se colocava em situações ruins. Além de David Lahana, Strasfogel informa à esposa que conhecidos deles de Drancy foram assassinados: Michel, Henry, Adele com as crianças e outras pessoas que conheciam daquela cidade. Por fim, Strasfogel envia os melhores votos para a esposa e garante que vai em direção à morte com calma, pois sabe que ela está viva e que os nazistas

¹⁵² “it is a wholly impossible thing to give you proof in writing of everything that I have experienced here, if you are alive you will read a lot of what will be written on the subject of that “Sonder Kommando”, but I beg you, don’t ever have a bad opinion of me, if there were good and bad men among our folk I have certainly never been among the latter. Fearing neither risk nor danger I was doing in the course of this work all that was in my power to alleviate the fate of the unhappy ones or – in guarded terms – that which I cannot tell you about this fate more exactly, so that my conscience is clean and on the eve of my death I may be proud of this fact.”

¹⁵³ “but Dante’s hell is incomparably ridiculous in comparison with this real one here and we are its eye-witnesses and we cannot leave it alive.”

estão derrotados. Ele acredita que talvez ela descubra a data de sua morte através da história do *Sonderkommando*,

estou no último grupo de 204 pessoas, agora mesmo o crematório II {1} está sendo liquidado, onde estou tenso esperando, e eles também estão falando agora mesmo sobre nos liquidarem no decorrer desta semana. Perdoe este texto caótico e também meu francês, se você soubesse em que circunstâncias estou escrevendo¹⁵⁴ (Herman, 2013, p. 190, tradução nossa).

Na carta, Strasfogel “articula uma série complexa de emoções – amor, culpa, medo, esperança, orgulho – num curto espaço de tempo. A carta forma um fluxo de consciência dolorosamente condensado, confuso e desesperado”¹⁵⁵ (Chare & Williams, 2017, p. 155, tradução nossa). Já se encaminhando para a conclusão da carta, Strasfogel pede que a esposa fale com seus amigos que “vinguem nossos irmãos e irmãs jogados na pira sem serem culpados”¹⁵⁶ (Herman, 2013, p. 190, tradução nossa). O pós-escrito pede que a esposa de Leon Cohen, um judeu grego do *Sonderkommando*, fosse contatada – ele sobreviveu à *Shoah*. Como a França não estava de todo dominada pelos nazistas, Strasfogel – assim como Nadjary em relação à Grécia – tinha parentes e amigos a quem podia escrever as suas cartas.

3.5 Marcel Nadjary

[Marcel Nadjary] Os dramas que têm sido vistos
pelos meus olhos são indescritíveis^{157 158}
(Zbirohowski-Kóscia, 2020, p. 69, tradução nossa).

Chegamos ao último pergaminho encontrado enterrado em Birkenau, descoberto em outubro de 1980, por estudantes que faziam a manutenção do terreno próximo ao Crematório III (2). O manuscrito foi escrito por Marcel Nadjary¹⁵⁹ de Tessalônica, Grécia. Nascido em 1918, entre os anos de 1938 e o início de 1940, ele prestou serviços militares. Em outubro do

¹⁵⁴ “I am in the last group of 204 persons, just now crematorium II is being liquidated, where I am waiting in tenseness, and they are also speaking just now about our liquidation in the course of this week. Forgive this chaotic text and also my French, if you only knew in what circumstances I am writing.”

¹⁵⁵ “it articulates a complex series of emotions – love, guilt, fear, hope, pride – in short order. The letter forms a painfully condensed stream of consciousness, jumbled and desperate.”

¹⁵⁶ “to revenge our brothers and sisters thrown upon the pyre for no guilty of theirs.”

¹⁵⁷ A palavra traduzida como ‘indescritível’ é ‘απερίγραπτα’, que é etimologicamente ligada ao verbo γράφω (grapho), escrever.” (Chare & Williams, 2019a, p. 114) A letra que inicia a palavra απερίγραπτα é um alfa, a vogal que faz o som de “a”. Esse alfa no início de palavras com raízes verbais produz uma ideia de negação, é o chamado “alfa privativo”. A preposição “περί – perí” dá uma ideia de espaço circundante, área de entorno. Assim, a conjunção de 3 sintagmas gregos na mesma palavra (α + περί + γράφω/γραπτα) forma uma unidade semântica que indica algo impossível de redigir nas circunstâncias da situação vivida. A despeito desse impossível, Nadjary tenta com a escrita dar corpo ao que não se deixa de todo (d)escrever.

¹⁵⁸ “Τα δράματα που έχουν ιδή τα μάτια μου είναι απερίγραπτα.”

¹⁵⁹ A transliteração mais próxima, em língua portuguesa, de seu nome seria Marcel Natzari, assim como foi grafado por Fleming no livro *Testimonies of resistance* (Chare & Williams, 2019a). É possível encontrar ainda as grafias: Nadjar, Nadjari (adotada pelo *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau*), Nadsari, Nadzari, Natsaris e Natzari. Como Nadjary foi a grafia escolhida por Marcel e sua esposa quando eles migraram para os Estados Unidos, decidimos adotá-la.

mesmo ano lutou na frente albanesa contra a invasão italiana. Os nazistas, em socorro aos fascistas italianos que perdiam a batalha, invadiram a Grécia em abril de 1941. Em dado momento Nadjary foi capturado pelos nazistas. Ele conseguiu fugir, mas foi recapturado algum tempo depois e deportado para Auschwitz em abril de 1944. No intervalo entre uma captura e outra ele atuou junto à resistência grega de modo que ele tinha histórico de enfrentamento armado contra os nazistas. Como os judeus gregos tinham estrutura forte, frequentemente recebiam os trabalhos mais pesados (Chare & Williams, 2017) – um perfil adequado para os trabalhos no *Sonderkommando*.

Estima-se que a carta de Nadjary tenha sido escrita entre o final de outubro e o início de novembro de 1944, ou seja, poucas semanas após a revolta dos *Sonderkommandos* que inutilizou o Crematório IV (3) e no período em que os nazistas começavam a desmontar o *Lager* pelos Crematórios II (1) e III (2). Esse intervalo é inferido porque em seu manuscrito há referência a um transporte que chegou de Theresienstadt, Tchecoslováquia, no dia em que escrevia a carta – essa informação está localizada na página 6 do manuscrito –, e o último transporte vindo dessa localidade chegou em Birkenau no dia 28 de outubro de 1944 (Chare & Williams, 2019a). Além disso, consta no texto a data de 3 de novembro de 1944 – página 12 do manuscrito. A menção a essas duas datas sugere que a carta não foi escrita de uma vez. Ademais, a análise das amostras de tinta aponta que foram utilizados dois tipos de tinta azul, indicando a necessidade de troca de caneta durante o processo de escrita (Maciaszczyk, 2020), o que pode ter contribuído para a interrupção da escrita iniciada em outubro.

O estado de degradação do manuscrito demandou uma longa recuperação. A princípio, apenas 15% do texto estava legível a olho nu (Chare & Williams, 2019a). A partir de 2013 o texto ganhou divulgação na mídia, pois um moderno procedimento foi aplicado, revelando escritos que até então não passavam de manchas num pedaço de papel desbotado. O historiador russo Pavel Polian e o engenheiro russo Aleksandr Nikityaev, usaram um computador de mesa comum e um software de processamento de imagens e conseguiram ler imagens digitalizadas do manuscrito de Nadjary, recebidas por eles no início de 2000 (Chare & Williams, 2019a). Em termos gerais, o manuscrito teve um ganho de legibilidade de 80 a 85% após os procedimentos aplicados por Polian e Nikityaev. A versão tratada da carta ganhou sua primeira publicação em 2013, em língua russa, e teve a sua primeira tradução não oficial em inglês no final de 2017, seguida da versão grega em 2018 (Ingle, 2019). A versão de 2018, com a qual trabalhamos, recebeu o título: *Μαρσελ Νατζαρή Χειρόγραφα 1944-1947*.

Simultaneamente o Departamento de Preservação do *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau* tentava tornar o manuscrito mais nítido através do uso de vários dispositivos digitais

modernos com faixas de ultravioleta, infravermelho próximo e distante, e técnicas de fluorescência de raios-X, sem alcançar resultados satisfatórios (Zbirohowski-Kóscia, 2020). A partir de 2014, em cooperação com o Dr. Tomasz Łojewski (2020), grande parte do texto foi decifrado com o uso de câmera industrial monocromática com ampla faixa de sensibilidade espectral, o que resultou, em 2018, em uma versão do manuscrito um pouco mais completa do que a publicada pelos pesquisadores russos – estima-se que conseguiram recuperar 90% do escrito. O livro do Museu, *Marcel Nadjary's Manuscript November 3, 1944*, foi publicado em 2020, em versão trilingue: grego, polonês e inglês.

Graças a todo esse trabalho de recuperação sabemos que Nadjary, à semelhança de Hersz Strasfogel, escreveu o seu testemunho em forma de carta. Uma carta endereçada ao seu amigo Dimitrios Athanasios Stephanides, apelidado de Misko ou Mitso, que contém trechos com mensagens a outros de seus amigos como a Smaro Efraimidou que o ajudou no período em que esteve no campo de concentração de Haidari. A missiva é também uma espécie de declaração de amor à Grécia e uma demonstração de seu orgulho em ser grego. Para Nadjary “ser judeu” não rivalizava com “ser grego” (Chare & Williams, 2019a; Greif, 2005). Na carta, ele relatou o infortúnio que vivia, falou de seus afetos e passou adiante as últimas palavras e desejos de um homem que antevia um encontro iminente com a morte.

Nadjary foi submetido a um período de quarentena antes de ser enviado a trabalhar

em um crematório, explicarei em seguida o belo trabalho que o Onipotente queria que eu fizesse. É um grande edifício com uma larga chaminé com 15 (quinze) fornos. Embaixo de um jardim estão duas câmaras subterrâneas imensas. Uma serve para despir e a outra [é] a câmara da morte onde o povo entra nu e depois que se completam cerca de 3000 pessoas, é trancada e elas são gaseadas, então, depois de 6-7 minutos de sofrimento, elas entregam os seus espíritos. O nosso trabalho era primeiramente recebê-los. A maior parte não sabia o seu destino. Eles riam ou choravam. Disseram-lhes que tomariam banho e iam, sem saber, em direção à morte. Até mesmo hoje [...] meus amados, eu não lhes disse que vão para o banho, ao passo que é possível falar-lhes mentiras apenas dizendo que não entendo a língua que falam comigo e para os companheiros, homens e mulheres que eu vi que estavam condenados, eu disse a verdade. Depois disso estavam todos despídos avançando para a câmara da morte. Lá dentro, os alemães tinham colocado canos de água no teto para que pensassem que depois voltarão de novo. Com o chicote nas mãos, os alemães os forçavam a se espremerem para caber tantos mais quanto fosse possível, uma verdadeira lata de sardinhas humana, em seguida fechavam a porta hermeticamente. As latas de gás chegavam no carro da Cruz Vermelha alemã com dois S.S.¹⁶⁰” (Zbirohowski-Kóscia, 2020, pp. 57; 63, tradução nossa).

¹⁶⁰ “Σ’ ένα κρεματόριο, θα σας εξηγήσω παρά κάτω την ωραία μας δουλειά που θέλησε ο Παντοδύναμος να πράξομαι. Είναι ένα μεγάλο κτήριο με ένα φαρόν φουγάρο με 15 (δεκα πέντε) φούρνους. Από κάτω από έναν κήπο είναι δύο μεγάλοι υπόγειοι θάλαμοι απέραντοι. Ο ένας χρησιμεύει για να γίνεται το γδύσιμο και ο δε έτερος ο θάλαμος του θανάτου όπου ο κόσμος μπαίνει γυμνός και μετά που συμπληρώνονται περίπου 3.000 άτομα κλείνεται και τους Γκαζέρνουν, όπου μετά 6-7 λεπτά μαρτυρίου, παραδίδουν το πνεύμα. Η δουλειά μας αποτελείται πρώτον να τους υποδεχθούμε. Οι περισσότεροι δεν ήξεραν την τύχη τους. Γελούσαν ή έκλαιγαν. Τούς έλεγαν ότι επρόκειτο να κάμουν λουτρό και πήγαιναν ανήξεροι στο θάνατο. Μέχρι σήμερα Αγαπημένοι

Os nazistas derramavam o veneno e meia hora depois o *Sonderkommando* começava o seu trabalho de retirada dos corpos e seu deslocamento até os fornos crematórios “onde queimavam sem a ajuda de combustível devido à quantidade de gordura que possuíam. De um homem não saía mais de $\frac{1}{2}$ oká¹⁶¹ de cinzas, aproximadamente¹⁶²” (Zbirohowski-Kóscia, 2020, p. 69, tradução nossa). Os homens do *Sonderkommando*, então, trituravam os ossos que não eram de todo destruídos até que eles chegassem a um tamanho capaz de passar por uma peneira. Os nazistas recolhiam as cinzas e as despejam no rio Vístula e, assim, apagavam os vestígios dos assassinatos. Nadjary estima a quantidade de judeus que foram mortos no período em que ele estava no *Sonderkommando*: 600.000 judeus húngaros, 80.000 judeus franceses e poloneses e 10.000 judeus tchecos. A sua estimativa geral de mortes, provavelmente construída com a ajuda de outros membros do *Sonderkommando*, era de 1.400.000 judeus. O *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau* estima que, no mínimo, 1.100.000 judeus foram mortos naquele Campo. Ele conta que os seus amigos Víko Vrúdo e Moís Aaron de Tessalônica morreram durante o levante de 07 de outubro de 1944 e, após a retaliação dos nazistas, restaram 26 judeus gregos vivos. Nadjary também informa que a sua prima Erika e a sua irmã Nelli morreram juntas. A chegada de um comboio de Theresienstadt chamou a sua atenção, pois os nazistas

disseram que veio a ordem para não matarem mais judeus e, ao que parece, é verdade. Agora, ao final, mudaram de ideia, agora que não há mais judeus na Europa. Para nós, contudo, a coisa é diferente, devemos nos ausentar da Terra porque sabemos muito das inimagináveis formas de maus tratos e das matanças deles¹⁶³ (Zbirohowski-Kóscia, 2020, p. 75, tradução nossa).

A ordem para matar os membros do *Sonderkommando* teria chegado, mas os gregos estavam decididos a morrer como verdadeiros gregos, ou seja, lutando. A carta de Nadjary contém muita informação, mas, dado o seu tamanho reduzido – 12 páginas de 10 x 15 cm –,

μου δεν είπα ότι πάνε για λουτρό ενώ μπορώ να τους πω ψέματα μόνο έλεγα τους ότι δεν καταλαβαίνω την γλώσσαν που με μιλάν και στους συντρόφους άνδρες και γυναίκες που έβλεπα ότι ήσαν καταδικασμένοι, έλεγα την αλήθεια. Μετά που είσαν όλοι γυμνοί προχωρούσαν προς το θάλαμο του θανάτου. Μέσα εκεί είχαν βάλει οι Γερμανοί στο ταβάνι σωλήνες από νερό για να νομίσουν ότι μετά πάλι θα γυρίσουν. Με το μαστίγιο στο χέρι οι Γερμανοί τους ανάγκαζαν να συμπτυχθούν για να χωρέσουν όσο το δυνατόν περισσότεροι ένα πραγματικό κουτί σαρδέλες από ανθρώπους, μετά έκλεινα την πόρτα ερμητικά. Το κουτί του Γκαζιού ερχόταν με το αυτοκίνητο του Γερμ. Ερυθρού Σταυρού με δύο S.S.”

¹⁶¹ 1 oká equivalente a 1280 gramas. Cada corpo humano resultava em 640g de cinzas.

¹⁶² “όπου έκαιγαν χωρίς τη βοήθεια καυσίμου ύλης λόγω τού λίπους που έχουν. Από έναν άνθρωπο δεν έβγαιναν παρά $\frac{1}{2}$ oká περίπου στάχτη”

¹⁶³ “λένε ήρθε ότι ήρθε διαταγή να μην σκοτώσουν πια Εβραίους και κατά τα φαινόμενα αληθεύει, τώρα στα τελευταία αλλάζανε γνώμη τώρα όπου δεν έχει μείνη Εβραίος στην Ευρώπη. Για μάς όμως το πράγμα διαφέρει, εμείς πρέπει να λείψουμε από τη Γη διότι γνωρίζουμε πολλά από τους αφάνταστους τρόπους κακοποιήσεως και σκοτωμών των.”

os temas abordados não são desenvolvidos. Nadjary trata da possível reação de seus conhecidos ao descobrirem que ele trabalhou no *Sonderkommando*

meus amados dirão lendo que o trabalho que fiz, como poderia eu Manólis fazer, ou algum outro qualquer que seja, esse trabalho queimando meus irmãos de fé? Eu dizia isso também no início, pensei muitas vezes em entrar também junto deles para morrer, mas a vingança sempre me deteve. Queria e quero viver para vingar a morte do papai, da mamãe e da minha querida irmãzinha, minha Nélli. Não temo a morte, é possível temê-la depois de tanto que viram os meus olhos?¹⁶⁴ (Zbirohowski-Kóscia, 2020, pp. 81; 87).

Nadjary expressa qual destino alguns dos itens de sua família deveriam ter, pede que seja lembrado pelo amigo e que ele ajude quem retornar do Campo de Birkenau. Ele se alegra com a libertação da Grécia do domínio nazista, dada em 12 de outubro de 1944. Não há lamento por sua própria morte, afirma, mas sim por não poder se vingar. Se Misko tiver notícias de sua família residente fora da Grécia, Nadjari pede para avisá-los que a linhagem de Avraam Nadjary foi aniquilada pelos “cultos alemães¹⁶⁵” (Nadjari, 2020, p. 99, tradução nossa). E encerra: “Eu não viverei, que outros vivam. A minha última palavra será: Viva a Grécia!¹⁶⁶” (Zbirohowski-Kóscia, 2020, p. 99, tradução nossa) e a carta é assinada. Há ainda duas outras folhas junto às dez cujo conteúdo apresentamos. De uma delas pouco é possível ler, mas parece que ele diz quais eram os seus últimos desejos. Na outra folha há indicação de que a carta deveria ser encaminhada à embaixada grega, ele informa novamente o seu nome e o endereço que morava na Grécia e do seu amigo Misko e finaliza: “Este é o meu último desejo, condenado à morte, pelos alemães porque tenho Religião Judaica¹⁶⁷” (Zbirohowski-Kóscia, 2020, p. 111, tradução nossa). As características de sua escrita – um tanto descuidada e carregada de informações – parece ter ganhado corpo em máxima urgência.

¹⁶⁴ “Αγαπημένοι μου θα πείτε μου διαβάζοντας τί εργασία έκαμνα, πώς μπόρεσα να κάνω εγώ ο Μανώλης ή ένας οποιοσδήποτε άλλος αυτή τη δουλειά καίγοντας τους ομοθρήσκους μου, το έλεγα και εγώ στην αρχή, σκέφθηκα πολλές φορές να μπά και εγώ μαζί τους να τελειώσω αλλά με κρατούσε πάντα η εκδίκησης. Θέλησα και θέλω να ζήσω για να εκδικηθώ τον θάνατον του Μπαμπά, της Μαμάς και της αγαπημένης μου αδελφούλας μου Νέλλης. Δεν φοβάμαι τον θάνατο, είναι δυνατόν να τον φοβηθώ μετά από τόσα που είδαν τα μάτια μου;”

¹⁶⁵ “πολυτισμένους Γερμανούς”

¹⁶⁶ “Δεν θα ζήσω εγώ, ας ζήσουν οι άλλοι, η τελευταία μου λέξη θα είναι Ζήτω η Ελλάς”

¹⁶⁷ Αυτή είναι η τελευταία επιθυμία μου, καταδικασμένος εις θάνατον, από τους Γερμανούς διότι έχω Εβραϊκήν Θρησκείαν

Tabela 1 – Resumo das informações sobre os homens do *Sonderkommando* que deixaram os seus testemunhos enterrados entre os fornos crematórios de Birkenau

	Nome	Origem	Data de nascimento	Data da chegada a Auschwitz	Crematório	Participava da resistência?	Sobreviveu à Shoah?	Data estimada da morte	Manuscrito escrito em
1	Marcel Nadjary (Nadjar/Nadjar/Nadsari/Nadzari/Natsaris/Natzari)	Tessalônica, Grécia	01/01/1917	11/04/1944	III (2)	S	S	31/07/1971	Grego
2	Zalman (Zalmen/Zalmen/Zelman/Salman) Gradowski (Gradowsky)	Suwalki, Polónia	1908-1909	08/12/1942	III (2)	S	N	07/10/1944	Ídiche
3	Hersz (Herman) Strasfogel (Strassvogel) - anteriormente o testemunho era atribuído a Chaim (Haim) Herman (Hermann)	Varsóvia, Polónia	06/12/1895	?/03/1943	III (2)	S	N	26/11/1944	Francês
4	Leyb (Leib/Lejb/Lajb) Langfus (Langfuss)	Varsóvia, Polónia	?/1910	08/12/1942	III (2)	S	N	26/11/1944	Ídiche
5	Zalman (Zalmen/Zalmen/Zelman/Salman) Levental (Leventhal, Lewenthal, Loewenthal, Löwenthal)	Ciechanów, Polónia	?/1918	10/12/1942	II (1)	S	N	26/11/1944	Ídiche

4. DEPOIS DE AUSCHWITZ

O sobrevivente do *Sonderkommando* possivelmente mais do que outras vítimas do nazismo, ao tomar a palavra, o fez “de um lugar no qual nem mesmo a esperança de ser ouvido fazia parte da realidade” (Bignotto, 2014, pp. 244-245). A submersão das suas vozes, inclusive, atrasou tanto o conhecimento histórico sobre a *Shoah* quanto o reconhecimento dessa tragédia humana na memória coletiva (Sessi, 2015). Como efeito, por décadas eles foram desprezados nos purgatórios das bibliotecas (Mesnard, 2015). Isso é tanto verdade que os livros testemunhais relativos a esse grupo, publicados nas primeiras décadas após o fim da Segunda Guerra, não causaram suficiente interesse que para que fossem republicados ou ganhassem novas edições¹⁶⁸. Muitos deles são difíceis de encontrar e outros nem mesmo em sebos estão disponíveis. Somente a partir do final dos anos 1990 é que percebemos um aumento, nada extraordinário, das publicações historiográficas e testemunhais sobre esse *Kommando* (Bartosik, 2022). Uma virada mais expressiva sobre a investigação a respeito desse grupo pode ser percebida a partir de meados dos anos 2010. No Brasil encontramos duas traduções em língua portuguesa: a pouco conhecida transcrição do famoso documentário de Claude Lanzmann, *Shoah*, publicado em território nacional em 1987 e o testemunho de Shlomo Venezia, *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás*, publicado em 2010.

O que sabemos hoje sobre esse *Kommando* é parcial e limitado, pois proporcionalmente à quantidade de judeus obrigados a trabalhar no *Sonderkommando*, apenas uma pequena parcela sobreviveu – quase todos foram assassinados – e uma porção ainda menor decidiu falar. Há ainda uma outra questão relacionada a esses testemunhos: para ampliar o alcance de suas palavras, eles tiveram que narrar as suas experiências em línguas que não eram as suas línguas maternas (Chare & Williams, 2019a). Se já é difícil encontrar palavras para narrar o trauma na própria língua, em outra o desafio se torna ainda maior. Também é importante ressaltar que alguns testemunhos de membro do *Sonderkommando* foram extraídos de entrevistas e contêm informações que eles não podiam ter acesso à época do aprisionamento. Isso se deve ao contato que tiveram com estudiosos e material informativo que os auxiliou a preencher algumas lacunas da própria experiência concentracionária. Há uma discussão sobre o remodelamento de testemunhos para que se tornem mais inteligíveis – a questão que se coloca é se esse refinamento do testemunho modifica o próprio testemunho.

¹⁶⁸ A história das publicações e recepção dos testemunhos dos judeus do *Sonderkommando* pode ser acompanhada no artigo de Philippe Mesnard, *Parias de la mémoire : la réception des témoignages écrits des Sonderkommando*, publicado no livro organizado por ele, intitulado *Sonderkommando et Arbeitsjuden : les travailleurs forcés de la mort*, editado pela Éditions Kimé, em 2015.

Críticas dessa ordem são sustentadas por um método altamente discutível, pois reivindicam que as testemunhas se mantenham puristas e, portanto, distantes de outros saberes.

Além disso, há os que acusam de falsidade a integralidade de testemunhos que apresentam uma ou outra informação equivocada ou lacunas em aberto, como se o testemunho não estivesse submetido à memória, ao esquecimento e a possíveis tropeços. Para um negacionista qualquer pretexto serve para rejeitar o que ele, de antemão, não quer saber. A narrativa testemunhal não é uma história falsificada, mas reconstruída e, talvez, facilitada naquilo que a testemunha considera a sua melhor versão para a transmissão e para o acesso de um público maior, tornando a experiência mais tangível e visível. Nos parece legítimo que cada um que viveu a experiência da *Shoah* tenha o direito de tentar preencher as lacunas da sua própria história a partir de estudos e outros testemunhos que observaram determinado evento a partir de outras perspectivas. Afinal, cada escrito sobre a *Shoah* representa um esforço de dar algum sentido, retrospectivamente, a uma história cujo significado escapou. Também nos parece digno que cada testemunha escolha o que vai ou não relatar, de acordo com o que suporta dizer.

A despeito de décadas de recusa e preconceito, hoje os *Sonderkommandos* são considerados por pesquisadores da *Shoah*, as principais testemunhas oculares do que se passou nos últimos momentos de vida das vítimas dos nazistas. A análise de seus testemunhos tem mostrado que eles são coerentes e consistentes, a ponto de repelirem graves objeções, e que eles sabiam “do significado histórico dos eventos que estavam acontecendo diante de seus olhos¹⁶⁹” (Bartosik, 2022, p. 71, tradução nossa). Nessa mesma direção Greif (2015) afirma que os testemunhos de membros do *Sonderkommando* nos contam duas coisas: 1. os detalhes da operação de eliminação do povo judeus pelos nazistas; 2. quais estratégias foram criadas para que eles suportassem viver e trabalhar no epicentro da fábrica de morte nazista. Ou seja, eles deixaram registrado os aspectos técnicos e éticos/emocionais de ocuparem a posição à qual foram forçados. Ainda que algum esquecimento os tenha alcançado e ainda que o léxico tecido para contar a experiência não tenha sido o mais adequado, o registro que fizeram é cabal. Se é verdade que somente os vivos podem falar pelos mortos, ignorar os testemunhos de membros do *Sonderkommando* é deixar de dar voz aos últimos momentos das vítimas. Instantes que só poderiam ser relatados pelas testemunhas oculares, quais sejam: 1. os perpetradores que nunca tiveram interesse em revelar o que faziam, e 2. os membros do *Sonderkommando*. Os membros desse *Kommando* tiveram que suportar assistir o que ninguém deveria ver.

¹⁶⁹ “Of the historic significance of the events that were playing out before their eyes.”

Na presente pesquisa nos valem os testemunhos de membros do *Sonderkommando* escritos em primeira pessoa ou por meio de entrevistas, desde que tenham sido publicados individualmente ou em coletânea. Não fizemos uso de arquivos de áudio e de vídeo. O recorte no tratamento dado aos *Scrolls of Auschwitz* será aqui replicado, ou seja, privilegiaremos o período em que as testemunhas estiveram no *Sonderkommando*. Apesar desse necessário recorte, vale registrar que as histórias de cada um merecem ser conhecidas integralmente, assim como eles próprios. A Tabela 2 contém um breve compilado de informações sobre os sobreviventes do *Sonderkommando* cujos testemunhos trabalhamos na tese. Apesar de poucos membros do *kommando* especial terem narrado as suas histórias, levando em conta a terra arrasada que enfrentaram após a libertação dos Campos e toda a dimensão cultural contrária aos seus relatos, é surpreendente que tenham se disposto a falar. Não foi sem grandes dificuldades, momentos sombrios ou livre de fantasmas do passado que a vida seguiu. Cada um teve que lançar mão de seus singulares recursos para se contrabalançar no registro da temporalidade. Afinal, não é fácil manter o equilíbrio quando um pé está cravado no passado e o outro tenta acompanhar o presente.

Por fim, citamos Gérard Rabinovitch (2004) que, em referência à resistência judaica de um modo geral, aponta que a sobrevida foi o primeiro passo de oposição ao regime que desamparava e isolava os judeus a fim de aniquilá-los; naquele contexto: ““*Lo amut kih'hia*” (eu não morrerei, viverei), era o princípio primordial” (p. 85). Essa parece ser uma referência à parte “a” do Salmo 118:17 que diz, exatamente: “não morrerei, mas viverei”. Não raro, esse foi o norte orientador de muitos sobreviventes do *Sonderkommando*, como veremos nos recortes de seus testemunhos. Mesmo quando diante deles as escolhas de vida se mostravam absolutamente restritas e mesmo quando a única saída visível do cenário de catástrofe era a morte, eles buscaram formas de viver.

4.1 Marcel Nadjary

Assim que entramos na área do Campo, lemos na entrada de Auschwitz [Nadjary faz um esboço do arco de entrada de Auschwitz com o escrito *Arbeit macht frei*]. As palavras na entrada do campo nos entusiasmaram de verdade, pensávamos que havia muita humanidade nos alemães, já que <O trabalho liberta>, como eles dizem, então está tudo bem até esse momento. Percebemos que as construções do campo eram imponentes. Até aquele momento os alemães estavam sendo muito bons conosco. A única coisa que nos inquietava o coração era o arame farpado eletrificado do Campo. Eram também eles imponentes, com pequenos sinaizinhos na frente avisando que eram mortais. (...) Saímos do campo de Auschwitz e pegamos a direção do oeste. Caminhamos por 2 ou 3 quilômetros e chegamos a alguns outros barracos, e depois de novo a outro arame farpado, o mesmo de Auschwitz. Caminhávamos sempre como bobos, observando tudo ao nosso redor e, sobretudo, tentando ver nos rostos que nos olhavam algum conhecido nosso, o pai, a mãe, a nossa irmã, mas em vão,

não nos encontramos com nenhum grego que podia nos dar alguma coragem, não sabíamos para onde estávamos indo¹⁷⁰ (Nadjary, 2018, p. 67; 69-70, tradução nossa).

Marcel Nadjary, o único autor dos *Scrolls of Auschwitz* a sobreviver à *Shoah*, não escreveu um testemunho propriamente dito. Ele não tinha a intenção de publicar as suas memórias, mas precisava escrevê-las para preservá-las, pois queria se lembrar de tudo o que vivera durante a ocupação nazista na Grécia e nos *Lager*. Em 1947, após ter retornado à Grécia, e no mesmo ano em que se casou com Rosa Saltiel¹⁷¹, Nadjary escreveu à mão 58 páginas com as lembranças que tinha do período de perseguição e aprisionamento. No meio dos escritos encontram-se 13 desenhos que representam lugares em Auschwitz e em Birkenau. As suas memórias foram escritas à noite durante os plantões no serviço militar obrigatório no Exército grego (Kilian, 2018) e, de fato, tem característica de um registro que alguém faria para si mesmo, com frases curtas semelhantes a tópicos que condensam informações que estão além do que foi escrito. Essa característica é perceptível principalmente na parte referente à época em que os nazistas estavam no encalço dos judeus.

Acredita-se que as reticências encontradas no texto sinalizam pontos que Nadjary pensava em melhorar ou completar para que no futuro pudesse publicar as suas memórias, mas as circunstâncias políticas na Grécia e o desinteresse do mundo cristão e judeu de conhecer os pormenores do que se passou nos *Lager* fizeram com que ele desistisse (Abatzopúlu¹⁷², 2018). Ao lermos o manuscrito, a impressão é de que Nadjary tentou amparar ou conter com papel e caneta lembranças que, com grande vasão, jorravam de dentro dele. Será que ele tinha receio de morrer lutando no Exército grego sem deixar registradas as suas memórias? Não há como saber. Sabemos que a família se mudou para Nova York em 1951, pois não se adaptou à vida na Grécia do pós-guerra agitada por uma guerra civil.

¹⁷⁰ “Μόλις μπήκαμε στην περιοχή του Στρατοπέδου διαβάζομε στην είσοδο του Auschwitz [Arbeit macht frei]. Αι λέξεις της εισόδου τού Στρατοπέδου μας ενθουσίασαν πραγματικά, σκεπτόμενοι ότι υπάρχει μεγάλη δόσις ανθρωπισμού στους Γερμανούς, αφού <Η δουλειά σε κάμνει ελεύθερον>, όπως τα λεν, άρα όλα παν καλά μέχρι στιγμής. Παρατηρούσαμε ότι τα κτίρια του Στρατοπέδου ήταν επιβλητικά. Μέχρι στιγμής, οι Γερμανοί ήταν αρκετά καλοί μαζί μας. Το μόνον πράγμα που μας στενοχωρούσε την καρδιά ήταν τα ηλεκτροφόρα συρματοπλέγματα του Στρατοπέδου. Ήταν και αυτά επιβλητικά με τις μικρές ταμπελίτσες μπροστά που προειδοποιούσαν ότι ήσαν θανατηφόρα. (...) Βγήκαμε από το Στρατόπεδον του Auschwitz και πήραμε κατεύθυνσιν προς δυσμάς. Προχωρήσαμε κάνα 2-3 χιλιόμετρα και φθάσαμε σε κάτι άλλες παράγκες και μετά πάλι άλλα συρματοπλέγματα, τα ίδια με τα του Auschwitz. Προχωρούσαμε πάντα σαν χαζοί παρατηρώντας όλα τριγύρω μας και, προπαντός, προσπαθώντας στα πρόσωπα που μας κοίταζαν να δούμε κανέναν γνωστόν μας, τον πατέρα, την μάνα, την αδελφή μας, αλλά εις μάτην, δεν συναντήσαμε ούτε έναν Έλληνα που θα μπορούσε να μας δώση λίγο κουράγιο, μην ξέροντας εμείς για πού πηγαίναμε.”

¹⁷¹ Judia grega, sobrevivente de Bergen-Belsen. Roza Saltiel e Marcel Nadjary se conheceram no acampamento para pessoas deslocadas (DP) de Paris.

¹⁷² Para facilitar o registro, o nome da autora (Φραγκίσκη Αμπατζοπούλου) foi transliterado para o português e os demais dados da referência bibliográfica foram traduzidos para o português.

Nadjary morreu em 1971, aos 54 anos, de falência múltipla, sem nunca ter tentado publicar o seu manuscrito que foi guardado por sua família. Quando a esposa e os filhos foram notificados de que o seu pergaminho havia sido descoberto entre os fornos crematórios todos se surpreenderam, pois a sua existência nunca fora mencionada. Alguns anos depois a família obteve fotocópia do testemunho de Nadjary e conseguiu publicar os dois manuscritos pela fundação sem fins lucrativos *Ets Haim*, pertencente à Comunidade Israelense de Tessalônica. O livro escrito em grego e publicado em 1991 não foi comercializado e sim distribuído para os membros da comunidade israelense e para alguns historiadores e acadêmicos (Abatzopúlu, 2018). O manuscrito de 1947 nunca foi integralmente publicado em outra língua que não a grega (Ingle, 2019). Isso foi verdade até 25 de junho de 2023 quando uma versão francesa dos dois testemunhos de Nadjary foi publicada pela editora *Signes et Balises*, chamado *Sonderkommando: Birkenau 1944 Thessalonique 1947, résurgence*. Infelizmente, as poucas livrarias que, atualmente, estão comercializando esse livro não despacham para o Brasil, de modo que ainda não tivemos acesso ao volume.

No manuscrito de 1947, Nadjary informa o número marcado em seu braço pelos nazistas: 182.669. Curiosamente a informação sobre o número da tatuagem não aparece em nenhum dos *Scrolls*, mas se torna referência comum nos relatos de sobreviventes. Depois de trinta dias em quarentena e já sentindo o peso da fome, houve uma última seleção em seu grupo de deportados. Um oficial da SS disse “que íamos trabalhar em um lugar bom (muito trabalho, mas muita comida, disse). Todos ficamos muito felizes¹⁷³” (Nadjary, 2018, p. 76, tradução nossa). Foi então que, no dia seguinte, os nazistas os

jogaram no bloco 13, do qual ninguém poderia sair vivo. Era o bloco do Sonderkommando (comando especial). (...) Apesar de minha mente ainda não conseguir compreender nem captar o que iríamos fazer, vendo como os velhos do Sonder nos olhavam, tive um pequeno medo passageiro, como se me esperasse um grande mal¹⁷⁴ (Nadjary, 2018, p. 77, tradução nossa).

A má impressão é deixada de lado quando ele se depara com as comidas disponíveis naquele Bloco. Após se empanturrarem, os novatos começaram a conversar com os veteranos. Nessa ocasião Nadjary conhece Strasfogel de quem se torna amigo e “com o pouco que me falou comecei a compreender em que inferno havíamos nos metido¹⁷⁵” (Nadjary, 2018, p. 77,

¹⁷³ “Θα πάμε να εργαστούμε σε ένα καλό μέρος (πολλή δουλειά λείει αλλά πολύ φαΐ). Όλοι ήμασταν όλο χαρά.”

¹⁷⁴ “βάλαν στο Block 13 το οποίον δεν μπορούσε κανείς να βγη ζωντανός. Ήταν το Block του Sonderkommando (ειδικό κομμάντο). (...) Αν και δεν μπορούσε ακόμη να καταλάβη ή να συλλάβη [ο] νους μου το τι επρόκειτο να κάνουμε, αλλά βλέποντας τους παλιούς του Ζόντερ, καθώς μας κοίταζαν, είχα σαν ένα περαστικό μικρό φόβο, σαν να με περίμενε ένα μεγάλο κακό.”

¹⁷⁵ “Με τα λίγα που με είπε, άρχισα και καταλάβαινα σε ποια κόλαση είχαμε μπει.”

tradução nossa). Não demorou para que conhecessem a violência do *Lager* pelas mãos, porretes e chutes do chefe de Bloco. Nadjary foi designado para o Crematório III (2). No primeiro dia, no entanto, ao seu grupo foi atribuído o trabalho de nivelamento do terreno do Crematório II (1). Eles estavam curiosos para saber o que realmente acontecia dentro das construções, mas os nazistas proibiam a entrada dos recém-chegados ao *Sonderkommando* aos prédios dos crematórios. Durante a atividade houve uma agitação e todos os trabalhadores foram colocados em uma sala. Dela os prisioneiros conseguiram ver cerca de 30 ou 35 vindas e idas de caminhões repletos de mulheres, crianças, pessoas com deficiência e idosos. O processo de desembarque de todas as pessoas dos caminhões demorou cerca de uma hora e, após certo tempo em que não se ouvia mais qualquer barulho daquele mundaréu de judeus, um guarda da SS os levou para a sala de despir e ordenou que recolhessem tudo o que estava ali. Como eles ficaram atônitos diante do mar de roupas, os guardas usaram de violência para forçá-los a se mexerem. Quando saíram da sala de despir viram

uma porta aberta e uma massa de cadáveres bem na entrada. Nosso medo foi muito grande. Passamos correndo pelo corredor e começamos depois a nossa subida pelas escadas, apavorados, e cada um falando ao outro sobre o que tínhamos visto. Assim, a cada dia um pouco mais, nos colocaram para ir nos acostumando com o espetáculo¹⁷⁶ (Nadjary, 2018, p. 80, tradução nossa).

Os amigos de Nadjary Moís Asrom, Víko Broúdo e Isaac Baruch foram para o Crematório V (4) “e o que infelizmente fez com que nos separássemos foi que dissemos que era melhor estarmos espalhados, algum de nós podia sair vivo para que, eventualmente, pudesse contar aos outros¹⁷⁷” (Nadjary, 2018, p. 80, tradução nossa). Na sequência Nadjary comenta sobre a chegada dos SS Otto Moll e Josef Kramer. Os dois eram extremamente violentos e gostavam de usar judeus vivos como alvo para a prática de tiros. Um deles teria jogado em uma das fossas de cremação um caminhão inteiro de deportados vivos para que morressem sentindo dores terríveis. Quando os judeus húngaros começaram a chegar ao *Lager* em grande quantidade a ponto de os fornos crematórios não conseguirem absorver o contingente de corpos, foram abertas novas fossas de cremação. Milhares de vidas consumidas pelo fogo e os homens do *Sonderkommando* não conseguiam assimilar o que

¹⁷⁶ “βλέπουμε μία πόρτα ανοικτή και ένας όγκος από πτώματα στην είσοδο ακριβώς. Ο φόβος μας ήταν πολύ μεγάλος. Πέρασαμε τροχάδην τον διάδρομο και αρχίσαμε μετά την ανάβασίν μας της σκάλας, κατατρομαγμένοι, και ο καθένας μας έλεγε στον άλλον το τι είχαμε ιδεί. Έτσι καθημερινώς και περισσότερο μας βάζανε εις το να συνηθίσουμε στο θέαμα.”

¹⁷⁷ “και αυτό δυστυχώς που μας έκανε να χωρίσουμε είναι ότι λέγαμε καλύτερα να είμαστε σκορπισμένοι, μπορεί κάποιος από μας να βγη ζωντανός, καμιά φορά, για να μπορέσει να τα πη στους άλλους.”

estavam fazendo: “foi a noite mais escura para nós¹⁷⁸” (Nadjary, 2018, p. 82, tradução nossa). Enquanto os judeus húngaros eram queimados, dois membros do *Sonderkommando* foram assassinados pelos nazistas, um deles foi jogado no fogo ainda vivo. Então,

naquela noite estávamos todos decididos a morrer para nos acabarmos, mas nos seguiu a [chance] de que poderíamos nos vingar, organizar uma fuga, em outras palavras, nos vingar. Desde então começou a nossa conspiração, começamos a nos organizar para um ataque geral¹⁷⁹ (Nadjary, 2018, p. 85, tradução nossa).

Sabemos que o intento de organizar uma revolta vinha sendo gestado antes do assassinato dos judeus húngaros – eles foram enviados a Auschwitz II-Birkenau entre maio e julho de 1944 –, mas, como Nadjary só chegou ao *Lager* em abril de 1944, possivelmente foi nesse período que ele tomou conhecimento do grupo de insurgentes e se inseriu nele. Era uma época em que “os crematórios funcionavam sem parar. Os comboios chegavam em 2 ou 3, diariamente, e cada comboio tinha de 2.500 a 3.000 pessoas. Nos Crematórios I [II-1] ou II [III-2] demorávamos cerca de 24h para incinerar 2.500, dependendo dos corpos¹⁸⁰” (Nadjary, 2018, p. 85, tradução nossa). Após a seleção, os deportados eram enviados para as câmaras,

a maioria tinha um sorriso no rosto e muitos até nos deram coragem com vários gestos. (...) As meninas tinham vergonha e dificultavam muito para se despir, choravam de vergonha e não porque poucos minutos mais tarde iriam morrer, porque não o sabiam. Outros, ainda, nos davam moedas de ouro e diziam que as estavam doando para nós. As pegávamos, ainda que não precisássemos delas, para que não as pegassem os alemães que circulavam como corvos. Outros ainda, mais maduros e sábios, vinham até nós e nos perguntavam se estavam indo para a morte. Eu dizia sempre que não entendia alemão e nem nenhuma outra língua a não ser grego. E digo que uma vez, um velho, quando eu estava lhe dizendo que não entendia nenhuma outra língua, exceto grego, começou a falar comigo em grego antigo, era professor na Universidade da Hungria. (...) elas [as criancinhas] tinham pressentimento da morte, nos afligiam, tentávamos nos aproximar, mas nos temiam como se fôssemos suas mortes. Mas outros se aproximavam de nós e nos davam seu amor. Os alemães, para rir, lhes diziam para levarem junto com eles sabão e os sapatos, (...) para amarrá-los e segurá-los em suas mãos. (...) Assim que entravam, se reuniam dentro e esperavam que a sala fosse preenchida. (...) Depois, quando estava completa e todos tinham entrado na Câmara de gás, a porta era fechada e, imediatamente depois, os dois especialistas do gás subiam no teto e abriam 4 latas [de Zyklon-B] e as esvaziavam por cima, ou rindo ou conversando sobre diversas questões irrelevantes. Colocavam de novo a placa de concreto em cima. Muitas vezes chegavam embaixo na pequena janelinha da porta, ficavam assistindo com um cronômetro na mão, os minutos que precisariam para não restar ninguém vivo (cerca de 6-7 minutos). No momento em que a porta se fechava e jogaram o primeiro cilindro de gás pela abertura, as pessoas entendiam que iam morrer. Todos tentavam chegar até a pequena porta, e um passava por cima do outro. Os que estavam

¹⁷⁸ “Ήταν η πιο σκοτεινή νύκτα για μας.”

¹⁷⁹ “Εκείνη την βραδιά ήμασταν αποφασισμένοι όλοι να πεθάνουμε για να τελειώσουμε, αλλά μας κράτησε η που θα μπορούσαμε να εκδικηθούμε, να οργανώσουμε απόδραση, να εκδικηθούμε με άλλα λόγια. Έκτοτε άρχισε η συνωμοσία μας, αρχίσαμε να οργανωθούμε διά μίαν γενικήν εξόρμησιν.”

¹⁸⁰ “Τα κρεματόρια δούλευαν αδιακόπως. Οι συρμοί ερχόταν από 2 ή 3, καθημερινώς, και ο κάθε συρμός είχε από 2.500 έως 3.000 άτομα. Στα Κρεματόρια Ι ή ΙΙ, μας έπαιρνε διά να αποτεφρωθούν 2.500 ένα 24ωρον περίπου, αναλόγως τα σώματα.”

embaixo morriam sempre mais rápido por asfixia e esses eram sempre ou os deficientes ou os pequenos que tinham se perdido de suas mães. As pessoas tentavam de tudo para se salvar, arranhavam as paredes com as unhas, a porta estava totalmente arranhada por unhas. Naqueles minutos necessários para que eles morressem parece que sofreram enormemente. Os alemães observavam do buraco e riam. Por que riam? Nós de fora da porta escutávamos as batidas deles, assim como o Chemah [Shemá] que quase todo mundo dizia. Todos olhavam para cima, esperando um milagre. (...) Mas infelizmente, o programa deles [nazistas] tinha que acontecer, todos tínhamos que morrer¹⁸¹ (Nadjary, 2018, pp. 86; 88-89, tradução nossa).

Nadjary se incluiu entre os que deveriam morrer, pois ele sabia que esse era o intuito dos nazistas. O trabalho dos *Sonderkommandos* que começava com o esvaziamento da sala de despir e, à vista dos nazistas, eles tinham que revistar os bolsos e as bolsas em busca de bens e dinheiro. Antes mesmo do procedimento formal eles furtivamente “organizavam” o possível

quase sempre roubávamos tudo e as coisas de muito pouco valor entregávamos para eles que, novamente na presença de seus superiores, as pegavam para si mesmos. O ouro ou os dólares ou as pedras preciosas não tinham um grande papel para nós, mas para os soldados alemães eram tudo, por isso nós os tínhamos nas mãos. Eles faziam tudo o que queríamos, contanto que os pagássemos, o que era feito¹⁸² (Nadjary, 2018, p. 90, tradução nossa).

¹⁸¹ “Οι περισσότεροι είχαν το χαμόγελο στο στόμα και πολλοί μάλιστα μας έδιναν κουράγιο με διάφορες χειρονομίες. (...) Τα κοριτσάκια είχαν ντροπή και δυσκολευόταν πολύ να ξεδυθούν, έκλαιγαν για την ντροπή και όχι διότι σε λίγα λεπτά αργότερον θα είχαν πεθάνει, διότι δεν το ήξεραν. Άλλες πάλι μας δίναν χρυσά νομίσματα και μας έλεγαν ότι μας τα δωρίζουν. Τα παίρναμε, αν και δεν τα χρειαζόμασταν, διά να μην τα πάρουν οι Γερμανοί που τριγύριζαν γύρω γύρω σαν τα κοράκια. Άλλες πάλι πιο ώριμες και έξυπνες ερχόταν κοντά μας και μας ρωτούσαν αν πήγαιναν για σκότωμα. Έλεγα πάντα ότι δεν καταλαβαίνω γερμανικά ούτε καμιά άλλη γλώσσα παρά μόνον ελληνικά. Και να που κάποια φορά, ένας γέροντας, καθώς του έλεγα ότι δεν γνωρίζω καμιά γλώσσα, εκτός από ελληνικά, άρχισε να με μιλά αρχαία ελληνικά, ήταν καθηγητής Πανεπιστημίου της Ουγγαρίας. (...) Είχαν την προαίσθηση του θανάτου, μας στενοχωρούσαν, προσπαθούσαμε να τα πλησιάσουμε αλλά μας φοβόταν σαν να ήμασταν οι χάροι τους. Άλλοι, πάλι, μας πλησίαζαν και μας έδειχναν την αγάπη τους. Οι Γερμανοί διά να γελάσουν τους έλεγαν να πάρουν μαζί τους σαπούνι και τα παπούτσια, (...) να τα δένουν και να τα κρατάν στα χέρια τους. (...) Καθώς έμπαιναν, συγκεντρωνόταν μέσα και μετά περίμεναν να συμπληρωθεί η αίθουσα. (...) Μετά, που είχε συμπληρωθεί και όλοι είχαν εισέλθει στην αίθουσα του Gas, έκλεινε η πόρτα και, αμέσως μετά, οι δύο ειδικοί του γκαζιού ανέβαιναν από πάνω και άνοιγαν 4 κυτία και τα άδειαζαν από πάνω είτε γελώντας ή κουβεντιάζοντας για διάφορα άσχετα ζητήματα. Βάζαν ξανά την πλάκα εκ μπετόν απάνω. Πολλές φορές ερχόταν κάτω από το μικρό φιλιστρίνι της πόρτας, παρακολουθούσαν, με ένα χρονόμετρο στο χέρι, τα λεπτά που θα χρειαζόταν διά να μην μείν κανένας ζωντανός (ζήτημα 6-7 λεπτά). Την στιγμή που η πόρτα έκλεινε καλά και έριχναν το πρώτον κουτί γκαζ από την οπή, ο κόσμος καταλάβαινε ότι επρόκειτο να πεθάνει. Όλοι προσπαθούσαν να έλθουν προς την μικρή πόρτα και ο ένας ήταν απάνω στον άλλον. Οι ευρισκόμενοι από κάτω πέθαιναν πάντα πιο γρήγορα από ασφυξία και αυτοί ήταν πάντα ή οι ανάπηροι ή τα μικρά που είχαν χαθεί από τις μονάδες τους. Ο κόσμος προσπαθούσε με οτιδήποτε να σωθεί, γρατσούνιζε με τα νύχια του τα ντουβάρια, η πόρτα ήταν ολόκληρη σκαλισμένη από τα νύχια. Αυτά τα λεπτά που χρειαζόνταν να πεθάνουν φαίνεται ότι υπέφεραν πάρα πολύ. Οι Γερμανοί από την οπή παρακολουθούσαν και γελούσαν. Γιατί γελούσαν; Εμείς απ' έξω από πόρτα ακούγαμε τα χτυπήματά τους, ως επίσης και την Chemah που έλεγαν σχεδόν όλοι. Όλοι κοίταζαν προς τα άνω, περιμένοντας ένα θαύμα. (...) Αλλά δυστυχώς, το πρόγραμμά τους έπρεπε να γίνη, όλοι έπρεπε να πεθάνουμε.”

¹⁸² “Σχεδόν όλα τα κλέβαμε και τα μράγματα με πολύ μικρή αξία τα παραδίδαμε σε αυτούς οι οποίοι πάλιν πρυφά από τους ανωτέρους τους τα κρατούσαν δι' αυτούς. Ο χρυσός ή τα δολάρια ή τα πολύτιμα πετράδια δεν έπαιζαν μεγάλο ρόλο διά μας, ενώ διά τους Γερμανούς στρατιώτες ήταν το παν, δι' αυτό και τους είχαμε υποχείριους, μας κάμναν οτιδήποτε χατίρι θέλαμε, φθάνει να τους πληρώναμε, το οποίον και γινόταν.”

Aqui Nadjary parece superestimar o poder do seu grupo sobre os seus agressores. Apesar do tom generalista, sabemos por outros testemunhos que alguns guardas estavam mais disponíveis à corrupção e que outros executavam o prisioneiro que fosse flagrado roubando ou tentando negociar. Os *Sonderkommandos*, definitivamente, não controlavam todos os guardas da SS e, menos ainda, governavam-nos o tempo todo. O medo constante de serem assassinados atesta a impotência desse grupo diante de seus perpetradores. A relação entre os membros do *Sonderkommando* e os guardas da SS era complexa e tem sido objeto de diversas análises (Bartosik & Willma, 2017), razão pela qual não demos tomar o enunciado de Nadjary como preceito incontestável.

Ao abrirem as portas, ouvia-se os corpos que se amontoavam na entrada da câmara de gás batendo com violência contra o chão, “muitos ainda estavam com os olhos voltados para cima e apontavam com o dedo indicador para o céu. Quem sabe qual pensamento tiveram naquele momento e que esperança conjecturavam, esperando o milagre¹⁸³” (Nadjary, 2018, p. 91, tradução nossa). Os corpos eram levados para o elevador¹⁸⁴ e descarregados no crematório. Os cabelos eram cortados, os dentes de ouro arrancados e os corpos destruídos pelo fogo. A cada seis horas as cinzas eram recolhidas e a cada meia hora eram iniciadas novas “fornadas”, φουρνιές. Havia outros métodos de assassinato ocorrendo em paralelo ao gaseamento, pois “quando traziam para execução poucos (por volta de 100), o assassinato ocorria com arma de fogo na região cervical... a morte é instantânea. Nosso trabalho macabro consistia em arrastarmos os cadáveres até a porta dos fornos, essas bocas infinitas que nunca ficavam cheias¹⁸⁵” (Nadjary, 2018, p. 91, tradução nossa).

Nadjary ficou no *Sonderkommando* por oito meses e meio esperando “de momento em momento, a nossa redenção pela morte, mas nos manteve vivos o desejo de vingança e a tentativa organizada da qual cuidamos, em unanimidade, com os russos¹⁸⁶” (Nadjary, 2018, p. 93, tradução nossa). Ele conta qual era o plano que intentavam executar no dia em que um transporte polonês chegou sem aviso e acabou frustrando a investida. Nesse mesmo dia o *Kapo Kamiński* – um dos líderes do levante –, foi morto pelos nazistas, “isso marcou o fim

¹⁸³ “πολλοί ήσαν [με] το βλέμμα ακόμη εστραμμένο προς τα άνω και έδειχναν με τον δεξιόν δείκτην τον ουρανό. Ποιος ξέρει τι σκέψη να έκαναν εκείνη τη στιγμή και τι ελπίδα αναλογιζόταν, περιμένοντας το θαύμα.”

¹⁸⁴ Apenas os Crematórios II (1) e III (2) dispunham de elevadores porque a sala de despir e a câmara de gás ficavam em nível inferior (subsolo) em relação aos fornos crematórios.

¹⁸⁵ “Όταν φέρναν διά εκτέλεσιν λίγους (γύρω στα 100), η θανάτωσις γινόταν διά πυροβόλου όπλου στην τραχηλικήν χώραν... ο θάνατος είναι ακαριαίος. Το μακάβριον έργον μας συνίστατο εις το να σύρωμεν τα πτώματα εις την πόρταν των φούρνων, αυτά τα ατέλειωτα στόματα που δεν χόρταιναν ποτέ.”

¹⁸⁶ “από στιγμή σε στιγμή τον λυτρωμό μας στον θάνατο, αλλά μας κρατούσε στη ζωή η επιθυμία μας εκδικήσεως και η οργανωμένη απόπειρα που φροντίσαμε, εν ομοφωνία μετά των Ρώσων.”

das nossas ações. Sabíamos que entre nós tínhamos alguém que nos traiu, não o descobrimos nunca¹⁸⁷” (Nadjary, 2018, pp. 93-94, tradução nossa). Na seleção dos 200 membros do *Sonderkommando* que ocorreu em setembro de 1944, Nadjary (2018) perdeu alguns amigos a quem nomeia: “o Jakoel, o advogado, o Farantzi e o Markesis (Levi)¹⁸⁸” (p. 94, tradução nossa) e “quanto mais o tempo passava, mais víamos o nosso fim chegar. Em outubro os transportes eram escassos e o *Sonderkommando*, muito grande. E os alemães decidiram nos reduzir e separaram novamente cerca de 200 dos trabalhadores¹⁸⁹” (p. 94, tradução nossa). Os nazistas tentavam convencê-los fazendo muitas promessas de que não seriam exterminados, mas àquela altura ninguém podia acreditar – e nem deveria. Os seus amigos Viko, Moís Aarão e Isaac Baruch estavam entre os selecionados. No dia marcado para a suposta transferência de homens dos Crematórios IV (3) e V (4) para outro *Lager*, parte do grupo que trabalhava no Crematório III (2) triturava ossos não destruídos pelas chamas. Eles viram labaredas de fogo vindo do Crematório IV (3) e ouviram tiros. Sem ter tempo para entender o que estava acontecendo imediatamente homens da SS os cercaram e os levaram para dentro do Crematório. Ainda sem compreender muito bem o que sucedia

pensávamos, nós os gregos, que estávamos decididos a atear fogo e a nos queimar junto com o Crematório, enquanto os poloneses, principalmente o Olère e o Strasfogel, insistiam a não fazermos absolutamente nada porque tudo seria em vão. Então nos curvamos porque eles eram a maioria¹⁹⁰ (Nadjary, 2018, p. 95, tradução nossa).

Algum tempo depois, chegou-lhe a notícia de que os 100 primeiros judeus selecionados – todos dos Crematórios IV (3) e V (4) – eram de origem húngara. Eles atenderam à chamada e foram retirados do local onde os demais aguardavam. Quando os outros 100 foram chamados, os judeus gregos se recusaram a responder até que um deles teria dado um pulo e gritado “vai acontecer o banho, sim ou não?”¹⁹¹ (Nadjary, 2018, p. 96, tradução nossa). Nesse momento todos começaram a jogar o que tinham em mãos nos guardas da SS, ferindo-os ou matando-os. Alguns homens do *Sonderkommando* aproveitaram a confusão para atear fogo no Crematório IV (3) enquanto outros ou tentavam lutar contra o

¹⁸⁷ “Αυτό εσήμανε το τέλος των ενεργειών.”

¹⁸⁸ “ο Γιακοέλ, ο δικηγόρος, Φαρατζή και Μαρκέσης (Λεβή).”

¹⁸⁹ “Όσον ο καιρός περνοσε, τόσον Βλέπαμε και το τέλος μας να έρχεται. Κατά τον Οκτώβριο, τα τρανσπόρ ήσαν αραιά και το Ζόντερ Κομάντο πάρα πολύ μεγάλο. Και οι Γερμανοί αποφασίσαν να μας αραιώσουν και χωρίσαν καμιά 200 πάλι από τους εργάτες”

¹⁹⁰ “Σκεφθήκαμε εμείς οι Έλληνες ήμασταν αποφασισμένοι να βάλουμε φωτιά και να καούμε μαζί με το κρεματόριο, ενώ οι Πολωνοί, ειδικώς ο Olère και Strasfogel, επέμεναν να μην κάνουμε απολύτως τίποτα, διότι όλα θα ήταν μάταια. Υποκύναμε μετά, λόγω ότι ήταν οι περισσότεροι”

¹⁹¹ “Θα γίνη ναι ή όχι το ντου;”

reforço das SS que chegava ou sinalizavam que iriam se render. Vendo o fogo que saía do Crematório IV (3), os homens do *Kommando* do Crematório II (1) entenderam que aquele era o sinal de que os nazistas estavam eliminando o grupo. A partir dessa leitura alguns homens aplicaram-se em fugir e outros arriscaram incendiar os fornos crematórios, “mas se acovardaram no último minuto e assim a explosão não aconteceu¹⁹²” (Nadjary, 2018, p. 96, tradução nossa). Sabemos, a partir de um estudo recente, publicado pelo *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau* (Bartosik, 2022), que, por razões desconhecidas, a granada não explodiu. Muito morreram no levante e “nós mesmos os queimamos no dia seguinte¹⁹³” (Nadjary, 2018, p. 96, tradução nossa). Entre os homens assassinados do Crematório II (1) estava Jacó que tinha muitas fotografias no bolso. Nadjary as recolheu, mas acabou perdendo-as. Alguns dias depois os nazistas recolheram todos os soldados de guerra soviéticos e os mataram. Nadjary os nomeia: Ivan, Nikolai, Gregor, Luka, Liubasca, Victor, entre outros.

Nadjary tece críticas aos membros do *Sonderkommando* do Crematório V (4), mas não fica claro o que ele acredita que esses homens poderiam ter feito de diferente. Em janeiro de 1945 restavam 100 *Sonderkommandos* vivos. Dentre esses, 26 eram gregos. Nadjary foi designado para participar dos esforços de demolição dos Crematórios II (1) e III (2) que contou com a ajuda de algumas mulheres vinculadas ao subcampo do Canadá. Aproveitando o contato com pessoas de outro *Kommando*,

de todas as maneiras tentei explicar para a Ninetta e para as outras meninas como os alemães mataram tantos milhares, o modo da operação, como queimávamos os cadáveres. Embora elas vissem isso tudo na frente delas, não podiam acreditar. Eu explicava isso para elas porque nós do Sonder Kommando estávamos certos de que não viveríamos, de que nos matariam antes, antes de libertar-nos, porque nossos olhos tinham visto mais do que deveriam¹⁹⁴ (Nadjary, 2018, p. 101, tradução nossa).

Ainda em janeiro, com a aproximação do exército soviético, os alemães se apressavam para destruir as evidências do que fizeram e explodiram algumas construções. No dia 18 de janeiro de 1945 começou a evacuação do *Lager*

nossa angústia era indescritível. Enquanto uns saíam do Campo, nós, eles nos tinham trancado. (...) De vez em quando ouvíamos explosões que aconteciam ao nosso redor e especialmente nos Crematórios. Ao anoitecer, vimos de repente uma enorme falange de prisioneiros que tinham partido ao meio-dia retornar ao Campo novamente. Não aguentamos mais estar presos, deixamos o Bloco e nos misturamos

¹⁹² “αλλά δειλιάσαν την τελευταία στιγμή και έτσι η ανατίναξιν δεν πραγματοποιήθηκε.”

¹⁹³ “Αυτούς τους κάψαμε εμείς οι ίδιοι, την επομένη”.

¹⁹⁴ “με κάθε τρόπο, προσπαθούσα στη Νινέττα και σε άλλα κορίτσια να εξηγήσω το πώς οι Γερμανοί θανάτωσαν τόσους χιλιάδες, τον τρόπο της λειτουργίας, το πώς καίγαμε τα πτώματα. Αν και τα έβλεπαν μπροστά τους, δεν μπορούσαν να το πιστέψουν. Τους τα εξηγούσα διά τον λόγο ότι εμείς του Ζόντερ Κομμάντο ήμασταν βέβαιοι ότι δεν επρόκειτο να ζήσουμε, θα μας σκότωναν από πριν, προτού ελευθερωθούμε, διότι τα μάτια μας είχαν ιδεί περισσότερα από ό,τι έπρεπε.”

com os outros. Nos procuraram duas vezes, mas ninguém nos encontrou¹⁹⁵ (Nadjary, 2018, p. 102, tradução nossa).

Um judeu grego, Maki Jonahan de Arta, torceu o pé e não pode seguir com os demais na falange da Marcha da Morte. As narrativas seguintes do manuscrito fazem referência à marcha da morte sob o signo da fome e do frio do inverno polonês, a adaptação ao novo *Lager*, as dificuldades e violências sofridas, quais membros do *Sonderkommando* permaneciam com ele (Leon Cohen com quem havia brigado, os irmãos Venezia, Isaac, Dino, Alberto Jachon) e quais se separaram durante a jornada (Daniel Bennahmías, Joseph Baruch e Saul). O seu relato de repente é interrompido antes de mencionar a libertação do Campo para o qual foi designado com os amigos Saul Molho ou Molcho, Léon Cohen e Alberto Jachon.

Nos manuscritos de Nadjary percebemos um humor irônico, sem muitas menções aos seus próprios afetos assim como não há uma análise psicológica dos fatos e tampouco uma reflexão pessoal das experiências sofridas. Nadjary sustenta uma descrição majoritariamente estável, às vezes ácida ou de apelo à vingança. Há quem considere essa escrita um balanço geral das próprias revoltas e resistências de Nadjary em um mundo que continuava a ser desfavorável e hostil (Abatzopúlu, 2018). Lembremos que o registro de 1947 foi realizado enquanto ele fora obrigado a servir novamente no exército grego, numa época em que poucos se interessavam pelas experiências de sofrimento das vítimas e quando ele próprio tentava reconstruir a vida a partir das ruínas da antiga comunidade greco-judaica. Nadjary era conhecido por fazer do humor uma arma de resistência à morte – isso tanto durante o encarceramento quanto depois – e por sustentar uma visão otimista e positiva do futuro. Por óbvio isso que não quer dizer que não tenha tido momentos sombrios e que não tenha sido assolado por pesadelos – a sua filha Nelly fez menção aos momentos difíceis que Nadjary enfrentou. Ele foi afetado pela experiência concentracionária, mas em seus relatos preferiu não expor essa faceta e se deter no funcionamento do *Lager* ou nos eventos relacionados à organização da revolta (Kilian, 2018; Abatzopúlu, 2018). Ele escreveu a própria história, principalmente, para que pudesse se lembrar dos atos de resistência que travou contra a morte.

¹⁹⁵ “Η αγωνία μας ήταν απερίγραπτη. Ενώ οι άλλοι έφευγαν από το στρατόπεδο, εμάς μας είχαν κλειδωμένους. (...) Κάθε λίγο και λιγάκι, ακούγαμε ανατινάξεις που γινόταν τριγύρω μας και ειδικώς στα κρεματόρια. Κατά το σούρουπο, έξαφνα βλέπομεν μίαν πελώριαν φάλαγγα από κρατουμένους που είχαν φύγει τ μεσημέρι να ξαναγυρίζουν στο στρατόπεδο πάλι πίσω. Δεν αντέχαμε και εμείς πια κλεισμένοι, εξήλθαμε από το Block και ανακατευθήκαμε με τους άλλους. Μας γύρεψαν κάνα δυο φορές αλλά κανείς μας δεν εμφανίστηκε.”

4.2 Henryk Mandelbaum

[Henryk Mandelbaum:] Tenho este pensamento: o que tudo isso me legou, quais são os traços? Depois de deixar o campo, tornei-me muito sensível ao destino das pessoas, ao sofrimento e à morte. Por exemplo, quando vejo um funeral ou um acidente, lembro-me de outras mortes, das mortes no campo (...). Algo assim, esse traço permanece. Essas coisas reaparecem diante de mim¹⁹⁶ (Południak, 2008, p. 96, tradução nossa).

[Henryk Mandelbaum:] Tudo volta em seus sonhos. É simplesmente um choque nervoso. A experiência, para ser específico. Enquanto conversamos aqui tudo dentro de mim está borbulhando, tudo está voltando. Normalmente durmo à noite, mas às vezes essas experiências, o passado no campo de concentração, simplesmente voltam, e não se pode fazer nada a respeito¹⁹⁷ (Południak, 2008, p. 97, tradução nossa).

Henryk Mandelbaum nasceu em 15 de dezembro de 1922, na pequena vila de Olkusz, no interior da Polônia. Ele era o filho mais velho de uma numerosa e humilde família judia. Por ser pobre, aos treze anos ele deixou a escola para trabalhar. Resultado da instrução à qual teve acesso, Mandelbaum falava polonês, sabia um pouco de ídiche, mas não o suficiente para conversar, e do hebraico conseguia reconhecer somente algumas letras. Assim como Freud, ele não entendia a língua sagrada e se afastou da religião ancestral, mas não negava a sua vinculação ao povo judeu e nem deixava de ser atravessado pela judeidade. Franciszek Piper (2008), historiador polonês, comenta que Mandelbaum fazia uso de uma linguagem desajeitada, dura e nem sempre adequada. A despeito do modo como se valia da linguagem, Mandelbaum testemunhou, não intermediado pela escrita, mas face a face aos seus interlocutores. O seu testemunho nos chega, principalmente, por meio de dois livros, fruto de entrevistas que concedeu: *Sonder*, de Jan Południak (2008) e *I was at Auschwitz crematorium*, de Igor Bartosik e Adam Willma (2017). Mandelbaum se tornou amigo do historiador e pesquisador do Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau, Igor Bartosik que dedicou o seu último livro *Witnesses from the pit of hell: history of the Auschwitz Sonderkommando* (2022), à memória de Mandelbaum.

Levado a Auschwitz II-Birkenau em 22 de abril de 1944, aos 21 anos, ele foi marcado com o número 181970. Logo que chegou ao Lager, não compreendia como as coisas funcionavam e, sem saber, se arriscou ao tomar atitudes consideradas impertinentes, “eu ainda

¹⁹⁶ “I have this thought: what has all this left me with, what are the traces? After leaving the camp I have become very sensitive about the fate of people, about suffering and about death. For example, when I see a funeral or an accident I am reminded of the other deaths, the deaths in the camp (...). Something like this, such a trace remains. These things reappear before me.”

¹⁹⁷ “It all comes back in your dreams. It’s simply a nervous shock. The experience, that is. As we’re talking here everything inside me is boiling, it’s all coming back. I normally sleep at night, but sometimes those experiences, the concentration camp past just returns, and you can’t do anything about it.”

estava pensando como um homem livre¹⁹⁸”, pondera (Bartosik & Willma, 2017, p. 38, tradução nossa). Como observado por ele, uma coisa era a experiência dos judeus na cidade, outra coisa foi a vivência no interior em que a comunidade judaica não era humilhada e não foi condicionada a temer os alemães. Após o período de quarentena, Mandelbaum foi selecionado para trabalhar no *Sonderkommando*. A maior parte do tempo ele esteve vinculado ao Crematório V (4), mas também trabalhou no Crematório III (2).

De saída Mandelbaum percebeu que não havia possibilidade de se tornar herói naquele contexto e, para não ser enviado aos fornos, precisava atender os nazistas. Sem receberem instruções, por observação, os recém-chegados compreendiam o que deveria ser feito e precisavam encontrar formas de executar as tarefas o mais rápido e com o menor esforço possível, pois não havia ferramentas adequadas ou palavras que dessem conta do trabalho em questão. Após o fechamento da porta da câmara de gás “havia gritos, um barulho terrível, lamentos, choros... Em uma palavra: uma tragédia, uma tragédia¹⁹⁹” (Południak, 2008, p. 39, tradução nossa). Como não usavam máscara para se protegerem dos resquícios de gás, mesmo aguardando algum tempo antes de entrarem para retirarem os corpos, algumas vezes eles se intoxicavam e apresentavam sinais de náusea, vômito e, às vezes, febre. Esses sinais não poderiam ser percebidos pelos SS, pois “lá eles estavam só esperando para acabar com você²⁰⁰” (Południak, 2008, p. 41, tradução nossa). Os guardas da SS não deixavam de demonstrar para os homens do *Sonderkommando* que qualquer coisa poderia levá-los à morte

eles geralmente nos batiam. Certa vez, fui atingido pelo punho de uma pistola Parabellum. Ele me bateu e pensei que fosse atirar em mim, mas, felizmente, de alguma forma, ele recuperou o controle de suas emoções a tempo. Foi um milagre ele não ter atirado em mim. Geralmente estavam bêbados e muito irritados²⁰¹ (Południak, 2008, p. 59, tradução nossa).

Mandelbaum comenta que após viajarem por dias em vagões apertados as pessoas chegavam exaustas, sem saber o que as aguardava e todo o cenário montado pelos nazistas era para fazer crer que em Auschwitz II-Birkenau elas seriam cuidadas e encontrariam descanso. Perguntado sobre o que dizia aos prisioneiros destinados à morte, ele afirmou não falar nada, pois não podia dizer a verdade e mentir seria pecado. Ademais, segue Mandelbaum, estavam todos irremediavelmente condenados. O encaminhamento de prisioneiros para as câmaras de

¹⁹⁸ “I was still thinking like a free man.”

¹⁹⁹ “there’d be shouting, a terrible racket, lamenting, weeping... In a word: a tragedy, a tragedy.”

²⁰⁰ “there they were only waiting to finish you off”

²⁰¹ “they’d usually beat us. I was once hit with the handgrip of a Parabellum pistol. He hit me and I thought he’d shoot me, but, fortunately, he somehow regained control of his emotions in time. It was a miracle that he didn’t shoot me. They were usually drunk and very angry.”

gás também tinha a sua norma não escrita, a sua nuance gris. Fica inferido que havia uma certa expectativa em relação ao comportamento de membros do *Sonderkommando* que encontravam pessoas conhecidas ou familiares no processo de encaminhamento à câmara de gás. Esperava-se que eles fossem capazes de acompanhar os seus entes queridos para as câmaras e que não mentissem sobre o que lhes aguardava.

Sobre a primeira impressão ao entrar no crematório Mandelbaum relatou:

O que eu vi... Minha primeira impressão... Bem, pensei que estava no inferno. Quando cheguei lá, as pessoas já estavam na câmara de gás, já tinham sido gaseadas. Quando abriram a câmara e vi essas pessoas, todas emaranhadas e ali paradas, mortas... Nessa massa de corpos eles estavam de mãos dadas; foi assim que as famílias chegaram, foi assim que eles entraram naquela câmara, foi assim que foram gaseadas. (...) A primeira vez me causou uma impressão inconcebível. Chocante. Fiquei arrasado com o que vi, pois nunca na minha vida tinha visto, nem sequer pensado que pessoas pudessem ser assassinadas dessa forma. (...) Tudo dentro de mim morreu, tudo morreu porque nunca na minha vida eu tinha presenciado uma coisa assim, entende?! É difícil, é difícil explicar as minhas primeiras impressões... Quando penso no que vi e no que passei, ainda hoje, sentado aqui conversando, sinto-me como alguém que ressuscitou dos mortos... ressuscitou dos mortos...²⁰² (Południak, 2008, p. 30, tradução nossa).

Ele propõe que cada um imagine ser tirado de uma situação em que se vivia com certa liberdade e, sem ser preparado para isso, ter que pegar em um corpo já em estado de decomposição e ter que arrastá-lo pelas mãos para que fosse queimado. Ele conclui que nessas circunstâncias “que alguém não tenha simplesmente perdido a cabeça é uma espécie de milagre²⁰³” (Południak, 2008, p. 63, tradução nossa) e que o que eles viveram no *Lager* não pode ser apropriadamente descrito. Nada ali poderia ser devidamente descrito, inclusive o cálculo de quais corpos deveriam ser queimados juntos, pois um corpo magro e um corpo nutrido não são consumidos pelas chamas da mesma forma

então, bem, para fazer os cadáveres queimarem mais rápido, deitávamos sobre eles a gordura dos corpos [que queimavam] na vala; a gordura que estava nos sulcos. Nas laterais [das fossas] havia sulcos e reservatórios para a gordura. E assim os corpos queimavam. (...) Senhor, isso é difícil, isso é difícil de descrever. Isto é uma

²⁰² “What I saw... My first impression... Well, I thought I was in hell. When I came there, the people were already in gas chamber, they had already been gassed. When they opened the chamber and I saw these people, all entangled and standing there, dead... In this mass of bodies they were holding hands; that was how in families they had entered that chamber, that was how they had been gassed. (...) The first time it made an incredible impression on me. Shocking. I was broken by what I saw, for never in my life had I seen, had I even thought that people could be murdered in such a way. (...) Everything inside of me died, it all died because never in my life had I witnessed something like this, you see. It's difficult, it is difficult to explain my first impressions... When I think about what I have seen and about what I have been through, even today as I sit here talking I feel like someone who has risen from the dead... risen from the dead...”

²⁰³ “That one didn't just lose one's mind is some kind of miracle.”

tragédia, uma tragédia. Por ter visto e descrito hoje, você sabe senhor... é terrível, simplesmente terrível...²⁰⁴ (Południak, 2008, p. 49, tradução nossa).

Sobre a lembrança da primeira pessoa que cremou, disse: “eu sempre me lembrarei dele. Aquele corpo está ao meu lado até hoje. Um velho, já inchado por estar deitado sob o sol²⁰⁵” (Bartosik & Willma, 2017, p. 46, tradução nossa). Os gritos vindos da câmara de gás e a imagem da queima dos corpos e da retirada dos dentes dos mortos não o deixaram: “eu ando por aí, como, durmo, danço e canto com essas imagens. Isso não é algo que se possa apagar. Isso está em meu sangue, em todo o meu corpo²⁰⁶” (Bartosik e Willma, 2017, p. 87, tradução nossa). Trata-se, portanto, de uma experiência encarnada, entranhada em seu corpo e, por isso, impossível de se desvencilhar.

Ter que lidar com os corpos foi horrível, pois nunca gostou de cadáveres, mas, acima de tudo, ele queria sobreviver e, por isso, fazia o que lhe mandavam. Uma frase repetida por Mandelbaum em seus testemunhos era: “eu lutei pela sobrevivência²⁰⁷” (Bartosik & Willma, 2017, p. 7, tradução nossa). A luta pela sobrevivência teve lugar desde o período em que foi confinado no gueto de Sosnowiec. Apesar de toda a morte que encontrou pelo caminho e de reconhecer que o grupo dos *Sonder* estava marcado para morrer “todo mundo sempre tem aquele pequeno vislumbre de esperança. Na verdade, esse foi o caso²⁰⁸” (Południak, 2008, p. 75, tradução nossa). Diante de tamanha exigência psíquica e da vontade de viver, se no início a tônica era de horror, para suportar as atividades que lhe foram forçadas era preciso mudar

de uma pessoa normal você se tornava alguém bastante indiferente, como um animal. O que mais posso dizer? As circunstâncias nos obrigaram a isso. Você precisa entender que você realizava esse trabalho e que o mesmo destino o esperava também. Olho além do perímetro de arame farpado e vejo a liberdade, mas não consigo sair deste lugar. Você entende então o que acontece com uma pessoa? Afinal, eu teria feito qualquer coisa porque não sentia nada. Porque eu havia perdido minha família. Senhor, a qualquer momento eu poderia ter matado Moll ou qualquer outro membro daquele grupo. Mas o que isso teria me trazido? Isso teria sido uma [ação] individual... Mandelbaum teria sacrificado sua vida e matado Moll. [Mas] eu queria outra coisa; queria dizer ao mundo que vim de outro mundo. Eu queria sobreviver a esse inferno e contar para as pessoas... Caso contrário, não teria me dado nada. Eu poderia ter feito o mesmo com aquela ambulância que chegou a Auschwitz. Eu poderia ter feito esse sacrifício. Mas, novamente, seria responsável

²⁰⁴ so, well, in order to make the corpses burn faster we'd pour on them the fat from the other bodies in the ditch; the fat that was in the ruts. On the sides there were these ruts and wells for the fat. And so the bodies burned. (...) Sir, this is difficult, this is difficult to describe. This is a tragedy, a tragedy. To have seen it and to describe it today, you know Sir... it's terrible, just terrible...

²⁰⁵ “I'll always remember him. That body lies beside me to this day. An old man, already puffed up from lying in the sun.”

²⁰⁶ “I walk around, eat, sleep, dance, and sing with those images. It's not something you can erase. It's in my blood, in my whole body.”

²⁰⁷ “I fought for survival.”

²⁰⁸ “everyone always has that tiny glimmer of the hope. Indeed that was the case.”

por 15 companheiros. Porque era sabido o que aconteceria então, nenhum deles teria sido poupado, entende? Eu teria sido responsável pela morte deles, não seria?²⁰⁹ (Południak, 2008, p. 64, tradução nossa).

Tanto no gueto quanto no *Lager* cada um vivia por si mesmo e assumia os riscos para si mesmo, afirma. Era preciso cuidar para não colocar outros, especialmente os mais próximos, em perigo. Gostaria de chamar a atenção para a referência à indiferença e a sequente menção a não colocar a vida de outros em risco, pois é dessas ambivalências e contradições que a zona cinzenta é formada. Como temos apontado, a indiferença não era absoluta, e uma indicação disso é que Mandelbaum “organizava” alimentos que eram divididos com judeus do Campo – prisioneiros comuns –, os enfraquecidos

ajudamos como pudemos. Ajudei mulheres, presos, quaisquer companheiros de prisão. Fui até punido oficialmente – 25 golpes de bastão em duas parcelas durante a chamada. Fui punido por ser pego tentando passar roupas íntimas, cosméticos etc. – mas o que você não faria por outro ser humano? Tivemos que ajudar uns aos outros. No campo havia de tudo e havia morte²¹⁰ (Południak, 2008, p. 66, tradução nossa).

Ainda em relação aos objetos “organizados” por membros do *Sonderkommando*, ele também menciona as negociações com guardas da SS mais abertos a isso. Porém, ele não deixa de afirmar que as consequências de ser pego “organizando” objetos de valor era a morte, “mas se alguém estivesse lá há quatro ou cinco anos, saberia com quais homens da SS poderia fazer negócios²¹¹” (Bartosik & Willma, 2017, p. 69, tradução nossa).

Mandelbaum afirmava não se sentir culpado por ter executado atividades tão degradantes, pois sabia que se negar significaria morrer, “que tipo de escolha é essa? É a vida. Se eu não tivesse concordado, eu não estaria com você hoje, contando isso²¹²” (Bartosik &

²⁰⁹ “from a normal person you became someone who was quite indifferent, like an animal. What more can I say? The circumstances forced it on us. You have to understand that you carried out this work that the same fate awaited you as well. I look beyond the barbed wire perimeter and see freedom, but I cannot get out this place. Do you understand what then happens to a person? After all, I would have done anything because I felt nothing. Because I had lost my family. Sir, at any time I could have done Moll in or any other member of that staff. But what would that have given me? That would have been an individual [action]... Mandelbaum would have sacrificed his life and killed Moll. [But] I wanted something else; I wanted to tell the world that I had come from another world. I wanted to survive this hell and tell the people... Otherwise it wouldn't have given me anything. I could have done the same to that ambulance that came to Auschwitz. I could have made that sacrifice. But then again I was responsible for 15 companions. Because one knew what then happen, none of them would have been spared, see? I would have been responsible for their deaths, wouldn't I?”

²¹⁰ “We helped as best we could. I helped women, prisoners, any fellow inmates. I was even officially punished – 25 strokes of the stick in two instalments during roll call. I was punished for getting caught trying to pass on underwear, cosmetics etc. – but what wouldn't you do for a fellow human? We had to help one another. In the camp there was everything, and there was death.”

²¹¹ “but if someone had been in there for four or five years, they knew which SS men they could do business with.”

²¹² “What kind of choice is that? That's life. If I hadn't agreed, I couldn't be here with you today telling you about it.”

Willma, 2017, p. 88, tradução nossa), “e você não saberia a verdade²¹³” (Południak, 2008, p. 99, tradução nossa). Mandelbaum defende a sua posição argumentando que se ele se recusasse a fazer o que lhe pediam, outro faria em seu lugar ou um terceiro ou um quarto. Ou seja, alguém o faria. Ademais, quando um guarda da SS dava uma ordem, as forças se esvaíam e só restava obedecer. Obedecer não significava fazer tudo tal qual fora ordenado. Pequenos gestos de sabotagem e resistência acompanhavam a grande dissimulação de plena submissão. Às vezes Mandelbaum e outros homens do *Sonderkommando* deixavam diamantes e ouro nos corpos para serem queimados nos fornos, assim eles burlavam o intuito nazista de tudo possuir. Em outros momentos objetos miúdos foram jogados por Mandelbaum num reservatório de água que ficava próximo ao crematório. Obviamente, ser pego nessa sabotagem poderia levá-lo à morte.

Os homens do *Sonderkommando*, pelo menos no Crematório e no turno de Mandelbaum, trabalhavam em silêncio “qual assunto nós tínhamos? Família? Fuga? Liberdade? Não tínhamos assunto. Nós estávamos no inferno²¹⁴” (Bartosik & Willma, 2017, p.44, tradução nossa). Como algumas atividades eram mais pesadas do que outras, havia um rodízio de funções entre o grupo que Mandelbaum fazia parte – todos faziam todas as atividades no Crematório V (4). Quando questionado sobre a quantidade de homens que trabalhavam em seu crematório/turno, ele não conseguiu precisar e afirmou que “nenhum de nós estava fazendo anotações. Eu até queria, mas tive medo²¹⁵” (Południak, 2008, p.24, tradução nossa). De semelhante modo, ao ser indagado sobre a estimativa de pessoas mortas, Mandelbaum mencionou que o período com maior fluxo de transportes foi entre os meses de junho a outubro de 1944, mas “dependia, variava... Tanto que ninguém contava²¹⁶” (Południak, 2008, p. 25, tradução nossa). Essas respostas deixam ver que Mandelbaum não fez parte do núcleo dos insurgentes. Ele não sabia que havia todo um sistema de coleta e tráfico de informações e de registros. Apesar de estar geograficamente perto do local em se deu a revolta, Mandelbaum não fala muito sobre esse evento. Ele disse que havia um combinado entre os homens dos Crematórios IV (3) e V (4) de que não deixariam os selecionados serem levados sem que houvesse alguma resistência, “tínhamos plena consciência de que para onde eles fossem, nós os seguiríamos. E começamos uma revolta.

²¹³ “and you wouldn’t know the truth.”

²¹⁴ “What subject did we have? Family? Escape? Freedom? We had no subject. We were in hell.”

²¹⁵ “None of us was making notes. I even wanted to, but I was scared.”

²¹⁶ “it depended, it varied... So much so that no one really counted.”

Para eles, as SS, isto foi um grande choque²¹⁷” (Południak, 2008, p. 80, tradução nossa). Mandelbaum acreditava que haveria um levante coletivo que tomaria conta de todo o Campo. Ele afirma ter sido “um membro do Kommando muito insignificante para que alguém me contasse o segredo. Mas se eles tivessem me escolhido para o combate, eu teria ido. (...) Tudo que eu sabia era que o crematório ia pegar fogo²¹⁸” (Bartosik & Willma, 2017, p. 72, tradução nossa). Outros prisioneiros que, como Mandelbaum, não estavam envolvidos no planejamento foram informados sobre o que era esperado deles quando a hora chegasse. A revolta terminou com uma retaliação digna dos nazistas, afirma. Eles reuniram todos os sobreviventes para que o Comandante do Campo fizesse um discurso e, em seguida, “eles nos obrigaram a formar fileiras e depois ordenaram que nos deitássemos de bruços no chão, com as mãos nas costas. Cada terceiro prisioneiro foi baleado²¹⁹” (Południak, 2008, p. 82, tradução nossa).

Enquanto era prisioneiro, Mandelbaum pensava em uma espécie de testamento ou último desejo no qual se fiava “se eu viver, contarei sobre isso. Então, não haveria uma outra tragédia como essa. (...) Eu sempre me pergunto por que eu falo sobre tudo isso. Sabe, se você não viveu isso, não tem como entender²²⁰” (Bartosik e Willma, 2017, p. 89, tradução). Durante o desamparo do sistema concentracionário o sentido de continuar vivo para Mandelbaum se firmava na possibilidade futura de testemunhar. Ele tomou a sobrevivência como um dever de palavra, não sem as dificuldades próprias a quem se aventura a apresentar pela via significativa o vazio do real do trauma. Mandelbaum falava a partir das marcas de um passado ao qual, invariavelmente, ele sempre retornava. Inclusive, literalmente. O seu primeiro regresso a Auschwitz como um homem livre se deu logo após o fim da guerra. Ele cumpriu o designo formulado durante o encarceramento e se apresentou como testemunha ocular para uma comissão especial que examinava os crimes nazistas cometidos em Auschwitz II-Birkenau. A sua presença no *Lager* era tão recorrente, que costumava dizer: “Oświęcim é meu segundo lar²²¹” (Bartosik e Willma, 2017, p. 8, tradução nossa). Entre alguns sobreviventes é comum a referência ao *Lager* pela cidade na qual ele estava localizado.

²¹⁷ “We were quite aware that where they went, we would follow. And we started a revolt. For them, for the SS this was a great shock.”

²¹⁸ “too insignificant a member of the Kommando for anyone to let me in on the secret. But if they had picked me for combat, I would have gone. (...) All I knew was that the crematorium was going to be set on fire.”

²¹⁹ “they mad us stand in ranks and then ordered us to lie face down on the ground with our hands behind our backs. Every third prisoner was shot.”

²²⁰ “If I live, I’ll tell about it. So there wouldn’t be another such tragedy. (...) I often wonder why I talk about all this. You know, if you didn’t live through it, there’s no way you can understand it.”

²²¹ “Oświęcim is my second home.”

Ele conta que foi “condecorado com a Cruz de Cavaleiro da Ordem da Polônia Restituída e a Cruz de Auschwitz²²²” (Południak, 2008, p. 94, tradução nossa).

Na ocasião do primeiro retorno a Auschwitz, Mandelbaum não sabia que uma de suas irmãs havia sobrevivido. Ele se viu sem casa, sem família, sem absolutamente nada. Até as roupas que vestia pertenciam a alguém que não sobreviveu. Diante desse cenário de desolação, mesmo após a libertação, ele vivia com a ideia de morrer, assim como pensava quando era prisioneiro. Nos primeiros anos após o fim da guerra ele precisou se alistar para ter onde dormir e o que comer, mas estar em um ambiente em que a morte, a violência e a tortura se faziam tão presentes se tornou rapidamente impossível para ele. Mandelbaum se via novamente sem possibilidade de fazer escolhas válidas e à semelhança de Nadjary que não suportava mais uma vida em meio às armas, ele buscava uma saída. Cerca de dois anos depois ele conseguiu um novo trabalho e, aos poucos, a vida se reorganizou.

Não podemos deixar de elucidar que tipo de relação ambivalente Mandelbaum tinha com aquele *Lager*. Auschwitz II-Birkenau era fonte de dolorosas memórias, mas também era o lugar em que a sua experiência e o seu testemunho eram acolhidos. Ele foi uma das principais testemunhas no julgamento de Rudolf Höss, o mais importante comandante daquele Campo. Ao ser perguntado se teria sentido satisfação ao ouvir a sentença de Höss – ele foi condenado à morte por enforcamento – Mandelbaum responde que não há satisfação possível se a vida dos mortos não pode retornar. O seu relato é considerado de enorme valor, pois não foi contaminado por pesquisas secundárias ou por outros relatos (Bartosik & Willma, 2017). Ele nunca se interessou por pesquisas acadêmicas e tampouco se envolveu em atividades ou associações de sobreviventes. Ancorado no que não conseguia esquecer e em uma memória visual singular, Mandelbaum contou a sua história inúmeras vezes em Oświęcim e pelo mundo: “eu encontro pessoas, eu viajo, (...) e eu digo a todos sobre o que eu experienciei. (...) deixe aqueles que não acreditam virem até mim e eu os levarei lá e mostrarei a eles²²³” (Południak, 2008, pp. 99-100, tradução nossa).

Quando não tinha certeza sobre a resposta de determinada pergunta, ele se silenciava e evitava emitir julgamentos sobre os atos de outras pessoas. Isso não o impediu de se envolver em uma pequena polêmica: em entrevistas concedidas ao longo dos anos 2000 a Igor Bartosik e Adam Willma (2017), Mandelbaum afirmou “se não sei alguma coisa, digo que não sei. Eu

²²² “awarded the Cavalier’s Cross of the Order of Poland Restored and the Auschwitz Cross.”

²²³ “I meet people, I travel, (...) and I tell everyone about what I have experienced. (...) let those who do not believe come to me and I’ll take them there and show them.”

não vi crianças. Talvez não houvesse nenhuma no meu turno²²⁴” (p. 49, tradução nossa). Como é possível ele não ter visto crianças em todo o tempo em que esteve trabalhando nos crematórios? Em entrevista originalmente concedida no início dos anos 1990 a Jan Południak, nenhuma pergunta direta sobre a presença de crianças nas câmaras de gás e fornos crematórios lhe foi feita. Porém, ao ser perguntado sobre a possibilidade de alguém ter sobrevivido ao gaseamento, Mandelbaum disse que ocorreram alguns casos de crianças ou pessoas muito jovens terem sobrevivido: “houve tais incidentes quando todos foram gaseados exceto uma criança que estava mais abaixo e não havia respirado tanto gás ainda estava viva. (...) Normalmente um homem da SS atiraria nela com uma pistola de pequeno calibre...”²²⁵ (Południak, 2008, p. 31, tradução nossa). O modo como a situação é relatada faz parecer que Mandelbaum presenciou a cena e não que ele ouviu falar desses casos por terceiros. Na mesma entrevista, logo depois, ele menciona a chegada de deportados ao Crematório V (4) onde trabalhava: “chegavam famílias inteiras e, agora, famílias inteiras estavam indo para o banho...”²²⁶ (Południak, 2008, p. 32, tradução nossa). Ele é mais específico a seguir: “eles iam todos juntos, famílias inteiras. Havia pessoas jovens, jovens mulheres e homens jovens, idosos e crianças, aleijados... (...) marido e mulher e seus filhos, e um irmão mais velho e o mais novo²²⁷” (Południak, 2008, pp. 37-38, tradução nossa). Não traremos todas as menções a crianças dadas nesta entrevista, pois as citadas parecem suficientes para demonstrar que ele verificou a presença delas na câmara de gás e no crematório. Na referida visita ao *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau* esse caso foi citado quando estávamos próximos aos Crematórios IV (3) e V (4). Sem fazer referência ao testemunho anterior de Mandelbaum – conduzido por Południak –, a explicação dada pela guia sobre a desconcertante resposta cedida a Bartosik e Willma é de que, ao longo do tempo, a ideia de tal atrocidade se tornou repulsiva ao sobrevivente. Ou seja, tal leitura indica que Mandelbaum, a partir de determinado momento, não suportou a lembrança de ter manipulado o corpo de crianças e precisou negar ter que lidar com essa parte da sua experiência. Essa parece uma hipótese plausível.

Uma marca de seu relato, segundo Bartosik e Willma (2017), é que Mandelbaum deixava um espaço vazio em seu testemunho para que seus ouvintes preenchessem com as

²²⁴ “If I don’t know something, I say I don’t know. I did not see children. Maybe there weren’t any on my shift.”

²²⁵ “there were such incidents when everyone was gassed but a child who was lower down and had not breathed in so much of this gas was still alive. (...) Normally an SS-man would shoot it dead with a small caliber pistol...”

²²⁶ “they had arrived in entire families and now in entire families they were going to be bathed...”

²²⁷ “They were all together, entire families. There were young people, young women and young men, elderly people and children, cripples... (...) husband and wife and their children, and an elder brother, and a younger one.”

suas próprias conclusões. Mesmo em seus últimos dias, quando interpelado para diminuir o ritmo, ele olhava com indulgência e dizia que não sabia quanto tempo de vida lhe restava, então, precisava contar a sua história enquanto ainda conseguia ficar em pé. Ele nunca escondeu quem era ou o que fez e dizia que vivia com a consciência limpa, “as pessoas me conhecem. Não escondo nada, moro em meu próprio nome. Qualquer um pode descobrir onde eu moro²²⁸” (Bartosik & Willma, 2017, p. 80, tradução nossa). Por fim, ao ser perguntado se ele considerava que o mundo tirou as conclusões certas da tragédia da *Shoah* e se havia aprendido alguma coisa com o que houve em Auschwitz-Birkenau, ele responde que não, ele não acreditava nisso (Południak, 2008).

A história de Mandelbaum é parcialmente testemunhada por Ryszard Kordek, um prisioneiro polonês não judeu que fugiu do *Lager* com a sua ajuda. Antes da Guerra, Kordek morava na vizinhança de Mandelbaum e, desse modo, pôde atestar que o colega judeu teve uma infância e juventude de pobreza e dificuldades, além do estigma de ter a ascendência judaica. Em carta escrita sobre a ajuda oferecida por Mandelbaum, Kordek destaca a sua coragem de “revelar a verdade” sobre si, colocando a dor de lado para responder o questionamento de jovens que não cessavam de perguntar, acusatoriamente, se ele não poderia ter feito algo diferente. Ele relata o modo como Mandelbaum iniciava a sua apresentação sob as ruínas do crematório V (4), em Auschwitz II-Birkenau: “Gostaria que você julgasse as minhas ações para me dizer como alguém deveria ter se comportado e como você teria se comportado em meu lugar²²⁹” (Południak, 2008, p. 105, tradução nossa). Ele sabia que as suas ações passadas seriam alvo de julgamento dos seus ouvintes e, mesmo assim, ele não deixava de testemunhar. Segundo a leitura de Kordek, Mandelbaum se sujeitava a esses encontros, confessando os seus feitos e respondendo repetidamente às mesmas perguntas, numa tentativa de lidar com um opressivo sentimento de culpa que carregava. Mandelbaum pagou com palavras o preço de ter sobrevivido e participado do odiado *Sonderkommando*, mostrando que, talvez, não tenham sobrevivido propriamente os piores, mas aqueles que aceitaram pagar um alto preço para subsistir.

²²⁸ “People know me. I don’t hide anything, I live under my own name. Anyone can find out where I live.”

²²⁹ “I would like you to judge my actions so as to tell me how one should have behaved and you would have behaved in my place.”

4.3 Filip Müller

Os Dez Mandamentos, aqueles princípios da conduta humana, não prevaleceram aqui: Auschwitz tinha as suas próprias leis e valores macabros. (...) em Auschwitz, os valores e as leis que formavam a base da civilização eram obsoletos²³⁰ (Müller, 1979, pp. 2; 4, tradução nossa).

[Filip Müller:] O “comando especial” vivia em uma situação extrema. A cada dia, sob os nossos olhos, milhares e milhares de inocentes desapareciam pela chaminé. Podíamos perceber, com nossos próprios olhos, a significação profunda do ser humano: eles chegavam lá, homens, mulheres, crianças, todos inocentes... desapareciam de repente... e o mundo estava mudo! Nós nos sentíamos abandonados. Pelo mundo, pela humanidade. E era precisamente nestas circunstâncias que compreendíamos melhor o que representava a possibilidade de sobreviver. Pois avaliávamos o preço infinito da vida humana. E estávamos convencidos de que a esperança permanece no homem enquanto ele vive. É preciso, enquanto se vive, jamais abdicar da esperança. E foi assim que lutamos na nossa vida tão dura, dia a dia, semana a semana, mês a mês, ano a ano. Com a esperança de que conseguiríamos, talvez, contra toda esperança, escapar daquele inferno (Lanzmann, 1987, p. 192).

Filip Müller, judeu nascido em 03 de janeiro de 1922 em Sered on the Waag na antiga Tchecoslováquia, não suaviza e não nos poupa dos muitos e pequenos detalhes de sua experiência no *Lager*. Aos 20 anos, em abril de 1942, ele desembarcou em Auschwitz. Em maio daquele ano ele já estava trabalhando no Crematório I, localizado no campo principal. A sua designação e a de seu amigo Maurice para trabalhar no *Krematoriumskommando* – esquadrão do crematório, como era chamado à época – decorreu de uma punição por eles terem sido pegos tentando roubar chá para aplacar a sede (Müller, 1979). Ele é um dos raros sobreviventes que entraram no Comando Especial no início de 1942. A maior parte foi assassinada no transcorrer dos três anos em que ele foi forçado a trabalhar entre as câmaras e os fornos. Quando foi entrevistado por Claude Lanzmann (1987), Müller ainda se lembrava de detalhes do seu primeiro encontro com os fornos crematórios e o caos que os circundava. Ao entrar no pequeno prédio de Auschwitz I, “imediatamente, o mau cheiro e a fumaça sufocaram-me. Corremos ainda e então distingi os contornos dos dois primeiros fornos. E entre os fornos apressavam-se alguns prisioneiros judeus” (p. 83). O seu grupo foi designado a tirar as roupas de centenas de deportados recém gaseados, “entre os cadáveres, em desordem, valises, pacotes... e, disseminados um pouco em toda parte, [havia] cristais azul-violeta. Mas tudo me era incompreensível” (Lanzmann, 1987, p. 84). No Crematório I nunca houve uma sala de despir e, naquela época, os nazistas ainda não tinham criado um engodo para que as pessoas se despissem no pátio em frente à entrada da câmara de gás.

²³⁰ "The Ten Commandments, those principles of human conduct, did not prevail here: Auschwitz had its own laws and macabre values. (...) in Auschwitz the values and laws which formed the basis of civilization were obsolete."

Ele não sabia onde estava ou como era possível matarem tantas pessoas ao mesmo tempo. Entre os mortos ele reconheceu uma senhora de sua cidade natal e uma moça que estudara com ele, “o nome dela era Yolana Weis²³¹” (Müller, 1979, p. 13, tradução nossa). Ainda tentando entender o que estava acontecendo chega uma nova ordem: ““Saia daqui, vá mexer os cadáveres!”. Mas o que significava “mexer os cadáveres”?” (Lanzmann, 1987, p. 84). Müller entra na sala de cremação e tenta imitar um outro prisioneiro judeu que mexia o forno com um atizador de aço. Fischel²³² era o nome do prisioneiro que logo lhe advertiu “faça como eu, senão o SS o espanca” (p. 84). Nada fazia sentido e “naquele momento eu estava em estado de choque, como hipnotizado, pronto a executar o que me era ordenado. Havia perdido a razão a tal ponto, estava tão aterrado, que fiz tudo o que Fischel me disse” (p. 85). Como a maior parte do grupo era inexperiente, eles deixaram os ventiladores que ataçavam o fogo muito tempo ligado. Em razão disso, os tijolos estouraram, a canalização que ligava os fornos à chaminé ficou obstruída e os fornos ficaram inutilizados. Os corpos foram, então, colocados em um caminhão e levados a uma vala na qual foram jogados, “de repente, jorrou água subterrânea e arrastou os corpos para o fundo” (p. 85). Esse foi o primeiro dia de Müller no Crematório I de Auschwitz. Ao final ele pensava consigo mesmo:

Eu só queria uma coisa: continuar vivendo. Algum dia, de alguma forma, pode haver uma chance de sair daqui. Mas se eu quisesse sobreviver só havia uma coisa: devia submeter-me e cumprir todas as ordens. Somente adotando essa atitude um homem foi capaz de exercer seu horrível ofício no crematório de Auschwitz²³³ (Müller, 1979, p. 17, tradução nossa).

No dia seguinte tiveram que voltar à vala que estava ainda mais cheia de água. No verão²³⁴ de 1942, os corpos que foram enterrados²³⁵ em grandes valas começaram a inchar e a terra explodia pela pressão. Eles precisaram ser organizados pelos *Sonderkommandos* enquanto um carro de bombeiros tentava bombear a água. Os restos mortais estavam pegajosos e viscosos o que tornava o trabalho difícil e exaustivo. Alguns homens não aguentaram o esforço e se deitaram no barro. Mesmo quando os SS ordenaram que se

²³¹ “Her name was Yolana Weis.”

²³² Fischel ou Fischl foi um judeu que guardou a religião dos seus pais mesmo durante o encarceramento. Ele conseguiu ocupar a posição de Kapo no verão de 1942 por ser forte e destemido, mas morreu pouco tempo depois de tifo. A sua morte se deu no final do verão de 1942. O verão ocorre entre os meses de junho e agosto.

²³³ “I only wanted one thing: to go on living. Sometime, somehow, there might be a chance to get out of here. But if I wanted to survive there was only one thing: I must submit and carry out every single order. It was only by adopting this attitude that a man was able to carry on his ghastly trade in the crematorium of Auschwitz.”

²³⁴ Muitos sobreviventes fazem referência à marcação temporal pelas estações do ano que na Polônia são bem definidas.

²³⁵ Esse método foi utilizado em razão da quantidade insuficiente de fornos crematórios que dessem conta de cremar o montante de judeus assassinados por gaseamento.

movessem, eles permaneceram como estavam e ali mesmo foram mortos. Ao fim do trabalho, sem conseguirem limpar as mãos, eles comeram os pães que lhes foram dados (Müller, 1979). Assim a crueza do universo concentracionário fora-lhe sendo apresentada. De tempos em tempos uma sensação de medo incontrolável tomava conta dele e era difícil se conter. Alguns dias depois de trabalhar com os corpos, Müller viu pela primeira vez como as coisas se passavam com os vivos. A fim de agilizar o processo entre o gaseamento e cremação, a estratégia nazista foi modificada. Um SS de nome Aumeyer, se posicionando sobre a parte plana e alta do Crematório I e tendo diante de si o pátio repleto de judeus deportados, começou a falar: ““Vocês vieram aqui para trabalhar por nossos soldados que combatem na frente de batalha. E para aqueles que trabalharem, tudo irá bem”. Era visível que as pessoas recobram um pouco a esperança” (Lanzmann, 1987, pp. 97-98). Vale lembrar que muitos chegavam ao *Lager* cansados, sem água ou alimento, depois de terem vivenciado situações térmicas extremas e com os cuidados de higiene precários. E assim a encenação seguiu até que as pessoas se convencessem de que o seu trabalho era necessário e de que seriam bem cuidadas. Em relação a esse episódio, concluiu Müller, “quem quer viver está condenado à esperança” (Lanzmann, 1987, p. 99).

Ao redor dos judeus havia um cordão de homens da SS com metralhadoras e cães que latiam violentamente. Os deportados desconfiaram de que algo não estava certo, mas queriam acreditar que aquele não seria o seu fim e “nenhum deles, nos seus piores pesadelos, teria podido imaginar que em três ou quatro horas estaria reduzido a cinzas” (Lanzmann, 1987, p. 166). A partir desse momento os nazistas conseguiram agilizar o processo de cremação e ainda podiam aproveitar as roupas das vítimas (Müller, 1979). O discurso aplicado naquele dia se tornou diretriz para os próximos transportes. A situação se tornava mais complicada quando os deportados eram poloneses, pois muitos já tinham ouvido falar sobre o que acontecia nos campos de extermínios e, quando mandavam que se despissem, eles resistiam. Nesses momentos a brutalidade era a resposta dos nazistas.

Uma das partes mais terríveis do trabalho para muitos membros do *Sonderkommando*, inclusive para Müller, era a abertura da porta da câmara de gás. Produzia-se uma “visão insustentável. (...) Como desabavam para fora das câmaras de gás! Muitas vezes eu vi isso. E era o mais duro de tudo. A isso a gente não se acostumava nunca. Era impossível” (Lanzmann, 1987, p. 167). Ele especifica o que ocorria após o fechamento da porta:

a luz era cortada nas câmaras de gás²³⁶, ficava escuro, não se via nada, e os mais fortes queriam sempre subir, subir mais alto. Sem dúvida sentiam que quanto mais subissem, menos ar lhes faltava, melhor podiam respirar. Uma batalha se travava. E ao mesmo tempo quase todos precipitavam-se para a porta. Era psicológico, a porta estava lá... eles arremessavam-se para ela, como para forçá-la! (...) E é por isso que as crianças e os mais fracos, os velhos, encontravam-se embaixo. E os mais fortes por cima. (...) E ali onde o Zyklon havia sido despejado, estava vazio. (...) Provavelmente as vítimas sentiam que lá o Zyklon agia mais. As pessoas estavam... estavam feridas, pois no escuro era uma balbúrdia, eles se debatiam, lutavam. Sujos, manchados, sangrentos, sangrando pelos ouvidos, pelo nariz. (...) Era horrível de ver. E era o mais difícil. Era um contra-senso dizer a verdade a quem quer que transpusesse o limiar do crematório. Lá, não se podia salvar ninguém. Lá, era tarde demais (Lanzmann, 1987, pp. 168-169).

Müller que esteve no mesmo crematório que Mandelbaum, menciona várias vezes a presença de crianças e pelo modo como ele descreve algumas cenas, em especial as relacionadas à câmara de gás, é possível imaginar o quão difícil deve ter sido lidar com a memória de algumas daquelas imagens. Por associação Müller relata algo que testemunhou quando, posteriormente, estava lotado no Crematório V (4). Um homem do *Sonderkommando* reconheceu a mulher de um de seus amigos e lhe disse que todos seriam mortos. A mulher acreditou e imediatamente se pôs a convocar as pessoas a reagirem, mas tomaram-na por louca. Ela se arranhava e gritava em vão. Guardas da SS retiraram-na da sala de despir enquanto os demais eram levados para a câmara de gás. Ela foi torturada brutalmente até que entregou quem havia lhe dito que os deportados seriam mortos. O culpado foi lançado vivo no forno e os demais membros do *Sonderkommando* foram advertidos que aquele era o destino de quem falasse. A despeito da ameaça, esse não foi o único momento em que os deportados foram avisados sobre o que lhes sucederia, mas saber “tornava seus últimos momentos ainda mais difíceis” (Lanzmann, 1987, p. 171). Ele pondera que não fazia sentido avisar as pessoas que chegavam extenuadas, fracas, com sede e com fome, pois não conseguiriam reagir.

Ainda no período em que Müller estava no campo principal chegou-lhe a notícia de que o seu pai fora transferido do campo de concentração de Lublin para Auschwitz havia pouco tempo. Ele empreendeu uma busca para descobrir exatamente onde o seu pai estava e, subornando²³⁷ um *Kapo* com dólares e diamantes conseguiu que o seu pai fosse transferido para trabalhar no time de pedreiros que estavam arrumando a chaminé do crematório. Sem que o pai soubesse qual era a função de Müller, eles se encontraram na sala do *Kapo*:

²³⁶ Apagar a luz não era uma prática regular e não há relato disso ocorrer nas câmaras de Birkenau.

²³⁷ Müller aborda a questão do suborno dos guardas da SS e dos *Kapos* a partir de uma perspectiva que pode ajudar a esclarecer o hiperbólico comentário de Nadjary sobre os homens do *Sonderkommando* terem os guardas em suas mãos. Filip Müller explica que quando um guarda aceitava suborno de um prisioneiro, estava implicitamente roubando do Reich e desobedecendo a uma ordem direta – isso poderia trazer consequências severas. Contar com a discrição dos prisioneiros era do interesse dos guardas e *Kapos*, por isso os SS protegiam aqueles que podiam negociar com eles ou delatá-los.

Feliz e entusiasmado por me ver novamente, ele me abraçou, acariciando meu rosto e repetindo sem parar, com a voz trêmula de emoção: 'Meu querido menino, eu estava procurando por você por todo lado e tinha certeza de que encontraria você entre os músicos da orquestra do campo. Eu sabia que era onde você estaria'. Depois voltou-se para um prisioneiro que estava ao seu lado e acrescentou com satisfação tingida com certo orgulho: "Que bom que meu Filip é um violinista tão esplêndido. Pelo menos isso o salvará do pior". Eu não aguentava mais ficar. O que eu poderia ter dito ao meu pai, este judeu bom e honesto que ainda confiava na retidão dos seus semelhantes? (...) Tive vontade de gritar: 'Você está enganado, pai! Seu filho Filip, o promissor garoto do ensino fundamental, o violinista em ascensão, não é músico, mas alguém que crema cadáveres. Você está me ouvindo, pai! Seu filho Filip é foguista no crematório!' Mas minha garganta estava tão apertada que não consegui pronunciar uma palavra. Com os olhos cheios de lágrimas, saí correndo da barraca escura. (...) Encontrei meu pai mais algumas vezes. Apesar de toda a ajuda e assistência que consegui dar-lhe, percebi que ele dificilmente conseguia manter-se de pé. (...) Poucos dias depois, quando o carrinho chegou do hospital, o corpo do meu pai estava entre os mortos. Meus companheiros de cárcere levaram seu cadáver ao crematório e o colocaram no carrinho da sala de cremação. Diante dos fornos em chamas, um companheiro de equipe recitou o Kaddish²³⁸. (...) Passei a acreditar que não havia mais sentimentos humanos dentro de mim. Mas enquanto meu companheiro recitava o Kaddish, minha alma chorava de dor e pesar. Enquanto as chamas devoravam diligentemente os restos mortais de meu pai, as palavras da prece tradicional me deram consolo nesta hora de tristeza²³⁹ (Müller, 1979, pp. 47-48, tradução nossa).

No final de 1942 houve uma tentativa de fuga frustrada de uma parcela dos *Sonderkommandos*. Eles foram traídos. Os que restaram vivos tiveram que cremar os companheiros e, ao tirarem as suas roupas, encontraram nos bolsos pedaços de papel que revelavam quem eles achavam que os havia entregado aos nazistas. A autoria, no entanto, nunca foi confirmada. A despeito dos problemas constantes apresentados na chaminé, "o crematório de Auschwitz continuou em uso. Durante os primeiros meses de 1943 serviu simultaneamente para o uso regular de cremação dos corpos dos judeus assassinados e como centro de treinamento para uma nova equipe de foguistas. Eles seriam empregados nos

²³⁸ Em relação ao texto de Gradowski cuja escrita apresentada é *Kadish*, encontramos aqui uma variação na grafia da palavra: *Kaddish*.

²³⁹ "In a state of happy excitement at seeing me again, he embrace me, stroking my cheeks and repeating over and over, his voice trembling with emotion: 'My dear boy, I was looking for you all over the place and felt sure I would find you among the musicians of the camp orchestra. I knew that's where you'd be'. Then he turned to a prisoner who was standing next to him and added with satisfaction tinged with a certain pride: 'What a good thing that my Filip is such a splendid fiddle player. At least that'll save him from the worst'. I could not bear to stay any longer. What could I have said to my father, this good and honest Jew who still put his trust in the truthfulness of his fellow men? (...) I felt like shouting: 'You are mistaken, father! Your son Filip, the promising grammar-school boy, the budding violinist, is not a musician but one who cremates corpses. Do you hear me, father! Your son Filip is a stoker in the crematorium!' But my throat was so tight, I could not utter a word. My eyes brimming with tears I rushed from the dark hut. (...) I met my father a few more times. Despite all the help and assistance, I managed to give him I perceived that he was hardly able to keep on his feet. (...) A few days later when the trolley arrived from the hospital, my father's body was among the dead. My fellow prisoners bore his corpse to the crematorium and placed it on the trolley in the cremation room. In front of the blazing ovens a team-mate recited the Kaddish. (...) I had come to believe that there were no human feelings left inside me. But while my team-mate recited the Kaddish my soul mourned in pain and grief. As the flames busily devoured the mortal remains of my father, the words of the traditional prayer gave me solace in this hour of sorrow."

crematórios de Birkenau que então estavam sendo construídos²⁴⁰” (Müller, 1979, p. 50, tradução nossa). Em junho de 1943 os crematórios de Birkenau ficaram prontos e o de Auschwitz foi fechado. Havia cerca de 400 homens em seu bloco e “depois de quase quatorze meses de isolamento no Bloco 11, a convivência com meus companheiros de prisão me deu um sentimento de solidariedade, pois partilhávamos o mesmo destino²⁴¹” (Müller, 1979, p. 53, tradução nossa). A aproximação entre pessoas que comungavam do mesmo sofrimento teve como consequência uma maior organização dos planos de resistência. O que os membros do *Sonderkommando* logo perceberam é que a vida deles dependia dos transportes e quando eles se tornavam escassos a chance de serem eliminados aumentava.

As condições de trabalho nos crematórios de Birkenau, quando comparadas com as de Auschwitz, eram melhores, mas, ainda assim, eram repulsivas. Naquele contexto “quem quisesse permanecer vivo tinha que ignorar a realidade detestável e as condições sob as quais era forçado a viver, por mais violentamente que as detestasse²⁴²” (Müller, 1979, p. 59, tradução nossa). Ele não nega que a vivência no *Lager* tornou muitas pessoas, inclusive alguns de seus companheiros, cruéis, egoístas e indiferentes. Mas ele também comenta que a necessidade de ajudar o próximo e de ter alguém para cuidar fez com que alguns membros do *Sonderkommando* dispendessem muita energia com “organização” e contrabando. Isso aconteceu em Auschwitz e, também, em Birkenau. Muitos dos interesses românticos que surgiam no *Lager*, pondera, não eram carnavais, mas fruto da necessidade de ter um laço com alguém já que muitos dos deportados perderam todo o mundo de pessoas que tinham.

Müller descreve as primeiras impressões ao entrar nos novos prédios que funcionavam sobretudo com uma sala de despir, uma câmara de gás e um crematório. Ele concluiu que diante dos novos prédios, Auschwitz I parecia “uma brincadeira de criança em relação ao que me esperava. Cada detalhe foi cuidadosamente pensado para acalmar as suspeitas das vítimas e calculado para levá-las rapidamente e sem problemas para a câmara de gás²⁴³” (Müller, 1979, p. 61, tradução nossa). Assim como nenhum planejamento é operado sem apresentar furos, a programação nazista de a todos enganar, de tempos em tempos, mostrava as suas

²⁴⁰ “the Auschwitz crematorium remained in use. During the first few months of 1943 it served simultaneously as a training centre for a new team of stokers. They were to be employed in the crematoria of Birkenau which were then being built.”

²⁴¹ “After almost fourteen months of isolation in Block 11, living together with my fellow prisoners gave me a feeling of solidarity because we shared the same fate.”

²⁴² “whoever wanted to stay alive had to ignore the detestable reality and the conditions under which he was forced to live, however violently he loathed them.”

²⁴³ “child’s play to what awaited me. Every single detail was carefully aimed at allaying the victims’ suspicious and calculated to take them quickly and without trouble into the gas chamber.”

falhas. A discrepância entre o tratamento oferecido durante os transportes e o modo gentil²⁴⁴ como os judeus eram tratados no Campo, acendia o alerta de alguns recém-chegados a Auschwitz II-Birkenau. Müller destaca um episódio em que os deportados claramente sabiam o que estava por vir. A cena narrada nos lembra alguns dos relatos de Langfus

no meio da multidão ouviu-se uma voz alta: um homenzinho magro começara a recitar o Viddui²⁴⁵. Primeiro ele se inclinou para a frente, depois ergueu a cabeça e os braços em direção ao céu e depois de cada frase, dita em alto e bom som, batia no peito com o punho. Palavras hebraicas ecoaram pelo pátio (...) A multidão de 2.000 pessoas repetiu cada palavra, embora talvez nem todos entendessem o significado desta confissão do Antigo Testamento. Até aquele momento, a maioria deles conseguiu se controlar. Mas agora quase todo mundo estava chorando. Houve cenas comoventes entre os membros das famílias. Mas as suas lágrimas não eram lágrimas de desespero. Essas pessoas estavam num estado de profunda emoção religiosa. Eles se colocaram nas mãos de Deus. Estranhamente, os homens da SS presentes não intervieram, mas deixaram o povo em paz. (...) as orações atingiram o clímax: a multidão recitava a oração pelos mortos que tradicionalmente é feita apenas pelos parentes sobreviventes de um familiar falecido. Mas como depois de sua morte não sobraria ninguém para recitar o Kaddish por eles, eles mesmos, os condenados, recitaram-no enquanto ainda estavam vivos. E então eles entraram na câmara de gás²⁴⁶ (Müller, 1979, pp. 70-71, tradução nossa).

Diante da obrigação de lidar com assassinatos recorrentes, os membros do *Sonderkommando* concluíram que precisavam se aliar aos deportados marcados para morrer para que, juntos, pudessem insurgir contra os guardas da SS. Tal como eles pensavam à época, nenhum desses grupos – os *Sonderkommandos* ou os deportados enviados para as câmaras de gás – tinha algo a perder. A ideia era avisar um comboio noturno de judeus polacos e, no momento certo, todos subjugariam os guardas e fugiriam do crematório. A escolha de avisar judeus poloneses se fundamentava no fato deles terem vivido por muito tempo em guetos e, provavelmente, já terem ouvido as histórias sobre os campos de extermínio. Portanto, eles seriam capazes de acreditar no que os homens do *Sonderkommando* tinham a dizer. Ademais, eles falavam a língua local e conheciam melhor o território, o que

²⁴⁴ Como mencionado anteriormente, o tratamento dispensado aos judeus pelos nazistas ao chegar ao *Lager* variava de acordo com as demandas, com quem estava conduzindo a operação etc.

²⁴⁵ Encontramos variações na grafia dessa palavra. No texto de Langfus ela foi grafada *Vidduy* e no de Müller, *Viddui*.

²⁴⁶ “from among the crowd a loud voice could be heard: an emaciated little man had begun to recite the Viddui. First he bent forward, then he lifted his head and his arms heavenward and after every sentence, spoken loud and clear, he struck his chest with his fist. Hebrew words echoed round the yard (...) The crowd of 2,000 repeated every word, even though perhaps not all of them understood the meaning of this Old Testament confession. Up to that moment, most of them had managed to control themselves. But now almost everyone was weeping. There were heart-rending scenes among members of families. But their tears were not tears of despair. These people were in a state of deep religious emotion. They had put themselves in God’s hands. Strangely enough the SS men present did not intervene, but let the people be. (...) the prayers had reached a climax: the crowd was reciting the prayer for the dead which traditionally is said only by surviving relatives for a member of the family who has died. But since after their death there would be nobody left to say the Kaddish for them they, the doomed, recited it while they were still alive. And then they walked into the gas chamber.”

facilitaria a sobrevivência após a fuga. Na mesma época em que elaboravam esse plano, ocorreu o mencionado episódio de um membro do *Sonderkommando* avisar a esposa de um amigo sobre o destino do seu grupo de deportados. Diante dos resultados dessa situação e avaliando a ingenuidade do plano, eles recuaram. Müller relata outras situações em que os deportados entenderam que seriam mortos, porém, diferentemente do caso mencionado em que os judeus recitaram o *Vidduy* e o *Kaddish*, eles tiveram uma reação de resistência. Nesses casos a situação geral se tornou sangrenta, além de não produzir nenhum efeito proveitoso.

A título de exemplo podemos citar uma situação detalhada por Müller que também foi mencionada no testemunho de Gradowski. Trata-se da história de uma “bailarina”, segundo Gradowski, que teria distraído e atirado em um guarda. A mulher em questão simulou um strip-tease perto de uma das pilastras, o que chamou a atenção de dois guardas da SS. Quando um deles chegou perto o suficiente, ela atacou o seu rosto com um salto alto que tinha na mão. Ao reagir à dor, o guarda colocou as mãos no rosto. Ela aproveitou esse momento de distração para pegar-lhe a arma. Ela atirou contra o outro guarda que também apreciava a cena montada por ela – esse guarda morreu. O segundo tiro não acertou o guarda ferido pelo sapato. Na confusão que se formou a mulher desapareceu na multidão. Temendo serem alvejados pela mulher que seguia armada, os demais guardas saíram da sala de despir e retornaram com uma metralhadora. Naquele dia todos os deportados foram fuzilados na sala de despir. Situações como essa “nos ensinaram mais uma vez que simplesmente não havia chance de fuga quando uma pessoa entrava no crematório: já era tarde demais²⁴⁷” (Müller, 1979, p. 89, tradução nossa). O problema de não ter um plano em andamento – mesmo na eventualidade de ser um plano ruim – era a consequência subjetiva: “no meu subconsciente, o sentimento de que, como observador passivo, eu era culpado, evidentemente se tornou firmemente arraigado²⁴⁸” (Müller, 1979, p. 79, tradução nossa). Não demorou para que comesçassem a elaborar formas de tornar público ao mundo o que acontecia nos Campos. A crença, naquele momento, era que se o mundo soubesse o que estava em curso, haveria alguma intervenção que colocaria fim aos assassinatos.

No outono²⁴⁹ de 1943 havia pouca dúvida de que nenhum agente externo iria auxiliá-los. Diante dessa constatação eles passaram a se perguntar: “havia para nós, no “comando especial”, uma possibilidade de deter aquela onda de extermínio e, ao mesmo tempo, salvar

²⁴⁷ “had taught us once again that there simply was no chance of escape once a person entered the crematorium: by then it was too late.”

²⁴⁸ “In my subconscious the feeling that as a passive observer I was guilty had evidently become firmly entrenched.”

²⁴⁹ O outono ocorre entre os meses de setembro e novembro.

nossas vidas? Pareceu-nos que existia uma única: a revolta armada” (Lanzmann, 1987, p. 197). Daí nasceu a ideia de uma revolta unificada que precisaria contar, para ter chance de sucesso, com o apoio de outros grupos de prisioneiros. A resposta inicial dos grupos ligados à Resistência política em Birkenau e em Auschwitz I foi positiva. Eles estavam de acordo e dispostos a colaborar. Apesar da anuência inicial, a parca presença de judeus nesses grupos logo se mostrou preocupante para os membros do *Sonderkommando*. A partir do momento que o plano havia mudado para um confronto armado contra os perpetradores, se tornou essencial conseguir recursos que favorecessem a luta. Enquanto o plano era articulado ocorreu a seleção de 200 membros do *Sonderkommando*, em fevereiro de 1944. Como Müller não traz informações novas sobre o evento, nos deteremos apenas nos efeitos produzido pelas mortes

os membros do Sonderkommando já não acreditavam seriamente que viveriam para ver a libertação. (...) Tínhamos, portanto, chegado à convicção de que só uma fuga em massa poderia nos salvar. (...) Na situação perigosa em que nos encontrávamos, parecia importante convencer o maior número possível de prisioneiros do campo da necessidade de se levantarem e convidá-los a juntarem-se a nós. Isto não foi fácil porque até agora as suas vidas não estavam diretamente ameaçadas, ao passo que as suas chances de sobrevivência pareciam aumentar a cada dia que passava. Para nós, no Sonderkommando, foi exatamente o oposto. (...) Apesar deste atraso [na revolta conjunta], dentro do Sonderkommando os planos para uma fuga foram continuamente discutidos e intensificados. Nossos líderes eram homens experientes, sensatos e destemidos²⁵⁰ (Müller, 1979, p. 91, tradução nossa).

As lideranças dos insurgentes dentro do *Sonderkommando* estavam frequentemente às voltas com algum plano. Nem sempre a estratégia era astuta, mas, em maior ou menor medida, parecia ser subjetivamente eficiente. A morte de um dos líderes da resistência, Vladek, suspendeu por um tempo os planos de fuga – possivelmente é a essa situação de organização para fuga e traição que Lewental fez menção em seu testemunho. No final de fevereiro de 1944, Müller conseguiu interceptar uma correspondência endereçada ao responsável pelos quatro crematórios de Birkenau. Na carta havia menção à preparação para o “tratamento especial” dos judeus do Campo das Famílias tchecas. A partir da intervenção do *Kapo* Kaminśki a informação foi averiguada e confirmada. Por orientação de Kaminśki, Müller tentou avisar aos seus compatriotas, certificando-os que se eles quisessem lutar, os homens do *Kommando* especial também lutariam. Não houve movimentação dos SS nos dias

²⁵⁰ “members of the Sonderkommando no longer seriously believed that they would live to see the liberation. (...) We had therefore come to the conviction that only a mass escape could save us. (...) In the dangerous situation in which we found ourselves it seemed important to convince as many prisoners in the camp as possible of the necessity to rise up and to invite them to join us. This was not easy because so far their lives were not directly threatened while their chance of survival appeared to increase with every day that passed. For us in the Sonderkommando it was exactly the opposite. (...) Despite this delay, inside the Sonderkommando plans for a break-out were continually discussed and stepped up. Our leaders were experienced, level-headed and fearless men.”

seguintes de modo que os homens do *Sonderkommando* foram acusados de gerar pânico desnecessário. Ademais, os homens do Campo das Famílias não acreditaram que, depois de terem acesso a tantos privilégios – em relação aos demais presos – eles seriam eliminados sem nenhuma razão aparente. Acreditava-se que se fosse para matá-los os nazistas o teriam feito em Theresienstadt. Com o passar do tempo a credibilidade dos homens do Esquadrão Especial foi ficando cada vez mais minada. Porém, não demorou para a notícia de que alguém teria ouvido um homem da SS conversar sobre a liquidação do Campo das Famílias se espelhasse por todo o *Lager*. Novamente, as famílias tchecas não deram ouvidos. Alguns dias depois um oficial da SS foi até o Campo das Famílias tchecas para informar que todos seriam transferidos para Heydebreck. Nesse ponto, alguns homens entenderam o que lhes aguardava e, então, decidiram que seria melhor morrerem todos juntos, conforme a posição heroica judaica mencionada anteriormente.

Na noite do assassinato dos judeus do Campo das Famílias, Müller estava trabalhando no Crematório II (1) e ele pode testemunhar as pessoas sendo recebidas com pancadas sem o menor motivo. Houve uma tentativa de enganá-los dizendo outra vez que seriam transferidos para Heydebreck, mas prontamente os judeus reagiram dizendo que não podiam ser enganados. Depois de um breve embate um coro se fez ouvir, primeiro o hino tcheco e depois *Hatikva*. Ao relatar esse evento durante a gravação da entrevista cedida a Claude Lanzmann, Müller se mostrou particularmente afetado, mal conseguia falar. Em seu livro-testemunho ele também narra o que se sucedeu aos judeus tchecos do Campo das Famílias

quando vi meus compatriotas entrarem na câmara de gás, corajosos, orgulhosos e determinados, perguntei a mim mesmo que tipo de vida haveria para mim no caso improvável de eu sair vivo do campo. O que me esperaria se eu voltasse à minha cidade natal? Não se tratava tanto de bens materiais, eles eram substituíveis. Mas quem poderia substituir os meus pais, o meu irmão ou o resto da minha família, da qual eu era o único sobrevivente? E o que dizer dos amigos, professores e dos muitos membros da nossa comunidade judaica? Pois não foram eles que me lembravam da minha infância e juventude? Sem eles, não seria tudo sem alma e morto, aquele contorno familiar da minha cidade natal com o seu lindo rio, a sua paisagem tão amada e os seus cidadãos honestos e íntegros? (...) É estranho dizer que naquele momento me senti completamente livre daquele medo atormentador da morte que muitas vezes quase me dominava. Nunca tinha pensado na possibilidade de tirar a minha própria vida, mas agora estava determinado a partilhar o destino dos meus compatriotas. (...) Meu plano de morrer anonimamente foi frustrado. As pessoas que me reconheciam insistiam para que eu explicasse por que havia decidido morrer com elas. Implorei-lhes que não falassem com ninguém sobre a minha decisão; pois eu sabia que provavelmente levaria algum tempo até que a câmara de gás fosse selada. E até então eu queria permanecer incógnito. (...) O meu único arrependimento foi que, nesta hora fatídica, eu não tinha comigo uma das nossas três granadas de mão. Mas tomei a decisão de morrer no calor do momento; não houve tempo nem oportunidade para preparativos especiais. (...) De repente, algumas meninas, nuas e em plena flor da juventude, aproximaram-se de mim. Elas ficaram na minha frente sem dizer uma palavra, olhando para mim profundamente pensativas e balançando a cabeça sem compreender. Por fim, uma delas criou

coragem e falou: 'Entendemos que você escolheu morrer conosco por sua própria vontade e viemos dizer-lhe que consideramos sua decisão inútil: pois não ajuda ninguém'. Ela continuou: 'Devemos morrer, mas você ainda tem uma chance de salvar sua vida. Você tem que voltar ao campo e contar a todos sobre nossas últimas horas', ela ordenou. (...) Antes que eu pudesse responder ao seu discurso animado, as meninas me agarraram e me arrastaram protestando para a porta da câmara de gás. Lá elas me deram um último empurrão que me fez cair no meio do grupo de homens da SS. Kurschuss foi o primeiro a me reconhecer e imediatamente me atacou com seu cassetete. Caí no chão, levantei-me e fui derrubado por um golpe de seu punho. Quando fiquei de pé pela terceira ou quarta vez, Kurschuss gritou comigo: 'Seu merda, coloque isso na sua cabeça estúpida: nós decidimos quanto tempo você permanecerá vivo e quando morrerá, e não você. Agora vá embora, para os fornos!' (...) Peguei o elevador e entrei na sala de cremação. Ali minhas pernas cederam, minha cabeça girava e eu sabia que ia desmaiar²⁵¹ (Müller, 1979, pp. 111-114, tradução nossa).

Müller, de fato, desmaiou. Ao acordar sentia o coração bater rápido e tinha um mal pressentimento. Ele foi exortado e confortado pelo *Kapo* Kamiński e, então, “mais uma vez eu estava determinado a continuar lutando pela minha vida. Talvez houvesse um milagre, talvez um dia eu seria livre²⁵²” (Müller, 1979, p. 114, tradução nossa). Ele também relata a fuga bem-sucedida de dois prisioneiros em 07 de abril de 1944: Alfred Wetzler e Walter Rosenberg-Vrba²⁵³. Müller havia entregado ao Wetzler uma planta dos crematórios e das câmaras de gás e uma lista com os nomes de guardas da SS. Igualmente forneceu anotações

²⁵¹ “when I watched my fellow countrymen walk into the gas chamber, brave, proud and determined, I asked myself what sort of life it would be for me in the unlikely event of my getting out of the camp alive. What would await me if I returned of my native town? It was not so much a matter of material possessions, they were replaceable. But who could replace my parents, my brother, or the rest of my family, of whom I was the sole survivor? And what of friends, teachers, and the many members of our Jewish community? For was it not they who reminded me of my childhood and youth? Without them would it not all be soulless and dead, that familiar outline of my hometown with its pretty river, its much loved landscape and its honest and upright citizens? (...) Strange to say, at that moment I felt quite free from that tormenting fear of death which had often almost overwhelmed me before. I had never yet contemplated the possibility of taking my own life, but now I was determined to share the fate of my countrymen. (...) My plan to die anonymously was frustrated. The people who had recognized me insisted on my explaining to them why I had decided to die with them. I implored them not to speak to anybody about my decision; for I knew that it would probably take some time before the gas chamber was sealed off. And until then I wanted to remain undiscovered. (...) My one regret was that, at this fateful hour, I did not have one of our three hand-grenades with me. But I made my decision to die on the spur of the moment; there had been neither time nor opportunity for special preparations. (...) Suddenly a few girls, naked and in the full bloom of youth, came up to me. They stood in front of me without a word, gazing at me deep in thought and shaking their heads uncomprehendingly. At last one of them plucked up courage and spoke to me: ‘We understand that you have chosen to die with us of your own free will, and we have come to tell you that we think your decision pointless: for it helps no one’. She went on: ‘We must die, but you still have a chance to save your life. You have to return to the camp and tell everybody about our last hours’, she commanded. (...) Before I could make an answer to her spirited speech, the girls took hold of me and dragged me protesting to the door of the gas chamber. There they gave me a last push which made me land bang in the middle of the group of SS men. Kurschuss was the first to recognize me and at once set about me with his truncheon. I fell to the floor, stood up and was knocked down by a blow from his fist. As I stood on my feet for the third or fourth time, Kurschuss yelled at me: ‘You bloody shit, get it into your stupid head: we decide how long you stay alive and when you die, and not you. Now piss off, to the ovens!’ (...) I took the lift upstairs and went into the cremation room. There my legs gave way under me, my head was spinning, and I knew I was going to faint.”

²⁵² “Once again, I was determined to go on fighting for my life. Perhaps there would be a miracle, perhaps one day I would be free.”

²⁵³ Walter Rosenberg é mais conhecido pelo nome que adotou posteriormente: Rudolf Vrba.

com todos os transportes levados ao Crematório IV (3) e ao Crematório V (4) que conseguiu registrar, bem como deu-lhe a etiqueta de uma lata de Zyklon-B. Os três judeus conversaram muitas vezes para que Wetzler e Rosenberg-Vrba compreendessem o que acontecia no ponto mais abissal do Campo e, assim, pudessem transmitir para o mundo²⁵⁴. Participar dessa atividade fomentando os fugitivos com informações sobre o *Lager* teria sido uma forma de honrar o desejo daquelas jovens que o haviam impedido de morrer pouco tempo atrás, afirmou. Enquanto a organização da fuga desses prisioneiros acontecia, a pressão por uma revolta conjunta seguia. No meio disso, começaram a chegar os rumores sobre os transportes vindos da Hungria.

Diante dessa notícia “não conseguíamos compreender porque é que o mundo civilizado permitiu que os moinhos da morte de Auschwitz girassem cada vez mais depressa, sem qualquer reação perceptível²⁵⁵” (Müller, 1979, p. 129, tradução nossa). Decorrido quase um mês desde a fuga de Wetzler e Rosenberg-Vrba não havia um mínimo sinal de que os objetivos da fuga tinham sido alcançados. Os membros do *Sonderkommando* se sentiam indignados e deprimidos com a falta de intervenção externa e também da Resistência política. No final de maio mais dois judeus conseguiram escapar, Czeslaw Mordowicz e Arnost Rosin²⁵⁶, ambos estavam munidos de informações fornecidas pelos membros do *Kommando* especial. Em meados de maio os transportes da Hungria começavam a chegar e tudo se tornou ainda mais mortífero. Havia muito mais homens no Esquadrão, mais fossas para cremação abertas e as câmaras de gás e fornos funcionavam 24 horas por dia, sem intervalo. Dessa feita, tudo transcorria sob os olhos de Otto Moll que era particularmente brutal e não se corrompia como outros homens da SS. As condições de vida se degradaram rapidamente. O seu apetite

²⁵⁴ Vrba e Wetzler, com 19 e 26 anos, respectivamente, conseguiram escapar rumo ao sul da Polônia. Eles contaram com a ajuda de um polonês que os ajudou a atravessarem a fronteira da então Tchecoslováquia, o seu país de origem. Lá eles entraram em contato com o Conselho Judaico de Zilina para oferecer um relato detalhado do que acontecia em Auschwitz-Birkenau. Ouvidos com cautela, o Conselho Judaico enviou até eles o membro da resistência judaica, Oskar Krasnansky, que os entrevistou e documentou todo o processo do rigoroso interrogatório, aos moldes de um tribunal de justiça. Durante o processo eles forneceram desenhos que davam a dimensão da arquitetura do *Lager* e advertiram que os próximos judeus a serem levados a Auschwitz seriam os judeus húngaros, pois os boatos já circulavam entre os SS. O *Relatório Vrba-Wetzler*, também conhecido como *Protocolo de Auschwitz*, foi produzido em eslovaco e traduzido para a língua alemã e inglesa. Em pouco tempo ele foi distribuído a vários países do mundo, mas essa é uma longa história que não abordaremos aqui.

²⁵⁵ “We could not understand why the civilized world allowed the death mills of Auschwitz to turn faster and faster without any discernible reaction.”

²⁵⁶ Rosin conseguiu comprar a sua saída do *Sonderkommando* antes que os homens desse *Kommando* tivessem sido eliminados pelos nazistas em dezembro de 1942 – um feito único. Em maio de 1942 ele havia sido designado para abrir covas em que os corpos dos judeus gaseados eram depositados (*Chronicles of terror/Rosin*, 1947).

por violência apavorava e horrorizava os homens do *Sonderkommando*. Não à toa Moll é mencionado em quase todos os testemunhos de sobreviventes desse *Kommando*.

Claramente Müller fazia parte do pequeno círculo de resistentes do *Sonderkommando*, ainda que não figurasse como uma liderança do movimento. Ele estava informado sobre todos os planos envolvendo as ações de resistência, de fuga e de levante armado. No meio dos variados planos e atividades clandestinas, “para garantir que a posteridade soubesse dos acontecimentos em Auschwitz e Birkenau, alguns prisioneiros prepararam um relato manuscrito do Sonderkommando, que foi colocado em latas e enterrado, na esperança de que talvez um dia pudessem ser encontrados²⁵⁷” (Müller, 1979, p. 143, tradução nossa). Moll, talvez informado sobre os planos dos homens do *Kommando*, estabeleceu que os trabalhadores passariam a dormir nos prédios dos crematórios. Pouco tempo depois o *Kapo* Kamiński foi morto, o que foi sentido como “um duro golpe para todos (...) mal conseguindo compreender que havíamos perdido mais um de nossos melhores homens²⁵⁸” (Müller, 1979, p. 152, tradução nossa). Müller também relata a execução de 200 homens do *Kommando* que, pela primeira vez, foram cremados por guardas da SS. Isso ocorreu em setembro de 1944.

A respeito da revolta, Müller apresenta a perspectiva de uma testemunha ocular. Os 300 homens selecionados para a morte souberam com antecedência de dois dias que os seus nomes estavam na lista. A ansiedade por não saber se a notícia era verdadeira ou quando a sua hora chegaria, fez com que esse grupo se preparasse levando todo tipo de objeto capaz de ser usado como arma para dentro do crematório. No dia 7 de outubro de 1944 eles foram informados de que seriam levados, naquele mesmo dia, para outro Campo. No momento da chamada dos números das pessoas indicadas para o transporte, Busch – a pessoa responsável por essa tarefa – percebeu que estavam faltando prisioneiros na sala e designou alguns guardas da SS para procurarem os faltosos no Crematório IV (3). Antes que conseguissem sair da sala eles foram atacados pelos prisioneiros. Alguns SS foram feridos, outros conseguiram se desviar da investida e sacaram as suas armas, outros ainda conseguiram escapar e correram para avisar outros guardas. Enquanto esse movimento acontecia, à revelia do que pedira a Resistência política, alguns membros do *Sonderkommando* incendiaram o Crematório IV (3). Em poucos minutos as sirenes do Campo soaram e caminhões com

²⁵⁷ “To ensure that posterity would learn of the events at Auschwitz and Birkenau, a few prisoners prepared a handwritten account of the Sonderkommando which was placed in tins and buried, in the hope that perhaps one day they might be found.”

²⁵⁸ “as a severe blow to us all (...) scarcely able to grasp that we had lost yet another of our best men.”

guardas munidos de capacetes, coletes e metralhadoras chegaram ao crematório. Müller ainda estava no pátio quando os tiros começaram a alcançar os revoltosos, foi então que

eu corri para o crematório 4 [IV-3] e a poucos metros da porta me joguei no chão. O tiroteio continuou inabalável. Eu só tinha um pensamento: chegar ao crematório sem me machucar. Tomando a minha coragem com as duas mãos, levantei-me, saltei para a frente e atirei-me pela porta da sala do crematório. Eu já estava completamente sem fôlego. O crematório ainda ardia ferozmente. (...) A calmaria lá fora não durou muito, mas foi abruptamente interrompida por diversos barulhos diferentes. Concluí que as SS estavam tentando apagar o fogo. (...) Depois de um tempo, saí do meu esconderijo e cautelosamente fui até uma das janelas de onde podia ver o jardim da frente. Lá embaixo, no pátio, muitos dos meus companheiros de prisão estavam deitados, imóveis, em seus uniformes de prisão manchados de sangue. (...) Achei aconselhável voltar para o meu esconderijo e esperar (...) até escurecer lá fora. (...) Era cerca de meia-noite quando saí da chaminé. (...) Olhando mais de perto vi com bastante clareza as figuras de vários guardas da SS, andando para cima e para baixo junto ao portão e conversando. Meu coração começou a bater forte. (...) Talvez até amanhã as coisas tenham voltado ao normal. Voltei pelo caminho por onde viera e subi mais uma vez até meu esconderijo que me pareceu o local mais seguro naquele momento. Em pouco tempo eu estava dormindo profundamente. Fui acordado por vozes e ruídos vindos da sala de cremação. (...) Suponho que eu parecia bastante sujo e coberto de fuligem, pois o Kapo sugeriu que eu fosse tomar um bom banho. Ele me trouxe um uniforme limpo e, depois de me refrescar, saí e me juntei aos outros prisioneiros²⁵⁹ (Müller, 1979, pp. 156-158, tradução nossa).

Os sobreviventes do Crematório IV (3) e V (4) só descobriram na manhã seguinte que alguns homens do Crematório II (1) tentaram escapar e foram mortos. Como se sabe, cerca de 450 prisioneiros foram mortos e 12 homens foram levados e torturados até a morte em consequência do levante. Dentre os poucos transportes que ainda chegaram em Auschwitz II-Birkenau, Müller teve mais notícias de sua cidade natal. Alguns de seus conterrâneos disseram que o seu tio “havia sido baleado alguns dias antes na floresta de Sereď”. Agora eu sabia que de toda a minha família eu era o único sobrevivente. O último gaseamento em

²⁵⁹ “I ran to crematorium 4 and a few metres away from the door threw myself to the ground. The shooting continued unabated. I had only one thought: to reach the crematorium without getting hurt. Taking my courage in both hands I stood up, bounded forward and flung myself through the door into the cremation room. I was by now completely out of breath. The crematorium was still burning fiercely. (...) The lull outside did not last long but was abruptly broken by many different noises. I gathered that the SS were trying to put out the fire. (...) After a while I climbed out of my hiding place and cautiously made my way to one of the windows from where I could overlook the front yard. Down in the yard many of my fellow prisoners were lying very still in their blood-stained prison uniforms. (...) I thought it advisable to go back to my hiding place and wait (...) until it was dark outside. (...) It was about midnight when I emerged from the flue. (...) Looking more closely I saw quite clearly the figures of several SS sentries, walking up and down by the gate and talking. My heart began to thump. (...) Perhaps by tomorrow things would have returned to normal. I crept back the way I had come and climbed once more into my hiding place which seemed to me to be the safest spot at that moment. Before long I was fast asleep. I was awoken by voices and noises coming from the cremation room. (...) I suppose I looked rather grimy and covered in soot, for the Kapo suggested that I should go and have a good wash. He brought me a clean uniform, and after I had freshened up, I went outside and rejoined the other prisoners.”

Birkenau ocorreu em novembro de 1944: o exército soviético aproximava-se dia após dia²⁶⁰” (Müller, 1979, p. 161, tradução nossa). Os guardas da SS pareciam preocupados e ansiosos, e tentavam destruir todas as evidências do que fizeram naquele Campo. Logo, “no final de novembro de 1944 começou o desmantelamento dos crematórios 2 [II-1] e 3 [III-2]. Ao mesmo tempo houve uma seleção final entre os membros do Sonderkommando²⁶¹” (Müller, 1979, p. 161, tradução nossa). Restaram apenas 100 homens vivos com condições de sobrevivência mais precária do que eles estavam acostumados a encarar. Não havia mais comida nem bens com os quais poderiam fazer negócios no mercado paralelo do Campo “e então chegou aquele memorável dia 18 de janeiro de 1945²⁶²” (Müller, 1979, p. 165, tradução nossa). O caos reinava no Campo, os soviéticos se aproximavam cada vez mais, e os membros do *Sonderkommando* conseguiram se infiltrar no meio dos prisioneiros comuns.

Perguntei-me repetidamente por que nós, os últimos prisioneiros restantes do Sonderkommando, não havíamos sido fuzilados antes da evacuação. Então, novamente, disse a mim mesmo que não deveria marchar nesta coluna apenas pela minha vontade indomável de sobreviver; que eu tinha que agradecer ao acaso e a um destino gentil por escapar de uma seleção do Sonderkommando após a outra. E finalmente lembrei-me daquelas corajosas moças tchecas que me expulsaram da câmara de gás quando eu queria acabar com a minha vida. Tentei imaginar como seria ser um homem livre novamente, num mundo sem arame farpado, sem câmaras de gás e sem hecatombes de cadáveres. Fiquei imaginando o que o mundo diria quando eu lhes contasse a horrível história de como passei os últimos anos²⁶³ (Müller, 1979, pp. 166-167, tradução nossa).

Antes de tal descoberta ele precisou sobreviver à marcha da morte, à fome e ao frio até que, já quase sem forças, Müller foi resgatado pelos Aliados em maio de 1945. Müller, assim como Mandelbaum, se mostrou disponível para testemunhar logo após o fim da guerra. Os seus depoimentos em julgamentos de perpetradores foram considerados impressionantes e muito importantes, especialmente porque ele acompanhou o trabalho nas câmaras de gás e nos fornos crematórios por um período de tempo considerado longo: quase três anos. Filip Müller testemunhou publicamente sobre as suas experiências como membro do *Sonderkommando* em

²⁶⁰ “had been shot a few days earlier in the forest of Sered. Now I knew that of all my family I was the sole survivor. The last gassing in Birkenau took place in November 1944: the Soviet army was drawing closer from day to day.”

²⁶¹ “Towards the end of November 1944 the dismantling of crematoria 2 and 3 began. At the same time there was a final selection among members of the Sonderkommando.”

²⁶² “And then came that memorable 18 January 1945.”

²⁶³ “again and again I asked myself why we, the last few remaining Sonderkommando prisoners, had not been shot before the evacuation. Then again I told myself that I should not be marching in this column but for my indomitable will to survive; that I had to thank chance and a kindly fate for escaping one Sonderkommando selection after another. And finally I remembered those brave Czech girls who threw me out of the gas chamber when I had wanted to end my life. I tried to imagine what it would be like to be a free man again, in a world without barbed wire, without gas chambers, and without hecatombs of corpses. I wondered what the world would say when I told them the horrific story of how I had spent the last few years.”

muitas ocasiões e para diversos públicos, até que se retirou da vida pública em meados da década de 1980 (Davies, 2018). Infelizmente, o tratamento de edição dado à sua voz após a entrevista cedida a Claude Lanzmann para o documentário *Shoah* parece ter contribuído para essa decisão (Chare & Williams, 2019a; Davies, 2018). Além do desentendimento com Lanzmann, após a publicação de seu livro, Müller foi alvo de negacionistas da *Shoah* e de ameaças de grupos neonazistas (Davies, 2018). Desde o primeiro momento, quando poucos se mostraram dispostos, ele quis falar e manter uma posição política diante da própria experiência, mas “foi progressivamente despojado do seu contexto, isolado e despolitizado”²⁶⁴ (Davies, 2018, p. 200, tradução nossa) e, por fim, entendeu que precisava se calar. Filip Müller faleceu em 09 de novembro de 2013, na cidade de Mannheim, na Alemanha.

4.4 Leon Cohen

Sinto-me obrigado a acrescentar aos numerosos livros, revistas e vários outros registos da deportação e extermínio em massa de judeus europeus, por duas razões. Primeiro, a história dos judeus gregos não está documentada. Esse descuido pode ser accidental. No entanto, é nosso dever dar a conhecer ao mundo inteiro a barbárie das hordas nazistas. (...) Para quem nunca conheceu a escravidão, morrer lutando é morrer pela liberdade. (...) Em segundo lugar, apesar das provas generalizadas das atrocidades nazistas, há crescentes insinuações de que o holocausto que dizimou o povo judeu e outros grupos étnicos é um mito. Acredito que publicar este documento é uma obrigação para com todos aqueles – sejam judeus, ciganos ou outros – cujo único crime foi não pertencer à raça ariana. (...) Este livro é dedicado a todos os meus camaradas do Sonderkommando, que morreram nos crematórios ou que ainda estão vivos²⁶⁵ (Cohen, 1996, pp. 9-10, tradução nossa).

Leon Cohen nasceu em 15 de junho de 1910, em Tessalônica, Grécia. A sua família era proeminente e ele tinha duas irmãs e um irmão. Antes de ser deportado para Auschwitz, Leon Cohen se casou com Germaine Perahia, filha do proprietário do *Bank Union* onde ele trabalhava. Em 1943 ele foi levado ao campo de concentração de Haidari enquanto a sua esposa e os familiares dela conseguiram se esconder, graças a um arranjo organizado por Cohen. Durante os meses em que ficou encarcerado em Hairari, Leon Cohen sofreu violentas torturas para que denunciasse o paradeiro de seu sogro, mas não o revelou (Greif, 2005). Após

²⁶⁴ “has been progressively stripped of his context, isolated, and depoliticized.”

²⁶⁵ “I feel obliged to add to the numerous books, magazines and various other records of the mass deportation and extermination of European Jews, for two reasons. First, the story of Greek Jewry is not documented. This oversight may be accidental. Nevertheless, it is our duty to acquaint the whole world with the barbarity of the Nazi hordes. (...) For those who have never known slavery, to die fighting is to die for freedom. (...) Secondly, in spite of widespread evidence of Nazi atrocities, there are growing insinuations that the holocaust which decimated the Jewish people and other ethnic groups is a myth. I believe that to publish this document is an obligation towards all those – be they Jews, Gypsies, or others – whose only crime was not to belong to the Aryan race. (...) This book is dedicated to all my comrades of the Sonderkommando, who perished in the Crematoria or who are still alive.”

cerca de sete dias de viagem em um vagão repleto de jovens ingênuos e animados²⁶⁶, em 11 de abril de 1944, o seu comboio chegou a Auschwitz onde “por onze meses experimentei o Inferno na Terra. Nenhuma palavra jamais transmitirá o verdadeiro significado da minha história e acho impossível descrever adequadamente os horrores que testemunhei²⁶⁷” (Cohen, 1996, p. 17, tradução nossa). Ao mencionar a inscrição sobre o portão de entrada de Auschwitz “*Arbeit macht frei*”, ele se recorda de um bordão irônico que os homens do *Sonderkommando* costumavam dizer: “*Arbeit macht frei im Krematorium Zwei*”, traduzido: “o trabalho liberta no Crematório 2”. Ele explica:

a liberdade só foi conquistada trabalhando no Crematório 2 [III-2]. Paradoxalmente, a maioria dos prisioneiros veteranos, os chamados Muçulmanos (apelido para os fracos e magricelos) encontraram a “liberdade” do trabalho forçado e da fome quando foram jogados no crematório. Tendo sido testemunha ocular de todos os assassinatos, posso garantir que, quando as infelizes criaturas chegaram até nós, estavam reduzidas a pele e ossos e acolheram com alegria a perspectiva da morte. Meu Deus, é difícil acreditar que estou realmente escrevendo isso. (...) Hoje, às vezes me pergunto como consegui manter a sanidade²⁶⁸ (Cohen, 1996, p. 20, tradução nossa).

A sua designação para o *Sonderkommando* ocorreu em maio de 1944. Nadjary e Leon Cohen chegaram no mesmo comboio e foram forçados a trabalhar no Esquadrão Especial na mesma época. Durante o período em que o grupo grego ainda estava em quarentena – cerca de trinta dias –, Cohen foi designado para trabalhar na cozinha²⁶⁹ e, para tanto, deveria escolher alguns homens para auxiliá-lo. Ele selecionou dez prisioneiros gregos. Terminado o serviço, ele e o grupo de auxiliares voltavam para o Bloco da quarentena quando, de repente, outros prisioneiros o atacaram violentamente a ponto de Cohen perder os sentidos. Sem que soubesse, o grupo de auxiliares embolsou batatas adicionais para si. A ação de extravio de alimento foi percebida por um grupo de prisioneiros que decidiu fazer o responsável pela cozinha pagar.

O próprio Kapo me fez ver como era tolice confiar nos próprios companheiros. Durante quatro dias, fiquei deitado de bruços, incapaz até mesmo de me levantar

²⁶⁶ Cohen comenta que em seu transporte havia muitos jovens que tinham servido no exército grego pouco tempo antes de serem capturados pelos nazistas e que eles organizaram a distribuição de água e alimentos para que todos dividissem tudo o que haviam levado consigo. Durante o trajeto os jovens conversavam descontraidamente, cantavam canções que aprenderam no exército e músicas tradicionais.

²⁶⁷ “For eleven months I experienced Hell on Earth. No words will ever convey the true meaning of my story and I find it impossible to adequately describe the horrors that I witnessed.”

²⁶⁸ “Paradoxically, most of the veteran prisoners, the so-called Musselman (a nickname for the weak and emaciated) found ‘freedom’ from their forced labour and starvation when they were thrown into the crematorium. Having been an eyewitness to all the killings, I can vouch that by the time the unfortunate creatures had reached us, they were reduced to skin and bones, and gladly welcomed the prospect of death. My God, it is difficult to believe that I am really writing this. (...) Today, I sometimes wonder how I managed to stay sane.”

²⁶⁹ Como Leon Cohen falava alemão e francês, além de grego, ele foi indicado nesse primeiro momento para atividades de comando no nível mais baixo da hierarquia do Campo.

para atender às necessidades básicas e, claro, quase não recebi nenhum atendimento médico. Uma lição me foi ensinada e desde então prometi não confiar em ninguém pelo menos enquanto permanecesse em cativeiro²⁷⁰ (Cohen, 1996, p. 27, tradução nossa).

Uma introdução eloquente ao cinzento universo concentracionário. Antes de serem levados a trabalhar nos crematórios, havia rumores sobre a existência do grupo de *Sonderkommandos* e “que o trabalho no ‘Sonder’ era como um feriado. Boa comida, bastante descanso, bons alojamentos, mas ninguém tinha permissão para trabalhar lá por mais de três ou quatro meses²⁷¹” (Cohen, 1996, p. 29, tradução nossa). O boato que corria no *Lager* era que os *Sonderkommandos* eram assassinados regularmente, como dissemos anteriormente. O médico que fez a seleção dos gregos disse, para consolá-los, que não importava se eles fossem designados para o *Sonderkommando* ou não. No fim eles encontrariam a morte do mesmo modo, “no Sonder, acrescentou, se morria apenas uma vez. Em outros lugares, morria-se continuamente. (...) Fomos todos inscritos no Sonderkommando. E de uma forma ou de outra quase todos morreram²⁷²” (Cohen, 1996, p. 32, tradução nossa). Apesar do destino dos judeus gregos ter sido traçado nessa última seleção, ao saírem do Bloco de quarentena foi dito que eles iriam para o Comando de Obras Públicas e que deveriam ir até o novo alojamento cantando músicas militares gregas, as mesmas que eles cantaram quando chegaram ao *Lager*. Assim eles foram cantando felizes, pois não tinham sido selecionados para o *Sonderkommando*; “como éramos ingênuos naquela época!²⁷³” (Greif, 2005, p. 294, tradução nossa), conclui. A esperança de sobreviver foi abalada no instante em que foi revelado pelos prisioneiros veteranos que eles, na verdade, haviam chegado ao alojamento do “*Schmock*”, palavra em ídiche usada para designar o *Sonderkommando*. Conversando com os veteranos, os recém-chegados descobriram mais detalhes sobre o que os esperava, mas não demoraria para que os assustadores relatos se empalidecessem “em comparação com a realidade²⁷⁴” (Greif, 2005, p. 295, tradução nossa).

Durante cinco dias eles foram liberados de qualquer atividade não relacionada ao próprio Bloco 13 de Birkenau onde dormiam. Assim eles puderam conhecer melhor alguns dos prisioneiros veteranos e obter informações sobre as atividades que em breve precisariam

²⁷⁰ “The Kapo himself made me see how foolish it was to trust one’s own comrades. For four days, I lay on my front, unable even to get up for basic needs and of course hardly receiving any medical attention. I had been taught a lesson and from then on I vowed not to trust anyone for at least as long as I stayed in captivity.”

²⁷¹ “that work in the ‘Sonder’ was like a holiday. Good food, plenty of sleep, good quarters, but no one was allowed to work there for more than three or four months.”

²⁷² “In the Sonder, he added, one died only once. Elsewhere, one went on dying again and again. (...) we were all enrolled into the Sonderkommando. And in one way or another nearly everyone died.”

²⁷³ “How naïve we were back then!”

²⁷⁴ “in comparison to the reality.”

desempenhar. Cohen faz uma descrição breve dos crematórios e explica detalhadamente as etapas das atividades que desempenhavam, incluindo comentários sobre a tecnicidade de alguns procedimentos que não reproduziremos aqui. Após três dias trabalhando nas fossas de cremação, ele foi designado ao Crematório III (2),

o trabalho de dentista não seria descrito como o mais difícil do campo, mas era o mais nauseante. Infelizmente, sei do que estou falando porque experienciei isso durante onze meses²⁷⁵. Não era fácil abrir a boca de um cadáver gelado e depois respirar o fedor horrível que escapava. Não admira que muitas vezes eu tivesse que parar de trabalhar para vomitar. Também experimentei o trauma de vinte açoites quando perdi um dente de ouro no meio das cinzas (nem tudo foi reduzido a cinzas). Isso foi tratado como sabotagem e somente em razão da intervenção de Katz fui poupado do pelotão de fuzilamento²⁷⁶ (Cohen, 1996, p. 44, tradução nossa).

Em vez de ser assassinado, Cohen levou dez chibatadas com uma tira que levava peças de metal embutidas (Greif, 2005). Schwartz era o nome do prisioneiro judeu do *Sonderkommando* responsável pelo tratamento do ouro encontrado junto aos deportados, afirmou. Leon Cohen “organizava” dentes de ouro para que pudesse fazer encomendas de comidas e bebidas com um SS que, diariamente, passava por ele para receber a sua porção. Apesar dos próprios guardas recomendarem cuidado ao extraviar pertences dos deportados “quando os alemães queriam que eu roubasse algo dos pertences das vítimas para eles, eles diziam: “Organize isso para mim”²⁷⁷” (Greif, 2005, p. 303, tradução nossa). Graças a esse tipo de comércio e às comidas encontradas entre os pertences das vítimas, não havia deficiência nutricional entre os homens do Esquadrão Especial, pontua. Com o aumento da demanda de trabalho o número de prisioneiros lotados no *Sonderkommando* aumentou ainda mais e novas valas de cremação foram abertas

nenhuma descrição pode transmitir adequadamente o horror desta cena de matança: um céu escuro, quase preto, chamas atingindo uma altura de cinco a seis metros, as pessoas do Sonder correndo por todos os lados com suas longas varas, gritos e lamentos de longe, pilhas e pilhas de cadáveres esperando para serem queimados, fumaça sufocante, o cheiro horrível de carne queimada²⁷⁸ (Cohen, 1996, p. 46, tradução nossa).

²⁷⁵ Onze meses foi o tempo total de cativeiro, incluindo o trabalho em outros campos até a sua libertação. Dentro do Sonderkommando de Birkenau ele trabalhou de maio de 1944 a janeiro de 1945.

²⁷⁶ “One would not have described the dentist’s job as the hardest in the camp, yet it was the most nauseating. Unfortunately, I know what I am talking about because I experienced it myself for all of eleven months. It was not easy to open the mouth of a frozen corpse and then to breathe in the awful stench that escaped. No wonder I often had to stop work and go to vomit. I also experienced the trauma of twenty floggings when I missed a gold tooth buried in the ashes (not everything was burnt to cinders). This was treated as sabotage and only through Katz’s intervention was I spared the firing squad.”

²⁷⁷ “When the Germans wanted me to steal something from the victims’ belongings for them, they’d say, “Organize it for me”.”

²⁷⁸ “No description can adequately convey the horror of this scene of slaughter: a dark, nearly black sky, flames reaching a height of five to six meters, the Sonder people dashing all over the place with their long poles,

A chegada de transportes com judeus húngaros trouxe para os crematórios o SS Otto Moll e toda a sua violência e despudor. Além de fazer dos prisioneiros alvos vivos para a prática de tiros e da perseguição que operava contra os intelectuais, Moll gostava de apalpar as genitálias de jovens judias enquanto elas entravam nas câmaras de gás – Cohen não foi o único a testemunhar esse comportamento. No período em que os comboios da Hungria chegavam sem parar, grande parte dos corpos dos deportados gaseados eram cremados em valas, foi nessa ocasião que,

na segunda noite, dois prisioneiros enlouqueceram e, gritando e maldizendo, pularam nas chamas. Na noite seguinte, outro prisioneiro agarrou um SS e tentou arrastá-lo para as chamas esperando que morressem juntos, mas foi baleado por outro Shupos [SS]. Quanto ao nazista, ele conseguiu sobreviver com algumas queimaduras, mas ficou tão dominado pelo terror que não conseguiu mais trabalhar. (...) As SS ficaram completamente perplexas com estes casos de insanidade. Nunca tinham testemunhado este tipo de comportamento, embora tanto os bunkers²⁷⁹ como os crematórios estivessem em funcionamento há dez meses (Cohen, 1996, p. 48, tradução nossa).

Cohen conseguiu uma audiência com o *Kapo* que havia transferido os gregos para Birkenau e convenceu-o de que era necessário trocar os violentos guardas da SS que contribuíam para o estado das coisas, a fim de que situações como aquelas não se tornassem cada vez mais comuns. A sua solicitação foi atendida, mas, a despeito disso,

um novo sentimento surgiu gradualmente, uma consciência crescente de que não se poderia tolerar essas dificuldades sem algum tipo de reação. Os prisioneiros gregos estavam agora determinados a explodir os crematórios custe o que custar e por todos os meios disponíveis. (...) Aí tomamos uma decisão: íamos brigar! Tamanha era a nossa alegria que esquecemos que não tínhamos armas, nem mesmo um único canivete! Mesmo assim, a rebelião eclodiu alguns meses depois, em 7 de dezembro de 1944²⁸⁰. Os judeus gregos podem levar todo o crédito pela sua organização, porque a única ajuda que receberam veio de uma dúzia de prisioneiros russos e, infelizmente, de apenas um punhado de outros judeus²⁸¹ (Cohen, 1996, p. 51, tradução nossa).

Leon Cohen assim como Marcel Nadjary atribuem o início da revolta a ação de um prisioneiro grego. Pode ter sido o caso, mas a organização da revolta, enquanto um

screams and wails from afar, piles and piles of corpses waiting to be burnt, choking fumes, the horrible smell of burning flesh.”

²⁷⁹ Cohen, assim como outros sobreviventes, chama as valas ou fossas de cremação de “bunkers”. O termo foi usado para designar diversas instalações e locais no campo de Auschwitz (Greif, 2005).

²⁸⁰ Como informado anteriormente, a revolta ocorreu no dia 7 de outubro de 1944.

²⁸¹ “A new feeling gradually arose, a growing awareness that one could not tolerate these hardships without some sort of reaction. The Greek prisoners were now determined to blow up the crematoria whatever the cost and by every available means. (...) At that point we made a decision: we were going to fight! Such was our elation that we forgot we had no arms, not even a single pocketknife! Even so, the rebellion broke out a few months later, on 7 December 1944. The Greek Jews can take all the credit for its organization, because the only help they received came from a dozen Russian prisoners and sadly from only a handful of other Jews.”

movimento coletivo de homens do *Sonderkommando*, não foi encabeçada por judeus gregos, ainda que tenha contado com a participação destes. Muitos dos judeus gregos haviam servido no exército e queriam lutar contra os nazistas. Manter a chama de luta acesa era uma característica associada ao próprio status de ser grego e essa gana pode ter contribuído para o que aconteceu em outubro de 1944, mas eles não carregaram o levante sozinhos. Talvez essa fosse a impressão que tinham, dada a separação linguística dos judeus sefarditas de um modo geral e, mais especificamente, dos judeus gregos em relação aos asquenazes. É cabível imaginar que eles não se misturavam com os judeus asquenazes por serem considerados inferiores (Cohen, 1996). O *Kapo* Kamiński fazia algum tipo de intermediação entre os diversos subgrupos dentro do *Kommando* especial, mas com a sua morte os prisioneiros precisaram encontrar outras lideranças. Cohen afirma que os judeus dos crematórios II (1) e III (2) começaram a se preparar para a revolta. Na linha de frente estavam os prisioneiros de guerra soviéticos que tinham sido transferidos de Lublin, os irmãos Venezia, os irmãos Dragon, Joseph Baruch, Alberto Errera que faleceu tentando fugir a nado, Marcel Nadjary e Maki Yohanan. Esses são os nomes de judeus gregos dos quais se recorda, mas ele pondera que pode ter havido outros. Ele também destaca a participação do *Kapo* Kamiński, de Kotchak, Hersz Strasfogel – de quem era inseparável e com quem dividia histórias do passado e planos para o futuro²⁸² – e David Olère.

Enquanto a revolta não acontecia eles viram os transportes diminuir novamente. No crematório em que trabalhava, Cohen cremou o seu tio Abraham Cohen e um judeu grego, conhecido comerciante de tecidos, Baruch Venezia. Os membros do Esquadrão vez ou outra se deparavam com os corpos de amigos e familiares. Nessas ocasiões eles recitavam o *Kadish*. Perguntado sobre a possibilidade de avisar os judeus deportados sobre o que estava por vir, ele afirmou que não havia escolha além de seguir o roteiro desenhado pelos nazistas, “o que mais poderíamos fazer? O que poderíamos ter mudado mesmo se tivéssemos avisado o povo? (...) Os alemães circulavam por lá o tempo todo. (...) Qualquer um que ousasse contar a verdade aos judeus teria sido assassinado imediatamente²⁸³” (Greif, 2005, p. 296, tradução nossa). Quando a câmara era fechada, logo os deportados percebiam que alguma coisa estava errada e muitos gritavam por socorro, “posso ouvir os gritos até hoje. Isso vai me perseguir

²⁸² Leon Cohen e Hersz Strasfogel prometeram um ao outro que se apenas um deles sobrevivesse ao *Lager*, este deveria informar à família do outro sobre o seu destino. Assim, em 1946, Cohen visitou a esposa e a filha de Strasfogel para levar a má notícia sobre a morte de seu amigo.

²⁸³ “What else could we do? What could we have changed even if we had warned the people? (...) The Germans circulated there all the time. (...) Anyone who’d dared to tell the Jews the truth would have been murdered straight away.”

pelo resto da minha vida. Isso nunca irá embora²⁸⁴” (Greif, 2005, p. 298, tradução nossa). Apesar de se sentir afetado pelo sofrimento daqueles homens e mulheres, na época, ele se considerava um robô incapaz de expor a intensidade de suas emoções. O descolamento afetivo permitia que eles se percebessem “como “pessoas normais”, podíamos tratar tudo o que acontecia como “trabalho” que tínhamos que fazer de acordo com as ordens dos alemães. (...) Não pensávamos no aspecto horrível do nosso trabalho e não permitíamos que nenhuma emoção se intrometesse²⁸⁵” (Greif, 2005, p. 299, tradução nossa). Terem se tornado animais, segue, foi o que permitiu não enlouquecerem.

O levante foi marcado para o dia 15 (Greif, 2005) ou 19 de agosto de 1944 (Cohen, 1996). Os insurgentes repassaram o plano meticulosamente para diminuir as chances de fracasso. Eles concluíram que, se ao menos uma pessoa conseguisse escapar e sobrevivesse à revolta, todo o esforço teria valido a pena. Porém, com os boatos de que o exército soviético se aproximava do *Lager*, vários *Kommandos* se dissociaram da rebelião – para eles era mais vantajoso esperar a libertação. Além da rebelião associada à fuga, “decidimos também deixar um relato de nossa vida e sofrimentos em cartas aos nossos familiares. As cartas foram colocadas em garrafas de vidro, e as garrafas lacradas foram enterradas trinta centímetros abaixo do solo nos pátios dos crematórios²⁸⁶” (Cohen, 1996, p. 60, tradução nossa). Esse projeto foi considerado um sucesso, diferentemente do levante que seguia sendo adiado até que um de seus principais líderes foi morto, o *Kapo* Kamiński. Após a morte de Kamiński um oficial da SS reuniu todos os prisioneiros do Crematório II (1) e gritou

‘Agora falem logo! Onde estão as armas e munições? Prometo não fazer mal a ninguém se vocês falarem, mas se não falarem...’. O silêncio caiu novamente. Ele trovejou: ‘Vocês todos se juntarão a Kamiński. Vocês sabem perfeitamente onde está o bastardo. Ele foi para o céu!’ Ele imitou a fumaça subindo e, embora nada categórico ainda tivesse surgido, ficamos desconfiados. Alguns olhares furtivos foram suficientes para nos convencer de que os nazistas não sabiam realmente muito, ou não teriam sido estúpidos o suficiente para perguntar: ‘Onde estão suas armas e munições?’ O silêncio caiu novamente. Então eles atacaram-nos, batendo-nos e chicoteando-nos. (...) Quando eles [os SS] foram embora, os oficiais levaram consigo quatro russos. À noite, eles foram devolvidos para nós em estado desesperador, com os rostos inchados e irreconhecíveis. (...) Os russos, porém, não abriram a boca, nem mesmo para soltar um grito. (...) A rebelião abortada, a morte

²⁸⁴ “I can hear the screaming to this day. It will hound me for the rest of my life. It will never go away.”

²⁸⁵ “like “normal people”, we could treat everything that happened as “work” that we had to do in accordance with the Germans’ orders. (...) We didn’t think about the horrifying aspect of our work and didn’t allow any emotions to intrude.”

²⁸⁶ “We also decided to leave an account of our life and sufferings in letters to our families. The letters were pushed into glass bottles, and the sealed bottles were buried thirty centimeters below the ground in the crematoria courtyards.”

de Kamiński e o nosso sofrimento intolerável estavam agora a ter efeitos devastadores sobre nós, os homens do Sonder²⁸⁷ (Cohen, 1996, pp. 65-66).

A política nazista de responsabilizar os judeus por todos os males é mencionada, bem como os ardis utilizados para enganar não somente os judeus como também os *Sinti* e os *Roma*. A razão da política nazista era a eliminação da alteridade, afirma, “o nazismo odiava tudo que não fosse nazista²⁸⁸” (Cohen, 1996, p. 76, tradução nossa). Após o assassinio do povo cigano, o volume de trabalho diminuía cada vez mais. Os homens do *Sonderkommando* começaram novamente a pensar na revolta fracassada e na morte de Kamiński. Havia muito desânimo, mas alguns homens ainda pensavam em fugir, foi quando em agosto de 1944 Alberto Errera tentou a sorte, mas acabou sendo alvejado enquanto atravessava o rio Vístula a nado²⁸⁹. Esse evento e a hostilidade dos outros prisioneiros judeus, colocou os judeus gregos ainda mais a trabalho no sentido de planejar uma rebelião, foi quando decidiram que Joseph Baruch lideraria o grupo. Ao encargo de Leon Cohen, ficou o incêndio do Crematório III (2). Na seleção de setembro de 1944 estavam incluídos os seus amigos: Kotchak e Strasfogel.

Se em um primeiro momento Leon Cohen disse que a revolta aconteceu no dia 7 de dezembro de 1944, depois ele menciona que ela teria ocorrido em 7 de setembro de 1944 – curioso que, em nenhum dos registros, os editores do *The Salonika Jewry Research Center* não tenham percebido o equívoco na informação da data do levante e feito uma nota corrigido a informação. Na entrevista que concedeu a Gideon Greif (2005), a informação sobre a data aparece corretamente. Diferente do testemunho de Filip Müller que estava próximo dos judeus selecionados para a morte em outubro de 1944, para os homens que trabalhavam nos crematórios II (1) e III (2) a notícia sobre a seleção chegou apenas na manhã do dia 7 de outubro de 1944. Todos se prepararam, pois os judeus gregos mandaram avisar que eles não obedeceriam aos guardas da SS. Os prisioneiros do Crematório III (2) aguardavam o sinal que deveria vir do Crematório II (1) e se aprontaram retirando de esconderijos os objetos que

²⁸⁷ “‘Now spit it out! Where are the guns and ammunition? I promise not to harm anyone if you talk but if you don’t...’. Silence fell again. He thundered on: ‘You’ll all join Kamiński. You know perfectly well where the bastard is. He’s gone to heaven!’ He mimicked the rise of smoke and, although nothing positive had emerged yet, we became suspicious. A few furtive glances were enough to convince us that the Nazis did not really know much, or they would not have been stupid enough to ask, ‘Where are your arms and ammunition?’ Silence fell again. Then they descended on us, hitting and whipping us. (...) When they [os soldados] left, the officers took four of the Russians with them. In the evening, they were returned to us in a desperate state, their faces swollen beyond recognition. (...) The Russians however did not open their mouths, not even to let out a scream. (...) The aborted rebellion, Kaminsky’s death and our intolerable suffering were now having devastating effects on us, the Sonder men.”

²⁸⁸ “Nazism hated everything that was not Nazi.”

²⁸⁹ Ao que parece a tentativa de fuga de Alberto Errera antecedeu a morte do *Kapo* Kamiński, e não o contrário. De todo modo, esses eventos ocorreram na mesma época.

tinham coletado para atacar os guardas. O sinal combinado não surgiu e o Crematório III (2) foi cercado. Não havia mais nada a fazer. Cohen se sentiu traído pelos prisioneiros do Crematório II (1) que deveriam avisá-los para que atacassem os SS e fugissem ao mesmo tempo. Os homens do Crematório III (2) foram trancados em uma sala e, algum tempo depois, um judeu grego designado para o Crematório V (4) – não nomeado por Cohen – foi levado à sala em que eles estavam. O homem estava ensanguentado e com a perna quebrada. Foi esse prisioneiro que contou tudo o que se passara nas cercanias dos crematórios IV (3) e V (4). Ele disse que durante a chamada dos judeus que seriam assassinados

um dos gregos proferiu a senha ‘Apano’, melhor traduzida como ‘Para cima deles!’. Este foi o sinal para iniciar a rebelião. Todos os outros gregos responderam imediatamente saltando sobre os dois guardas para roubar as suas armas. Contudo, a ajuda esperada não se concretizou; pelo contrário, os prisioneiros não-gregos tentaram tirar as armas dos rebeldes e devolvê-las aos alemães. Ainda não consigo entender a atitude deles. (...) Os alemães responderam rapidamente. Um ou dois minutos depois, no Crematório 4 [V-4], um dos soldados recuperou a disposição e correu para as torres de vigia para dar o alarme. (...) O campo estava agora em alerta máximo. Em quinze minutos, caminhões cheios de soldados armados chegaram e cercaram o crematório. Ordenar a rendição não trouxe nenhuma resposta além de uma saraivada de balas por todo o prédio. (...) Depois que o Crematório 3 [IV-3] pegou fogo, os alemães enlouqueceram de raiva e começaram a massacrar todos no Crematório 4 [V-4]. (...) Este é, então, o relato da batalha heroica dos judeus gregos que trabalharam no Sonderkommando de Birkenau e que morreram em batalha. Foi loucura ou coragem? Pelo menos, morreram lutando, mostrando ao mundo livre que os judeus também podiam escolher morrer como homens livres. Ao se transformarem em tochas vivas, despertaram a admiração. (...) Porém, estava tudo acabado. Depois da rebelião, todos sofreram um inferno em Birkenau. A disciplina era agora aplicada com tanto rigor que muitos amaldiçoaram o dia em que acreditaram que os russos tinham chegado aos portões do campo. (...) Os poucos gregos sobreviventes tornaram-se figuras lendárias. A equipe de Schupo ficou tão impressionada que nos chamou de “bandidos gregos”. (...) este punhado de judeus gregos que, como David, se levantaram contra um Golias moderno e sanguinário. Como judeus e como gregos, eles lutaram pela sua nação e pelo seu país. Resumindo, nós, os sobreviventes de Birkenau, devemos sempre recordar a extraordinária bravura de um punhado de nossos concidadãos. (...) Enquanto isso, ia escurecendo cada vez mais. Estávamos esperando em nossas celas, convencidos de que nossos guardas nos levariam para atirar em nós; um final esperançoso não estava mais nas cartas. (...) A essa altura, não sabíamos que ainda estávamos vivos porque os alemães estavam numa situação muito difícil. Mais tarde, soubemos que durante o nosso julgamento à revelia pelo Conselho de Guerra Alemão, no quartel-general de Auschwitz, a mesma pergunta tinha sido feita. Esta era a sua principal preocupação; se matassem todos os prisioneiros (cerca de 150), quem ficaria para trabalhar nos crematórios?²⁹⁰ (Cohen, 1996, pp. 87-90, tradução nossa).

²⁹⁰ “one of the Greeks uttered the password ‘Apano’, best translated as ‘Onto them!’. This was the signal to start the rebellion. The other Greeks all immediately responded by jumping on their two guards to snatch away their guns. However, the expected help did not materialize; on the contrary, non-Greek prisoners tried to take the guns away from the rebels and to give them back to the Germans. I still cannot understand their attitude. (...) The Germans responded quickly. A minute or two later, in Crematorium 4, one of the soldiers regained his composure and ran to the watch towers to raise the alarm. (...) The camp was now on full alert. Within fifteen minutes, truckloads of armed soldiers arrived and encircled the crematorium. Ordering a surrender brought no response other than a hail of bullets throughout the building (...) Once Crematorium 3 had burnt down, the Germans went wild with anger, and started to massacre everyone in Crematorium 4. (...) This, then, is the

Não resta dúvida de que os judeus gregos se orgulhavam de sua origem e de sua coragem combativa. É verdade que eles alcançaram uma certa notoriedade entre os guardas nazista, tanto que foram designados para desmontar os crematórios que ainda restavam em pé, pois eram considerados engenhosos e fortes. Porém, podemos desconfiar que haja nesse relato um brilho exagerado, fruto de uma posição nacionalista que buscava o reconhecimento de seu grupo que fora marginalizado mesmo entre os judeus deportados. O primeiro trabalho após o levante foi a cremação dos corpos dos companheiros assassinados. Os gregos sobreviventes separaram os corpos de seus compatriotas e o prisioneiro Katz recitou o *Kadish*. Mal haviam terminado de cremar os trabalhadores mortos dos Crematórios IV (3) e V (4) e um caminhão parou em frente ao crematório repleto de corpos dos fugitivos do Crematório II (1). Foi assim que descobriram a morte dos prisioneiros que tentaram fugir. Nas semanas seguintes as condições de vida se deterioraram ainda mais e eles passaram a ser vigiados mais de perto.

O mês de janeiro trouxe grande apreensão para os nazistas e, por conseguinte, aos homens do *Sonderkommando*. O exército soviético estava se aproximando do Campo e, além de destruir as evidências do genocídio, os nazistas começavam a se deslocar em direção à Alemanha. O Esquadrão Especial passou a ser vigiado por SS que não se importavam com a disciplina e davam sinais de que só se interessavam em retornar para as suas famílias. Eis que no dia 17 de janeiro de 1945 chegaram rumores de que o Campo seria evacuado, mas não havia nenhuma informação sobre a situação dos cem *Sonderkommandos* que restavam vivos.

A situação estava ficando clara. Assim que os outros partissem, nós também seríamos enviados a uma viagem – uma viagem só de ida com algumas balas alojadas nos nossos corpos. (...) Enquanto observava a longa linha de prisioneiros andando de braços dados em filas de cinco, rapidamente decidi que, sim, esta era a nossa oportunidade; deveríamos sair bem debaixo do nariz dos nossos guardas idosos cuja única preocupação era o seu futuro [a fuga ocorreu no dia 18 de janeiro de 1945]. (...) passei sorrateiramente pelos guardas, que nem se deram ao trabalho de olhar para mim. (...) Embora fossem apenas 19 horas, estava totalmente escuro e, na confusão geral, era impossível reconhecer alguém. (...) Combinamos de separar-nos

account of the heroic battle of the Greek Jews who worked in the Birkenau Sonderkommando and who fell in battle. Was it madness or courage? At least, they died fighting, showing the free world that Jews, also, could choose to die like free men. By turning themselves into living torches, they had aroused the admiration. (...) It was all over, however. After the rebellion everyone suffered hell in Birkenau. Discipline was now enforced so stringently that many cursed the day they had believed the Russians had reached the camp gates. (...). The few surviving Greeks became legendary figures. The Schupo staff was so impressed that they called us ‘the Greek bandits’. (...) this handful of Greek Jews who, like David, had risen against a modern and bloodthirsty Goliath. As Jews and as Greeks, they had fought for their nation and for their country. To sum up, we, the Birkenau survivors, must always remember the extraordinary bravery of a handful of our fellow citizens. (...) Meanwhile, it was getting darker and darker. We were waiting in our cells, convinced that our guards would take us away to shoot us; a hopeful ending was no longer in the cards. (...) At the time, we did not appreciate that we were still alive because the Germans were in a very difficult situation. Later on, we heard that during our trial in absentia by the German War Council at Auschwitz headquarters, the same question had been asked. This was their main preoccupation; if they were to kill all the prisoners (about 150), who would be left to work in the crematoria?”

e esperar de cada lado do portão até que todos os presos entrassem, para podermos identificar vários – os gregos. Felizmente, não tivemos que esperar muito e, poucos minutos depois, todos os gregos sobreviventes estavam reunidos²⁹¹ (Cohen, 1996, pp. 100-102, tradução nossa).

Desse modo Leon Cohen encerra o seu testemunho. Pelo pós-escrito de sua filha, Lily Eiss-Perahia, sabemos que muitos dos seus textos foram perdidos. Cohen atribuía a sua sobrevivência à enorme vontade que ele tinha de viver, ao seu bom humor e à companhia dos amigos de Tessalônica. Após a guerra ele cumpriu a promessa feita a Strasfogel e, com certa dificuldade, ele procurou a família do amigo em Paris para contar qual foi o seu fim. A última parte de sua vida foi marcada por noites que se tornavam cada vez mais atormentadas. Os espancamentos e as imagens com as quais teve que conviver durante o encarceramento voltavam com enorme força. A filha e o filho de Leon Cohen quiseram honrar a vontade do pai de fazer o mundo saber que “o Holocausto também foi grego²⁹²” (Cohen, 1996, p. 106, tradução nossa). Graças aos seus esforços o testemunho de seu pai foi publicado. A velhice de Leon Cohen foi marcada por uma saúde precária e por amarguras. Parte de seu sofrimento advinha de nunca ter recebido qualquer reparação financeira da Alemanha. Ele faleceu em agosto de 1989, em Israel, alguns meses depois de conceder entrevista a Gideon Greif (2005). Nessa entrevista ele falou sobre as memórias de Auschwitz:

Levei muito tempo para começar a me recuperar. Durante seis meses depois de ter saído de Auschwitz, não pude fazer nada. Não conseguia fechar os olhos à noite; eu tinha pesadelos o tempo todo. Acordava à noite gritando de agonia ao som dos judeus gritando enquanto eram sufocados nas câmaras de gás. Os gritos, os gemidos, as orações daquelas pessoas. Em meus sonhos, ouvi o som do elevador que levava os corpos aos fornos. Gostaria de contar uma coisa estranha: no período inicial após a minha libertação, sempre que as pessoas olhavam para mim ou sempre que eu falava com alguém, eu quase automaticamente olhava para quem falava e examinava a sua boca. Queria ver se tinha dentes de ouro. Você pode acreditar nisso? Eu me tornei um autômato. (...) Auschwitz foi a tragédia da minha vida! Não foi fácil me libertar das experiências que vivi ali. No início, não consegui recomendar uma vida. Foi um processo demorado voltar à vida e “deixar” Auschwitz para trás. (...) As memórias continuam voltando e não posso fazer nada a respeito. É impossível combatê-las. Elas voltam repetidas vezes e eu não consigo impedi-las. As lembranças e os longos meses que ali passei destruíram a minha saúde²⁹³ (Greif, 2005, p. 308, tradução nossa).

²⁹¹ “The situation was becoming clear. Once the others had left, we too would be sent on a journey – a one-way trip with a few bullets lodged in our bodies. (...) While watching a long line of prisoners walking arm in arm in rows of five, I quickly decided that, yes, this was our opportunity; we should leave under the very nose of our elderly guards whose only concern was their future. (...) I just sneaked past the guards, who did not even bother to look at me. (...) Although it was only 7:00 P.M., it was totally dark, and in the general scramble it became impossible to recognize anyone. (...) We agreed to separate and wait on either side of the gate for all the prisoners go in, in order to be able to spot out lot – the Greeks. Fortunately, we didn’t have to wait too long, and a few minutes later, all the surviving Greeks were reunited.”

²⁹² “the Holocaust was also Greek.”

²⁹³ “It took me a long time to begin to recover. For six months after I’d left Auschwitz, I couldn’t do a thing. I couldn’t close my eyes at night; I had nightmares all the time. I woke up at night screaming in agony at the

4.5 Daniel Bennahmias

A maioria de nós superou enormes inibições naqueles dias terríveis – não poderia ter sido de outra forma – e, no entanto, o estranho é que não consigo lembrar o que fizemos, ou como cuidamos de nós mesmos. Eu bloqueei tudo? É isso? Certamente. (...) O que ficou comigo é de uma ordem totalmente diferente. (...) Viemos de um mundo totalmente diferente daquele em que fomos lançados. O que deveríamos fazer agora? O exercício da escolha é opção dos homens livres, e nós não éramos livres. (...) Por mais terrível que fosse a nossa situação, mal percebíamos o que nos esperava. (...) desde então, tenho tentado encontrar palavras para expressar o que passamos. Eu não sei o que elas são. Não consigo descobri-las. Independente do que eu faça, por mais que eu tente, não consigo; minha mente fica em branco – mas se essa linguagem não está disponível para mim, quem sabe se ela existe?²⁹⁴ (Fromer, 1993, pp. 4-6, tradução nossa).

Daniel Bennahmias nasceu na Tessalônica, Grécia, em 1923. Os seus pais eram judeus italianos de classe média. Não entraremos na complexa questão de vinculação judaica às nacionalidades italiana, grega ou espanhola, mas gostaríamos de pontuar que a família de Bennahmias era considerada mais italiana do que grega. Em razão dessa vinculação nacional, quando os nazistas invadiram a Grécia – no primeiro momento – eles receberam um tratamento um pouco melhor do que era reservado aos judeus gregos. O período de ocupação nazista na Grécia foi detalhado em seu testemunho. Após permanecerem por um breve período no Campo de concentração de Haidari, Bennahmias e sua família foram transportados para Auschwitz onde desembarcaram em 11 de abril de 1944. Muitos dos judeus gregos selecionados para o *Sonderkommando*, cujo testemunho abordamos na tese, desembarcaram em Auschwitz nesse comboio. Tão logo chegaram, os familiares de Bennahmias foram enviados para as câmaras de gás. Ele foi levado para o *Sonderkommando* cerca de um mês depois. O relato de Daniel Bennahmias nos chega intermediado pela historiadora Rebecca Fromer que se encontrou com ele algumas vezes no decorrer de três anos e registou o seu

sound of Jews crying out as they were being suffocated in the gas chambers. The screaming, the groaning, the prayers of those people. In my dreams, I heard the sound of the elevator that brought the corpses up to the furnaces. I'd like to tell you something weird: in the initial period after my liberation, whenever people looked at me or whenever I talked to someone, I almost automatically looked at the speaker and examined his mouth. I wanted to see if he had gold teeth. Can you believe that? I'd become an automaton. (...) Auschwitz was the tragedy of my life! It wasn't easy to liberate myself from the experiences that I'd there. At first, I couldn't start life over. It was a lengthy process to return to life and "leave" Auschwitz behind me. (...) The memories keep coming back and I can't do a thing about it. It's impossible to fight them. They return again and again and I can't stop them. The memories and the long months that I'd spent there destroyed my health."

²⁹⁴ "Most of us overcame enormous inhibitions in those terrible days – it could not have been otherwise – and yet the strange thing is that I cannot remember what we did, or how we took care of ourselves. Have I blocked everything out? Is that it? Certainly. (...) What has stayed with me is of an entirely different order. (...) We had come from an entirely different world than the one into which we had been thrust. What were we to do now? The exercise of choice is the option of free men, and we were not free. (...) Dire as our situation was, we little realized what awaited us. (...) ever since then, I have tried to find the words to express what we went through. I don't know what they are. I can't discover them. Whatever I do, however I try, I fall short of it; my mind goes blank – but if this language is not available to me, who knows if it exists?"

testemunho no livro *The Holocaust Odyssey of Daniel Bannahmias*. O texto alterna entre citações diretas de falas de Bannahmias e narrativas de Fromer sobre o que ele lhe teria dito. O trecho que inicia a presente seção faz referência às ponderações de Bannahmias sobre a experiência do transporte, contudo, são questões que ecoam quando outros eventos vividos por ele estão em foco.

Durante a quarentena Bannahmias encontrou alguns conterrâneos conhecidos como Dario Gabai e Marcel Nadjary. A fumaça acre que enchia o ar incomodava, mas na época eles não compreendiam exatamente o que acontecia em Birkenau. Eles sabiam para que fim os fornos eram usados, mas muitas pessoas morriam no Campo “de modo que o que não suspeitavam era da aniquilação, do genocídio. Uma pessoa morre. Uma pessoa é cremada. Só isso foi compreendido²⁹⁵” (Fromer, 1993, p. 33, tradução nossa). Na última seleção da quarentena, Danny – como era chamado – estava com febre. Ele se esforçou para parecer bem, pois disseram-lhe que os não selecionados viveriam um horror. Após a seleção ele foi levado ao Bloco 13 onde conheceu um judeu francês que lhes explicou tudo o que acontecia entre as câmaras de gás e os fornos crematórios. Bannahmias julgou que o seu interlocutor estava louco e riu. Algum tempo depois, ao ouvir outros veteranos, o silêncio reinou entre os novatos. Ninguém mais estava rindo, mas ouviam com certa desconfiança.

Bannahmias e outros catorze novatos foram levados à sala de despir do Crematório III (2) para escolherem o que quisessem entre o mar de roupas que a sala havia se tornado. Eles não tocaram em nada, pois começaram a considerar que os veteranos falavam a verdade sobre o que se passava em Birkenau e que aqueles objetos pertenceriam a pessoas mortas. Na sequência eles foram levados a um corredor em que era possível avistar uma porta aberta a partir da qual se via corpos que iam do chão ao teto, uma visão horrível e inesquecível e “esse foi o ponto de virada – o acontecimento mais chocante da minha vida – e muito importante para mim. É a noite da qual não consigo me recuperar. Eu estava no inferno²⁹⁶” (Fromer, 1993, p. 38, tradução nossa). E o inferno se mostraria mais destruidor com a ordem que veio a seguir: eles deveriam limpar os corpos dos judeus mortos que estavam diante deles. Bannahmias ficou petrificado, não sabia como cumprir o comando. Vendo o que os outros faziam ele colocou a mão em um corpo e desmaiou. Um veterano, judeu polonês de nome Koczak, o acordou com um tapa e o advertiu que se não trabalhasse seria morto. Ao todo,

²⁹⁵ “so that what they did not suspect was the annihilation, the genocide. A person dies. A person is cremated. This alone was understood.”

²⁹⁶ “That was the turning point – the most shocking event in my life – and very important to me. It is the night I cannot recover from. I was in hell.”

Danny desmaiou quatro vezes naquele dia. Em todas as vezes foi acudido por Koczak que poderia ter sofrido reprimenda dos nazistas caso tivessem visto o que estava acontecendo. Koczak era o encarregado (*Vorarbeiter*) pelos trabalhos naquele crematório, o que permitiu que ele atribuísse a Bennahmias atividades de limpeza do Bloco por cerca de três dias a fim de que se habituassem com o que precisaria fazer. Como Bennahmias desejava viver, ele teve que encontrar maneiras de assimilar o funcionamento do universo concentracionário, e rápido. A violência presenciada ficava cada vez mais grotesca

com meus próprios olhos, vi um oficial alemão atirar uma vez no olho e depois na orelha de um bebê de três ou quatro meses de idade, mas o bebê ainda mexia a mão, então ele atirou novamente e depois deixou-o cair no cimento. Outra vez, testemunhei dois oficiais da SS atirarem cerca de uma dúzia de crianças por cima das cabeças dos outros já amontoados na câmara de gás. Agora, se isso não faz de você, digamos, diferente do que era antes, ficarei muito surpreso²⁹⁷ (Fromer, 1993, pp. 40-41, tradução nossa).

Ele descreve o trabalho realizado na sala de despir e como alguns prisioneiros arriscavam “organizar” objetos de valor encontrados entre os pertences dos judeus assassinados. Para que o risco da rapinagem possa ser dimensionado, ele menciona a vez em que prisioneiros foram destacados para uma inspeção surpresa e um deles portava certa quantidade de ouro. Os guardas o encharcaram de gasolina e o incendiaram vivo, o “tiro de misericórdia” só foi dado depois que o homem alcançou a cerca para a qual os nazistas mandaram que ele corresse. Bennahmias também aborda o trabalho de limpeza da câmara de gás que precisava ser cuidadosamente lavada e pintada com uma tinta de secagem rápida a base de cal para cobrir os arranhões nas paredes. A chegada dos judeus húngaros é mencionada e, com ela, a mudança no alojamento dos homens do *Sonderkommando*. Os prisioneiros lotados nos crematórios II (1) e III (2), passaram a dormir na parte superior do próprio crematório. Danny também conta com detalhes o que sucedeu à tentativa de fuga de Alberto Errera, admirado e conhecido oficial do exército grego e provável autor das fotografias feitas pelo *Sonderkommando*. Após ser baleado durante o esforço de evasão do Campo, os seus restos mortais foram retirados do rio Vístula e levados a Birkenau. Todo o seu corpo, incluindo a cabeça, foi serrado ao meio, eviscerado e exposto pelos nazistas. Os demais prisioneiros tiveram que marchar diante dessa assombrosa exposição que servia como um aviso. Mais uma de muitas cenas de horror indescritíveis.

²⁹⁷ “With my own eyes, I saw German officer shoot a baby of three or four months of age once in the eye and then once in the ear, but the baby still moved its hand, so he shot it again, and then dropped it on the cement. Another time, I witnessed two SS Officers toss a dozen or so children in over the heads of the others already crammed into the gas chamber. Now, if that doesn’t make you, let’s say, different than you were before, I will be very surprised.”

Mencionamos que pequenos grupos não eram gaseados. Nesses casos os deportados eram mortos, um por vez, com um tiro na nuca de uma arma de baixo calibre. Bennahmias conta que os *Sonderkommandos* ficavam incumbidos de segurar os corpos antes que eles caíssem no chão e de levá-los aos fornos. Nos Crematórios II (1) e III (2) a ação ocorria na própria sala em os fornos crematórios estavam localizados. Duas situações de assassinato com esse método foram destacadas por Danny: 1. Um judeu holandês aguardava a sua vez de ser levado para uma sala do crematório no andar superior enquanto, um por um, os seus companheiros eram levados. Depois que cada pessoa chegava ao destino ele ouvia um tiro soar. Logo ele entendeu o que estava por vir e quando chegou a sua vez, o judeu holandês se pôs a cantarolar com os braços abertos “*The blue Danube*” até o seu último suspiro. O SS que atirou na nuca do prisioneiro completou a melodia cantarolada sem interrompê-la e sem perder o ritmo. Isso causou enorme impressão em Bennahmias. 2. A segunda situação envolveu uma judia vienense, cantora de ópera que foi reconhecida pelo guarda designado para matá-la. O SS elogiou o trabalho da cantora, mencionou quais peças estreladas por ela foram assistidas, eles conversam amistosamente sobre a vida cultural na Europa, ele lhe oferece um cigarro e quando a conversa chegou ao fim, o guarda simplesmente a mata. O que lhe chamou a atenção nessa ocasião foi a humanidade demonstrada pelo guarda em relação à cantora de ópera, mesmo tendo que cumprir o seu dever. Os relatos pinçados por Bennahmias mostram que a morte que atravessa a vida no universo concentracionário se torna banal para quem a executa.

Bennahmias se recorda de situações que demonstram o cuidado que os prisioneiros tinham uns com os outros durante o encarceramento. Como, por exemplo, na ocasião em que Baruch Venezia foi levado ao Crematório III (2) para ser executado. O seu filho, Hugo Venezia, trabalhava como *Sonderkommando* nesse crematório e foi retirado do local pelos seus companheiros antes da chegada de seu pai. Eles queriam poupá-lo de assistir a morte do pai. Baruch Venezia, enquanto era levado até o SS executor, questionava o porquê de ter sido escolhido para morrer sendo que ainda tinha força para trabalhar. Danny Bennahmias também se lembra das imitações e gracejos de Marcel Nadjary que faziam com que todos, até mesmo os judeus poloneses que sempre ridicularizavam os judeus gregos, chorassem de rir. Sem a parceria de Saul Hazan/Chazan, Marcel Nadjary e Leon Cohen, ele não teria sobrevivido, afirma. Todos os três tinham alguma habilidade que contribuiu para a sobrevivência do grupo, enquanto Danny “era o parasita. Eles cuidaram de mim. Eu era o mais novo²⁹⁸” (Fromer, 1993, p. 60, tradução nossa).

²⁹⁸ “was the parasite. They took care of me. I was the youngest.”

De Giuseppe (Joseph) Barouh (Baruch), judeu grego de Tessalônica, Danny ouviu pela primeira vez que havia um plano para explodir os crematórios seguido de uma fuga coletiva dos prisioneiros do *Lager*. Por questões de segurança a data não lhe foi revelada. O sinal para o levante viria do Crematório V (4) e aconteceria por volta das 14h30 ou 15h para coincidir com a troca de turno dos guardas. A missão de Danny, de Dario Gabai e de um judeu polonês não nomeado, era atacar e subjugar os guardas da SS que estivessem dentro do seu crematório. Era essencial que pegassem as suas armas. Com as armas eles deveriam render os SS que faziam a vigilância da torre localizada entre os crematórios II (1) e III (2). Um plano ingênuo que nunca foi colocado em prática em razão da morte do *Kapo* Kamiński. O questionamento do oficial da SS sobre a localização de armas escondidas, comentado por Leon Cohen, também é mencionado por Bennahmias. Ele também fala sobre a nova data prevista para o levante e o seu adiamento em razão da chegada de um novo comboio, porém, não se detém nesses tópicos.

Algumas semanas depois da data em que aconteceria a revolta, sem que ele esperasse, do crematório IV (3) subiu uma grande nuvem de fumaça. Acordados com o barulho de tiros, Danny e outros prisioneiros que estavam descansando – os que trabalhavam no turno da noite e dormiam durante o dia – seguiram em direção à porta do crematório, mas se detiveram e retornaram. Ao olhar pela janela viram que os SS que deveriam matar – segundo o plano original – haviam trancado a porta do crematório e seguiam em direção ao tiroteio. Bennahmias e outros homens do *Sonderkommando* ficaram com receio do que aconteceria com eles. Algum tempo depois que a agitação no Campo cessou, houve uma negociação entre Koczak e os SS para que os temerosos homens do *Sonderkommando* saíssem do Crematório III (2). Posteriormente, o judeu grego Isaac Venezia contou o que viu e ouviu do levante – ele trabalhara no prédio do crematório IV (3) ou V (4). Assim como Nadjary, Bennahmias foi designado para o desmonte dos crematórios que não estavam mais em uso. Em 18 de janeiro de 1945, dia da evacuação do Campo, “os homens do *Sonderkommando* sabiam que sua única chance seria dispersar-se entre os prisioneiros. De agora em diante eles não conversariam nem procurariam um ao outro. (...) Eles conspiraram para viver sem dizer uma palavra, e se reconheceriam em silêncio²⁹⁹” (Fromer, 1993, p. 84, tradução nossa).

Enquanto Bennahmias trabalhou no *Sonderkommando* a exigência psíquica superava o gasto físico de energia, porém, a marcha da morte e as condições de vida em Ebensee

²⁹⁹ “the men in the *Sonderkommando* knew that their only chance was to disperse among the prisoners at large. From now on they neither would talk to one another nor seek one another out. (...) They had conspired to live without uttering a word, and they would acknowledge one another in silence.”

esgotaram o jovem judeu grego. Ele estava mais morto do que vivo, lentificado e doente, “o que faz um homem continuar? Ele não sabe. Mas ele tenta. Ele tenta e falha. Ele está acabado³⁰⁰” (Fromer, 1993, p. 97, tradução nossa). Bennahmias foi levado ao hospital do Campo, mas o seu funcionamento era precário. Um dia, enquanto estava deitado na cama

ele verá um prisioneiro do Sonderkommando de Auschwitz-Birkenau que abastecia as fornalhas como Heizer [foguista], um polonês chamado Alter, era trazido pelo corredor auxiliado por uma pessoa de cada lado. Este homem, Alter, outrora tão alto e forte, outrora tão aparentemente invencível (...). O sistema o consumiu completamente e tudo o que lhe é reconhecível é o seu rosto. (...) Outro dia, Pepo é trazido. Pepo. Imagine isso. Ele não só é trazido com a ajuda de outra pessoa, mas também é colocado na mesma cama que Danny. Não se engane sobre isso. Ele está morrendo e Danny está morrendo³⁰¹ (Fromer, 1993, pp. 99-100, tradução nossa).

Pouco depois que os americanos chegaram e libertaram o Campo, Pepo, ou Giuseppe Barouh cujo nome também é grafado como Joseph Baruch, morreu enquanto dividia o leito do hospital com Bennahmias. Albert Jachon, membro do *Sonderkommando*, também morreu poucas horas após a libertação do Campo para o qual fora enviado. Não se sabe quantos membros do *Sonderkommando* sobreviveram, mas esse relato evidencia que dos cem homens que sorrateiramente escaparam dos nazistas, nem todos chegaram ao fim da guerra vivos. Bennahmias foi encontrado por Dario Gabai que, recorrendo à ajuda de outros judeus gregos sobreviventes, cuidou dele até que estivesse em condições de retornar à Grécia. Ao chegarem ao seu país de origem eles não tinham nada e ninguém estava preparado para ouvir o que tinham a dizer. Um judeu sefardita de nome Bati, sobrevivente da *Shoah* – não é esclarecido de qual Campo ele regressou –, decide em determinado momento contar a sua experiência. Imediatamente os judeus que sobreviveram na clandestinidade o acusaram de estar louco e perturbado. Por aproximadamente duas semanas Bati ficou internado em um hospício. Essa história correu entre os sobreviventes e os desanimou a revelar as suas histórias do *Lager*.

Ao retornar a Tessalônica, Bennahmias procurou o seu velho amigo Daniel Benveniste que conseguiu sobreviver se escondendo pela cidade após fugir de um transporte de caminhão que o levaria à morte. Como a guerra não deixou para eles nada, os amigos decidiram morar juntos. Todas as vezes que Danny saía com o seu amigo para alguma cafeteria, ele pegava um pedaço de pão e guardava no bolso da calça. Benveniste observa esse comportamento e o

³⁰⁰ “What makes a man go on? He does not know. But he tries. He tries, and he fails. He is finished.”

³⁰¹ “he will see a Sonderkommando prisoner from Auschwitz-Birkenau who stocked the furnaces as a Heizer, a Pole by the name of Alter, brought down the corridor assisted by an individual on either side. This man Alter, once so tall and strong, once so seemingly invincible, is tossed by the two (...). The system has consumed him utterly, and all that is recognizable is the man’s face. (...) Another day, Pepo is brought in. Pepo. Imagine that. He not only is brought in with the aid of another, but also is placed in the same cot with Danny. Make no mistake about it. He is dying, and Danny is dying.”

questiona sobre o estranho hábito, ao Danny responde: “nunca ficarei sem pão³⁰²” (Fromer, 1993, p. 110, tradução nossa). Em um dos encontros com Rebecca Fromer, é mostrado um esquema do complexo de Auschwitz-Birkenau. Eles identificam alguns dos subcampos, localizam onde ficavam os crematórios e, então, uma única orientação toma conta de Bennahmias

“Quero aprender”, diz Danny, “quero saber o que aconteceu comigo”. (...) Por um momento, Danny recosta-se na cadeira giratória. “Eu sei porque não me lembro”, diz ele. “Não me lembro porque nunca pensei que viveria; era inconcebível para mim que de alguma forma eu poderia sobreviver. Se eu tivesse que fazer tudo de novo, eu tentaria. Eu tentaria, porque estou convencido de que isso pode acontecer novamente. Passei a acreditar que todos são capazes de cometer os crimes mais terríveis e que é inútil pensar que outra pessoa é o monstro. Nós também temos essa capacidade”. (...) “Há entre nós aqueles que podem e permanecem incorruptíveis, mesmo no quadro de algum Auschwitz”, digo. “Isso é verdade”, afirma, “mas são muito poucos”³⁰³ (Fromer, 1993, pp. 113-114, tradução nossa).

Daniel Bennahmias se casou na Grécia, em 1951, e depois se mudou para os Estados Unidos, onde nasceram os seus dois filhos. Ele faleceu em 22 de outubro de 1994, poucos meses após a publicação de seu testemunho.

4.6 Alter Feinsilber (Stanisław Jankowski)

Durante dois anos trabalhei com o Sonderkommando encarregado de operar os crematórios de Auschwitz, especialmente em Birkenau. Por isso, tenho muitas informações relativas ao tratamento dispensado aos prisioneiros de Auschwitz por parte dos alemães e desejo testemunhar sobre esta questão, bem como indicar a localização dos documentos que eu e os meus colegas prisioneiros escondemos. Estes incluem as nossas notas detalhando o número de prisioneiros que foram incinerados e as datas em que isso aconteceu. Além disso, algumas evidências físicas foram preservadas, como uma câmera, gás em recipiente lacrado e outros objetos. Devo dizer que cheguei hoje a Cracóvia para tratar de assuntos pessoais com o PPR (Partido dos Trabalhadores Polacos). Não tenho meios de subsistência e não tenho onde morar³⁰⁴ (Chronicles of terror/Feinsilber, 1945, tradução nossa).

³⁰² “I’ll never be without bread.”

³⁰³ ““I want to learn”, says Danny, “I want to know what happened to me”. (...) For a moment, Danny leans back in his swivel chair. “I know why I don’t remember”, he says. “I don’t remember because I never thought I would live; it was inconceivable to me that somehow I would survive. If I had to do it all over again, I would try. I would try, because I am convinced that it can happen again. I have come to believe that everyone is capable of committing the most appalling crimes, and that it is useless to think someone else is the monster. We have this capacity, too”. (...) “There are those amongst us who can and do remain incorruptible, even within the framework of an Auschwitz”, I say. “That is true”, he relies, “but they are very few”.”

³⁰⁴ “For two years I worked with the Sonderkommando, which was tasked with operating the crematories at Auschwitz, especially at Birkenau. Because of that, I have plenty information pertaining to the treatment of Auschwitz prisoners on the part of the Germans and I wish to testify concerning this issue, as well as indicate the locations of documents which myself and my fellow prisoners hid. These include our notes detailing the numbers of prisoners who were incinerated and the dates when it happened. Additionally, some physical evidence has been preserved, such as a camera, gas in a sealed vessel, and other objects. I should say that I have arrived in Kraków today on personal business with the PPR (Polish Workers’ Party). I have no means of livelihood and I have no place to live.”

Alter Feinsilber nasceu em 23 de outubro de 1910, em uma pequena vila da cidade de Łuków na Polônia. A sua família era numerosa – cinco irmãos e seis irmãs – e pobre, razão pela qual nunca frequentou qualquer escola. Ele aprendeu a ler e a escrever sozinho e logo se lançou ao mundo. Ele foi preso ao menos cinco vezes na juventude por associação a sindicatos e por conexão com o partido comunista. Em 27 de março de 1942, Feinsilber chegou a Auschwitz após doze dias de viagem em comboio vindo da França, onde havia sido detido pelos nazistas. Os judeus foram recebidos com violência. Na época em que chegou ao *Lager* os nazistas ainda fotografavam e cadastravam os prisioneiros deportados. Enquanto estava em quarentena chamou-lhe a atenção o aspecto deplorável dos prisioneiros judeus poloneses que chegaram ao Campo duas semanas antes. Quase todos tinham se tornado muçulmanos – nome que passou a conhecer naquela ocasião através de prisioneiros veteranos –, o que os assustou. Muito do que Feinsilber menciona sobre o período de quarentena encontramos também no relato de Filip Müller: os exercícios físicos extenuantes, a comemoração do crescente número de mortos por exaustão a cada dia, a violência, a fome e o trabalho inútil e desgastante. Os dois chegaram ao *Lager* com poucas semanas de diferença, porém, Feinsilber só foi designado para o trabalho no crematório de Auschwitz I em novembro de 1942. Por ser carpinteiro de profissão, no primeiro momento, ele exerceu essa função no Campo.

O principal recorte do testemunho que lemos aqui foi prestado por Feinsilber em 16 de abril de 1945 para a Comissão para Investigação de Crimes Alemães-Nazistas de Auschwitz. Tão logo foi possível ele retornou ao *Lager* e se prontificou, do mesmo modo que Mandelbaum e Müller, a conceder o seu testemunho (Bezwińska & Czech, 2013). A forma como os testemunhos foram prestados para fins de investigação logo após o fim da guerra se difere da maneira como eles aparecem nas investigações históricas posteriores. Os últimos tendem a ser mais pessoais e ricos em detalhes (Chare & Williams, 2019a) enquanto os primeiros são mais formais e estiveram mais expostos a interferência a fim de darem ênfase a um ponto mais específico da experiência. Apesar de detalhes relacionados à metragem dos prédios, à quantidade de corpos cremados e outras informações desse tipo, os depoimentos tendem a ser mais concisos.

Nós, os trabalhadores inexperientes, geralmente éramos empregados para fazer tudo o que estava relacionado com a cremação e o transporte de cadáveres, nós os jogávamos nos cremadores e transportávamos as cinzas. (...) Além disso, 2 ou 3 vezes por semana aconteciam nesta sala de cadáveres as chamadas “bagunças”, isto é, grupos maiores ou menores, [mas] não superiores a 250 pessoas (de diferentes sexos e idades) eram trazidos para cá e depois de despidas, eram baleados. Essas pessoas vinham de fora do campo, o que significa que não eram prisioneiros de

Auschwitz. Elas foram presas pela Gestapo em diversas localidades e levadas ao crematório para serem fuziladas sem terem sido inseridos nos registros do campo. Os prisioneiros de Auschwitz foram submetidos à “bagunça” apenas em poucos casos. (...) Depois éramos chamados à sala onde aconteciam as execuções e nós, judeus, levávamos os corpos ainda quentes e sangrando para os cremadores. A cada hora retirávamos 30 corpos³⁰⁵ (Feinsilber, 2013, pp. 42-43, tradução nossa).

As câmaras de gás eram utilizadas como instrumento de morte para grupos com mais de 200 pessoas. Em concentrações com menor contingente, o uso das câmaras não compensava, esclarece. Feinsilber menciona o recebimento de corpos vindos de *Krankenbau*, o hospital de Auschwitz localizado no Bloco 10. Lá as mortes eram causadas por injeção de fenol. Os prisioneiros gravemente doentes tinham medo de serem levados ao *Krankenbau* porque sabiam que poderiam encontrar a morte por meio de uma picada de agulha. Em especial no final de 1942, as mortes decorrentes desse método de assassinato eram frequentes. Também no Bloco 10 eram realizados experimentos pseudomédicos que produziam corpos fragmentados e retalhados que também eram queimados nos crematórios (Chronicles of terror/Feinsilber, 1945). As dimensões e o funcionamento do Crematório I são apresentados em detalhes no depoimento. Havia, quando Feinsilber foi forçado a integrar o *Sonder*, três *Kapos* e nove funcionários judeus regulares, dentre os quais ele era contado.

Além do uso do Crematório I, Feinsilber explana sobre os gaseamentos realizados na “casinha branca” e na “casinha vermelha” – também conhecidas como Bunker I e Bunker II que pareciam inocentes casas camponesas – e a utilização de fossas para a cremação dos corpos. Quando os crematórios de Birkenau foram instalados, em meados de 1943, nem todos os prisioneiros foram imediatamente enviados para as novas e mais modernas fábricas da morte. Feinsilber foi designado para o Crematório IV (3) e para o V (4) em julho de 1943. Há um detalhamento no depoimento de como eram os novos crematórios, a quantidade de fornos que cada um possuía e a capacidade de cremação. Ele também informa que antes da chegada dos comboios da Hungria, os turnos de trabalho eram iniciados às 5h e terminavam às 19h, com 15 minutos de intervalo para o almoço. Com a chegada dos judeus húngaros foram estabelecidos dois turnos de trabalho para que os assassinatos acontecessem de maneira

³⁰⁵ “We, the unskilled workers, were usually employed to do everything connected with the cremating and conveying of corpses, we threw them into the cremators and carted away the ashes. (...) Besides, 2 or 3 times weekly the so called “shambles” took place in this hall of corpses, that is, larger or smaller groups not larger than 250 persons (of different sex and age) were brought here and after having undressed, were shot. Such persons came from outside the camp, which means they were not Auschwitz prisoners. They had been arrested by the Gestapo in various localities and were brought to the crematorium to be shot without having been entered in the camp records. Auschwitz prisoners were subjected to the “shambles” in a few cases only. (...) Then we were called into the hall where the executions took place and we, Jews, used to take away still warm, bleeding bodies to the cremators. Every hour we would take away 30 corpses.”

ininterrupta. Em seu depoimento ele também apresenta os nomes e cargos de alguns nazistas responsáveis pelas operações nas câmaras de gás e fornos crematórios. Em declaração prestada por Feinsilber em 1985 e publicada por Setkiewicz (2011), o trabalho específico atribuído aos *Sonderkommandos* foi detalhado.

O Campo das famílias também aparece em seu depoimento, mas é feita apenas uma menção à sua existência e ao assassinato dos judeus tchecos seis meses depois, sem que nenhum deles tenha sido inserido no registro do Campo. Ele informa que o número de pessoas mortas sem terem sido registradas foi muito maior do que as inscritas. É em razão disso que o número total de mortos em Auschwitz não pode ser precisado e sim estimado. Apesar de não fazer um relato detalhado como Gradowski ou Müller, Feinsilber alude à ocasião em que uma mulher desarma um SS na sala de despir e consegue matar um outro SS. A violência de Otto Moll não ficou fora do seu relato:

Aconteceu de alguns prisioneiros oferecerem resistência quando estavam prestes a serem baleados no fosso ou que crianças chorassem e então o Oberscharführer Moll as jogava vivas nas chamas das fossas. Fui testemunha ocular do seguinte incidente: Moll disse a uma mulher nua para se sentar sobre os cadáveres perto da fossa e enquanto ele próprio atirava nos prisioneiros e jogava os seus corpos na fossa em chamas, ordenou-lhe que saltasse e cantasse. Ela fez isso, na esperança, é claro, de porventura salvar sua vida. Depois de atirar em todos eles, ele também atirou nessa mulher e seu corpo foi cremado³⁰⁶ (Feinsilber, 2013, p. 56, tradução nossa).

Esse é um evento narrado por mais de um sobrevivente. A situação do rapaz descoberto roubando ouro que foi enxarcado de gasolina e incendiado também é relatada. Porém, um pouco diferente do que foi dito por Bennahmias, Feinsilber conta que a primeira coisa sucedida à descoberta do furto foi o rapaz ser pendurado pelas mãos e torturado até que entregasse quem estava associado a ele. A tentativa frustrada de fuga de Daniel Obstbaum e outros cinco membros do *Sonderkommando* não nomeados também é mencionada. Em retaliação, 200 homens do Esquadrão Especial foram assassinados em fevereiro de 1944. As difíceis condições de vida no Campo cigano também estão presentes no seu depoimento e de igual modo é retratada a forma como os nazistas se aproveitavam disso, inclusive com abuso sexual das mulheres ciganas (Chronicles of terror/Feinsilber, 1945). Ele conta que, às vezes, alguém sobrevivia ao gaseamento e para que a pessoa não fosse queimada viva, os guardas da

³⁰⁶ “It happened that some prisoners offered resistance when about to be shot at the pit or that children would cry and then Oberscharführer Moll would throw them alive into the flames of the pits. I was eyewitness of the following incident: Moll told a naked woman to sit down on the corpses near the pit and while he himself shot prisoners and threw their bodies into the flaming pit he ordered her to jump about and sing. She did so, in the hope, of course, of thus saving her life, perhaps. When he had shot them all he also shot this woman, and her corpse was cremated.”

SS davam-lhe um tiro de revólver. Parece que esse tipo de ocorrência não era tão incomum. Shlomo Venezia, por exemplo, relata que viu um bebê de dois meses sobreviver ao gaseamento, mas tal como ocorreu em outros casos, ele foi morto com um tiro. Por alto, a revolta – da qual ele afirma fazer parte – é mencionada. Durante a revolta, Feinsilber

pretendia fugir do campo e assim me encontrei no terreno de outro Kommando. Fui pego lá e punido com 200 golpes por estar fora do meu Kommando. Se os homens da SS soubessem da minha intenção de escapar, eu teria levado um tiro. No próprio campo de Birkenau, bem perto do crematório, enterrei a minha câmera, um resto do gás num contentor de metal e notas em iídiche relativas à força numérica dos transportes que chegavam para serem gaseados. Lembro-me dos locais onde escondi esses objetos e consigo apontá-los. (...) Concorro com a sua guarda e utilização de forma adequada, pois as notas foram feitas para memória da posteridade; não tínhamos esperança de viver para sermos livres. (...) Depois partirei para França via Tchecoslováquia. Declaro que no futuro usarei o nome e o sobrenome Stanisław Jankowski que assumi ainda quando estava na França, a fim de manter meu nome verdadeiro longe dos alemães. Desde aquela época e até agora tenho usado esse nome³⁰⁷ (Feinsilber, 2013, p. 67, tradução nossa).

Não há registro de nenhum pergaminho relacionado a Alter Feinsilber, possivelmente ele não foi recuperado. E se foi encontrado pela Comissão, o seu conteúdo não foi divulgado. Após a evacuação do Campo, Feinsilber conseguiu escapar do transporte que o levava para um campo de trabalho. Ele vagou por dois meses em território polonês antes de encontrar o Exército Soviético. Não há informações sobre a sua vida na França. Ele faleceu em 1987.

4.7 Shlomo Venezia

[Shlomo] Um dia o kapo me convocou e exigiu que lhe desse minhas moedas de ouro, “*die goldene Geld*”, como as chamou. Fingi não entender do que estava falando. Mas ele insistiu: “*Fünf goldene Geld!*” (As cinco moedas de ouro!) Se sabia o número exato das moedas era porque alguém certamente lhe dissera; não teria inventado isso do nada. Eu inclusive descobri, depois, quem me traiu. Enquanto isso, o kapo avisou que eu tinha 24 horas para trazer as moedas. Procurei meu irmão e primos e contei o ocorrido. Eles acharam que eu deveria entregá-las, *sendo inútil correr o risco de ser morto e ainda perder o dinheiro* (Venezia, 2010, pp. 73-74, destaque nosso).

Shlomo Venezia nasceu em 29 de dezembro de 1923, em Tessalônica, Grécia. Os seus antepassados, assim como os de Daniel Bennahmias, ao serem expulsos da Espanha se estabeleceram por um tempo na Itália antes de emigrarem para a Grécia. Em razão do tempo

³⁰⁷ “intended to make my escape from the camp and so found myself on the terrain of another Kommando. I was caught there and punished with 200 strokes for being outside my Kommando. If the SS men had known about my intention to escape I should have been shot. On the site of the camp at Birkenau, right near the crematorium I had buried my camera, the remainder of gas in a metal container and notes in Yiddish, concerning the numerical strength of transports arriving to be gassed. I remember the spots where I had hidden these objects and am able to point them out. (...) I agree to their keeping and using them in a proper manner, as the notes were made for the remembrance of posterity; we had had no hope to live to be free. (...) Then I shall leave for France via Czechoslovakia. I state that in the future I shall use the name and surname Stanisław Jankowski which I had assumed even while in France, in order to keep my real name from the Germans. Since that time and till now I have been using that name.”

em que ficaram na Itália, a sua família – composta por ele, seu pai, sua mãe, um irmão e três irmãs – possuía cidadania italiana. Como grande parte da comunidade judaica de Tessalônica, a sua família era pobre. Um ano após a morte de seu pai, aos 12 anos, Venezia abandonou a escola para trabalhar, pois precisava sustentar a família. Os rumores sobre o ódio violento aos judeus pregado pelo nazismo chegavam à Grécia, mas, naquela ocasião, a ameaça em relação a um possível futuro não preocupava tanto a família Venezia quanto o pão de cada dia.

Com a perda da proteção italiana, no final de 1943, Shlomo e o seu irmão Maurice procuraram o grupo de resistentes da Frente Nacional de Libertação na esperança de salvarem a sua mãe e as irmãs. Porém, não houve tempo de ganhar a confiança dos partisanos antes que fossem capturados. Em março de 1944, ele, Maurice e os seus primos Dario e Ya'akob Gabai foram levados ao campo de concentração de Haidari. Aproximadamente uma semana depois eles já estavam em um vagão de carga rumo a Auschwitz, onde desembarcaram em 11 de abril de 1944. Shlomo fora advertido por um amigo cristão grego de que deveria encontrar alguma maneira de fugir do trem, pois para onde os judeus eram levados “matam todo mundo!” (Venezia, 2010, p. 50). Naquela época era impossível acreditar que algo assim pudesse acontecer, a advertência do amigo não fazia sentido.

Cabe dizer que o testemunho que acompanhamos aqui foi produzido a partir de entrevistas realizadas entre 13 de abril e 21 de maio de 2006, conduzidas pela jornalista francesa Béatrice Pasquier e com o suporte do historiador italiano Marcello Pezzetti. As entrevistas foram publicadas no livro *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás*. Após a primeira seleção, o grupo de deportados passou pelo banho, pela raspagem dos pelos, o número foi tatuado no braço, deram-lhes roupas, mas nenhuma comida lhes foi entregue. Foi então que Venezia teve a ideia de oferecer ajuda a um dos barbeiros em troca de um pedaço de pão. A proposta foi aceita. Observar o universo concentracionário fez-lhe considerar “que as pessoas que sofreram na infância e tiveram de aprender a se virar sozinhas tiveram mais chances do que as mais privilegiadas para sobreviver e se adaptar no campo. Para sobreviver no campo, era preciso saber coisas úteis, e não filosofia” (Venezia, 2010, pp. 66-67). Segundo ele, a fome lhe era conhecida “desde sempre, mas ali se tornara uma obsessão, uma doença” (Venezia, 2010, p. 79). Por isso era imperativo saber se virar e se comunicar. Nesse primeiro momento, Venezia perguntou a um prisioneiro que falava iídiche onde estavam a sua mãe e irmãs, o homem “não respondeu e se limitou a me pegar pelo braço e me levar até a janela. Ali, apontou com o dedo a chaminé do Crematório. (...) compreendi que me dizia em iídiche: “Todos que não vieram com você já estão se libertando desse lugar”” (Venezia, 2010, p. 67). Impossível acreditar no que ouvira, teria compreendido

corretamente o que lhe disse o homem? Venezia que não falava ídiche aprendera algumas palavras em alemão durante a ocupação nazista na Grécia e assim tentava se comunicar com os falantes de ídiche.

Durante a quarentena Venezia ficou com o seu irmão, com os dois primos e um amigo de Tessalônica não nomeado. Possivelmente trata-se de Leon Cohen pois, em outro momento, ele diz que o seu amigo Leon Cohen estava o tempo todo com eles. Nessa época era permitido que conversassem com judeus de outros Blocos, desde que estivessem dentro da área de quarentena, mas “a falta de vontade de contar o próprio sofrimento às pessoas que passavam pela mesma coisa nos levavam a nos fechar em nós mesmos e nos refugiar no silêncio” (Venezia, 2010, p. 70). A sua situação de desânimo e silêncio piorou após ser designado para recolher os corpos de prisioneiros que morreram durante a quarentena. Os corpos às vezes ficavam semanas em um barracão aguardando serem levados ao crematório e, por isso, estavam em estágios de decomposição variados. Eles eram levados em uma espécie de carroça até o portão de acesso ao crematório onde um membro do *Sonderkommando* aguardava para levar a carroça para dentro. Mal sabia Venezia que, pouco tempo depois, ele junto com o seu irmão, seus primos e o amigo seriam designados para trabalharem naquele local. Quando o dia chegou, eles foram recebidos por Abraham Dragon que os tratou com destacada humanidade. Sessenta anos após a libertação do *Lager*, Venezia se encontrou com Abraham Dragon em Israel e o agradeceu pela gentileza com que os recebeu no crematório.

No primeiro dia os recém-chegados não fizeram nada além de arrancar as ervas daninhas que cresciam ao redor do Crematório II (1). O primeiro contato com os gaseamentos se deu quando Venezia foi levado para a “casinha branca”. Uma vez que os SS mandaram que ele fosse diretamente ao fundo da casa, não houve tempo de ver nada além de pessoas se despindo diante da porta da edificação. Ao chegar na parte de trás da construção ele viu surgir uma claridade estranha. Ao se aproximar

percebi que a luz era a de uma grande fogueira dentro de uma fossa, a cerca de 20 metros dali. (...) não se pensava em nada; não podíamos trocar sequer uma palavra entre nós. Não que fosse proibido, mas porque estávamos aterrorizados. Nos tornamos autônomos, obedecendo às ordens e tentando não pensar, para poder sobreviver por mais algumas horas. Birkenau era um verdadeiro inferno, ninguém pode compreender e nem entrar na lógica daquele campo. É por isso que quero contar, contar o quanto puder, mas me fiando exclusivamente em minhas lembranças, naquilo que tenho certeza de ter visto e em nada mais (Venezia, 2010, p. 85).

Diante dos corpos que queimavam, “achei que os mortos talvez tivessem mais sorte do que os vivos” (Venezia, 2010, p. 88), mas, ao mesmo tempo, não estava pronto para se juntar a eles. Como outras testemunhas do *Sonderkommando*, Venezia relata situações que

demonstram a violência desmedida de Otto Moll, também chamado por eles de *Malahamoves*, o anjo da morte. Designado para o Crematório III (2), Venezia atuou como “cabelereiro”, ou seja, ele era responsável por cortar os cabelos longos dos judeus gaseados. Próximo a ele estava o seu amigo Leon Cohen que trabalhava como “dentista” arrancando os dentes de ouro da boca dos mortos. Sobre a morte na câmara de gás, esclarece:

aquela morte podia ter sido tudo, menos uma morte suave. Era uma morte imunda, suja. Uma morte forçada, difícil e diferente para todos. Eu nunca havia contado isso até agora, é tão pesado e triste que tenho dificuldade em falar dessas visões da câmara de gás. Havia pessoas com os olhos saltados das órbitas dado o enorme esforço feito pelo organismo. Outras sangravam por toda parte, ou estavam sujas de excrementos, seus ou dos outros. Sob o efeito do medo e do gás no organismo, as vítimas evacuavam, muitas vezes tudo que tinham dentro do corpo. Alguns corpos estavam completamente vermelhos, outros muito pálidos; cada um reagia de um modo diferente. Mas todos sofreram até a morte. É bem comum pensar que o gás era lançado e pronto, as pessoas morriam. Mas de que morte!... Nós as encontrávamos umas agarradas às outras, cada um tendo procurado desesperadamente um pouco de ar. (...) Em um certo momento, sob uma pressão assim, em semelhante aflição, a gente se revela egoísta e só procura por uma coisa: se salvar. Era esse o efeito do gás. A imagem que se via ao abrir a porta era atroz, não se pode ter ideia do que era aquilo. Nos primeiros dias, apesar da fome que me torturava, eu mal conseguia tocar o pedaço de pão que recebia. O cheiro persistia nas mãos e eu me sentia sujo por aquela morte. Com o tempo, pouco a pouco, foi preciso se habituar a tudo aquilo. Tornou-se algo como uma rotina sobre a qual não se devia mais pensar (Venezia, 2010, pp. 90-91).

Ele precisou se habituar ao cheiro e às imagens que o envolviam diariamente, não somente para que pudesse voltar a comer, mas também para dormir à noite. Shlomo menciona que dois membros do *Sonderkommando* abriam as pesadas tampas de cimento localizadas acima da câmara de gás para que os SS jogassem por uma abertura o veneno Zyklon-B. Em alguns momentos ele próprio fez esse trabalho de erguer as tampas, “eu nunca, até agora, havia falado disso, pois é difícil admitir que devíamos erguer e depois colocar de volta a tampa, com o gás tendo sido lançado. Mas aconteceu assim” (Venezia, 2010, p. 93). Cerca de doze minutos após a ação do Zyklon-B não se ouvia qualquer barulho além do ronco da máquina que aspirava o gás para fora da sala. Às vezes, Shlomo trocava de função com algum colega que estivesse muito cansado de trabalhar nas câmaras de gás, pois o trabalho nas câmaras e nos fornos eram os mais extenuantes. Em outros momentos ele ajudava os colegas na sala de despir. O seu intuito era propiciar um ambiente o mais calmo possível, “não acho que possam chamar de “colaboração com os alemães” o fato de querer suavizar, ainda que minimamente, o sofrimento de quem ia morrer. Eu ajudava, por exemplo, os idosos a se despirem e tentava evitar que fossem espancados” (Venezia, 2010, p. 98). Nem sempre isso era possível e houve um momento em que ele próprio ficou irritado com uma senhora que não queria se desnudar. Todas as pessoas de um comboio se despirem demorava pelo menos uma

hora, mas podia chegar a duas, e os nazistas não cessavam de apressá-los. Shlomo Venezia descreveu detalhadamente outras atividades desempenhadas pelos membros do *Sonderkommando*. No período em que estava no crematório havia dois turnos de trabalho para que o funcionamento das câmaras de gás e dos fornos crematórios fosse contínuo – ele chegou no período em que os judeus húngaros eram levados a Birkenau. Venezia foi obrigado a participar dos assassinatos com tiro de baixo calibre na nuca dos deportados judeus, ou seja, da “bagunça” mencionada por Feinsilber. Essa era “a tarefa mais difícil de cumprir... Nada pode ser pior do que levar as pessoas à morte para que sejam executadas” (Venezia, 2010, p. 101). Para o conforto dos homicidas, algum tempo depois de adotarem esse expediente para assassinato, os nazistas mudaram a técnica

preferindo um fuzil a ar comprimido, pois a bala da pistola era muito forte e o impacto muito próximo fazia explodir o crânio da vítima. Os respingos incomodavam o alemão. Quem acompanhava a vítima devia estar ciente da técnica: era preciso segurá-la pela orelha com o braço esticado, o alemão atirava e antes que a pessoa caísse no chão devíamos ser hábeis o bastante e abaixar sua cabeça para que o sangue não esguichasse como um chafariz. Se por infelicidade um pouco de sangue atingisse o SS, ele se vingava e não deixava de nos dar uma punição ou até mesmo nos matar no próprio local. Isso quase aconteceu com meu irmão. (...) Como vê, os homens do Sonderkommando também eram obrigados a fazer esse tipo de coisa. Não se pode negar, dizer que tal coisa não existiu, que não é verdade. Neste caso, reconheço que me sinto um pouco cúmplice, mesmo não tendo matado. Não havia escolha, nem qualquer outra possibilidade naquele inferno! Se recusasse, o alemão teria saltado em cima e me matado imediatamente, para servir de exemplo (Venezia, 2010, pp. 102-103).

Se soubesse que iria sobreviver, afirma Venezia, teria encontrado alguma forma de anotar tudo para contar em detalhes o que viu no Campo. Ele se lembra de um dia em que um guarda da SS mandou o seu primo Ya’akob Gabai, que tinha uma bela voz de barítono, cantar. Ya’akob entoou canções patrióticas gregas que os alemães não compreendiam. Ecoando pelo Campo era possível ouvir o hino “*Tin Elliniki simea...*” cuja letra dizia: “a bandeira grega, meu Deus, como a amo, minha mãe, nunca abandonarei minha pátria aos estrangeiros, prefiro morrer”. Era como se os gregos, tendo vencido, estivessem naquele momento entrando no campo” (Venezia, 2010, p. 104). Um pensamento que produziu uma breve e efêmera distração.

Maurice, o irmão de Shlomo, foi designado para o Crematório IV (3) que ficava distante do Crematório III (2). Em razão disso eles não se viam. Quando aconteceu de conseguirem se encontrar, Shlomo soube que as condições de trabalho nos crematórios IV (3) e V (4) eram muito mais exigentes do que as impostas nos crematórios II (1) e III (2). Em vista disso, ele conversou com o *Kapo* Lemke, responsável pelo seu crematório, para que pudesse trazer o seu irmão para perto de si. Além de querer favorecer uma condição de

trabalho um pouco melhor para o irmão, havia uma outra questão de fundo: caso fossem executados – a expectativa era que não tardaria para esse dia chegar – ele preferia que morressem juntos. Ademais, a própria vida no *Sonderkommando* era mais suportável quando se tinha conhecidos por perto, pois enquanto “os judeus poloneses costumavam ajudar uns aos outros, (...) nós, sefardins, em geral estávamos em posições mais instáveis” (Venezia, 2010, p. 111). Uma posição de fragilidade relatada por outros judeus gregos. Em algumas ocasiões

há quem me pergunte se não era melhor ter dado um fim a tudo aquilo. Acho que muito provavelmente, mas eu não pensava nisso, era preciso seguir em frente, dia após dia, sem se fazer muitas perguntas: continuava a viver, mesmo se a vida fosse terrível. Que eu saiba, ninguém se suicidou no Sonderkommando³⁰⁸. Sei que alguns já disseram que queriam viver a qualquer preço. Quanto a mim, acho que preferia morrer. Mas então me vinha à cabeça uma frase de minha mãe: “Enquanto se respira, há vida”. Estávamos muito perto da morte, mas íamos adiante, dia após dia. Acho que era preciso uma força particular para suportar tudo aquilo; uma força moral e física (Venezia, 2010, p. 112).

Aos prisioneiros comuns, encarregados de trabalhar na extensão da estrada de ferro próxima ao Crematório, era permitido que cantassem enquanto trabalhavam. Como ouviram dizer que havia judeus gregos como eles próprios no crematório e que nada lhes faltava, eles passaram a inventar canções em ladino – uma língua que os nazistas não entendiam – para pedir que fossem enviadas roupas e comidas para eles. Há relatos de canções serem usadas no Campo para passar informações que ultrapassavam os muros e os arames farpados, de modo que esse não foi um caso isolado. Após certa hesitação por parte dos judeus gregos do *Sonderkommando*, o pedido foi atendido. Os homens do Esquadrão Especial jogaram sobre o muro uma trouxa de roupa com pão dentro. O SS que acompanhava o trabalho dos prisioneiros comuns não se importou e deixou que pegassem o embrulho, mas Moll viu a cena de longe e chegou furioso ao crematório para punir os responsáveis. Quem lançou o pacote foi punido com 25 chicotadas e os demais participantes, entre eles o próprio Shlomo, receberam uma porção bem menor do castigo.

A fuga de Alberto Errera³⁰⁹ também é detalhada por Venezia, bem como o modo como o seu corpo foi desmembrado e desfigurado e, em seguida, exposto como advertência aos demais prisioneiros. Tudo o que souberam sobre o evento foi contado por Hugo Venezia – apesar do sobrenome, Hugo não era parente de Shlomo – que foi testemunha ocular de toda a ação. No dia seguinte à tentativa de fuga de Errera, Hugo Venezia foi levado pelos nazistas e

³⁰⁸ Como mencionamos esses casos eram raros, mas aconteceram. Pode não ter acontecido no período e no crematório em que Shlomo trabalhava.

³⁰⁹ Alberto Errera também tem o seu nome transliterado como Alberto Herrera e, às vezes encontramos ele sendo nomeado pelo seu apelido: Alex ou Alekos. No testemunho de Venezia encontramos a designação Alex ou Alekos Herrera.

não foi mais visto – provavelmente foi torturado até a morte para que revelasse o que sabia sobre a investida de escape. Quando o corpo de Alberto Errera foi levado à sala dos fornos, os homens do *Sonderkommando* recitaram o *Kadish* e, então, o queimaram. Não havia muita conversa entre os homens do *Sonderkommando*, seja porque falavam línguas distintas, seja porque não havia muito o que dizer. Não raro eles desconheciam os nomes uns dos outros e, quando o prenome era sabido, os sobrenomes eram ignorados. Disso se esclarece a importância dos nomes próprios nos testemunhos, pois isso mostra uma proximidade e um certo cuidado com as pessoas conhecidas.

Em relação à “organização” e as coisas que conseguiam com ela, Venezia destaca a participação no mercado paralelo de contramestres poloneses de Oświęcim. Quando essas equipes prestavam serviço na área dos crematórios, não sem correr sérios riscos, eles faziam negócios com os homens do *Sonderkommando*. Um jornal, por exemplo, podia ser trocado por um anel de ouro, “em geral, essas trocas arriscadas passavam por várias mãos e aconteciam discretamente, no momento em que se ia buscar a sopa” (Venezia, 2010, p. 122), pois quem era designado para buscar a comida conseguia contatar outros prisioneiros. A partir desse estratagema a revolta foi organizada. A revolta, ele afirma, foi coordenada com a Resistência polonesa presente no Campo e fora dele. Esses últimos sempre pediam para protelar o início do levante “e aproveitavam para pedir mais dinheiro para a compra de armas. (...) Para eles, cada dia passado significava mais dinheiro para armamento e maior esperança de serem salvos pelo avanço das tropas soviéticas” (Venezia, 2010, pp. 139-140).

A ideia da revolta já existia desde bem antes da minha chegada ao campo. Sobreviveu às diversas seleções graças a certos kapos, como Lemke ou Kamiński, que estavam lá havia muito tempo e se encarregaram de organizá-la. Kamiński era o chefe dos kapos dos Crematórios, mas era também a cabeça da revolta e um homem que todo mundo respeitava. (...) Os contatos se faziam, como já disse, no momento em que íamos buscar a sopa ou no campo das mulheres, a que certos homens do *Sonderkommando* tinham acesso especial. Eles levavam dinheiro, que passava por várias mãos até chegara os membros da Resistência, fora do campo (Venezia, 2010, p. 141).

Shlomo foi informado da movimentação para o levante apenas no último momento. Ele acredita que não foi envolvido nos preparativos porque era muito jovem e havia chegado há pouco tempo no *Lager*. Ele, assim como Mandelbaum e Bennahmias, só foi avisado no dia anterior. O *Kapo* Lemke informou, pessoalmente, cada um sobre o que estava por vir. Tudo começaria pelo Crematório II (1) que daria o sinal para os outros crematórios agirem. Todos os detalhes do plano foram transmitidos por ele e o que se esperava que cada um fizesse quando a hora chegasse, “mesmo que toda esperança fosse vã, estávamos convencidos de que era melhor agir e sermos mortos do que morrer sem nada ter tentado” (Venezia, 2010, p. 143).

Ele segue: “a esperança nem era tanto a de sobreviver, mas a de fazer algo, se rebelar, não continuar daquela maneira. (...) Morrendo ou não, o que importava, acima de tudo, era a revolta” (p. 143).

Durante o levante, no Crematório III (2), Shlomo desceu com um prisioneiro de guerra soviético até o subsolo. O soviético possuía um punhal e uma machadinha escondidos em sua roupa. O plano era que os dois atacassem um dos homens da SS que seria atraído para o local da emboscada. Eles aguardaram por duas horas e nada aconteceu. Foi então que receberam o aviso de que o plano havia sido abortado. A sobrevivência dos prisioneiros daquele crematório foi atribuída ao *Kapo* Lemke que ordenou que nada fosse feito. Depois que a saída dos homens do Crematório III (2) foi negociada com os nazistas por Lemke, um grupo de trinta homens foi separado para operar o Crematório II (1), entre eles estava Shlomo Venezia. Foram 36 horas de trabalho seguidas. A revolta, sabemos, aconteceu de modo diferente do que havia sido planejada e o que se sucedeu foi reportado a ele por Isaac Venezia – apesar do sobrenome, Isaac também não era seu parente – que conseguiu escapar do centro do confronto. Enquanto um pequeno grupo ficou responsável pelos fornos em funcionamento, a maior parte dos homens do *Sonderkommando* se ocupou do desmonte dos crematórios. A escassez começava a pesar no final de 1944. A fim de tentar se virar da melhor maneira possível, Shlomo fez uma parceria com outro prisioneiro grego, Shaul Chazan, para que um vigiasse o perímetro e o outro procurasse itens de valor. Na época uma carteira de ouro só valia dois pães e um pedaço de salsicha e já não havia muitos objetos a serem negociados.

Ele aprendeu a lição que muitos dizem ter conhecido nos *Lager*: “a solidariedade só existe quando se tem o suficiente para si; caso contrário, para sobreviver é preciso ser egoísta. (...) Nós tínhamos o bastante para comer e podíamos, então, tentar passar alimentos para os outros, mesmo que para isso fosse preciso correr alguns riscos” (Venezia, 2010, p. 127). A solidariedade aqui está sendo medida em razão da fome e da possibilidade de se alimentar de modo que, nos últimos meses e semanas de encarceramento, a solidariedade estava minguando na mesma proporção que os alimentos se tornavam escassos. Certa feita, enquanto auxiliava na sala de despir, Shlomo encontrou um primo de seu pai, Léon Venezia. Ele fora enviado para a câmara, pois o seu joelho estava inchado e não melhorava. Léon suplicou para que fosse admitido no *Sonderkommando* e, após resistir por um tempo, Shlomo conversou com um SS. Foi inútil, o SS não quis saber daquele assunto. Shlomo então pegou uns pedaços de pão e um punhado de sardinhas em conserva e deu ao primo de seu pai enquanto o levava para a câmara de gás. Antes de cremá-lo, Shlomo e o seu irmão recitaram o *Kadish*.

Questionado se pensava no futuro enquanto estava encarcerado no *Sonderkommando* ele responde que não, que o seu horizonte era o momento de sua morte

alguns dizem ter resistido porque mantinham uma esperança de se libertar, um dia. Quanto à mim, nunca pensei que poderia me livrar daquele inferno, jamais. Não creio que membro algum do Sonderkommando nutrisse uma esperança tão ingênua. Não havia meio algum de escapar. Somente um milagre... E ninguém mais acreditava em milagres. Continuávamos, dia após dia, sabendo que o fim se aproximava (Venezia, 2010, p. 131).

Eis que

na noite de 17 de janeiro, excepcionalmente, o guarda SS nos acompanhou até o barracão e disse que estávamos absolutamente proibidos de sair. Inclusive acrescentou, como se já não o soubéssemos: “Coitado de quem tentar!” O fato de ele insistir, daquela maneira, em algo que era evidente para todos nós pareceu suspeito. Ainda mais porque, voltando ao barracão, tínhamos passado por várias filas de prisioneiros saindo do campo como se fossem trabalhar, já ao cair da noite (deviam ser, mais ou menos, 18h). No caminho, eu discretamente perguntei a alguém: “*Was ist?*” (O que está havendo?) A pessoa respondeu baixinho: “*Evakuieren!*” Não tardei a compreender que, se todo mundo estava sendo evacuado, exceto o Sonderkommando, ao qual se ordenara, com insistência, que não se mexesse, é porque tinham a intenção de nos prender em uma armadilha como ratos, e nos matar. (...) [no dia seguinte] assim que o alemão se afastou saímos e fomos nos juntar, discretamente, aos grupos que saíam do campo... (...) De vez em quando, durante a noite, um alemão passava entre os prisioneiros e berrava: “*Wer hat im Sonderkommando gearbeitet?*” (Alguém aqui trabalhou no Sonderkommando?). Evidentemente, ninguém respondia. Mais tarde, continuaram a fazer a pergunta regularmente, durante todo o trajeto, pois não tinham outro meio de nos localizar (Venezia, 2010, p. 154-155).

Após a libertação dos campos, quando estava em Ebensee, Shlomo foi diagnosticado com tuberculose. Os seus amigos, assim como ele próprio, não tinham recursos para se sustentar, não tinham família ou casa para onde voltar. Em razão disso, decidiram partir para a Palestina, via Itália. Ele conseguiu chegar até a Itália com o grupo, mas o seu quadro piorou a ponto de precisar ser enviado para o sanatório de Forlanini, onde ficou de julho de 1945 a novembro de 1946. Ele era o único judeu no hospital e o único interno que não recebia visitas. O seu irmão, primos e amigos partiram para reconstruir a vida. Shlomo foi apoiado por outras pessoas que lá estavam internadas. Durante o tratamento foi-lhe mostrada a fotografia de um homem que havia sido enviado para Auschwitz. Shlomo, que nunca soube o nome da pessoa, logo o reconheceu como um dos membros do *Sonderkommando* que fora morto durante a revolta. O homem se chamava Niccolò Sagi, ele soube depois.

Venezia foi transferido para um hospital administrado por uma organização judaico-americana onde ficou ainda vários anos internado – ao todo foram sete anos de cuidados médicos em diferentes hospitais. Infelizmente, mesmo com os tratamentos, ele acabou perdendo um dos pulmões. A organização *Joint Committee*, além de cuidar do tratamento de Shlomo, também pagava a moradia que dividia com outras duas pessoas, e o ajudou na sua

reintegração profissional. Enquanto esteve internado, Venezia recebeu cartas de seu irmão, Maurice, que se fixou nos Estados Unidos alguns anos antes. Eles se encontraram sete anos após a libertação, “passamos algumas horas juntos e ele se foi” (Venezia, 2010, p. 184). A sua irmã Rachel descobriu o seu paradeiro e também lhe escreveu. Eles se reviram em 1957, em Israel, onde ela morava. Apesar de tudo o que viveu, a única vez que se lembra de ter chorado ao se recordar do que passara em Birkenau foi quando visitou Rachel, 12 anos após a libertação do *Lager*. Nenhuma lágrima surgiu em seus olhos antes ou depois desse momento.

No pós-guerra Venezia ouviu muitos comentários absurdos a respeito dos homens do *Sonderkommando* abusarem dos corpos de mulheres mortas, “mas não passam de mentiras, histórias doentias de pessoas querendo despertar dúvidas e descrédito sobre os homens do *Sonderkommando*” (Venezia, 2010, p. 123). De tempos em tempos ele se perguntava se eles poderiam se recusar ou desobedecer às ordens, “mas a escolha não existia, os que recusavam eram mortos na frente dos outros, com uma bala na nuca e pronto” (Venezia, 2010, p. 126). Perguntado se viu pessoas se negarem a entrar no *Sonderkommando* ele menciona o dia que três judeus húngaros religiosos chegaram ao crematório. Eles vestiam túnicas, chapéus e papalotes. Como não aceitaram fazer parte do Esquadrão Especial, após fazê-los tirarem as roupas, os nazistas os mataram com um tiro de revólver. Para os alemães não era importante se alguns prisioneiros se recusassem, pois os mortos podiam rapidamente ser substituídos. A obediência era condição necessária para a preservação da vida dos prisioneiros. Havia um outro elemento na equação: “não podíamos mais raciocinar com nosso cérebro e pensar no que ocorria... (...) Frequentemente, hoje em dia, me faço a pergunta: o que teria feito se me obrigassem a matar? O que teria feito? Não sei. Teria recusado sabendo que imediatamente me matariam?” (Venezia, 2010, p. 128). Perguntas dessa ordem o assombravam após a libertação e “ainda hoje essas questões me atormentam” (p. 129).

O seu irmão nunca aceitou fazer palestras em escolas ou mesmo ser entrevistado. Ele dizia: “olhe só, eu também chego a pensar que tudo não passou de um pesadelo, que aquilo não pode ter existido. Imagine, então, os outros!” (Venezia, 2010, p. 130). Diferentemente de seu irmão, Shlomo considera que “exatamente por essa razão, por ser a tal ponto inimaginável, que quem pode contar deve fazê-lo” (p. 130). Ao ser perguntado sobre quando começou a falar sobre o que viu e viveu em Birkenau ele respondeu:

comecei muito tarde, pois as pessoas não queriam ouvir falar disso, não queriam acreditar. Eu não me negava a falar. Quando saí do hospital, encontrei um judeu e comecei a falar. De repente, me dei conta de que, em vez de me olhar, estava olhando para além de mim, para alguém que lhe fazia sinais. Me virei e surpreendi um amigo seu, gesticulando para avisar que eu era completamente louco. Parei, a

partir disso, não voltei mais a falar nesse assunto quando eu me via cara a cara com aquelas pessoas que não acreditavam, dizia a mim mesmo que era inútil insistir. Apenas em 1992, 47 anos depois da libertação, voltei a falar disso. O problema do antissemitismo estava ressurgindo na Itália. Cada vez mais, viam-se suásticas desenhadas nas paredes... Retornei a Auschwitz, pela primeira vez, em dezembro de 1992. Por muito tempo hesitei em acompanhar a escola que tinha me convidado, pois não me sentia preparado para voltar ao inferno. Meu amigo, Luigi Sagi, foi comigo. Eu não sabia que os nazistas tinham explodido os Crematórios ao partir. Foi, então, uma surpresa ver as ruínas. Voltei várias outras vezes, nos anos seguintes. Mas os guias poloneses me deixavam furioso: não levavam todos os grupos a Birkenau e apresentavam a história como se tudo houvesse ocorrido apenas em Auschwitz I. (...) Quando vou dar meu testemunho em alguma escola e o professor não preparou direito os alunos, me sinto profundamente ofendido. Já me aconteceu de ir a uma sala de aula, chegar antes do responsável e um menino me perguntar sobre o que iríamos falar. Mas, em geral, debates em escolas me dão muita satisfação. Às vezes recebo cartas muito comoventes de pessoas que se sensibilizaram com o que eu contei. É reconfortante saber que não se fala para o vazio, pois dar o testemunho representa um enorme sacrifício. Reavivo um sofrimento lancinante que nunca me abandona (Venezia, 2010, pp. 185-186).

Ele diz sofrer da doença dos sobreviventes que o ataca sempre que as coisas estão bem. Quando sente alguma alegria, de repente, ele é tomado por um desespero como se algo dentro de si ficasse bloqueado, “é algo que mina o interior e destrói qualquer sensação de alegria. Carrego isso desde aquele tempo de sofrimento no campo. Essa doença nunca permite um momento de alegria ou de descontração, é um fluido que permanentemente corrói minhas forças” (Venezia, 2010, p. 187). A experiência no *Sonderkommando*, pondera, lhe destruiu a possibilidade de ter uma vida normal, de se divertir, pois tudo o leva de volta ao Campo: “o que quer que faça, o que quer que veja, meu espírito sempre retorna ao mesmo lugar. É como se o “trabalho” que precisei fazer ali nunca tivesse realmente saído da minha cabeça... Nunca se deixa por completo o Crematório” (Venezia, 2010, p. 188). Ele destaca que essa talvez seja a diferença entre os sobreviventes do Esquadrão Especial e os demais prisioneiros. As coisas que os homens do *Sonderkommando* tiveram que lidar, afirma, teriam sido muito mais pesadas do que as suportadas pelos prisioneiros comuns. Estar o tempo todo em contato com os mortos ou com as vítimas que seriam mortas deixaram marcas profundas. Shlomo Venezia morreu em Roma, na Itália, em 1º de outubro de 2012.

4.8 Aaron Pilo

Não foi possível encontrar muitas informações a respeito de Aaron Pilo, judeu grego que chegou a Auschwitz em janeiro de 1943 e prestou depoimento em Traunstein, na Alemanha, em 12 de junho de 1945 (Setkiewicz, 2011). Ele começa o seu testemunho

dizendo que foi “forçado a trabalhar em um dos crematórios ali localizados³¹⁰” (Setkiewicz, 2011, p. 47, tradução nossa). Ele explica que havia quatro crematórios em Birkenau e que cada um podia queimar 3.000 corpos ao longo de um dia. De acordo com a sua estimativa cerca de cinco milhões de pessoas teriam sido queimadas nos quatro crematórios ao longo dos dois anos que ele foi forçado a trabalhar no Campo. Sabemos que essa estimativa é elevada, mas ele não foi o único sobrevivente do *Sonderkommando* a estimar esse montante de mortes. Pilo informou que trens chegavam todos os dias e que as seleções dividiam os deportados entre os aptos ao trabalho e os que seriam imediatamente assassinados. A encenação era montada e, “a fim de acalmar a ansiedade, os homens da SS informaram-lhes que agora tomariam banho e que as suas roupas seriam retiradas para serem desparasitadas³¹¹” (Setkiewicz, 2011, p. 47, tradução nossa). Após as pessoas serem trancadas na câmara de gás, um SS utilizando máscara despejava o gás a partir de pequenas escotilhas que davam acesso ao teto da câmara. Em poucos minutos todos estavam mortos.

Pilo seguiu dizendo que o trabalho do *Sonderkommando* consistia em preparar os corpos para a cremação, o que significa que eles arrastavam os corpos para fora da câmara, inspecionavam e retiravam os dentes de ouro, além de procurar por objetos de valor, cortavam os cabelos longos e transportavam-nos para o crematório. Os corpos, então, eram queimados. A partir da descrição que faz das atividades é possível inferir que Aaron Pilo trabalhou no Crematório II (1) ou III (2). Os fornos funcionavam 24 horas por dia em dois turnos, informa. Pilo testemunhou, também, que os foguistas membros do *Sonderkommando* derramavam água sobre os corpos para facilitar o seu deslocamento³¹². Não foram encontradas informações sobre Aaron Pilo após esse testemunho.

4.9 Szlama e Abraham Dragon

[Szlama Dragon:] No meu primeiro dia lá, quando vi as pessoas juntas – homens, mulheres, crianças – tive um forte ataque de ansiedade. Eu nunca tinha visto tal coisa. Fiquei tão chocado que decidi que não poderia continuar trabalhando lá. Eu disse ao meu irmão: “Não posso continuar fazendo esse trabalho”. Depois que todo o local foi limpo, olhei cacos de vidro de uma garrafa quebrada que estava ali, cortei meu braço e disse que não poderia continuar trabalhando. (...) eu me cortei, o sangue jorrou e eu falei: “não posso mais trabalhar”. (...) mas tive que continuar trabalhando. (...) eu queria morrer. Eu não sabia o que estava fazendo lá. Foi uma tragédia. Tantas pessoas morreram lá de uma só vez. Eles tinham todos a minha

³¹⁰ “forced to work in one of the crematoria located there.”

³¹¹ “In order to allay their anxiety, the SS men informed them that they would now be bathed, and their clothing taken for delousing.”

³¹² Há menção em outros testemunhos de que os *Sonderkommandos* também deitavam água sobre as estruturas metálicas que eram introduzidas nos fornos para que a pele dos corpos não grudasse nelas.

idade. Quando eu tinha visto tantos corpos antes? Sim, fiquei em choque total. (...) eu simplesmente não me importava com o que iria acontecer. Eu estava pronto para correr o risco. No meu caso, disse a mim mesmo, eu não voltarei a este trabalho³¹³ (Greif, 2005, p. 140, tradução nossa).

[Abraham Dragon:] Quando os transportes chegaram, caímos em profunda depressão. Mas não vi lágrimas nos olhos de ninguém. As lágrimas já haviam secado há muito tempo. Foi assim que acabamos nos acostumando com a rotina cruel de nossas vidas. Aceitamos o fato de que estávamos lá e ninguém mais. Tomamos isso como uma sentença do destino. Não nos sentíamos culpados por isso³¹⁴ (Greif, 2005, p. 167, tradução nossa).

Szlama Dragon, também conhecido como Shlomo, judeu polonês nascido em 19 de março de 1922, chegou a Auschwitz com o seu irmão Abraham, em 7 de dezembro de 1942 – um lugar do qual nunca se libertaram totalmente (Greif, 2005). Abraham nasceu em 18 de junho de 1919 na mesma cidade que Szlama, Zuromin, onde trabalhava como alfaiate. Logo que chegaram os irmãos perguntaram pelo restante das pessoas que foram levadas a Auschwitz com eles. Um prisioneiro veterano apontou para a fumaça que saía de uma chaminé e disse “olha, olha, é lá onde eles estão³¹⁵” (Greif, 2005, p. 130, tradução nossa). A resposta não fazia sentido. Dois dias depois da chegada dos irmãos, Otto Moll foi ao Bloco e afirmou o interesse de selecionar trabalhadores para uma fábrica de borracha. Moll examinou os prisioneiros e escolheu Szlama, Abraham e outros para trabalhar na tal fábrica. Na manhã do dia 10 de dezembro de 1942, Moll apareceu novamente e disse “*Sonderkommando raus*” (Setkiewicz, 2011, p. 60, tradução nossa), ou seja, “*Sonderkommando*, fora”. Os homens designados para o trabalho não sabiam o que na palavra *Sonderkommando* estava implicado e ninguém lhes explicou. Em torno de 200 pessoas foram levadas para a “casinha branca”. O grupo foi selecionado para substituir uma parcela dos membros do *Sonderkommando* que havia sido assassinada. A primeira cena vislumbrada por eles foi uma vastidão de roupas e sapatos, o que os deixou bastante confusos sobre o que estava acontecendo. Moll, então, informou que eles trabalhariam queimando pessoas idosas e infectadas com piolhos. Ele arrematou dizendo que quem não trabalhasse seria espancado e atacado pelos cães. Abraham,

³¹³ “On my first day there, when I saw the people together – men, women, children – I had a bad anxiety attack. I’d never seen such a thing. I was so shocked that I decided that I couldn’t go on working there. I told my brother, “I can’t keep doing this work”. After the whole place was cleaned up, I look bits of glass from a broken bottle that was lying there, slashed my arm, and said that I couldn’t continue to work. (...) I slashed myself, the blood spurted, and I said, “I can’t work anymore”. (...) but I had to continue working. (...) I wanted to die. I didn’t know what I was doing there. It was a tragedy. So many people had died there all at once. They were all my age. When had I seen so many bodies before? Yes, I was in total shock. (...) I just didn’t care what would happen. I was ready to take the risk. In my case, I told myself, I won’t go back to this work.”

³¹⁴ “When the transports came, we fell into deep depression. But I didn’t see any tears in anyone’s eyes. The tears had long since dried up. That’s how we eventually got used to the cruel routine of our lives. We accepted the fact that we were there and not anyone else. We took it as a decree of fate. We didn’t feel guilty about it.”

³¹⁵ “Look, look, that’s where they are.”

que tinha vinte anos na época, ficou com o grupo assinalado para recolher e organizar as roupas e os sapatos das vítimas. Szlama, e outras 11 pessoas, foi designado para pegar os corpos dentro da “casinha branca” e levá-los para o quintal. Ele descreveu a cena:

Quando Moll abriu a porta da casa, corpos caíram. Sentimos o cheiro do gás. Vimos cadáveres de ambos os sexos. O lugar todo estava cheio de pessoas nuas umas em cima das outras, caindo. (...) Quase todos nós entramos em choque. Nós nos entreolhamos sem emitir nenhum som e ficamos em silêncio. Estávamos com muito medo de fazer barulho. Ficamos assim por alguns dias e depois nos recompusemos novamente. Nunca tínhamos visto nada parecido antes. Foi a primeira vez na minha vida que vi um cadáver. Eu não sabia o que estava fazendo lá. Olhei para os outros. Todos eles ficaram loucos. (...) Eu tinha dezessete anos³¹⁶ (Greif, 2005, pp. 133-134, tradução nossa).

Estava terrivelmente quente na câmara de gás e dava para sentir o sabor adocicado do gás³¹⁷ (Greif, 2005, p. 136, tradução nossa).

Como não houve nenhum tipo de informação adicional quatro prisioneiros pegavam um corpo pelos braços e pernas. Vendo a cena, Moll se irritou e pegou um dos cadáveres e o levou sozinho para fora. Os homens recém-chegados ao *Sonderkommando* disseram que não conseguiriam fazer como ele, então foi combinado que fariam duplas para arrastar os corpos. Com os corpos deitados no pátio chegaram os “dentistas” e os “cabelereiros” para fazerem os seus trabalhos. Um grupo, então, pegou os corpos, colocou-os em um carrinho e os levou até a borda das fossas. Um outro grupo estava preparando as fossas, colocando longos troncos de árvores no fundo e por cima galhos e ramos secos. Havia pessoas responsáveis por tirar os corpos dos carrinhos e jogá-los dentro das fossas. Quando o trabalho de preparação foi finalizado, Moll derramou gasolina e ateou fogo. Enquanto as fossas ardiam, outros homens do *Sonderkommando* limpavam dentro da construção e caiavam as paredes. Quando o trabalho terminou Abraham e Szlama contaram um ao outro o que cada um teve que fazer (Greif, 2005). Szlama comenta que a “casinha branca” também era conhecida como “Bunker 2” e que o “Bunker 1” ficava, mais ou menos, a 500 metros e era conhecido como “casinha vermelha”. São fornecidos detalhes sobre as construções no entorno das casinhas. Naquela noite as equipes que trabalharam nas duas casinhas foram levadas para o alojamento murado onde os homens do *Sonderkommando* dormiam. Eles não tinham permissão para conversar

³¹⁶ “As Moll opened the door of the house, bodies fell out. We smelled gas. We saw corpses of both sexes. The whole place was full of naked people on top of each other, falling out. (...) Almost all of us went into shock. We stared at each other without uttering a sound and fell silent. We were too terrified to make a sound. We were like that for a couple of days and then we pulled ourselves together again. We’d never seen anything like it before. It was the first time in my life that I’d seen a dead body. I didn’t know what I was doing there. I looked at the others. They’d all gone out of their minds. (...) I was seventeen.”

³¹⁷ “It was terribly hot in the gas chamber and you could sense the sweetish taste of the gas.”

com prisioneiros de outros blocos, informam os irmãos (Setkiewicz, 2011). Abraham se lembra da primeira noite após o trabalho na casinha branca

Foi terrível, uma noite medonha. Pensei: “Como vou suportar isso? Como vou superar isso?” Começamos a conversar sobre isso e a explicar o que estava acontecendo ao nosso redor. Simplesmente não podíamos acreditar que algo assim pudesse existir. Deve ser um caso isolado, pensamos. Não sabíamos que os transportes chegavam um após o outro e que os alemães traziam judeus de toda a Europa para Auschwitz deste modo³¹⁸ (Greif, 2005, p. 143, tradução nossa).

Szlama acrescenta que as discussões sobre a situação deles vieram depois, pois na primeira noite eles estavam aturdidos e não tinham a dimensão do que era Auschwitz ou o que acontecia naquele Campo. Eles foram surpreendidos pelos eventos que testemunharam no primeiro dia, “nossos olhos viram, mas não entenderam. Havia médicos e intelectuais entre nós, éramos um grupo misto de pessoas e não entendíamos. Perguntamos um ao outro: “Onde estamos? O que está acontecendo aqui?”³¹⁹” (Greif, 2005, p. 143, tradução nossa). Szlama conseguiu que ele e o irmão fossem transferidos para a equipe responsável pela limpeza do Bloco em que os *Sonderkommando* dormiam. Eles respondiam pela distribuição de alimentos e pelo atendimento das necessidades de seus colegas do *kommando* especial – inclusive no que diz respeito às coisas proibidas, como “por exemplo, às vezes acontecia que um pai e um filho iam ao campo, o filho era designado para o Sonderkommando e o pai trabalhava numa parte diferente do campo. Quando o pai vinha ver o filho, nós o deixamos entrar, ou vice-versa³²⁰” (Greif, 2005, p. 146, tradução nossa). Sabemos que situações como a mencionada por Szlama aconteceram graças ao testemunho de Filip Müller. Com a mudança em suas atribuições, os irmãos Dragon estavam proibidos de saírem do bloco, exceto para alguma atividade correlata às suas funções ou quando eram designados por algum guarda da SS. Apesar dessa transferência de trabalho, sempre que havia grande demanda nas câmaras de gás, nos fornos ou nas fossas crematórias, eles eram deslocados.

As fossas eram esvaziadas após 48 horas de cremação e, mesmo assim, ossos grandes e os crânios permaneciam sem se desmanchar de todo. Na época as cinzas eram lançadas no rio Soła com todo o cuidado para que as cinzas não caíssem sobre a margem. Apesar do

³¹⁸ “It was terrible, dreadful night. Thought, “How am I going to endure this? How will I come through this?” We began to talk about it and explain what was happening around us. We simply couldn’t believe that something like this could exist. It must be an isolated case, we thought. We didn’t know that transports came in one after another and that the Germans were bringing Jews from all over Europe to Auschwitz this way.”

³¹⁹ “Our eyes saw it but it didn’t sink in. There were doctors and intellectuals among us we were a mixed bunch of people and we didn’t understand. We asked each other, “Where are we? What is happening here?””

³²⁰ “For example, it sometimes happened that a father and son came to the camp, the son was assigned to the Sonderkommando, and the father worked in a different part of the camp When the father came to see his son, we let him in, or vice versa.”

Bunker 1 ter sido desmantelado e as fossas preenchidas no final de 1943, com a chegada dos transportes com judeus húngaros, tanto o Bunker 2 quanto as fossas foram reativadas. Certa feita, os homens do *Sonderkommando* perceberam que uma criança havia sobrevivido ao gaseamento no Bunker e, então, eles carregaram

aquela criança junto com o travesseiro até o Moll, informando-lhe que a criança estava viva. Moll tirou-a de nossas mãos, carregou-a até a beira da cova, colocou-a no chão, pisou com o calcanhar no seu pescoço e depois jogou-a no fogo. Vi toda aquela cena com meus próprios olhos e percebi que, no momento em que Moll pisava no pescoço da criança, ela movimentava os braços³²¹ (Setkiewicz, 2011, p. 63, tradução nossa).

Os irmãos comentaram sobre a chegada dos judeus húngaros e sobre a liquidação dos “campos especiais”: aquele em que vivam os ciganos e o das famílias tchecas. Apesar dos irmãos Dragon não acompanharem todo o trabalho de gaseamento e cremação, os colegas faziam relatos diários sobre como o dia havia transcorrido. Em relação ao Campo das Famílias, eles comentaram a ingenuidade dos líderes dos judeus tchecos em questionar aos nazistas se eram verdadeiros os rumores de que eles seriam mortos. Abraham menciona uma situação que aconteceu com um grupo de trabalho do qual ele fez parte: eles estavam triturando ossos remanescentes do processo de cremação quando um guarda da SS espancou um dos homens do *Sonderkommando*. Todos decidiram parar o trabalho. Um oficial da SS chamado Franz Hössler foi até eles para saber o que estava acontecendo. O grupo disse que os SS poderiam matá-los caso quisessem, mas que não trabalhariam sendo açoitados. Desse momento em diante eles não apanharam mais durante o trabalho e receberam uma porção extra de comida (Greif, 2005). No caso, a comida era a mesma sopa distribuída para todos os presos no Campo, porém, eles recebiam dois litros. O que garantiu a sobrevivência desses homens não foi o litro de sopa a mais, mas o comércio paralelo e as comidas encontradas entre os pertences dos deportados assassinados. Abraham descreve que

os judeus traziam as comidas típicas do seu país: os que viajavam da Grécia traziam figos, azeitonas e frutas secas. (...) Também encontramos cigarros nos pertences das pessoas. As pessoas dos transportes vindos da Polônia às vezes traziam bebidas alcoólicas. Os transportes vindos da Holanda sempre traziam sardinha e queijo. Os judeus da Hungria trouxeram salsicha e carne defumada. Mas a maior parte da comida era levada pelo pessoal do Kommando “Kanada” perto do trem. Apenas um pouco de comida chegou até nós, o que quer que pudéssemos encontrar nos bolsos laterais. Dividimos os cigarros entre os prisioneiros do campo porque não fumamos.

³²¹ “that child together with the pillow to Moll, reporting to him that the child was alive. Moll took it from our hands, carried it to the edge of the pit placed it on the ground, trod with his heel on the neck, and then threw it into the fire. I saw that entire scene with my own eyes and I noticed that, at the moment when Moll trod on the child’s neck, it moved its arms.”

(...) Os [judeus] dos guetos quase não traziam nada porque lá não havia comida³²² (Greif, 2005, p. 145, tradução nossa).

Quando os Crematórios de Birkenau ficaram prontos, os irmãos Dragon foram designados para o Crematório V (4), sobre o qual explicam o funcionamento e como os nazistas enganavam os deportados para que obedecessem. A princípio, eles mantiveram a função principal de organizar o Bloco, mas podiam ser convocados para outras atividades (Greif, 2005). Com a chegada dos comboios da Hungria foram estabelecidos dois turnos: das 6h30 às 18h30 e das 18h30 às 6h30. Nessa época os homens que trabalhavam no Crematório V (4) passaram a dormir na sala de despir do Crematório IV (3) que estava desativado.

A estimativa de mortos que ele e alguns membros do *Sonderkommando* partilhavam era de mais de 4 milhões de pessoas (Chronicles of terror/Dragon, 1945). Ele explica de onde veio essa estimativa:

O Schreiber [escriturário] do nosso kommando, Zalman Gradowski de Grodno, fez anotações nas quais registrou, com base nas informações fornecidas pelos presos que trabalhavam em todos os crematórios, o número de pessoas gaseadas e queimadas em cada crematório, bem como todas as experiências dos prisioneiros do Sonderkommando. Gradowski foi baleado em outubro de 1944 durante a rebelião. (...) Eu desenterrei os manuscritos de Gradowski, que estavam enterrados na área do crematório II cercado por arame farpado, e os entreguei à Comissão Soviética. Havia um caderno e uma carta endereçada a quem o encontrasse. A pedido da Comissão Soviética, todos os documentos escritos em hebraico foram traduzidos para o russo pelo prisioneiro médico Gordon. A Comissão Soviética levou consigo esses documentos. Sei que existem mais documentos e notas enterrados na área do crematório II, bem como covas, preenchidas com terra, contendo cinzas de corpos queimados no crematório. Esses itens podem ser encontrados em frente aos fornos crematórios. Não posso indicar a localização exata porque depois da demolição do crematório tudo mudou ali. A área foi arrasada quando os alemães ainda estavam lá, então perdi o senso de direção³²³ (Chronicles of terror/Dragon, 1945, tradução nossa).

³²² “Jews brought the typical foods of their country: those in transports from Greece brought figs, olives, and dried fruit. (...) We also found cigarettes in the people’s belongings. People in transports from Poland sometimes brought liquor. Transports from Holland always had sardines and cheese. Jews from Hungary brought sausage and smoked beef. But most of the food was taken by the “Kanada” Kommando people near the train. Only a little food got as far as us, whatever we could find in side pockets. We divided the cigarettes among the prisoners in the camp because we didn’t smoke. (...) The ones from the ghettos hardly brought a thing because there wasn’t any food there.”

³²³ “The Schreiber [clerk] of our kommando, Zalman Gradowski from Grodno, made notes in which he recorded, based on information provided by prisoners working in all the crematoria, the number of people gassed and burned in individual crematoria, as well as all the experiences of Sonderkommando prisoners. Gradowski was shot in October 1944 during the rebellion. (...) I dug up Gradowski’s manuscripts, which were buried in the area of crematorium II surrounded by barbed wire, and handed them over to the Soviet Commission. There was a notebook and a letter addressed to whoever should find it. At the request of the Soviet Commission, all the documents, which had been written in Hebrew, were translated into Russian by prisoner doctor Gordon. The Soviet Commission took those documents with them. I know that there are more documents and notes buried in the area of crematorium II, as well as pits, filled in with earth, containing ashes of corpses burned in the crematorium. These items can be found in front of the crematorium furnaces. I cannot indicate an exact location because after the crematorium was demolished, it all changed there. The area was leveled when the German were still there, so I lost my sense of direction.”

Os prisioneiros que trabalhavam na organização do bloco do *Sonderkommando* forneceram os materiais e as condições necessárias para que os *Scrolls* fossem produzidos. Por exemplo, Gradowski e o *Maggid* de Makow, Leyb Langfus, foram colocados na mesma cama posicionada perto de uma janela para que recebessem claridade vinda de fora e, assim, pudessem escrever (Greif, 2005). Esses registros foram feitos, afirma Abraham, porque eles acreditavam que nenhum judeu sobreviveria à fábrica de cadáveres nazista. Os transportes chegavam com menos judeus a cada dia e os homens do *Sonderkommando* já não pensavam em si mesmos, pois tinham “certeza de que não conseguiríamos [sobreviver]. (...) Dar testemunho era imensamente mais importante do que a própria sobrevivência³²⁴” (Greif, 2005, p. 166, tradução nossa). Claro que a desesperança não era absoluta. Havia, apesar de tudo, afirma Szlama, uma esperança de que poderiam escapar e, assim, sobreviver (Greif, 2005). Entre eles, não frequentemente, havia os que perdiam a esperança e corriam para as cercas eletrificadas.

Szlama faz uma espécie de inventário da movimentação dos homens no *Sonderkommando*, ou seja, ele informa quantos prisioneiros foram mortos e quando, e também indica qual quantidade de homens foi integrada ao Esquadrão e quando isso ocorreu. Ele também informa a nacionalidade desses judeus. Por um golpe de sorte eles não foram mortos na seleção de setembro de 1944 em que 200 homens do Esquadrão foram assassinados. O nome dos dois estava na lista, mas Szlama adoeceu. Como os SS queriam enganar os *Sonderkommandos*, os nazistas disseram que precisavam somente de homens saudáveis. Em razão disso os doentes não poderiam estar entre os que seriam deslocados. Szlama, então, disse que se o irmão fosse, ele iria de um jeito ou de outro. Os responsáveis pela transferência decidiram deixá-los juntos no Campo – foi assim sobreviveram a essa seleção. Quando perguntado sobre a relação entre os homens do *Sonderkommando* e os guardas da SS, Abraham responde que tal envolvimento não era possível, tanto porque os alemães não permitiriam qualquer aproximação, quanto em razão do medo que eles tinham de serem vistos tendo relações amigáveis com os prisioneiros, pois, desse modo, eles levantariam suspeitas sobre os acordos ilícitos (Greif, 2005). Nenhum dos irmãos lembra de ter sido chamado pelo nome por nenhum guarda no período em que estiveram em Auschwitz II-Birkenau. De um modo geral, ponderam, reinava a desconfiança.

³²⁴ “sure that we wouldn’t make it. (...) Giving testimony was immeasurably more important than survival itself.”

O maior medo dos irmãos Dragon e de seus colegas do *Sonderkommando* não era a morte, mas a violência e a tortura. Eles testemunharam e ouviram relatos sobre as torturas e a violência aplicada por Moll. Szlama foi um dos dois homens que recolheram o corpo de Kaminíski após ele ter sido baleado no olho por Moll (Greif, 2005). Ele também presenciou um caminhão cheio de idosos e doentes serem despejados vivos diretamente sobre as fossas crematórias. Abraham se recorda que Moll tinha o hábito de pegar um espeto com uma batata na ponta e pedir para um dos prisioneiros segurar a outra ponta do espeto com a boca enquanto ele tentava acertar a batata – essa situação foi vivenciada por Mandelbaum. A história da bailarina ou dançarina também é contada por Szlama tal como ele a ouviu. Segundo foi-lhe dito, uma mulher muito elegante estava com a filha na sala de despir. Ela tirou a roupa, mas não a lingerie. O SS Schillinger apontou-lhe a arma e mandou que tirasse tudo. A mulher, então, desabotoou o sutiã e o balançou em seu rosto. Como ele se distraiu com o movimento do sutiã, ela bateu o braço na arma que caiu no chão. A mulher pegou a arma e atirou no SS. A confusão se formou e só cessou com a morte dos deportados. Szlama estava posicionado há cerca de cinco metros dela quando tudo aconteceu. Pelo que soube posteriormente a mulher era atriz. Sobre a revolta, ele comenta que foi planejada muito tempo antes de eclodir em outubro de 1944 e acrescenta

Juntei algumas facas e serras e a ideia era usá-las para derrubar árvores e construir barquinhos para atravessar os drenos [sistema de drenagem do Campo]. Também tínhamos almofadas de borracha que nos ajudaria a flutuar na água. O plano era atrair os homens da SS que nos vigiavam durante a noite – eram quinze a vinte – e roubar-lhes as armas. Tínhamos certeza de que conseguiríamos. Fui um dos que elaborou o plano e disse a todos que podiam confiar em mim. Henryk Fuchsbrunner, de Cracóvia, ajudou-me a organizá-lo; ele conhecia bem a área e poderia planejar a rota de fuga. Quando penso hoje no plano de fuga, fica claro para mim que não tivemos chance. Mas naquela altura não tínhamos nada a perder e sabíamos que não sairíamos vivos de Birkenau. Então estávamos preparados para correr o risco. Mas o plano foi adiado repetidas vezes e, no final das contas, nunca o levamos adiante³²⁵ (Greif, 2005, p. 168).

Os irmãos Dragon comentam que muitos planos de insurgência foram feitos e que os constantes adiamentos faziam com que as estratégias se proliferassem. Algumas eram reconhecidamente pouco convincentes. Um dos principais motivos do adiamento, como já

³²⁵ “I rounded up some knives and saws and the idea was to use them to cut down trees and build little boats to across the drains. We also had rubber cushions that would help us to float in the water. The plan was to lure the SS men who guarded us at night – there were fifteen to twenty of them - and take their weapons. We were sure we could pull it off. I was one of those who put together the plan, and I told them all that they could trust me. Henryk Fuchsbrunner of Krakow helped me to organize it; he knew the area well and could plan out the escape route. When I think about the escape plan today, it’s clear to me that we didn’t have a chance. But back then we had nothing to lose and we knew we wouldn’t leave Birkenau alive. So we were prepared to take the risk. But the plan was postponed again and again, and ultimately we never went through with it.”

mencionado, foi a posição dos resistentes não judeus, “durante todo esse tempo, nós, prisioneiros do Sonderkommando, imploramos e rogamos-lhes que iniciassem uma revolta³²⁶” (Greif, 2005, p. 169, tradução nossa). Apesar de preferirem esperar a terceira ofensiva soviética para aumentar as chances de êxito, não houve modo de adiá-la. Szlama foi abordado por um judeu francês que havia combatido na Guerra Civil Espanhola para ajudar na guarda de explosivos que seriam utilizados durante a revolta. Por um certo período latas com explosivos ficaram escondidas debaixo do colchão que Szlama e Abraham dormiam, mas este último só soube do fato tempos depois. Aos todo ele deve ter protegido uns 28 ou 30 explosivos. Conforme o número crescia, ele precisou encontrar um novo esconderijo. Quando as granadas de mão ficaram prontas, o volume foi dividido entre os prisioneiros de cada crematório que participavam do movimento clandestino (Greif, 2005). Abraham não fazia parte desse grupo.

Em um sábado, cuja data exata ele não se lembrava, os homens do *Sonderkommando* dos crematórios IV (3) e V (4) foram levados ao pátio. Os nazistas fariam uma nova seleção, mas “a revolta ainda não estava totalmente organizada. Não houve como informar todos os integrantes da resistência da ação. Mas, no momento em que a decisão foi tomada, começamos um ataque aos homens da SS e utilizamos tudo o que pudemos encontrar³²⁷” (Greif, 2005, p. 172, tradução nossa). Apesar de não fazer parte do núcleo da resistência, Abraham logo pegou algo para atacar os guardas, “nós sabíamos que não tínhamos nada a perder e que havia chegado a hora de agir³²⁸” (Greif, 2005, p. 172, tradução nossa). Os irmãos Dragon não informaram quem começou o levante e eles desconheciam o nome de quem seria selecionado. Enquanto os guardas tentavam retomar as rédeas da situação, alguns prisioneiros conseguiram atear fogo no Crematório IV (3), Na sequência, homens do Crematório II (1) tentaram escapar e os do Crematório III (2) não tiveram tempo de agir. Nas cercanias de onde a revolta ocorreu somente quem se escondeu conseguiu se salvar: “Eu me escondi debaixo de uma pilha de madeira e Tauber [Fuchsbrunner] na chaminé do crematório V. Todos os sobreviventes foram transferidos e acomodados no crematório III ³²⁹” (Chronicles of terror/Dragon, 1945, tradução nossa). Abraham se escondeu no Crematório V (4), mas após a

³²⁶ “All that time, we Sonderkommando prisoners begged them, pleaded with them to start an uprising.”

³²⁷ “The uprising was not yet fully organized. There was no way of informing all members of the resistance of the action. But the moment the decision was made, we began with an attack on the SS men and made use of everything we could put our hands on.”

³²⁸ “We knew we had nothing to lose, and that the time for action had come.”

³²⁹ “I hid under a pile of wood and Tauber in the chimney of crematorium V. All survivors were transferred and accommodated in crematorium III.”

contagem dos sobreviventes pelos nazistas, ele levou um tiro na perna. Caído no chão, ele foi cercado pelos SS. Ele perguntou o porquê de os guardas não atirarem nele para acabar logo com o seu sofrimento. A resposta foi: não recebi ordem para matá-lo. Abraham foi levado à enfermaria junto com um judeu grego. Lá ele foi cuidado por um cirurgião judeu de Varsóvia. A sua recuperação foi lenta. No final, restaram aproximadamente 100 prisioneiros. O trabalho nos últimos meses de encarceramento consistia em cremar os prisioneiros que morriam no Campo, não havia mais gaseamentos. Como havia menos trabalho, apenas 30 homens do *Sonderkommando* continuaram a operar os fornos do Crematório V (4) e os outros 70 foram designados para o desmantelamento dos outros crematórios. Szlama fez parte do segundo grupo. Quando a evacuação começou, os *Sonderkommandos* conseguiram se infiltrar nas falanges de prisioneiros comuns. Abraham, que ainda não estava de todo recuperado, teve dificuldade de andar durante a marcha da morte. Ele só sobreviveu porque um primo que estava com um carrinho de lavanderia deu abrigo a ele e o empurrou durante o deslocamento. Os SS concordaram com esse arranjo, pois junto de Abraham os guardas deixaram algumas de suas coisas para que não tivessem que carregá-las. Durante todo o percurso Abraham foi escoltado por nazistas. Temendo ser morto, Abraham sugeriu a Szlama que fugisse, assim, ao menos alguém da família escaparia da morte. Foi assim que Abraham e Szlama se separaram. Ele e Fuchsbrunner conseguiram fugir perto de Pszczyna, na Polônia. Szlama nomeia alguns prisioneiros que estavam vivos quando da evacuação, em 18 de janeiro de 1945. Infelizmente, ele desconhecia o seu posterior paradeiro – inclusive o de seu irmão de quem havia se separado em Pszczyna:

Zawek Chrzan de Gostynin, Samuel – um francês, Leibel de Grodno, Lemko de Czerwony Bór, Dawid Henl de Rypin, Moszek e Jankel Weingarten da Polónia, Sender de Berlim, Moryc da Grécia, Abram Dragon de Żuromin, Serge – um francês (Blokälteste), Abo de Grodno, Becker Berek de Luza, um primo de Radom e outros cujos nomes não me lembro³³⁰ (Chronicles of terror/Dragon, 1945, tradução nossa).

Para Greif (2005) ele fornece a seguinte relação de nomes – alguns se repetem, mas a grafia é diferente:

Shmuel da França, Leibi de Grodno, Lemke Pliszko, David Nencel de Rypin, Moshe e Yankl Weingarten da Polónia, Aba de Grodno, Berl Beirach de Luna, Sender de Berlim, Maurice da Grécia, Leon Cohen de Salônica e Shaul Chazan de Salônica. Houve outros, mas já não me lembro dos nomes³³¹ (Greif, 2005, p. 176, tradução nossa).

³³⁰ “Zawek Chrzan from Gostynin, Samuel – a Frenchman, Leibel from Grodno, Lemko from Czerwony Bór, Dawid Hencel from Rypin, Moszek and Jankel Weingarten from Poland, Sender from Berlin, Moryc from Greece, Abram Dragon from Żuromin, Serge – a Frenchman (Blokälteste), Abo from Grodno, Becker Berek from Luza, a cousin from Radom, and others whose names I do not remember.”

³³¹ “Shmuel from France, Leibi from Grodno, Lemke Pliszko, David Nencel from Rypin, Moshe and Yankl Weingarten from Poland, Aba from Grodno, Berl Beirach from Luna, Sender from Berlin, Maurice from Greece,

Ele soube que Mosiek Van Kleib, um judeu holandês que havia trabalhado no *Sonderkommando*, havia sobrevivido à guerra, mas não tinha informações sobre outros companheiros. Szlama encerra o seu depoimento à Comissão para Investigação de Crimes Alemães-Nazistas de Auschwitz, em maio de 1945, dizendo que voltaria para a sua cidade natal a fim de exercer a sua profissão de alfaiate e esperar o retorno de seu irmão para que pudessem trabalhar juntos. Ele arremata: “depois das minhas experiências no campo, os meus nervos estão completamente esgotados, quero voltar a uma vida normal, fugir da atmosfera do campo e esquecer tudo o que vivi em Auschwitz³³²” (Chronicles of terror/Dragon, 1945, tradução nossa).

Abraham conseguiu chegar a Mauthausen e foi enviado à enfermaria de lá para que continuasse se recuperando. E lá ficou até a libertação do Campo. Quando estava se deslocando para a Palestina via Itália, Abraham encontrou um amigo que indicou que Szlama havia sobrevivido e estava em sua cidade natal (Greif, 2005). Ele decidiu voltar via Alemanha onde ficou hospedado na casa de um sobrevivente do *Sonderkommando* chamado Moshe Friedmann. Por fim os irmãos se encontraram na Áustria e nunca mais se separaram. No final de 1949 eles foram para Israel. Abraham, a sua esposa e Szlama moravam no mesmo apartamento. Logo que se estabeleceram em Israel, os irmãos Dragon não quiseram falar sobre o que tinham vivido. Abraham se sentia envergonhado. Ademais, “os israelenses trataram os homens do Sonderkommando de forma suspeita. Eles não entendiam a horrível realidade em que tivemos que viver. Eles não entendiam que não havíamos escolhido esse terrível “trabalho” para nós³³³” (Greif, 2005, pp. 178-179, tradução nossa). A partir dos anos 1960 a posição deles começou a mudar, especialmente após o Museu Yad Vahem convidar os irmãos para gravarem testemunhos sobre a sua experiência concentracionária

[Abraham Dragon] Nós sentimos que as pessoas começaram a olhar para nós de uma forma diferente, que o público estava demonstrando compreensão da nossa trágica situação no campo. Eventualmente, tornou-se mais fácil para nós contar ao público sobre as nossas vidas em Auschwitz³³⁴ (Greif, 2005, p. 179, tradução nossa). [Szlama Dragon] Eu apoio cada palavra que meu irmão disse. Os sentimentos que ele descreveu são dele e meus também. Portanto, são também os sentimentos de todos os sobreviventes do Sonderkommando. (...) As pessoas não estavam

Leon Cohen from Salonika, and Shaul Chazan from Salonika. There were others, but I no longer remember their names.”

³³² “Following my camp experiences, my nerves are completely exhausted, I want to return to a normal life, get away from the camp atmosphere, and forget about everything I experienced in Auschwitz.”

³³³ “The Israelis treated Sonderkommando men suspiciously. They didn’t understand the ghastly reality in which we had to live. They didn’t understand that we hadn’t chosen this terrifying “job” for ourselves.”

³³⁴ “We felt that people had begun to look at us in a different light, that the public was displaying an understanding of our tragic situation in the camp. Eventually it became easier for us to tell the public about our lives in Auschwitz.”

suficientemente interessadas em saber o que se passava em Auschwitz e pensaram que éramos cúmplices dos crimes. Isto é um absurdo terrível. A verdade é que fomos forçados a trabalhar para os alemães. (...) Eles forçaram os judeus a queimar os corpos dos seus companheiros judeus, forçaram os judeus a transformar os seus restos mortais em pó; forçaram os judeus a arrastar os cadáveres dos seus irmãos para fora das câmaras de gás³³⁵ (Greif, 2005, p. 179, tradução nossa).

A entrevista é encerrada com a resposta de Abraham à pergunta de Greif sobre a hipótese dele ter encontrado cura e paz ao longo dos anos.

O que aconteceu lá permanecerá em nossos corações e almas para sempre. Jamais conseguiremos nos livrar das memórias de Birkenau. Além disso, a atitude pública ainda não mudou totalmente. Vou te dar um exemplo. Há quatro anos, enquanto estávamos de férias em Tiberíades, uma mulher sobrevivente de Auschwitz começou a contar a todos o que tinha passado enquanto era prisioneira no campo. Entre outras coisas, ela disse: “Os prisioneiros judeus do Sonderkommando eram os assassinos e deveriam ser punidos. Eles foram quase tão cruéis quanto os alemães”. Eu já tinha ouvido coisas assim no passado e elas permanecem comuns até hoje. No entanto, não acreditamos que a maioria ainda pense assim. Tudo o que podemos fazer é esperar que o principal do nosso trabalho em Birkenau seja entendido corretamente – que não fomos nós os responsáveis pela Solução Final do “problema Judaico”. (...) Minha esposa conhece os detalhes da história. Meus filhos e seus amigos também. Conte a história a eles, sem deixar nada de fora, e eles ficaram orgulhosos de mim. Eles não têm pensamentos negativos sobre mim. Não escondi nada deles e acho que, neste caso, fiz a coisa certa. Não tenho vergonha do que aconteceu. Shlomo [Szlama] pensa da mesma maneira. (...) Quando reflito sobre isso, me pergunto como conseguimos suportar aquele inferno. Que sorte tivemos de ter sobrevivido. O fato de meu irmão e eu estarmos entre os vivos é a vingança mais doce que poderia existir³³⁶ (Greif, 2005, p. 180, tradução nossa).

Os irmãos seguiram juntos. Szlama faleceu em Ramat Gan, Israel, 10 de outubro de 2001. Abraham, em 24 de abril de 2007.

³³⁵ “I second every word that my brother said. The feelings that he described are his own and mine, too. Therefore, they are also the feelings of all the Sonderkommando survivors. (...) People weren’t interested enough to know what went on in Auschwitz and thought that we’d been complicit in the crimes. This is a terrible absurdity. The truth is that we were forced to work for the Germans. (...) They forced Jews to burn the bodies of fellow Jews, they forced Jews to grind their remains into dust; they forced Jews to drag the corpses of their brethren out of the gas chambers.”

³³⁶ “What happened there will remain in our hearts and souls forever. We will never be able to rid ourselves of the memories of Birkenau. What is more, the public attitude has not yet changed totally. I’ll give you an example. Four years ago, while we were vacationing in Tiberias, a woman survivor of Auschwitz began to tell everyone what she’d gone through while she’d been a prisoner in the camp. Among other things, she said, “The Jewish Sonderkommando prisoners were the murderers and ought to be punished. They were almost as cruel as the Germans”. I’d heard things like that in the past and they remain somewhat common to this day. However, we don’t believe the majority still thinks this way. All we can do is hope that the main thing about our work in Birkenau is understood correctly – that we weren’t the ones responsible for the Final Solution of the “Jewish problem”. (...) My wife knows the details of the story. So do my children and their friends. I told them the story, leaving nothing out, and they’ve proud of me. They have no negative thoughts about me. I didn’t hide anything from them, and I think in this case that I did the smart thing. I’m not ashamed of what happened. Shlomo thinks the same way. (...) When I reflect on it, I wonder how we managed to endure that hell. How lucky we were to have survived. The fact that my brother and I are among the living is the sweetest revenge there could be.”

4.10 Josef Sackar

[Josef Sackar:] Muitas vezes [chorei]. Não apenas uma vez. No meio do trabalho, mas sem lágrimas. Desde então não chorei mais. Choramos sem lágrimas. (...) Você não conseguia pensar em nada. Nos tornamos robôs, máquinas. Foi isso que nos tornamos³³⁷ (Greif, 2005, p. 103, tradução nossa).

Quando Josef Sackar se encontrou com Gideon Greif (2005), em 1985, a sua baixa estatura e aparente fragilidade chamaram a atenção. Na época, Sackar tinha 61 anos. O primeiro membro do *Sonderkommando* com quem se encontrou lhe fez pensar que não somente os mais fortes sobreviveram e que cada sobrevivente tem a sua própria história de salvação. Josef Sackar nasceu em 1924, na cidade de Arta, Grécia. Ele tinha três irmãs. Duas foram enviadas para os *Lager* e a mais velha se escondeu com o esposo no interior da Grécia. Sackar e as suas três irmãs sobreviveram à *Shoah* – um caso raro. Antes dos nazistas chegarem à sua cidade, Sackar nunca havia percebido qualquer antissemitismo e apenas informações vagas chegavam a respeito do nazismo. Nada o preparou para os Campos de Concentração e de Extermínio.

Em 24 de março de 1944, ele foi levado ao Campo de Haidari e em 14 de abril do mesmo ano desembarcou em Auschwitz. A partir do momento que foi registrado em Auschwitz e que recebeu a marca no corpo que lhe acompanhava, Sackar passou a ser chamado de 182739. Não demorou para que ele fosse levado ao *Sonderkommando*. Entre os gregos selecionados, ele se recorda dos irmãos Venezia, dos irmãos Gabai, de Shaul Chazan e de Leon Cohen. Ele se lembra muito bem do primeiro dia de trabalho

uma noite, fomos levados para trás do último prédio do crematório [IV-3]. Lá eu vi a coisa mais horrível que já vi em toda a minha vida. Um pequeno transporte havia chegado naquela noite. Eles não nos mandaram trabalhar; eles apenas nos levaram até lá para que nos acostumassemos com a visão. Eles cavaram alguns buracos lá; eles os chamavam de “bunkers”. Os corpos foram retirados das câmaras de gás e ali cremados. Levaram os corpos para estes bunkers, atiraram-nos para dentro e queimaram-nos. (...) Eu estava confuso. Eu pensei que estava ficando louco. Eu disse a mim mesmo: “este é o fim”. Mesmo assim, tive que me recuperar rapidamente e disse a mim mesmo: “Temos que sair de lá vivos”. Foi assim que me senti. Fui com a sensação de que sairia vivo de lá. (...) Lembro-me bem [o que sentiu quando viu os corpos]. Você não pode esquecer isso. Algo assim é inesquecível – centenas de cadáveres. (...) Os corpos tiveram que ser arrastados. Como poderíamos tocá-los com as mãos?³³⁸ (Greif, 2005, pp. 93-94, tradução nossa).

³³⁷ “Lots of times. Not just once. In the middle of the work, but without tears. Since then, I’ve had no more tears. We wept without tears. (...) You couldn’t think at all. We’d become robots, machines. That’s what we became.”

³³⁸ “one evening we were taken behind the last crematorium building. There I saw the most horrific thing I’d ever seen in my whole life. A small transport had arrived that evening. They didn’t order us to work; they just took us there so we’d get used to the sight of it. They’d dug some pits out there; they called them “bunkers”. The bodies were taken from the gas chambers and cremated there. They took the bodies to these bunkers, tossed them in, and burned them. (...) I was confused. I thought I was going insane. I told myself, “this is the end”. Even so, I had to recover quickly and I told myself, “We have to get out of there alive”. That’s how I felt. I went with the

Mesmo horrorizado com o que vira, Sackar não pensou em fugir, pois considerava tal ação impossível. Ele foi designado para o Crematório III (2) onde ficou até a evacuação. O seu testemunho nos dá uma imagem da sala de despir que ainda não tínhamos abordado. Segundo informa, não era possível que todos os deportados entrassem ao mesmo tempo naquele espaço – a referência era um comboio com mais de mil pessoas. Era preciso que elas fossem sendo encaminhadas para a câmara de gás assim que se despiam e esperassem lá para que a fila que se formava na entrada do prédio pudesse se deslocar para dentro. Havia apenas 100 ou 150 ganchos nas paredes, de modo que a maior parte das roupas ficava pelo chão da sala de despir. Recolhê-las demorava cerca de uma hora, às vezes, uma hora e meia. Na sala de despir viu muitas pessoas se curvando para esconderem o corpo, pois diversos judeus vinham de lares religiosos e nunca haviam se despido diante de estranhos. Apesar de não querer mentir, às vezes dizia aos deportados que tomariam banho para depois trabalharem. Em Auschwitz ele aprendeu ídiche e alemão – apenas o suficiente para se comunicar. Na ocasião da entrevista com Greif (2005), Sackar ainda conseguia entender ídiche, mas não suportava mais ouvir essa língua, afirmou. Sobre o trabalho que desempenhava, disse:

...você pode imaginar como foi difícil. Não foi uma sensação agradável estar no meio de todos eles. Mas o que eu poderia fazer? (...) Não, eu não tive coragem de dizer isso a eles [a verdade]. Por que eu deveria assustá-los e perturbá-los logo antes de morrerem? Olha, eles estavam indefesos. Eles não tinham nada. Tinha bebês lá, de um mês, dois meses, três meses, mulheres, idosos. Eles poderiam se defender? (...) estávamos todos tristes, mas o que poderíamos fazer? Foi assim que pareceu³³⁹ (Greif, 2005, p. 103, tradução nossa).

Eventualmente alguns prisioneiros do *Sonderkommando* podiam ser agressivos com os deportados que demoravam a se despir. Sackar nunca teve coragem de pegar objetos de valor escondidos entre os pertences das vítimas, mas, como o acesso à comida era liberado pelos SS, ele pegava. Quem fosse surpreendido com algum item de valor podia ser espancado e morto, completa. Os membros do *Sonderkommando* que “organizavam” faziam negócios com os *goyim*, os não-judeus poloneses que prestavam serviço no Campo. Sackar confirma que os homens do *kommando* especial também tinham acesso às roupas dos deportados que precisavam ser marcadas com tinta a óleo vermelha antes de vestirem-nas. Assim, os

feeling that I'd get out of there alive. (...) For the first days, when I came to Birkenau, I knew that I'd get out of there alive. (...) I remember it well. You can't forget that. Something like that is unforgettable – hundreds of corpses. (...) The bodies had to be dragged out. How could we touch them with our hands?"

³³⁹ "You can imagine how difficult it was. It wasn't a pleasant feeling to be in the middle with them all. But what could I do? (...) No I didn't have the guts to tell them that. Why should I scare and upset them right before their death? Look, they were defenseless. They had nothing. There were babies there, a month old, two months, three months, women, old people. Could they defend themselves? (...) we were all sad, but what could we do? That's how it looked."

Sonderkommandos conseguiam trocar de roupas com certa frequência. Quando questionado sobre a relação entre os SS e os *Sonderkommandos*, Sackar assegura que não havia qualquer relação próxima; ele mesmo jamais se dirigiu a um nazista ou foi abordado por um dos perpetradores. Toda a comunicação era mediada pelo *Vorarbeiter* ou pelo *Kapo*.

Quando algum membro do *Sonderkommando* adoecia os demais tentavam esconder o fato dos guardas da SS, pois assim evitavam que ele fosse morto. Certa vez ele tentou enviar comida para as suas irmãs que ficavam em um subcampo ao lado da cerca do Crematório II (1), localizado em frente ao que ele trabalhava. Surpreendido por um SS, ele foi espancado. Um prisioneiro judeu polonês religioso do *Sonderkommando* que não trabalhava nos crematórios – possivelmente Langfus –, cuidou dele a noite toda. Eventualmente Sackar era designado para retirar os corpos das câmaras de gás, razão pela qual ele pode testemunhar que algumas pessoas morriam abraçadas umas às outras. Apesar de ser relativamente fácil tirar os corpos logo após a abertura das portas, quando eles esfriavam a tarefa se tornava sobremaneira árdua. Em especial quando estavam abraçados ou de mãos dadas. Sobre a expressão nos rostos das pessoas assassinadas ele comenta que “foi um momento muito difícil (...) eu não queria me lembrar dos rostos. Tentei evitar isso³⁴⁰” (Greif, 2005, p. 109, tradução nossa). Não obstante, ele observa que “dava para ver em seus rostos a dor que a asfixia causou. (...) Não tivemos tempo para pensar. Pensar era um assunto complicado. Bloqueamos tudo³⁴¹” (Greif, 2005, p. 112-113, tradução nossa). Eventualmente ele também lavava a câmara de gás e era designado para os assassinatos que Feinsilber chamou de “bagunça”.

Em novembro de 1944, Sackar foi designado para demolir os crematórios que não estavam em uso. Ele não tece comentários sobre o levante ou sobre a marcha da morte. Durante o trabalho em Melk uma pedra lhe atingiu o pé, mas teve sorte porque um amigo o ajudou a se levantar. Após a libertação do Campo, que aconteceu em 10 de março de 1945, ele viu muitos prisioneiros morrerem após ingerirem muita comida. Voltar para a Grécia e tentar se reestabelecer foi muito difícil. Ele e uma de suas irmãs emigraram para Israel, não sem dificuldades, em 1946. Ao ser questionado a respeito de ter contado a alguém sobre a sua experiência em Birkenau, ele responde:

Não, no começo não falei com ninguém. Isso não era muito agradável. (...) eu não esperava que as pessoas acreditassem em mim. Ainda hoje não acreditam quando você diz que trabalhou no Sonderkommando e saiu vivo dele. (...) Não havia ninguém para quem eu pudesse contar. Nossa adaptação foi lenta e não tivemos

³⁴⁰ “It was a very difficult moment (...) I didn’t want to remember the faces. I tried to avoid that.”

³⁴¹ “You could see on their faces the pain that the asphyxiation caused. (...) We had no time to think. Thinking was a complicated matter. We blocked everything out.”

tempo livre para pensar nisso. Viemos para a Palestina com nada além das roupas do corpo. Não tínhamos parentes ou conhecidos. Quase não falávamos hebraico³⁴² (Greif, 2005, pp. 129-130, tradução nossa).

Sackar se recorda de alguns prisioneiros do *Sonderkommando* que trabalharam no mesmo crematório que ele: Shaul Chazan, os irmãos Gabai, os irmãos Venezia, Pepo Kolias, Moshe Levi e Leon Cohen. Greif (2005) pergunta se Sackar costumava se lembrar do período em que esteve em Birkenau, a resposta:

Sempre, não apenas às vezes. Às vezes penso: “O quê? Onde nós estávamos? O que nós fizemos? De onde tiramos forças para fazer isso?”. (...) Eu não durmo à noite. Durmo duas ou três horas, só isso. Eu sou assim há anos. Por causa das memórias. (...) A vontade de viver [o ajudou a sobreviver], para poder contar isso às gerações futuras, para que a verdade viesse à tona. Por um lado, fujo da exigência de contar, mas por outro lado, o mundo inteiro tem que ouvir esta história. Caso contrário, pensarão que o Holocausto nunca aconteceu. Olha, há pessoas que negam o Holocausto. (...) Como vejo o mundo? O mundo piorou muito desde a Segunda Guerra Mundial. Não é o mesmo mundo de antes. Não só o mundo mudou, mas tudo mudou³⁴³ (Greif, 2005, p. 121, tradução nossa).

4.11 Henryk Tauber

Henryk Tauber, também conhecido como Henryk Fuchsbrunner ou Henry Fuchs nasceu em 8 de julho de 1917, na cidade de Chrzanów, Polônia. O seu testemunho foi dado à Comissão para Investigação de Crimes Alemães-Nazistas de Auschwitz, em Oświęcim, em 24 de maio de 1945 (Chronicles of terror/Tauber, 1945). Antes da guerra, Tauber morava com os seus familiares mais próximos, ao todo, eram 12 pessoas. Em novembro de 1942 ele foi detido pela polícia judaica e em 19 de janeiro de 1943, foi enviado a Auschwitz. Após passar um período não especificado em Auschwitz, Tauber foi transferido para Auschwitz III-Monowitz. Como havia um surto de tifo no subcampo para o qual fora designado, ele regressou ao campo principal. Em fevereiro de 1943, com a promessa de trabalhar em uma oficina, Tauber foi levado junto com alguns homens para o *Sonderkommando* – na época

³⁴² “No, at first I didn’t speak with anyone. It wasn’t so pleasant. (...) I didn’t expect people to believe me. Even today they don’t believe it when you say you worked in the Sonderkommando and came out of it alive (...) There was no one I could tell it to. Our adjustment was slow and we didn’t have spare time to think about it. We’d come to Palestine with nothing but the clothes on our backs. We didn’t have relatives or acquaintances. We hardly spoke Hebrew.”

³⁴³ “Always, not just sometimes. Sometimes, I think, “What? Where were we? What did we do? Where did we get the strength to do it?”. (...) I don’t sleep at night. I sleep two or three hours, that’s all. I’ve been that way for years. Because of the memories. (...) The will to live, so that I could tell it to future generations, so that the truth would come out. On the one hand, I run away from the need to tell it, but on the other hand, the whole world has to hear this story. Otherwise, they’ll think the Holocaust never happened. Look, there are people who deny the Holocaust. (...) How I view the world? The world has gone downhill badly since World War II. It’s not the same world as it used to be. Not only the world has changed but everything has changed.”

designado como “*Kommando* do Crematório I”. No primeiro dia de trabalho no crematório, um oficial nazista fez um discurso em polonês no qual disse que a atividade que executariam não seria agradável, mas que depois de um tempo eles se acostuariam. Em nenhum momento a natureza da função foi mencionada. Concluído o discurso, ele acompanhou os recém-chegado até um local

onde vimos várias centenas de cadáveres humanos. Estavam empilhados, um em cima do outro, sujos e congelados. Muitos corpos estavam cobertos de sangue e tinham os crânios quebrados, enquanto outros tinham seus estômagos abertos, aparentemente durante autópsias. Os cadáveres estavam congelados, então tivemos que separá-los com machados³⁴⁴ (Chronicles of terror/Tauber, 1945, tradução nossa).

Como se mostraram lentificados pelo horror da situação, o oficial da SS e o *Kapo* Mietek Morawa bateram nos prisioneiros que encaminhavam os corpos aos fornos crematórios. Ele descreve com detalhes a estrutura dos fornos crematórios e o modo como os prisioneiros do *Sonderkommando* faziam os corpos de cinco pessoas caberem em cada uma das fornalhas dos fornos do Crematório I. Fornos, ele destaca, que foram produzidos pela empresa *Topf & Söhne* – Tauber atestou a presença de engenheiros da empresa para uma demonstração do eficiente funcionamento dos fornos para a cremação de corpos. No evento estavam presentes civis e nazistas. Os corpos mais magros demoravam cerca de uma hora e meia para serem consumidos pelas chamas, mas ele percebeu “pelo meu trabalho posterior e pelas observações da queima de cadáveres nos crematórios II e III, que os corpos das pessoas gordas queimavam muito mais rápido. A queima de gordura humana, que produz calor adicional, acelera o processo de incineração³⁴⁵” (Chronicles of terror/Tauber, 1945, tradução nossa). No início de 1943 já aconteciam os assassinatos com tiro de arma de baixo calibre na nuca dos deportados, a “bagunça”. Porém, diferente do que viria a ocorrer em Birkenau, toda a operação era mediada por SS. Os homens do *Sonderkommando* aguardavam em um pequeno depósito localizado dentro do prédio do Crematório I até que os nazistas tivessem matado todas as vítimas e, então, eles as queimavam. Segundo lhe foi dito por prisioneiros veteranos, 400 homens do Esquadrão foram assassinados naquela câmara de gás em dezembro de 1942. Ou seja, pouco tempo antes da chegada dos irmãos Dragon ao *Sonderkommando*.

³⁴⁴ “where we saw several hundred human corpses. They lay on piles, one on top of another, dirty and frozen. Many corpses were covered in blood and had broken skulls, while others had had their stomachs slit open, apparently during autopsies. The corpses were frozen, so we had to separate them with axes.”

³⁴⁵ “from my later work and observations of the burning of corpses in crematoria II and III, that the bodies of fat people burned much faster. Burning human fat, which produces additional heat, speeds up the incineration process.”

Tauber e o grupo que entrou com ele ficaram cerca de um mês trabalhando no Crematório I para que aprendessem o “ofício” a ser desempenhado no Crematório II (1) de Birkenau. Dos 22 homens que entraram com ele no *Sonderkommando*, em 4 de março de 1943, restavam apenas 12 vivos. Após o primeiro dia de trabalho cinco dos recém-chegados alegaram que estavam doentes e ficaram no bloco. No dia seguinte os seus corpos nus foram encontrados no crematório, sem sinal de tiro. Tauber acredita que lhes foi aplicada injeção de fenol no coração. Ele salienta que, ao adoecerem, as pessoas designadas para esse *Kommando* não eram levadas para o hospital do *Lager* e sim para uma enfermaria que ficava separada do restante do campo. O médico que tratava desse grupo e dos guardas da SS era um judeu francês de nome Pach. O local que dormiam também ficava isolado dos demais blocos.

Quem supervisionava e autorizava a movimentação de pessoas desse *Kommando* era o Departamento Político de Auschwitz. Possivelmente se trata da mesma estrutura burocrática que Lingens-Reiner menciona como Divisão Política. Tauber descreveu com riqueza de detalhes o Crematório II (1), as suas divisões e o seu modo de funcionamento. Havia na porta de acesso à câmara de gás um olho mágico que permitia quem estava do lado de fora da sala acompanhar o que se passava dentro. Quando a porta era fechada e os judeus percebiam que seriam assassinados, havia uma corrida em direção à porta a fim de tentarem sair daquele lugar e, frequentemente, o vidro do olho mágico se quebrava. A ocorrência era tão frequente que os nazistas decidiram fechar o buraco. Também em razão do desespero das vítimas, não era incomum acontecerem danificações aos fios elétricos e ao sistema de ventilação. Em abril de 1943, Tauber foi transferido para o crematório IV (3). Trabalhar em crematórios que tinham estruturas diferentes permitiu que Tauber testemunhasse com minúcia de detalhes os prédios como um todo e o funcionamento dos fornos crematórios. Apenas no outono³⁴⁶ de 1943 foram instalados os ganchos nas paredes das salas de despir dos crematórios e os chuveiros falsos nas câmaras de gás. Esses elementos compunham o cenário montado para enganar os deportados.

O *Kapo* Władysław Tomiczek de Cieszyn, Polônia, é mencionado como um homem que trabalhou no Crematório I desde 1941, um prisioneiro antigo cujo número de registro estava em torno de 1400. Ele desempenhou a função de *Kapo* até meados de agosto de 1943 quando foi convocado pelo Departamento Político e voltou ao Crematório em um saco. Ele é apresentado como um homem decente que auxiliava os prisioneiros nas atividades conspiratórias – possivelmente a sua morte se deu devido a tais atividades clandestinas. Os

³⁴⁶ Entre setembro e novembro.

foguistas dos crematórios precisavam conhecer bem os fornos para operá-los, pois era necessário entender a potência de cada forno e quais deles eram mais adequados para consumir os diferentes tipos de corpos, entre outros detalhes que precisavam ser observados para garantir o seu adequado funcionamento. Os fornos não queimavam apenas corpos

gostaria de salientar que os documentos do Departamento Político eram sempre queimados naquela fornalha. De vez em quando, os homens da SS traziam caminhões cheios de papéis para lá, documentos e arquivos, que eram então queimados sob sua supervisão. Enquanto queimava os papéis, notei que havia pilhas de registros pessoais de pessoas mortas e Totenmeldungs [avisos de óbito]. É claro que não pudemos levar nenhum dos documentos porque os queimamos sob a supervisão direta e estrita dos homens da SS³⁴⁷ (Chronicles of Terror/Tauber, 1945, tradução nossa).

Quando havia aviso de ataque aéreo, os foguistas intencionalmente aumentavam o volume de cremação para que as chamas se tornassem visíveis saindo pela chaminé e, assim, acreditavam que chamariam a atenção dos pilotos que sobrevoavam o Campo. Eles supunham que essa ação desencadearia o bombardeio do crematório e, dessa forma, incitariam uma mudança em seu destino (Chronicles of terror/Tauber). A cada trinta minutos novos corpos deveriam ser adicionados aos fornos. Às vezes não havia possibilidade de descanso, pois, assim que eles preenchiam o último forno, o primeiro já havia concluído a cremação e deveria receber mais corpos. Tauber relata a primeira vez que viu a câmara de gás sendo aberta e a aparência rosada ou avermelhada dos corpos, alguns também tinham manchas verdes, outros apresentavam os olhos abertos e espuma saindo pela boca. Havia fezes pela sala. As pessoas se acumulavam próximo à porta e fugiam do lugar onde o gás era liberado. A câmara ficava particularmente quente após a liberação do gás de modo que a ventilação ligada após o gaseamento era essencial, não somente para retirar o gás remanescente do local, como também para torná-la menos quente. Tauber cita o uso de máscaras de gás pelos prisioneiros que retiravam os corpos da câmara – talvez isso tenha sido preconizado no primeiro momento de funcionamento dos novos prédios –, mas ele não desempenhava essa função, ele era foguista. O tratamento dos corpos pelos “cabeleireiros” e “dentistas” é detalhado em seu depoimento. Tauber testemunha que um “dentista”, um judeu francês, foi queimado vivo depois dos guardas terem identificado dentes de ouro em uma das fornalhas – isso foi considerado sabotagem. Além desse tipo de punição os nazistas aplicavam outras como

³⁴⁷ “I would like to point out that documents from the Political Department were always burned in that furnace. From time to time, SS men would bring truckloads of papers there, documents and files, which were then burned under their supervision. While burning the papers, I noticed that there were piles of personal records of dead people and Totenmeldungs [death notices]. Of course, we could not take any of the documents because we burned them under the direct and strict supervision of SS men.”

espancamento, obrigar o prisioneiro a rolar nu em cascalho, entre outras – tudo era feito a fim de manter os homens do *Sonderkommando* intimidados. Algumas punições o marcaram particularmente e já apresentamos algumas versões dos eventos descritos por Tauber:

Lembro-me também de outro incidente ocorrido no crematório V [4] em agosto de 1944. Um trabalhador comum, um judeu de Wolbrom chamado Lejb, com cerca de 20 anos, um homem baixo, de cabelos escuros, com número de prisão cento e oito mil e alguma coisa, foi preso durante a mudança de turno com um anel de ouro e um relógio. Todos os prisioneiros do Sonderkommando foram então convocados e o homem foi pendurado na frente deles, com as mãos amarradas nas costas, numa barra de ferro acima das lareiras. Ele ficou nessa posição por cerca de uma hora, depois suas mãos e pernas foram desamarradas e ele foi colocado em uma fornalha fria. Embaixo, havia um poço de cinzas, onde era derramada gasolina e as chamas subiam até a retorta onde Lejb estava trancado. Depois de alguns minutos a fornalha foi aberta e o condenado, coberto de queimaduras, saiu correndo. Ele então recebeu ordem de correr pelo pátio do crematório e gritar que era um ladrão. Em seguida, ele foi instruído a escalar a cerca de arame farpado do crematório, que não ficava eletrificada durante o dia. Quando ele chegou ao topo da cerca, Moll, o chefe do crematório, atirou nele. O primeiro nome de Moll era Otto. Noutra ocasião, homens da SS atiraram um prisioneiro num poço com gordura humana efervescente por trabalhar demasiado devagar no crematório. Naquela época, os cadáveres eram queimados em fossas abertas de onde a gordura escorria para um reservatório separado no solo. A gordura era derramada sobre os cadáveres para acelerar o processo de cremação. Aquele infeliz foi retirado vivo da gordura e baleado³⁴⁸ (Chronicles of terror/Tauber, 1945, tradução nossa).

Um SS de nome Gorges abusava tanto dos homens do *Sonderkommando* que foi repreendido pelo oficial Vöss por sua conduta. Logo que os crematórios de Birkenau foram inaugurados havia muita demanda para cremação e pouca mão de obra. Acontecia dos homens do *Sonderkommando* trabalharem 24 horas e até 48 horas seguidas. Depois foram estabelecidos turnos de trabalho. Tauber também testemunha que o Zyklon-B era transportado em carro com uma Cruz Vermelha pintada, e descreve o procedimento de abertura das latas e a deposição de seu conteúdo pelo teto da câmara de gás. Ele nomeia os SS com os quais teve contato e o que os viu fazendo no Campo. O pior de todos os SS com os quais teve contato foi Otto Moll. Os aprimoramentos nos fornos crematórios também são apresentados no

³⁴⁸ “I also remember another incident that took place in crematorium V in August 1944. An ordinary laborer, a Jew from Wolbrom named Lejb, about 20 years old, a short, dark-haired man, with prison number one hundred eight thousand something, was caught during shift change with a gold ring and a watch. All the Sonderkommando prisoners were then summoned and the man was hung in front of them, by his hands tied behind his back, on an iron bar above the hearths. He hung in that position for about an hour, then his hands and legs were untied, and he was put into a cold furnace. Underneath, there was an ashpit, where gasoline was poured and flames went up to the retort in which Lejb was locked. After a few minutes, the furnace was opened and the convict, covered in burns, came out running. He was then ordered to run around the crematorium yard and shout that he was a thief. Then, he was told to climb the crematorium barbed wire fence, which was not electrified by day. When he got to the top of the fence, Moll, the head of the crematorium, shot him dead. Moll’s first name was Otto. On another occasion, SS men threw a prisoner into a pit with boiling human fat for working too slow in the crematorium. At that time, corpses were burned in open pits, from which the fat flowed into a separate tank in the ground. The fat was used to pour over the corpses in order to speed up the cremation process. That unfortunate man was pulled out from the fat alive and shot.”

testemunho de Tauber. O uso de água com um pouco de sabão para resfriar a maca na qual os corpos eram depositados antes de serem introduzidos nos fornos crematórios também é mencionada. Tal ação visava prevenir que a pele dos corpos grudasse no metal da maca.

Os preparativos para a revolta são comentados. A data inicial do levante foi determinada para junho de 1944, mas foi adiada. Ele tinha conhecimento do registro de testemunhos que foram enterrados entre os fornos crematórios e das fotos tiradas por um membro do *Sonderkommando*. Pouco depois o *Kapo* Kamiński foi assassinado. Em setembro houve o assassinato de 300 homens do *Sonderkommando*³⁴⁹ e os prisioneiros remanescentes ficaram ainda mais apreensivos em relação ao seu destino. A data da revolta foi confundida por Tauber que a indicou como tendo ocorrido em setembro de 1944. Ele acreditava que entre 25 e 30 homens da SS haviam sido mortos durante o levante, o que é um número quase dez vezes maior do que o número oficial de baixas fatais. As consequências da revolta são mencionadas, bem como o trabalho que os prisioneiros sobreviventes tiveram que fazer até a data da evacuação do Campo, em 18 de janeiro de 1945. Tauber escapou da marcha da morte. Ele não especifica, mas sabemos que ele fugiu junto com Szlama Dragon. Em 1952, após emigrar para os Estados Unidos, ele passou a adotar o nome Henry Fuchs. Ele faleceu em 3 de janeiro de 2000.

4.12 Eliezer Eisenschmidt

Sobre o que diabos poderíamos ter conversado? Cada um de nós tinha que viver com as suas próprias preocupações e tragédias. Quase todos ali eram o único membro sobrevivente de sua família. Como eu.³⁵⁰ (Greif, 2005, p. 247, tradução nossa).

Eliezer Eisenschmidt nasceu em 1920, em Lunna, Bielorrússia. A princípio ele se recusou a ser entrevistado por Gideon Greif (2005) e, depois, alguns problemas de saúde o afastaram dessa empreitada até que, por fim, conseguiram se encontrar. A sua memória era associativa e era difícil fazê-lo falar de modo cronologicamente linear, se queixa Greif (2005). Em razão dessa característica do relato, não tentaremos organizar a cronologia, seguiremos o fluxo da narrativa – como temos buscado fazer até aqui. O encontro com Eisenschmidt mostrou a Greif que um sobrevivente pode se recordar de Auschwitz e, ainda assim, sorrir. A perda de um neto durante o serviço militar israelense fez com que Eliezer considerasse haver coisas piores do que o que lhe aconteceu em Auschwitz.

³⁴⁹ Na realidade 200 homens foram assassinados em setembro de 1944.

³⁵⁰ “What on earth could we have talked about? Each of us had his own concerns and tragedies to live with. Almost everyone there was the only surviving member of his family. Like me.”

Sendo o filho mais velho de uma família religiosa que observava as tradições judaicas e a alimentação *kosher*³⁵¹, Eisenschmidt recebeu educação em uma escola hebraica religiosa. Ele tinha dois irmãos: Abraham e Ya'acov. Como a saúde de seu pai era frágil, logo Eliezer precisou trabalhar nos negócios da família. Em 1939, enquanto os nazistas invadiam pelo Oeste da Polônia, a família Eisenschmidt precisou lidar com a primeira invasão à sua região: a da União Soviética. Houve relativa piora nas condições de vida, mas com a chegada dos alemães em 1941, a situação de vida dos judeus se degradou consideravelmente. Em outubro daquele ano os judeus de Lunna foram confinados em um gueto e em novembro Eisenschmidt contraiu tifo. Zalman Gradowski fazia parte da liderança judaica de sua região e era o responsável pelo departamento de saúde do *Judenrat*. Por associação, Eliezer comenta que Gradowski produziu registros enquanto estiveram no *Sonderkommando* e os enterrou entre os fornos crematórios.

Em algum momento, os Eisenschmidt foram enviados ao gueto de Kielbasin e, em 08 de dezembro de 1942, a família chegou a Auschwitz. Para eles o mais importante era estarem reunidos e uns tomarem conta dos outros, independentemente de onde estivessem. Durante o caminho para Auschwitz, o pai de Eliezer chegou a acreditar que eles sobreviveriam, pois o trem não tomou o caminho em direção a Treblinka. Os rumores sobre Auschwitz não os tinham alcançado, mas os reportes sobre Treblinka já se espalhavam pela região onde moravam. Assim que chegaram ao Campo, a sua mãe e o seu irmão mais novo foram enviados para as câmaras de gás. No dia seguinte ele foi selecionado junto a aproximadamente oitenta ou cem pessoas para integrar o *Sonderkommando*. Eisenschmidt foi designado para trabalhar em um dos Bunkers. Ele recebeu um carrinho, mas não sabia o que teria que carregar. Quando a porta da câmara se abriu, todos os recém-chegados ficaram em choque e tomados por tristeza. Nem em seus pesadelos poderiam ter imaginado aquela cena

Eu posso ver em minha mente o que vimos atrás das portas quando elas se abriram. Uma mulher morta estava ali, nua, o seu corpo estava dobrado. Nós congelamos. Não conseguíamos entender o que estava acontecendo lá. (...) Como eu disse, eu pertencia ao grupo que carregava os corpos com o carrinho. Por alguns minutos fiquei revoltado demais para tocar no corpo. Tal coisa nunca tinha acontecido comigo. Obviamente não fui o único do grupo que sentiu repulsa. Não consegui trabalhar até que alguém me bateu forte nas costas com uma vara. Então percebi que não havia escapatória, que não poderia recuar. Tive que aceitar a ideia e a situação. Você tem que entender – não tivemos escolha alguma. Esse foi o meu destino.

³⁵¹ Também chamada de alimentação *kasher*, trata-se de uma regulamentação da alimentação. Os alimentos kosher são aqueles apropriados para comer de acordo com as leis judaicas, quer dizer que são os alimentos considerados “limpos” (Schlesinger, s/d).

Qualquer outra pessoa na minha situação teria se comportado da mesma forma³⁵² (Greif, 2005, pp. 223-224, tradução nossa).

Logo o grupo ficou sabendo que aquela não era uma situação atípica, os judeus estavam sendo assassinados já há algum tempo pelos nazistas. Quando a porta da câmara de gás era fechada não era incomum ouvir o clamor “*Shemá, Israel...*”. Os homens que tiravam os corpos de dentro do Bunker usavam máscara de gás, pois não havia sistema de exaustão. Certa vez uma garota foi encontrada viva dentro da câmara e Moll mandou um SS atirar nela. Ele viu o corpo sem vida de uma prima no Bunker, ela havia sido enviada a Auschwitz em um transporte posterior ao seu. Por volta de maio ou junho de 1943, Eisenschmidt foi designado para o Crematório V (4). Com essa mudança ele passou a exercer a função de eletricista do crematório. Apesar de não estar frequentemente manuseando os corpos dos judeus assassinados, ele presenciava o extermínio diariamente. Após a revolta de 7 de outubro de 1944 ele voltou a trabalhar na cremação dos corpos e, nos momentos em que não havia trabalho nos crematórios, os prisioneiros eram designados a cortar ervas daninhas que os nazistas davam aos cavalos.

Eisenschmidt se recorda de os nazistas experimentarem algumas maneiras de fazer os deportados entrarem na câmara de gás. Algumas tentativas não deram certo e geraram muita agitação, “a conclusão dos alemães foi que a única forma de fazer isso silenciosamente era manter as vítimas unidas. Na maioria dos casos quando um homem tentava se defender, sua esposa dizia: “Calma, talvez não seja tão terrível quanto você pensa”³⁵³” (Greif, 2005, p. 227, tradução nossa). Certa vez ele presenciou uma mulher muito religiosa pedindo que a sua filha fosse poupada de ficar completamente nua. O encarregado orientou que elas entrassem logo na câmara de gás sem que os SS as vissem. Nem todos os nazistas eram rígidos em relação a isso, mas Moll obrigava todos a se despirem completamente. Certa feita, em um dia que Eisenschmidt não estava trabalhando, um de seus primos foi enviado ao crematório. Ele havia se tornado um muçulmano e perguntava por Eliezer. O primo não buscava ser salvo, ele pediu algo diferente: ““duas fatias de pão, para não morrer de estômago vazio”. Se eu estivesse lá,

³⁵² “I can see in my mind’s eye what we saw behind the doors as they opened. A dead woman stood there, naked, her body doubled up. We froze. We couldn’t grasp what was happening there. (...) As I said, I belonged to the group that loaded the bodies onto the carts. For a few minutes, I was too revolted to touch a body. Such a thing had never happened to me. Obviously I wasn’t the only one in the group who felt revulsion. I couldn’t work until someone hit me hard on the back with a rod. Then I realized that there was no escape, that I couldn’t back away. I had to accept the idea and the situation. You have to understand – we had no choice whatsoever. That was my fate. Anyone else in my situation would have behaved the same way.”

³⁵³ “The Germans’ conclusion was that the only way to do it quietly was to keep the victims together. In most cases, when a man tried to defend himself, his wife would say, “Calm down, maybe it won’t be as terrible as you think”.”

poderia ter conseguido salvá-lo. Deram-lhe o pão, ele comeu e caminhou até a câmara de gás. Ele sabia para onde estava indo³⁵⁴” (Greif, 2005, p. 228, tradução nossa).

O trabalho mais difícil e desajeitado, pondera, era a retirada dos corpos das câmaras de gás. O estado dos corpos dificultava que fossem pegos com as mãos, de modo que os prisioneiros preferiam fazer esse trabalho utilizando uma espécie de vara com gancho. Depois dessa etapa entravam em cena os “cabelereiros” e os “dentistas”, depois o corpo era cremado e os restos não consumidos pelo fogo eram pulverizados manualmente. Quase todos os prisioneiros ajudavam no deslocamento dos corpos das câmaras de gás para os fornos crematórios e, de um modo geral, havia certa mobilidade no exercício das funções. Essa característica já foi mencionada por outros membros do *Sonderkommando* que trabalhavam nos crematórios IV (3) e V (4). Por fim, “por falta de escolha, nos acostumamos com essa rotina. Tornou-se absolutamente normal, como se a vida fosse realmente assim. Além do mais, os homens da SS não lhe davam tempo para pensar³⁵⁵” (Greif, 2005, p. 231, tradução nossa). Eisenschmidt confirma a informação dada por Tauber de que os prisioneiros do *Sonderkommando* aumentavam o tamanho das chamas das chaminés para que fossem notadas pelos britânicos e americanos que sobrevoavam o Campo. Eles imaginavam que os aliados bombardeariam os crematórios e colocariam fim ao genocídio. Eliezer refletiu sobre a posição dos homens do *Sonderkommando*:

Nós realizamos nosso trabalho com a sensação que um coveiro poderia ter. Uma pessoa comum que leva alguém em sua última viagem fica emocionada quando a pessoa é enterrada, mas um coveiro não fica emocionado novamente a cada vez. Foi assim no Sonderkommando. (...) Foi um processo demorado, claro. Passamos os primeiros dias em estado de choque total. (...) Os alemães usaram o terror para suprimir todos os pensamentos e todas as emoções. Nas primeiras vezes que fizemos o trabalho, eles nos açoitaram continuamente. A única coisa que fizemos por conta própria foi virar a cabeça para desviar dos espancamentos terríveis. Queríamos apenas evitar os espancamentos e fazíamos tudo o que fazíamos sem pensar desnecessariamente. Eventualmente, nos acostumamos com a rotina. Eu definiria nosso estado de espírito como “indiferença”. (...) Quase não houve suicídios entre os prisioneiros do Sonderkommando. Neste momento, lembro-me apenas de três casos. Houve um policial judeu de Makow que engoliu vinte pílulas de Luminal, mas não morreu. Dois médicos judeus cometeram suicídio durante o levante do Sonderkommando em 7 de outubro de 1944³⁵⁶ (Greif, 2005, p. 232, tradução nossa).

³⁵⁴ ““two slices of bread, so I won’t die on an empty stomach”. If I’d been there, I might have managed to save him. They gave him the bread, he ate, and he walked to the gas chamber. He knew where he was going.”

³⁵⁵ “For lack of choice, we got used this routine. It became absolutely normal, as if life were really like that. What is more, the SS men didn’t leave you any time to think.”

³⁵⁶ “We went about our work with a feeling that a gravedigger might have. An ordinary person who takes someone on his last journey gets emotional when the person is buried, but a gravedigger doesn’t get emotional all over again each time. That’s how it was in the Sonderkommando. (...) It was a lengthy process, of course. We spent the first few days in total shock. (...) The Germans used terror to suppress every thought and every emotion. The first few times that we did the work, they flogged us continuously. The only thing we did on our own was to turn our heads in order to deflect the terrifying beatings. We just wanted to avoid the beatings and we did whatever we did without any unnecessary thought. Eventually, we got used to the routine. I’d define our

Eisenschmidt presenciou o suicídio dos médicos que tomaram algum tipo de veneno. Se por um lado, os suicídios não eram tão frequentes, por outro, muitos morreram depois de terem contraído tifo, malária ou outras doenças. Este era um dos motivos dos nazistas não se interessarem pela comida levada pelos deportados: evitar contaminação. Os homens do *Sonderkommando* que ficavam muito doentes eram mortos com injeção de fenol. De modo que, ser levado para a enfermaria, poderia ser fatal para eles. Era mais seguro se recuperar dentro do próprio bloco, mas isso era proibido. Para que houvesse chance de sobrevivência nesses casos, era necessário contar com a ajuda dos colegas prisioneiros. Por exemplo, quando Eisenschmidt sentiu forte dores nas pernas, ele foi escondido por um funcionário responsável pela limpeza do bloco, isso o salvou da morte. Sobre o acesso à comida, Eisenschmidt comenta que, de um modo geral, os *Sonderkommando* não passaram fome. Porém, no período em que as pessoas eram gaseadas nos Bunkers, eles não tinham tanto acesso à comida dos deportados, e quando chegaram os transportes com judeus poloneses pouco ou nada era encontrado. Assim como Abraham Dragon, Eisenschmidt descreve o tipo de alimento que era encontrado nos pertences dos judeus de acordo com cada nacionalidade que chegava ao *Lager*.

Ele afirma que os prisioneiros comuns do *Sonderkommando* não tinham contato direto com os guardas da SS, muito menos relações especiais. As ordens eram transmitidas através do *Vorarbeiter* ou do *Kapo*. Mesmo quando faziam trabalhos pessoais para os guardas, o contato era bastante limitado. E não havia, segundo a sua percepção, guardas melhores do que outros, pois, mesmo que um homem da SS tratasse bem um prisioneiro hoje, amanhã ele poderia ser totalmente brutal. Afinal, “a bondade não era um dos requisitos de um homem da SS num campo de concentração³⁵⁷” (Greif, 2005, p. 239, tradução nossa). Uma vez Eisenschmidt revidou a agressão de um *Vorarbeiter*. Um guarda da SS que acompanhou o episódio pulou sobre ele e bateu em seus braços até que não conseguisse mais mexê-los. Ele foi advertido de que não seria tolerado o desrespeito à hierarquia. No dia seguinte Eisenschmidt percebeu que o mesmo homem da SS estava frequentemente andando em sua direção, enquanto ele tentava se esquivar do encontro direto. Quando o SS conseguiu alcançá-lo, pediu-lhe desculpas, mas reforçou o cuidado com a hierarquia.

state of mind as “indifference”. (...) There were hardly any suicides among the Sonderkommando prisoners. Right now, I recall only three cases. There was a Jewish policeman from Makow who swallowed twenty Luminal pills but didn’t die. Two Jewish doctors committed suicide during the Sonderkommando uprising on October 7, 1944.”

³⁵⁷ “Kind-heartedness wasn’t one of the requirements of an SS man in a concentration camp.”

Os judeus lituanos formavam um grupo de cerca de 30 homens no *Sonderkommando*. Segundo Eisenschmidt, eles colocavam medo nos demais prisioneiros porque adotaram o slogan dos mosqueteiros “todos por um e um por todos”. Mexer com um deles significava ser punido por todos eles. Ele nomeia alguns dos judeus do Esquadrão Especial que conhecia: um homem cujo apelido era Piccolo, outro tinha o nome Monyek, mas que era conhecido como Kondomierz, David Olère, o *Maggid* de Makow, Zalman Gradowski, Kalman Fuhrmann, Arcik (Aharon) Lubowicz., Zalman Rochkin, os irmãos Dragon, Shloime De-Geller e seus dois cunhados, Berl Becker e Nissan Lewin. Este último, ele soube, morreu poucas semanas antes da libertação. Eliezer encontrou uma maleta de relojoeiro e passou a usar as ferramentas para fazer monogramas que trocava com outros prisioneiros por comida. Isso o ajudou a se alimentar melhor no período de encarceramento.

Por ter conhecimento da escrita clandestina de Gradowski e de Langfus, Eisenschmidt recolhia todo pedaço de vela que encontrava para que a cera fosse usada na selagem dos frascos utilizados por eles para proteger os papéis. O número de Eliezer foi chamado na seleção de 7 de outubro de 1944, ou seja, ele seria morto naquele dia fatídico. Durante a chamada, ele tentou se esconder, mas foi encontrado e colocado à parte. Eisenschmidt relata que enquanto o primeiro grupo selecionado era deslocado do pátio do Crematório IV (3) para o Crematório V (4), a confusão se instalou. Ele atribui o incêndio no Crematório IV (3), principalmente, ao judeu de Będzin, Polônia, de nome Yosl. Ele nunca soube o seu sobrenome, o que era comum entre eles. Além de estar a par dos *Scrolls*, Eliezer também sabia que a Resistência política havia sido acionada no intuito de fazerem um levante em todo o Campo. Eles pensavam, comenta Eisenschmidt, que se o *Lager* todo insurgisse, os nazistas não conseguiriam matar nem a metade deles, e uma horda ainda seria capaz de sobreviver para contar a história. O combinado era que os judeus do *Sonderkommando* dariam aos homens da Resistência política grande quantidade de dinheiro e a resistência forneceria ajuda militar. Eisenschmidt também participou da organização da revolta fazendo as granadas de mão. A liderança do movimento foi atribuída a um judeu russo do corpo de artilharia que foi preso na batalha de Stalingrado. Outros três judeus russos estavam associados a ele. Nenhum deles foi nomeado. Eisenschmidt menciona os feitos dos homens do Crematório II (1). Muitos prisioneiros morreram em retaliação, inclusive as mulheres que contrabandearam os explosivos para Birkenau.

Eisenschmidt participou de uma ação descrita por Leon Cohen: a de furto de comida do Armazém de Alimentos nas vésperas da evacuação. Para tanto, ele usou os seus conhecimentos de eletricitista para bloquear a corrente elétrica da cerca que precisavam

atravessar. Essa façanha se deu enquanto os guardas se preocupavam mais com si mesmos do que com os prisioneiros. Eisenschmidt se recorda de Abraham Dragon ter dificuldade de andar devido ao tiro que levou na perna após o levante. Ele ajudou a conseguir o carrinho no qual Abraham foi carregado ao longo da marcha da morte. Durante a marcha, Eisenschmidt e um amigo arriscaram fugir. Eles foram vistos e alvejados. O seu amigo morreu e ele conseguiu fugir com um tiro na perna. Localizando um esconderijo, se escondeu, mas a situação da sua perna e dedos não era boa. Estava muito frio e ele estava exausto. Ele ainda andou de madrugada pela floresta, mas perdeu as forças, desejou morrer, e considerou que pelo menos morreria como um homem livre. Eisenschmidt adormeceu e, quando acordou, estava congelando. Ele se levantou e andou até chegar ao vilarejo de Pszczyna. Lá foi acolhido por um casal de poloneses cristãos que cuidaram dele até a chegada dos soldados soviéticos. Os seus nomes eram Franciska e Augustin Tendera. Eliezer os visitou duas vezes, a última em setembro de 1993. A correspondência entre eles seguiu ao longo dos anos, “mandei-lhes pacotes com todo tipo de coisas legais, principalmente para festivais. Isso é tudo que posso dar a eles, mas eles merecem muito mais. Afinal, eles salvaram a minha vida³⁵⁸” (Greif, 2005, p. 256, tradução nossa). Em outubro de 1945, Eliezer se casou com uma sobrevivente, Yehudit, no ano seguinte os dois emigraram para Israel. Ele faleceu em 11 de dezembro de 2014.

4.13 Dov Paisikovic

O testemunho de Dov Paisikovic nos chega por meio do registro de testemunho que concedeu em 1964, durante os Julgamentos de Auschwitz, em Frankfurt. Nascido em 1º de abril de 1924, na cidade de Velky Rakovec, na época pertencente à Hungria, Paisikovic vinha de uma numerosa família. Ao todo, eram nove filhos. Todos foram presos pelos nazistas em 15 de abril de 1944 e levados a Auschwitz. Alguns dias após a chegada do comboio ao *Lager* – o que aconteceu em 31 de maio de 1944 – ele e o pai foram selecionados para trabalhar no *Sonderkommando*. Paisikovic foi destacado para um dos Bunkers, que ele afirma ser chamado de “Bunker 5”. Logo que chegaram, o grupo foi levado para a parte de trás da construção

onde vimos aquele inferno na terra de Auschwitz, que uma pessoa normal não pode imaginar: ali jazia uma enorme quantidade de cadáveres, dispostos como palheiros. Moll começou a gritar para que começássemos a trabalhar. Moll afirmou que vimos

³⁵⁸ ““I sent them parcels with all sorts of nice things, mainly for festivals. That's all I can give them, but they deserve a lot more. After all, they saved my life.”

que devemos carregar os cadáveres da pilha para a ravina preparada – a vala. Quatro de nós levaram um corpo. Dois carregavam-no pelos braços e dois pelas pernas. (...) Naquele momento um SS caiu sobre nós e começou a nos bater com o seu bastão, gritando para que cada um de nós carregasse um corpo. Ele nos trouxe muitas bengalas – curvadas em forma de gancho – e demonstrou como deveríamos fazê-lo. Ele colocou a vara com gancho sob o pescoço do corpo e arrastou o corpo pelo chão atrás de si. A partir daí tivemos que trabalhar dessa forma. Ao meio-dia houve intervalo para o jantar (sic), e trouxeram garrafas térmicas e chaleiras com comida. Era sopa.³⁵⁹ (Setkiewicz, 2011, p. 83, tradução nossa).

Imediatamente após a refeição eles voltaram ao trabalho do qual se desincumbiram às 18h. Somente ao final do primeiro dia de trabalho o seu grupo recebeu a tatuagem. Daquele momento em diante o seu nome seria o número com o qual foi marcado, advertiram os nazistas. Todos os dias era a mesma coisa. Em setembro de 1944, o encarregado pelo seu grupo de trabalho, um prisioneiro polonês a quem chamavam de “o francês” foi selecionado para uma transferência. Rumores chegaram de que o grupo havia sido gaseado e queimado pelos próprios SS. Com base nos itens encontrados no Crematório III (2), os homens do *Sonderkommando* confirmaram as suspeitas e compreenderam o que havia acontecido. Os prisioneiros que trabalhavam no Bunker se dividiram de acordo com a função “especializada” que desenvolviam. Paisikovic conta que não havia sala de despir no Bunker e, por isso, as pessoas tiravam a roupa ao ar livre. O primeiro grupo “especializado” recolhia as roupas deixadas pelos deportados que eram conduzidas pelos SS à casinha. Logo que a sala ficava cheia, a porta era fechada e um guarda despejava o veneno. O SS responsável por essa atividade usava máscara de gás. As pessoas gritavam e era assim, por ouvir a língua em que as vítimas clamavam, que os homens do *Sonderkommando* identificavam de onde vinha o comboio. O segundo grupo de “especialistas”, usando máscaras de gás, retirava os corpos das câmaras. O terceiro grupo era dividido entre aqueles que arrancavam os dentes de ouro e os que cortavam os cabelos longos. O quarto grupo levava os corpos da porta da câmara de gás até as fossas de cremação, o quinto lançava-os nas fossas. Havia ainda um grupo responsável pela limpeza da câmara de gás e por cair as paredes.

Durante duas semanas Paisikovic trabalhou no Bunker, uma semana durante o turno diurno e uma semana no noturno. Após esse período ele foi designado ao Crematório II (1).

³⁵⁹ “where we saw that hell on the earth of Auschwitz, which a normal person cannot imagine: an enormous number of corpses lay there, they were arranged like hay stacks. Moll began shouting at us to get to work. Moll stated that we saw that we must carry the corpses from the pile to the prepared ravine – the ditch. Four of us took one body. Two carried it by the arms and two by the legs. (...) At that moment an SS man fell upon us and began hitting us with his rod, crying that each of us should carry one body. He brought us many walking sticks – curved in a hook shape – and demonstrated how we were supposed to do it. He placed the hooked stick under the neck of the body and dragged the body along the ground behind himself. From then on, we had to work that way. At noon there was a break for dinner, and they brought thermoses and kettles of food. It was soup.”

Com essa mudança, finalmente, ele conseguiu comer adequadamente. Como Paisikovic cavou rapidamente um buraco que lhe foi solicitado pelo *Kapo* Kamiński, isso garantiu a sua permanência no Crematório II (1). Ele testemunha sobre o modo como a cena da sala de despir era montada a fim de enganar os judeus deportados e como os SS agiam naquela etapa do processo de assassinato.

Os homens da SS encontrados na câmara de gás empurraram e prenderam as pessoas, retirando-se lentamente da câmara de gás. Quando havia pouco espaço, eles pegavam as crianças pequenas e as jogavam por cima das cabeças da multidão. Neste momento, as pessoas percebiam o perigo que corriam. Os homens da SS batiam nas pessoas o tempo todo e forçavam-nas a aglomerar-se. Quando todos entraram, os homens da SS retiraram-se, fechando a porta. (...) Após o fechamento da câmara, como mencionei acima, um dos homens da SS com máscara de gás subiu na laje de concreto (o teto da câmara) do lado de fora e despejou uma lata de Zyklon em cada uma das duas aberturas. Eu vi isso muitas vezes³⁶⁰ (Setkiewicz, 2011, p. 87, tradução nossa).

Ele também testemunha que o veneno era levado em um veículo com a insígnia da Cruz Vermelha. Os procedimentos adotados nas câmaras de gás e fornos crematórios foram apresentados em seu testemunho. Não há menção, no trecho encontrado de seu depoimento, sobre a revolta de outubro de 1944 ou a respeito da marcha da morte. Sabe-se que o seu pai, Izaak Paisikovic, estava com ele durante a marcha da morte, mas acabou morrendo em Ebensee no período em que Paisikovic fora designado para Melk. Dov faleceu em 1988.

4.14 Ya'akov Gabai

[Ya'akov Gabai:] Eu pensei que era uma tragédia, uma tragédia terrível que estava acontecendo com o povo judeu, sendo assassinado aqui de forma tão cruel. Nos primeiros dias foi simplesmente terrível. Mas eu disse a mim mesmo: “Você não deve perder a sanidade”. Eu sabia que a partir de então teria que ver essas imagens dia após dia. Este seria o nosso trabalho, então é melhor nos acostumarmos. Um trabalho difícil, mas você se acostuma³⁶¹ (Greif, 2005, p. 186, tradução nossa).

Ya'akov Gabai nasceu em Atenas em 26 de setembro de 1912. Após o seu nascimento, a família passou a residir em Tessalônica. A sua mãe tinha origem judaico-grega e o seu pai era judeu italiano. A cidadania italiana proporcionou algum privilégio aos judeus no primeiro

³⁶⁰ “The SS men found in the gas chamber shoved and jammed people in, slowly withdrawing from the gas chamber. When there was too little room, they picked up small children and threw them above the heads of the crowd. At this point, the people realized what danger they were in. The SS men were beating people the whole time and forcing them to crowd in. When all were inside, the SS men withdrew, closing the door. (...) After the closing of the chamber, as I mentioned above, one of the SS men in a gas mask climbed onto the concrete slab (the ceiling of the chamber) outside and poured a canister of Zyklon into each of two openings. I saw this many times.”

³⁶¹ “I thought it was a tragedy, a terrible tragedy that was happening to the Jewish people, being murdered here in such a cruel way. For the first few days, it was just terrible. But I told myself, “You mustn’t lose your sanity”. I knew that from then on I’d have to see these sights day in, day out. This would be our job, so we’d better get used to it. A tough job, but you get used to it.”

momento, de modo que a chegada da guerra foi sentida lentamente. Ya'akov era o filho primogênito. Alguns anos mais jovem do que ele, vinha Dario e, em seguida, Sami. Apenas Ya'akov e Dario sobreviveram à *Shoah* – os dois trabalharam no *Sonderkommando*. No final de 1942 a situação piorou consideravelmente para os judeus na Grécia. Em 15 de julho de 1943 os Gabai decidiram se mudar para Atenas. Ya'akov já era casado. Com a desistência de Mussolini em setembro daquele ano, os judeus tinham que se reportar diretamente aos nazistas. Em 1º de abril toda a família embarcou no comboio que chegou a Auschwitz em 11 de abril de 1944. Eles não sabiam na ocasião que aquele nome significava morte. Durante o intervalo de tempo em que as entrevistas com Gideon Greif ocorriam, Ya'akov faleceu. Era 1994, cerca de um ano antes da publicação do livro *We wept without tears*.

Após o período de quarentena, em 12 de maio de 1944, houve uma nova seleção na qual Ya'akov e Dario foram selecionados para o *Sonderkommando*. Logo de início ele conheceu o *Kapo* Kamiński a quem chama de Jakob Kamiński.

Quando chegamos à nossa barraca [bloco], os prisioneiros nos disseram: “Tudo aqui é melhor do que em casa. Você só precisa saber de uma coisa: nenhum de nós sairá vivo daqui”. (...) Aqueles que já estavam lá há muito tempo diziam-nos: “Trabalhar para o Sonderkommando é queimar cadáveres todos os dias”. Foi a primeira vez que ouvimos dizer que estavam incinerando pessoas em Auschwitz³⁶² (Greif, 2005, p. 186, tradução nossa).

Um grupo formado principalmente por judeus gregos foi levado ao Crematório II (1) para uma espécie de “tour guiado”. Com ele estava o seu irmão Dario Gabai e também Michel Arditti [Ardetti], Josef Baruch de Corfu, os irmãos Cohen, Shlomo e Maurice Venezia, Leon Cohen, Marcel Nadjary e Daniel Bennahmias [Ben-Nahmias]. Os SS mostraram a câmara de gás onde “eu vi corpos uns em cima dos outros. Havia cerca de dois mil e quinhentos corpos lá. Você podia ver feridas e sangue em muitos deles. Eu nunca tinha visto nada parecido. Foi uma visão horrível³⁶³” (Greif, 2005, p. 186, tradução nossa). A eles também foi apresentado o trabalho de “cabeleireiro”, “dentista” e “foguista”. No primeiro dia eles não trabalharam, mas tiveram que observar como as atividades eram executadas. No dia seguinte eles foram encaminhados ao Crematório III (2) onde viriam a desempenhar as suas funções. Ya'akov Gabai foi designado para a função de foguista.

³⁶² “When we got our barracks, the prisoners told us, “Everything here is better than at home. You just have to know one thing – none of us will get out of here alive”. (...) Those who’d already been there for a long time told us, “Working for the Sonderkommando means burning corpses every day”. It was the first time we’d heard that they were incinerating people in Auschwitz.”

³⁶³ “I saw bodies on top of each other. There were about twenty-five hundred bodies there. You could see wounds and blood on many of them. I’d never seen anything like it. It was a ghastly sight.”

Devíamos recolher os corpos e colocá-los numa maca. Tive que carregar os corpos direto na fornalha com um forcado. Cada fornalha tinha três portas. Quatro corpos podiam ser colocados em cada porta – sessenta corpos em quinze minutos, e depois de quinze minutos você tinha que mexer tudo com o forcado. O fogo ardia e depois de mais quinze minutos nada restou das vítimas, exceto cinzas. Então o trabalho recomeçava. Nosso trabalho somava apenas três minutos – quatro minutos no máximo – e meia hora de intervalo.³⁶⁴ (Greif, 2005, p. 187, tradução nossa).

Com o grande volume de transportes, Gabai foi transferido para as fossas crematórias que ficavam em frente aos Crematório IV (3) e V (4). Enquanto trabalhava nas fossas, Menachem Litschi, um judeu grego, se dirigiu a ele e disse

“Ya’akov, este trabalho é intolerável. Olha, não podemos continuar jogando pessoas no fogo. Não quero mais viver”. Eu disse a ele para ser paciente por alguns dias: “Todos os começos são difíceis. Tudo passa. Não jogue sua vida fora”. Ele esperou dois dias, e no terceiro dia – quando pensou que ninguém estava olhando – enquanto levavam os corpos para o bunker, Menachem pulou na fossa com o corpo que arrastava e cremou-se. Um sargento alemão chamado Grünberg atirou nele para poupá-lo da dor. Isso aconteceu no dia 18 de maio de 1944³⁶⁵ (Greif, 2005, p. 188, tradução nossa).

Essa foi a única situação de suicídio que presenciou no *Lager*. Após quatro dias intermináveis e extenuantes nas fossas, Gabai retornou ao Crematório III (2). O seu irmão, que no primeiro mês trabalhou no Crematório IV (3) e V (4), se juntou a ele no Crematório III (2). Dario era dez anos mais jovem do que Ya’akov e mais sensível, havia o receio de que ele não suportasse as exigências do trabalho de lidar com os corpos, “todavia, ele aguentou até o fim³⁶⁶” (Greif, 2015, p. 189, tradução nossa). Como havia trabalhos mais fáceis do que outros, apesar de cada prisioneiro ter uma função específica, eles se ajudavam quando era possível. Se no início Gabai não conseguia entender o que estava diante de seus olhos, em duas ou três semanas ele havia se acostumado com tudo aquilo. Eles se tornaram robôs e animais, afirma, para conseguirem sobreviver àquelas condições. Desde o início ele disse para si mesmo que queria sobreviver, “eu não refleti sobre o medo ou sobre a morte. Eu estava tão otimista. O

³⁶⁴ “We were to pick up the bodies and lay them on a stretcher. I had to load the bodies straight into the furnace with a pitchfork. Each furnace had three doors. Four bodies could be put in through each door – sixty bodies in fifteen minutes, and after fifteen minutes you had to stir the whole thing with the pitchfork. The fire blazed and after another fifteen minutes nothing remained of the victims except ashes. Then the work started over. Our work added up to only three minutes – four minutes at the most – and a half-hour break.”

³⁶⁵ ““Ya’akov, this work is intolerable. Look, we can’t continue throwing people into the fire. I don’t want to live anymore”. I told him to be patient for a couple of days, “All beginnings are tough. Everything passes. Don’t throw your life away”. He waited two days, and on the third day – when he thought no one was looking – as they were bringing the bodies to the bunker, Menachem jumped into the fire with the body that he was dragging and cremated himself. A German sergeant named Grünberg shot him to spare him the pain. It happened on the May 18, 1944.”

³⁶⁶ “Just the same, he held on to the end.”

tempo todo eu dizia a mim mesmo: “Vou sair daqui, vou sair disso tudo”³⁶⁷ (Greif, 2005, p. 206, tradução nossa). Apesar de não ter medo da própria morte,

sempre tive medo de que mandassem minha esposa para o crematório e a assassinassem, e sempre me perguntei o que faria nesse caso. Felizmente, isso não aconteceu, mas em 31 de Outubro de 1944, quando os últimos quatrocentos Muselmänner foram levados à morte, dois dos meus primos que trabalhavam no Campo de Trabalho D em Birkenau estavam entre eles. Sentamo-nos e conversamos durante duas horas na sala de despir do crematório (...) perguntei-lhes como é que pessoas como eles, que sempre foram tão corajosas e legais, se encontravam numa situação destas. Eles responderam: “Este é o nosso destino na vida, o nosso destino, não podemos evitá-lo”. Eles comeram e nós fumamos cigarros até a hora deles irem embora. Um dos alemães disse: “Agora é hora de acabar com vocês”. Aí eu disse a eles: “Venham, tenho uma coisa terrível para lhes contar, mas vocês não vão sofrer”. Levei-os até a câmara de gás, até o local onde o gás era colocado. “Se você sentar aqui, não vai sofrer nem por um segundo”. Quando sai, o soldado alemão me disse: “Impressionante; você tem muita, muita coragem! Eu respondi: “Por que eles deveriam sofrer tanto?” Dez das vítimas condenadas à morte naquele dia eram conhecidos e familiares gregos. Quando terminamos de cremar os 390 corpos, cada um de nós já havia cremado alguns de nossos parentes e conhecidos separadamente. Reunimos as cinzas de cada pessoa separadamente e as enterramos em latas. Registramos o nome da vítima, sua data de nascimento e a data do assassinato. Enterramos as latas e até recitamos o Kadish. Agora, quem dirá o Kadish por nós? Nós nos perguntamos...³⁶⁸ (Greif, 2015, pp. 190-191, tradução nossa).

Ya’akov manteve consigo um diário no qual anotava, clandestinamente, tudo o que acontecia, o que vira e ouvira, “todos os dias havia algo novo – formas estranhas de morrer, locais de onde vinham os transportes, o comportamento das pessoas³⁶⁹” (Greif, 2005, p. 193, tradução nossa). Desde o seu encarceramento no *Sonderkommando* até a evacuação transcorreram oito meses e ele tinha escrito cerca de 500 páginas. Poucas pessoas sabiam desse registro. Por todas as questões mencionadas em outras partes da tese, a escrita era

³⁶⁷ “I didn’t reflect about fear or about death. I was so optimistic. All the time I told myself, “I’m going to get out of here, I’m going to get out of all this”.”

³⁶⁸ “I was always afraid that they’d send my wife to the crematorium and murder her, and I was always asked myself what I would do in that case. Fortunately, it didn’t happen, but on October 31, 1944, when the last four hundred Muselmänner were led to their death, two of my cousins who used to work at Labor Camp D in Birkenau were among them. We sat and chatted for two hours in the undressing room of the crematorium (...) I asked them how it could be that people like them, who’d always been so brave and cool, would find themselves in such a situation. They answered, “This is our lot in life, our fate, we can’t dodge it”. They ate and we smoked cigarettes until it was time for them to go. One of the Germans said, “Now it’s time to finish you off”. Then I told them, “Come, I’ve got something terrible to tell you, but you won’t suffer”. I led them to the gas chamber, to very place where the gas was put in. “If you sit here, you won’t suffer even for a second”. When I left, the German soldier told me, “More power to you; you’ve got lots and lots of courage!” I answered, “Why should they suffer so much?” Ten of the victims who were put to death that day were acquaintances and family members from Greece. By the time we’d finished cremating the 390 bodies, each and every one of us had cremated a few of our relatives and acquaintances separately. We gathered up the ashes of each person separately and buried it in cans. We recorded the name of the victim, his date of birth, and the date of his murder. We buried the cans and we even said Kaddish over them. Now, who’ll say Kaddish for us? We asked ourselves...”

³⁶⁹ “Every day I wrote down what I did in the Sonderkommando. There was something new every day – strange ways of dying, places where the transports came from, the people’s behavior.”

mantida em segredo. Apesar de ter preservado as anotações consigo durante meses, ele não imaginou que conseguiria levá-las sem serem notadas durante a evacuação e isso o levaria à morte. O seu diário foi deixado no alojamento em que os *Sonder* ficaram nos últimos dias. Ele não teve condições nem de enterrar os escritos. Não se sabe que destino o diário teve.

Quando o gás era liberado ouviam-se gritos, mas não durava muito tempo. Os muçulmanos, afirma, apresentavam o pior estado quando eram retirados da câmara de gás. Havia uma regra estabelecida pelos nazistas de que os corpos deveriam ser lavados antes de serem encaminhados para a cremação, isso tornava o processo de arrastá-los mais fácil. As cinzas produzidas pela queima dos corpos eram descartadas em rios próximos ao Campo, em razão disso os nazistas chamavam sarcasticamente as cinzas de “comida de peixe”. Como os membros do *Sonderkommando* vinham de diversos países com línguas distintas, eles tentavam se comunicar em ídiche, mas, muitas das vezes a principal forma de comunicação era por meio de mímicas. A relação entre os membros do *Sonderkommando*, afirma, era amigável. Eles eram bons amigos e leais.

Ya’akov Gabai fazia comércio com os guardas da SS em troca de comida, mas se interessava principalmente por bebida alcoólica, pois “sem as bebidas não teria funcionado. Nós e os alemães nos envolvemos em negociações animadas, como você faria em uma feira comum³⁷⁰” (Greif, 2005, p. 198, tradução nossa). Ele é a única testemunha que afirma ter lançado mão de bebida à noite para conseguir dormir e a declarar o uso cotidiano de álcool. A relação com os guardas da SS, afirma, era boa e não havia problema com eles. Os dois grupos cantavam e contavam piadas, “deve parecer terrível e é difícil entender como vivíamos juntos com nossos assassinos. Mas tudo era possível em Auschwitz³⁷¹” (Greif, 2005, p. 205, tradução nossa). Ele nunca foi espancado pelos SS, pois seguia à risca as diretrizes – segundo o seu entendimento, apenas os desordeiros eram açoitados ou mortos. À exceção de Moll que era meio maluco, pondera. Para ilustrar, ele menciona a história de um judeu grego de nome Jacques Benbenisti. Ele era pintor e foi levado à casa de Moll para fazer alguns quadros. Quando o trabalho terminou, Moll atirou nele sem cerimônia. Em períodos mais calmos os judeus gregos cantavam à noite. O acesso à comida levada pelos deportados permitia que eles dividissem alimento com os prisioneiros comuns.

³⁷⁰ “Without the drinks it wouldn’t have worked. We and the Germans engaged in lively barter, as you’d do at an ordinary fair.”

³⁷¹ “It must sound terrible and it’s hard to understand how we lived together with our murderers. But anything was possible in Auschwitz.”

Em junho de 1944, Gabai soube que havia um plano de revolta e fuga em curso. Na liderança estava um major judeu russo e um capitão judeu grego de nome Joseph Baruch que morreu pouco antes da libertação dos Campos. Ya'acov sabia sobre a revolta, inclusive que havia sido adiada diversas vezes por intervenção de outros grupos clandestinos de resistência. Em linhas gerais o plano consistia em matar os SS e fugir, e “como parte do plano estávamos preparados para morrer por todo o Campo, mas na verdade não tivemos sucesso no final³⁷²” (Greif, 2005, p. 209, tradução nossa). Ele atribui o incêndio ao Crematório IV (3) aos judeus gregos Rudo, um oficial da artilharia grega, e a Yitzhak Barsilai. Ya'akov Gabai se recorda de ter visto Leon Cohen escrevendo um bilhete no qual pedia para quem o encontrasse informasse à sua esposa que ele havia morrido. O bilhete foi assinado e enterrado no pátio do Crematório III (2). Gabai participou do desmonte dos crematórios e, devido ao caos que tomou conta do *Lager*, os homens do *Sonderkommando* conseguiram fugir se misturando aos prisioneiros comuns. Quando o Campo em que estava foi libertado ele não se sentiu feliz

Sabíamos que a guerra tinha acabado, mas nós, judeus, não tínhamos pais nem famílias. (...) Quando regressei à Grécia, quatro meses depois da libertação, mal consegui habituar-me à atmosfera local. Quando vi Tessalônica sem a sua população judaica, fiquei muito magoado. Vaguei pelas cidades onde estive quando menino, tentando encontrar o caminho de volta à civilização, mas não consegui. Procurei parentes em Tessalônica, mas só encontrei amigos. (...) eu não via sentido em fazer isso [relatar o que viveu em Auschwitz] porque não conseguia descrever a realidade que vivemos lá. Mas quando comecei a me sentir novamente membro da sociedade e a refletir sobre o que havia feito lá, isso me causou muita dor. Ainda acontece sempre que falo sobre isso³⁷³ (Greif, 2015, p. 212, tradução nossa).

Ya'akov encontrou a sua esposa em Tessalônica com a saúde bastante debilitada. Ele começou a trabalhar e a filha do casal nasceu. Em meados de 1949 eles decidiram emigrar para a terra de seus antepassados, Israel. Ele tinha parentes que haviam emigrado para lá em 1932. Questionado sobre os seus sonhos, Gabai diz que nunca sonha com Auschwitz. Em Israel ele refez a vida. Um amigo de Gabai, sobrevivente de Auschwitz, um dia resolveu fazer-lhe uma surpresa. Ele levou Ya'acov para visitar Shmuel Lemke, sobrevivente do *Sonderkommando* que também morava em Israel. Fazia anos que não se viam e Lemke não se recordava de Gabai. Quando a memória lhe veio, ele chorou pedindo para que eles não

³⁷² “As part of the plan, we were prepared to die for the entire camp, but actually we didn’t succeed in the end.”

³⁷³ “We knew that the war was over but we Jews didn’t have parents or families. (...) When I returned to Greece four months after the liberation, I could hardly get used to the atmosphere there. When I saw Salonika without its Jewish population, it hurt me badly. I wandered around the cities where I’d been as a boy, trying to find my way back to civilization, but I did not succeed. I looked for relatives in Salonika but found only friends. (...) I saw no point in doing that because I couldn’t describe the reality that we had lived through there. But when I began to feel like a member of society again and to reflect about what I’d done there, it caused me a lot of pain. It still does, whenever I talk about it.”

contassem à esposa que ele havia pertencido ao *Sonderkommando*. Lemke³⁷⁴ não queria tocar em assuntos relacionados ao Esquadrão Especial. Dario, irmão de Ya'acov, emigrou para os Estados Unidos e guardou silêncio por muito tempo também. Ya'akov Gabai, por seu turno, relatou a sua experiência aos colegas com quem trabalhou na Guarda Civil israelense e deu o seu testemunho em diversas escolas em Israel e outros lugares que o convidavam a falar. Por fim, ele disse

Não tenho vergonha, minha consciência está tranquila. São os alemães que deveriam ter vergonha, não eu. Dói, mas não tenho vergonha. É um pouco difícil contar às pessoas o que aconteceu antes de 1945. É difícil descrever o que vivemos e o que vimos. É difícil, tão difícil de acreditar. (...) Mas os jovens de hoje não estão interessados em ouvir, infelizmente. É assim que eu vejo. Quero que os jovens saibam que isso não foi fruto da imaginação. Isso realmente aconteceu. Esse foi o destino do povo judeu. Com meus próprios olhos vi milhões de judeus sendo massacrados. Por outro lado, muitos jovens vão à Polônia e visitam Auschwitz e veem tudo. Sou fortemente a favor disto. (...) A coisa toda passou. Tudo passa. Isso está atrás de mim. Sobrevivi porque tinha esperança de sair vivo de Auschwitz desde o momento em que entrei. Sobrevivi porque era otimista. Agora, enquanto estou sentado aqui e lhes conto tudo, pergunto-me: “Como pode um ser humano suportar uma coisa dessas? Como ele pode suportar?” Bem, o homem é mais forte que o ferro. C’est la vie, mon cher ami – passar, durar, deixar de lado³⁷⁵ (Greif, 2015, pp. 213-214, tradução nossa).

4.15 Shaul Chazan

[Shaul Chazan:] Gideon (...) algo que estava entalado dentro de mim há mais de quarenta anos acaba de ser expurgado. Até hoje [1987], não contei nada para ninguém da minha família sobre a minha vida durante o Holocausto. Simplesmente não pude contar-lhes sobre o meu trabalho em Birkenau. Agora me sinto liberado. As algemas que prendiam meu coração foram desamarradas. Obrigado por fazer isso por mim³⁷⁶ (Greif, 2005, p. 258, tradução nossa).

³⁷⁴ Por décadas Lemke (Shamuel) Pliszko, se recusou a falar, mas em meados dos anos 1990, ele atendeu aos pedidos de Gideon Greif (2005) para entrevistas que foram gravadas em áudio e em vídeo. Não há publicação com a transcrição dessas entrevistas.

³⁷⁵ “I’m not ashamed, my conscience is clear. It is the Germans who should be ashamed, not me. It hurts, but I’m not ashamed. It’s a little hard to tell people what happened before 1945. It’s hard to describe what we experienced and what we saw. It’s hard, so hard to believe. (...) But today’s young people aren’t interested in listening, unfortunately. That’s how I see it. I want the young people to know that it wasn’t a figment of the imagination. It really happened. It was the fate of the Jewish people. With my own eyes I saw millions of Jews being slaughtered. On the other hand, lots of young people go to Poland and visit Auschwitz and see everything. I am strongly in favor of this. (...) The whole thing has passed. Everything passes. It’s behind me. I survived because I’d hoped to emerge from Auschwitz alive from the moment I’d entered. I survived because I was optimistic. Now, as I sit here and tell you the whole thing, I ask myself, “How can a human being put up with such a thing? How can he endure?” Well, man is stronger than iron. C’est la vie, mon cher ami – to pass, to last, to cast aside.”

³⁷⁶ “Gideon (...) something that has been bottled up inside me for more than forty years has just been purged. To this day, I haven’t told anyone in my family a thing about my life during the Holocaust. I just couldn’t tell them about my work in Birkenau. Now I feel released. The shackles that bound my heart have been untied. Thank you for doing this for me.”

Shaul Chazan nasceu em Tessalônica, Grécia, em 1924, e tinha um irmão e uma irmã. O seu pai era comerciante de roupas. Ele informa que a situação dos judeus gregos se tornou realmente opressiva no segundo semestre de 1942 e pioraram ainda mais após o gueto Barão Hirsch ser instalado. Em agosto ou setembro de 1943, Shaul e o seu irmão seriam deportados, a sua família já havia sido enviada para algum Campo antes dessa data. No último momento os irmãos conseguiram escapar, mas não tinham para onde ir. Eles foram capturados, separados e espancados, mas mantiveram a mesma história: eram camponeses. Os nazistas estavam interessados em saber sobre a atividade dos resistentes, ou seja, dos partisanos. Chazan foi levado à prisão de Pavlo Mela e de lá para Haidari, onde conheceu Leon Cohen. Em algum momento o seu irmão fugiu para Atenas e se juntou aos guerrilheiros antes que os nazistas conseguissem alcançá-lo. De sua família, somente os dois irmãos sobreviveram.

Em 11 de abril de 1944, Chazan chegou a Auschwitz. Um local do qual ele nada sabia. Tão logo foram selecionados, os deportados tiveram os pelos raspados e a tatuagem marcada. O seu novo nome era 182527 e não mais Shaul, afirma. Na primeira noite da quarentena, Chazan saiu do alojamento para fazer xixi – ele não sabia que era proibido. Ele foi espancado até o seu nariz ser quebrado. Após duas semanas em quarentena ele foi selecionado para trabalhar em uma fábrica. Ao chegar, ele ficou confuso pois parecia uma casinha rústica

quando abriram a porta mal podíamos acreditar no que víamos. Todo o interior da parede da casa estava cheio de corpos de um transporte, mais de mil cadáveres. A sala inteira estava cheia de corpos. Lembro-me deles escolhendo seis ou sete homens – eu era um deles – e dando-nos golpes. “Mova-se, mova-se, comece a trabalhar!” Gritando, espancando, eles não nos deram chance de pensar no que havíamos acabado de ver. Tivemos que remover os corpos. Havia uma piscina ali, um poço fundo, chamado de “bunker”. Tivemos que empilhar os corpos uns sobre os outros como se fossem sardinhas. Outros trabalhadores rachavam toras e nós fazíamos tudo em sequência – madeira, cadáveres, madeira, cadáveres, cadáveres, cadáveres, até encher toda a fossa. Ali estava um barril de gasolina; ele foi preparado de antemão. O homem da SS que estava no comando despejou a gasolina, sacou uma arma e disparou alguns tiros para colocar fogo na gasolina. Não era possível usar fósforo. O fogo tomou conta e cadáveres, cadáveres, cadáveres, cadáveres, jogue-os dentro, jogue-os dentro, queime-os, queime-os, queime-os. E assim por diante, indefinidamente. Foi assim que aconteceu. “Mova isso! Mova isso!” Surras o tempo todo. “Queime todos esses cadáveres e acabe com este transporte!” Disseram-nos que trabalharíamos doze horas, mas isso nunca foi doze horas! Chegamos lá às duas e só saímos às duas do dia seguinte. Foram vinte e quatro horas seguidas³⁷⁷ (Greif, 2005, p. 264, tradução nossa).

³⁷⁷ “when they opened the door we could hardly believe our eyes. The whole interior of the house wall filled with bodies from a transport, more than a thousand corpses. The whole room was filled with bodies. I remember them picking out six or seven men – I was one of them – and raining blows on us. “Move it, move it, start working!” Shrieking, beating, they didn’t give us a chance to think about what we’d just seen. We had to remove the bodies. There was a pool there, a deep pit, called a “bunker”. We had to pile the bodies on top of each other like sardines. Other workers split logs and we did everything in sequence – wood, corpses, wood, corpses, corpses, corpses, until the whole pit was filled. A barrel of gasoline stood there; it had been prepared beforehand. The SS man who was in charge poured the gasoline, pulled out a hand gun, and fired a few rounds to set the

O alimento que os alemães forneciam aos homens do *Sonderkommando* era o mesmo servido aos prisioneiros do Campo, mas quando se tem um trabalho como o que tivera que fazer, pondera, se pensava mais em escapar do que no alimento ingerido. À noite, os nazistas fizeram com que eles cantassem, “cantamos canções em grego, canções folclóricas. Os alemães adoravam o som da língua grega. Cantamos muito alto³⁷⁸” (Greif, 2005, p. 265, tradução nossa). Durante o trabalho os homens do *Sonderkommando* raramente conversavam. Os espancamentos frequentes não deixavam espaço para a reflexão e logo “ficamos particularmente deprimidos. Não tínhamos mais vontade de pensar nas pessoas. Apenas trabalhávamos, comíamos e dormíamos, como autômatos³⁷⁹” (p. 266, tradução nossa). As imagens que via também não favoreciam a compreensão do que estava acontecendo

Uma noite, depois da cremação dos cadáveres, um caminhão cheio de velhos, doentes e deficientes físicos vieram com roupas e outras coisas, e eles jogaram tudo para fora do caminhão como se fosse um monte de cascalho, direto para a fossa – com o povo ainda vivo! Vi isso duas vezes – uma vez no meu primeiro dia de trabalho com o *Sonderkommando* e outra vez quando chegaram outros transportes. As pessoas foram jogadas no “bunker” e queimadas vivas. Lembro-me também de um judeu grego do *Sonderkommando* que pulou no fogo. Ele viu o que estava acontecendo e pulou na fossa³⁸⁰ (Greif, 2005, p. 266, tradução nossa).

Possivelmente trata-se do mesmo suicídio mencionado por Ya’acov Gabai. Quem vai a Birkenau hoje, pondera, não consegue imaginar e não entende como situações como essas puderam acontecer. De fato, as ruínas e a paisagem do antigo Campo não são capazes de revelar essas histórias. Depois de trabalhar por um tempo no Bunker, Chazan foi enviado para o Crematório III (2) onde havia turnos de 12 horas de trabalho e as funções de cada trabalhador eram bem estabelecidas. Lá ele trabalhou na sala de despir e na retirada dos corpos da câmara de gás. Os nazistas informavam com cerca de duas horas de antecedência que um novo comboio estava a caminho e, assim, os foguistas tinham tempo de aquecer os

gasoline on fire. You couldn’t use a match. The fire took hold and corpses, corpses, corpses, corpses, throw ’em in, throw ’em in, burn ’em, burn ’em, burn ’em. On and on, endlessly. That’s how it was. “Move it! Move it!” Beatings all the time. “Burn all these corpses and wipe out this transport!” We were told that we’d be working twelve hours, but that was never twelve hours! We got there at two and we didn’t leave until two the next day. That’s twenty-four hours straight.”

³⁷⁸ “We sang songs in Greek, folk songs. The Germans loved the sound of the Greek language. We sang very loudly.”

³⁷⁹ “we got particularly depressed. We didn’t feel like thinking people anymore. We just worked, ate, and slept, like automatons.”

³⁸⁰ “One evening, after the corpses had been cremated, a truckload of old, sick, and disabled people came by with clothing and other things, and they dumped everything out of the truck as if it were a load of gravel, straight into the pit – while the people were still alive! I saw this twice – once on my first day of work with the *Sonderkommando* and again, when other transports came. The people were thrown into the “bunker” and burned alive. I also remember a Greek Jew from the *Sonderkommando* who jumped into the fire. He saw what was going on and leaped into the pit.”

fornos e tudo o mais ser preparado para a chegada dos deportados. Um rapaz circulava de moto entre um crematório e outro a fim de avaliar como estava o processo em cada um deles. Esse rapaz avisava qual seria o próximo a receber um novo comboio. Moll é citado por Chazan como um homem sádico.

Nos momentos em que trabalhou na sala de despir ele não conversava com os deportados. A limitação linguística atrapalhava, mas ele também não queria ter que mentir. Uma vez Chazan encontrou um judeu que fora seu vizinho em Tessalônica. Ele havia se ferido gravemente durante um bombardeio em Buna. Ele queria saber exatamente o que aconteceria com ele. Chazan, a princípio, tentou dissuadi-lo de querer saber disso, mas foi vencido pela insistência do antigo vizinho, “ele queria saber, então eu contei a ele. Pessoalmente, não tinha certeza se sairia vivo de lá. (...); a morte estava muito próxima. Nunca pensamos na vida, mas pensávamos na morte dia e noite, a cada minuto³⁸¹” (Greif, 2005, p. 269, tradução nossa). A família de um dos homens do *Sonderkommando*, Josef Baruch (Pepo), chegou em um transporte direcionado ao Crematório V (4). Baruch soube e articulou com os *Kapos* para que os SS lhe dessem autorização para se despedir da família, o que foi permitido.

Depois perguntei a ele: “Josef, você disse que eles estavam prestes a ser assassinados?” Ele respondeu: “Como eu poderia dizer-lhes tal coisa? Eu simplesmente não consegui”. Ele viu seus parentes, mas não disse nada. Realmente, o que ele poderia ter dito a eles? Se ele tivesse contado a eles, que bem isso poderia ter feito a eles?³⁸² (Greif, 2005, p. 270, tradução nossa).

Chazan presenciou um guarda da SS socializando com uma família judia de que havia sido vizinho na Alemanha. O SS em questão passou a noite com essas pessoas no alojamento dos *Sonderkommandos* que ficava na parte superior do Crematório III (2). Pela manhã ele matou cada membro da família judia separadamente com um tiro na nuca. Um transporte o perturbou particularmente: duzentas crianças polonesas que tinham entre oito e dez anos. Alguém contou a elas o que estava por vir, isso “foi especialmente assustador e medonho³⁸³” (Greif, 2005, p. 270, tradução nossa). Muitas vezes ele ouviu as pessoas clamando “*Shemá, Israel*” nos últimos minutos, mas ninguém ouviu ou viu, conclui. Chazan nunca presenciou qualquer pessoa sair da câmara de gás viva. Assim como Ya’acov Gabai, ele ouviu os SS falando que as cinzas virariam “comida de peixe”. Sobre o uso de bebidas pelos homens do

³⁸¹ “He wanted to know, so I told him. Personally, I wasn’t sure if I’d get out of there alive. (...); death was too close. We never thought about life but we thought about death day and night, every minute.”

³⁸² “Afterwards, I asked him, “Josef, did you tell them that they were about to be murdered?” He answered, “How could I tell them such a thing? I just couldn’t do it”. He saw his relatives, but didn’t say a thing. Really, what could he have told them? If he’d told them, what good could it have done by them?”

³⁸³ “It was especially terrifying and ghastly.”

Esquadrão Especial, ele disse que pessoas que eram acostumadas a beber bebiam, pois vários tipos estavam disponíveis.

Chazan era próximo de Josef Sackar como a um irmão e não somente dele, era também de Leon Cohen, Josef Baruch (Pepo), Ya'acov Gabai, Marcel Nadjary, Shlomo Venezia e de Daniel Bennahmias. Cada um era para o outro tudo o que possuíam e juntos esperavam a morte. Ele repete que não havia nada a pensar a não ser na própria morte.

Simplesmente não conseguíamos pensar na possibilidade de sobrevivência. Era melhor não pensar, não pensar. (...) não sei explicar. Comi, tomei café, tomei chá e fiz todo o resto entre cadáveres, milhares e milhares de cadáveres. Naquele local, onde retiraram os cadáveres das câmaras de gás, também comíamos e bebíamos – com os cadáveres. Quando penso nisso hoje, realmente não sei como uma pessoa pode viver nessas condições. Como? Como? Não sei. Como? Corpsos... Hoje em dia, quando as pessoas que vivem vidas normais veem um único corpo, isso as choca profundamente. Ali vimos dezenas de milhares – crianças pequenas, idosos, jovens, mulheres grávidas. Uma nação inteira. (...) Queríamos viver. Os homens queriam viver mesmo que não tivessem chance de fazê-lo³⁸⁴ (Greif, 2005, p. 279, tradução nossa).

Com os homens do *Sonderkommando* de outras nacionalidades era difícil conseguirem se comunicar – eles o faziam através de sinais e mímicas. Chazan afirma que a revolta foi articulada por Josef Baruch em conjunto com alguns prisioneiros de guerra soviéticos e a Resistência política do Campo. Lentamente eles conseguiram explosivos e fizeram preparativos para o ataque que seria seguido de uma fuga geral. Em algum momento do planejamento outros prisioneiros foram incluídos e todos os judeus gregos que conhecia queriam participar. O seu papel seria atacar um dos SS e roubar-lhe o uniforme para que um judeu que falasse alemão se passasse por um nazista que estaria escoltando judeus pelo Campo. O plano estava pronto, mas a revolta foi precipitada e fracassou. Como consequência, muitos morreram. As notícias sobre o que aconteceu no Crematório IV (3) chegou-lhe por intermédio de Raoul Jahoun que se deslocou de lá até o Crematório III (2) onde estavam os seus irmãos. Ao todo eram quatro irmãos Jahoun trabalhando no *Sonderkommando*. Quando os nazistas fizeram a contagem, descobriram Raoul e o mataram. Depois que o seu corpo foi cremado, um de seus irmãos colocou as cinzas em uma caixa. Leon Cohen escreveu uma carta

³⁸⁴ “We simply couldn’t think about the possibility of survival. It was better not to think at all, not to think. (...) I can’t explain it. I ate, drank coffee, drank tea, and did everything else among corpses, thousands and thousands of corpses. In that place, where they removed the corpses from the gas chambers, we also ate and drank – with the corpses. When I think about it today, I really don’t know how a person can live under such conditions. How? How? I don’t know. How? Bodies... Nowadays, when people living ordinary lives see a single body, it shocks them to the core. There we saw tens of thousands – little children, old people, young people, pregnant women. A whole nation. (...) We wanted to live. The men wanted to live even if they had no chance of doing so.”

que, junto às cinzas, foi enterrada sob uma árvore. Quando Chazan retornou a Birkenau, procurou tal árvore, mas já havia se passado muito tempo e nada estava como antes.

Chazan também testemunha sobre a fuga durante a marcha da morte e como os nazistas tentaram encontrá-los em vão. Henri Jahoun morreu ao seu lado, duas horas antes do Campo ser liberto. Ele morreu de fome, era maio de 1945. Chazan tinha edemas nas costas e precisou de cuidados médicos que duraram três ou quatro meses. Ele voltou à Tessalônica e encontrou o seu irmão. Nenhum deles tinha dinheiro ou uma comunidade que pudesse dar-lhes suporte. Não havia também quem acreditasse na história que ele tinha a relatar. Alguns amigos de seu irmão perguntaram-lhe o que aconteceu em Auschwitz. Ele mal começou a falar e foi interrompido pelo irmão que disse que Shaul não estava bem da cabeça, que o que ele dizia não fazia sentido. Chazan e outros sobreviventes decidiram deixar a Grécia e emigrar para Israel, mas o processo não foi rápido. Em 1946 ele conseguiu ser enviado à terra de seus ancestrais e logo procurou familiares que lá estavam há mais tempo. O que aconteceu na Grécia se repetiu em Israel: ninguém lhe deu ouvidos e chamaram-no de louco.

Tal coisa era inconcebível, incompreensível. Quando falei em “cremações” e “assassinatos”, isso não foi considerado normal... (...) Bem, tenho tomado cuidado desde então. Não digo nenhuma palavra em casa ou para amigos; mesmo os mais próximos não sabem de nada. Por que devo contar se eles não querem acreditar em mim? (...) Na verdade é difícil acreditar que sobrevivi. Eu não acredito nisso. Quando penso no fato de estar vivo, digo sempre a mim mesmo que estou vivendo no Campo – porque não tinha como fugir dali. (...) Não há nada de que se envergonhar. (...) Fomos vítimas dos alemães e eles trataram-nos como quiseram. Nossa única culpa era de sermos judeus. (...) Hoje consigo sentir alguma coisa, mas naquela época não sentia. Hoje me pergunto com espanto o que aconteceu ali e procuro encontrar respostas. Afinal, as vítimas não eram criminosas, nem ladrões, nem assassinos. Eles eram todos inocentes de qualquer transgressão. Como isso poderia ter acontecido? Só pode haver uma resposta: não tínhamos um Estado! Essa é a razão. (...) Agora as minhas prioridades mudaram: o Estado vem em primeiro lugar e a religião em segundo. (...) Agora que temos um Estado, nunca o deixarei. (...) Um povo deve viver no seu próprio estado e esse estado tem que ser forte. Essa é a lição que aprendi com o meu trabalho no Sonderkommando de Auschwitz-Birkenau³⁸⁵ (Greif, 2005, pp. 283-285, tradução nossa).

³⁸⁵ “Such a thing was inconceivable, incomprehensible. When I spoke about “cremations” and “murders”, it wasn’t considered normal... (...) Well, I’ve been careful since then. I don’t say a word at home or to friends; even those closest to me don’t know a thing. Why should I tell them if they don’t want to believe me? (...) In fact it’s hard to believe that I survived. I don’t believe it to this very day. When I think about the fact that I’m alive, I always tell myself that I’m living in a camp – because there was no way to escape from there (...) There’s nothing to be ashamed about. (...) We were the Germans’ victims and they treated us as they pleased. Our only guilt was that we were Jews. (...) Today I can feel something, but back then I didn’t. Today I ask myself in amazement what happened there and I try to find answers. After all, the victims were not criminals, or thieves, or murderers. They were all innocent of wrongdoing. How could such a thing have happened? There can be only one answer: we didn’t have a state! That’s the reason. (...) Now my priorities have changed: the state comes first and religion second. (...) Now that we have a state, I’ll never leave it. (...) A people should live in its own state and that state has to be strong. That’s the lesson that I learned from my work in the Sonderkommando of Auschwitz-Birkenau.”

Greif (2005) menciona que a cada encontro com Chazan, a importância do Estado de Israel era destacada. Em Auschwitz ele teria ouvido dois SS comentando que se os judeus tivessem um Estado, os nazistas não teriam conseguido fazer o que fizeram com eles. Chazan tomou essa fala como verdadeira e como uma esperança de que havendo um Estado forte, Auschwitz nunca mais se repetiria.

4.16 Ya'akov Silberberg

[Ya'acov Silberberg:] Se todas as árvores do mundo se transformassem em canetas e todos os oceanos se transformassem em rios de tinta, não se poderia escrever e documentar completamente o que aconteceu no Holocausto³⁸⁶ (Greif, 2005, p. 311, tradução nossa).

Ya'acov Silberberg nasceu em 17 de janeiro de 1918, em Zakoczyn, Polônia. A sua família era ultra ortodoxa, descendia do sacerdócio judaico, ou seja, eram *kohanim*³⁸⁷. Ele era o filho mais velho e tinha um irmão, Yechezkel, e duas irmãs Chaya-Chayke e Bayla-Bella. A família morava em um quarto sem água encanada e falava, principalmente, ídiche em casa. Eventualmente usavam o hebraico para se comunicarem. Entre os anos de 1941 e 1942 Silberberg foi enviado ao gueto de Varsóvia e depois para o de Plonk. A sua esposa engravidou enquanto estavam em Plonk e não tardou para serem colocados no trem. Quando chegaram a Auschwitz, em 16 de dezembro de 1942, como a barriga de sua esposa ainda não chamava a atenção, ela não foi enviada para a câmara de gás imediatamente após o desembarque. Enquanto aguardava para ter os pelos raspados e para fazer a tatuagem, Silberberg perguntou para onde as outras pessoas que estavam no transporte foram levadas. A resposta não fazia sentido: “daqui a pouco você verá fumaça saindo da chaminé. As pessoas que vieram com você subirão ao céu daqui a pouco e sairão pela chaminé³⁸⁸” (Greif, 2005, p. 316, tradução nossa). Algum tempo depois de sua chegada, ele começou a entender o funcionamento do Campo e a se adaptar. Ele trabalhou em algumas funções antes de ser levado ao *Sonderkommando* e, nesse período, fez contato com um movimento de resistência que era liderado por um tenente russo chamado Pilatov – havia quem dissesse que ele era judeu russo. Apesar de receber o que era pedido dos judeus, a Resistência política sempre

³⁸⁶ “If all the trees in the world became pens and all the oceans turned into rivers of ink, one could not write down and fully document what happened in the Holocaust.”

³⁸⁷ Plural de Kohen ou Cohen, são descendentes da família sacerdotal de Aarão, irmão de Moisés. Eles são considerados o veículo por meio do qual a benção de Deus chega ao seu povo (Schlesinger, s/d).

³⁸⁸ “In a little while you’ll see smoke coming out of the chimney. The people who came together with you will go up to heaven in a little while and they’ll come out through the smokestack.”

adiava a revolta conjunta. O primeiro dia no *Sonderkommando* é apresentado por ele da seguinte forma:

o Sonderkommando era algo terrível. Quando entrei na primeira noite e vi os corpos... e as fornalhas acesas... eu fui lá e logo vi esta cena: A grande e comprida sala onde as pessoas se despiam estava cheia de cadáveres, dispostos em camadas até o teto. Eles não tinham mais a forma de seres humanos; eles estavam inchados e pretos. Crianças, mulheres, meninas... elas não pareciam mais humanas. Permitiram que os corpos se acumulassem ali porque os fornos não tinham capacidade para cremá-los. Eu me perguntei: “Onde estou?...” Embora soubéssemos o que estava acontecendo ali – algo assim, qual a aparência de uma pessoa após a morte, eu nunca tinha imaginado... eu não conseguia acreditar que tal coisa pudesse acontecer. Só então encontrei Shlomo Kirshenbaum, um amigo meu que trabalhava lá como Kapo. Ele era de Makow e uma vez nos conhecemos e nos tornamos muito próximos. Éramos muito bons amigos. Ele me viu e perguntou: “O que você está fazendo aí?” Eu disse a ele: “Escute, Shlomo, tropecei neste lugar e agora sei que é isso. Amanhã de manhã vou caminhar até a cerca elétrica... até os fios... eu não farei esse trabalho”. (...) Kirshenbaum me disse: “Ouça, a primeira noite é muito difícil, mas você se acostuma”. Então eu disse: “Como uma pessoa pode se acostumar com isso? Veja, eu não sou mais humano!” Também ouvi dizer que as pessoas do Sonderkommando não viviam muito. Ele me levou até seu quarto – afinal, ele era o Kapo – e me deu algo forte para beber, um pouco de uísque ou álcool, um drink, depois outro. “Ouça”, ele disse. “Quando cheguei aqui, falei tal como você, e me acostumei. E ainda estou trabalhando. Acho que você também será daqueles que se acostuma e que trabalha”³⁸⁹ (Greif, 2005, p. 317, tradução nossa).

No dia seguinte, Silberberg reconsiderou a sua posição: ele faria de tudo para sobreviver, para contar o que estava acontecendo ali e concluiu: “a força da vida é maior que a atração do suicídio”³⁹⁰ (Greif, 2005, p. 318, tradução nossa). Mais do que qualquer coisa ele queria ver os nazistas receberem o castigo. Apesar de ter bebido com o *Kapo* em sua primeira noite, Silberberg disse que eles não bebiam para ficar bêbados. Designado para o Crematório IV (3), ele se sentiu confuso sobre como se portar, pois além da dificuldade que qualquer um poderia ter naquela situação, à época, ele ainda era um religioso devoto. O seu status dentro do judaísmo o proibia de ficar perto de mortos para não se tornar impuro. Ele estava muito

³⁸⁹ “The Sonderkommando was something terrible. When I went in the first night and saw the bodies... and the furnaces burning... I went there and right away I saw this scene: The large, long room where the people undressed was full of corpses, arranged in layers up to the ceiling. They were no longer shaped like human beings; they were swollen and black. Children, women, girls... they didn’t look human anymore. The bodies were allowed to accumulate there because the furnaces didn’t have the capacity to cremate them. I asked myself, “Where am I?...” Even though we knew what was happening there – something like this, what a person looks like after death, I’d never imagined... I couldn’t believe that such a thing could happen. Just then I ran into Shlomo Kirshenbaum, a friend of mine who was working there as a Kapo. He was from Makow, and we’d once met and become very close. We were very good friends. He saw me and asked, “What are you doing there?” I told him, “Listen, Shlomo, I’ve stumbled into this place and now I know it is. By tomorrow morning, I’m going to walk to the electric fence... to the wires... I won’t do this work”. (...) Kirshenbaum told me, “Listen, the first night is really hard but you get used to it”. Then I said, “How can a person get used to it? Look, I’m not human anymore!” I’d also heard that people in the Sonderkommando didn’t live long. He led me into his room – after all, he was the Kapo – and gave me something strong to drink, some whiskey or alcohol, one drink, then another. “Listen” he said. “When I first got here, I spoke just like you and I got used to it. And I’m still working. I think that you’ll also be one of those who gets used to it and who works.”

³⁹⁰ “the force of life is greater than the pull of suicide.”

dividido entre seguir os preceitos religiosos que eram esperados dele e o seu oposto, qual seja, executar as atividades exigidas pelos nazistas para que pudesse viver. O *Kapo* Kirshenbaum recomendou que ele conversasse com o *Dayan* de Makow – que sabemos ser Leyb Langfus. Silberberg fez-lhe muitas perguntas e Langfus buscou acalmá-lo dizendo que aquela era a vontade do Criador e aquilo que os *Sonderkommandos* estavam fazendo deveria ser tomado como uma *mitsvá*³⁹¹, um imperativo religioso. Ademais, eles precisavam sobreviver para contar às gerações futuras o que os nazistas fizeram com o povo judeu. Naquele momento, tal resposta vinda de uma autoridade religiosa foi suficiente para que Silberberg se concentrasse no esforço de viver. Por fim, ele percebeu que era possível se acostumar àquele trabalho e até a comer perto dos corpos. Silberberg deixou de ter sentimento em relação aos corpos. Os homens do *Sonderkommando* se tornaram robôs, indiferentes, afirmou.

No Crematório ele desempenhou várias funções: cortou os cabelos longos, arrancou os dentes de ouro, procurou objetos de valor nos corpos, mas o pior era ter que se deparar com os corpos na câmara de gás.

O que vi na câmara de gás foi medonho, uma cena horrível: as pessoas estavam emaranhadas, era difícil separá-las, eram uma só massa. Desembaraçamos os corpos. As pessoas que estavam lá dentro, na câmara – era horrível. Eles não tinham mais rostos. Eles se tornaram um amontoado; eles não eram mais pessoas. Tivemos que retirar essas pessoas da câmara de gás e trazê-las para a sala onde os corpos eram guardados. Lá eles os dividiram em grupos: mulheres de um lado, homens do outro lado, crianças do terceiro lado. Cortavam o cabelo das mulheres, tiravam os anéis dos dedos. Os “dentistas” tiravam os dentes de ouro da boca. (...) Tive dias muito difíceis. Um dia de trabalho no crematório parecia um ano³⁹² (Greif, 2005, pp. 320-321, tradução nossa).

Silberberg relata que uma vez presenciou um homem grande e gordo ter o seu sangue todo drenado. Os nazistas disseram que os soldados alemães precisavam de sangue. Ele também presenciou Moll matando um judeu polonês de nome Yechezkel Mila, porque desconfiou que ele havia feito alguma coisa indevida. Em seu testemunho Silberberg também menciona um caminhão que teria despejado pessoas vivas em uma fossa de cremação. Enquanto as pessoas eram queimadas vivas Moll atirava nelas com um rifle. Normalmente os judeus deportados não desconfiavam de que seriam mortos. Na sala de despir, ele próprio

³⁹¹ Significa mandamento ou preceito religioso (Schlesinger, s/d).

³⁹² “What I saw in the gas chamber was ghastly, a horrible scene: the people were tangled, it was hard to separate them, they were one mass. We untangled the bodies. The people who were inside, in the chamber – it was horrible. They no longer had faces at all. They’d become a pile; they weren’t people anymore. We had to remove these people from the gas chamber and bring them to the room where the bodies were kept. There they divided them into groups: women on one side, men on another side, children on the third side. They hacked off the women’s hair, removed the rings from the fingers. “Dentists” took the gold teeth out of their mouths. (...) I had some very hard days. A day’s work at the crematorium felt like a year.”

repetia o que os nazistas mandavam que eles dissessem: após o banho haveria chá quente e bolo. Quando a porta da câmara de gás se fechava, no entanto, era possível ouvir os gritos, mas não demorava para se silenciarem. Silberberg menciona o episódio em que uma mulher, que ele disse ser uma dançarina, desarmou um SS e o matou. Ele não dá muitos detalhes, mas diz que o acontecimento repercutiu por todo o Campo e causou grande impressão. Afinal, uma pessoa nua está indefesa e, mesmo assim, ela conseguiu se impor sobre os seus algozes. À noite, cada homem do *Sonderkommando* tinha uma história a contar sobre o que tinha visto e ouvido. A “organização” de comida e bens encontrados entre os pertences dos deportados também aparece em seu testemunho. Essa era uma tarefa arriscada, frisa. Não havia fome entre eles em razão da comida encontrada e do comércio paralelo.

O contato com o movimento clandestino que cultivou desde a sua chegada ao Campo foi mantido. Ele recebia informações sobre o mundo externo através de um preso político de nome Leibl, de Random. Esse prisioneiro sempre ajudou aos judeus nos planos de revolta e de fuga, assim como os membros do *Sonderkommando* também ajudavam os resistentes ao lhes enviar bens e roupas. O levante demandou muita preparação e tinha como um de seus líderes o *Kapo* Kamiński. Por isso Moll o matou, conclui. Quando o levante aconteceu Silberberg estava triturando ossos próximo ao Crematório V (4). Foi um pandemônio, afirmou. Quando os nazistas conseguiram controlar a situação, ele viu que atiraram na nuca dos homens do *Sonderkommando* que haviam sobrevivido ao levante, “é difícil dizer como sobrevivi; até hoje não sei como. Dos que estavam comigo lá, sobreviveram Shlomo Kirschenbaum, os irmãos Dragon e alguns outros amigos que hoje moram no exterior³⁹³” (Greif, 2005, p. 329, tradução nossa). Durante a marcha da morte, Silberberg fugiu com outros dois prisioneiros. Apesar da sua ação ter sido percebida e os nazistas terem atirado contra eles, nenhuma bala os atingiu. Em determinado ponto, os três se separaram. Alguns dias depois ele foi levado por um policial militar ao quartel do Exército Vermelho que já havia chegado à região para onde ele havia fugido. Ele contou a sua história e pediu ajuda, pois não tinha para onde ir, nem tampouco dinheiro ou comida. Eles deram-lhe roupas novas.

Silberberg decidiu se alistar na milícia da região com quem permaneceu por uns dois meses. Ele queria se vingar dos nazistas e essa foi a forma que encontrou de fazê-lo. As suas ações chamaram a atenção da liderança da organização que o advertiu que a guerra havia acabado e se ele continuasse a agir com tamanha violência, o fim dele seria difícil. A ameaça

³⁹³ “It’s hard for me to say how I survived; to this day I don’t know how. Of those who were with me there, Shlomo Kirschenbaum, the Dragon brothers, and a few other friends who now live abroad survived.”

o assustou e ele decidiu partir. Silberberg queria ir para Israel, mas não encontrou formas de alcançar esse objetivo. Sendo assim, voltou para a Polônia onde conheceu a sua esposa, Lowa Soloveitchik, também sobrevivente de Auschwitz. Entre 1947 e 1951 Silberberg trabalhou para a Agência Judaica na França. O casal conseguiu se mudar para Israel onde moraram em um *kibutz* e, em 1959, se mudaram para Holon em razão da educação dos filhos.

Durante quarenta anos ele nunca contou a ninguém o que aconteceu com ele em Auschwitz II-Birkenau. Ele sentia vergonha e não conseguia imaginar formas de explicar o porquê de ter continuado trabalhando no *Sonderkommando*. Além disso, considerou que ninguém acreditaria nele. Os homens do Esquadrão Especial, reflete, não eram pessoas normais, pois “se ele não consegue chorar, então ele não é um ser humano. Ele não tem sentimentos...”³⁹⁴ (Greif, 2005, p. 326, tradução nossa). Ele mesmo não chorava, aliás, as suas lágrimas secaram desde que entrou naquele mundo. Mesmo depois que alcançou a liberdade ele nunca mais se sentiu como antes, “eu não sou eu mesmo. Eu não sou eu mesmo”³⁹⁵ (Greif, 2005, p. 327, tradução nossa), repetia. Em silêncio ele ficou deprimido,

eu fugi de mim mesmo. Eu tinha apenas duas coisas na minha vida: trabalhar e dormir – para escapar das memórias. Não criei meus filhos, eles cresceram apenas graças à minha esposa. Ela cuidou deles. Eu não consegui. Eu só queria duas coisas: dormir e fugir. Eu fugi de mim mesmo. Dia e noite, era tudo igual para mim. As noites eram longas e agonizantes. Elas eram uma tortura. (...) As noites eram sempre muito longas para mim, então tentei trabalhar à noite e de alguma forma elas passaram. Mas os dias foram terríveis. Eu estava fugindo de mim mesmo. Isso durou anos. (...) Eu não quero, mas a coisa toda vem à tona de novo. Não é possível esquecer. Acho que enquanto a pessoa viver, até o último momento, ela não vai esquecer. (...) A vida tem sido muito difícil para mim. Eu não posso te dizer o quanto estou realmente sofrendo. Eu vejo tudo o que aconteceu naquela época. Tem noites que volto lá em pensamentos, noites sem dormir. Depois tomo comprimidos. (...) não consigo mais chorar. Todas as emoções de um ser humano, de choro, morreram em mim. Sim, como já lhe disse, acho que não sou mais uma pessoa. (...) Talvez eu fosse o pecador. Por que eu entre todas as pessoas? Não bastava estar no campo de Auschwitz, teria também de estar à beira do inferno, ou no inferno? (...) Posso dizer que agradeço a Deus por ter conseguido atravessar os sete portais do inferno e trazer ao mundo uma família exemplar, com filhos de sucesso e netos encantadores. Acho que o Santo, Deus, me perdoou pelos meus pecados³⁹⁶ (Greif, 2005, pp. 333-334, tradução nossa).

³⁹⁴ “If he can’t manage to cry, then he’s not a human being. He’s got no feelings...”

³⁹⁵ “I’m not myself. I’m not myself.”

³⁹⁶ “I ran away from myself. I had Only two things in my life work and sleep – to escape from the memories. I didn’t raise my children, they grew up only thanks to my wife. She took care of them. I couldn’t. I only wanted two things – to sleep and to run away. I fled from myself. Day and night, it was all the same to me. The nights were long and agonizing. They were torture. (...) The nights were always too long for me, so I tried to work at night and somehow they passed. But the days were terrible. I was running away from myself. It went on for years. (...) I don’t want it to but the whole thing surfaces again. You can’t forget. I think that as long as a person lives, until his last moment, he won’t forget it. (...) Life has been very hard for me. I can’t tell you how much I’m really suffering. I see everything that happened back then. There are nights when I go back there in my thoughts, sleepless nights. Then I take pills. (...) I can’t cry anymore. All emotions of a human being, of crying, have died in me. Yes, as I already told you, I think I’m no longer a person. (...) Maybe I was the sinner. Why me

Refletindo sobre o que teve que enfrentar, Silberberg pondera que o ser humano vive na esperança e à espera de um milagre. Pelo menos foi assim com ele. Ya'akov Silberberg e sua esposa Lowa moram em um apartamento modesto e tiveram que enfrentar muitos problemas de saúde. Eles tiveram dois filhos que lhe deram quatro netos. O seu filho possui mestrado e a sua filha, doutorado, motivo de grande orgulho.

4.17 Milton Buki

Acompanharemos o testemunho fornecido por Milton Buki, em 14 de janeiro de 1965, durante os Julgamentos de Auschwitz, ocorridos em Frankfurt (Chevillon, 2006). Levado para Auschwitz em dezembro de 1942, no dia seguinte ele fora enviado para o *Sonderkommando*. O contato com outros prisioneiros era proibido, mas acontecia. A sua função consistia em fazer o recolhimento e separação dos pertences dos deportados. O número de trabalhadores do *Kommando* variava de acordo com a quantidade de comboios enviados a Auschwitz. Quando o número de transportes diminuía, homens do *Sonderkommando* eram mortos. Ele menciona a transferência de 200 homens para Lublin em fevereiro de 1944 e os homens do *Sonderkommando* que foram assassinados e queimados pelos SS no mês de setembro do mesmo ano. Entre os homens do *kommando* levados a Lublin estava o seu cunhado que não foi nomeado durante o depoimento. A sua primeira atividade ao entrar no Esquadrão Especial foi queimar os corpos dos antigos membros do *Kommando* que tinham sido assassinados. Foi um choque ver a quantidade de corpos com pijamas listrados espalhados por toda a parte.

Naquela época os crematórios de Birkenau não existiam, os nazistas usavam duas casas afastadas do campo principal como câmaras de gás. Após o gaseamento, as pessoas eram queimadas em fossas. Os deportados eram levados às casinhas por um caminhão. Em cada uma dessas casas trabalhavam aproximadamente cem homens do *Sonderkommando* que eram designados como *Sonderkommando I* e *Sonderkommando II*. O seu trabalho nos bunkers durou meses. Quando os crematórios de Birkenau ficaram prontos, ele foi designado para o Crematório III (2). O seu depoimento contra o SS-Oberscharführer Erich Muhsfeldt, prestado anteriormente é lido na corte. Muhsfeldt, informa, era responsável pelos crematórios II (1) e III (2). Buki o viu pessoalmente atirar em 300 prisioneiros, “Muhsfeldt escolheu um homem e

of all people? Was it not enough that I was in the Auschwitz camp, did I also have to be on the edge of hell, or in hell? (...) I can say that I thank God that I have been able to go through the seven portals of hell and bring into the world an exemplary family, with successful children and delightful grandchildren. I think the Holy One, God, has forgiven me for my sins.”

ordenou-lhe que cantasse uma valsa, em troca da qual pouparia sua vida. Depois de matar 300 pessoas, ele matou também quem cantava³⁹⁷” (Chevillon, 2006, para. 6, tradução nossa). Muhsfeldt carregava consigo uma espécie de chicote que usava para fazer os deportados se apressarem na sala de despir. O chicote também era usado contra os homens do *Sonderkommando*, principalmente durante o período que ele reduziu o número de prisioneiros no *Kommando* e, a despeito disso, pretendia que o trabalho mantivesse o mesmo ritmo. Certa vez um homem do *Sonderkommando* levou em segredo um pedaço de pão para um paciente que estava no hospital do Campo. Muhsfeldt soube dessa movimentação e espancou tanto esse homem que ele morreu pouco tempo depois em decorrência dos ferimentos. Antes de Muhsfeldt, o responsável pelos referidos crematórios era Kaduk, enquanto Otto Moll respondia por todos os crematórios. Durante a oitiva, Buki pede que o juiz lhe faça perguntas, pois ele se sentia muito tenso e cansado para ter que pensar no que falar.

Por sua experiência pessoal, Buki presumia que a forma como a sua chegada a Auschwitz foi conduzida era o modo padrão dos SS lidarem com os deportados. As pessoas eram selecionadas e separadas logo que desciam do trem. As mulheres e crianças eram acompanhadas por SS com os seus cães. Ao chegar na casinha as pessoas eram obrigadas a se despirem e a entrarem na construção que funcionava como uma câmara de gás. Algumas pessoas resistiam às ordens e, para fazê-las obedecer, os SS usavam os cães que, tal como afirmou Eisenschmidt, muitas vezes eram piores do que os próprios guardas. As pessoas doentes e idosas ficavam por último. Quando a casa estava cheia demais, as pessoas que não conseguiam entrar eram mortas com tiros efetuados por um SS, muitas vezes, por Kaduk. Quando a porta era fechada, o Zyklon-B era lançado por uma janela pequena. Ele menciona o carro com a Cruz Vermelha que o fez pensar, no primeiro momento, que os deportados receberiam cuidados médicos, mas que, na verdade, servia como transporte do veneno.

O trabalho na casinha era dividido em quatro funções: 1. o grupo das máscaras de gás que retirava os corpos da câmara; 2. A equipe que arrastava os corpos até os carrinhos; 3. o grupo que colocava os corpos nos carrinhos e 4. o time que lançava os corpos nas chamas das fossas crematórias. Apenas grupos maiores eram gaseados. Quando chegavam transportes com 50 ou 60 pessoas, elas eram mortas por fuzilamento.

Encontrei o meu irmão uma vez. Ele foi trazido de Auschwitz. Claro: tínhamos trazido os “muçulmanos”... vocês sabem a quem chamávamos de “muçulmanos”... ele me chamou pelo nome... foi nessas casas... ele estava vindo para o gaseamento...

³⁹⁷ “Muhsfeldt a choisi un homme et lui a ordonné de chanter une valse, en échange de quoi il lui laisserait la vie sauve. Après avoir tué les 300 personnes, il a tué aussi celui qui avait chanté.”

quando ouvi meu nome me virei e vi meu irmão. Eu já tinha pensado no que diria a ele, mas não consegui. Ele gritou “um pouco de água”. Se ao menos eu tivesse um pouco de água para ele. E eu não tinha. Perguntei ao Unterscharführer, ele era um homem baixo, não lembro o nome dele, “meu irmão está aqui pedindo água, posso dar um pouco para ele?” Havia água na cozinha do Kaduk, era uma pequena sala onde um prisioneiro preparava comida para ele. Ele respondeu “isso não é permitido, mas o Kaduk está aí, peça uma resposta a ele”. Quando perguntei a Kaduk “posso pegar um pouco de água para meu irmão?” Ele me acertou. O Kapo, ao perceber que era meu irmão, me disse “sabe, esta tarde você irá com os outros dez [prisioneiros] ao acampamento buscar a refeição do comando” para que eu pudesse ir até lá³⁹⁸ (Chevillon, 2006, para. 15-16, tradução nossa).

Assim Buki foi poupado de estar diante do irmão esquelético e sedento sem ter como atendê-lo. No retorno ao Bunker, o seu grupo viu vários guardas circulando em todas as direções do Campo. Eles não sabiam, mas dois prisioneiros tentaram escapar a nado do *Lager* naquele meio tempo. Ao retornar, por uma questão menor, Kaduk o espancou. Quando os crematórios ficaram prontos, Kaduk foi transferido para outra função. Esse mesmo SS foi visto durante a marcha da morte atirando em prisioneiros que não conseguiam mais andar. Kaduk nega que tenha estado em Birkenau ou na marcha da morte, mas Buki reafirma que o viu. Houve caso de prisioneiros judeus se recusarem a trabalhar no *Sonderkommando*. Ele se lembra de um caso em que Moll trancou dois homens do *Sonderkommando* nas fornalhas e depois jogou água neles e, por fim, os matou com um tiro. Os cães também eram lançados sobre os homens do Esquadrão Especial para que trabalhassem mais rápido.

Sobre a revolta, ele diz que vinha sendo preparada há algum tempo e que no dia em que ocorreria houve reforço no número de SS, pois um transporte chegou na última hora. Com o incremento no número de guardas, todos concordaram em adiar o levante. Isso aconteceu antes do assassinato dos 200 homens do *Sonderkommando* em setembro de 1944. No dia em que a revolta efetivamente aconteceu eles não estavam preparados. Trancados pelos SS, nada puderam fazer a partir do Crematório III (2). Isso os salvou. Apenas um homem foi assassinado com um tiro porque o pneu da bicicleta de um dos guardas havia sido furado intencionalmente.

³⁹⁸ “J’ai rencontré mon frère une fois. Il avait été amené d’Auschwitz. Bien sûr : on avait amené les “musulmans”... vous savez qui on appelait “musulmans”... il m’a appelé par mon nom... c’était à ces maisons... il venait au gazage... lorsque j’ai entendu mon nom je me suis retourné et j’ai vu mon frère. J’avais déjà pensé à ce que je lui dirais mais je n’ai pas pu. Il a crié “un peu d’eau”. Si seulement j’avais eu un peu d’eau pour lui. Et je n’en avais pas. J’ai demandé à l’Unterscharführer, c’était un homme petit, je ne me rappelle plus de son nom “mon frère est là qui réclame un peu d’eau, est-ce que je peux lui en donner ?” Il y avait de l’eau à la cuisine de Kaduk, c’était une petite pièce où un prisonnier lui préparait à manger. Il a répondu “ce n’est pas autorisé, mais Kaduk y est, demande-lui réponse”. Quand j’ai demandé à Kaduk “est-ce que je peux prendre un peu d’eau pour mon frère ?” il m’a frappé. Le Kapo, lorsqu’il a compris que c’était mon frère, m’a dit “tu sais, ce midi, tu iras avec les dix autres dans le camp chercher le repas du commando” pour que je puisse aller là-bas.”

Buki então passa a responder às perguntas feitas pelos juízes e demais membros da comissão. Perguntas como: quais roupas as pessoas usavam? – os deportados usavam roupas civis e os mulçumanos o uniforme listado; o que os médicos faziam no Bunker? – nada em particular, responde, às vezes faziam experimentos, mas a maior parte das vezes só observavam se o gaseamento ocorria conforme o esperado; qual o destino de seu irmão? – foi gaseado; quais membros da família perdera? – não poderia citar todos, mas morreu a sua esposa com o seu filho, a irmã com o marido e os filhos, o irmão com a esposa e o filho, uma outra irmã com os três filhos, os sogros, um cunhado e uma cunhada; era possível afirmar que o homem do *Sonderkommando* morreu devido ao espancamento infringido por Muhsfeldt? – ele não é médico e não poderia atestar, mas essa foi a informação que circulou após ele não retornar do hospital. Buki responde algumas perguntas mais específicas sobre os acusados e o depoimento é concluído. Sabe-se que Buki emigrou para os Estados Unidos e, em algum momento, emigrou para Israel onde faleceu em 1988.

4.18 David Olère

Imagem 1 – Tela: Food of the dead for the living, de David Olère



Fonte: Memorial and Museum of Auschwitz-Birkenau (2017)

[Alexandre Oler] Ele [David Olère, seu pai] não tinha palavras para descrever isso, embora falasse cinco idiomas³⁹⁹ (Sieradzka, 2018, p. 22, tradução nossa).

Apenas um sobrevivente do *Sonderkommando* era artista, trata-se do judeu polonês nascido em Varsóvia, Polônia, em 19 de janeiro de 1902. Na figura 1 vemos uma tela de Olère cujo título pode ser traduzido como “Alimento dos mortos para os vivos”. Na tela vemos um prisioneiro com aspecto emaciado recolhendo alimentos e colocando-os em um saco. Ao fundo estão representados prisioneiros empurrando um carrinho cheio de corpos em

³⁹⁹ “He did not have the words to describe it, though he spoke five languages.”

direção a um prédio com chaminé que cospe fogo e fumaça. Eles são vigiados por guardas, um deles segura um cachorro. No braço do prisioneiro há um número, idêntico ao que está escrito na roupa sob os seus pés. Na blusa vemos um triângulo vermelho, símbolo dos presos políticos, com um F de *Frankreich*, França. O rosto e o número são os de Olère, “nas suas pinturas ele próprio está frequentemente presente como testemunha, e o seu rosto fantasmagórico observa com dor as cenas desumanas que não podem ser apagadas da sua memória quase fotográfica⁴⁰⁰” (Klarsfeld, 2018, p. 12, tradução nossa).

Olère estudou na Academia de Belas Artes de Varsóvia entre 1919 e 1920 e, posteriormente, se mudou para a Alemanha onde começou a trabalhar para a indústria do cinema e do entretenimento. Em 1928, se muda para a França, se casa e segue trabalhando para a indústria cinematográfica, inclusive para as conhecidas *Paramount*, *Fox* e *Gaumont*. Ele foi detido pela polícia francesa em 20 de fevereiro de 1943 e, em 2 de março do mesmo ano, foi deportado para Auschwitz. Ao chegar ao *Lager* em março de 1943, ele tinha 41 anos. Um dos motivos dele não ter sido eliminado após a quarentena é que David Olère falava várias línguas: polaco, russo, iídiche, francês, inglês e alemão – uma habilidade útil aos nazistas. A utilidade não estava restrita à comunicação com os prisioneiros do *Sonderkommando*, ela incluía a tradução de noticiários da BBC inglesa para que os guardas se mantivessem informados (Sieradzka, 2018). A princípio Olère foi selecionado para trabalhar nos Bunkers e, posteriormente, foi designado para o Crematório III (2). Consta que o seu principal trabalho era pintar para os guardas da SS e foi o seu excepcional trabalho que o manteve vivo ao longo do tempo que ficou no *Sonderkommando* (Klarsfeld, 2018). Além de fazer ilustrações, ele também escrevia cartas com a caligrafia bordada para os guardas enviarem às suas famílias. Eventualmente ele era convocado para trabalhar no esvaziamento da câmara de gás ou na cremação dos corpos. Ele testemunhou todas as etapas da aniquilação do seu povo, sobreviveu à marcha da morte e em 6 de maio de 1945 foi libertado pelos americanos. Na ocasião, a sua saúde estava debilitada.

Após o seu regresso à França em junho de 1945, Olère tentou contar à esposa o que havia vivido. Ela, por seu turno, tentou convencê-lo de que estava enlouquecendo, “como resultado, pintou o seu MEMENTO: mais de 50 esboços que seriam a inspiração precisa para as pinturas posteriores, obras que se tornaram maiores à medida que a visão de David Olère se

⁴⁰⁰ “In his paintings he is himself often present as a witness, and his ghostly face observes with pain the inhuman scenes that cannot be erased from his almost photographic memory.”

tornou mais fraca⁴⁰¹” (Klarsfeld, 2018, p. 11, tradução nossa). Ele produziu quadros e telas enormes, bem como esculturas na tentativa de apresentar a sua experiência no *Lager* como *Sonderkommando* e testemunha do genocídio dos judeus. As imagens vistas no Campo nunca o abandonaram, elas se mantiveram atuais e assombrosas por toda a sua vida. Ele tomou o trabalho de apresentar a verdade crua dessas terríveis imagens como um dever moral (Klarsfeld, 2018). David Olère respondeu à necessidade de testemunhar, de modo que em “toda a sua vida posterior dedicou-se a dar testemunho, a desenhar e pintar o que havia vivido em Auschwitz⁴⁰²” (Sieradzka, 2018, p. 22, tradução nossa). Em suas telas há imagens dos que não sobreviveram, às vezes eles aparecem como espectros que testemunham a cena principal, em outros momentos eles surgem como o destaque da pintura. Os SS também são apresentados em seus quadros.

O desejo de Olère era que as suas obras fossem expostas onde pudessem contribuir para a memória do destino dos judeus em Auschwitz. Uma tarefa difícil, pois, apesar de participar de diversas exposições, as suas obras mais provocavam afastamento do que atração. A dificuldade na recepção de seu trabalho talvez decorra de que não se trata de uma visão artística de um fim do mundo estilizado, mas da verdade da sua experiência e “esta situação contribuiu para a morte do artista, que não conseguiu se conciliar com um mundo que negava o que tinha acontecido em Auschwitz, destruindo as suas obras e boicotando as suas exposições⁴⁰³” (Sieradzka, 2018, p. 23, tradução nossa). O seu filho, Alexandre Oler disse

A vida não foi fácil na nossa pequena e modesta casa num subúrbio de Paris. A sala, como todos os outros cômodos da casa, também era um estúdio, e todas as paredes até o teto, estavam cobertas de desenhos, esboços e telas molhadas (...) Ele ficou atrás do arame farpado, e nós, do lado de fora, não conseguíamos alcançá-lo através daquele arame farpado⁴⁰⁴ (Sieradzka, 2018, p. 23, tradução nossa).

David Olère morreu na França em 2 de agosto de 1985 e ficou a cargo de sua esposa e de seu filho cuidarem do seu trabalho (Klarsfeld, 2018). Serge Klarsfeld, historiador francês, advogado, escritor e caçador de nazistas, se tornou o patrono e promotor das obras de Olère. Ele produziu um catálogo com as obras do artista e apoiou o *Memorial e Museu de*

⁴⁰¹ “As a result he painted his MEMENTO: over 50 sketches that would be the precise inspiration for later paintings, works that became larger as David Olère’s eyesight became weaker.”

⁴⁰² “All his later life he devoted to giving testimony, to drawing and painting what he had experienced in Auschwitz.”

⁴⁰³ “this situation contributed to the artist’s death, who was unable to come to terms with a world that denied what had happened at Auschwitz, destroying his works and boycotting his exhibitions.”

⁴⁰⁴ “Life was not easy in our small, modest home in a suburb of Paris, The living room, like all the other rooms in the house, was also a studio, and all the walls, up to the ceiling, were covered with designs, sketches and wet canvasses (...) He remained behind the barbed wire, and we, on the outside, could not reached out through that barbed wire to him.”

Auschwitz-Birkenau a adquirir 18 de suas pinturas a óleo. Hoje o *Memorial* possui a maior coleção de obras de David Olère. É possível encontrar o seu trabalho no Instituto Yad Vashem, em Israel, no Memorial da *Shoah*, na França, no Museu da Herança Judaica, nos Estados Unidos e em outros museus, porém, nem sempre as obras estão expostas, e sim aguardadas em arquivos (Sieradzka, 2018; Chevillon, 2015). Já os seus desenhos em preto e branco – neles há muitas cenas do cotidiano do trabalho no *Sonderkommando* –, estão sobre a guarda da *Lohamei HaGeta'ot*, a “Casa dos Combatentes do Gueto”, em Israel. Inclusive, a primeira pessoa a contatar David Olère como artista e testemunha, em 1976, foi Miriam Novitch que montou a referida Casa (Chevillon, 2015). Na ocasião, ela pediu cinco pinturas, três esculturas e cinquenta desenhos dele para uma exposição. As peças nunca foram devolvidas. Ainda hoje elas fazem parte do acervo do museu. A seguir apresentamos as obras de Olère adquiridas pelo Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau em 2014 e em 2017, bem como algumas de suas telas e de seus desenhos que foram digitalizados do livro *David Olère: the one who survived Crematorium III*, de Sieradzka (2018).

Imagem 2 – Tela: On the way to the hearing and translating of BBC News, de David Olère



Fonte: Memorial and Museum of Auschwitz-Birkenau (2014)

Imagem 3 – Tela: Freedom begins at the top of the chimney, de David Olère



Fonte: Memorial and Museum of Auschwitz-Birkenau (2017)

Imagem 4 – Tela: Death SS, de David Olère



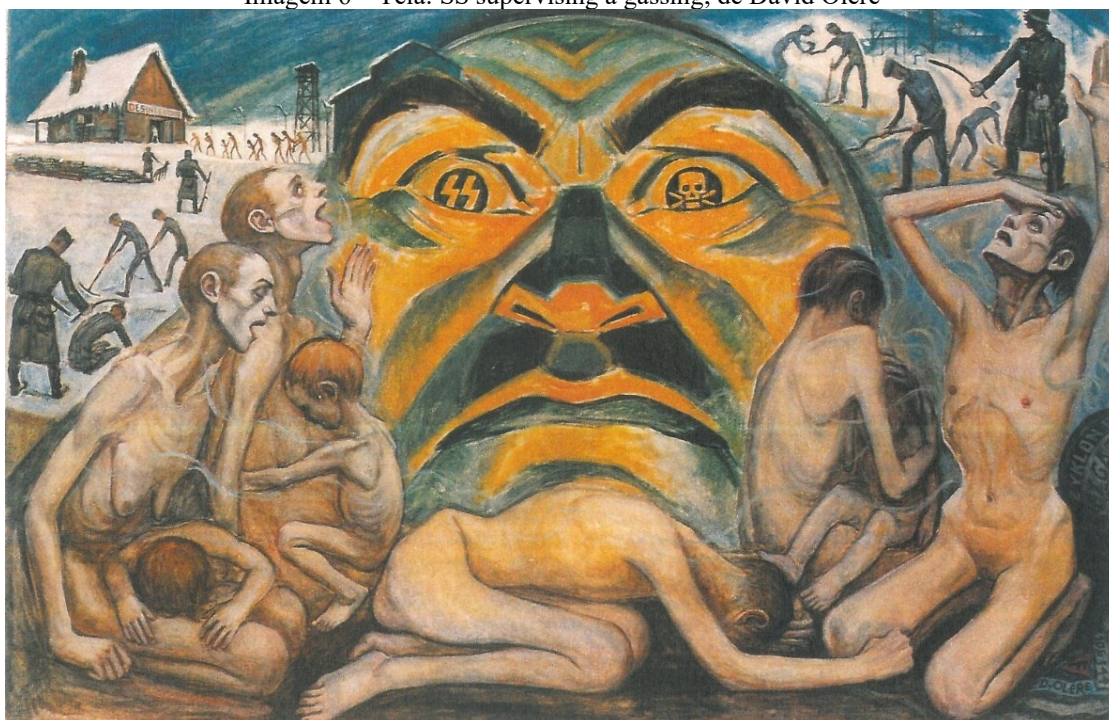
Fonte: Memorial and Museum of Auschwitz-Birkenau (2017)

Imagem 5 – Tela: Priest and Rabbi, de David Olère



Fonte: Memorial and Museum of Auschwitz-Birkenau (2017)

Imagem 6 – Tela: SS supervising a gassing, de David Olère



Fonte: Memorial and Museum of Auschwitz-Birkenau (2017)

Imagem 7 – Desenho: Crematorium III in action, de David Olère



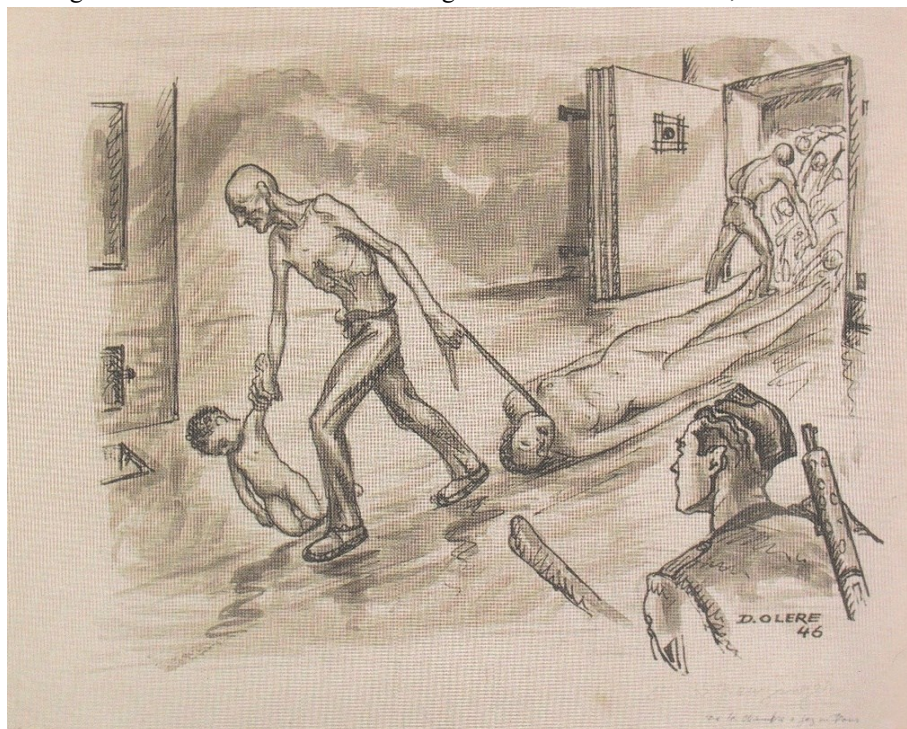
Fonte: Sieradzka, pp. 50-51 (2018)

Figura 8 – Tela: Untitled, de David Olère



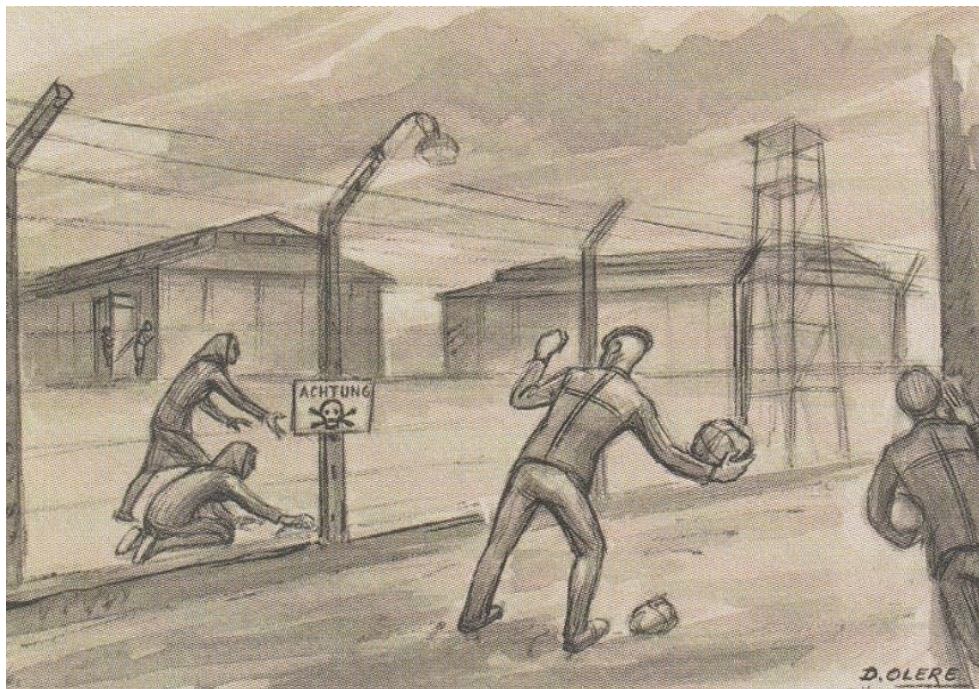
Fonte: Sieradzka, p. 74 (2018)

Figura 9 – Desenho: In the undressing room of Crematorium III, de David Olère



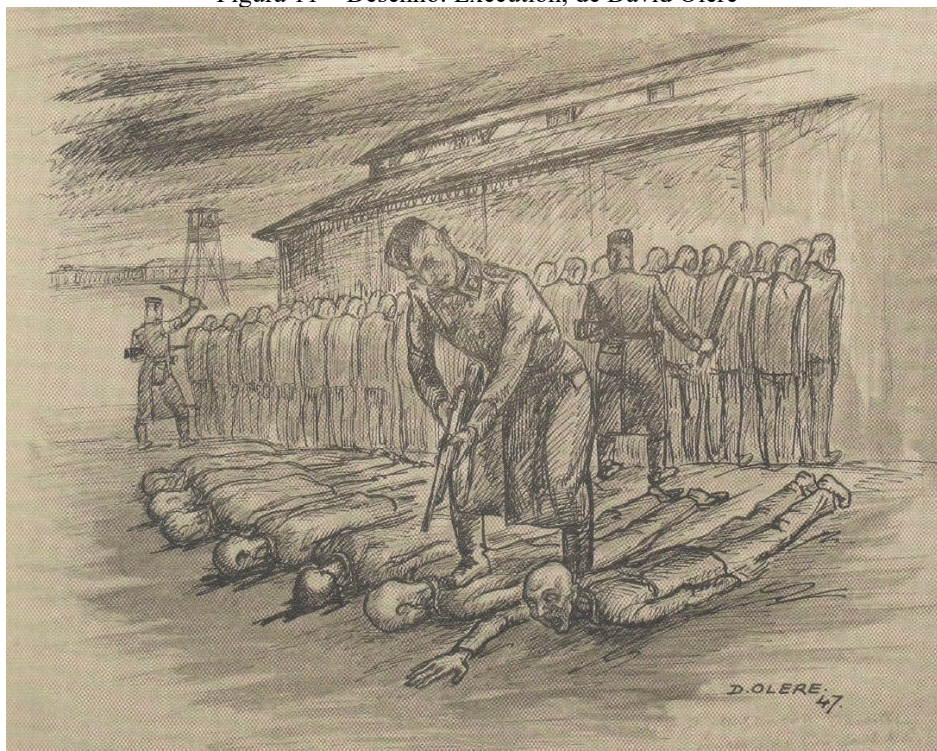
Fonte: Sieradzka, p. 78 (2018)

Figura 10 – Desenho: David Olère collecting food abandoned by the victims in undressing room of Crematorium III, so that he can throw it to the prisoners of the women's camp, de David Olère



Fonte: Sieradzka, p. 105 (2018)

Figura 11 – Desenho: Execution, de David Olère



Fonte: Sieradzka, p. 112 (2018)

Tabela 2 – Resumo das informações sobre os sobreviventes do *Sonderkommando* de Auschwitz-Birkenau que tiveram os testemunhos abordados no presente trabalho

	Nome	Origem	Data de nascimento	Data da chegada a Auschwitz	Prisioneiro número	Crematório	Participava da resistência?	País em que viveu no pós-Guerra	Data de falecimento
1	Aaron Pilo	Grécia	?	?/01/1943	113204	II (1) ou III (2)	?	?	?
2	Abraham (Avraham) Dragon	Žeronim, Polónia	18/06/1919	07/12/1942	83059	V (4)	N	Israel	10/10/2001
3	Alter Feinsilber (Fajnzylberg)	Luków, Polónia	23/10/1910	27/03/1942	27675	I, IV (3) e V (4)	S	França	?/09/1987
4	Daniel Bennahmias (Ben-Nahmias)	Tessalónica, Grécia	1923	11/04/1944	182477	III (2)	N	EUA	22/10/1994
5	David Olère (Olér)	Varsóvia, Polónia	19/01/1902	?/03/1943	106144	III (2)	N	França	21/08/1985
6	Dov Paisikovic	Velky Rakovec, Hungria	01/04/1924	31/05/1944	A-3076	II (1)	?	?	?/1988
7	Eliezer Eisenschmidt	Lunna, Bielorrússia	?/1920	08/12/1942	80764	V (4)	S	Israel	11/12/2014
8	Filip Müller	Sereď, Tchécoslováquia	03/01/1922	?/04/1942	29236	I, III (2) e V (4)	S	Alemanha	09/11/2013
9	Henryk Mandelbaum	Olkusz, Polónia	15/12/1922	22/04/1944	181970	V (4)	N	Polónia	17/06/2008
10	Henryk (Henry) Tauber (Fuchs ou Fuchsbrunner)	Chrzanów, Polónia	08/07/1917	19/01/1943	90124	II (1) e IV (3)	S	Estados Unidos	03/01/2000
11	Josef (Yosef) Sackar	Arta, Grécia	?/1924	14/04/1944	182739	III (2)	N	Israel	?
12	Leon Cohen	Tessalónica, Grécia	15/01/1910	11/04/1944	182492	III (2)	S	Israel	?/08/1989
13	Marcel Nadjary (Nadjar/Nadjari/Nadsari/Nadzari/Natsaris/Natzari)	Tessalónica, Grécia	01/01/1917	11/04/1944	182669	III (2)	S	EUA	31/07/1971
14	Milton (Meilech) Buki	Drobin, Polónia	01/11/1909	06/12/1942	80312	III (2)	S	Israel	?/1988
15	Shaul Chazan (Hazan)	Tessalónica, Grécia	?/1924	11/04/1944	182527	III (2)	S	Israel	?
16	Shlomo Venezia	Tessalónica, Grécia	29/12/1923	11/04/1944	182727	III (2)	N	Itália	01/10/2012
17	Szlama (Shlomo) Dragon	Žeronim, Polónia	19/03/1922	07/12/1942	83060	V (4)	S	Israel	24/04/2007
18	Ya'akov (Jakob ou Yankl) Silberberg	Zakoczyn, Polónia	17/01/1918	16/12/1942	84129	IV (3)	S	Israel	?
19	Ya'akov (Jakob) Gabai (Gabbai)	Atenas, Grécia	26/09/1912	11/04/1944	182569	III (2)	N	Israel	?/1994

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Todo saber é obra fragmentária, e (...) em cada estágio permanece um resto não solucionado.
Freud, [1909]/2021, p. 278

Há coisas que devem ser ditas mais de uma vez e que podem não ser ditas com suficiente frequência.
Freud, [1939]/2018, p. 145

Uma tese, bem como um testemunho, não pretende tudo dizer, mas busca por meio da articulação significativa construir um saber possível em relação a um ponto enigmático. No que diz respeito à presente pesquisa, nos dedicamos a pensar a responsabilidade ética dos membros do *Sonderkommando* de Auschwitz II-Birkenau, atravessada por escolhas impostas pelos nazistas e mediada por um universo moral acinzentado. Apesar dos testemunhos estarem presentes desde o primeiro momento de construção da pesquisa e a despeito de terem orientado todo o percurso de investigação teórica, eles só foram apresentados nos dois últimos capítulos por uma escolha metodológica que se impôs. Frisamos que o conjunto de narrativas testemunhais sempre esteve em *causa* nessa tese e, também por uma escolha metodológica, não analisamos ou interpretamos cada testemunho. O interesse sempre foi, a partir da soma desses relatos, recolhermos as questões supracitadas endereçadas à Psicanálise. Iniciar a tese pela reconstrução do contexto sociopolítico e cultural que tornou Auschwitz possível foi necessário para demonstrar que o universo de escolhas dos judeus foi sendo paulatinamente reduzido até que se chegasse ao ponto extremo constituído pelos *Lager*. Mesmo em povoados ou países distantes em que a política e a propaganda nazista não se fizeram radicalmente presentes, toda a lógica de estruturação da ação estava voltada para submeter os judeus a falsas escolhas e para que fossem levados a acreditar no derradeiro simulacro de verdade. Qual seja, o de que poderiam sobreviver caso obedecessem. A progressiva violência simbólica e física, o isolamento social, a indiferença geral e as precárias condições de vida também foram minando a perspectiva de que os judeus vissem outras saídas além das que os próprios nazistas apresentavam. A política, a linguagem e a legislação nazista foram instrumentalizadas para conduzir as vítimas e seduzir os alemães. As condições de possibilidade que tornaram o nazismo uma política de Estado não deixaram de rondar a cultura e seguem exercendo a sua influência. Podemos dizer, inclusive, que tem crescido o prestígio de líderes com perfis autoritários e proponentes de saídas milagrosas para problemas sociais complexos. Por essa razão o combate às políticas e às ações que se erguem contra a alteridade ou que buscam hierarquizar os seres humanos deve ser constante. Não se trata apenas de lembrar para não repetir – isso também –, mas principalmente de nos opormos à

continuidade das práticas que operam contra a cultura. O legado teórico de Freud nos convida à perlaboração e ainda há muito trabalho psíquico a ser realizado nessa direção.

Nos campos de extermínio – tomados como o ápice da política nazista – o espaço para a construção de uma deliberação reflexiva foi praticamente solapado. A fome, a sede, as ordens, a exaustão física, as dores, as ameaças e as violências cooperavam para que o ato de pensar e o de escolher se empalidecessem, isso quando não se desligavam. Os porquês do universo concentracionário se voltavam para terminar de dobrar todos aqueles que adentravam o espaço cercado por arames farpados, e os nazistas foram muito engenhosos ao perseguir esse objetivo. Em razão disso, não seria possível avaliar as ações dos homens do *Sonderkommando* sem ponderar de que modo aquele contexto afetou os valores morais e a própria capacidade de cada um responder por sua posição. Nesse sentido, Primo Levi nos deixa um conceito fundamental. A zona cinzenta nos provoca a deslocar o conceito comum de moral enquanto uma regra universal aplicada a todos os casos, para nos apresentar um complexo emaranhado gris que requer sutileza no exame de suas nuances. Que pede uma atenção não apressada na análise de situações em que seres humanos tiveram a dignidade sequestrada ao se empenharem para sobreviver em um universo que impôs a lógica da necessidade biológica e da obediência.

Vale lembrar que os *Sonderkommandos* foram nomeados por Primo Levi como agentes da zona cinzenta, sobre os quais, hipoteticamente, preferiu suspender o julgamento. Trouxemos os argumentos contrários ao julgamento moral desses prisioneiros para dizer que os conhecemos e que compreendemos a sua fundamentação, mas que não seguiríamos pela mesma vereda. É nesse ponto que a Psicanálise intervém de maneira decisiva, pois o juízo ético na teoria psicanalítica não se apoia no ordenamento jurídico – está além. Ele se fundamenta na aposta de que um sujeito pode assentir subjetivamente às consequências de sua ação e por elas responder, independe de qual tenha sido a sua intenção. Ademais, a psicanálise não cede em convocar o sujeito mesmo quando colocado diante de uma escolha forçada. Nessa perspectiva, a resposta, índice da responsabilidade, não deve se apartar do contexto em que o ato interveio e espera-se que o sujeito seja capaz de produzir um saber que expresse uma verdade sobre si. No caso dos membros do *Sonderkommando*, interessou-nos como cada um respondeu à determinação nazista, como cada um deles se justificou para si mesmo, sem desconsiderar o contexto da zona cinzenta. Muitas vezes encontramos frases como: eu queria viver. Em algumas delas foi adicionado um complemento: para testemunhar ou para me vingar ou para ir contra o projeto dos nazistas de a todos os judeus matar. Não compete a uma pesquisa em Psicanálise apontar se uma ação é moralmente certa ou errada, o caldeirão

cultural do narrador se encarrega de indicar os valores que são esperados de cada um de seus partícipes. É também a esse Outro da cultura que cada testemunha responde, apresentando os seus argumentos.

Sabemos que os *Sonderkommandos* ultrapassaram as exigências impostas pela necessidade fisiológica de se alimentarem e de se protegerem do frio. No caso deles a obediência foi o requisito necessário para a sobrevivência, em que se perdia um quê de dignidade e de humanidade. Afinal de contas, não é indiferente que uma pessoa saiba, por ter visto centenas de vezes, quanto tempo um corpo demora para queimar até que vire cinzas, e mais, que saiba que um corpo saudável se incendeia mais rápido do que o corpo cadavérico de um muçulmano, pois a ausência de gordura retarda o processo de cremação. Tampouco é banal se deparar com integrantes de uma família assassinada nas câmaras de gás abraçados e de mãos dadas, com seus corpos manchados com sangue de hemorragias e fezes. Ou ainda, ter que segurar uma pessoa enquanto ela é executada. Ou ter que vasculhar corpos alheios à procura de objetos de valor. Ainda pior deve ter sido descobrir que um ente querido faleceu ao se deparar com o seu corpo sem vida e contorcido dentro da câmara de gás ou ao depositá-lo na mesa dos fornos crematórios. Talvez ainda mais complexo tenha sido encontrá-los com vida na sala de despir sabendo que, em breve, teriam uma morte agonizante. Trazemos essas situações, mas poderíamos citar incontáveis eventos vivenciados entre as câmaras de gás e os fornos crematórios capazes de aterrorizar e desumanizar. A despeito de todo ruído produzido no pós-guerra, os homens do *Sonderkommando* não exerceram as suas funções com entusiasmo e não tiveram uma vida tranquila ou satisfatória durante o encarceramento, nem tampouco estavam assegurados de que sairiam do *Lager* vivos – ao contrário, a morte não cessava de espreitá-los.

O meio testemunhal é competente para repelir o universal. Isso se evidencia na particularidade dos recursos psíquicos de cada sobrevivente e na experiência singular que cada um teve no concentracionário. Ainda que cada testemunho seja único assim como é o seu autor, a partir dos relatos que nos chegam podemos dizer que os membros do *kommando* especial se sentiram coagidos a fazer uma escolha que não queriam fazer. Quer dizer que eles tiveram que fazer uma escolha forçada, conforme demonstramos. Ou melhor dizendo, eles fizeram ao menos duas escolhas forçadas. A primeira – e certamente a mais óbvia – diz respeito à heteronomia das ações desses homens, um determinismo imposto pelos nazistas sob a ameaça de serem mortos. Entre o trabalho e a vida, muitos consideraram melhor alienar a mão de obra a fim de preservar uma vida acinzentada. Como nos indica Lacan, esse tipo de escolha produz uma vida fraturada. A fratura nos casos em análise foi apontada como uma

perda da própria humanidade e, não raro, resultou em uma vida pior do que a morte. Possivelmente mais do que a troca do trabalho pela vida, a perda de uma parcela de dignidade e humanidade foi o preço pago por esse grupo pela sobrevivência.

Por mais que os testemunhos tragam em seu bojo relatos de indiferença como mecanismo de proteção contra o sofrimento, ou que as testemunhas afirmem terem se tornado autômatos que não eram sensíveis a nada, há nessas mesmas narrativas elementos que contradizem tais afirmações. Essas contradições nos mostram que eles não se transformaram em robôs em todo o tempo em que estiveram no *Lager* – por isso falamos em termos de fração no apagamento da humanidade. A submissão total ao arbítrio nazista não produziria antinomias. As narrativas testemunhais demonstram a divisão subjetiva de seus cronistas, e isso se evidencia pelos arriscados empreendimentos nos quais se implicaram. Isso foi possível porque um resto de dignidade, de humanidade e de sensibilidade permaneceu vivaz. Na medida em que lemos os testemunhos isso se torna cada vez mais manifesto. Justamente a divisão subjetiva pode tê-los incitado a atos que colocaram as suas vidas em risco, de modo a situá-los em oposição à determinação externa que, nomeadamente, exigia obediência cega e apática. Estamos diante de relatos de homens que queriam viver, mas, apesar disso, arriscaram a vida para ajudar terceiros e para enfrentar os seus algozes. Também nesse ponto se esclarece o recurso à psicanálise na medida em que ela não pretende apagar as contradições, mas possibilita leituras que incluem as áreas cinzentas da ação humana, além de reconhecer a potência de uma divisão. Dentro do próprio universo que determinava as ações daqueles homens, esforços foram feitos para identificar as lacunas daquela estrutura com o propósito de fazer uso delas. Eles buscaram formas de se inscreverem naquela conjuntura e isso, repetimos, não foi feito sem colocar a vida em perigo. Podemos inferir que, nesse ponto, eles respondiam a uma outra determinação, a algo sobre o qual só podemos aventar: o desejo. Essa seria a segunda escolha forçada que os homens do *Sonderkommando* tiveram que responder. E responder com coragem, ou seja, de agir apesar do medo e da intimidação. A nossa inferência se baseia no entendimento de que o desejo impele o sujeito a... inclusive a colocar a vida em jogo. Desse modo, se o determinismo inicial correspondia à sobrevivência, alguns *Sonderkommandos* mostraram que foi possível ir além. A dedicação para encontrar uma brecha no determinismo imposto pelos nazistas, capaz de viabilizar a liberdade de escolher arriscar morrer, visava alcançar o Outro. Afinal, colocar a vida em risco naquela conjuntura – contrabandear alimentos, medicamentos, informações e recursos financeiros para terceiros, bem como deixar registros para a posteridade e promover um levante – não pode ser considerada uma ação de todo autocentrada.

Em relação aos testemunhos propriamente dito cabe uma parte. Começemos pelos *Scrolls* e, de saída, cumpre dizer que, como cultura, não há motivo para nos orgulharmos do modo como esses tesouros da memória foram tratados – memória individual e coletiva. Dezenas de prisioneiros se arriscaram a fim de narrar à posteridade o que viram e vivenciaram durante o período mais sangrento de funcionamento das fábricas de cadáveres de Auschwitz II-Birkenau. Grande parte dos manuscritos foi perdida para sempre. Mesmo em relação aos pergaminhos encontrados não há muito a se comemorar. Eles foram reproduzidos e divulgados de maneira parcial e esporádica. Encontrar versões completas dos testemunhos exige o esforço de localizar e adquirir edições antigas de livros que foram impressos com baixa tiragem. Além disso, houve pouco interesse em fazer uso das tecnologias modernas para tornar os manuscritos mais legíveis. O *Memorial e Museu de Auschwitz-Birkenau*, detentor do pergaminho original de Nadjary, publicou uma versão atualizada do texto após pesquisadores russos conseguirem melhorar o acesso ao conteúdo do manuscrito a partir de fotocópias. O texto de Strasfogel e de Lewental não foram submetidos a esse processo e ambos possuem baixa legibilidade. Sem contar o descaso em relação a autoria do texto de Strasfogel. Todas as evidências – havia várias – de que o manuscrito fora atribuído ao autor errado, Chaim Hermann, foram ignoradas por décadas. Esses textos são ricos, pois além do valioso conteúdo testemunhal, eles evidenciam que o *a posteriori* não é cronológico e sim lógico. Os *Sonderkommandos* puderam refletir sobre a própria situação e intervir enquanto ainda estavam encarcerados. Ainda que Primo Levi tenha razão ao ponderar que sair do ambiente concentracionário potencializou as reflexões e elaborações, em especial as de caráter ético, os testemunhos produzidos em meio à zona cinzenta não deixam dúvida de que os seus autores não se transformaram em indiferentes engrenagens da máquina nazista.

Os testemunhos de membros do *Sonderkommando* escritos após o fim da guerra apresentam diversas configurações: alguns foram escritos pelas próprias testemunhas no formato de livros – a menor parte corresponde a essa forma; outros dizem respeito a memórias de sobreviventes encontradas por familiares e publicadas postumamente – também representa uma parcela pequena dos testemunhos; houve ainda os que surgiram por meio de entrevistas com pesquisadores; os que decorreram de depoimentos prestados a comissões logo após o fim da guerra ou em julgamentos de perpetradores e, por fim, existe o desprestigiado trabalho artístico de David Olère que foi reunido e publicado postumamente. Cada um possui características próprias na forma de expor as experiências, e também na seleção de qual parte da história seria apresentada. Alguns se detêm nos detalhes das construções e na parte técnica do trabalho, enquanto outros passam adiante as questões humanas – justamente as que nos

interessaram. Chama a atenção que alguns membros do *Sonderkommando* tenham se identificado e prestado depoimento sobre as suas experiências por livre vontade após o fim da guerra e que depois tenham se silenciado. Se os próprios nazistas tiveram dificuldade de identificar esses homens logo após a evacuação, é difícil imaginar que outros prisioneiros os reconheceriam. Ainda assim eles se apresentaram como membros do *Sonderkommando* e declararam o que fizeram a mando dos nazistas e como a fábrica da morte funcionava. Infelizmente não existe um banco de dados com todos os depoimentos prestados por sobreviventes às comissões formadas no pós-guerra para ser consultado. Os testemunhos dessa categoria, apresentados na tese, foram encontrados em sites de pesquisadores que fizeram um esforço para compilar e categorizar algumas dessas narrativas testemunhais.

Como o silêncio se inscreve e se explica pela história, vários dos testemunhos produzidos décadas após o fim da guerra lançam luz sobre o silenciamento que se seguiu à libertação. As acusações infundadas e o desinteresse tiveram enorme peso. Isso é explicitado principalmente nos testemunhos decorrentes de entrevistas em que os homens do *Sonderkommando* são instados a responder pelo seu longo silêncio. Sobre o modo como a cultura tratou esses sobreviventes também não há razões para orgulho. Além do discurso acusatório e da descrença, um outro fator contribuiu para o adiamento da tomada de palavra: a necessidade de reconstruir a vida sem uma rede de apoio e sem recursos. Não havia mais casa para onde voltar, nem bens a reaver, não havia emprego garantido, nada. Reconstruir a vida foi a prioridade no pós-guerra e ter o dedo apontado para si só dificultaria essa difícil empreitada. Por isso também houve silêncio. Semelhante aos *Scrolls*, parte dos testemunhos do pós-guerra foi publicado em edições com baixa tiragem, o que torna o acesso integral aos testemunhos dificultoso. Grande parte do material utilizado nesta pesquisa foi adquirido em sebos internacionais. Ademais, observamos uma tendência em publicações dos últimos anos de não apresentarem propriamente dito os testemunhos de membros do *Sonderkommando* e sim comentários sobre fragmentos dos relatos. No que concerne a este trabalho, interessávamos muito mais conhecer o que a testemunha disse do que ler a impressão de um pesquisador sobre a narrativa testemunhal. Nos pareceu essencial dar voz a esses sobreviventes tantas vezes silenciados. Por haver poucas informações sobre quem foram os homens do *Sonderkommando* e também por reconhecermos a importância dos nomes próprios, em especial no contexto da *Shoah*, buscamos aqui registrar todos com os quais nos deparamos.

Existem gravações em áudio e em vídeo dispersas em sites e arquivos de museus com depoimentos de membros do *Sonderkommando* que não utilizamos na pesquisa, pois tais testemunhos foram gravados em diversas línguas. A fim de observar o rigor acadêmico, caso

trabalhássemos com esse material, seria necessário primeiro transcrevê-los nas línguas em que foram proferidos, para então traduzi-los. Considerando a diversidade de línguas e o volume de horas de gravação a serem analisadas, o trabalho se tornaria inviável, razão pela qual descartamos essa fonte de investigação. Dado que esses testemunhos são fontes históricas importantes, cabe ressaltar que o trabalho de transcrição, tradução e divulgação desses relatos se faz necessário. Infelizmente, quase não há material sobre esses prisioneiros em nossa língua. Apenas o livro do Shlomo Venezia e a transcrição do documentário *Shoah* de Claude Lanzmann foi traduzido para o português, o restante do material foi encontrado em outras línguas, principalmente em inglês.

Para finalizar, retornaremos ao início. Na epígrafe da tese trouxemos um poema de Günther Anders chamado “*And what would you have done?*”, que é traduzido por “e o que você teria feito?”. Às vezes uma boa pergunta vale tanto quanto uma boa resposta. Não foi possível percorrer todo esse caminho sinuoso de maneira indiferente, não afetada. Estamos advertidos que de que não há construção de conhecimento sem que alguma parcela de sofrimento atravessasse a jornada. Por isso, em vez de recusá-la ou de tentarmos nos proteger dessa fração de mal-estar, a acolhemos e, a cada etapa do processo de escrita e a cada testemunho, a pergunta lançada por Anders ecoava, mas não na segunda pessoa do singular e sim a partir de um deslocamento dirigido à primeira pessoa: *and what would I have done? What would I...?*

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- Abatzopúlu, Fragíski (2018) A vida e os manuscritos de Marcel Nadjary. In: Nadjary, M. *Manuscritos: 1944-1947* (pp. 21-35). Grécia: Alexandria Publications.
- Adorno, Theodor (2000) *Educação e emancipação*. Rio de Janeiro: Paz e Terra.
- Adorno, Theodor (2009) *Dialética negativa*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Agamben, Giorgio (2008) *O que resta de Auschwitz: o arquivo e a testemunha* (Homo Sacer III). Trad. Selvino J. Assmann. São Paulo: Boitempo (Estádio de sítio).
- Agamben, Giorgio (2016) *O tempo que resta: um comentário à carta aos romanos*. Belo Horizonte: Autêntica.
- Agamben, Giorgio (2021) *Quando a casa queima*. Belo Horizonte: Editora Âyiné.
- Antelme, Robert (2013) *A espécie humana*. Rio de Janeiro: Record.
- Arendt, Hannah (1994) “What remains? The language remains”: a conversation with Günter Gaus. In Arendt, H. *Essays in Understanding (1930-1954)* (pp. 1-23). New York: Schocken Books.
- Arendt, Hannah (1999) *Eichmann em Jerusalém: um relato sobre a banalidade do mal*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, Hannah (2012) Domínio total. In: Arendt, H. *Origens do totalitarismo: antissemitismo, imperialismo, totalitarismo* (pp. 581-610). São Paulo: Companhia das Letras.
- Arendt, Hannah (2016a) *Escritos judaicos*. Barueri, SP: Amarylis.
- Arendt, Hannah (2016b) Verdade e política In: Arendt, H. *Entre o passado e o futuro*. São Paulo: Perspectiva (e-book).
- Badiou, Alain (1994) Para uma nova teoria do sujeito: conferências brasileiras. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Badiou, Alain (1995) *Ética: um ensaio sobre a consciência do mal*. Rio de Janeiro: Relume-Dumará.
- Bar-On, Dan (1989) *Legacy of silence: encounters with children of the Third Reich*. USA: Harvard University Press.
- Barros-Brisset, Fernanda Otoni (2010) *Por uma política de atenção integral ao louco infrator*. Belo Horizonte: Tribunal de Justiça do Estado de Minas Gerais.
- Bartosik, Igor (2019) *The Sonderkommando revolt: October 7, 1944*. Oświęcim: Auschwitz-Birkenau State Museum.

- Bartosik, Igor (2022) *Witnesses from the pit of hell: history of the Auschwitz Sonderkommando*. Oświęcim: Auschwitz-Birkenau State Museum.
- Bartosik, Igor & Willma, Adam (2017) *I was at the Auschwitz crematorium: a conversation with Henryk Mandelbaum, former prisoner and member of the Sonderkommando at Auschwitz*. Oświęcim: Auschwitz-Birkenau State Museum.
- Bauman, Zygmunt (1998) *Modernidade e holocausto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Bayer, Bathja (2007) Jacob. In: Skolnik, Fred & Berenbaum, Michael *Encyclopaedia Judaica*, (2^a ed., v. 11, pp. 17-25). Detroit: Keter Publishing House.
- Belpoliti, Marco (2022) *Primo Levi: na identikit*. Londres/New York/Calcutta: Seagull.
- Benjamin, Walter (1986) Teorias do fascismo alemão. In: Benjamin, W. *Documentos de cultura documentos de barbárie: escritos escolhidos*. São Paulo: Cultrix: Editora da Universidade de São Paulo, pp. 130-137.
- Benjamin, Walter (1987) Sobre o conceito da história. In: Benjamin, W. *Obras escolhidas: Magia e técnica, arte e política* (3^a ed., pp. 222-248). São Paulo: Editora Brasiliense. (Publicado originalmente de 1940).
- Benjamin, Walter (2015) *Baudelaire e a modernidade*. Belo Horizonte: Autêntica Editora. (Filô Benjamin) (Versão e-book).
- Beradt, Charlotte (2017) *Sonhos no terceiro Reich*. São Paulo: Três Estrelas.
- Bezwińska, Jadwiga & Czech, Danuta (Ed.) (2013) *Amidst a nightmare of crime: manuscripts of prisoners in crematorium squads found at Auschwitz*. New York/USA: Howard Fertig Publisher.
- Bignotto, Newton (2014) As formas do silêncio. In: Novaes, Adauto. O silêncio e a prosa do mundo (pp. 229-248). São Paulo: Edições SESC. (Série Mutações).
- Blanchot, Maurice (2005) *O livro por vir*. São Paulo: Martins Fontes.
- Bloom, Harold (1991) *Ruin the sacred truths: poetry and belief from the Bible to the present*. EUA: Harvard University Press.
- Bogochvol, Ariel & Teixeira, Antônio. Memória. In: Teixeira, A & Caldas, H. (Org.). *Psicopatologia Lacaniana* (pp. 201-235). Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- Bokser, Ben Zion (2007) Life and death. In: Skolnik, Fred & Berenbaum, Michael *Encyclopaedia Judaica*, (2^a ed., v. 13, pp. 5-6). Detroit: Keter Publishing House.
- Bravo, Anna (2022) On the gray zone. Centro Internazionale di Estude Primo Levi. <https://www.primolevi.it/en/gray-zone-anna-bravo>.
- Brown, Adam (2007) The trauma of ‘choiceless choice’: the paradox of judgment in Primo Levi’s ‘grey zone’. In Sharpe, M.; Nooman, M. & Freddí, J. *Trauma, history,*

- philosophy*: with feature essays by Agnes Heller and György Márkus. Reino Unido: Cambridge Scholars Publishing.
- Brown, Adam (2015) *Judging “privileged” Jews: holocaust ethics, representation and the “grey zone”*. New York/Oxford: Berghahn.
- Caldas, Heloisa (2015, outubro) Trauma e linguagem: Acorda. *Arquivos da Biblioteca*, n.11. Rio de Janeiro: Escola Brasileira de Psicanálise, pp. 89-100.
- Carvalho, Frederico Feu & Barros, Romildo (2017) Semiologia do pensamento e da linguagem: do juízo e realidade ao delírio universal. In Teixeira, A & Calas, H. *Psicopatologia Lacaniana*: volume 1, semiologia (pp. 121-144). Belo Horizonte: Autêntica.
- Cereja, Federico (2014) Le témoignage de Primo Levi comme document d’histoire. In : Levi, P. *La zone grise : entretien avec Anna Bravo et Federico Cereja* (pp. 27-47). Paris : Manuels Payot.
- Cereja, Federico ; Bravo, Anna & Levi, Primo (2014) Entretien avec Primo Levi, ex-déporté (27 janvier 1983). In : Levi, P. *La zone grise : entretien avec Anna Bravo et Federico Cereja* (pp. 49-131). Paris: Manuels Payot.
- Certeau, Michel de (2016) *História e Psicanálise: entre ciência e ficção*. Belo Horizonte: Autêntica. (Coleção História & Historiografia).
- Chare, Nicholas & Williams, Dominic (2013) *Representing Auschwitz: at the margins of testimony*. Estados Unidos/Reino Unido: Palgrave Macmillan.
- Chare, Nicholas & Williams, Dominic (2017) *Matters of testimony: interpreting the scrolls of Auschwitz*. New York: Berghahn Books.
- Chare, Nicholas & Williams, Dominic (2019a) *The Auschwitz Sonderkommando: testimonies, histories, representations*. Reino Unido: Palgrave (e-book).
- Chare, Nicholas & Williams, Dominic (ed.) (2019b) *Testimonies of resistance: representations of the Auschwitz-Birkenau Sonderkommando*. Oxford/New York: Berghahn Books.
- Chevillon, Véronique (2006) *Déposition de Milton Buki*. <https://www.sonderkommando.info/index.php/lesproces/francfort-63/temoins/milton-buki>.
- Chevillon, Véronique (2015) Entendre David Olère, entendre les prisonniers des Sonderkommandos. In Mesnard, P. (Org.) *Sonderkommando et Arbeitsjuden: les travailleurs forcés de la mort* (pp. 165-182). Paris: Éditions Kimé.

Chronicles of terror/Dragon (1945) Szlama Dragon.

https://zapisyterroru.pl/dlibra/publication/3782/edition/3763/content?navq=aHR0cDovL3phcGlzeXRlcnJvcnUucGwvZGxpYnJhL3Jlc3VsdHM_cT1zb25kZXJrb21tYW5kbYzhY3Rpb249U2ltcGxlU2VhcmNoQWN0aW9uJm1kaXJpZHM9JnR5cGU9LTYmc3Rhc nRzdHI9X2FsbCZwPTA&navref=MnhhOzJ3ciAzNWM7MzRuIDMzcyszMzUgMzA3OzJ6biAzMjA7MzFmIDJ4Yjsyd3MgMnRxOzJ0NyAyeDI7MndqIDJ4Mzsyd2sgMzJlOzMyYSAyZjk7MmVxIDJtNzsybG8gMnZlOzJ2YiAyd nY7MnZjIDMzNDszMmsgMmlpOzJoeCAzM2U7MzJlIDJ0cDsydDYgMnMlOzJybSAzMm47MzIz.

Chronicles of terror/Feinsilber (1945) Alter Feinsilber (Stanisław Jankowski).

https://zapisyterroru.pl/dlibra/publication/3738/edition/3719/content?navq=aHR0cDovL3phcGlzeXRlcnJvcnUucGwvZGxpYnJhL3Jlc3VsdHM_cT1zb25kZXJrb21tYW5kbYzhY3Rpb249U2ltcGxlU2VhcmNoQWN0aW9uJm1kaXJpZHM9JnR5cGU9LTYmc3Rhc nRzdHI9X2FsbCZwPTA&navref=MnhhOzJ3ciAzNWM7MzRuIDMzcyszMzUgMzA3OzJ6biAzMjA7MzFmIDJ4Yjsyd3MgMnRxOzJ0NyAyeDI7MndqIDJ4Mzsyd2sgMzJlOzMyYSAyZjk7MmVxIDJtNzsybG8gMnZlOzJ2YiAyd nY7MnZjIDMzNDszMmsgMmlpOzJoeCAzM2U7MzJlIDJ0cDsydDYgMnMlOzJybSAzMm47MzIz.

Chronicles of terror/Rosin (1947) Arnošt Rosin.

<https://www.zapisyterroru.pl/dlibra/publication/3662/edition/3643/content?navq=aHR0cDovL3d3dy56YXBpc3l0ZXJyb3JlLnBsL2RsaWJyYS9jb2xscHVicz9zdGFydHN0cjlfYWxsJmRpcmlkcz0xMCZhY3Rpb249U2ltcGxlU2VhcmNoQWN0aW9uJnR5cGU9LTYmcD0wJnE9Kg&navref=MnRwOzJ0NiB5aDt5MiAydHE7MnQ3>

Chronicles of terror/Tauber (1945) Henryk Tauber.

<https://zapisyterroru.pl/dlibra/publication/3783/edition/3764/content.>

Chronicles of terror/Zycher (1945) Zycher.

<https://www.zapisyterroru.pl/dlibra/publication/3960/edition/3939/content?navq=aHR0cDovL3d3dy56YXBpc3l0ZXJyb3JlLnBsL2RsaWJyYS9yZXN1bHRzP3E9enljaGVyJmFjdGlvb j1TaW1wbGVtZWZyY2hBY3Rpb24mbWRpcmlkcz0mdHlwZT0tNiZzdGFydHN0cjlfYWxsJnA9MA&navref=MzIwOzMxZg.>

Cicioni, Mirna (2001) Moral snares and parables: between science fiction and midrash. In Kremer, R. (Ed.) *Memory and mastery: Primo Levi as writer and witness* (pp. 75-87). Nova York: State University of New York.

- Cohen, Leon (1996) *From Greece to Birkenau: the crematoria workers uprising*. Tel-Aviv: The Salonika Jewry Research Center.
- Cohen, Nathan (1990) "Diaries of the 'Sonderkommandos' in Auschwitz; Coping with Fate and Reality". *Yad Vashem Studies*, n. 20, pp. 273-312. Jerusalém: Yad Vashem/Lekket.
- Costa, Jurandir Freire (2019) Memória e trauma. *Cadernos de psicanálise* (Rio de Janeiro), 41 (41), pp. 103-123.
http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-62952019000200006&lng=pt&tlng=pt.
- Crahay, Frédéric (2015) Les Sonderkommandos, questions de terminologie. In Mesnard, P. (Org.) *Sonderkommando et Arbeitsjuden : les travailleurs forcés de la mort* (pp. 19-27). Paris : Éditions Kimé.
- Cytrynowicz, Roney (2003) O silêncio do sobrevivente: diálogo e rupturas entre memória e história do holocausto. In: Seligmann-Silva, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (pp. 123-138). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Danto, Elizabeth (2019) *As clínicas públicas de Freud: psicanálise e justiça social, 1918-1938*. São Paulo: Editora Perspectiva. (Coleção Estudos).
- Danziger, Leila (2007) Shoah ou Holocausto: a aporia dos nomes. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 1(1), 50–58. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.1.1.50-58>.
- Davies, Peter (2018) Filip Müller's Sonderkommando testimonies: witnessing in translation. In: Davies, P. *Witness between languages: The translation of holocaust testimonies in context* (pp. 166-28). USA: Boydell & Brewer.
- Derrida, Jacques (1996) História da mentira: prolegômenos. *Estudos Avançados*, 10 (27), pp. 7-39.
- Des Pres, Terence (1976) *The Survivor: an anatomy of life in the death camps*. USA: Oxford University Press.
- Didi-Huberman (2012) *Imagens apesar de tudo*. Lisboa: KKYM.
- During, Elie (2014) Fazer silêncio. In: Novaes, Adauto (Org.) *O silêncio e a prosa do mundo* (pp. 193-213). São Paulo: Edições SESC. (Série Mutações).
- Dutra, Maria Cristina Bechelany (2002) *As relações entre psicose e periculosidade: contribuições clínicas da concepção psicanalítica da passagem ao ato*. São Paulo: Annablunne/Belo Horizonte: FUMEC.

- DW (2020, 17 de setembro) Adultos nos EUA sabem pouco sobre Holocausto. *DW História* <https://www.dw.com/pt-br/adultos-nos-eua-sabem-pouco-sobre-holocausto/a-54961219>.
- DW (2023, 22 de fevereiro) Metade dos jovens alemães não sabe quando foi a era nazista. *DW Política*. <https://www.dw.com/pt-br/metade-dos-jovens-alem%C3%A3es-n%C3%A3o-sabe-exatamente-quando-foi-a-era-nazista/a-64788368>.
- Eidelsztein, Alfredo (2021) A “responsabilidade subjetiva” em psicanálise (Trad. Camila Kushnir). *Fractal: Revista de Psicologia*, v. 33, n. 1, p. 41-46, jan.-abr. 2021. <https://doi.org/10.22409/1984-0292/v33i1/36050>
- Fantástico (2022, 16 de janeiro) Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos. *Globo | Fantástico* Grupos neonazistas crescem 270% no Brasil em 3 anos; estudiosos temem que presença online transborde para ataques violentos | Fantástico | G1 (globo.com).
- Faye, Jean-Pierre (2009) *Introdução às linguagens totalitárias: teoria e transformação do relato*. São Paulo: Perspectiva.
- Feierstein, Liliana (2011) *Habitar la letra: judaísmo, escritura y transmisión*. Buenos Aires: Acervo Cultural.
- Feinsilber, Alter (2013) Deposition of Stanisław Jankowski (Vel Alter Feinsilber). In Bezwińska, J. & Czech, D. (Ed.) *Amidst a nightmare of crime: manuscripts of prisoners in crematorium squads found at Auschwitz* (pp. 31-68). New York/USA: Howard Fertig Publisher.
- Felman, Shoshana (2000) Educação e crise, ou as vicissitudes do ensino. In Nestrovski, A. & Seligmann-Silva, M. (Org.) *Catástrofe e representação* (pp. 13-71). São Paulo: Escuta.
- Foucault, Michel (2007) *Eu, Pierre Rivière, que degolei minha mãe, minha irmã e meu irmão: um caso de parricídio do século XX*. 8. ed. Rio de Janeiro: Graal.
- Freud, Sigmund. (2010) Introdução a psicanálise das neuroses de guerra. In *História de uma neurose infantil: (“O homem dos lobos”): além do princípio do prazer e outros textos (1917-1920)* (pp. 382-388). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1919).
- Freud, Sigmund. (2011) Psicologia das massas e análise do Eu. In *Psicologia das massas e análise do Eu e outros textos (1920-1923)*. São Paulo: Companhia das Letras (pp. 14-113). (Publicado originalmente em 1921).

- Freud, Sigmund. (2014) Teoria geral das neuroses. In *Conferências introdutórias à psicanálise* (1916-1917). São Paulo: Companhia das Letras (pp. 364-613). (Publicado originalmente em 1917).
- Freud, Sigmund. (2014) Inibição, sintoma e angústia. In *Inibição, sintoma e angústia, o futuro de uma ilusão e outros textos* (1926-1929). São Paulo: Companhia das Letras (pp. 13-123). (Publicado originalmente em 1926).
- Freud, S. (2014). O aparelho psíquico. In *Compêndio de psicanálise e outros escritos inacabados* (pp. 15-21). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Trabalho original publicado em 1940).
- Freud, Sigmund (2015) Uma lembrança de infância de Leonardo da Vinci. In *Arte, literatura e os artistas*. Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud) (pp. 69-165). (Originalmente publicado em 1910).
- Freud, Sigmund. (2017) *O chiste e sua relação com o inconsciente*. São Paulo: Companhia das Letras (Sigmund Freud, v. 7). (Publicado originalmente em 1905).
- Freud, Sigmund. (2017) Construções em análise. In Freud, S. *Fundamentos da clínica psicanalítica* (pp. 365-381). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1937).
- Freud, Sigmund. (2018) Moisés e o monoteísmo: Três ensaios. In *Moisés e o monoteísmo, compêndio de psicanálise e outros textos* (1939[1934-1938]) (pp. 14-188). São Paulo: Companhia das Letras. (Publicado originalmente em 1939).
- Freud, Sigmund. (2019) Sobre o sentido antitético das palavras. In Freud, S. *O infamiliar* [Das Unheimliche]. Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1910).
- Freud, Sigmund. (2019) *O infamiliar* [Das Unheimliche]. Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1919).
- Freud, Sigmund (2019) O valor da vida: uma entrevista rara de Freud. *Revista CEPdePA*, v. 26, pp. 315-325. (Entrevista originalmente concedida em 1926).
- Freud, Sigmund. (2020) Considerações contemporâneas sobre a guerra e a morte. In *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 99-136). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1915).
- Freud, Sigmund. (2020) Além do princípio do prazer. In *Além do princípio do prazer* (pp. 57-220). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1920).

- Freud, Sigmund (2020) Psicologia das massas e análise do Eu. In *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 137-232). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1921).
- Freud, Sigmund (2020) O futuro de uma ilusão. In *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 233-297). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1927).
- Freud, Sigmund. (2020) O mal-estar na cultura. In *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 305-410). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1930).
- Freud, Sigmund. (2020) Por que a guerra? In *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 421-443). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud). (Publicado originalmente em 1933).
- Fromer, Rebecca (1993) *The Holocaust Odyssey of Daniel Bennis, Sonderkommando*. EUA: The University of Alabama Press. (Judaic studies series)
- Fuks, Betty (2000) *Freud e a judeidade*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Fuks, Betty (2006) A cor da carne. In: Rudge, Ana Maria (Org.) *Traumas*, pp. 23-37. São Paulo: Editora Escuta.
- Fuks, Betty (2007) O pensamento freudiano sobre a intolerância. *Revista Psicologia Clínica* v. 19, n. 3, pp. 59-73. Rio de Janeiro: PUC Rio.
- Fuks, Betty (2011) *Freud e a cultura*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Passo-a-Passo; v.19).
- Fuks, Betty (2014) *O homem Moisés e a religião monoteísta: três ensaios*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira. (Coleção: Para ler Freud).
- Gagnebin, Jeanne-Marie (2003) “Após Auschwitz”. In: Seligmann-Silva, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (pp. 89-110). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Gagnebin, Jeanne-Marie (2006) Memória, história, testemunho. In: Gagnebin, J.-M. *Lembrar, escrever, esquecer* (pp. 49-57). São Paulo: Editora 34.
- Gagnebin, Jeanne-Marie (2011) Narração e silêncio: o mutismo da literatura do testemunho. *Folha de São Paulo* (Ilustríssima, Réplica). <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/ilustrissima/il1707201106.htm>.
- Gerber, Keilah (2018) Louis Althusser entre a pedra sepulcral do silêncio e o testemunho. *Tempo psicanalítico*, 50 (1), pp. 194-214.

- http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382018000100010&lng=pt&tlng=pt.
- Gradowski, Zalmen (2008) *Em el corazón del infierno*: documento escrito por un Sonderkommando de Auschwitz – 1944. Barcelona: Anthropos Editorial.
- Greif, Gideon (2005) *We wept without tears*: testimonies of the Jewish *Sonderkommando* from Auschwitz. EUA: Yale University and The Sue and Leonard Miller Center for Contemporary Judaic Studies at the University of Miami.
- Greif, Gideon (2015) Comprendre la "Solution finale" à Auschwitz-Birkenau à travers la recherche sur les Sonderkommandos. In Mesnard, P. (Org.) *Sonderkommando et Arbeitsjuden*: les travailleurs forcés de la mort (pp. 155-164). Paris: Éditions Kimé.
- Guerra, Andréa (2022) *Sujeito suposto suspeito*: a transferência psicanalítica no sul global. São Paulo: N-1 Edições.
- Guterman, Marcos (2020). *Holocausto e memória*. São Paulo: Editora Contexto.
- Halivni, Tzipora (1979) The Birkenau Revolt: poles prevent a timely insurrection. *Jewish Social Studies* (v. 41, n. 2). EUA: Indiana University Press.
- Herman, Chaim (2013) Letter of Chaim Herman. In Bezwińska, J. & Czech, D. (Ed.) *Amidst a nightmare of crime*: manuscripts of prisoners in crematorium squads found at Auschwitz (pp. 181-193). New York/EUA: Howard Fertig Publisher.
- Höss, Rudolf (1996) *Death dealer*: the memoirs of the SS Kommandant at Auschwitz. United States of America: Da Capo Press.
- Iannini, Gilson & Santiago, Jésus (2020) *Mal-estar*: clínica e política. In Freud, S. *Cultura, Sociedade, Religião*: O mal-estar na cultura e outros escritos (pp. 33-63). Belo Horizonte: Autêntica (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- Houaiss, Antônio (2009) *Dicionário Houaiss da língua portuguesa*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Ingle, Leah (2019) *Witness and complicity*: the scrolls of Auschwitz and the Sonderkommando. (Dissertação de Mestrado em História). Estados Unidos: Liberty University.
- Kassow, Samuel (2009) *Quem escreverá nossa história?* Os arquivos secretos do Gueto de Varsóvia. São Paulo: Companhia das Letras.
- Kilian, Andreas (2018) Ο Μαρσελ Νατζαρή στο Ζόντερκομάντο του Άουσβιτς-Μπίρκεναου. In: Nadjary, M. *Χειρογραφα: 1944-1947* (pp. 161-207). Grécia: Alexandria Publications.
- Kilian, Andreas (2019) Farewell letter from the crematorium: in the authouship of the first recorded ‘Sonderkommando-Manuscript’ and the discovery of the original letter. In:

- Chare, N. & Williams, D. *Testimonies of resistance: representations of the Auschwitz-Birkenau Sonderkommando* (pp. 91-101). New York/Oxford: Berghahn Books.
- Klarsfeld, Serge (2018) The eyes of the Witness. In Sieradzka, Agnieszka. David Olère. The one who survived Crematorium III (p. 10-12). Polônia: Auschwitz-Birkenau State Museum.
- Klemperer, Victor (2009) *LTI: a linguagem do Terceiro Reich*. Rio de Janeiro: Contraponto.
- Koselleck, Reinhart (2006) *Futuro passado: contribuição à semântica dos tempos históricos*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RIO.
- Koselleck, Reinhart (2014) *Estratos do tempo: estudos sobre história*. Rio de Janeiro: Contraponto/PUC-RIO.
- Koyrè, Alexandre (2019) Reflexões sobre a mentira (Trad. Caio Souto). *Ipseitas*, São Carlos, vol. 5, n. 1, pp. 119-132. (Publicado originalmente em 1943).
- Kresch, Daniela (2017, 25 de junho) Museu do Holocausto em Jerusalém busca nomes de vítimas do nazismo. *Folha de São Paulo | Mundo*
<https://www1.folha.uol.com.br/mundo/2017/06/1895806-museu-do-holocausto-em-jerusalem-busca-nomes-de-vitimas-do-nazismo.shtml#:~:text=%22O%20que%20os%20nazistas%20queriam,milh%C3%B5es%20de%20nomes%20de%20v%C3%ADtimas.>
- La Boétie, Étienne (1987) *Discurso da servidão voluntária*. São Paulo: Brasiliense (Elogio da filosofia).
- Lacan, Jacques (1985) *O Seminário: Livro 2 – O Eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário originalmente proferido em 1954-1955).
- Lacan, Jacques (1985) *O Seminário: Livro 20 – Mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (Seminário originalmente proferido em 1972-1973).
- Lacan, Jacques (1986) *O Seminário: Livro 1 – Os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário originalmente proferido em 1953-1954).
- Lacan, Jacques (1988) *O Seminário: Livro 3 – As psicoses*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário originalmente proferido em 1955-1956).
- Lacan, Jacques (1988) *O Seminário: Livro 11 – Os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Seminário originalmente proferido em 1964).
- Lacan, Jacques (1991) *O Seminário: Livro 7 – A ética da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1959-1960).

- Lacan, Jacques (1992) *O Seminário: Livro 17 – O avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (Seminário originalmente proferido em 1969-1970).
- Lacan, Jacques (1995) *O Seminário: Livro 4 – A relação de objeto*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1956-1957).
- Lacan, Jacques (1998) *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques (1999) *O Seminário: Livro 5 – As formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (Seminário originalmente proferido em 1957-1958).
- Lacan, Jacques (2003) *O Seminário: Livro 9 – A identificação*. Pernambuco: Centro de Estudos Freudianos de Recife (Seminário originalmente proferido em 1961-1962).
- Lacan, Jacques (2003) *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Lacan, Jacques (2005) *O Seminário: Livro 10 – A angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1962-1963).
- Lacan, Jacques (2006). *O Seminário: Livro 12 – Problemas cruciais para a psicanálise*. Pernambuco: Centro de Estudos Freudianos do Recife. (Seminário originalmente proferido em 1964-1965).
- Lacan, Jacques (2007) *O Seminário: Livro 23 – O sinthoma*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1975-1976).
- Lacan, Jacques (2008) *El Seminario: Libro 14 – La lógica del fantasma (versión crítica de Ricardo E. Rodríguez Pontes)*. Argentina: Correo de la Escuela Freudiana de Buenos Aires (Seminário originalmente proferido em 1966-1967).
- Lacan, Jacques (2008) *O Seminário: Livro 16 – De um Outro ao outro*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, (Seminário originalmente proferido em 1968-1969).
- Lacan, Jacques (2010) *O Seminário: Livro 8 – A transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1960-1961).
- Lacan, Jacques (2016) *O Seminário: Livro 6 – O desejo e sua interpretação*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar (Seminário originalmente proferido em 1958-1959).
- Lacan, Jacques (2017) *A função dos cartéis*. Brasil: Comissão de Publicações da Escola de Estudos Psicanalíticos. (Publicado originalmente em 1975).
- Lacan, Jacques (inédito) *O Seminário: Livro 15 – O ato analítico (notas de curso)* (Seminário originalmente proferido em 1967-1968).
- Lacan, Jacques (inédito) *El Seminario: Libro 21 – Los incautos no yerran*. (Seminário originalmente proferido em 1973-1974).
- Lacan, Jacques (inédito) *O seminário: Livro 22 – RSI*. (Seminário originalmente proferido em 1974-1975).

- Lacan, Jacques (inédito) *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*. Staferla. (Seminário originalmente proferido em 1976-1977).
- Langbein, Hermann (2004) *People in Auschwitz*. USA: The University of North Carolina e Press Chapel Hill & London, e United States Holocaust Memorial Museum.
- Langer, Lawrence (1982). *Versions of survival: the holocaust and the human spirit*. Estados Unidos: State University of New York Press.
- Langer, Lawrence (1989) The dilemma of choice in deathcamps. In: Roth, J. & Berenbaum, M. *Holocaust: religious and philosophical implications* (pp. 222-232). Estados Unidos: Paragon House.
- Langer, Lawrence (2001). Legacy in gray. In: Kremer, R. (Ed.) *Memory and mastery: Primo Levi as writer and witness* (pp. 197-216). Nova York: State University of New York.
- Lanzmann, Claude (1987) *Shoah: vozes e faces do holocausto*. São Paulo: Editora Brasiliense.
- Lapoujade, David (2014) O inaudível: uma política do silêncio. In: Novaes, Adauto (Org.) *O silêncio e a prosa do mundo* (pp. 151-165). São Paulo: Edições SESC. (Série Mutações).
- Laurent, Éric (2004) O trauma ao avesso. *Papéis de psicanálise*, v. 1, n. 1. Belo Horizonte: Instituto de Psicanálise e Saúde Mental de Minas Gerais, pp. 21-28.
- Lerner, Silvia (2009) Produção musical durante o Holocausto. In Lewin, H. (Coord.) *Judaísmo e modernidade: suas múltiplas inter-relações* (pp. 415-347). Rio de Janeiro: Centro Edelstein de Pesquisas Sociais.
- Lessa, Renato (2014) O silêncio e sua interpretação. In: Novaes, Adauto (Org.) *O silêncio e a prosa do mundo* (pp. 295-311). São Paulo: Edições SESC. (Série Mutações)
- Levi, Fabio & Scarpa, Domenico (Org.) (2015) Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986. Primo Levi com Leonardo De Benedetti. São Paulo: Companhia das Letras.
- Levi, Primo (1988) *É isto um homem?* Rio de Janeiro: Rocco.
- Levi, Primo (1989) *Lilít y otros relatos*. Barcelona: Ediciones Península.
- Levi, Primo (2002) *O último natal de guerra*. São Paulo: Berlendis & Vertecchia.
- Levi, Primo (2005) Preface to J. Presser's The night of the Girondins. In Belpoliti, M. (Ed.), *The black hole of Auschwitz* (pp. 301-323). Reino Unido: Polity Press. (Versão epub).
- Levi, Primo (2010) *A trégua*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Levi, Primo (2011) A arte da ficção. In: Schwartz, C. & Alcides, S. (Trad.) As entrevistas da Paris Review, vol. 1 (pp. 299-320). São Paulo; Companhia das Letras. (Entrevista concedida a Gabriel Motola, em 1985).

- Levi, Primo (2016) *Os afogados e os sobreviventes*. São Paulo/Rio de Janeiro: Paz e Terra.
(Publicado originalmente em 1986).
- Levi, Primo (2019) *Mil sóis: poemas escolhidos*; (seleção de Maurício Santana Dias). São Paulo: Todavia.
- Levi, Primo & Benedetti, Leonardo di. (2015) *Assim foi Auschwitz: testemunhos 1945-1986*. São Paulo: Cia das Letras.
- Lewental, Zalman. (2013) The manuscript: Diary. In Bezwińska, J. & Czech, D. (Ed.) *Amidst a nightmare of crime: manuscripts of prisoners in crematorium squads found at Auschwitz* (pp. 130-178). New York/USA: Howard Fertig Publisher.
- Łojewski, Thomasz (2020) Technological analysis and description of conservation of Marcel Nadjari's manuscript. In Zbirohowski-Kóscia, W. (Org.) *Marcel Nadjari's Manuscript, November 3, 1944: Conservation and legibility enhancement through multispectral imaging*. Oświęcim: Auschwitz-Birkenau State Museum.
- Macêdo, Lucíola (2014) *Primo Levi: a escritura do trauma*. Rio de Janeiro: Subversos.
- Mann, Thomas (2009) *Discursos contra Hitler: Ouvintes alemães!* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Malhadas, Daisi; Dezotti, Maria Celeste & Neves, Maria Helena (2022) *Dicionário Grego-Português* (2ª ed. atual. e ver.). São Paulo: Ateliê Editorial/Mnêma.
- Mark, Ber (2013a) Remarks on the manuscript of Salmen Gradowski. In Bezwińska, J. & Czech, D. (Ed.) *Amidst a nightmare of crime: manuscripts of prisoners in crematorium squads found at Auschwitz* (pp. 71-74). New York/USA: Howard Fertig Publisher.
- Mark, Ber (2013b). Remarks on the manuscript of an unknown author. In Bezwińska, J. & Czech, D. (Ed.) *Amidst a nightmare of crime: manuscripts of prisoners in crematorium squads found at Auschwitz* (p. 111). New York/USA: Howard Fertig Publisher.
- Martins, Lucas (2018) Exílio e a retórica de violência divina em Jr 20:7-13. *Arquivo Maaravi: Revista Digital De Estudos Judaicos Da UFMG*, 12(22), pp. 145–161. <https://doi.org/10.17851/1982-3053.12.22.145-161>
- Matos, Júlia & Senna, Adriana (2011) História oral como fonte: problemas e métodos. *Historiae*, Rio Grande, 2 (1), 95-108. <https://periodicos.furg.br/hist/article/view/2395>.
- Memorial and Museum of Auschwitz-Birkenau (2017, 12 setembro) 18 paintings by former Sonderkommando prisoner David Olère enriched the Collections of the Auschwitz Memorial (News). <https://www.auschwitz.org/en/museum/news/18-paintings-by-former-sonderkommando-prisoner-david-olre-enriched-the-collections-of-the-auschwitz-memorial,1277.html>.

- Memorial and Museum of Auschwitz-Birkenau (2014, 04 dezembro) Painting by David Olère, a former prisoner, as a gift for the Museum (News). <https://www.auschwitz.org/en/museum/news/painting-by-david-olre-a-former-prisoner-as-a-gift-for-the-museum,1114.html>
- Mesnard, Philippe (2010) Primo Levi, cheminement vers la zone grise. In Mesnard, P. & Thanassekos, Y. (Org.) *La zone grise entre accommodement et collaboration* (pp. 21-48). Paris : Éditions Kimé.
- Mesnard, Philippe (2015) Parias de la mémoire : la réception des témoignages écrits des Sonderkommando. In Mesnard, P. (Org.) *Sonderkommando et Arbeitsjuden : les travailleurs forcés de la mort* (pp. 89-116). Paris: Éditions Kimé.
- Mesnard, Philippe. & Saletti, Carlo (2008) Entre historia y literatura, escribir la catástrofe. In Gradowski, Z. *En el corazón del infierno: Documento escrito por un Sonderkommando de Auschwitz- 1944* (pp. XIII-XLIII). Barcelona: Anthropos.
- Mesnard, Philippe & Thanassekos, Yannis (2010) Une notion qui donne à penser. In Mesnard, P. & Thanassekos, Y. (Org.) *La zone grise entre accommodement et collaboration* (pp. 9-13). Paris: Éditions Kimé.
- Mesnard, Philippe (2022) Forewords: beyond the ashes. In Gradowski, Zalmen. *The last consolation vanished: the testimony of a Sonderkommando in Auschwitz* (pp. vii-xxxiii). EUA: University of Chicago Press. (Versão e-book).
- Miller, Jacques-Alain (1990) A propósito de los afectos en la experiencia analítica. In Miller, J.-A. *Matemas II* (pp. 147-164). Argentina: Manantial.
- Miller, Jacques-Alain (1997) *Lacan elucidado: palestras no Brasil*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, Jacques-Alain (1999) L'acte entre intention et conséquence. In *Revue de la Cause Freudienne* (n. 42). França: Navarin-Seuil.
- Miller, Jacques-Alain (2005) *Silet: os paradoxos da pulsão*. Rio de Janeiro: Zahar.
- Miller, Jacques-Alain. (2006) Introducción a la clínica lacaniana: Conferencias en España (Escuela Lacaniana nº 1) (Spanish Edition). Gredos. Edição do Kindle.
- Miller, Jacques-Alain (2011) *La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica*. Buenos Aires: Paidós.
- Miller, Jacques-Alain (2018a) Heresia e ortodoxia. *Opção Lacaniana*, 78, pp. 36-46.
- Miller, Jacques-Alain (2018b) Ponto de basta. *Opção Lacaniana*, 79, pp. 23-38.
- Milner, Jean-Claude (2012) *O amor da língua*. Campinas: Editora da Unicamp.
- Müller, Filip (1979) *Eyewitness Auschwitz: three years in the gas chambers*. Chicago: I. R. Dee U. S. Holocaust Memorial Museum.

- Museu do Holocausto de Curitiba [@museudoholocausto] (2022, 18 de outubro) “*O holocausto começou com palavras*”, Ruth Steinfeld. <https://www.instagram.com/p/Cj3lBMJLfud/?igsh=MTN3YXkxaDFkMHB5dg==>.
- Nadjary, Marcel (2018) *Χειρογραφα: 1944-1947*. Grécia: Alexandria Publications.
- Nancy, Jean-Luc (1997) *Un souffle. Rue Descartes* (n.15), De la résistance. França: Presses Universitaires de France, pp. 13-16.
- Newman, John Henry (2005) *Ensaio a favor de uma gramática do assentimento*. Lisboa: Assírio & Alvim (Coleção teofonias).
- Nyiszli, Miklós (2011) *Auschwitz: A doctor's eyewitness account*. New York: Arcade Publishing.
- Oldenburg, Manfred. (Dir.) (2022) *Ordinary men: the forgotten holocaust* (Documentário). Alemanha: Broadview TV; Zweites Deutsches Fernsehen (ZDF).
- Orwell, George (2007). *A revolução dos bichos: um conto de fadas*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Oz, Amós & Oz-Salzberger, Fânia (2015) *Os judeus e as palavras*. São Paulo: Cia das Letras.
- Pezzetti, M. (2010) A Shoah, Auschwitz e o Sonderkommando. In Venezia, S. *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás* (pp. 193-226). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Pilagallo, Sofia (2022, 27 de janeiro) Holocausto: desinformação marca data em memória das vítimas. *R7 Internacional* <https://noticias.r7.com/internacional/holocausto-desinformacao-marca-data-em-memoria-das-vitimas-27012022>
- Pinto, Jeferson (2008) Política da psicanálise: clínica e pesquisa In Pinto, Machado *Psicanálise, feminino, singular* (pp. 67-80). Belo Horizonte: Autêntica.
- Piper, F. (2008). Foreword (pp. 5-14) In Południak, J. *Sonder*. Polônia: Frap-Book.
- Południak, Jan. (2008) *Sonder*. Polônia: Frap-Books (Publicado originalmente em 1994).
- Prado, Marcos. (Dir.) (2006) *Estamira* (Documentário). Brasil: Europa Filmes.
- Proença, João Tiago (2016) *Prefácio do Tradutor*. In Rousset, David. O universo concentracionário (1ª ed.) (pp. 5-12). Portugal: Antígona Editores Refractários.
- Pullman, Philip (2001) *His dark materials: the amber spyglass*. Pensilvânia: Scholastic Corporation (E-book).
- Rabinovitch, Gérard (2004) *Schoá: Sepultos nas nuvens* (Khronos 23). São Paulo: Perspectiva.
- Rabinowitz, Louis Isaac (2007) *Suicide*. In: Skolnik, Fred & Berenbaum, Michael *Encyclopaedia Judaica*, (2ª ed., v. 13, pp. 295-296). Detroit: Keter Publishing House.

- Ravanello, Tiago; Dunker, Christian, & Beividas, Waldir (2017) Uma via indireta para a abordagem do afeto: libido, gozo, pulsão escópica. *Tempo psicanalítico*, 49(1), 9-36. http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-48382017000100002&lng=pt&tlng=pt.
- Rancière, Jacques (2014) *Os nomes da história*. São Paulo: Editora UNESP.
- Rees, Lawrence (2018) *O holocausto: uma nova história*. São Paulo: Vestígios.
- Resnais, Alain (Dir.) (1956) *Noite e neblina*. França: Argos Films.
- Ricoeur, Paul (2007) *A memória, a história, o esquecimento*. São Paulo: Editora da UNICAMP.
- Rivera, Tânia (2016) Ensaio sobre arte e testemunho: Rodrigo Braga e a invenção da experiência. *Psicologia USP*, São Paulo, v.27, n.1, p. 41-48, jan-abr. 2016. <https://doi.org/10.1590/0103-6564D20150014>
- Riviera, Carolina (2020, 16 de setembro) Um quarto dos jovens americanos acha que o Holocausto é um mito. *Exame Mundo*. <https://exame.com/mundo/um-quarto-dos-jovens-americanos-acham-que-o-holocausto-e-um-mito/>
- Rosenberg, David & Bloom, Harold (1990) *The book of J*. New York: Grove Weidenfeld.
- Roudinesco, Elisabeth (2010) *Retorno à questão judaica*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Rousset, David (2016) *O universo concentracionário*. Portugal: Antígona.
- Safatle, Vladimir (2013) *O dever e seus impasses*. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes. (Coleção Filosofias: o prazer do pensar, volume 24).
- Safatle, Vladimir (2015) *O circuito dos afetos*. São Paulo: Cosac Naify.
- Safatle, Vladimir (2020) Medo, desamparo e poder sem corpo. In Freud, S. *Cultura, Sociedade, Religião: O mal-estar na cultura e outros escritos* (pp. 449-488). Belo Horizonte: Autêntica. (Obras incompletas de Sigmund Freud).
- Sagna, Philippe la (2015) Os mal-entendidos do trauma. *Opção Lacaniana On-line*, a. 6, n. 16. <http://www.opcaolacanianana.com.br/nranterior/numero16/texto3.html>.
- Salum, Maria José (2009) *A psicanálise e o crime: causa e responsabilidade nos atos criminosos, agressões e violência na clínica psicanalítica contemporânea*. Tese (Doutorado), Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro.
- Sanz, Juan Carlos (2016, 14 de dezembro) Amos Oz: “Crítico Israel e não sou antissemita” *El país* https://brasil.elpais.com/brasil/2015/10/29/cultura/1446136069_265985.html
- Santiago, Jésus. (2001) O crime Kakon: uma questão sobre a lei do gozo nas psicoses. In: *Curinga*, Belo Horizonte, n. 17, p.128-135.

- Seligmann-Silva, Márcio. (2000) A história como trauma. In: Nestrovski, Arthur & Seligmann-Silva, Márcio (Org.) *Catástrofe e representação: ensaios* (pp. 73-98). São Paulo: Escuta.
- Seligmann-Silva, Márcio. (2003a) Apresentação da questão: a literatura do trauma. In: Seligmann-Silva, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (pp. 45-58). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Seligmann-Silva, Márcio. (2003b) Reflexões sobre a memória, a história e o esquecimento. In: Seligmann-Silva, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (pp. 59-88). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Seligmann-Silva, Márcio (2003c) O testemunho: entre a ficção e o “real”. In: Seligmann-Silva, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (pp. 371-385). Campinas: Editora da UNICAMP.
- Seligmann-Silva, Márcio (2003d) Catástrofe, história e memória em Walter Benjamin e Chris Marker: a escritura da memória In: Seligmann-Silva, Márcio (Org.) *História, memória, literatura: o testemunho na era das catástrofes* (pp. 387-413). Campinas: Editora da UNICAMP, pp. 387-413.
- Seligmann-Silva, Márcio (2005) *O local da diferença: ensaios sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34.
- Seligmann-Silva, Márcio (2021) *Posfácio*. Habitar o “depois de Auschwitz”: A trilogia do inferno de Charlotte Delbo. In: Delbo, Charlotte. *Auschwitz e depois* (pp. 436-460). São Paulo: Carambaia.
- Sessi, Frediano (2015) Une voix toujours submergée ? Témoigner, raconter, reconstruire : textes et paroles de hommes du Sonderkommando. In Mesnard, P. (Org.) *Sonderkommando et Arbeitsjuden : les travailleurs forcés de la mort* (pp. 141-153). Paris: Éditions Kimé.
- Setkiewicz, Piotr (2011) *The Auschwitz crematoria and gas chambers* (Voices of memory 6). Oświęcim: Auschwitz-Birkenau State Museum.
- Sieradzka, Agnieszka (2018) David Olère. The one who survived Crematorium III. Polônia: Auschwitz-Birkenau State Museum.
- Schlesinger, Hugo (n/d) *Pequeno ABC do pensamento judaico*. São Paulo: Editora B’Nai B’Rith.
- Sofsky, Wolfgang (1997) *The order of terror: the concentration camp*. New Jersey: Princeton University Press.

- Suleiman, Susan (2019). *Crises de memória e a Segunda Guerra Mundial*. Belo Horizonte: Editora UFMG.
- Tavares, Pedro Heliodoro (2010a) O sinthome como a heresia teórica de Lacan. *Ágora*, Rio de Janeiro, v.13, n.1, pp. 25-49, jun. 2010. http://www.sielo.br/scielo.php?script=sci_arttex&pid=S1516-14982010000100003&lng=en&nrm=iso.
- Tavares, Pedro Heliodoro (2010b) A língua alemã em Freud – E Eu com Isso? *Mal estar na cultura*. Difusão Cultural: UFRGS. <https://docplayer.com.br/366857-A-lingua-alema-em-freud-e-eu-com-isso.html>.
- Teixeira, Antônio (1999) *O topos ético da psicanálise*. Porto Alegre, EDIPUCRS. (Coleção Filosofia, n. 98).
- Teixeira, Antônio (2007) O iluminismo à luz de “Kant com Sade”. In A. Teixeira. *A soberania do inútil* (pp. 111-122). São Paulo: Annablume.
- Teixeira, Antônio (2010) Da arte de interpretar. In *Revista Estudos Lacanianos*, v. III, n. 6 (jul-dez/2010). Belo Horizonte: Departamento de Psicologia da Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas da UFMG e Scriptum Editora, pp. 37-50.
- Teixeira, Antônio (2021) *Le savoir pathologique : la psychanalyse entre le texte et le contexte*. França : PUR Editions/Clinique Psychanalytique et Psychopathologie.
- Todorov, Tzvetan (2017) *Diante do extremo*. São Paulo: UNESP.
- United State Holocaust Memorial Museum | Enciclopédia do Holocausto – Os protocolos dos sábios de Sião Washington DC <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/book-burning-abridged-article>
- United State Holocaust Memorial Museum | Enciclopédia do Holocausto – Queima de livros (artigo resumido) Washington DC <https://encyclopedia.ushmm.org/content/pt-br/article/book-burning-abridged-article>
- Unknown Author (2013) The manuscript: Particulars. In Bezwińska, J. & Czech, D. (Ed.) *Amidst a nightmare of crime: manuscripts of prisoners in crematorium squads found at Auschwitz* (pp. 112-122). New York/USA: Howard Fertig Publisher.
- Veil, Simone (2010) Prefácio. In Venezia, S. *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás* (pp. 11-15). Rio de Janeiro: Objetiva.
- Venezia, Shlomo (2010) *Sonderkommando: no inferno das câmaras de gás*. Rio de Janeiro: Objetiva.
- Vieira, Marcus André (2021) *A ética da paixão: uma teoria psicanalítica do afeto*. Rio de Janeiro: Zahar.

- Vieira, Marcus André, Bastos, Angélica & Teixeira, Antônio (2017) Semiologia da afetividade: o afeto que se encerra na estrutura. In Teixeira, A & Caldas, H. *Psicopatologia lacaniana I: semiologia* (pp. 145-166). Belo Horizonte: Autêntica.
- Wiesel, Elie (2006) *Night*. New York: Hill and Wang.
- Wieviorka, Annette (2006) *The era of the witness*. Londres: Cornell University Press.
- Williams, Dominic (2019) What makes the grey zone grey? Blurring moral and factual judgments of the Sonderkommando In: Chare, N. & Williams, D. (Org.) *Testimonies of Resistance: Representations of the Auschwitz-Birkenau Sonderkommando* (pp. 114-143). Nova York: Berghahn Books. (e-book).
- Wilkerson, Isabel (2021) *Castas: as origens de nosso mal-estar*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar.
- Winter, Jean-Pierre (1979) Transmission et talmud. *Lettres de l'Ecole*, v. I, 25 (II), março, 1979 (pp. 119-123). Paris : Maison de la Chimie. <https://ecole-lacanienne.net/wp-content/uploads/2023/04/LettresEFP-N25-La-Transmission-II.pdf>
- YadVashem (2024) Sobre o Yad Vashem. <https://www.yadvashem.org/education/other-languages/portuguese/about-yad-vashem.html>
- Zbirohowski-Kóscia, W. (Org.) (2020) *Marcel Nadjari's Manuscript, November 3, 1944: Conservation and legibility enhancement through multispectral imaging*. Oświęcim: Auschwitz-Birkenau State Museum.
- Zizek, Slavoj (1991) A ideologia entre o sonho e a fantasia: primeira tentativa de delimitar o “totalitarismo” In Zizek, S. *O mais sublime dos histéricos* (pp. 149-158). New York/London: Routledge.